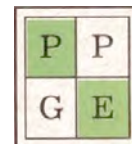




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



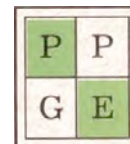
**MÚSICA COMUNITÁRIA EM UM PROJETO SOCIAL DE LAZER:  
PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES**

Murilo Ferreira Velho de Arruda

São Carlos  
2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**MÚSICA COMUNITÁRIA EM UM PROJETO SOCIAL DE LAZER:  
PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES**

Murilo Ferreira Velho de Arruda

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação, sob orientação da Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior. Linha de pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos.

São Carlos  
2019



---

**Folha de Aprovação**

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato Murilo Ferreira Velho de Arruda, realizada em 01/11/2019:

---

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior  
UFSCar

PI Prof. Dr. André Quadros  
BU

---

Prof. Dr. Fernando Stanzone Galizia  
UFSCar

---

Profa. Dra. Ilza Zenker Leme Joly  
UFSCar

---

Profa. Dra. Denise Andrade de Freitas Martins  
UEMG

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) André Quadros e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ao) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

---

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior

## AGRADECIMENTOS

À Deus.

Agradeço especialmente aos/às participantes, familiares, educadores/as e funcionários/as ligados ao projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer em parceria com o projeto Mais que Futebol, com os/as quais desde 2013 venho aprendendo imensamente.

À Gabi, esposa e companheira de todas as horas. Pelo incentivo, apoio, amor, paciência e cuidado que teve comigo nestes dez anos de história compartilhada. Além de tudo isso ainda foi responsável por me apresentar ao professor Luiz e projeto VADL e me motivar a todo tempo.

Aos meus pais, irmão e cunhada. Me sinto privilegiado em ter João, Olga, Ro e Mari bastante presentes em minha vida. Foram refúgio e café nos dias de tormenta, sorrisos e vivas nas conquistas.

Sou grato pelos meus avós Marivone, Eduardo (in memoriam), Irma (in memoriam) e Lázaro (in memoriam). Deles/as vieram o exemplo da leitura, a união da família, amorosidade, incentivo ao estudo da música e muito mais. Grandes aprendizados que reverberaram na família, a qual agradeço muito por todo o cuidado. Agradeço também à querida família da Gabi.

Ao orientador Luiz pela condução da vida com comprometimento, coerência e leveza. Fico feliz que a orientação também contemplou memoráveis cantorias e viagens.

À professora Ilza a quem tanto devo enquanto educador musical e pesquisador. Me ensina desde a época dos meus demorados emails.

Aos professores e professoras Fernando Galizia e Denise Martins pela leitura, sugestões e correções desta pesquisa. Também a Pedro Dutra e Carol Joly pela prontidão em ajudar e parceria. Admiráveis professores/as que tanto me ensinam.

Ao professor André de Quadros pela ótima recepção, conversas, cafés e por ter me apresentado pessoas e projetos incríveis durante os meses que passei em Boston. Aos professores e professoras que me acolheram com tanto carinho na universidade: Ruth Debrot, Kihn T. Vū, Tavis Linsin, Karin S. Hendricks, Diana Dansereau, Ronald P. Kos, Jr. e Tawnya D. Smith. Às pessoas queridas que convivi neste período: Eduardo, Bernardo, Clarissa, Etyelle, Fabio, Brad, Tray e Georgia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento através do Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior. Às pessoas que lutam por uma educação pública, gratuita e de qualidade para toda gente.

Aos/às parceiros e parceiras de estudos e pesquisas, especialmente do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física: Conrado Checchi, Natália, Gilmar (Siri), Lúcio (Skeeter), Lívia, Nathan Varotto, Gustavo Canto, Thaís Costa, Maurício Belmonte (Gorpo), Andréia Mecca (Déia), Clayton Carmo (Spina), Lívia, Roberta Maziero, Vivian Parreira, Mariana Machite, Diogo Tafuri, Jussara Justino, Denise Corrêa, Pedro Colloca, Edson, Sueli, Bruna Fuentes, Fábio Mizuno, Fausto Damaceno, Paulo César Antonini, Fábio (Caqui), Ana Beatriz Matilde (Bia), Milena, Pedro, Natan, Silas e Gabi Rabello.

À Kelly, Daniela, Moabe, Rogério, Tim (in memoriam), Xandão e

Alessandra da Associação Desportiva, Educacional e Social dos Metalúrgicos de São Carlos e do Clube do Sindicato. À Bruna Leite da Terre des Hommes e educadores/as de projetos apoiados por esta fundação com os/as quais pude conviver nas reuniões de formação em São Paulo.

À equipe do Centro Universitário Claretiano Erica, Aline, Josi, Anna Carolina, Denise, Mariana Galon, Evandro Tuka, Marcela, Marco, Paulo e Simone.

Aos/às amigos/as das antigas: André Gomes Felipe (Rabs), Gabriel Melo, Maria Clara (Cacaia), André Marques (Hulk), Letícia Rocha, William de Paula (Will), Maria Leal, Arthur Fonseca (Tuco), Pedro Picolo, Reinaldo (Nadinho), Juninho Torrezan, Ashraf, Wesley, Ricardo, Natália Severino, Rômulo, Mariana Ament e Thiago.

Aos companheiros e companheiras do Girafulô, Big Boom Orchestra e Conservatório de Tatuí, espaços onde aprendi, estudei, trabalhei e me diverti muito.

...Continuarei buscando me cercar de pessoas que admiro! Muito obrigado.

## RESUMO

Pesquisamos uma prática em música comunitária, realizada junto à crianças e adolescentes participantes do projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL) em parceria com o projeto Mais que Futebol (MQF). Tivemos como objetivo investigar os processos educativos decorrentes do “fazer música em grupo” no projeto de extensão VADL-MQF que tem como base para as ações desenvolvidas a Motricidade Humana (Manuel Sérgio), Fenomenologia Existencial (Maurice Merleau-Ponty), Ecologia de Saberes (Boaventura de Sousa Santos) e Pedagogia Dialógica (Paulo Freire). Realizamos vinte e três encontros, dos quais vinte e um aconteceram entre os dias 13 de Março e 7 de Junho de 2018 quando propusemos a prática musical coletiva tocando instrumentos de percussão, realizando atividades de apreciação, movimento e leitura de partitura; um encontro no dia 10 de Junho de 2018 referente a uma roda de conversa e apresentação musical com familiares, participantes e educadores/as; e, no dia 22 de Setembro de 2019, quando nos reencontramos (participantes, familiares e educadores/as) para conversar acerca da análise dos dados apresentada. Optando por realizar uma pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica para coleta e análise dos dados, todos estes encontros tiveram registro audiovisual de forma a possibilitar uma transcrição rigorosa das falas dos/as pessoas envolvidas. Tais diários foram compostos por elementos descritivos e reflexivos. Sobre a análise, primeiramente demos destaque e identificamos as unidades de significado, um momento chamado de análise ideográfica, para, posteriormente, ir agrupamento tais unidades por proximidade temática. Com esta análise chamada de nomotética, chegamos as seguintes categorias: A) “Vamos a música, né? Porque isso é o meu forte!” - Conhecendo e se reconhecendo; B) “Ó, vo ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui e depois vai para cá” - Ensinando e aprendendo uns com os outros; C) “Da hora!” - Escolhendo e combinando. Foram destacados processos educativos referentes ao reconhecimento de outrem a partir da prática musical, autonomia do agir e do ensinar e experiência democrática.

**Palavras-chave:** Processos Educativos; Educação Musical; Música Comunitária; Pedagogia Dialógica; Lazer;

## RESUMEN

Investigamos una práctica de música comunitaria, realizada con niños y adolescentes, participantes del proyecto Experiencias en Actividades Diversificadas de Ocio (VADL) en colaboración con el proyecto Más que Fútbol (MQF). Tuvimos como objetivo investigar los procesos educativos derivados de "hacer música en grupo" en el proyecto de extensión VADL-MQF, desarrollando acciones basadas en Motricidad humana (Manuel Sérgio), Fenomenología existencial (Maurice Merleau-Ponty), Ecología de Saberes (Boaventura de Sousa Santos) y Pedagogía dialógica (Paulo Freire). Hicimos veintitrés reuniones de las cuales veintiuna fueron realizadas entre 13 de marzo y 7 de junio de 2018, cuando propusimos la práctica musical colectiva tocando instrumentos de percusión, realizando actividades de apreciación, movimiento y lectura de partituras; una reunión el 10 de junio de 2018 sobre una conversación y presentación musical con familiares, participantes y educadores; y, el 22 de septiembre de 2019, cuando nos reunimos (participantes, familiares y educadores) para hablar sobre el análisis de datos presentado. Al elegir por una investigación cualitativa con un enfoque fenomenológico para la recolección y el análisis de datos, todas estas reuniones tuvieron un registro audiovisual para permitir una transcripción rigurosa de los discursos de las personas involucradas. Dichos diarios estaban compuestos de elementos descriptivos y reflexivos. En el análisis, primero destacamos e identificamos las unidades de significado, un momento llamado análisis ideográfico, para luego agrupar dichas unidades por proximidad temática. Con este análisis llamado nomotética, llegamos a las siguientes categorías: A) "Vamos a música, ¿verdad? ¡Porque este es mi fuerte! - Conocer y reconocerse a uno mismo; B) "Oh, te voy a enseñar, ¿de acuerdo? Primero comenzamos aquí y luego vamos allá "- Enseñar y aprender unos de otros; C) "¡Da hora!" - Elegindo y acordando. Se destacaron los procesos educativos con respecto al reconocimiento de otros en función de la práctica musical, la autonomía de acción, la enseñanza y la experiencia democrática.

**Palabras-clave:** Procesos Educativos; Educación Musical; Música Comunitaria; Pedagogía Dialógica; Ocio;



## ABSTRACT

We researched a practice in community music, conducted with children and youth participating in the project Experiences in Diversified Leisure Activities (VADL) in partnership with the project More Than Football (MQF). We aimed to investigate the educational processes of group music making in the community project VADL-MQF, which is based on the actions of Human Motricity (Manuel Sérgio), Existential Phenomenology (Maurice Merleau-Ponty), Ecology of Knowledges (Boaventura de Sousa Santos) and Dialogical Pedagogy (Paulo Freire). We had twenty-three meetings: twenty-one days between March 13 and June 7, 2018, when we first presented the idea and built a collective musical practice to play percussion instruments, and did appreciation, movement and score reading activities; a meeting on June 10, 2018, related to a conversation circle and musical performance with family members, participants and educators; and a meeting on September 22, 2019, when we re-encountered participants, family members and educators to talk about data analysis. Opting for a qualitative research with phenomenological approach to data collection and analysis, all these meetings had audiovisual recordings enabling a rigorous transcription of the speeches of participants. The diaries have descriptive and reflective elements. About the analysis, we first identified and highlighted the meaning units, a moment called ideographic analysis, to later group these units by thematic proximity. With this nomothetic analysis, we come to the following categories: A) “Let's go to music, right? Because this is my strength!”- Knowing and acknowledging each other; B) “Oh, I will teach you, ok? First we start here and then we go here”- Teaching and learning from each other; C) “Right on!” - Choosing and matching. The findings are related to educational processes related to the recognition of others through musical practice, autonomy of acting and teaching and democratic experience were highlighted.

**Keywords:** Educational Processes; Music Education; Community Music; Dialogical Pedagogy; Leisure;

## LISTA DE QUADROS

---

Quadro 1 - Teses e Dissertações Seleccionadas .....	68
Quadro 2 - Artigos seleccionados.....	78
Quadro 3 - Educadores/as e actividades desenvolvidas em musicalização no VADL.....	88
Quadro 4 - Estrutura da atuação no projeto em 2018 (ano da coleta de dados) .....	90
Quadro 5 - Lista de presença da musicalização .....	92
Quadro 6 - Quadro de educadores/as do projeto durante a prática musical coletiva .....	94
Quadro 7 - Banco de arquivos musicais .....	97
Quadro 8 - Atualização do banco de arquivos musicais.....	98
Quadro 9 - Banco de arquivos audiovisuais .....	102
Quadro 10 - Matriz nomotética.....	113

## LISTA DE FIGURAS

---

Figura 1 - Planta do espaço do Clube do Sindicato dos Metalúrgicos.....	82
Figura 2 - Materiais e espaço da lanchonete do Clube do Sindicato dos Metalúrgicos.....	83
Figura 3 – Principais bairros dos/as participantes do VADL-MQF .....	84
Figura 4 - Trechos do que tocamos em partitura .....	99
Figura 5 - Apresentação do samba-reggae durante a roda final.....	100
Figura 6 - Introdução à leitura musical e manulação - Elaborado com base em Soares (2016).....	101
Figura 7 - Assistindo performance do grupo Stomp.....	102
Figura 8 - Trecho de arranjo para Gravação e Percussão da música Acreditar de Dona Ivone Lara .....	103
Figura 9 - Destacando e referenciando as unidades de significado .....	111
Figura 10 - Roda de conversa com convidados .....	122

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

---

ADESM	Associação Desportiva do Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos
DC	Diário de Campo
DEFMH	Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Dr <sup>(a)</sup>	Doutor(a)
ECO	Estação Comunitária do Gonzaga
EMESP	Escola de Música do Estado de São Paulo
ISME	<i>International Society for Music Education</i>
MQF	Mais que Futebol
NEFEF	Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física
OSESP	Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
Prof <sup>(a)</sup>	Professor(a)
RC	Roda de Conversa
TDH	Fondation Terre des Hommes
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
VADL	Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer

## SUMÁRIO

---

INTRODUÇÃO .....	14
Questão de pesquisa.....	18
Objetivos.....	18
SEÇÃO 1: REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
1.1 Práticas sociais e processos educativos.....	20
1.2 Educação musical em proposições decolonialistas.....	34
1.3 Processos educativos decorrentes de práticas musicais coletivas.....	47
1.4 Lazer e educação musical .....	56
SEÇÃO 2: REVISÃO DE LITERATURA: FAZER MÚSICA EM GRUPO EM EDUCAÇÃO MUSICAL .....	68
SEÇÃO 3: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	80
3.1 Procedimentos de inserção.....	81
3.1.1 Histórico do projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer .....	81
3.1.2 Histórico da educação musical no projeto VADL .....	87
3.1.3 Inserção enquanto educador e pesquisador.....	89
3.2 Procedimentos de coleta e análise de dados .....	103
SEÇÃO 4: CONSTRUINDO OS RESULTADOS .....	114
Categoria A: “Vamos a música, né? Porque isso é o meu forte!” - Conhecendo e se reconhecendo .....	114
Categoria B: “Ó, vo ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui e depois vai para cá” - Ensinando e aprendendo uns com os outros.....	130
Categoria C: “Da hora!” - Escolhendo e combinando .....	145
CONSIDERAÇÕES .....	160
REFERÊNCIAS.....	168
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS .....	180
APÊNDICES .....	182
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Responsáveis)....	182

Apêndice B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (crianças e adolescentes) .....	183
Apêndice C - “Acreditar” de Dona Ivone Lara (Arranjo para Gravação e Percussão) .....	185
Apêndice D - Conteúdos e eventos na musicalização por data .....	187
Apêndice E - Diários de Campo I a XXIII	
Diário de Campo I .....	190
Diário de Campo II .....	203
Diário de Campo III .....	216
Diário de Campo IV .....	227
Diário de Campo V .....	239
Diário de Campo VI .....	248
Diário de Campo VII .....	261
Diário de Campo VIII .....	275
Diário de Campo IX .....	285
Diário de Campo X .....	299
Diário de Campo XI .....	309
Diário de Campo XII .....	319
Diário de Campo XIII .....	330
Diário de Campo XIV .....	348
Diário de Campo XV .....	366
Diário de Campo XVI .....	381
Diário de Campo XVII .....	394
Diário de Campo XVIII .....	403
Diário de Campo XIX .....	414
Diário de Campo XX .....	421
Diário de Campo XXI .....	435
Diário de Campo XXII – Roda de Conversa .....	451
Diário de Campo XXIII – Roda de Conversa .....	480
Apêndice F - Folha de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa.....	497

## INTRODUÇÃO

---

Esta tese foi construída por um profundo interesse na potencialidade educativa do fazer musical em grupo. Alguns dos motivos que contribuíram para cultivar este interesse foi ter me envolvido, durante o curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com pessoas e projetos que buscavam uma transformação pessoal e social através do fazer musical. Num processo contínuo de compreensão das injustiças e desigualdades que vivenciamos em sociedade, certas práticas musicais coletivas (ou seja, fazer música em grupo) se revelaram como uma forma de resistência e combate a estas desigualdades<sup>1</sup>. Gostaria de trazer algumas experiências que contribuíram para o que me interessa pesquisar hoje, as escolhas metodológicas para esta pesquisa e minha busca de atuação como educador e educador musical.

Particpei por dois anos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que tem por finalidade apoiar a iniciação à docência de estudantes de licenciatura plena das instituições de educação superior, visando aprimorar a formação dos docentes, valorizar o magistério e contribuir para a elevação do padrão de qualidade da educação básica (BRASIL, 2010). Em uma equipe composta por oito estudantes-educadores/as, graduandos em Licenciatura em Música pela UFSCar, sob orientação da Professora Dra. Maria Carolina Leme Joly e coordenação da Professora Dra. Ilza Zenker Leme Joly ambas docentes da mesma universidade, atuamos em parceria com a Escola Estadual Dona Aracy Leite Pereira Lopes localizada no bairro Jardim Monte Carlo, na cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo. A partir de um contato mais aproximado com as desigualdades socioeconômicas manifestadas naquele ambiente da escola, das histórias familiares e do bairro, surgiram questionamentos e inquietações referentes a qual poderia ser nossa atuação a fim de contribuir aquele contexto, em especial com os/as estudantes do ensino fundamental.

---

<sup>1</sup> Me refiro a ações que compartilham objetivos parecidos com o da Educação Musical Humanizadora e Música Comunitária, Música Geradora e Empowering Song, que buscam ser relevantes para as pessoas que delas participam; não focam em uma cultura musical universalizante; tem o humano como objetivo da educação musical, sem menosprezar a técnica. Tais aspectos serão discutidos no tópico 1.3 a partir de autores/as como Joly e Severino (2016), Higgins (2012), Martins, D. (2015), Martins; Gonçalves Junior (2017), Quadros (2018a, 2018b), .

Desenvolvemos projetos interdisciplinares como o “Música também ensina História” no qual realizamos intervenções musicais que incluíram construção coletiva de canções e apreciação musical, estabelecendo conexões entre conteúdos de música e história. Na finalização deste projeto, educadores/as e alunos/as de uma sétima série do ensino fundamental foram à UFSCar e visitaram a Rádio UFSCar para gravar as quatro canções que esta turma havia criado.

Também participamos do programa Descubra a Orquestra da Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), um projeto de iniciação musical dedicado a alunos/as e professores/as de escolas públicas, particulares e instituições beneficentes. Primeiramente a coordenadora pedagógica da escola viajou mensalmente pelo período de um semestre para São Paulo, a fim de participar de uma formação musical. Esta formação também tinha como objetivo que os assuntos musicais fossem trabalhados com os/as alunos/as da escola, preparando-os/as para assistir a um concerto didático. Junto a equipe de funcionários/as da escola, os/as educadores/as do PIBID cuidaram dos trâmites burocráticos como inscrição e relatórios, trabalharam os conteúdos musicais com os/as estudantes; e organizaram a viagem em relação ao transporte, autorizações, outros locais para visitar e lanche. Viajamos com 102 pessoas dentre estudantes, familiares, funcionários/as e educadores/as para São Paulo a fim de assistir um concerto didático da Orquestra de Heliópolis na Sala São Paulo, considerada uma das melhores salas de concerto do mundo. É importante salientar que alguns nunca haviam saído da região de São Carlos, muitos não haviam ido a São Paulo, de forma que tal viagem se transformou em uma experiência além da musical, trazendo também aprendizados a nós, educadores/as, nesta convivência com os/as estudantes.

Nossa principal ação enquanto bolsistas do PIBID, entretanto, foi para a formação da Fanfarra Aracy, um grupo musical destinado à escola e comunidade, com ensaios no contra turno escolar e que utilizava os instrumentos de percussão que estavam guardados na escola há anos. Uma das inspirações para o trabalho com a Fanfarra Aracy foi a Orquestra de Metais Lyra Tatuí (Lyra Tatuí ou apenas Lyra<sup>2</sup>) que conhecemos quando a coordenadora Professora Ilza Joly organizou uma viagem a cidade de Tatuí, interior de São Paulo, para conhecer tal grupo. A Lyra Tatuí foi criada em 2002, pela iniciativa do

---

<sup>2</sup> Para mais informações sobre a Lyra, ler Soares (2018) e Soares (2016)



trompista Adalto Soares e da percussionista Sílvia Zambonini Soares de ensinar metais e percussão gratuitamente a pessoas entre os 6 e 23 anos de idade. O grupo era aberto, sem inscrição, sem a necessidade de ter o instrumento musical, sem necessidade de conhecimento musical prévio, sendo necessário apenas o compromisso para estar presente nos ensaios (toda noite de segunda a sexta e aos sábados pela manhã) além de disponibilidade para participar de apresentações aos finais de semana. Os dois dias que estivemos lá me marcaram profundamente proporcionando inúmeras reflexões e discussões acerca da educação musical, prática musical coletiva e busca por transformação das desigualdades sociais.

Após me formar em Licenciatura em Música, submeti projeto de mestrado ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFSCar para realizar pesquisa junto a Lyra Tatuí, sob orientação da professora Ilza Joly. Ao final deste ciclo, apresentamos a dissertação intitulada “A prática musical coletiva na Lyra Tatuí: possíveis contribuições para o desenvolvimento musical, humano e social” (ARRUDA, 2016) onde buscamos compreender quais processos educativos se relacionavam ao desenvolvimento humano e social dos/as participantes.

Outra experiência decisiva para propor esta pesquisa de doutorado foi ter participado como bolsista e voluntário no projeto de extensão da UFSCar chamado Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL<sup>3</sup>). O projeto é destinado a crianças e adolescentes de bairros da periferia urbana empobrecida economicamente de São Carlos e se fundamenta na pedagogia dialógica de Paulo Freire para propor atividades de lazer, como música, capoeira, contação de histórias, leitura, ciclismo<sup>4</sup>, *Fútbol Callejero*<sup>5</sup>, entre outras, mediadas em rodas de conversa<sup>6</sup>. Cito a seguir algumas

---

<sup>3</sup> O referido projeto foi criado em 1999, pelo Professor Dr. Luiz Gonçalves Junior vinculado ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar. Desde então o projeto estabeleceu diversas parcerias. A parceria atual foi estabelecida em 2013 com o projeto Mais que Futebol (MQF) da Associação Desportiva, Educativa e Social dos Metalúrgicos (ADESM). Quando nos referirmos a aspectos que excedem a parceria, utilizaremos a sigla VADL e quando nos referirmos a parceria na qual esta tese foi desenvolvida ou entendimentos decorrentes desta parceria específica, utilizaremos a sigla VADL-MQF.

<sup>4</sup> Inserido em uma proposta baseada na economia solidária a fim de preparar crianças e adolescentes para utilização da bicicleta como meio de transporte e possibilidade de empreendimento solidário envolvendo cicloentrega, mecânica de bicicletas, cicloturismo local. Carmo (2017) realizou tese de doutorado em Educação sobre a utilização da bicicleta no contexto do projeto VADL-MQF.

<sup>5</sup> Proposta de educação popular criada na Argentina, na qual os/as participantes primeiramente decidem coletivamente as regras, então jogam e ao final discutem o jogo, também atribuindo pontos a partir de três

situações que considero ter relevância na minha formação e atuação enquanto educador musical: atuar nos encontros semanais com os/as participantes do projeto; acompanhar os/as participantes no transporte entre seus bairros (incluindo o Monte Carlo, bairro no qual se encontra a escola em que atuamos durante o PIBID) e o Clube de Campo dos Metalúrgicos, local onde desenvolvíamos as atividades; reunir com educadores/as para planejar, avaliar, refletir e documentar as práticas; participar das reuniões de formação<sup>7</sup> nas quais pude ler, dialogar e apresentar materiais (textos, documentários, filmes, práticas etc.) escolhidos pelo grupo; buscar escolher coletivamente baseando-se no diálogo, desde a escolha dos materiais para reuniões de formação à escolha de jogos e brincadeiras na atuação com as crianças e adolescentes; atuar com colegas estudantes de diversas áreas como pedagogia, ciências sociais, biologia, gestão ambiental, arte-educação, biblioteconomia, ciências da informação e educação física.

No contexto deste projeto de lazer socioeducativo propusemos diversas ações em educação musical, tais como práticas musicais com instrumentos de percussão (surdo, agogô, pandeiro, reco-reco, tamborim), vivência de alguns ritmos (samba, baião e funk), jogos e brincadeiras musicais, danças de roda da cultura popular brasileira, construção de instrumentos (pífanos e ganzás) e composição coletiva dialógica (onde as pessoas se juntaram em grupos para participar ativamente da construção de uma canção, desde a letra à interpretação musical).

Continuando minha atuação no projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer, com esta tese buscamos investigar os processos educativos decorrentes do “fazer música em grupo” no projeto de extensão VADL-MQF. A questão de pesquisa que nos conduziu foi:

---

pilares: solidariedade, respeito e cooperação. Belmonte (2019) realizou pesquisa de doutorado sobre o *Fútbol Callejero* desenvolvido por crianças e adolescentes do projeto VADL-MQF.

<sup>6</sup> Acerca desta prática regular do VADL na qual são contadas as novidades, escolhidas atividades, compartilhadas notícias, conhecimentos, brincadeiras e saberes, Fábis (2019) desenvolveu pesquisa de mestrado pautando-se na metodologia de Sistematização de Experiência.

<sup>7</sup> Tem lugar aos encontros semanais (sextas-feiras entre 10h e 12h) do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), vinculado ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da UFSCar e coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior, também coordenador do projeto VADL.

**Quais são, como ocorrem e o que possibilitam os processos educativos decorrentes do “fazer música em grupo” no projeto de extensão VADL-MQF?**

Tivemos enquanto **objetivo geral** desta pesquisa:

- Investigar os processos educativos decorrentes do “fazer música em grupo” no projeto de extensão VADL-MQF.

E os **objetivos específicos** foram:

- Averiguar quais são os processos educativos decorrentes desta prática musical em grupo;
- Compreender e descrever como ocorrem estes processos educativos;
- Analisar o que estes processos educativos possibilitam no sentido de *ser mais* freireano<sup>8</sup>;

Para isso, organizamos esta pesquisa da seguinte maneira: no **Seção 1 – Referencial teórico**, apresentaremos o tópico **1.1 – Práticas sociais e processos educativos** tratando de ambos conceitos partindo especialmente de Oliveira et. al. (2014), em uma concepção de educação que valoriza a experiência (LARROSA-BONDÍA, 2002), a alteridade (LÉVINAS, 1988, 2004, 2015; ARAUJO-OLIVERA, 2014; DUSSEL, 1974, 1998) em resposta à hierarquização e supressão de práticas sociais cuja referência não é etnocentrada. Tal supressão também gerou modos de fazer e pensar música, afetando incisivamente na área da educação musical. Apresentamos em **1.2 – Educação musical em proposições decolonialistas** conceitos em educação musical que consideram a necessidade de um outro olhar para a educação musical: *musicking* (musicar), educação musical humanizadora, música geradora, *empowering song* (empoderar cantante) e *community music* (música comunitária). Em **1.3 - Processos educativos decorrentes de práticas musicais coletivas** apresentamos pesquisas que

---

<sup>8</sup> A partir de Paulo Freire (2001a, 2001b, 2014, 2015), entendemos que está inscrito na natureza do ser humano o direito de *ser mais*. Esta é portanto a vocação ontológica do ser humano, em outras palavras, vocação para humanização. Biologicamente nascemos humanos, mas isso não é suficiente para sejamos realmente humanos, no seguinte sentido: falamos de um ser que é também fruto de sua história e cultura, que *vai se constituindo* ao longo da vida em sociedade. Vamos portanto exercendo nosso direito de *ser mais* e qualquer movimento contrário seria a distorção desta vocação.

partem de um referencial convergente ao se propor pesquisar em educação musical, enfocando em uma prática social em projetos sociais, projetos de extensão, rodas de choro, orquestra comunitária, formação de professores/as etc. e discutindo acerca dos processos educativos decorrentes de tais práticas. Pela prática social que permeia esta pesquisa estar em contexto que se fundamenta no lazer socioeducativo para propor suas ações, desenhamos o tópico **1.4 - Lazer e educação musical** buscando apontar as possíveis complementaridades entre conceitos.

No seção **2- Revisão de literatura: educação musical** apresentamos brevemente as teses, dissertações e artigos a partir da pesquisa e seleção de trabalhos em duas bases de dados tendo como critérios o indexador “educação musical”, a produção dos últimos seis anos (2014 a 2019) e a relevância para pesquisa, ou seja, tratando de práticas musicais coletivas.

Na **Seção 3 - Caminhos metodológicos, 3.1 - Procedimentos de inserção** discorremos sobre o contexto onde a pesquisa foi realizada. Trazemos um histórico do projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer e sua parceria desde 2013, com o projeto Mais que Futebol da Associação Desportiva, Educacional e Social dos Metalúrgicos (**3.1.1**), nos detendo especificamente nas atividades de educação musical (**3.1.2**). No subtópico **3.1.3 Inserção enquanto educador e pesquisador** apresentamos a minha inserção no projeto VADL-MQF enquanto educador e pesquisador discorrendo sobre a estrutura do projeto no momento da pesquisa, a musicalização, os/as educadores/as, os/as participantes da musicalização, além de algumas referências para o ato de pesquisar. Em **3.2 - Procedimentos de coleta e análise de dados** discorremos sobre a pesquisa qualitativa, os instrumentos de coleta, as bases que nos levam a pensar no porquê e como pesquisar. Também descrevemos os procedimentos de análise dos dados.

Na **Seção 4 - construindo os resultados** apresentamos e discutimos cada categoria criada: A) “Vamos a música, né? Porque isso é o meu forte!” - Conhecendo e se reconhecendo; B) “Ó, vo ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui e depois vai para cá” - Ensinando e aprendendo uns com os outros; C) “Da hora!” - Escolhendo e combinando.

## SEÇÃO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

---

### 1.1 Práticas sociais e processos educativos

Segundo Critelli (1981), na etimologia da palavra “educação” temos em latim *educere*, onde está associada a ideia de conduzir, levar, arrancar (*ducere*) para fora (prefixo *ex*). É a partir da educação que as pessoas se conduzem, se direcionam para a vida fora de si. Compreendo este “fora de si” enquanto o entorno, o que faz parte do ambiente, ou seja, tudo que pode se relacionar com determinado ser humano. Nesse sentido, estamos cotidianamente nos conduzindo para a vida fora de si, nos educando. Seria um engano, portanto, pensar na educação como exclusivamente preparação para a vida adulta. Somos seres sociais e educamos e nos educamos o tempo todo, em nossas interações. Nascemos e vivemos em família, grupos, comunidades e mesmo se tentarmos nos isolar no mundo, levamos conosco tudo o que nos constituiu até então: a maneira como pensamos, somos, comunicamos e nos relacionamos. Mesmo que a educação tenha aparência de autoeducação, pela observação ou reflexão de algo, tal possibilidade educativa é fruto de trocas prévias com Outrem<sup>9</sup>, cujos elementos que constituíram este momento educativo têm como fundamento as interações anteriores com as pessoas. Construimos pensamentos a partir das palavras e estas foram sendo apreendidas desde o nosso nascimento, com os pais, familiares, pessoas do entorno, e prosseguem por toda nossa vida.

---

<sup>9</sup> Buscaremos responder quem são “Outrem” ao longo deste item. Optamos pelo uso da palavra “Outrem” no lugar de “Outro”, posicionando-nos conscientes do caráter sexista da linguagem, enquanto uma das inúmeras manifestações de uma sociedade patriarcal como a nossa. A princípio, Outrem trata portanto de pessoas, independente de orientação sexual, etnia, classe social. Seres humanos reconhecidos como qualquer outro ser humano, detentores do merecimento de respeito, diretos, justiça social e cognitiva. de outre por isso “outrem”. Nos apoiamos nos estudos de Emmanuel Lévinas (1988, 2004, 2015) sobre alteridade, Enrique Dussel (1974, 1998, 2007) e Araújo-Olivera (2014) sobre alteridade e exterioridade em uma perspectiva latinoamericana e exterioridade, e vislumbramos um alargamento do conceito com Alberto Acosta (2016) na direção de proposições ecológicas. Acosta (2016) fala de buscar alternativas *ao* desenvolvimento, ao invés de alternativas *de* desenvolvimento, entendendo que a ideia de desenvolvimento em voga, pressupõe a dominação e exploração entre pessoas e entre elas e a natureza. Alberto Acosta ao evidenciar o conceito assumido por povos indígenas sul americanos do “*Sumak Kawsay*” traduzido como “vida plena” ou “bem-viver”, se opõe a uma visão antropocêntrica do universo. Também compactuamos com Val Plumwood (2002) e Godoy (2019) que estendem Outrem a outros seres vivos e ao mundo.

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 21).

O que nos acontece, o que somos tem a ver com nossas experiências, nossas percepções sobre as experiências. Ao dar significados a elas através das palavras podemos compartilhar tais pensamentos, nos educando uns com outrem. Husserl (1975) exemplifica esta relação:

Digo *isto* e viso justamente o papel que está na minha frente. É à percepção que essa palavra deve sua relação a este objeto. Mas não é na própria percepção que a significação reside. Quando digo *isto*, não me limito a perceber, mas, fundado na percepção se constrói o ato do visar-*isto*, um ato novo que por ela se rege e que dela depende quanto à sua diferença. Nesse e só nesse visar indicativo é que reside a significação (HUSSERL, 1975, p. 26-27).

Em outros termos, a significação se dá decorrente da experiência da percepção de mundo, do contexto, da vivência que envolve intencionalidade do sendo-ao-mundo. Desse modo, a palavra “relação” é central para este entendimento de educação, pois ao nos relacionarmos, construímos e compartilhamos significados, nos emocionamos, atribuímos valor, afetamos e somos afetados por outrem, nem sempre passíveis de colocar em palavras.

Para Merleau-Ponty (1964):

A criança compreende muito além do que sabe dizer, responde muito além do que poderia definir, e, aliás, com o adulto, as coisas não se passam de modo diferente. Um autêntico diálogo me conduz a pensamentos de que eu não me acreditava, de que eu não era capaz, e às vezes sinto-me seguido num caminho que eu próprio desenhava e que meu discurso, relançado por outrem, está abrindo para mim (p. 24).

Assim, ao compartilhar estas significações vamos descobrindo, fortalecendo e justificando pensamentos. Portanto, consideramos que o diálogo, o encontro, a comunicação, as palavras com outrem mediadas pelo mundo são a essência da educação. Ocorre então em processo, sendo construído entre as pessoas, em contexto e, não apenas

em sentido único (pessoa *para* outra, mas pessoa *com* a outra). Freire (2014) afirma que “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens<sup>10</sup> [e mulheres] se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (p. 96).

A partir do momento que nascemos vamos sendo condicionados e, em alguma medida, nos condicionando nas relações com Outrem. Nascemos em uma família, que têm certos costumes e, assim, vamos nos apropriando da linguagem, das ideias, das informações, dos saberes e dos conceitos. Na filosofia fenomenológica, apenas no encontro entre consciência e mundo que estes ganham realidade. Por isso Heidegger (1981) considera o ser-aí (*dasein*) ou ser-aí-no-mundo. Não é possível pensar um sem outro: mundo sem consciência ou consciência sem estar situada em um mundo. O encontro é dialético e não dual.

Gosto de ser homem [ou mulher], de ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja a responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja a feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre ser condicionado e ser determinado (FREIRE, 2015, p. 52).

Fiori (2014), importante filósofo para Freire e prefaciador do livro “Pedagogia do oprimido”, afirma:

Antes do mundo consciente, a consciência é vazio total: fora da consciência do mundo, este é ausência sem nome. Juntos, consciência e mundo ganham realidade. Um não se perde no outro, perdendo sua identidade: identificam-se um através do outro (p.57).

Em outras palavras, a subjetividade (consciência) está situada sempre em uma objetividade (mundo), não sendo possível conceber uma subjetividade pura, já que

---

<sup>10</sup> No livro “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire passa a reconhecer o caráter ideológico e machista em sua escrita presente nas afirmações de que quando se fala homens, as mulheres estariam inclusas, alterando seu modo de escrita.

conforme escrito anteriormente, somos seres de relação. Falamos, portanto, de uma *intersubjetividade* que é construída ao longo da vida com outrem ao mundo.

Passei a pensar o mundo como é, um mundo da consciência, ou a consciência como consciência do mundo. E vi que há uma fonte de constituição deste mundo, que não é a minha subjetividade, nem a sua subjetividade, é a intersubjetividade, isto é, o homem [e a mulher] só se faz homem [e mulher, ou seja, humano] quando se intersubjetiva no reconhecimento das consciências. A consciência, isolada em si mesma, não tem quem a reconheça e só na mediação do reconhecimento é que ela se afirma e se faz e se configura como consciência humana (FIORI, 1987, p. 45).

A educação, nesta concepção que adotamos, é contextual. Está situada em alguém que está situada em um tempo-espço. Também consideramos que esta educação é um processo ao longo da vida. Podemos dizer que em um grupo musical específico decorrerão processos educativos diferentes para cada pessoa, já que cada uma traz experiências diversas. Os processos educativos, como o próprio nome diz, estão em processo, não são acabados ou finais, mas vão se construindo.

Tais afirmações são necessárias já que a educação pode parecer estar restrita a momentos ou lugares, como é o caso da escola, mais especificamente na hora da aula, ou até que seja possível se deseducar ou reeducar. Acreditamos que a educação se dê quando estamos em relação com outrem, isto é, no intervalo/recreio, ao embarcar em um ônibus, almoçar com a família, brincar na vizinhança, aprender um instrumento musical, apreciar uma apresentação musical etc.

Assim, apresento o conceito de práticas sociais. Práticas sociais consistem nesses encontros entre pessoas que mantém certa regularidade, compartilham experiências, saberes, opiniões, desejos, conhecimentos, informações e emoções e, das relações cultivadas nestas práticas, decorrem processos educativos.

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA *et al.*, 2014b, p. 33).



Em outras palavras, consideramos que os processos educativos vão sendo construídos nas diferentes práticas sociais que participamos, as quais, mediadas pelos conteúdos, vai se apreendendo a viver. Conteúdos e viver vão sendo apre(e)ndidos pelas pessoas envolvidas nas diversas práticas sociais que participam. Nesta tese falaremos muito mais do viver do que dos conteúdos.

Em acordo com Larrosa-Bondía (2002, p. 25) a “palavra experiência vem do latim *experiri*, que significa provar (experimentar). O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova”. Para o autor, a experiência é aquilo que nos passa, aquilo que nos toca, e, conforme o autor indica, consideramos que nada que “nos passe” ou “nos toque” está isento de risco ou de perigos. Não é possível tocar um instrumento musical sem se arriscar, frustrar, errar, acertar, incomodar. Ao experienciar escolho assumir tais riscos e vivenciar a prática.

Neste sentido é que ensinar a pensar certo não é uma experiência em que ele - o pensar certo - é tomado em si mesmo e dele se fala ou uma prática que puramente se descreve, mas algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho. Pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos. Pensar certo não é *que-fazer* de quem se isola, de quem se “aconchega” a si mesmo na solidão, mas um ato comunicante. Não há por isso mesmo pensar sem entendimento e o entendimento, do ponto de vista do pensar certo, não é transferido, mas co-participado. [...] Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico (FREIRE, 2015, p. 38).

Se somos “seres da opção”, conforme Freire (2015, p. 56) aponta, temos possibilidade de escolha em nossas ações, sabendo que somos pessoas condicionadas pelo contexto em que vivemos, pelas condições as quais estamos imersos. Entretanto, o *pensar certo* está atrelado à capacidade de argumentar sobre nossas opções, e compreender com clareza as forças envolvidas nas possíveis escolhas.

Sobre estas opções, entendemos que podem ocorrer vivências humanizadoras ou desumanizadoras, sabendo de sua complexidade, dialeticidade e ambiguidade. A imposição de determinadas pessoas sobre outras, ao limitar a existência de partes destas,

reduzem seu potencial de ser. É o que Paulo Freire (2014) considera como desumanização ou distorção da vocação ontológica do ser:

A desumanização, que não se verifica apenas nos que tem sua humanidade roubada, mas também ainda que forma diferença nos que a roubam, é distorção da vocação do *ser mais*. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens [e mulheres] como pessoa, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera violência dos opressores e esta, o *ser menos*. (FREIRE, 2014, p. 40).

Disto, compreendemos que tanto a humanização quanto a desumanização são adjetivos para as possíveis vivências: uma pessoa que acredita que a outra nada sabe ou nada poderá contribuir com o conteúdo de sua aula, estabelece uma relação desumanizadora onde ambas as pessoas envolvidas tem seu potencial de vida limitado.

É necessário fazer a ressalva de que dependendo de como se responde à pergunta: “o que é *ser humano*?” podemos inviabilizar tais concepções de (des)humanização. Entendemos que não é exclusivamente o aspecto biológico (ser de determinada espécie) que assegura a esta pessoa, ser (verbo) humana. Assumimos que vamos nos constituindo humanos, “possibilitando seu vir-a-ser por processos capazes de lhe dar condições para exercer sua humanidade” (FRANKLIN, 2010, p. 50), ou nos distanciando desta nossa vocação ontológica (como escreve Paulo Freire (2014, 2015)):

Estamos em pleno confronto de percepções da realidade, alguns se pautam na concepção de *ser humano* como aquele humanóide que por ser da espécie já tem garantido todos os seus direitos, outros insistem em priorizar a constituição do *humano* como o principal movimento da humanidade. Encontramo-nos nessa última alternativa pelo simples fato de que essa busca compreende o *humano* pela sua construção no interior da comunidade *humana*. Nela iremos encontrar a forja do direito, do dever e da capacidade de assumir isso e aquilo como próprios. Assim, o respeito à natureza do *ser humano* e o respeito às diferenças do *humano* é ao mesmo tempo respeitar o outro na sua completude e especificidade (FRANKLIN, 2010, p. 50)

Numa relação humanizadora, restauram a humanidade em ambos, em busca de um *ser mais*. Tais relações podem ficar mais destacadas quando entendemos quem costumam ser Outrem. Leonardo Boff (2005, p. 116-126) elenca quem são considerados outrem em uma ordem de proximidade: o outro no mesmo gênero (mulher); o outro cuja orientação sexual se difere da consagrada socialmente (homossexual); o enfermo; o outro que faz parte de outra geração (idoso); de outra classe social (classe baixa); o estranho; o estrangeiro. Melo (2003), utilizando o termo “minorias sociais”, entendendo-o enquanto grupos com menor acesso aos mecanismos de poder, diz:

Entendemos que não estamos falando de grupos completamente homogêneos. Isto é, se há alguma identidade entre os membros dos grupos, pode haver trânsito de interesses, na medida em que os indivíduos fazem parte de agrupamentos diversos no decorrer de sua vida. Se os negros sofrem alguma forma de preconceito, é bem possível que esse possa ser menor se este negro for membro das camadas dominantes. Um homossexual negro pode sofrer um duplo preconceito, e isto é diferente do que sofre um branco homossexual. Os preconceitos se cruzam, muitas vezes se somam, dependendo mesmo do local e situação e das escolhas individuais. Uma pessoa pode estar ligada a um grupo em determinado momento, e nesse mesmo instante ter conflitos com outro grupo no qual também poderá vir a estar vinculado. Na verdade, estamos falando de um rico processo de construção das subjetividades, onde várias identidades estão em permanente confronto, tensão, diálogo (MELO, 2003, p. 25).

Para Dussel (1998, 2007) aquilo que não faz parte das *minhas* compreensões, meu mundo-vida, que não é apenas meu, mas nosso (junto às pessoas que ajudam a constituir a cultura, sociedade, da qual também faço parte) é chamada de totalidade. E fazem parte da exterioridade, o Outro, o diferente, aquilo que minhas bases não dão conta de compreender (ARAÚJO-OLIVERA, 2014).

Em um texto intitulado “Não sabemos como chamar os outros”, Canclini (2007, p. 99) escreve que “Os gregos chamavam os estrangeiros de bárbaros, ou seja ‘balbuciantes, gagos’. Os nahuas se referiam a seus vizinhos como *popolocas* (gagos) e *mazahuas* (os que berram como cervos)”. A partir de diferentes experiências em multiculturalismo (Brasil, México, Argentina e Estados Unidos), Canclini retoma processos de colonização para discutir acerca da dificuldade em nomear outrem, em

termos de globalização. Apesar de falar especificamente sobre o migrante, podemos apreender deste panorama global e focar em grupos mais específicos:

[...] saber como chamar os outros é ser capaz de nomeá-los, compreendendo-os e aceitando-os em sua diferença, na multiplicidade das suas diferenças. [...] Um dos pontos-chave que definem o caráter – opressivo ou libertador – da globalização é o fato de ela permitir, ou não, a imaginação sobre várias identidades, flexíveis, modulares, por vezes superpostas, e ao mesmo tempo criar condições para que se possa imaginar como legítimas e combináveis, não apenas competitivas ou ameaçadoras as identidades ou, melhor, as culturas dos outros. Mas, acima de tudo, existe algo de radicalmente democrático no reconhecimento de que, muitas vezes, não sabemos como chamar os outros. É o ponto de partida para atentar para o modo como eles mesmos se nomeiam (CANCLINI, 2007, p. 116, grifo nosso).

A dificuldade está em exercer a alteridade, que é comumente trabalhada de forma um tanto simplista (mas já relevante), ao se considerar que “Não se deve fazer ao outro, aquilo que você não gosta que faça com você”. Entretanto, quando o outro é muito diferente de mim, parte de outros referenciais para administrar o seu viver, tal afirmação pode ser ingenuamente utilizada mantendo as estruturas hegemônicas, ou impondo sua cultura sobre outrem. Isto, pois a referência do que fazer está em si mesmo, e não em outrem, de forma que a alteridade poderia ser cotidianamente tratada como “Não faça ao outro, aquilo que o outro não gosta que faça com ele/a”. Se situar no lugar de outrem é buscar compreender como este outrem pensa a partir dele/a. Para aprender como chamar outrem, é necessário percebê-lo/a, estar aberto para reconhecê-lo/a, considerá-los/as em sua humanidade, individualidade, em sua proximidade (intimidade), se sentir responsável por outrem. É o que Lévinas<sup>11</sup>, chama de *rostos*:

É preciso dizer também que, em minha maneira de me expressar, a palavra *rostos* não deve ser entendida de modo estreito. Esta possibilidade para o humano de significar em sua unicidade, na humildade de sua indigência e mortalidade, a altura de seu apelo -

---

<sup>11</sup> Filósofo de família judaica, nasceu na Lituânia em 1906. Morou e estudou filosofia na França e na Alemanha, tendo sido aluno de Martin Heidegger e de Edmund Husserl. Deste último, traduziu obras para a língua francesa. Foi naturalizado francês em 1939, e em 1940 foi feito prisioneiro de guerra pelos nazistas ficando no campo de concentração na Alemanha até o final da Segunda Guerra Mundial. Durante este período escreveu grande parte do livro “Da existência ao existente” publicado dois anos após ter saído do cativeiro.

palavra de Deus - que lembra minha responsabilidade por ele e minha eleição de único a esta responsabilidade, pode vir da nudez de um braço esculpido por Rodin (LÉVINAS, 2004, p. 297).

Lévinas (2004) vai tecendo sua filosofia ao perceber que a racionalidade também abriu possibilidades para governos totalitários como o nazismo, fascismo, stalinismo entre outros, além do desprezo humano, da exploração, das guerras, da opressão, dos genocídios, do desemprego, “da miséria sempre incessante do Terceiro Mundo” (p. 242). O Rosto afirma a responsabilidade sob outrem, seja quem for. Isto pode se dar pelo contato direto com outras pessoas, mas também, pelo que elas fazem ou nos levam a pensar. Esta também é uma potencialidade artística: ao ver um braço esculpido de Rodin<sup>12</sup>, ler uma crônica de Ferréz<sup>13</sup>, no ouvir o toque de um tambor, inauguramos possibilidades de conceder este Rosto<sup>14</sup>. Responsabilidade por outrem percebendo o que nos aproxima.

Ética do encontro, socialidade. Desde toda a eternidade um homem [e mulher] responde por um outro. De único a único. Que ele me olhe ou não, “ele me diz respeito”; devo responder por ele. Chamo rosto o que, assim, em outrem, diz respeito ao eu - me concerne - lembrando, por detrás da postura que ele exhibe em seu retrato, seu abandono, seu desamparo e sua mortalidade, e seu apelo à minha antiga

---

<sup>12</sup> Exemplo dado por Lévinas, Auguste Rodin (1840-1917) foi um escultor francês. Uma de suas obras mais famosas veio a ser chamada de O Pensador. Originalmente era parte da obra “Os Portões do Inferno”, criada em 1880, e retratava Dante Alighieri, escritor da Divina Comédia, em frente aos portões do inferno. A escultura tinha 70 cm de altura se chamava O Poeta. Posteriormente foi exibida como obra individual e ampliada.

<sup>13</sup> Reginaldo Ferreira da Silva (Ferréz) nasceu na capital São Paulo, em 1975. É escritor e empreendedor, uma das referências do que tem se chamado de Literatura Marginal, que trata-se da autonomia das pessoas das periferias urbanas em contar as próprias histórias. A palavra “marginal” não tem o sentido pejorativo, mas no sentido prejudicado, de terem sido colocados/as de lado culturalmente, economicamente e socialmente. Ferréz escreveu livros como Capão Pecado (2000), Deus foi almoçar (2011) e Os ricos também morrem (2015).

<sup>14</sup> “O rosto exprime, ao mesmo tempo, a miséria do outro, sua mortalidade, e o mandamento do outro em relação a mim. É nesse sentido que digo que ele é a palavra de Deus. Através dele você escuta a palavra de Deus. Veja bem, se você conserva o rosto como o objeto do fotógrafo, nesse caso você tem um objeto como qualquer outro. Mas se, ao contrário, você atribui ao rosto essa responsabilidade e diferença, essa estranheza do outro e sua miséria, se o rosto se oferece à sua misericórdia e à sua obrigação, então é um rosto. Percebe? Consequentemente sou obrigado a descrever algo que pode se oferecer como forma entre outras formas. Posso olhar seu rosto desviando o olhar, elevando o significado do seu rosto. Mas posso me deixar, ao contrário, responder, somente responder, a essa responsabilidade, ao seu rosto. Responder à nudez, a estranheza, à exigência que há no rosto” (LÉVINAS, 2015, 37min23s).

responsabilidade, como se ele fosse único no mundo - amado (LÉVINAS, 2004, p. 291).

Lévinas (1988, 2004) considera que um dos elementos que nos une é a mortalidade e a possibilidade real que todos temos de abandono e desamparo. A morte nos impacta. Pode parecer que estamos mais “anestesiados” a partir dos noticiários impressos ou virtuais que mostram cruamente os instantes da morte de alguém, e também atores e atrizes distribuindo tiros e espadas em rostos não-identificáveis, que morrem como se tossissem. Ou também pelos números que nos impressionam, mas podem não nos tocar tanto quanto quando nos colocamos na posição de quem está para morrer, ou que vê a morte das pessoas à nossa volta. Para Lévinas (1988, 2004) as preocupações com a morte como de deixar ou ser deixado pelas pessoas amadas, de sofrer e assim por diante também nos define como humanos. Esta é tema caro a Heidegger (2005) que discute o termo ser-para-a-morte. Isto não significa uma visão pessimista do ser humano, mas uma compreensão de finitude. Para Lévinas (1988, 2004), naturalmente tememos também pela morte de outrem.

Diferentemente das premissas de que a existência dos seres vivos se dá por um processo de competição e agressividade, Maturana e Verden-Zoller (2004) afirmam que a emoção que essencial à vida é o amor. Pode parecer piegas e isto tem um motivo segundo tal autor e autora: vivemos em uma sociedade cujas culturas dominantes (ocidental eurocêntrica), elegendo radicalmente a racionalidade, diminui, menospreza e marginaliza o papel dos afetos e emoções na vida humana. Maturana e Verden-Zoller (2004) entendem que mesmo as decisões que consideramos racionais são emocionalmente fundamentadas.

Devido à limitação diante das emoções, geradas em nós por nossa cultura, temos sido, no mundo ocidental, geralmente incapazes de perceber como nossas emoções, fisiologia e anatomia se entrelaçam necessariamente como um aspecto normal e espontâneo de nossa ontogenia (história de vida individual), desde a concepção até a morte. Ademais, por causa dessa limitação cultural, temos sido particularmente incapazes de perceber que o amor - como emoção que especifica o domínio dos comportamentos que constituem o outro como um legítimo outro em coexistência conosco - é a emoção que fundamenta e constitui o domínio social como o âmbito comportamental em que os animais,

em convivência próxima, vivem em mútua aceitação (MATURANA, VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 222).

Assim, a alteridade remete à interdependência entre viver e o amor. O tema da amorosidade é discutido por Freire (2014, 2015, 2018), hooks (2000, 2001) e McLaren e Jandrić (2018) com distintas perspectivas mas em uma mesma direção: não se trata de um amor romântico, mas de um amor que nega as dominações e injustiças enxergando-as como formas de violência.

Aqui precisamos fazer uma ressalva, de considerar o outro enquanto categoria filosófica (o outro em relação a o que não sou eu) e a exterioridade do outro, adotando uma postura situada a partir de uma perspectiva latino-americana. Para nós isto significa entender Outrem que nem se quer era imaginado, e, partindo deste/a, tornando-o/a enquanto critério para a alteridade.

O Outro como outro *é alguém* que se manifesta em meu mundo como um ente, como um rosto, mas que ao mesmo tempo avança como o que está *mais além* do meu mundo em seu mundo, em seu secreto, no mistério. O Outro não pode ser compreendido do meu horizonte, porque vive em seu horizonte, desde sua liberdade, como exterioridade da ontologia e do sentido.

Bem, o Outro como outro *é* pessoa. O outro avança no mundo como *carne* igualmente, como unitariamente dado em uma realidade que é ao mesmo tempo palavra provocante, interpelação à justiça, carnalidade suplicante: “Tenho fome!”, exclama. Certamente não é apenas uma alma, não é só um corpo: *é alguém* que mais além do meu mundo me revela a realidade da ética (DUSSEL, 1974, p. 283, tradução nossa<sup>15</sup>).

Vale ressaltar que, segundo Plumwood (2002), a alteridade em seu sentido contra-hegemônico supõe expandir a Outridade não apenas para as relações humanas, mas suas mediações com o mundo que vivemos e a relação com outros seres. Godoy (2019),

---

<sup>15</sup> Do original: “El Otro como otro *es alguien* que se manifiesta en mi mundo como un ente, como un rostro, pero que al mismo tiempo se avanza como lo que está *más allá* de mi mundo en su mundo, en su secreto, en el misterio. El Otro no puede ser comprendido desde mi horizonte, porque vive desde su horizonte, desde su libertad, como exterioridad de la ontología y el sentido. Y bien, el Otro como otro es persona. El Otro se avanza en el mundo como *carne* igualmente, como unitariamente dado en una realidad que es al mismo tiempo palabra provocante, interpelación a la justicia, carnalidad suplicante: “¡Tengo hambre!”, exclama. No es ciertamente un alma sólo, no es un cuerpo sólo: *es alguien* que más allá de mi mundo me revela la realidad de la ética” (DUSSEL, 1974, p. 283).

propõe o termo Bem-Viver-Interespécies partindo do conceito de Bem-Viver (ACOSTA, 2016) e Estudos Críticos Animais (BEST, 2009 e ÁVILA-GAITÁN, 2017):

Este Bem-Viver iria para além da mera aceitação ou tolerância de uma espécie por outra, que se coloca como dominante, a construção de novas relações é complexa e envolve conflitos, contudo, pode também anunciar uma ética de solidariedade, empatia e alteridade, de Seres integrados e interdependentes que com respectivas diversidades precisam uns dos outros para existência, co-existência e bem-viver na Terra (GODOY, 2019, p. 66).

Focaremos neste estudo as relações humanas mediadas pelo mundo, mas abertos a esta outra proposição em relação a quem ou o que constitui Outrem.

Mesmo considerando a amorosidade como essência do humano também precisamos compreender as negações desta essência como o silenciamento de determinados grupos, imposições culturais e violências que retratam um panorama de desumanização, distanciamento ou particularização da humanização, bem como de suas buscas por superação. Neste sentido, Loos, Sant'ana e Rodriguez (2010) discutem a capacidade de resiliência que, ao invés de movimento exclusivamente pessoal, é compreendido como uma capacidade de superação também relacionada ao ambiente, aos chamados *suportes de resiliência* que estão para além do pessoal, da família e das pessoas próximas.

Araújo-Olivera (2014) apresenta o diálogo e a convivência como meio para assumir outrem como critério, ou seja, buscar situar-se a partir do lugar da vítima.

Neste jogo de contrários que fornece articulação e reprodução do sistema-mundo encontram-se os EUA (o mesmo, a totalidade em Dussel) e o OUTRO (conformando a exterioridade, isto é, os *Outros* são o restante dos povos e culturas). Neste dualismo, a cultura do *centro* se comporta como: branca (racista), heterossexualmente patuarcak (masculina, machista), judeu-cristã (em qualquer de suas versões, em que islamismo, budismo e outras formas de espiritualidade, como as africanas, ficam fora), fragmentarista e hierárquica (partições do mundo *real*), estabelecendo a separação entre o Deus (ou seja, o sagrado, superior), o homem (o humano, o inferior) e a natureza. Nessa hierarquia coloca-se o homem acima de todas as outras criaturas da Terra, conferindo-lhe o direito de intervir e controlar o curso dos acontecimentos na Terra. Considerando o proprietário da natureza, exerce domínio por meio da ciência e da técnica, com severas



consequências para o equilíbrio biológico e o desenvolvimento da vida (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p. 101).

Segundo Santos e Meneses (2010), há uma epistemologia dominante, “[...] que é contextual e que se assenta numa dupla diferença: a diferença cultural do mundo moderno cristão ocidental e a diferença política do colonialismo e capitalismo” (p. 16). Estes são os referenciais com os quais se construiu a chamada modernidade e com eles buscou-se a supressão de “todas as práticas sociais de conhecimento que contrariassem os interesses que ela servia” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 16).

Na mesma direção, Santos (2010) diz que o pensamento moderno ocidental se divide, de forma invisível, no universo “deste lado da linha” e universo “do outro lado da linha”. Este seria a base de um pensamento abissal: algo que é conhecido, próximo, real; e algo que é inexistente e sem relevância. Em cada um dos “lados”, predomina uma dicotomia: “deste lado” há uma busca por regulação/emancipação; e do “outro lado”, apropriação/violência. Tal separação foi consolidada a partir do colonialismo, com encontro com o chamado Novo Mundo. Santos (2010) situa a linha abissal, a partir das linhas globais criadas entre europeus (Tratado de Tordesilhas, entre Portugal e Espanha em 1494) e especialmente as *amity lines* (Espanha e França, em 1559, com o Tratado de Cateau-Cambresis). A discussão em torno dos habitantes destas terras, chega à compreensão de que os coloniais eram selvagens e sub-humanos, justificando assim, o sequestro, roubo, assassinato, escravização e aculturação.

Este pensamento está intimamente relacionado a uma epistemologia que se coloca como dominante de outras, a partir da *apropriação* (que envolve incorporação, cooptação e assimilação) e da *violência* (destruição física, material, cultural e humana). Observamos que se o conhecimento é contextual, ao eliminar o contexto dos conhecimentos (no caso, os conhecimentos “do outro lado da linha”) estes são descaracterizados, e se tornam inexistentes ou sem valor (para “este lado da linha”).

Com isso se consolida a dicotomia apropriação/violência, exercida nos anos que seguiram a invasão do continente americano (chamado Novo Mundo). O colonialismo então, partiu das próprias referências para estabelecer uma relação com o chamado Novo Mundo.

Segundo Bosi (1992):

A colonização não pode ser tratada como uma simples corrente migratória: ela é a resolução de carências e conflitos da matriz e uma tentativa de retomar, sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório (p. 13).

Tal dominação, no entanto, não acabou com a independência dos países que foram colonizados, pois não se trata unicamente da invasão, exploração e dominação de território e pessoas, mas de culturas. Esta dominação subjetiva, hoje realizada sem a presença dos invasores se dá de maneira mais sutil. Quijano (2010) nomeia este processo de colonialidade, enquanto continuação do colonialismo, onde havia presença física do invasor.

Colonialidade é um conceito diferente de, ainda que vinculado a, Colonialismo. Este último refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, noutra jurisdição territorial. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O colonialismo é obviamente, mais antigo, enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoura que o colonialismo. Mas, foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjetividade do mundo tão enraizado e prolongado (QUIJANO, 2010, p. 84)

O paradigma da modernidade dividiu e criou hierarquias nas sociedades e entre conhecimentos, e com isso, também proporcionou dominações e gerou hierarquias no campo da música. Santos (2011, p. 238) nos ajuda a melhor entender:

Ecos da modernidade estão presentes quando se estabelece um código de coleção que passa a ser tomado como referência absoluta para se dizer de um homem [e mulher] “instruído musicalmente”, “musicalmente formado”, “musicalmente educado”, “musicalizado”. São saberes que, por vezes, se confundem com estar informado ou ter uma erudição. Ecos da modernidade estão nas ideias de sucessividade e serialidade dos saberes musicais tomados como um conjunto universal e canônico. Ecos da modernidade estão na organização de programas de ensino que vão de um item a outro, tomando a música para ilustrar tópicos seguindo uma estrutura da matéria tomada como ideal, absoluta e correta (p. 238).

Mascarado atrás de questões como a música como uma língua universal, dicotomia popular e erudito, música de qualidade, padronização de um ensino sequencial em música, predominância do entender frente ao fazer, dom divino, talento inato e na evolução cultural (onde as culturas vão se aperfeiçoando no sentido de buscar a perfeição, a essência do belo) se escondem tensões sociais e culturais: de algumas que impuseram e se elegeram como dominante e o restante das culturas, desvalorizadas por um pensamento unificador. São temas já trabalhados por diversos/as autores/as, seja pelas denúncias e críticas, quanto pelos anúncios e possibilidades: Schroeder (2004, 2005) fala sobre mitos românticos, Queiroz (2004, 2017a, 2017b) sobre o epistemicídio musical, Barthes (2010) sobre a homogeneização em educação musical, Koellreutter (1990, 1997, 2017) sobre uma arte aplicada à vida e sobre criação de arte ser anterior ao ensino (padronização) musical e Small (1998b) sobre a música enquanto objeto, fruto de poucas e dominantes culturas musicais. Ainda sobre grande influência de um modelo conservatorial fundamentado no virtuosismo, perfeição inalcançável, estudo tecnicista, privilegiando uma cultura musical específica, a educação musical (enquanto parte da cultura de qualquer povo) resiste e é influenciada por este tipo de modelo. Conseqüentemente a formação inicial em educação musical, a educação musical nas escolas regulares, escolas (livres) de música e conservatórios continuam bastante atrelados a *uma* forma de fazer e pensar música, apartando-a de seus contextos, de suas filosofias e de sua essencialidade prática.

No tópico a seguir, traremos alguns conceitos e abordagens relacionados à educação musical que, identificando as hierarquizações e dominações presentes também no campo da música, se comprometem com transformações na sociedade.

## **1.2 Educação musical em proposições decolonialistas**

*Que é a arte: uma pergunta etnocêntrica*  
(CANCLINI, 1980, p. 7)

Começaremos apresentando o conceito de *musicking* (traduzido como “musicar”) de Christopher Small (1998a, 1998b) que revela a essencialidade *prática* da música. A partir das já conhecidas críticas sobre o modelo conservatorial de ensino musical, entendemos que tal conceito é de grande contribuição para educadores/as musicais institucionalizados (escolas de música, conservatórios, universidades, cursos, especializações e assim por diante). Também nos ajudará a apresentar outros conceitos e abordagens seguintes, como um tema principal de nossa pesquisa: educação musical. Afinal, o que é educação musical? Quando e onde há educação musical? Além destas perguntas, ao refletir sobre “para quem” e “para que” educar musicalmente, nos aprofundaremos nas “educações” musicais que intencionam valorizar o que é essencial ao ser humano: a amorosidade. Em outras palavras, aproximando do que compreendemos, junto a autores/a como Maturana, Verden-Zoller (2004), Brandão (2005) e Freire (2001a, 2001b, 2014, 2015), ser a vocação ontológica do seres humanos. Ser humano (“ser” enquanto verbo) é ir se tornando humano. Assim, nos amparamos em educadores/as musicais latino-americanos/as, que, identificando opressões que marcaram tão profundamente nossa história, refletem sobre a colonialidade (QUIJANO, 2010) que ainda nos condiciona e tem parte relevante na trama da educação musical em nossa sociedade.

Um destes conceitos é educação musical humanizadora que comporta uma infinidade de práticas musicais, que não se restringem aquelas com intencionalidade de ensino. Trataremos também de um termo voltado às práticas musicais coletivas (numa perspectiva acadêmica): Música Comunitária, a qual apresentaremos identificando sua origem – enquanto conceito – a partir da *International Society for Music Education* (ISME)<sup>16</sup>.

Por fim, apresentaremos duas abordagens que também nos ajudaram a propor, documentar e analisar a prática musical que foi vivenciada a partir desta pesquisa de doutorado: Música Geradora (MARTINS, Denise, 2015) inspirado no método de

---

<sup>16</sup> A Comissão de Ações em Música Comunitária foi fundada no âmbito da ISME em 1982, tendo o primeiro seminário independente em 1988. Derivada da Comissão de Educação de Amadores, esta mudou de nome para Comissão de Ações Extra-Escolares em 1976, e, finalmente, para Comissão de Ações em Música Comunitária em 1982. No idioma inglês: “*Education of the Amateur Commission*”, “*Out of School Activities Commission*” e “*Community Music Activities Commission*”.

alfabetização pedagogia dialógica de Paulo Freire; e *Empowering Song* (QUADROS, 2018a, 2018b) que nasceu a partir de experiências com pessoas encarceradas e refugiados, inspirado no teatro do oprimido de Augusto Boal.

Assim, esperamos, a partir da definição destes conceitos (*Musicking*, educação musical, colonialidade, educação musical humanizadora, música comunitária, música geradora e *empowering song*) estabelecer uma fundamentação teórica a qual intencionamos construir nossas práticas, tendo clareza que as práticas musicais não são isto ou aquilo, mas as múltiplas e concomitantes relações que vão se dando no contexto de uma prática musical são complexas, podendo ser até ambíguas e contraditórias.

Partimos então do conceito de música de Christopher Small (1998a, 1998b), que, para ele, é uma ação e nunca um objeto. A música sempre está inserida em uma prática, diferentemente do que a tradição da música clássica ocidental propõe. Nestas culturas, a obra musical parece manter um significado próprio (auto-contém), moldado pelo/a compositor/a, sem relação com seu contexto de apresentação. “O que é valorizado não é a ação da arte, a ação de criar, ou de exhibir, ou de perceber, ou de responder, mas o próprio objeto de arte criado” (SMALL, 1998a, p. 16, tradução nossa<sup>17</sup>). Com este pensamento da música isolada de seu contexto de produção, Small (1998a, 1998b) reflete sobre quatro ideias consequentes ou corolários, nas palavras do autor. O primeiro deles é aquele cuja apresentação musical não faz parte do processo criativo, sendo o/a intérprete e a interpretação apenas um meio pelo qual a música (objeto) chega até o/a ouvinte. A segunda considera que a apresentação é uma comunicação de “via única” onde o/a ouvinte não tem papel nenhum em construir o seu significado, apenas de recebê-lo. Como argumenta Small (1998a) este: “[...] é completo antes que se toque” (p. 16). Isso acaba sugerindo que a música acontece em um vazio social. Por se tratar de um processo individual no qual cada um consegue ou não receber por si os significados de determinada peça, a presença de outrem no mesmo espaço pode até se tornar um aborrecimento. Terceiro: nenhuma apresentação musical consegue ser melhor do que a

---

<sup>17</sup> Do original: “Lo que es valorado no es la acción del arte, la acción de crear, o de exhibir, o de percibir, o de responder, sino el mismo objeto creado de arte” (SMALL, 1998a, p. 16).

obra em si. E por fim, considerar que cada obra musical é autônoma, sem relação com algum acontecimento ou com conjunto de crenças religiosas, sociais ou políticas.

É entendendo a música sempre vinculada a prática que ele propõe o conceito de *Musicking* (musicar):

Musicar é tomar parte, de qualquer maneira, em uma atuação [performance] musical. Isso significa não só tocar ou cantar, mas também escutar, proporcionar material para tocar ou cantar – o que chamamos de compor – preparar-se para apresentar – praticar ou ensaiar – ou qualquer outra atividade que possa afetar a natureza deste encontro humanos que chamamos de uma atuação musical (SMALL, 1998a, p. 16, tradução nossa<sup>18</sup>)

Isso inclui tocar, cantar, dançar, ouvir uma música gravada, cantarolar junto a música que sai dos alto-falantes de um supermercado, e até carregar instrumentos (*roadie*) ou ser o técnico de luz de uma apresentação. Vale dizer que o conceito “musicar” (*musicking*) não é valorativo. Nas palavras de Small (1998b): “[...] é descritivo, e não prescritivo” (p. 9).

Outro aspectos defendidos por Small (1997a, 1998b) são: 1) tomar parte de uma ação musical é tão importante quanto *falar* em relação à nossa humanidade (o que nos torna humanos); 2) Seres humanos são dotados com a capacidade de musicar da mesma forma que a capacidade de falar.

Em acordo, Schroeder (2005) faz uma análise crítica sobre conceito de musicalidade presente na educação musical e mídias, trazendo temas recorrentes – em suas palavras “mitos românticos” – em musicalidade, como: talento, intuição e inatismo, corroborando com a crítica que apresentamos aqui:

[...] vimos que nessa construção do músico como um ser especialmente dotado, ele aparece como possuidor de algo denominado genericamente de “talento”, que possivelmente pode ser detectado pela presença de uma audição específica e de uma “intuição”, ou seja, um discernimento musical que independe de qualquer experiência prévia com música. Esse “talento”, que seria uma musicalidade precocemente madura, e tido, de modo geral, como algo inato, uma vez que se manifestou muito cedo nos músicos analisados. Um meio ambiente favorável seria, de

---

<sup>18</sup> Do original: “[...] es completo antes de que se toque” (SMALL, 1998a, p. 16).

acordo com essa concepção, apenas um disparador de potenciais inerentes ao indivíduo (SCHROEDER, 2005, p. 53).

Com isso nos distanciamos das proposições que consideram a música um fazer de poucos para muitos e damos ênfase às relações que se dão mediadas pelo conteúdo musical. Antes de aprofundar nestes temas a partir da educação musical humanizadora e música comunitária discutiremos sobre como o conceito de musicar reflete na educação musical.

A educação musical nesta investigação é compreendida como qualquer prática social em que se aprenda música, de forma sistemática ou eventual, com intencionalidade de ensino ou não. Segundo Kraemer (2000)

A pedagogia da música ocupa-se com as relações entre as pessoa(s) e a(s) música(s) sob os aspectos de apropriação e de transmissão. Ao seu campo de trabalho pertence toda a prática músico-educacional que é realizada em aulas escolares e não escolares, assim como toda cultura musical em processo de formação (KRAEMER, p. 51).

O aprendizado musical se dá nas aulas de música onde há alguém intencionalmente se propondo a ensinar conteúdos musicais e pessoas que estarão participando de forma sistemática; nas rodas de choro (sistemáticas ou eventuais) por processos de observação, imitação, exploração, por pessoas que estão tocando, cantando e daquelas que estão participando como espectadores/as; nos bailes (funks, de gala, sertanejos e assim por diante); nas cantigas de ninar; nos desenhos animados; nas brincadeiras musicadas ao pular corda e nas bandas de garagem. A educação (musical) é um processo que não está restrito à hora/aula. Um conteúdo ensinado por um colega sobre um novo ritmo, vai sendo assimilado, incorporado. Costumo ouvir de instrumentistas sobre “ter que deixar natural” e “estudar para fazer sem pensar”. Com isso, decorrente de uma prática social, muitas vezes o conhecimento musical pode parecer (somente aparentar) que este está se dando na solidão absoluta.

Sendo educação musical isto, não faria tanto sentido em se perguntar: para quem se destina a educação musical já que ela é um processo de todos/as. Reformularíamos a pergunta, para fazer sentido, a um tipo específico de educação musical, aquela feita com intencionalidade de ensino musical e institucionalizada. Para responder melhor a esta

pergunta, precisaremos considerar que há uma valorização discrepante entre o fazer musical de diferentes culturas, e há a imposição de algumas culturas (musicais) sobre outras. Assim, precisamos nos situar no contexto latino-americano onde processos de opressão nos marcaram tão profundamente sendo a desigualdade social, a fome e miséria, heranças atuais das exploração e relações desumanizadoras. Portanto, além de fundamental que as pessoas tenham acesso à educação musical que temos chamado de institucionalizada, também é fundamental refletimos sobre quais visões de educação musical são contempladas. A música também não pode ser utilizada para dominação de uns sobre outros? Assim, os/as educadores/as musicais que, identificando relações opressoras que marcaram seus povos, podem trazer suas experiências de resistência, reconhecimento da cultura popular, de seus modos e seus critérios de fazer musical, divergindo daqueles “dominantes”, e se colocando de maneira respeitosa em relação aos quase infinitos modos de se fazer e pensar música. Queiroz (2017a) fala de uma formação intercultural em música, enquanto erradicação de “epistemicídios musicais”. O mesmo educador musical afirma:

Conscientes de que a música não é uma linguagem universal, é importante ter a consciência de que os seus processos de transmissão – ensino e aprendizagem – também não são. Da mesma forma, sabendo e reconhecendo a existência de diferentes mundos musicais dentro de uma cultura, cada um com a sua importância e significado próprio, é preciso que a educação musical tenha processos de ensino e aprendizagem – dentro de qualquer contexto que vise a formação musical do indivíduo – que contemplem diferentes abordagens educacionais. Abordagens que devem ser adequadas a cada situação cultural e que consigam dialogar com os múltiplos contextos em que se ensina, aprende e vive música (QUEIROZ, 2004, p. 104).

A educadora musical guatemalteca Ethel Batres (2010) escreve sobre a padronização e homogeneização em educação musical. Parte das culturas populares e da diversidade latino-americana para uma decolonização da educação musical.

Da ferramenta à crença religiosa, os mesmos elementos de cultura que por princípio deveriam afirmar a liberdade e o domínio universal do homem [mulher] sobre o mundo afirmam a dominação de classes entre os homens [mulheres] e a perda da dimensão da história de que o homem é sujeito. (BRANDÃO, 2002, p. 43)



Consideramos as culturas populares (cultura popular como aquela que está ligada à vida cotidiana) nos aspectos voltados à resistência, diferentes metodologias, motivações, visões de mundo e processos de aprendizagem (SANTOS, 1991). No tópico 1.3 traremos algumas pesquisas como a de Fiorussi (2012) cuja prática social pesquisada foi a roda de choro e de Dutra (2019) que realizou sua pesquisa junto ao Coral Trovadores do Vale.

Na área de educação musical, sobretudo na contemporaneidade latino-americana, devido as circunstâncias históricas dessa região, tais como: colonização e colonialidade, invasão e apropriação cultural, referenciais epistemológicos distintos de outras regiões do planeta, percepção crítica da realidade e da necessidade de fundamentação de uma educação musical contextualizada e transformadora (das condições sociais, inclusive), alguns/mas educadores/as musicais e/ou estudiosos/as da área têm apresentado algumas denominações com intuito de chamarem a atenção para os conhecimentos em construção, os quais, a nosso ver, embora com denominações distintas, compartilham de pressupostos e proposições similares, incluindo, sobretudo, inspiração/fundamentação nos escritos do educador brasileiro Paulo Freire.

Nesse sentido, entramos em contato com recente literatura com a proposição *educação musical humanizadora*, observada em textos de Joly e Severino (2016), Galon *et al.* (2013), Dutra (2014), Ament (2015), Justino (2017), Arruda, Gonçalves Junior e Costa (2018), Martins, Joly e Gonçalves Junior (2018) entre outros apresentados no tópico 1.3 e 1.4. Outra denominação encontrada foi *música geradora* (MARTINS, Denise, 2015; MARTINS; GONÇALVES JUNIOR, 2017). E outros educadores/as musicais que também têm a questão humana como objetivo da educação musical, tais como Koellreutter (1990, 1997, 2017), Kater (1990, 1991, 1994, 1997, 2004) e Brito (2003, 2011, 2015), além dos materiais sobre Koellreutter (BRITO, 2011; BRITO, 2015) e artigos dele publicados e comentados por outros/as educadores/as em um volume especial dos Cadernos de Estudo: Educação Musical, organizado por Carlos Kater (1997).

De modo geral os conceitos assumem que a música não é privilégio de poucas pessoas. Compreendemos que o fazer musical é para todas as pessoas, em um movimento

de democratização do acesso à educação musical. Isto é necessário, pois se herdou-se de um modelo conservatorial<sup>19</sup> uma mitificação no fazer musical, onde este é considerado para pessoas eleitas, dotadas de algum dom divino ou habilidade hereditária, que permite que as pessoas façam música, deixando fluir, de dentro para fora, seus sentimentos e inspirações.

Segundo a Comissão de Ações em Música Comunitária da Sociedade Internacional para Educação Musical (*International Society for Music Education – ISME*) “todos têm o direito e a capacidade para fazer, criar, e gostar da própria música. Nós acreditamos que o fazer musical ativo deve ser encorajado e apoiado em todas as idades e todos os níveis da sociedade” (ISME, 2019, tradução nossa<sup>20</sup>).

A educação musical humanizadora busca ser acessível a todas as pessoas, acreditando que pode favorecer também a apreciação, expressão, comunicação e lazer. As pessoas podem querer aprender música, sem o objetivo de se tornarem instrumentistas e, mesmo assim, se beneficiar profundamente de uma ação em educação musical.

Segundo Galon *et al.* (2013), a educação musical humanizadora:

[...] é inerente ao ensino musical de excelência, ou seja, sem humanização não é possível desenvolver um ensino musical qualificado. Ambas não se separam, pois só o sujeito humanizado desenvolve sua autonomia, dialoga, pode ser um apreciador crítico, consciente de sua técnica, criativo, que ouve o outro, toca com o outro, aprende com o outro, aberto a experiências musicais e não apenas a informações musicais, autônomo de suas escolhas e produtor de cultura (p. 6).

Sobre este contexto de humanização, Brandão (2005) escreve:

O trabalho pedagógico mais importante de uma pessoa responsável por algum contexto de educação, não é ensinar tecnicamente o que sabe a quem não sabe. É criar cenários de respeito pleno pelo outro. Contextos interativos de aceitação sem limites das diferenças e de convite fraterno a um trabalho de criação partilhada e amorosamente emotiva de saberes,

---

<sup>19</sup> Sobre o modelo conservatorial, ver Queiroz (2017b).

<sup>20</sup> No original: “We believe that everyone has the right and ability to make, create, and enjoy their own music. We believe that active music-making should be encouraged and supported at all ages and at all levels of society” (ISME, 2019).

dentro do qual os diferentes participantes de uma *comunidade aprendente*<sup>21</sup> se sintam motivados a conviver-e-saber (p. 100).

A humanização não se trata apenas de uma oposição à desumanização, mas uma resposta a ela, uma forma de mudança:

A Humanização traz em seu bojo o diálogo, a experiência, a autonomia, a produção cultural, a crítica, a conscientização, enfim, a libertação de processos de desumanização que marcaram tão fortemente a América Latina (GALON *et al.*, 2013, p. 2).

Aprender música na perspectiva da educação musical humanizadora vai além do desenvolver técnicas e apreender conteúdos. Tal prática social tem a intencionalidade de propor relações humanas pautadas no respeito, na amorosidade, no diálogo. Sobre educação musical humanizadora, Severino e Joly (2016, p. 26) afirmam que “[...] as pessoas se educam na convivência, em colaboração, respeitando as individualidades e o sentido coletivo do grupo, incluindo o respeito à ética, à estética, à tolerância, à esperança, mediatizados pela música, seja ela qual for”. Estes são elementos que, ao invés de nos objetificar, nos humanizam, ou seja, contribuem para estabelecermos relações justas, em autonomia e respeito a outrem.

A educação musical então, sob a ótica humanizadora, seria uma educação voltada para o indivíduo e suas particularidades, e ao mesmo tempo para o coletivo, de forma colaborativa. Uma educação rica em conteúdos, mas que não se prende somente nesses conteúdos. Uma educação onde o professor ensina, mas também aprende; onde o aluno pode aprender, mas também espaço para ensinar. Ou seja, uma educação musical humanizadora é aquela onde através do respeito, do diálogo e de ações colaborativas, o educador musical apresenta a seus alunos os conteúdos musicais de maneira lúdica, fazendo relação com o dia a dia; e os alunos em contrapartida, podem se apropriar desses conhecimentos musicais para construir a sua própria individualidade, por meio da relação dele com a música, com o professor e com os outros alunos (SEVERINO; JOLY, 2016, p. 26).

---

<sup>21</sup> Comunidade aprendente, segundo Brandão (2005, p. 100), é “um nome bem melhor do que 'sala de aula' ou 'turma de alunos’”.

Com isso queremos enfatizar os elementos musicais das relações humanas. O envolvimento, o prazer de cantar e tocar, as amizades, as emoções são também partes essenciais a qualquer fazer musical. Dutra (2014), por exemplo, cita especificamente a relação da educação musical com a felicidade:

a felicidade e alegria em se ensinar e aprender música, no âmbito da sala de aula, talvez devesse ser o alvo de nossas principais discussões enquanto educadores musicais. Muitas vezes discutimos os objetivos da educação musical, falamos de técnica, de aquisição da linguagem musical, discutimos repertórios, maneiras de executá-lo, apreciação, criação musical, porém corremos o risco de deixar de lado a discussão que envolve talvez o motivo primeiro do sujeito escolher fazer música, a satisfação e alegria em tocar ou cantar (DUTRA, 2014, p. 103)

O que são humanizadoras ou desumanizadoras são as *relações* que vão se dando na prática musical. Tais relações estão em um emaranhado de relações, complexas, cujas significações são dinamicamente atribuídas durante o processo. A (des)humanização vai ocorrendo conforme as situações vão se estabelecendo.

Assim, entendemos que educação musical humanizadora é aquela que, identificando a hierarquização de culturas ideologicamente produzidas pelo eurocentrismo, hierarquização de pessoas umas sobre outras, de desumanização, de opressão e de tolhimento, *intencionam relações humanizadoras nas práticas em educação musical*, ou seja, valorizam o aspecto maior que constitui o ser humano: a amorosidade (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004; BRANDÃO, 2005; FREIRE, 2001a, 2001b, 2014, 2015). Nos contrapomos as ideias de que o ser humano se humaniza pela competição, pelo conflito, pela imposição de uns sobre outros ou sobre a exploração de outros seres.

O termo música comunitária vem sendo discutido em âmbito internacional acadêmico, mais intensamente nos eventos promovidos pela ISME. Tais encontros contam com a participação de educadores/as musicais de diversas partes do mundo, em sua maioria do continente Europeu. Do Brasil, ressaltamos a presença frequente de: Joel Barbosa, Magali Kleber, Ilza Zenker Leme Joly e Flávia Candusso.

É importante salientar que tanto a história do termo quanto a sociedade tem forte relação com o contexto europeu. Há uma certa dificuldade de delimitação do conceito, por já ocorrerem ações com nomes diferentes ou “sem nome”. É o caso de práticas

musicais coletivas exercidas por Organizações Não-Governamentais (ONGs), grupos musicais etc. Higgins (2012) fala de uma “atitude” específica para com a Arte, de forma que compreendo não ser apenas a configuração do grupo, a música que faz ou onde faz, mas as bases que sustentam este trabalho: as intencionalidades, os objetivos, a metodologia, etc. Higgins (2010) considera que é um conceito aberto e plural, por buscar abarcar a diversidade e complexidade de ações em música comunitária, mas que essa abordagem demasiadamente aberta nem sempre é satisfatória. Para Higgins (2010), a música comunitária:

[...] pode ser entendida como uma abordagem de prática musical ativa e de conhecimento musical fora de situações de ensino e aprendizagem formais. [...] é uma intervenção intencional, envolvendo líderes musicais habilidosos que orientam experiências de práticas musicais em grupo. Há uma ênfase na participação, no contexto, em oportunidades igualitárias e em diversidade. Os músicos que atuam nesse campo procuram criar experiências práticas musicais relevantes e acessíveis para os participantes que escolhem estar no grupo (p. 9).

Higgins (2012) também destaca a relação entre música comunitária e educação libertadora de Paulo Freire (também chamada de pedagogia dialógica) ao tratar de democracia cultural e ao falar dos/as musicistas comunitários enquanto facilitadores/as de práticas musicais:

Essa ambição cultural e política oscilou em torno do surgimento do empoderamento através da participação e ressoou fortemente com a abordagem de Paulo Freire (1985, 2002; Freire e Faundez, 1989<sup>22</sup>) de educação libertadora (p. 32, tradução nossa<sup>23</sup>).

Deve-se mencionar também o trabalho de Paulo Freire, que atacou o conceito “bancário” de educação, enquanto defendia conceitos de aprendizagem reflexiva ao longo da vida não regidos por currículos estabelecidos (p. 147, tradução nossa<sup>24</sup>).

---

<sup>22</sup> As citações feitas por Higgins referem-se as obras de Freire (2001b, 2014) e Freire e Faundez (2017).

<sup>23</sup> Do original: “This cultural and political ambition oscillated around the emergence of empowerment through participation and strongly resonated with Paulo Freire’s (1985, 2002; Freire and Faundez, 1989) approach to liberatory education” (HIGGINS, 2012, p. 32).

<sup>24</sup> Do original: “One should also mention the work of Paulo Freire, who attacked the 'banking' conception of education while championing concepts of reflexive lifelong learning not governed by set curricula” (HIGGINS, 2012, p. 147).

Isto para dizer que música comunitária é um conceito acadêmico internacional que também se vale de aportes oriundos da pedagogia dialógica. Segundo Higgins (2010), em música comunitária “Há uma ênfase na participação, no contexto, em oportunidades igualitárias e em diversidade. Os músicos que atuam nesse campo procuram criar experiências práticas musicais relevantes e acessíveis para os participantes que escolhem estar no grupo” (p. 9). Quando então, fala-se da participação em música comunitária ou na diversidade, sabemos que partilhamos, ao menos num primeiro momento, finalidades da educação (musical) concordantes.

Quadros (2018a) entende que certas concepções de educação musical ligadas a correntes mais acadêmicas da área acabam sendo baseadas em concepções músico-normativas, ou seja, cujas habilidades e conhecimento estão à serviço da produção de artefatos sonoros. Considerando que este propósito não serviria bem (apesar de haver ótimos trabalhos realizados com esta perspectiva) a uma educação musical realizada em outros contextos como os espaços de restrição e privação de liberdade, trabalho com refugiados ou populações economicamente empobrecidas e socialmente marginalizadas, a educadora musical Emily Howe e os educadores musicais André de Quadros e Jamie Hillman elaboraram uma abordagem em educação musical inspirada pelas propostas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal e outras abordagens de teatro comunitário. Nomeada *Empowering Song* (QUADROS, 2018a; 2018b) esta abordagem é baseada na improvisação, trabalho vocal, poesia, composição de canções e conexão com as artes visuais, dança e teatro. Conforme definição de S.<sup>25</sup>, um dos participantes:

O Empoderar Cantante[...] vai além da canção mas começa com a canção, como deveria. Tudo tem movimento [...] O vento, folhas, oceano, pássaros, vozes, até o fogo tem uma canção [...] Na nossa canção tem um uma ligação de comunidade, mas mais importante uma conexão com nossa humanidade (QUADROS, 2018b, p. 191, tradução nossa<sup>26</sup>).

---

<sup>25</sup> Nome suprimido do/a participante conforme artigo de Quadros (2018b).

<sup>26</sup> Do original: “Empowering Song [...] extends beyond song but begins with song, as it should. Everything has movement [...] The wind, leaves, ocean, birds, voice, even fire has a song [...] In our song there is a bonding of community, but more importantly a connecting to our humanity” (QUADROS, 2018b, p. 191).

Outra abordagem que também nos ajudou a propor, analisar e pensar a prática musical desenvolvida no âmbito deste trabalho foi a Música Geradora, elaborada com inspiração no método Paulo Freire de alfabetização de adultos. Segundo Freire (2001a):

O nosso grande desafio, por isso mesmo, nas novas condições da vida brasileira, não era só o alarmante índice de analfabetismo e a sua superação. Não seria a exclusiva superação do analfabetismo que levaria a rebelião à inserção. A alfabetização puramente mecânica. O problema para nós prosseguia e transcendia a superação do analfabetismo e se situava na necessidade de superarmos também a nossa inexperiência democrática. Ou tentarmos simultaneamente as duas coisas (p. 102).

Para isso, Freire (2001a) propôs quatro etapas: 1) Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará, através de encontros informais buscando captar os vocábulos mais carregados de sentido existencial e portanto, emocional e os dizeres locais; 2) Escolha das palavras com base na pesquisa anterior considerando a riqueza fonêmica, dificuldades fonéticas e teor da palavra, a isto se dá o nome de *palavras geradoras*, pois é a partir delas que decompostas em seus elementos silábicos, propiciam por combinação desses elementos a criação de novas palavras; 3) Criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar para discussão inclusão das palavras selecionadas; 4) Elaboração das ficha-roteiro a ser utilizadas pelos/as coordenadores/as de debate; 5) Elaboração das fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.

Para Denise Martins (2015) a Música Geradora enquanto práxis musical dialógica intercultural se constituiu em levantamento (procedimentos de intervenção: questionários, entrevistas, reuniões) e desenvolvimento (encontros, partitura, viagem, apresentação) enquanto momentos equiprimordiais e inter-relacionados:

Quando nos propusemos a investigar uma prática musical intercultural no PEF [Projeto Escrevendo o Futuro (PEF): (Re) cortando papéis, criando painéis], tomamos noção de que era preciso saber quais músicas faziam parte do mundo-vida das pessoas que participavam dessa prática; a “música geradora”, a qual, depois de levantada foi investigada e problematizada (p. 144).

Em sua tese de doutorado, Denise Martins (2015) apresentou a trajetória que

realizaram para a construção coletiva do conteúdo das aulas de música, tendo como base as músicas que os/as estudantes conheciam e gostavam.

No âmbito da prática musical coletiva, apresentamos conceitos que estão em sintonia. Ao falarmos de musicar (*musicking*), educação musical, educação musical humanizadora, música comunitária (*community music*), empoderar cantante (*empowering song*), estamos ressaltando (e assumindo) uma postura de respeito aos saberes e culturas das pessoas envolvidas, entendendo-as como hierarquizadas, porém trabalhando para que tais hierarquias se dissolvam, tornando-as igualmente relevantes. Que possamos valorizar novos aspectos ao se fazer música, ao ir apreendendo outras culturas. Que as pessoas se sintam acolhidas e possam aprender a fazer música em um viés de colaboração ao invés de competição, expressão ao invés de preparação, de prática ao invés de objeto, de doação ao invés de penitência, de diálogo ao invés de imposição, de criação ao invés de execução (executar enquanto “tirar a vida” de algo a que atribuiu-se vida própria, como a composição musical de determinada pessoa), de resistência ao invés de convivência e resiliência ao invés de conformação.

Portanto, dependendo da maneira como a ação musical é desenvolvida, pode criar possibilidades para a transformação. Isto está atrelado principalmente à maneira como a prática é conduzida e as relações que se dão entre as pessoas envolvidas nestas práticas, sem desprezar a qualidade do que se faz.

### **1.3 Processos educativos decorrentes de práticas musicais coletivas**

Destacamos consistente produção de teses e dissertações relacionadas à educação musical na linha Práticas Sociais e Processos Educativos (PPGE-UFSCar). Os/as pesquisadores/as partem de uma base comum para a realização de seus trabalhos, acreditando que este é momento também de educar e educar-se.

O processo de pesquisar também é um processo de permitir pesquisar-se. O movimento que busca compreender, ampliar o conhecimento sobre o mundo, transformando-o, é também movimento que busca compreender a si mesmo, num reencontro com sua humanidade, com seres humanos, seres no mundo. Processos educativos dialógicos que se dão nesta prática não são um simples trocar de ideias: são um encontro de seres humanos, um ato de criação. Para que esse encontro ocorra, insistimos em dizer, é necessário um profundo amor ao mundo, à vida e



aos seres humanos; reconhecimento dos seres humanos como seres inacabados, inconclusos; humildade, ser capaz de sentir-se e saber-se tão ser humano quanto os outros seres humanos (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 129).

Afetar-se neste caso não traz malefícios à pesquisa, mas é condição essencial para uma pesquisa que busca transformação. Ao se inserirem em práticas sociais marginalizadas<sup>27</sup> buscam compreender *situações* ou *pessoas em situações* com quem as vivencia. Neste sentido, não há neutralidade ao pesquisar.

O(A) pesquisador(a) não é externo(a) ao fenômeno estudado, pois sua motivação para conhecer e seu interesse partem de engajamento ao objeto de estudo. Esses interesses movem aqueles(as) que, com seu trabalho, procuram interferir na realidade e, nela, buscam compreensões acerca de processos humanos (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p.119).

Na dissertação **“O percurso formativo musical de três professoras: o papel da música na formação inicial e na atuação profissional”**, Diniz (2006) teve por objetivo discutir e caracterizar a formação musical de três professoras licenciadas em Pedagogia, destacando o papel da etapa inicial (curso de graduação) dentro deste percurso formativo profissional docente. Por meio de entrevistas semi-estruturadas e utilizando o método analítico descritivo foram criadas cinco categorias: Formação artístico-musical na fase do pré-treino; formação musical específica; formação musical inicial; formação pedagógico-musical complementar; e iniciação à docência. A interpretação dos dados vislumbrou que a formação musical inicial é apenas uma das etapas do percurso formativo, a qual fornece as bases teóricas e metodológicas necessárias para que as professoras comecem a ensinar e para que busquem a formação musical permanente e contínua. Estas pesquisas contribuem para a reflexão acerca do/a educador/a musical e suas trajetórias, formando-se ao longo da vida não só nos “conteúdos”, mas no “como fazer”, nas sensibilidades necessárias a quem deseja educar para a autonomia para a libertação.

Joly (2007) realizou sua pesquisa **“Convivência em uma orquestra comunitária: um olhar para os processos educativos”** com a Orquestra Experimental

---

<sup>27</sup> Grupos que estão à margem social: negros, indígenas, mulheres, homossexuais, pessoas economicamente empobrecidas, pessoas em privação de liberdade, socialmente invisibilizadas, desqualificadas e subestimadas.

da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), criada em 2001, fruto de trabalho de musicalização iniciado em 1989, que atendia a comunidade universitária e a comunidade da cidade de São Carlos e região, interior de São Paulo. A pesquisadora destacou como pontos significativos a riqueza das trocas de saberes presentes em uma orquestra cujo cotidiano se mostra atento tanto aos resultados musicais como também ao envolvimento e crescimento pessoal de seus participantes. Neste sentido, considero que tal prática se aproxima da música comunitária ao compreender que nela se assume uma atitude específica com as pessoas que dela participam. A Orquestra é aberta à comunidade, gratuita, agrega pessoas de diferentes gerações e diferentes níveis técnicos no instrumento musical. Por quatro horas semanais, as pessoas se reúnem e fazem música, aprendendo umas com as outras.

Também com a Orquestra Experimental da UFSCar, Sanchez (2009) realizou sua pesquisa de mestrado **“Dança e música: por uma educação humanizadora em prática musical coletiva”**, buscando discutir como a vivência e reflexão de atividades em dança podem contribuir para a percepção de si mesmo, do outro e do significado da prática musical em contexto de Orquestra Comunitária de modo a se constituir em uma Educação Humanizadora. Foram realizadas rodas de conversa e sete intervenções que adotaram a Metodologia de Ensino Arte no Contexto/Dança. A exemplo de outros/as pesquisadores/as, Sanchez (2009) destaca a escuta e o diálogo com outrem como pontos valorizados no decorrer da pesquisa. Diz a autora que foi preciso “re-ver, re-escutar, re-pensar, re-considerar e re-avaliar concepções, valores e dcertezas na busca pela coerência entre o que se vive fora e dentro da pesquisa” (p. 126). Os aspectos considerados mais relevantes foram: reconhecimento do espaço pessoal e da sua relação com o espaço coletivo, ampliação do significado da prática musical para além dos interesses e motivações individuais, extensão das aprendizagens geradas para a vida, conscientização da importância dos silêncios, das pausas, dos gestos, dos olhares, percepção das sutilezas, semelhanças e diferenças existentes entre seres humanos, percepção da responsabilidade individual e no grupo, valorização da singularidade e da diversidade humana.

Targas (2009) desenvolveu sua pesquisa em uma escola da rede municipal de ensino, em um bairro da periferia de São Carlos, interior de São Paulo. Teve como objetivo da intervenção possibilitar o diálogo entre culturas musicais diferentes,

valorizando a interação entre essas diferenças; estimular a interação entre os participantes do grupo e a troca de experiências de vida, bem como experiências musicais. O objetivo da pesquisa foi observar, descrever e analisar os processos educativos decorrentes da convivência com o grupo, bem como analisar de que maneira a música contribui nesse processo. Intitulada **“Canções, diálogos e educação: uma experiência em busca de uma prática escolar humanizadora”**, a pesquisa apontou que o recorte das canções contribuiu no sentido de favorecer o diálogo entre as diferentes referências culturais e musicais presentes no grupo, numa perspectiva de valorização e respeito à diversidade e singularidade.

Em **“O despertar do músico para a educação musical: limitações e expectativas de sua atuação na sociedade”**, Silva (2011) buscou descrever e analisar as forças e fragilidades em ambas as profissões, compreender como a família e a sociedade os reconhece e de que forma estes profissionais se conscientizam do seu papel social. Além disso, compreender quais práticas sociais e acadêmicas favorecem o despertar do músico rumo à educação musical. Para isso foram realizadas entrevistas com quatorze formandos ou egressos do curso de Licenciatura em Música da Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP. Os resultados apontam que a descoberta da educação musical pelos músicos se dá em decorrência da experiência positiva, do envolvimento com o trabalho, e do vínculo que estabelecem com seus alunos.

Fiorussi (2012), em sua pesquisa denominada **“Roda de Choro: processos educativos na convivência entre músicos”**, teve por objetivo descrever e compreender os processos educativos decorrentes das interações entre músicos de uma “Roda de Choro”<sup>28</sup> para perceber como ocorrem, dialogicamente as trocas de experiências, de olhares, de gestos e como decorrem dessas ações os processos educativos. Esse pesquisador aprofundou os estudos em um espaço de convivência onde se encontram pessoas de diferentes idades, classes sociais, sexos, profissões, com finalidade de tocar e/ou ouvir juntos *choros* e outros ritmos da música brasileira. Percebeu então que aprendizagens acontecem com constância e as experiências de cada um se somam e são

---

<sup>28</sup> Roda de Choro é uma prática musical coletiva, onde as pessoas se encontram para tocar músicas de um repertório popular brasileiro (FIORUSSI, 2012) denominado choro, um gênero que abarca diversos ritmos de influencia africana e europeia, tais como maxixe, polca, e assim por diante.

compartilhadas. Dos aspectos mais relevantes levantados por essa pesquisa, um deles diz respeito aos processos educativos que trazem as possibilidades de ampliação de consolidação da cultura, da memória, da expressão, do diálogo, da arte, do olhar, do sentir, do parar, da intergeracionalidade, do resgate da história, da generosidade, do respeito, do ouvir a si e ao outro. Assim como no projeto VADL-MQF, ou na Orquestra Experimental da UFSCar, as pessoas que se reúnem para fazer música em uma roda de choro nem sempre o fazem com a mesma intencionalidade. Tocar melhor seu instrumento, ampliar o repertório, encontrar amigos/as, conhecer gente nova, se divertir etc. são alguns possíveis objetivos ao participar de um grupo de música comunitária.

Também com participantes do PIBID, Severino (2014) acompanhou um grupo de licenciandos em música que atuavam nas escolas públicas. Intitulado “**Formação de educadores musicais: em busca de uma formação humanizadora**”, foram construídos diários de campo e elencadas habilidades e atitudes necessárias para que o/a educador/a agisse sob uma ótica humanizadora e realizadas intervenções, dinâmicas e estudos com estes licenciandos. Os dados apontaram para os desafios e potencialidades da formação docente para humanização; e um “ciclo de vida” da atuação docente com base nas pesquisas realizadas por Michaël Huberman. Me sinto próximo de ambas as pesquisas por ter atuado neste programa junto às pesquisadoras, mas destaco a importante contribuição com o referencial de educação musical humanizadora no contexto de formação de professores/as.

Dutra (2014) realizou sua pesquisa “**Por uma educação musical humanizadora: o ensino coletivo de música a várias mãos**” em um dos polos do Projeto Guri, um programa sociocultural mantido pelo Governo do Estado de São Paulo. O polo de Batatais oferecia gratuitamente o ensino coletivo de música para crianças e adolescentes de 6 a 18 anos. Um dos aspectos ressaltados por Dutra (2014) é de que não há educação ou educação musical sem o outro, sem que haja uma relação de convívio e compartilhamento de saberes. O que valoriza os processos educativos humanizadores é justamente o encontro intersubjetivo entre sujeitos e sujeitos, sujeitos e pesquisador. Para este pesquisador a grande aprendizagem veio por meio de uma escuta e um olhar atento às vozes e aos fazeres musicais de seus colaboradores. As crianças e jovens mostraram nas suas ações, nas relações intersubjetivas os principais aspectos dos processos

educativos vivenciados no decorrer da pesquisa. São eles: a colaboração, o aprendizado coletivo, os diálogos verbais e musicais, a importância em ouvir o outro, a criação musical, a tomada de decisões, a satisfação e alegria em ensinar e em se reunir para fazer música, o desentendimento e a busca por soluções, o expressar de opinião. Sendo a educação cuja essência está nas relações, o ensino que se propõe coletivo valoriza tais potencialidades: de aprender com outrem, especialmente valorizando a troca entre educandos.

Como tese de doutorado intitulada “**Cantos, danças, rodas e resistência na comunidade Trovadores do Vale**”, Dutra (2019) defendeu que o Coral Trovadores do Vale produz processos educativos para o próprio Vale, mas também para fora dele. Este Coral foi fundado em 1970 na cidade de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais por Frei Chico (um frei franciscano holandês) e participação das pessoas da comunidade. Tendo em vista a questão de pesquisa, “Que processos educativos são gerados a partir da prática social Coral Trovadores do Vale – Vale do Jequitinhonha – MG?”, Dutra (2019) chegou às seguintes categorias temáticas: a) suas músicas e versos e o Coral enquanto uma comunidade (Música e Versos na Comunidade Trovadores do Vale); seu nascimento (Eventualização de um Coral); sua história desde 1970 até seus frutos atuais (História, Resistência e Fecundidade). Tais categorias estão vinculadas a processos educativos do Coral em três perspectivas: o Coral ensina para seus próprios integrantes; o Coral ensina para o próprio Vale; o Coral ensina para além do Vale. Dentre os processos educativos, Dutra (2019) destaca: a convivência, solidariedade, a participação democrática, a superação de problemas diante da vida, a manutenção da cultura, a conscientização, o canto para *ser mais*, a resistência e o reenraizamento.

Denise Martins (2015) realizou sua pesquisa “**Desvelando para ressignificar: processos educativos decorrentes de uma práxis musical dialógica intercultural**”, no projeto de extensão universitária “Escrevendo o Futuro - (Re) cortando papéis, criando painéis”, na cidade de Ituiutaba, interior de Minas Gerais. Tal projeto envolveu três instituições: Universidade do Estado de Minas Gerais, Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade, e a escola de educação básica, Escola Estadual Governador Bias Fortes. A análise dos dados levantados na intervenção e registrados em diários de campo possibilitou a construção das seguintes categorias: a) Fortalecimento da

Identidade: “Nossa, ele é forte, é o Zumbi, guerreiro negro igual nós!”; b) Respeito ao outro: “Eu tava sentindo muito à vontade para tocar música!”; c) Desejo de ser mais: “Quando esse projeto entrou, mudou a minha vida inteirinha [...]. Agora fiquei só nas música!”. Com inspiração na Fenomenologia, as entrevistas, fotos, filmagens, desenhos e textos escritos pelos/as participantes colaboradores/as da pesquisa também fizeram parte dos dados coletados. Além dos já citados referenciais teóricos, compartilho com a autora deste trabalho a inspiração fenomenológica e diversas escolhas metodológicas para esta pesquisa como a elaboração dos diários de campo para coleta de dados; e a análise ideográfica e nomotética com criação de categorias *a posteriori*, na análise de dados. Também, em tal trabalho a autora apresenta o conceito de música geradora, apresentando a trajetória que realizou para a construção coletiva do conteúdo das aulas de música, tendo como base as músicas que os/as estudantes conheciam e gostavam.

Galon (2015) realizou pesquisa **“Criação musical coletiva com crianças: possíveis contribuições para processos de educação humanizadora”** no projeto social Tocando à Vida, na cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, que oferece aulas coletivas gratuitas de instrumentos musicais para crianças de 6 a 13 anos. Um dos aspectos apontados por Galon (2015) foi de que a pesquisa qualitativa não tem a pretensão de uma neutralidade científica, mas que esse fator não reduz sua qualificação. Diz ainda a autora que esse tipo de pesquisa proporcionou a ela um modo específico de olhar e ver o mundo. A partir da leitura do material se realizou a categorização dos dados resultando nos seguintes temas: a) Conflito e competitividade; b) Diálogo; c) Autonomia e comprometimento; d) Convivência, partilha e colaboração; e) Musicalidade criativa; f) Transformação. E a autora conclui que os processos de criação coletiva, desenvolvidos no decorrer da pesquisa, ampliaram as possibilidades de desenvolvimento humano das crianças envolvidas, possibilitando um fazer musical mais significativo, essencial e possível.

A pesquisa de Ament (2015) intitulada **“O PIBID na formação de educadores musicais: reflexões sobre os processos educativos na construção da identidade profissional”** buscou aprofundar conhecimentos sobre qual a influência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na formação de Educadores Musicais e na construção de sua identidade profissional considerando o programa, um

dos principais incentivadores da docência e que proporciona parcerias entre escola e universidade em um processo de construção conjunta para a formação do licenciando. Foi realizada uma análise documental e entrevistas com três pessoas que se formaram em licenciatura em Música e que participaram do PIBID, para saber quais foram as aprendizagens mais significativas durante a participação no PIBID e o que essa experiência auxiliou na construção de suas identidades profissionais. A análise dos dados foi feita a partir de três categorias de análise: aprendizagens da docência, possíveis estratégias metodológicas criadas por eles mesmos na escola e compreensões sobre a identidade profissional de cada um.

Apresentei em 2016, minha pesquisa de mestrado intitulada **“Prática musical coletiva na Orquestra de Metais Lyra Tatuí: contribuições para o desenvolvimento humano”** (ARRUDA, 2016) , junto à Orquestra de Metais Lyra Tatuí (Lyra Tatuí), um grupo criado e mantido pelo trabalho voluntário do músico Adalto Soares e da musicista Silvia Zambonini, trompista e percussionista, respectivamente. O projeto criado em 2002, acontecia na cidade de Tatuí, interior de São Paulo e contava com aproximadamente 80 integrantes entre os 5 aos 24 anos que aprendiam a tocar instrumentos de metal e percussão, através de uma prática musical coletiva. O grupo tinha como objetivo inicial ensinar música para as crianças e adolescentes que estudavam na escola pública da cidade. Os encontros para o desenvolvimento da pesquisa aconteceram em três momentos diferentes: nos ensaios, apresentação musical e momentos de convivência mais intensa onde o pesquisador ficou hospedado na casa dos idealizadores da Lyra Tatuí. Os dados foram discutidos a partir das duas categorias: a) Humanização: em busca do *ser mais*; b) Aprendendo, ensinando e fazendo música. Arruda (2016) ressaltamos os aspectos que surgiram como mais significativos no caminho percorrido, muitos deles relacionados ao desenvolvimento de características relevantes para a convivência entre os sujeitos e o mundo. Dentre esses aspectos: saber escutar, amorosidade, respeito, compromisso, liderança, autonomia e cuidado afetivo.

Na dissertação de mestrado **“A educação musical e a promoção da pessoa: um estudo de caso em uma obra social”**, Corusse (2016) buscou investigar o desenvolvimento da promoção humana nos processos de ensino e aprendizagem de música no contexto da Obra Social Salesiana situada no estado de São Paulo. 1)

Identificar a significação atribuída pelos sujeitos da obra social ao processo de ensino e aprendizagem de música; 2) Identificar os meios pelos quais se estabelece a promoção da pessoa humana desenvolvida pela música; 3) Identificar os processos pedagógico-musicais desenvolvidos na instituição; 4) Analisar possíveis contribuições da educação musical no desenvolvimento da formação humana dos participantes da obra social. A partir da pesquisa foi possível entender a significação atribuída ao processo por parte dos membros da obra social, bem como a dinâmica de seu funcionamento. Aspectos como a disposição dos objetivos musicais e dos objetivos de promoção humana mostraram-se proeminentes, de modo que pôde ser concebido o conceito de visão redentora da promoção humana. Outros elementos importantes foram a compreensão da performance e das apresentações como meio de visibilidade da instituição e integração da família e a necessidade de articulação dos aspectos essencialistas e contextualistas do ensino de música. Por último, destacou-se também a necessidade de uma formação adequada para o profissional que atua neste ambiente.

Justino (2017) desenvolveu a pesquisa de mestrado intitulada “**Educação musical humanizadora: uma experiência com crianças no campo da educação não formal**” com crianças de 7 a 12 anos de idade participantes do Programa Curumim na unidade do SESC na cidade de Araraquara (interior de São Paulo). Teve como objetivo identificar possibilidades no desenvolvimento de processos educativos e musicais com crianças em uma perspectiva da educação não formal, valorizando uma práxis dialógica entre crianças e pesquisadora. Apresentou como resultado a importância do diálogo como meio para construção de uma leitura de mundo autônoma, e como elemento motivador para a construção de proposições conjuntas entre crianças e educadores.

Pino (2018) apresentou a dissertação “**Minha vida é o Rock and Roll: processos educativos na prática social do Rock entre músicos da cidade de São Carlos**”, tendo como objetivo estudar e compreender os processos educativos da prática social do por meio das trajetórias de vida de músicos de Rock da cidade de São Carlos. Através da história oral dos músicos, Pino (2018) desvelou processos educativos relacionados às aprendizagens musicais e os que possibilitaram que os músicos pudessem ter uma vida com mais plenitude, contemplando aspectos das relações humanas e da vida de maneira geral. Aspectos como a importância da família como mediadora de processos educativos



musicais e humanos, assim como a escola e as aprendizagens no interior do grupo de amigos surgem de maneira efetiva na vida desses músicos como decorrência da prática social no ambiente do Rock.

É possível destacar então que palavras como convivência, diálogo, compromisso, colaboração, fortalecimento da identidade, respeito ao outro, partilha, autonomia, diálogos verbais e musicais, tomada de decisões, satisfação e alegria em ensinar e em se reunir para fazer música, desentendimento e a busca por soluções, expressar de opinião, entre outras foram as mais constantes nas pesquisas estudadas.

#### **1.4 Lazer e educação musical**

Neste tópico pretendemos apresentar discussão sobre o lazer com base em autores/as como Marcellino (2010), Marinho e Pimentel (2010), Gonçalves Junior (2008), Melo (2003), Gutierrez (2001), Gomes e Elizalde (2012), Bramante (1998) e Dumazedier (1999, 2000). Discutiremos alguns elementos caros aos/às estudiosos/as do lazer como trabalho, tempo-espço, atitude e suas finalidades, para, ao final deste item, apresentar interfaces com a educação musical, especificamente com os conceitos de música comunitária, musicar (*musicizing*) e educação musical humanizadora.

Primeiramente faremos algumas ressalvas sobre o exercício de conceituar. Para Gomes e Elizalde (2012) os conceitos são representações da realidade material/imaterial, não equivalem à realidade (são um mapa, não o território), precisam ser contextualizados pois não são universais, são dinâmicos, estão em um estado de inacabamento, não são neutros nem objetivos e podem gerar diversas interpretações. A tentativa de uma conceituação do lazer está embasada nestas premissas, contextualizada também a partir do projeto VADL e com vias de estabelecer uma relação com a educação musical. A relevância disto está principalmente em elucidar e evidenciar relações estabelecidas com algo, apresentando perspectivas, já se constituindo como um movimento importante de reflexão sobre a prática.

Na busca por compreender o conceito “lazer”, alguns/mas estudiosos/as encontram sua origem na Grécia antiga ou na modernidade europeia, entretanto:

Elas colaboram com a manutenção de uma lógica evolutiva e linear que define os tempos, as histórias, as culturas e as práticas de todas as

realidades e de todos os povos que, por sua vez, devem almejar o modelo ocidental – urbano, industrial e capitalista – como o ideal a ser alcançado para atingir um suposto progresso. Esse contexto foi importante para a produção de alguns conceitos mais elaborados sobre o lazer, vinculados principalmente à temática do trabalho produtivo. Mas um conceito não é o fenômeno, é somente uma representação da realidade que se pretende designar. Dessa maneira, o que “surgiu” na Europa do século XIX foi o conceito de lazer como contraponto do trabalho industrial capitalista. Essa compreensão vem predominando no Ocidente, mas não corresponde integralmente à realidade que o conceito busca representar (GOMES; ELIZALDE, 2012, p. 74).

Sem a intenção de fazer um estudo sobre a origem do conceito, ressaltamos os elementos discutidos tem como um dos critérios que estes sejam mais inclusivos do que excludentes. Preferimos portanto os conceitos que, independente de onde sejam, consigam contemplar aquilo que esteja à margem do pensamento hegemônico, deixado de lado (seja de forma não-intencional, num sentido de invisibilidade de tais grupos, ou de forma intencional, como a não-representatividade política). Na temática do lazer seria considerá-lo como prática das famílias empobrecidas, dos/as desempregados/as, desalentados/as (como se têm chamado aqueles/as não procuram empregos), moradores/as de rua, comunidades rurais, culturas indígenas, e assim por diante. Assim, um primeiro aspecto relevante para compreendermos o lazer é, como Marcellino (2010) e Gomes e Elizalde (2012) considerá-lo enquanto necessidade humana e dimensão da cultura.

Com isso, os conceitos de lazer que consideram como oposição exclusivamente ao **trabalho** profissional deixam de fora aqueles/as com os/as quais desenvolvemos atividades de lazer e outrem, supracitados, os quais é preciso contemplá-los/as. Ao conceituar o lazer, Dumazedier (2000, p. 31) considera-o em sua relação com o trabalho que vai além do profissional. São também trabalhos suplementares ou complementares, trabalhos domésticos, atividades de manutenção (refeições, cuidados higiênicos), atividades rituais ou cerimoniais de ordem familiar, social ou espiritual e atividades ligadas aos estudos interessados (círculos e cursos preparatórios de exame escolar ou profissional). Marinho e Pimentel (2010) afirmam que nem sempre o lazer foi considerado como oposto ao trabalho e, sobre este aspecto, entendem enquanto “estado de isenção de obrigações”. Consideramos que o termo “obrigações” extrapola os diversos

tipos de trabalhos, dando conta também de incluir a dimensão educativa intencional, seja via educação escolar seja familiar ou comunitária (como em diversas culturas originárias, por exemplo).

Partimos para outro tema que está relacionado com a dimensão das isenções momentâneas de obrigações: **tempo-espaço social**. Sobre este tema, Marcellino (2010) traz a visão de diferentes autores sobre a relação do lazer com tempo a partir dos conceitos de tempo livre e tempo disponível, afirmando que: “tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social” (MARCELLINO, 2010, p. 27), fazendo a opção por tempo disponível ao invés de tempo livre. Para Marcellino (2010), [...] a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no 'tempo disponível'“ (p. 29). Já Bramante (1998), em oposição a ideia de que “tempo é dinheiro” e que por isso o lazer se constitui como um não-trabalho e, portanto, tempo de não utilidade, conceitua o lazer da seguinte maneira:

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômico e influenciados por fatores ambientais (BRAMANTE, 1998, p. 9).

Chegamos então a um conceito de tempo que não é apenas onde se pode trabalhar e não trabalhar. Também busca uma concretude, uma existência, um contexto, de quem o sente e o percebe. No aspecto tempo, concordamos com Gomes e Elizalde (2012) ao afirmar que:

[...] a dimensão tempo é inseparável da dimensão espacial, e vice-versa, constituindo um tempo/espaço social. Tal compreensão salienta a relevância de problematizar as representações abstratas das categorias tempo e espaço. [...] O tempo/espaço social é produzido, portanto, como condição de possibilidade das relações sociais e da natureza, através da qual a sociedade, ao mesmo tempo que produz a si mesma, transforma a

natureza e dela se apropria, ou melhor, com ela interage. Assim sendo, o tempo/espaço é um produto das relações sociais e da natureza e constitui-se por aspectos objetivos, subjetivos, simbólicos, concretos e materiais, evidenciando conflitos, contradições e relações de poder (p. 84).

Esta não segmentação de tempo, espaço e quem o vive está para nós fundamentada filosoficamente na relação entre seres e mundo, subjetividades situadas em um mundo e em indissociável relação com outrem (intersubjetividade, em outras palavras, sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo). Portanto as pessoas não estão no espaço e no tempo, mas constituem e são constituídas nestes. Merleau-Ponty (1999) afirma

Enquanto tenho um corpo e através dele ajo no mundo, para mim o espaço e o tempo não são uma soma de pontos justapostos, nem tampouco uma infinidade de relações das quais minha consciência operaria a síntese e em que ela implicaria meu corpo; não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 194)

Outro elemento comum ao se falar de lazer é a **atitude** que se relaciona diretamente com o espaço/tempo, que produz e é produzido nas relações sociais. Dumazedier (2000) trata da atitude do sujeito em relação à atividade de lazer, considerando-a passiva ou ativa. A atitude ativa implicaria: 1) ao menos periodicamente, participação consciente e voluntária na vida social, no sentido de colocar-se em resposta a um grupo, 2) ao menos periodicamente, participação consciente e voluntária na vida cultural, se relacionando com os produtos da técnica, das ciências, das artes, por exemplo, e 3) "exige sempre um progresso pessoal livre pela busca, na utilização do tempo livre, de um equilíbrio, na medida do possível pessoal, entre o repouso, a distração e o desenvolvimento contínuo e harmonioso da personalidade" (DUMAZEDIER, 2000, p. 258).

Entretanto, acreditamos que a atitude não é puramente individual e livre. É importante considerar forças que contribuem para estas escolhas, para a atitude frente ao lazer. Melo (2003) traz alguns apontamentos sobre o trabalho em lazer com comunidades de baixa renda: comunidade desconfiada decorrente dos anos de abandono e de serem ludibriadas por políticos e projetos que buscam algum benefício em curto prazo;

violência geralmente ligada ao tráfico de drogas que exige um risco e um processo de negociação complexa para o desenvolvimento de algumas atividades; falta de recursos, e quando advindos de fundações e instituições privadas, estas geralmente buscam resultados imediatos incompatíveis com um trabalho de qualidade; a situação de pobreza da comunidade, exigindo maior cuidado e responsabilidade por parte do/a trabalhador do lazer. Marcellino (2010) faz alertas críticos: às visões funcionalistas, compensatórias, moralista e “romântica” que são atribuídas ao lazer; às influências da indústria cultural cujas motivações finais se resumem a geração lucro; e o “todo inibidor” (MARCELLINO, 2010, p. 52) que são variáveis relacionadas a fatores econômicos, sexo, faixa etária e níveis de escolaridade que inibem a prática ou acesso ao lazer. Estes se relacionam com a prática, ou melhor, com as inibições das práticas de lazer de forma que para ter acesso não basta o oferecimento da atividade, mas o oferecimento das condições propícias para uma participação efetiva de toda gente.

Assumimos, portanto, a **intencionalidade** como aspecto fundamental para o lazer de forma que não se trata de avaliar “de fora” os tipos de participação, mas compreender a partir de quem participa suas intencionalidades seja como pessoa realizadora, organizadora, mediadora ou espectadora da atividade.

Neste estudo, apesar de considerados os elementos *tempo, espaço e atividade*, é tido como fundamental o elemento *intencionalidade* na compreensão do lazer, ou seja, a intencionalidade quanto a que *atividade* fazer em seu tempo ao assumir um espaço distinto daquele do trabalho ou, quiçá, ter atitude autônoma nas práticas sociais lazer e trabalho, inclusive não fragmentando tais dimensões da vida enquanto *atividades e/ou espaços e/ou tempos estanques*. Implica, portanto, em uma escolha que depende do significado atribuído pelo sujeito ao lazer (e ao trabalho!), não desconsiderando, no entanto, o contexto social, que pode envolver pressão (de uns sobre outros) e desigualdades (entre uns e outros), conforme se dão as relações entre pessoas, grupos, comunidades, sociedades e nações, na cotidianidade do *sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo* (GONÇALVES JUNIOR, 2008, p. 58).

Até aqui, buscamos, até o momento, uma compreensão de lazer tratando de elementos considerados fundamentais para sua fruição. Assim, optamos por falar de obrigações ao invés de trabalho, tempo-espaço social ao invés de tempo, bem como intencionalidade ao invés de atitude. Entretanto, há outros entendimentos que apresentam elementos distintos como Gomes e Elizalde (2012) que elencam três elementos

fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo-espaço social. Sobre a ludicidade, também trazidas por outros/as estudiosos/as do lazer como Bramante (1998), Dumazedier (1999, 2000), Marcellino (2010), Gomes e Elizalde (2012) tal como segue:

É importante esclarecer que a ludicidade refere-se à capacidade do *homo ludens* - em sua essência cultural disposta a brincar, jogar, imaginar, compartilhar, desfrutar, rir e se emocionar - de elaborar, apreender e expressar significados. [...] Essa interpretação pode ser ampliada, pois as práticas culturais não são lúdicas em si mesmas: elas são construídas na interação do sujeito com a experiência vivida, o que pode abarcar diversas manifestações culturais (GOMES; ELIZALDE, 2012, p. 82).

Buytendijk (1977) também diferencia o jogo (aqui podemos considerar o cantar, tocar, musicar) do lúdico, e apresenta a ideia de *vaivém lúdico*. Trata-se do modo fluído de como as pessoas se envolvem em atividades lúdicas: tensão e relaxamento, submersão e emersão, envolver e desprender no jogo. Isto pode ser experimentado também nos diferentes fazeres musicais.

Passaremos agora às **possíveis finalidades do lazer**. Como afirmam Gomes e Elizalde (2012), os elementos (ludicidade, manifestações culturais e tempo-espaço social) “configuram as condições materiais e simbólicas, subjetivas e objetivas que podem – ou não – fazer do lazer um potente aliado no processo de transformação de nossas sociedades, tornando-as mais humanas e inclusivas” (GOMES; ELIZALDE, p. 82).

Esta potencialidade para a transformação social, tornando-as mais humanas e inclusivas também é discutida por Marcellino (2010) quando disserta sobre o lazer como uma possibilidade de mudança, como veículo e objeto da educação em resposta às imposições da indústria cultural, ao lazer utilizado para reparação de explorações e com viés puramente funcionalista.

Só tem sentido se falar em aspectos educativos do lazer, ao considera-lo como um dos campos possíveis de contra-hegemonia. A instrumentalização, mesmo educacional, do tempo disponível das pessoas, onde se busca, ou se deveria buscar, fundamentalmente o prazer, só tem sentido na medida em que possa contribuir para que essas mesmas pessoas tenham mais prazer de viver, sejam menos pressionadas por uma estrutura sócio-econômica sufocante, em que uma minoria tem excesso de recursos, de espaço e de tempo, pela exploração

da grande maioria, cujo tempo, quando não é desocupado, pela incapacidade do modelo econômico imposto gerar trabalho, é livre – entre aspas. Só tem sentido, na medida que contribuir para eliminar essas aspas (MARCELLINO, 2010, p. 54)

Marcellino (2010) traz um duplo aspecto educativo do lazer: o lazer como veículo privilegiado de educação e o lazer como próprio objeto de educação. No aspecto vivencial, consideramos a intencionalidade como elemento fundamental para o lazer. Entretanto há autores/as que buscaram agrupar tais intencionalidades. Consideramos que as reais intencionalidades excedem tais classificações, mas acreditamos ser relevante trazer algumas das possíveis motivações para participação de atividades de lazer. Dumazedier (1999, p. 94), elenca as seguintes características: caráter liberatório (liberação de um certo gênero de obrigações), caráter desinteressado (sem utilidade prática imediata, com o fim em si mesmo), caráter hedonístico (busca por satisfação pessoal) e caráter pessoal (suprir necessidades como divertimento, descanso e desenvolvimento pessoal). Sua definição de lazer é:

O lazer é o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2000, p. 34).

Marcellino (2010) também ressalta sobre a finalidade desinteressada do lazer:

O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 2010, p. 29).

Dumazedier (2000) define três funções mais importantes do lazer conhecida como 3 D's, de forma que elas não se excluem, mas são solidárias, tratando apenas de uma possível predominância de uma em relação às outras, a depender de cada caso analisado. São elas: 1) Descanso (ligado à fadiga); 2) Divertimento, recreação e entretenimento (ligado ao tédio); e 3) Desenvolvimento (ligado à personalidade).

A partir destes referenciais buscamos as pontes e aproximações entre lazer e educação musical com base no referencial teórico estabelecido. Há grande potencial para isso, sendo necessário considerar também os distanciamentos.

Um deles é que o lazer é muitas vezes utilizado como forma de justificar a desvalorização da profissão do/a instrumentista, musicoterapeuta e educador/a musical. É enfatizada o caráter essencialmente lúdico e desinteressado do lazer em uma perspectiva não produtiva e por isso, uma profissão movida a amor pela prática, um envolvimento passional, sem esforço, natural, chegando a desconsiderar o fazer musical enquanto profissão.

Um outro distanciamento se dá ao se considerar o lazer apenas como passa-tempo ou certo tipo de recreação (há uma vertente crítica e educativa do campo da recreação). A alegria pela alegria, simples e pura, e nada mais. Como já exposto nesta seção, entendemos o lazer e a música que são vivenciados por alguém, um ser histórico, imerso em culturas, emaranhado em relações sociais e psicológicas. As pessoas desta sociedade também estão sujeitas a contradições e injustiças, e por considerarmos não haver neutralidade em nossas ações, nos colocamos em prol de uma justiça social, buscando relações que contribuam para uma sociedade mais justa, mais amorosa, mais humana, conforme já elaboramos.

Por fim, entendemos também a visão funcionalista presente em ambas as práticas, onde defende-se a música pois ajudará a aprender melhor a matemática, ou o lazer a ter mais saúde e outros bordões. Encontramos diversas menções sobre lazer no trabalho acadêmico de educadores/as musicais, mas poucos trabalhos que tratam do lazer numa perspectiva sócio educativa e potencialmente transformadora.

A seguir traremos correlações entre temas considerados fundamentais a ambas as práticas sociais. Para Mantie (2013) a problemática do lazer e música se resume ao considerar que para a maioria, música já é sempre lazer (p.135). No Dicionário Crítico do Lazer, Melo (2004) reafirma a impossibilidade de definir o que é arte. Para ele:

Não há uma essência, mas sim uma existência (construída de forma múltipla) que define o papel que ocupa na sociedade. Esta forma de existir, entretanto, não pode ser encarada como único parâmetro de definição, e sim como desafio para que se concebam diversas formas de



ampliação de seus sentidos, de seus significados, de suas formas de vivência (p. 17).

Small (1998b) considera a música (não a Arte, mas aqui consideramos uma como contida na outra, ou seja, a música está contida na arte), respectivamente, uma prática sociocultural. Melo (2004) também defende que a arte não tem uma função, mas é uma função, não se tratando apenas de pensar uma educação pela arte, mas fundamentalmente, uma educação para a arte (MELO, 2004, p. 18). É a mesma relação trazida por Marcellino (2010) ao entender o lazer como veículo e objetivo da educação.

Conforme elaboramos nesta seção, a intencionalidade ou como escreve Dumazedier (2000), a atitude é algo central para o lazer. Da mesma forma, Higgins (2010) ao compreender que música comunitária não é uma forma específica de arte, mas uma atitude específica para com ela.

Um mundo aberto se descortina diante de nós. Um mundo aberto que corresponde a um tipo de homem [e mulher] capaz de preencher uma esfera de vida mais ampla. Um mundo aberto em que trabalho e lazer, aprendizagem e amor se fundirão para criarem um nova forma para cada fase da vida (KOELLREUTTER, 1997, p. 66).

Mantie (2013) organizou uma edição da Revista Internacional de Música Comunitária (*International Journal of Community Music* - IJCM, em inglês) especialmente sobre o lazer, trazendo oito artigos de práticas musicais na Austrália, Canadá, China, Estados Unidos e Reino Unido. Reconhecendo a grande diversidade de práticas entre a música comunitária e o lazer apresentadas nesta edição, queremos salientar alguns aspectos que se aproximam com esta pesquisa. O primeiro deles é citado por Mantie (2013) sobre o tipo de participação em um grupo musical segundo proposta pelo etnomusicólogo Turino (2008): práticas musicais de apresentação e participativas (no inglês: *presentational e participatory musics*). Tais conceitos não são excludentes e muitas vezes os grupos acabam dissolvendo tais fronteiras. Refletimos que durante o período da pesquisa a prática musical no projeto VADL manteve um caráter mais participativo em relação ao seu objetivo, apesar de, desde o início, valorizarmos a apresentação aos colegas e comunidade e apreciação de outras apresentações. Ao nos inspirarmos nas práticas da cultura popular brasileiras também compreendemos que tais

distinções (participar e apresentar) são bem menos aparentes. Concordamos com Turino (2016) quando defende que o fazer musical participativo é um recurso potente para transformação social.

Em uma pesquisa participante com um grupo de ukulele<sup>29</sup>, Kruse (2013) chegou a três temas em sua análise de dados as quais são bastante pertinentes ao nosso contexto. São eles: a) Senso de *'ohana*, vulgarmente traduzido como “família” mas que abrange um sentimento mais universal. Respeito, aceitação, inclusão e integridade foram aspectos ressaltados pelas pessoas participantes e o autor salientou a importância da internet para que estas pessoas se conhecessem, organizassem e encontrassem recursos para aprender o instrumento; b) Natureza do instrumento ukulele, ressaltando seus atributos enquanto animador/inspirador, portátil, nostálgico e também associado ao seu potencial de cura; c) Rápido crescimento do grupo em relação a novos participantes, segundo o qual consideraram um “bom problema para se ter”, apesar das dificuldades que se apresentavam com esta nova situação como a questão do espaço e diminuição do sentimento de proximidade entre participantes. Em resumo, estes temas também aparecem em nossa pesquisa: os sentimentos e emoções vivenciadas a partir da prática musical coletiva, a relação com o instrumento musical e, por se tratar de um projeto de lazer com fluidez nas participações, temos também a situação recorrente de chegada e saída de integrantes.

Partindo de experiências de um adulto sobre sua escuta musical enquanto lazer, Pate e Johnson (2013) destacaram três aspectos centrais: a) “Ressonância corporal” que trata das emoções, sentimentos e sensações que são geradas através do ato da escuta; b) “Acordes<sup>30</sup> simpáticos<sup>31</sup>” enquanto uma metáfora de que a escuta musical pode reverberar com aspectos da vida do/a ouvinte; c) “O espelho encontrado” que trata da possibilidade da música marcar e representar momentos da vida e pensamentos, de falar para e pelo ouvinte. Aqui a aproximação com a prática no VADL é decorrente dos

---

<sup>29</sup> Instrumento musical de cordas de nylon, de origem havaiana.

<sup>30</sup> Quando várias notas soam ao mesmo tempo.

<sup>31</sup> Em acústica musical a vibração por simpatia é um fenômeno físico na qual objetos vibram de acordo com outra fonte de emissão que está vibrando. Quando, por exemplo, tocamos uma corda no violão outras cordas vibram por simpatia, em maior ou menor intensidade de acordo com a série harmônica, outro fenômeno físico.

momentos de apreciação musical na qual conversamos sobre as letras, sobre os instrumentos, sobre as lembranças e impressões das músicas que escutávamos.

Stebbins (2013) discute o lazer nos primeiros contatos com um instrumento musical, brincando, mexendo e o explorando curiosamente (do inglês: *to dabble*). O autor classifica tal ação enquanto um lazer eventual de acordo com sua teoria chamada Perspectiva do Lazer Sérico que classifica as atividades de lazer em três tipos principais: sério, baseado em projeto e eventual. Stebbins (2013) afirma que pouca importância se dava a este tipo de atividade mas que pode ser um primeiro elemento em uma carreira musical enquanto busca séria. Apesar de ser possível pensar as práticas de lazer desenvolvidas no VADL a partir da perspectiva apresentada por este autor, preferimos manter a integralidade, complexidade, contradição e ambiguidade presentes nelas.

Por fim, ressaltamos que Mantie (2013) situa o lazer em uma perspectiva global a partir do Artigo 24 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todo ser humano tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e férias periódicas remuneradas”. Além disto também destacamos o entendimento de qualidade que dialoga com o contexto desta pesquisa:

Sem dúvida os participantes nestes vários grupos de fazedores de música possuem uma intencionalidade em seus empreendimentos. O que estão buscando, entretanto, parece ser diferente dos valores e preocupações dos líderes e educadores musicais tradicionais. A definição de “acertar” parece mais situada, menos universal (Mantie, 2013, p. 137, tradução livre<sup>32</sup>).

Tal citação corrobora com o trabalho desenvolvido no âmbito da educação musical no VADL já que os critérios para avaliar uma boa prática musical não está necessariamente ou exclusivamente ligada aos aspectos técnico-musicais. Os aspectos técnico-musicais, o que se canta/toca, como se faz, para quem se faz, por que se faz, em

---

<sup>32</sup> No original: “No doubt the participants in these various groups of music makers possess an intentionality in their undertakings. What they are striving for, however, appears to differ from the values and concerns of traditional music educators and leaders. The definition of ‘getting it right’ seems more situated, less universal” (Mantie, 2013, p. 137).

favor de quem, entre outras questões acabam tendo uma grande importância em nossas ações.

Continuando a nossa busca por publicações acadêmicas em educação musical relacionadas ao lazer, procuramos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) pelas palavras “educação musical” e “lazer”, em qualquer campo (resumo, palavras-chave, título etc.), considerando os últimos seis anos (entre 2014 e 2019), o que nos retornou cinco resultados. Destes apenas Daroz (2014) desenvolveu o tema de forma mais central na tese “A prática coral juvenil transitando em ambientes formais e não formais: perspectivas aplicadas à Educação Musical”. Os outros trabalhos apenas traziam a palavra “lazer” relacionada a “espaço de lazer”, “clube de lazer”, à linha de pesquisa vinculada a pesquisa ou utilizava de maneira periférica ao longo do trabalho.

Koellreutter (1997, p. 41; 2017, p. 93) fala sobre a criação de cursos de música destinados à recreação e ao lazer, porém, não há uma descrição detalhada do que se entende por lazer ou as ideias que fundamentam este lazer nos escritos do citado autor.

Até aqui conceituamos, discutimos e relacionamos termos como processos educativos, práticas sociais, educação, colonialidade, essencialidade prática da música, educação musical, práticas musicais coletivas e lazer. Tais temas estão diretamente relacionados a prática no projeto VADL e a esta pesquisa pois é a partir destes entedimentos – e descobrimentos, já que muitas vezes refletimos e compreendemos depois de vivenciar certas situações– que vamos conduzindo nossas ações no cotidiano do projeto VADL.

Na seção seguinte apresentaremos pesquisas que se relacionam a esta por também tratarem de práticas musicais coletivas, pontuando aproximações epistemológicas e metodológicas.

## SEÇÃO 2: REVISÃO DE LITERATURA: FAZER MÚSICA EM GRUPO EM EDUCAÇÃO MUSICAL

Esta revisão de literatura foi organizada a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), tendo como critérios: a) os últimos seis anos, entre 2014 e 2019; b) a palavra chave “educação musical”; c) pertinência a esta tese, ou seja, após leitura dos resumos identificar foco em uma prática musical coletiva em ambiente não-escolar. Seguindo tais critérios encontramos 25 publicações, sendo 4 teses de doutorado e 21 dissertações de mestrado (conforme Quadro 1).

**Quadro 1** - Teses e Dissertações Seleccionadas

	<b>Título e Dissertação (D) ou Tese (T)</b>	<b>Ano</b>	<b>Autor/a</b>	<b>Área de concentração</b>	<b>Programa e Universidade</b>
1.	O sujeito cantante: reflexões sobre o canto coral (D)	2014	Ana Maris Goulart Silva	Psicologia e Educação	Programa de Pós-Graduação em Educação -USP-São Paulo/SP
2.	Espaços para criar e conviver: processos criativos em jogos cênico-musicais na educação musical com crianças (D)	2014	Camila Costa Zanetta	Processos de Criação Musical	USP-São Paulo/SP
3.	Batucando aqui vou trabalhando ali: os usos da aprendizagem musical em um projeto social em Salvador-Bahia (D)	2014	Andreson Fabrício Andrade Brasil	Educação Musical	Programa de Pós-Graduação em Música -UFBA-Salvador/BA
4.	A função e o desenvolvimento do jogo didático nos ensaios de coros infantis (D)	2014	Rafael Keidi Kashima	Fundamentos Teóricos	Programa de Pós-Graduação em Música - UNICAMP-Campinas/SP
5.	Por uma educação musical humanizadora: o ensino coletivo de música a várias mãos (D)	2014	Pedro Augusto Dutra de Oliveira	Processos de Ensino e de Aprendizagem	Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSCar-São Carlos/SP
6.	Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU (T)	2015	Ana Lúcia Iara Gaborim	Processos de Criação Musical	Programa de Pós-Graduação em Música - São Paulo/SP

			-Moreira		
7.	Projeto “Um canto em cada canto”: o coro infantil, seus ensinos e suas aprendizagens (D)	2015	Klesia Garcia Andrade	Educação Musical	Programa de Pós-Graduação em Música - UFPB-João Pessoa/PB
8.	Educação musical no espaço religioso: um estudo sobre a formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa - Paraíba (D)	2015	José Alessandro Dantas Dias Novo	Educação Musical	Programa de Pós-Graduação em Música - UFPB-João Pessoa/PB
9.	O <i>rap</i> dos Racionais Mc's em sala de aula como via de emancipação de jovens na periferia de São Paulo: análises de oficinas musicais com ênfase no <i>rap</i> (D)	2015	Raquel Mendonça Martins	Psicologia e Educação	USP-São Paulo/SP
10.	Desvelando para ressignificar: Processos educativos decorrentes de uma práxis musical dialógica intercultural (T)	2015	Denise Andrade de Freitas Martins	Educação	Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSCar-São Carlos/SP
11.	Criação musical coletiva com crianças: possíveis contribuições para processos de educação humanizadora (D)	2015	Mariana Galon da Silva	Processos de Ensino e Aprendizagem	Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSCar-São Carlos/SP
12.	Aprendizagem musical em família no contexto da aula particular de violão: um estudo de caso (D)	2016	Barbara Mattiuci	Educação Musical	Programa de Pós-Graduação em Música - UFPB-João Pessoa/PB
13.	A banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo: um espaço de relações e de ensino/aprendizagem musical (1985-2014) (D)	2016	Murilo Silva Rezende	Música	Programa de Pós-Graduação em Artes - UFU-Uberlândia/MG
14.	O cérebro sócio-musical: estudo de uma experiência de educação musical (D)	2016	Alexandre Antônio Mateus Moisés	Psicobiologia	Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia - USP-Ribeirão Preto/SP
15.	Prática musical coletiva na Orquestra de Metais Lyra Tatuí: contribuições para o	2016	Murilo Ferreira Velho	Educação	Programa de Pós-Graduação em Educação -

	desenvolvimento humano (D)		de Arruda		UFSCar-São Carlos/SP
16.	A educação musical e a promoção da pessoa: um estudo de caso em uma obra social (D)	2016	Mateus Vinicius Corusse	Educação	Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSCar-São Carlos/SP
17.	Ecossistemas da paulistânia na educação: processos de inclusão da diversidade musical em contextos de formação (D)	2016	Leandro Pfeifer	Processos de Criação Musical	Programa de Pós-Graduação em Música - USP-SP
18.	Jovens violonistas e a pragmática do gosto: a construção do gosto pela música (D)	2016	Andréa Orrigo Lima	Musicologia / Etnomusicologia / Educação Musical	Programa de Pós-Graduação em Música - UNESP-SP
19.	Educadores musicais, oficinas de música e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação: experiência pedagógico-musical na Fundação Casa (SP) (D)	2017	Caio Abreu Chiarini	Música	Programa de Pós-Graduação em Música - UNESP-São Paulo/SP
20.	Educação musical humanizadora: uma experiência com crianças no campo da educação não formal (D)	2017	Jussara Aparecida de Paula Justino	Educação	Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSCar-São Carlos/SP
21.	A folia do Palmital: experiências que tecem musicalidades (T)	2018	Murilo Silva Rezende	Educação	Programa de Pós-Graduação em Educação - UnB-Brasília/DF
22.	Festa, fé e devoção: A formação musical na Igreja de Nossa Senhora da Conceição (D)	2018	Pedro Henriques e Simões de Medeiros	Educação Musical	Programa de Pós-Graduação em Música - UFPB-João Pessoa/PB
23.	Ilha de Música: uma perspectiva sobre educação musical em ONGS (D)	2018	José da Silva Fontes Junior	Educação Musical	Programa de Pós-Graduação em Música - UFRN-Natal/RN
24.	Minha vida é o Rock and	2018	Mariel	Educação	Programa de Pós-

	Roll: processos educativos na prática social do Rock entre músicos da cidade de São Carlos (D)		Perez Pino		Graduação em Educação - UFSCar-São Carlos/SP
25.	Cantos, danças, rodas e resistência na comunidade Trovadores do Vale (T)	2019	Pedro Augusto Dutra de Oliveira	Educação	Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSCar-São Carlos/SP

Algumas pesquisas encontradas e selecionadas nesta revisão de literatura (ARRUDA, 2016; MARTINS, Denise, 2015; DUTRA, 2014, 2019; GALON, 2015, JUSTINO, 2017; PINO, 2018; CORUSSE, 2016) já foram contempladas no referencial teórico por partilharem de entendimentos, referenciais e procedimentos metodológicos e noções sobre educação musical que se complementam. As outras pesquisas serão brevemente apresentadas a seguir, em três blocos.

As pesquisas de Ana Silva (2014), Zanetta (2014) e Chiarini (2017) dão enfoque às pessoas que ensinam e aprendem. Na pesquisa de mestrado intitulada “**O sujeito cantante: reflexões sobre o canto coral**”, Ana Silva (2014) objetiva investigar o *sujeito cantante*, tecendo reflexões sobre o canto coral em uma abordagem psicanalítica. Realizando a pesquisa no contexto do coral da Universidade de São Paulo, foram entrevistados cinco regentes e três cantores buscando compreender qual o impacto das influências musicais - e, mais especificamente, corais - no campo da educação e da constituição destes sujeitos.

Em “**Espaços para criar e conviver: processos criativos em jogos cênico-musicais na educação musical com crianças**”, Zanetta (2014) buscou investigar as possíveis contribuições dos jogos de improvisação para a formação integral das crianças, a partir da perspectiva das mesmas. Realizada na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, a pesquisadora considerou que as práticas de improvisação, no contexto do jogo cênico-musical, propiciam o desenvolvimento de capacidades musicais e humanas, permitindo pensar acerca da educação musical como meio para a formação integral da criança.

Chiarini (2017) desenvolveu a dissertação de mestrado “**Educadores musicais, oficinas de música e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de**



**internação: experiência pedagógico-musical na Fundação Casa<sup>33</sup> (SP)**” teve como objetivo desvelar as demandas do trabalho de educadores musicais dentro da Fundação CASA conhecendo as maneiras com as quais cada educador musical respondeu na prática pedagógico-musical a essas demandas e analisar, a partir dos relatos dos educadores musicais, as conexões entre as especificidades desse contexto, seus atores e a prática pedagógico-musical. Com educadores musicais da Associação Amigos do Projeto Guri (AAPG) atuando na Fundação CASA, antiga Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor - FEBEM), a pesquisa desvelou demandas específicas do trabalho de educadores musicais na Fundação CASA, o que ajudou a compreender como são construídas as experiências pedagógicas dos entrevistados, dando maior visibilidade acerca da educação musical em unidades socioeducativas de internação e de internação provisória situadas na cidade de São Paulo.

Outras pesquisas (GABORIM-MOREIRA, 2015; KASHIMA, 2014; PFEIFER, 2016) enfatizaram mais os aspectos dos conteúdos utilizado nas aulas e encontros.

Na tese de doutorado “**Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU**”, Gaborim-Moreira (2015) centrou no estudo da Regência enquanto área de conhecimento musical, especificamente a Regência Coral Infanto-juvenil. Realizou questionários com 52 regentes buscando um estudo aprofundado sobre a prática coral infanto-juvenil em seus distintos aspectos, apoiado em três pilares (regência, educação musical e técnica vocal). Teve como objetivos: 1) Investigar os atuais desafios e dificuldades dos regentes brasileiros, lançando um olhar crítico sobre a prática que tem sido realizada em nosso contexto contemporâneo; 2) refletir sobre os saberes que se fazem necessários na prática coral infanto-juvenil, debruçando-nos sobre a bibliografia existente na área e; 3) apresentar alternativas viáveis para o trabalho coral infanto-juvenil, com o suporte de um projeto concreto (PCIU!), experimentando novas e distintas propostas e com isso, comprovando e discutindo resultados, sempre com a premissa de que todas as crianças podem e deveriam aprender a cantar.

---

<sup>33</sup> Fundação CASA: Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente

Também na área da regência e canto coral, na dissertação de mestrado “**A função e o desenvolvimento do jogo didático nos ensaios de coros infantis**” Kashima (2014) fez um estudo acerca da função e o desenvolvimento de jogos didáticos utilizados nos ensaios de coros infantis estimulando habilidades necessárias para a prática coral. Com regentes de coros infantis (7 a 12 anos) de escolas particulares de Campinas, as o pesquisador considerou que, por meio dos jogos, o regente pode estimular: percepção rítmica e melódica, socialização, expressão corporal, técnica vocal, entre outras habilidades que favorecem o desenvolvimento do canto coral infantil.

Pfeifer (2016) desenvolveu a dissertação de mestrado “**Ecossistema da Paulistânia na educação: processos de inclusão da diversidade musical em contextos de formação**”, nessa aborda, sobretudo, a cultura popular elaborada na rota dos bandeirantes conhecida como Paulistânia. A partir dos conhecimentos advindos desta região o autor propõe duas intervenções envolvendo cultura popular Paulistânia, sobretudo musical, sendo elas: cursos de formação com professores/as na cidade de Franco da Rocha/SP, no contexto do “Programa Mais Educação”, e também oficinas com crianças e jovens no projeto “Oficinas Culturais Anchieta”, no município de Embu das Artes/SP. Enquanto considerações, Pfeifer (2016) compreende que ambas as intervenções alcançaram em comum a ampliação das referências musicais dos/as participantes, aliando repertório musical às histórias e danças da Paulistânia, por exemplo, músicas *mbyás* (pertencentes ao tronco linguístico tupi), *vissungos* (pertencentes ao tronco linguístico banto), congadas, folia de reis, jogos, entre outras expressões culturais. Considerou também que ocorreu contribuição para a tolerância decorrente do contato com a diversidade das manifestações culturais populares da Paulistânia, particularmente as musicais, no contexto desta intervenção e estudo. Pfeifer (2016) sugere no estudo que se amplie o contato com mestres da cultura popular, entre outros integrantes de comunidades tradicionais, para melhor conhecer, compreender e respeitar a riqueza da diversidade cultural e musical.

Com o chamado “terceiro setor”<sup>34</sup>, Andrade (2015) apresentou sua pesquisa de mestrado sob o título “**Projeto 'Um canto em cada canto': o coro infantil, seus ensinamentos**”

---

<sup>34</sup> Considerando o Estado como primeiro setor, o Mercado como segundo e a iniciativa privada de utilidade pública o terceiro setor.

e suas aprendizagens”. Em um projeto de educação musical através do canto coral em Londrina, estado de Paraná, buscou compreender concepções, conteúdos e metodologias de ensino e de aprendizagem que caracterizam a formação musical neste contexto, considerando as particularidades socioculturais e partindo do olhar dos sujeitos envolvidos na proposta educativa. A autora desvelou processos de ensino e aprendizagem da música, favorecendo discussões sobre como este ensino se estabelece mediante a compreensão cultural e dos significados relativos a prática musical de um determinado grupo.

Sob o título da dissertação de mestrado “**Educação musical no espaço religioso: um estudo sobre a formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa – Paraíba**”, Novo (2015) buscou compreender as formas pelas quais a formação musical dos sujeitos pesquisados se concretiza na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa - Paraíba. Com 12 pessoas de grupos musicais dos grupos Coral Jovem, Camerata, Sociedade Coral e Banda da referida igreja, Novo (2015) destacou que as práticas musicais que acontecem na Igreja oferecem diferentes possibilidades e estratégias de aprendizagens musicais, que se estabelecem a partir das relações entre os integrantes dos grupos. Aprendizagem musical está imbricada com outros espaços: família, escola, amigos, *internet* e mídias. Das entrevistas emergiram aspectos relativos a: fortalecimento das relações interpessoais entre os participantes dos grupos; considerar que as práticas musicais contribuem para uma aproximação com o divino; prazer de se comunicar consigo e com o outro através da música.

A partir de um estudo de caso em situação de aula de violão, Mattiuci (2016) buscou compreender o processo de aprendizagem musical em família envolvendo mãe e filha. Na pesquisa de mestrado “**Aprendizagem musical em família no contexto da aula particular de violão: um estudo de caso**” a pesquisadora considerou que música está articulada aos diversos espaços sociais e culturais frequentados pelas alunas; a aula proporcionou grandes influências musicais a todos os membros dessa família, por meio de uma aprendizagem silenciosa, além de se constituir como um momento de integração entre mães e filhas, através das brincadeiras musicais realizadas durante as aulas, valorizando a presença da música na família.

Rezende (2016) desenvolveu a dissertação de mestrado “**A banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo: um espaço de relações e de ensino/aprendizagem musical (1985-2014)**”, registrando a história oral de membros da banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo, da cidade de Arcos, Minas Gerais, Rezende (2016) buscou compreender a constituição (como se dá ou se organiza) do ensino/aprendizagem musical a partir das relações sociais que ocorrem no espaço da banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo, da cidade de Arcos, estado de Minas Gerais entre 1985 e 2014. Também teve como objetivos: 1) Entender relações sociais e de que forma elas subsidiam o processo de ensino/aprendizagem de música; 2) discutir relações de ensino/aprendizagem musical, que são constituídas na banda a partir do processo de sociabilidade; 3) analisar a convivência no espaço da Banda e entender de que forma os laços estabelecidos entre os componentes estão presentes no processo de formação de músicos; 4) identificar como se constituem as sociabilidades formadas a partir dos processos de ensino/aprendizagem musical nesse espaço. Desta pesquisa conclui-se que as relações sociais estabelecidas se estendem para fora do espaço da banda e fazem com que pessoas queiram aprender música, às vezes nem sempre pela música, mas por quererem estar juntas. Estes momentos de ensino/aprendizagem que formaram músicos profissionais e pessoas que têm interesse em aprender música e tocar um instrumento musical estão imersos em vários tipos de relações pedagógico-musicais.

Em “**A folia do Palmital: experiências que tecem musicalidades**”, o mesmo pesquisador – Rezende (2018) – defendeu a seguinte tese: “as experiências que cada pessoa vive em seu cotidiano, constituem a essência, a atividade humana geradora, da musicalidade que elas possuem e engendram o desenvolvimento dessas musicalidades, de acordo com as necessidades expressivas, criativas, compreensivas e interpretativas de suas atividades musicais”. A partir da Folia de Reis que acontecia na Fazenda Palmital, localizada na cidade de Iguatama, no centro-oeste mineiro, Rezende (2018) realizou um estudo etnográfico com observações e entrevistas, revelando como nas oportunidades e saberes compartilhados, a música e seu fazer se engendram como parte da atividade humana. Ou seja, uma das características da música é fazer parte da vida humana nas infinitas formas de nos relacionarmos com ela.

Raquel Martins (2015) desenvolveu a pesquisa **“O rap dos Racionais Mc's em sala de aula como via de emancipação de jovens na periferia de São Paulo: análises de oficinas musicais com ênfase no rap”**, tendo como objetivo pesquisar em que medida a estética multifacetada do rap pode ser utilizada nos processos de formação de adolescentes pobres e moradores das periferias, em sua maioria, afrodescendentes. Com jovens de 13 a 15 anos participantes de oficinas realizadas em uma organização não-governamental (ONG) Casa do Zezinho e Escola Municipal de Ensino Fundamental Amorim Lima, entre os anos de 2011 e 2013, Raquel Martins (2015) sustenta que esse gênero musical urbano e juvenil tenha muito a contribuir para a educação pública. O emprego do *rap* nas oficinas permitiu aos adolescentes exercitarem suas capacidades intelectuais nos atos de criar, refletir, e questionar sobre suas próprias vidas inseridas numa sociedade dividida por classes sociais. Mas cabe lembrar que o uso do *rap* somente como matéria pedagógica inserida na grade escolar, pode resultar apenas em sua instrumentalização, se for empregado como “isca”, aproveitando do interesse do jovem pelo gênero, retirando-lhe toda a potência crítica ressaltada neste trabalho.

Sob o título **“Batucando aqui vou trabalhando ali: os usos da aprendizagem musical em um projeto social em Salvador-Bahia”**, Brasil, A. (2014) teve como objetivo de sua pesquisa de mestrado investigar de que modo a aprendizagem musical dos alunos em um projeto social (Escola de Educação Percussiva Integral) contribui para uma atuação profissional na área da música. Segundo o autor:

Os resultados indicam que esses jovens não são formados apenas como profissionais, mas também como cidadãos [...]Pelos resultados encontrados nesta pesquisa, somos levados a crer que o projeto social proposto pela Escola de Educação Percussiva Integral trabalha aspectos além-sala, construindo assim, uma educação mais ampla, isto é, para além da música, orientando-os também para a vida através da experiência musical (BRASIL, A., 2014, p. 73).

O convívio com esses alunos, durante a pesquisa, revelou que o educador, através das suas práticas nesse ambiente, pode produzir vivências significativas trabalhando não só a música e sua expressão, mas sobretudo a socialização (BRASIL, A., 2014, p. 77).

No trabalho de mestrado intitulado “**O cérebro sócio-musical: estudo de uma experiência de educação musical**”, Moisés (2016) teve como objetivo investigar os impactos de uma experiência do Programa de Educação Musical da cidade de Ribeirão Preto (interior de São Paulo) e de grupos de duas escolas regulares (grupos iniciante, experiente e de controle) sobre os aspectos psicológicos de seus estudantes, mais especificamente a autoestima, as habilidades sociais e o funcionamento executivo. Moisés (2016) considerou que a participação em PEMs com enfoque no resgate social de populações vulneráveis possui influência no desenvolvimento de crianças e adolescentes, indicando que o uso da educação musical caracteriza uma importante estratégia de intervenção social.

Lima (2016) desenvolveu a pesquisa de mestrado “**Jovens violonistas e a pragmática do gosto: a construção do gosto pela música**” com estudantes da Escola de Música do Estado de São Paulo – EMESP Tom Jobim em ensaios em grupo. Teve como objetivo principal compreender como jovens violinistas e violistas, estudantes da EMESP Tom Jobim, constroem seu gosto pela música. Como resultados indicou mediadores que ligam os jovens à música e às ações musicais densas de expressões corporais, sensações físicas e emocionais. Constatou que os mediadores são suportes para a construção do gosto dos jovens pela música que, de modo coletivo, desenvolvem suas performances e demonstram no engajamento do corpo o gosto pela música verbalizando-o por meio da reflexividade.

Sob o título “**Festa, fé e devoção: A formação musical na Igreja de Nossa Senhora da Conceição**”, Medeiros (2018) realizou sua pesquisa a partir da prática religiosa na Igreja Nossa Senhora da Conceição na cidade de João Pessoa, Paraíba. Teve como objetivo compreender, discutir e refletir sobre as concepções, situações, processos e estratégias de formação em música que caracterizam as práticas socioculturais desenvolvidas na referida igreja. Através da participação com registro em diários de campo, entrevistas e análise documental, Medeiros (2018) considerou que a formação musical foi sendo desenvolvida por processos de enculturação, imitação e execução diretamente ligados à sentidos/concepções religiosas. Através da relação significativa entre as pessoas e a música, o fenômeno da formação musical acontece. De forma

correlata, essa formação corrobora a manutenção da realidade sociocultural e das práticas desse contexto religioso.

Fontes Junior (2018) realizou sua pesquisa de mestrado “**Ilha de Música: uma perspectiva sobre educação musical em ONGS**” junto a organização não-governamental (ONG) Ilha de Música, localizada no bairro da Redinha, município de Natal - Rio Grande do Norte. Teve como objetivo identificar e compreender as dimensões formativo-musicais que norteiam as ações educativas da referida ONG. A partir da participação e da análise das entrevistas semi-estruturadas, Fontes Junior (2018) considerou grande a convergência entre as falas dos entrevistados sobre aspectos como um ensino de música compromissado com a intuição, com o conhecimento teórico e com a criatividade, bem como revelando que a ética, a socialização, a diversidade, a oralidade nas transmissões musicais, os significados das práticas musicais e o compromisso com o desenvolvimento da autonomia, foram características das dimensões formativas que se apresentaram de forma mais evidente.

Também realizamos pesquisa de artigos na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), tendo 16 artigos como resultado inicial a partir dos critérios: a) os últimos seis anos, entre 2014 e 2019; b) a palavra chave “educação musical”. Destes 16 artigos, passamos ao terceiro critério: c) pertinência a esta tese, ou seja, identificar foco em prática(s) musical(is) coletiva(s) em ambiente não-escolar chegando a duas publicações.

**Quadro 2 - Artigos selecionados**

	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Autores/as</b>	<b>Periódico</b>
1.	Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical	2014	Jusamara Souza	Educação em Revista
2.	Música e desenvolvimento em Salvador (Bahia), à luz da geografia crítica e ecologia dos saberes	2015	Armando Alexandre Castro e Maria Teresa Franco Ribeiro	Per Musi

Castro e Ribeiro (2015) fizeram um levantamento de vinte instituições da cidade de Salvador-Bahia que desenvolvem trabalhos de ensino, educação musical, pesquisa e

criação artística. Realizaram pesquisa de campo e entrevistas semiestruturadas. Segundo o autor e a autora, suas inquietações eram:

como esses movimentos se constituíram? Quais as contribuições para o desenvolvimento humano dessas pessoas, para a formação de territorialidades, espaços de emergência da criatividade, de dignidade, da busca permanente do novo; do sentido novo da vida numa cidade tão desigual como Salvador (p. 243).

Trazem como referencial textos de Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses e Milton Santos que fazem parte de nossos estudos, além de trabalhar com projetos sociais com objetivo de transformação social, se aproximando do projeto de extensão VADL.

Souza (2014) apresenta uma sociografia da cidade Salvador do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, realizando entrevistas com pessoas de nove grupos musicais da cidade, além de outros músicos e seus familiares e pessoas da comunidade envolvidas com o tema da pesquisa, a pesquisadora percebe contribuições destas formas de fazer música e pensa sua importância no contexto escolar.

Deste estudo destacamos as concepções de Souza (2014) sobre educação musical e formação musical enquanto conceitos alargados, que não estão exclusivamente ligados a escola, mas interagem com as diferentes esferas da vida (amigos, família, profissão, lazer etc.).



### SEÇÃO 3: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

---

Nesta seção buscamos apresentar as escolhas metodológicas explicitando os referenciais que fundamentam esta pesquisa, desde o projeto até a análise e construção dos resultados. Está dividido em dois itens: procedimentos de inserção e procedimentos de coleta e análise dos dados. No primeiro trataremos do contexto na qual a pesquisa foi realizada trazendo um breve histórico do projeto VADL, o que foi desenvolvido em educação musical ao longo destes anos, informações sobre os/as participantes e educadores/as, o que foi feito durante a pesquisa e conteúdos abordados na musicalização. No segundo item serão apresentados os procedimentos de coleta de dados, fundamentação desta pesquisa e a análise dos dados bem como a construção de três categorias que são apresentadas na Seção 3 - Construção dos Resultados.

Nesta trajetória metodológica estão envolvidos os elementos intersubjetivos, objetivos, filosóficos, perceptivos, históricos e assim por diante. Para tanto, buscamos oferecer ao/a leitor/a que, mesmo não tendo experienciado um dia do projeto, possam se aproximar, de algum modo, destas crianças, adolescentes, educadores/as e familiares, nossas pequenas e grandes conquistas, alegrias e frustrações, podendo gerar “pensamentos engajados” nas práticas de cada um/a de nós.

[...] compreender nossa situação no real não é defini-la, mas encontrar-se numa disposição afetiva; compreender o ser é existir. Tudo isto está a indicar, ao que parece, uma ruptura com a estrutura teórica do pensamento ocidental. Pensar não é mais contemplar, mas engajar-se, estar englobado no que se pensa, estar embarcado - acontecimento dramático do ser-no-mundo (LÉVINAS, 2004, p. 23).

Salientamos que os nomes utilizados nesta pesquisa são fictícios em sua maioria escolhidos pelas próprias pessoas e optamos manter o nome real do pesquisador e do orientador, Murilo e Luiz, respectivamente. A fim de valorizar a historicidade das pessoas que participam de pesquisas no âmbito do projeto VADL, cada uma escolhe um nome fictício, o qual é mantido caso façam parte de outras pesquisas.

Além disso, submetemos o projeto de pesquisa junto ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos o qual foi aprovado sob o parecer número 2.278.737, em

Setembro de 2017<sup>35</sup>. Nele também constaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Apêndice A) que foram entregues aos responsáveis legais, e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE - Apêndice B) que foram entregues aos/as participantes, onde ambos explicavam sobre a pesquisa, os objetivos, o caráter voluntário da participação e os riscos e benefícios de fazer parte dela.

### **3.1 Procedimentos de inserção**

#### **3.1.1 Histórico do projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer**

O projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL) foi fundado em 1999, como uma das frentes de intervenções do programa “Esporte para Cidadania” do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O projeto tem como base para as ações desenvolvidas a Motricidade Humana (Manuel Sérgio), Fenomenologia Existencial (Maurice Merleau-Ponty), Ecologia de Saberes (Boaventura de Sousa Santos) e Pedagogia Dialógica (Paulo Freire), conforme aponta o coordenador do projeto, Gonçalves Junior (2017).

O projeto VADL estabeleceu diferentes parcerias sendo desenvolvido em diferentes espaços, mantendo a finalidade educativa *para e pelo lazer*<sup>36</sup>, destinado principalmente à crianças e adolescentes de contextos economicamente empobrecidos. O projeto foi desenvolvido por maior parte do tempo, entre 2002 e 2012, no Jardim Gonzaga em São Carlos, interior de São Paulo, a partir de parceria entre o DEFMH e a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer e depois Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social<sup>37</sup>.

No ano de 2013, foi efetivada uma parceria com a Associação Desportiva, Educacional e Social dos Metalúrgicos de São Carlos (ADESM) através do projeto Mais Que Futebol (MQF), contando com apoio financeiro da *Fondation Terre des Hommes*

---

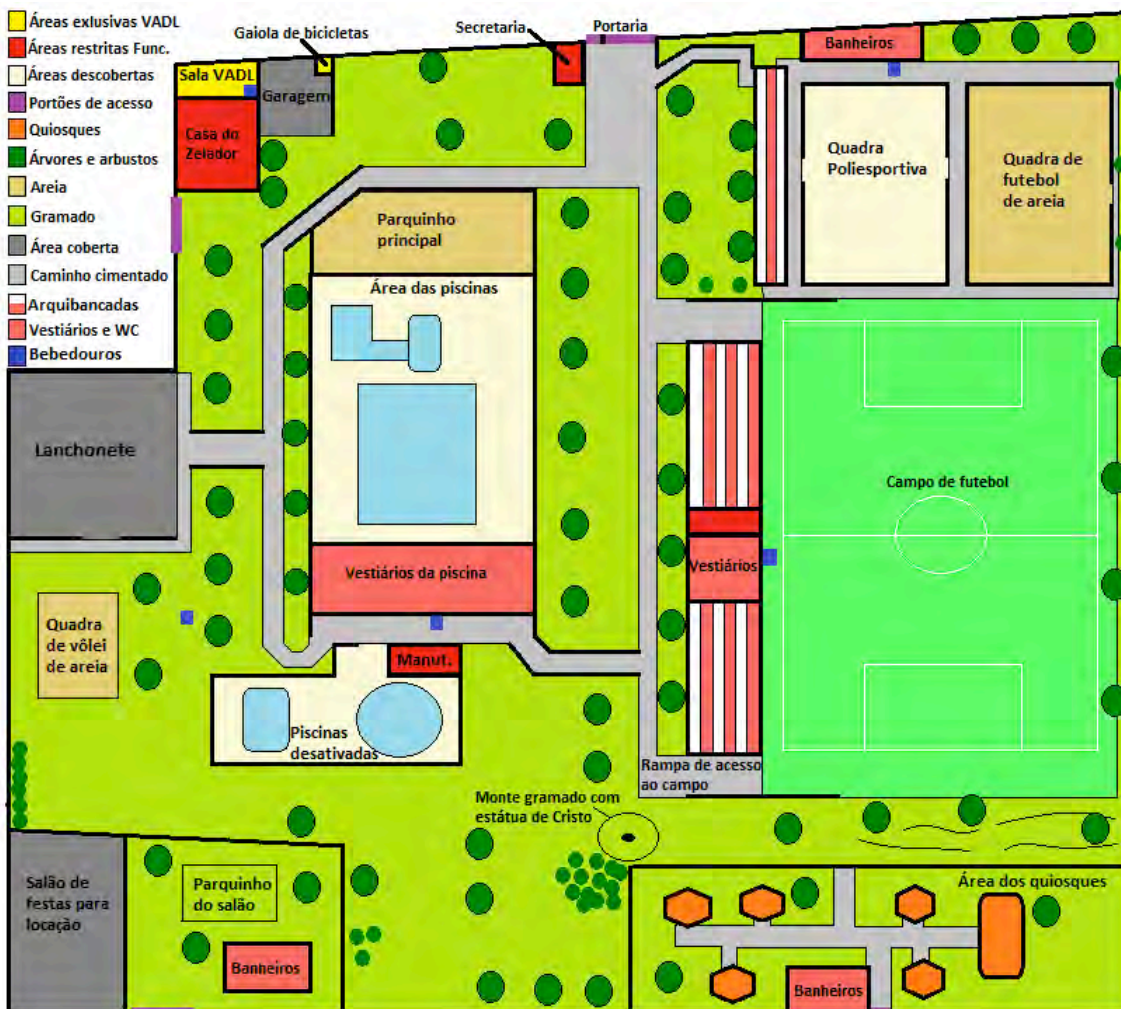
<sup>35</sup> Certificado de Apresentação para Apreciação Ética de número 64358517.0.0000.5504.

<sup>36</sup> Marcellino (2010) entende que apesar do lazer estar presente e difundido a população, em geral, é necessário se questionar sobre a restrição “quantitativa e sobretudo qualitativa no acesso à produção cultural, o consumo desligado da cultura vivida e a prática isolada e conformista” (p. 50). Assim, defende que o lazer possui um duplo aspecto educativo: o lazer como veículo da educação, quando esta está a favor de diminuir as desigualdades; e o lazer como objeto da educação, quando esta é cultura vivida, não derivada de uma satisfação da indústria cultural.

<sup>37</sup> Para um histórico mais detalhado deste período do projeto VADL, consultar Belmonte (2014).

(TDH/Alemanha), passando ter as ações centrados no Clube do Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos.

**Figura 1 - Planta do espaço do Clube do Sindicato dos Metalúrgicos**



Fonte: Carmo (2017)

Conforme podemos perceber a partir da Figura 1, o Clube conta com um espaço privilegiado, amplo e arborizado, com campo de futebol, quadras (poliesportiva, futebol de areia, vôlei de areia), lanchonete e garagem coberta e cimentada, gramados com sombras de árvore, parque recreativo infantil com gangorras, casinhas, balanços e escorregador, e piscinas com e sem toboágua. As atividades de musicalização geralmente eram realizadas à sombra das árvores, na lanchonete ou no espaço denominado como garagem, que, além de coberto, é bastante arejado. Tanto na lanchonete quanto na garagem, há cadeiras e mesas de plástico que podem ser utilizadas.

**Figura 2 - Materiais e espaço da lanchonete do Clube do Sindicato**

**Fonte:** Acervo próprio (2018)

Desde a mudança de local para o Clube, um transporte (van com capacidade para treze participantes, além do motorista e um/a educador/a acompanhando o trajeto) passa em bairros de periferia urbana (conforme Figura 2) para levar as crianças e adolescentes de 7 a 17 anos ao Clube, localizado no bairro Santa Felícia. Apesar desta indicação de idade, cada caso é avaliado pelo grupo de educadores/as que decidem se tem condições de contemplar exceções. Um dos fatores analisados nestas situações é se a pessoa a ser contemplada (uma criança de 6 anos, por exemplo) consegue ficar junto ao grupo durante todo o período, mesmo que escolha não participar ativamente das atividades. Nestas exceções geralmente são contempladas pessoas com menos de 7 anos que estão acompanhados de irmãos e irmãs mais velhos/as, bem como pessoas com deficiências cognitivas que já passaram dos 17.



**Figura 3 – Principais bairros dos/as participantes do VADL-MQF**



**Fonte:** Google Maps - editado pelo pesquisador (2019)

A equipe de educadores/as do projeto é interdisciplinar (graduandos em Educação Física, Pedagogia, Educação Musical, Biologia, Biblioteconomia e Gestão Ambiental, bem como pós-graduandos em Educação). Além das atividades no clube, os/as educadores/as se reúnem para uma reunião de planejamento e avaliação das atividades, e também para uma reunião de formação realizada no Núcleo de Estudos de Fenomenologia e Educação Física (NEFEF) às sextas-feiras das 10h às 12h.

Os termos “educadores/as” e “participantes” merecem uma atenção especial. O termo “educador/a” se refere aos/as coordenadores/as, bolsistas e voluntários/as da UFSCar, e “participantes” para as crianças e adolescentes quem vêm ao projeto. Entretanto, no cotidiano do projeto as funções de educador/a e participante se mesclam, buscando o protagonismo e o diálogo durante todas as atividades do projeto, sobretudo

nas rodas de conversa no início e final das atividades no dia a dia do projeto, bem como em momentos como a construção coletiva de regras, combinados para os jogos e brincadeiras, nos diálogos para regulação de conflitos. O diálogo, portanto, ocupa um papel essencial em nossas práticas, haja vista previsão de trabalho de intervenção com base na pedagogia dialógica de Paulo Freire (GONÇALVES JUNIOR, 2017).

A estrutura do projeto não se manteve fechada desde a sua criação. Esta foi se transformando, respondendo ao momento conforme as necessidades, compreensões, possibilidades espaço-temporais e materiais dos/as participantes e dos/as educadores/as. A roda inicial, por exemplo, foi implementada ao sentirem a necessidade de começar o dia conversando, se apresentando, sabendo das novidades, compartilhando as alegrias, os desafios, os sentimentos, preocupações e planejamento do dia. A roda de conversa ao final do dia e o lanche se mantiveram desde o origem do projeto. A roda ao final marcava o encerramento do dia com conversas sobre os jogos e os conflitos, bem como escolhendo o que iriam fazer na semana seguinte. Também era neste contexto que comiam o lanche, elemento que já foi discutido em outras pesquisas<sup>38</sup> tamanha sua relevância a participantes economicamente empobrecidos, incluindo o potencial educativo de comerem juntos, conversarem sobre o que comem e assim por diante. No momento da coleta de dados para este estudo (2018) o lanche era composto de dois itens dentre maçã, banana, mexerica e/ou pacote de bolacha salgada.

Em meados de 2014, os encontros passaram a ocorrer duas vezes por semana, as terças e quintas-feiras nos períodos da manhã e tarde. Entre 2014 e 2016, haviam quatro atividades centrais que eram desenvolvidas no projeto: capoeira, *fútbol callejero*, ciclismo e musicalização<sup>39</sup>. Além destas, os/as participantes e educadores/as combinavam outra atividade durante a roda final a ser realizada na semana seguinte, respeitando os dias da semana, ou seja, na terça-feira escolhiam as atividades para a terça-feira seguinte, e o mesmo em relação às quintas-feiras.

---

<sup>38</sup> Em sua dissertação, Santos (2008) discutiu a seguinte categoria: “E) Brincar e aprender de barriguinha cheia é melhor”. Arruda, Gonçalves Junior e Costa (2018) também destinaram uma categoria diretamente relacionado a questão do lanche, a saber: “D) Gente é pra brilhar não pra morrer de fome”.

<sup>39</sup> Para mais informações sobre as outras atividades centrais nesta época, consultar os trabalhos: Carmo (2017) sobre ciclismo, Belmonte, Gonçalves Junior e Pazos-Couto (2017) e Belmonte (2019) sobre *fútbol callejero*, Silva, Oliveira e Varotto (2017) sobre capoeira; Arruda e Costa (2015) e Arruda, Costa e Silva (2017) sobre musicalização.

No caso da musicalização enquanto atividade central, todas as pessoas participavam desta por aproximadamente 40 minutos. Optamos por não realizar *atividades sequenciais* já que a presença dos/as participantes não era constante e realizar *atividades diversificadas*, correspondendo ao interesse e possibilidades materiais. Sendo assim trabalhamos com danças de roda, ritmos e percussão brasileira, composição coletiva de canções, apreciação e construção de instrumentos. Quando nos propúnhamos a aprender um instrumento ao longo dos encontros, percebíamos conflitos gerados entre quem estava interessado em aprender o instrumento e quem não estava, de forma que muitas vezes um atrapalhava o outro. Tal situação se constituía como um desafio para os/as educadores/as musicais ao planejar atividades em educação musical.

De 2016 até meados de 2017, os encontros do projeto ocorreram com as seguintes atividades centrais: às terças-feiras com ciclismo e *fútbol callejero*; e às quintas-feiras, capoeira e música; tanto pela manhã como pela tarde para que os/as participantes, pudessem participar de ambas atividades no contra turno escolar. Na musicalização, passamos a oferecer aulas de flauta doce apenas para quem tivesse interesse em aprendê-la. Para isso, era necessário que se firmasse um compromisso em estar semanalmente na musicalização ao invés de outras duas atividades. Esta mudança foi possível devido à quantidade de educadores/as atuando no mesmo dia que poderiam se dividir nas diferentes atividades, além dos entendimentos referentes ao tema “lazer” já que a *escolha* é sua essência, o “querer fazer”, querer participar e optar por isso, conforme sugere Marcellino (2010), ao entender o lazer enquanto:

[...] *cultura - compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”*. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. *A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa* (p. 29).

Junto a estes entendimentos do lazer enquanto cultura vivenciada no tempo disponível com caráter desinteressado e voluntário de participação, a convivência com as pessoas da Orquestra de Metais Lyra Tatuí durante minha pesquisa de mestrado (ARRUDA, 2016) sob orientação da profa. dra. Ilza Zenker Leme Joly contribuiu acerca

destes entendimentos. Para criação deste grupo, em 2002, o prof. dr. Adalto Soares (trompista) e prof. ms. Sílvia Zambonini Soares (percussionista) foram às escolas públicas na cidade de Tatuí, interior de São Paulo, para convidar pessoas que tivessem *interesse* em aprender música, *disponibilidade* de horários (para ensaios e apresentações) e que estabelecessem um *compromisso* com o grupo. Percebendo a relevância de tais aspectos para o aprendizado de música, buscamos, em nossas práticas, colocá-los em prática.

No projeto VADL-MQF entre 2016 e início de 2017 propusemos atividades de musicalização através da flauta doce, realizando às quintas-feiras no período da manhã e tarde, com duração aproximada de uma hora e meia. As pessoas interessadas, após decidirem se queriam participar da musicalização, firmavam um compromisso verbal que frequentariam a musicalização em todos os encontros.

### **3.1.2 Histórico da educação musical no projeto VADL**

Desde 2009 a 2019 passaram pelo projeto oito pessoas com/em formação inicial de música (licenciatura) e quatro com formação em educação física (licenciatura e/ou bacharelado) que desenvolveram atividades de musicalização. Com exceção do nome do pesquisador e orientador, Murilo e Luiz, respectivamente, os nomes apresentados a seguir são nomes fictícios, escolhidos pelas próprias pessoas.



Quadro 3 - Educadores/as e atividades desenvolvidas em musicalização no VADL

Educadores/Ed ucadoras	Principais atividades desenvolvidas	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
		Estação Comunitária (Jardim Gonzaga)					Clube do Sindicato (Santa Felícia)					
Madaleno	Jogos e brincadeiras musicais da cultura popular											
Ramom	Jogos, brincadeiras musicais e danças da cultura popular											
Saci	Ensino de violão, jogos, brincadeiras musicais e danças da cultura popular											
Chaves	Ensino de percussão											
Murilo	Jogos e brincadeiras musicais da cultura popular, construção de instrumentos, construção coletiva de canções, grupos de flauta e percussão											
Abayomi	Capoeira e instrumentos da capoeira											
Carmen	Apreciação, canto e brincadeiras musicais da cultura popular											
Deco	Capoeira e instrumentos da capoeira											
Joana	Apreciação, instrumentos (canto, flauta doce, percussão), construção de instrumentos, jogos e brincadeiras musicais da cultura popular.											
Odair	Ensino de percussão e percussão em grupo											
Flecha	Instrumentos de percussão (Samba)											
Judith	Toque capoeira, ritmo (corporal e percussão) e flauta doce											

De 2009 a 2012, as atividades eram desenvolvidas na Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO-Gonzaga). Além da quadra poliesportiva, os/as educadores/as e participantes também contavam na ECO com algumas salas com cadeiras e mesas, nas quais eram desenvolvidas atividades de musicalização (ensino de percussão e violão) e de artes visuais.

Entre Dezembro de 2012 e Julho de 2013 o projeto VADL estava firmando uma parceria com o projeto MQF da ADESM. A partir de Agosto de 2013 as atividades do agora VADL-MQF passaram a acontecer no Clube do Sindicato dos Metalúrgicos, como já foi mencionado. Em termos de materiais, a partir do financiamento da TDH/Alemanha, pôde-se comprar materiais ligados à musicalização como: 20 berimbaus “completos” (cabaça, dobrão, baqueta, caxixi), 1 ganzá, 3 pandeiros, 2 agogôs, 2 reco-recos, surdo de chão, timbal, caixa de som multiúso, além de livros diversos. Também foram doadas flautas doce soprano (germânicas e barrocas) e alguns instrumentos de percussão da Escola Estadual Coronel Paulino Carlos (4 caixas, 4 surdos, talabartes e baquetas).

### **3.1.3 Inserção enquanto educador e pesquisador**

Em 2013, ao final de minha graduação em Licenciatura em Música, atuei como bolsista no projeto VADL, no mesmo ano em que o projeto estabeleceu uma parceria com o projeto MQF, passando a desenvolver suas atividades no Clube do Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos. Após ingressar no mestrado, em 2014, atuei na função de coordenador adjunto e após ser contemplado com a bolsa de pesquisa (dedicação exclusiva) passei a atuar como voluntário. Minha pesquisa de mestrado estava relacionada à prática musical coletiva da Orquestra de Metais Lyra Tatuí, que acontecia na cidade de Tatuí, interior de São Paulo. Já em 2016 iniciei meus estudos no doutorado atuando como coordenador adjunto do VADL-MQF de Março de 2016 a Agosto de 2018.

Assim, tais vivências no projeto enquanto educador bolsista e voluntário, junto às crianças e adolescentes, aos/às colegas educadores/as, às leituras e discussões no NEFEF, pude ir apreendendo o trabalho com inspiração na pedagogia dialógica, motricidade humana e epistemologias do sul. Também fui estabelecendo laços de amizade e confiança com as pessoas, além de uma conexão e carinho pelo VADL-MQF enquanto projeto (no sentido de conjunto de ideias), sem desconsiderar as inúmeras vezes que me sentia incapaz ou esgotado frente algumas situações e histórias das pessoas com as quais desenvolvíamos o projeto. Em geral eram experiências relacionadas às injustiças sociais, violência verbal, física, racial, sexual e estrutural que eram posteriormente discutidas entre educadores/as a fim de encontrar as melhores providências que iam desde uma conversa em grupo a encaminhar a entidades competentes. No início, era mais frequente

que os encontros reverberassem por dias em mim. Além disso, também reverberavam as reflexões sobre minha atuação enquanto educador musical naquele espaço-tempo social, nas experimentações, na busca por coerência com as referências que íamos construindo pelas leituras e discussões, incluindo a interface da educação musical com o lazer.

Fomos então compreendendo a necessidade de, ao invés de oferecer a mesma atividade em ambos os períodos (por exemplo: musicalização nas manhãs e tardes das quintas-feiras), oferecer a mesma atividade nos dois dias da semana para apenas um período (musicalização nas tardes de terças-feiras e quintas-feiras). Em 2018, fizemos esta mudança (conforme Quadro 4), optando pela regularidade das atividades buscando aprofundar em determinados conhecimentos, mas por outro lado oferecendo menor diversidade de atividades. Desta forma, os/as participantes, após período de experimentação, deveriam escolher e se comprometer com uma delas já que estas aconteceriam concomitantemente.

**Quadro 4** – Estrutura da atuação no projeto em 2018 (ano da coleta de dados)

	TERÇAS-FEIRAS e QUINTAS-FEIRAS			
Manhã (08h às 11h)	Roda de conversa inicial	Atividade de integração	Natação e <i>Fútbol Callejero</i>	Roda de conversa Final
Tarde (14h às 17h)	Roda de conversa inicial	Atividade de integração	<b>Musicalização</b> e Ciclismo	Roda de conversa Final

De forma geral, cada encontro seguiu uma estrutura básica: 1) roda de conversa inicial onde conversamos sobre assuntos variados, novidades, apresentações (quando necessário); 2) atividade de integração como pega-pega, esconde-esconde, pique-bandeira, jogos de matrizes africanas e indígenas, jogos inventados entre tantos outros; 3) No período da tarde, musicalização ou bicicleta, que aconteciam concomitantemente e 4) roda de conversa final onde conversamos sobre o dia, decidimos conjuntamente sobre a atividade de integração a ser realizada na semana seguinte e comemos um lanche.

No cotidiano do projeto houve outras atividades que não seguiram esta estrutura, como recreação na piscina (atividade realizada uma vez por mês) e o jornalzinho que era

confeccionado coletivamente bimestralmente<sup>40</sup> e, depois de finalizado, envolvia atividades de leitura e escrita. Assim, a estrutura apresentada no Quadro 4 era alterada em ocasiões como estas. Também houve exceções e mudanças de planejamentos quando recebemos convidados/as, de forma que durante a roda inicial ou em uma nova roda decidíamos coletivamente como organizaríamos nosso dia, mediando nossas vontades e possibilidades.

Após cada encontro, os/as educadores/as se reuniam por uma hora, no próprio espaço, para construção de um diário de campo, registrando e refletindo sobre a atuação no projeto. Além disso, se revezam no acompanhamento no transporte de participantes na van do bairro para o Clube e do Clube para os bairros de residência dos/as participantes.

A coleta de dados foi realizada: a) entre 13 de Março de 2018 e 7 de Junho de 2018; b) 10 de Junho de 2018 tendo sido realizada uma roda de conversa com participantes, familiares e educadores/as sobre a musicalização; c) 22 de Setembro de 2019 onde realizamos uma nova roda de conversa a fim de apresentar os resultados (análise dos dados) às pessoas que participaram da pesquisa e seus familiares. Contabilizamos vinte e três diários de campo sendo vinte e um da prática musical coletiva, um da roda de conversa com participantes, familiares e educadores/as logo após o final dos encontros e outro diário referente à apresentação à comunidade e escuta das impressões, correções e sugestões. A pesquisa foi desenvolvida no período da tarde e contou com a participação de 34 participantes na musicalização e 8 educadores/as, conforme quadro a seguir.

---

<sup>40</sup> Previsão nem sempre concretizada.

Quadro 5 - Lista de presença da musicalização

Informações	Diários de Campo	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	TOTAL/ PARTICIPANTE	
	Mês	Março					Abril						Maio						Junho			Set.				
	Dia	13	20	22	27	29	03	05	10	12	17	19	24	03	08	10	15	17	22	24	05	07	10	22		
	Terça/Quinta/ Domingo	T	T	Q	T	Q	T	Q	T	Q	T	Q	T	Q	T	Q	T	Q	T	Q	T	Q	D	D		
Educadores/as	Abayomi																P								1	
	Téo					P									P										2	
	Dexter				P	P					P		P		P		P		P		P		P		9	
	Flecha			P		P		P			P		P	P	P		P		P	P		P		P	11	
	Murilo	P	P	P	P	P	P		P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	22
	Cuco			P	P		P																	P		4
	Judith																							P		1
	Cecília																						P	P		2
Participantes	Jeferson																	P		P	P		P	P	5	
	Iris	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P		P	P	P	P	P	22
	Baixinha		P	P	P	P	P	P	P	P	P		P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P		20
	Paloma												P	P	P	P		P	P	C						7
	Batman					P						P		C									P	P		4
	Hulk																						P	P		2
	Miguel	P				P	P								P		P									5
	Cleber											P	C													1
	Pietro		P	P	P	P																		P	P	6
	Julia				P																					1
	Camila											P	P				P									3
	Pastel	P	C	P		P																		P	P	5
Super Mário																		P					P		2	

Trevor			P		P						C											P	P	4	
Tatagiba			P		P	P																	P	P	5
Izabella											P	P	P	P	P	P	P	C							8
Aparecida			P		P							P											P		4
Marcos																		P	P						2
Luan													P												1
Adriano			P	P																					2
Michel														P	P										2
Luiza														P	P		P	P	P	P					7
Violeta			P				P	P				C													3
Thiago			P										P		M	P									3
Jessica												P													1
Milena					P	P																			2
Megablue		P			P		P	P	P	P	P	P	P		P		P	P	P	P	P	P	P	P	17
Minivamp			P	P	P	C																	P		4
Georgy			P		P								P				P				P	P	P		7
Samara			P		P	P									M	P		P	P						7
Juliana																							P	P	2
Dandara																								P	1
Rebeca																								P	1
Sabrina																								P	1
TOTAL/ ENCONTRO	4	5	16	9	18	8	4	5	5	5	9	10	9	10	10	12	9	11	8	9	6	20	17		

### Legenda

Participante presente na musicalização: P

Participante anunciou que mudaria para a musicalização: M

Participante anunciou que mudaria para o ciclismo:

A equipe de educadores era composta por coordenação geral (1), coordenação adjunta (2), educadores/as (3) e pessoas voluntárias (sem restrição de vagas).

**Quadro 1** - Quadro de educadores/as do projeto durante a prática musical coletiva

<b>Nome</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação acadêmica</b>	<b>Função</b>	<b>Tempo de Atuação no Projeto</b>	<b>Presença<sup>41</sup> musicalização (Roda de Conversa)</b>
Abayomi	F	26	Educação Física; Mestranda em Educação	Voluntária Visitante	3 anos e 6 meses (out. 2013 a abr. 2017)	1 (0)
Cuco	M	30	Pedagogo, educador físico e mestrando em Educação	Voluntário	2 anos e três meses (fev. 2014 a fev. 2016 e desde maio de 2018)	3 (1)
Luiz	M	51	Pós doutorado em Ciências Sociais	Coordenador geral	19 anos	0 (0)
Dexter	M	20	Graduando em educação física	Educador	2 anos e três meses (desde abr. 2016)	7 (1)
Flecha	M	19	Graduando em educação física	Educador	10 meses	9 (1)
Maria	F	30	Cientista social, doutoranda em Educação	Voluntária e coordenadora adjunta	1 ano e 4 meses (desde mar. 2016)	0 (1)
Murilo	M	26	Educador musical e doutorando em Educação	Coordenador adjunto	3 anos e 6 meses	19 (2)
Rogério	M	21	Graduando em biologia	Educador	1 ano e 6 meses	0 (1)

<sup>41</sup> Quantidade de presença na musicalização durante o período de coleta de dados;

Téo	M	31	Artista plástico, mestrando em Educação	Coordenador adjunto	1 ano e 8 meses	1 (0)
Xande	M	19	Graduando em educação física	Voluntário	1 ano e 6 meses	0 (1)
Brasileiro	M	19	Graduando em educação física	Educador	10 meses	0 (0)
Judith	F	31	Musicista-Regente, mestranda em Educação	Coordenadora adjunta	8 meses	0 (1)

Apesar das funções atribuídas a tais pessoas, consideramos todos/as enquanto educadores/as. As funções indicam algumas características da participação, como por exemplo, os/as coordenadores/as adjuntos/as e educadores/as atuam em três períodos conforme disponibilidade.

Entendemos como essencial o contato aproximado com os/as colaboradores/as da pesquisa e seu contexto pois é através da convivência que ampliamos a possibilidade de ver o que não víamos, compreender o que não compreendíamos. Petronilha Silva (2014) nos alerta para alguns cuidados referentes à convivência em pesquisa e a importância de tal postura.

Esse processo exige paciência e tempo, pois não é uma visita, mas uma busca de convívio, seja circunscrito ao trabalho particular que está sendo desenvolvido, seja em outros espaços e ocasiões, como por exemplo, atividades/eventos na comunidade, na instituição. Conviver não é apenas um desejo ou uma opção pessoal do pesquisador, que corre paralelamente à pesquisa, mas, sim, o cerne do “fazer” da pesquisa, explicitado na metodologia, experimentado, avaliado (SILVA, Petronilha, 2014, p. 23).

A convivência não é, portanto, uma prática utilitarista para pesquisa, onde nos aproximamos para mais dados, mas é postura política, momento de humanizar-se, de educar e educar-se, de conhecer mais e dar a conhecer-se: “Sem convivência não há diálogo, pois é nela que a simpatia, a confiança, a humildade, a sensibilidade e o respeito



podem emergir. Convivência é palavra-chave para ao diálogo (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 133)”. Ademais:

O desenvolvimento de investigações pautadas na dialogicidade favorece o processo de humanização das diferentes pessoas envolvidas no ato de pesquisar. Humanização deve ser compreendida como uma ação coletiva fundada no diálogo, na convivência e no respeito para apreender, compreender e valorizar saberes, atitudes, posturas e visões de mundo concebidas por pessoas que vivenciam experiências distintas (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 128).

A pesquisa, portanto, foi um momento de educar e educar-se, aprender e ensinar uns com outros. Fruto da convivência e compreendendo-me enquanto educador e educando, pesquisador e pesquisado, fomos apresentando a pesquisa enquanto projeto, dando início também aos encontros específicos de musicalização. Nos encontros da musicalização, junto a educadores/as e participantes, mediatizados/as pelo mundo (pelos conteúdos e situações) nos educamos.

[...] a pesquisa não é outra senão sobre a realidade, o sistema-mundo; portanto, ao conhecer com o outro, sobre o mundo, nos conhecemos a nós mesmas e a nós mesmos, nos re-conhecemos no outro, nos re-conhecemos também como outras e outros (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 122).

Intencionamos fazer música em grupo, construindo uma prática social regular. Pela interface direta com o lazer, com o planejamento fomos “respondendo” à realidade que se apresentava ao longo dos encontros. Apresentaremos a seguir uma breve descrição das atividades realizadas<sup>42</sup>. Descreveremos, a seguir, as principais atividades propostas na musicalização:

- **Brincadeira “apreciação em movimento”:** a partir de um banco de arquivos que contou inicialmente com dezessete músicas (ver Quadro 7), depois atualizado com mais 14 arquivos de áudio e audiovisuais (ver Quadro 8), utilizamos estas músicas para andar conforme o andamento de cada música, conversar sobre a

---

<sup>42</sup> Para um panorama mais detalhado do que foi feito a cada encontro e alguns eventos que consideramos relevantes, ver o Apêndice E - Conteúdos e eventos na musicalização por data.

instrumentação e com isso conhecer novas possibilidades sonoras, expandir o repertório de estilos e artistas, conversar sobre as letras.

**Quadro 7 - Banco de arquivos musicais**

<b>Andamento</b>	<b>Artista</b>	<b>Música</b>	<b>Observação pessoal</b>
<b>Lento</b>	B. B. King e Eric Clapton	Three O'Clock Blues	Blues Rock
	The Projetct Trio	Dr. Nick	<i>Beat box</i> na flauta transversal
	Fabio Brazza part. Atentado Napalm	Pangeia	Artista indicado pelas participantes Baixinha e Megablue
<b>Médio</b>	Jacob do Bandolim e seu conjunto Época de Ouro	Vibrações	Choro
	Beth Carvalho	Saco de Feijão	Samba
	Altamiro Carrilho	Carinhoso	Choro
	Farufyno	Deixa meu cabelo em paz	Letra
	Farufyno	Um raio laser	Samba rock
	Rincon Sapiência	Festa no Gueto	Letra e contratempo - Ska e Rap
	Funk Como Le Gusta	Olhos coloridos	Letra
	Simples	Vim, vi, venci	Letra e Stefanie. grupo (Kamau, Rick, Stefanie, Diego Beatbox e DJ Will)
<b>Rápido</b>	Sa Grama	Espera Maria	Instrumental brasileiro
	Criolo	Fermento pra massa	Letra - samba
	Olodum	Hino Nacional Brasileiro (vídeo)	Mesmo ritmo que estávamos tocando
	Trio Corrente	Lamentos	Instrumental brasileiro
	Clube do Balanço	Morando no sapato	Instrumental Samba rock
	Altamiro Carrilho	Tico-tico no fubá	Choro

**Quadro 8 - Atualização do banco de arquivos musicais**

DC <sup>43</sup>	Artista	Música	Observação pessoal
4	Oz Guarani	Guerreiro (vídeo)	Rap indígena
	Ilê Aiyê	Que bloco é esse?	Samba reggae - Bloco afro
	Ilê Aiyê	O Rappa	Rock nacional, relação com Ilê
5	Barbatuques	Você chegou	Percussão corporal, música do filme-animação Rio
	Antônio Nóbrega	Chegança (vídeo)	Letras povos indígenas
	Jax Jones com Demi Lovato, Stefflon Don	Instruction	Sugestão da participante Baixinha
	MC Guime	Eu já quis	Sugestão da participante Baixinha
17	Gilberto Gil	Could you be loved	Contratempo
	Elza Soares	Volta por cima	Letra

- **Instrumentos de percussão (samba-reggae: “abriu, fechou”, convenções; e samba):** Parte central da prática musical coletiva. Tocamos um ritmo inspirado no samba-reggae, que remete aos grupos afro de Salvador-Bahia. Como referências destacamos o documentário “Samba-reggae – a arma é musical”, grupos Didá e Olodum e vídeo-aula de Marcus Santos. O ritmo base, convenções e chamadas foram apreendidos a partir destes e outros vídeos e também criadas durante o desenvolvimento da musicalização (Figura 4). A partir destas referências, discussões em educação musical e vivência em culturas populares, encorajamos a movimentação característica do samba-reggae que nomeamos de “abriu, fechou”, se referindo aos passos dados à direita e esquerda (direita-pé direito, direita-pé esquerdo, esquerda-pé esquerdo, esquerda-pé direito). Apesar de focarmos no movimento dos pés, sabemos a dança não se resume isto, mas acreditamos que contribui para o aprendizado musical, bem como para o fazer musical, seja enquanto prática de vida, seja enquanto apresentação (performance).

---

<sup>43</sup> Ocorrência no Diário de Campo.

Figura 4 - Trechos do que tocamos em partitura

The image displays a musical score for Samba Reggae, organized into several staves. The top staff is for 'Caixas Samba Reggae' with the lyrics 'Vá-ta - pá le-gal'. The second staff is for 'Surdos 1 e 2' with the lyrics 'Eu gos-to de me-xe-ri-ca'. The third staff is for 'Convenção' with the lyrics 'Cá Tu - vem do p'ra bem' and a vocal line '1 e 2 e 3 e 4 e'. The fourth staff is for 'Chamada'. The fifth staff is for 'SR Convenção I' in 2/4 time, with the sound effect 'bum-bum'. The sixth staff is for 'Caixa/Timbal Voz 2'. The seventh staff is for 'Convenção "parada"'. The score uses various musical notations including notes, rests, and percussion-specific symbols like 'x' and 'v'.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2018)

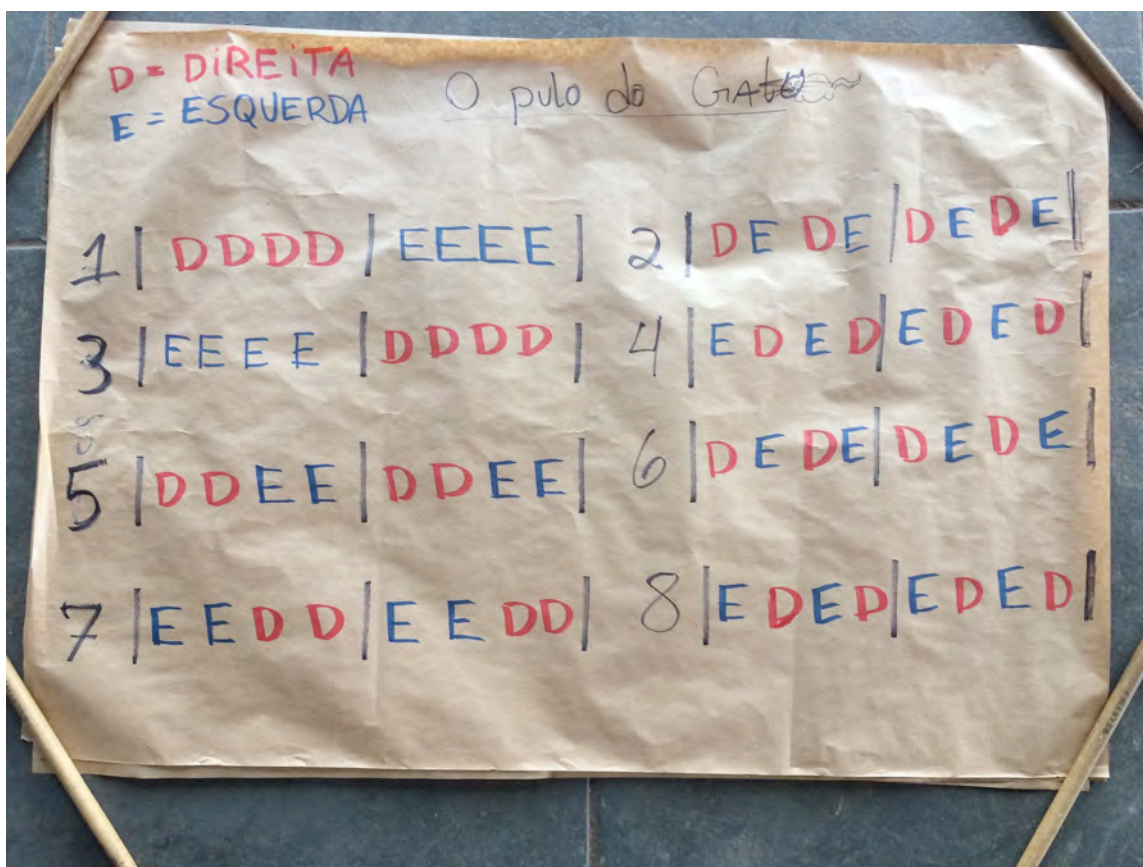
**Figura 5** - Apresentação do samba-reggae durante a roda final



**Fonte:** Acervo próprio (2018)

- **Técnica de baqueta (Método Pulo do Gato de Silvia Zambonini Soares):** antes de aprendermos as figuras musicais, fizemos exercícios com a grafia “D” para toque com a mão direita e “E” para toque com a mão esquerda. Alguns exercícios do método Pulo do Gato, da percussionista Silvia Zambonini Soares foram amplificados em papel *kraft* com o objetivo principal de introduzir a leitura musical e compreender a técnica de baqueta envolvendo conteúdos como segurar a baqueta (técnica de pinça) e alguns exercícios de manulação. Segundo Soares (2018), “Manulação é um termo comumente utilizado na percussão e serve para indicar a configuração das mãos em determinados exercícios ou trechos de uma peça” (p. 5);

**Figura 6** - Introdução à leitura musical e manulação - Elaborado com base em Soares (2016)



**Fonte:** Acervo próprio (2018)

- **Leitura musical (partitura rítmica):** elaboramos alguns cartazes (papel *kraft* e pincéis atômicos) para demonstrar figuras rítmicas, tais como semínima, colcheia, semi-colcheia e suas respectivas pausas. Também elaboramos fichas menores com cada uma destas figuras, de forma que poderíamos criar exercícios de forma mais prática, apenas (re)ordenando tais fichas em um cartaz maior. Utilizamos as sílabas rítmicas “ta” para semínima, “titi” para colcheias duplas e “tiritiri” para semi-colcheias quádruplas.



**Figura 7** - Assistindo performance do grupo Stomp



**Fonte:** Acervo próprio (2018)

- **Apreciação audiovisual:** apreciar performances em vídeo dos grupos Didá, Olodum, Oz Guarani, Barbatuques e Stomp (ver Quadro 9).

**Quadro 9 - Banco de arquivos audiovisuais**


DC <sup>44</sup>	Artista	Música	Observações pessoais
2	Marcus Santos	Samba-reggae	Vídeo aula
6	Didá	Samba-reggae	Grupo de mulheres
16	Stomp	Newspapers	Percussão corporal teatral
	Stomp	Brooms	Percussão corporal teatral
17	Barbatuques	Baianá	Percussão corporal, mesmo grupo da música do filme Rio

<sup>44</sup> Ocorrência no Diário de Campo.

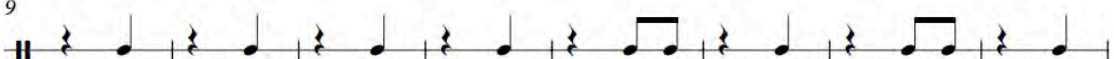
- **Tocando com Dona Ivone Lara:** após termos uma base de leitura rítmica de partitura (figuras: semínimas, colcheias, respectivas pausas; lógica da leitura: compassos e contagem), apresentamos a música Acreditar da Dona Ivone Lara, a rainha do samba, que havia falecido há alguns meses (em 16/04/2018), propondo realizar uma atividade que consistiria em tocar, lendo a partitura junto a gravação. Após toparem a proposta, elaborei um arranjo (trecho na Figura 3, disponível na íntegra no Apêndice C) para gravação e percussão que tinha como objetivo, que tocássemos a marcação do surdo no samba e praticar a leitura de partitura fazendo música


Figura 8 - Trecho de arranjo para Gravação e Percussão da música Acreditar de Dona Ivone Lara

**DONA IVONE LARA - ACREDITAR**

Percussão  $\text{H} \frac{2}{4}$  

2x                    ACREDITAR, EU NÃO / RECOMEÇAR, JAMAIS /  
A VIDA FOI EM FRENTE / E VOCÊ SIMPLEMENTE NÃO VIU QUE FICOU PRA TRÁS

9 

17 

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2018)

No Apêndice D - “Conteúdos e eventos na musicalização por data” é possível ver o que foi feito em cada encontro.

### 3.2 Procedimentos de coleta e análise de dados

Sabendo que método é *caminho* pelo qual se chega a algo, passamos a descrever e justificar as fundamentações desta investigação em diálogo com minhas experiências de vida. No campo das ciências humanas, e mais especificamente a partir da Fenomenologia



Existencial, entendemos que o fenômeno está situado nas pessoas e os significados atribuídos por elas são perspectivas sobre estes fenômenos envolvendo, portanto, inúmeras possibilidades de compreensão. A partir da interrogação posta, o que se visa é atingir uma compreensão do fenômeno e não uma explicação causal.

Para Merleau-Ponty (1999, p. 200) “Compreender é experimentar o acordo entre aquilo a que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação - e o corpo<sup>45</sup> é nosso ancoradouro em um mundo”. Ou seja, estamos situados em um mundo e é a partir dele, ou melhor com ele que significamos as coisas. Este é um fundamento filosófico central que nos acompanhou nesta pesquisa. A compreensão é resultante de uma relação indissociável entre corpo e mundo e por isso estamos “sendo-ao-mundo”. Com isso, Merleau-Ponty (1999) nos ajuda a considerar que o significado não está nas coisas e portanto não há uma essência universal nos objetos ou fenômenos.

De maneira distinta, entendemos que a compreensão está nas pessoas sobre as coisas, e estas pessoas estão encharcadas de suas realidades, em intersubjetividade e situadas em um contexto. Consideramos fundamentais as *relações* que as pessoas se envolvem. Athayde, Bill e Soares (2005) escrevem sobre as relações a partir do olhar e como o olhar transmite ao que é olhado seus significados. O que se vê, o que não se vê, como se vê e não vê, são formas de se relacionar, já que o corpo observado transmite e responde a relação do olhar:

Mesmo sendo, por hipótese, sempre o mesmo, o corpo será sempre diferente na visão dos que o observam, de acordo com as relações que se estabelecem entre quem olha e quem é olhado. Essa diferença não expressa mudanças do corpo observado. O que muda, portanto, são os olhares, ou melhor, as relações nas quais se projetam esses olhares e as condições em que esses olhares produzem visões do corpo. Quer dizer, se o olhar transporta para a imagem daquilo que é olhado um pouco da pessoa que olha, *se o olhar transporta para a imagem a relação entre o que se vê e o que é visto, deduz-se que ver é relacionar-se* (p. 173).

Cada olhar e não olhar, sentir e não sentir, ouvir e não ouvir, tatear e não tatear, são distintas formas de se relacionar. Assim, desde a intervenção específica desse estudo,

---

<sup>45</sup> Acerca do conceito de corpo para Merleau-Ponty (1999): “Quer se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total” (p. 269).

ao planejar, avaliar ou executar atividades, ao visitar os/as participantes e seus/suas responsáveis em suas casas, ao registrar os acontecimentos, escrevemos em exercício de intersubjetividade.

Nesta perspectiva, não existe possibilidade de interrogar, por exemplo, o ensino ou a aprendizagem, mas sim o sujeito que está ensinando e o sujeito que está aprendendo. Na pesquisa fenomenológica educacional sempre haverá um sujeito, numa situação, vivenciando o fenômeno educacional (FINI, 1994, p. 25).

Estes significados não pairam sobre o mundo, mas estão situados nas pessoas, que estão em interação umas com as outras, sendo-ao-mundo em intersubjetividade, ou seja, “sendo-uns-com-outrem-ao-mundo”. Reiteramos que esta pesquisa não envolve pura objetividade (descrição do mundo externo de modo neutro e imparcial), ou pura subjetividade (descrição do mundo externo a partir de referenciais individuais e idealizados), mas intersubjetividade (descrição do mundo a partir do encontro de subjetividades, de construção em coletividade, através do diálogo, do compartilhar de diferentes percepções sobre os fenômenos). Para Machado (1994):

Os significados provenientes de uma descrição não estão estritamente limitados à experiência do indivíduo do qual eles emergiram, não pertencem à uma única realidade, mas à de vários outros, sem que isto implique pertencer a todos os sujeitos. Assim, não se tem proposições de ordem universais, mas gerais (p. 42).

Portanto, realizar pesquisa com pessoas, grupos e comunidades exige o estar junto e vivenciar os fenômenos com o grupo que se pesquisa, para que seja possível dar significado às experiências de maneira mais condizente com a intersubjetividade das pessoas envolvidas.

Segundo Bicudo (1994):

a co-participação de sujeitos em experiências vividas em comum permite partilhar compreensões, interpretações, comunicações, desvendar discursos, estabelecendo a esfera da *intersubjetividade*. Esta é *dificultada e facilitada* pela linguagem, veiculadora de discurso (BICUDO, 1994, p. 19).

Para isso, trabalharemos com fenômeno, definido como aquilo que surge para consciência e é significado por ela. Neste sentido, a pesquisa não está restrita ao que acontece em um momento da semana como a musicalização, mas é uma delimitação da nossa possibilidade enquanto pesquisadores. Desta forma, também compreendemos como válida e relevante as experiências em momentos além do ambiente em que ocorreram as atividades da parceria dos projetos VADL-MQF: o encontro com algum/a participante na rua, uma visita à suas casas, um telefonema ou troca de mensagens instantâneas. Tais situações também foram registradas como recurso de memória, mas não foram trazidas como dados por uma questão ética.

Trabalharemos, portanto, com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21). Também concordamos com Pais (2001) ao não pretendermos generalizar os resultados, mas nos aprofundarmos no conhecimento de certa realidade “cuja singularidade é, por si, significativa” (p. 110).

A principal ferramenta de coleta de dados foram os diários de campo. Estes foram elaborados sobre os períodos da tarde do projeto, na qual uma das atividades era a musicalização. Consideramos que os diários de campo são: “[...] o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da escolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 150). Em acordo com Costa (2002), compreendemos o diário de campo enquanto dialética intersubjetiva, o que também é reforçado por Oliveira *et al.* (2014b), ao afirmar que:

[...] comprometemo-nos pela realização de estudos e pesquisas com (e não sobre!) pessoas, grupos e comunidades “marginalizados”, “desqualificados” e “excluídos” pela sociedade, não compartilhamos da ideia de turvar a realidade ao gosto do pesquisador, mas sim de originar os estudos e pesquisas do encontro de subjetividades, de pessoas, grupos e comunidades - pois só estes podem falar sobre as experiências encarnadas de “marginalização”, “desqualificação” e “exclusão”, bem como de suas resistências, lutas e reivindicações por uma sociedade mais justa (p. 43).

Sobre os diários de campo, Bogdan e Biklen (1994) nos alertam:

[...] é importante compreender que os investigadores qualitativos não são ingênuos. Eles sabem que nunca podem atingir um nível de compreensão e reflexão que possa resultar notas puras, isto é, notas que não reflitam a influência do observador (p. 167).

Assumimos, esta não-neutralidade no ato de pesquisar, que, para além deste documento, foi construído a partir do educar e educar-se junto a outras pessoas. Enquanto pesquisador que propõe atividades, vê e ouve as gravações, compartilha a autoridade frente a um grupo e analisa os dados, afirmamos que não tratamos apenas de transcrever pensamentos ou experiências de outrem nos diários de campo. Pelo seguinte motivo:

Nunca poderei rigorosamente pensar o pensamento do outro: posso pensar *que* ele pensa, construir, atrás desse manequim, uma presença para si a partir do modelo da minha, mas ainda sou eu que coloco nele, e então que há verdadeiramente “introjeção”. Em contrapartida, sei sem a menor dúvida que aquele homem ali *vê*, que o meu mundo sensível é também o seu, pois *assisto à sua visão*, ela *se vê* no domínio de seus olhos sobre o espetáculo, e quando digo: vejo *que* ele vê, aí já não há – como em: penso *que* ele pensa – imbricação de duas proposições uma na outra, visão “principal” e visão “subordinada” descentralizam uma a outra (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 187).

Assim, diferenciamos tais tipos de dados diferenciando-os em dados descritivos (o que vejo) nos preocupando em captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações, conversas, músicas, toques, movimentos, falas observadas. Os dados reflexivos (o que penso que vejo) foram discriminados a partir dos Comentários do/a Observador/a (abreviados como C.O. acrescido do nome da pessoa que fez o comentário) que contemplavam o ponto de vista do/a observador/a com suas ideias, preocupações e “achismos” sobre as situações observadas.

Visando melhor qualidade das descrições e reflexões documentadas nos diários optamos por gravar os encontros em áudio-vídeo e, em determinados momentos, também em áudio e imagem. Utilizamos uma câmera fotográfica digital Sony Cybershot de 14 megapixels, cartões para armazenamento de 4 *gigabytes* e um mini-tripé de aproximadamente 15 centímetros para facilitar o enquadramento da gravação. A câmera foi programada para gravar por mais de uma hora fazendo com que a qualidade da imagem fosse diminuída. A câmera e tripé eram posicionadas em uma mesa e eventualmente foram posicionadas em uma cadeira de plástico ou chão, decorrente da

eminente mudança de espaços. Nestes casos, priorizamos a fluidez no desenvolvimento das atividades ao invés da qualidade da imagem.

Quando nos dividimos em dois grupos (participantes que estavam vindo na musicalização há mais tempo e há menos tempo), usava um *smartphone* para gravar o grupo com o qual estava e deixávamos a câmera registrando o grupo que eu não estivesse presente, de forma que, além do relato dos/as educadores/as e minha presença distanciada, teria o vídeo para melhor descrever e refletir acerca dos fenômenos vivenciados.

Considerando a chegada de novos/as participantes, era comum explicar o motivo da gravação, falando sobre a pesquisa de doutorado e pedindo autorização para participação da mesma. Durante a musicalização, foram realizadas fotografias esporádicas pelos/as educadores/as através dos celulares *smartphones*, principalmente em situações de apresentações do grupo da musicalização.

A roda de conversa realizada com familiares, participantes e educadores/as no dia 10 de Junho de 2018 foi registrada por mais uma câmera fotográfica com qualidade de vídeo superior a utilizada até então. Em ambas as rodas de conversa que incluíram familiares, fizemos o registro fotográfico também com câmeras de celulares, dos/as educadores/as e familiares. No caso dos familiares, tivemos acesso a algumas destas fotos, enviadas após o encontro.

Estes materiais foram utilizados como recurso de memória tendo quatro justificativas principais: melhores descrições e reflexões, transcrição exata dos diálogos, mediação de diálogo e convivência com participantes, familiares e educadores/as, e, finalmente, pelo registro histórico. Explicaremos melhor cada uma delas a seguir.

Primeiro entendemos que as gravações possibilitaram rigorosidade e respeito à ordem dos acontecimentos já que, em situação de grupo, as falas, ações e movimentos podem decorrer uma das outras bem como acontecer de forma simultânea. Nos diários de campo, as falas transcritas estão entre aspas. Através dos vídeos e áudios pudemos reavivar (rememorar) as situações, sentindo as angústias e alegrias deste processo, gerando/ confirmando/ opondo/ contradizendo reflexões. Assim, nos colocamos em busca cuidadosa para melhor compreender as perspectivas alheias, buscando proximidade e transparência na análise, no sentido de consultar as pessoas para melhor contemplar suas

perspectivas neste trabalho. Utilizando as gravações para elaborar diários de campo detalhados nos permitiram outras reflexões e tivemos mais elementos para embasar algumas percepções.

Segundo, pudemos recuperar a fala, gestos e olhares dos/as participantes transcrevendo-as nos diários de campo. Foi possível reouvir expressões e entonações, percebendo elementos que não foram apreendidos anteriormente. As palavras carregam em si nossa intencionalidade de significação, nossa experiência, nosso mundo. Conforme Merleau-Ponty (1999):

A fala é um verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu. É isso que torna possível a comunicação. Para que eu compreenda as falas do outro, evidentemente é preciso que seu vocabulário e sua sintaxe “já sejam conhecidos” por mim. Mas isso não significa que as falas agem suscitando em mim “representações” que lhes seriam associadas e cuja reunião terminaria por reproduzir em mim a “representação” original daquele que fala. Não é com “representações” ou com um pensamento que em primeiro lugar eu comunico, mas com um sujeito falante, com um certo estilo de ser e com o “mundo” que ele visa. Assim como a intenção significativa que pôs em movimento a fala do outro não é um pensamento explícito, mas uma certa carência que procura preencher-se, da mesma maneira a retomada dessa intenção por mim não é uma operação de meu pensamento, mas uma operação sincrônica de minha própria existência, uma transformação de meu ser. [...] A fala é um gesto, e sua significação um mundo (p. 249).

A tradução destas relações se dá a partir da palavra. Mas conforme compreendemos a partir de Merleau-Ponty (1999), a fala não é vazia: é gesto e significação de um mundo. Ela representa algo que foi e que é experiência. O filósofo Fiori (2014) ao prefaciá-lo livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, escreve que:

A palavra é entendida, aqui, como palavra e ação; não é o termo que assinala arbitrariamente um pensamento que, por sua vez, discorre separado da existência. É significação produzida pela práxis, palavra cuja discursividade flui da historicidade - palavra viva e dinâmica, não categoria inerte, exânime. Palavra que diz e transforma o mundo. A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração (p. 28).

Ou seja, dizer a palavra é pronunciar o mundo. Nos colocamos disponíveis para escutar as palavras ditas pelos/as participantes, familiares e educadores/as, chegando à terceira justificativa para o uso de gravações como recurso de memória. Selecionamos parte destas gravações para apresentá-las na roda de conversa realizada com participantes, familiares e educadores/as que finalizou a coleta de dados para este estudo. Ao propor este encontro, buscamos escutar familiares e participantes. Nesta ocasião, os registros audiovisuais foram relevantes na medida que ajudaram a mediar esta conversa, por um lado, apresentando para além das palavras, o trabalho que estava sendo feito no projeto VADL-MQF; por outro lado, um objeto recheado de memórias e significados, que puderam ser comentados/ narrados/ descritos/ contrapostos pelos/as participantes e familiares que participaram deste processo ao levarem e buscarem seus filhos/as, escutarem suas histórias e aprendizados, reforçando e contrapondo-se ao que os/as participantes compartilhavam em casa. Concordamos com Bautista *et al.* (2017, p. 206, tradução nossa) ao afirmar que: “Uma imagem, ao ser vista e compartilhada, pode chegar a evocar uma recordação recente ou longínqua de nossa experiência vital, a qual seria complicado rememorar sem o registro visual”<sup>46</sup>. Desta forma, as imagens selecionadas e exibidas neste encontro serviram como “disparador” e “ilustração” da prática. Apesar desta pesquisa não se fundamentar na metodologia de foto-elicitación, entendemos, como Bautista *et al.* (2017), que este momento também fomentou relações entre investigadores/as e participantes. Ações como posar para a foto, se apresentar para a câmera, interagir com a gravação audiovisual foram fruto deste encontro e frutíferos em suas reflexões<sup>47</sup>.

A partir da leitura das descrições e reflexões documentadas nos diários de campo, realizamos a análise ideográfica à luz da questão de pesquisa: Quais são, como ocorrem e o que possibilitam os processos educativos decorrentes do “fazer música em grupo” no projeto de extensão VADL-MQF? A análise ideográfica consistiu na separação de unidades que foram significativas ao pesquisador, sabendo que é olhado de uma entre as

---

<sup>46</sup> Do original: “Una imagen, al ser visionada y compartida, puede llegar a evocar un recuerdo reciente o lejano a nuestra experiencia vital, lo cual sería complicado rememorar sin el registro visual” (BAUTISTA *et al.*, 2017, p. 206).

<sup>47</sup> Para mais informações há artigo intitulado “Arte-educação e estética: uso de mídias em um projeto socioeducativo” (ARRUDA; MARTINS, 2019) que teve como objetivo compreender as relações entre estética, educação musical e mídias no contexto do projeto VADL.-MQF.

várias perspectivas possíveis (GARNICA, 1997, p. 116). Cada diário de campo foi identificado com um algarismo romano sequencial (I, II, III, IV, ...) sendo que os dois últimos diários vêm acompanhado da sigla RC, diferenciando-os dos demais já que estes foram realizados em contexto de roda de conversa com familiares, participantes e educadores/as (XXII RC e XXIII RC). Dentro dos diários sublinhamos cada trecho que identificamos como uma unidade de significado, atribuindo números arábicos para cada uma delas conforme figura a seguir.

**Figura 9 - Destacando e referenciando as unidades de significado**

Miguelina: "É Maria, você tá na hora de você mudar também, né, mas não tem de trocar, né? porque eu tá tipo [faz o movimento de trocar]".  
 Maria: "Não tem outra coisa que eu vou tá lá. Está um momento aqui. Mas antes disso..." Miguelina: "Mas porque já tá um momento..." (XIII - 15).

**Fonte:** Elaborado pelo pesquisador (2019)

Neste exemplo: "XIII - 15", referenciamos ao diário de campo treze e unidade de significado quinze. Já a análise nomotética trata do processo de reflexão a partir destas unidades destacadas. Ela contempla o processo de agrupamento dos significados das unidades em categorias, um movimento do individual para o geral.

Articulando as compreensões que resultaram dessa seleção das unidades de significado e das próprias unidades, o pesquisador trata de agrupá-las em categorias - ditas abertas - mediante reduções. Esses agrupamentos formam uma síntese dos julgamentos consistentes dados nas descrições ingênuas dos sujeitos. É a partir desses agrupamentos que o pesquisador passa a sua segunda fase de análise, a nomotética, quando a investigação dos individuais, feita pelo estudo e seleção das unidades de significado e posterior formação das categorias abertas, é ultrapassada pela esfera do geral (GARNICA, 1997, p. 117).

A partir disto, as seguintes categorias foram formadas: Categoria A: "Vamos a música, né? Porque isso é o meu forte!" - Conhecendo e se reconhecendo; B) "Ó, vo ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui e depois vai para cá" - Ensinando e aprendendo uns com os outros; C) "Da hora!" - Escolhendo e combinando. Para cada uma das categorias escolhemos uma fala-situação dita pelos/as participantes que



consideramos ter grande potência para representar tais categorias. Abriremos cada discussão das categorias com estas situações.

Num processo complementar à criação das categorias fomos construindo a matriz nomotética, a qual além de servir como guia visual dos dados agrupados também apresentamos as unidades que divergem do que é a categoria, conforme Quadro 10.

Quadro 10 - Matriz nomotética

<b>Categorias</b>  <b>Diários</b>	<b>A) “Vamos a música, né? Porque isso é o meu forte!” - Conhecendo e se reconhecendo</b>	<b>B) “Ó, vo ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui e depois vai para cá” - Ensinando e aprendendo uns com os outros</b>	<b>C) “Da hora!” - Escolhendo e combinando</b>
<b>I</b>	2, 3, 7d, 11, 13, 14, 21, 25, 27,	5, 6, 8, 10, 12, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 26	1, 9, 15, 24, 28,
<b>II</b>	2, 3, 4, 8, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 23, 24, 27, 29, 38,	5, 6, 10, 14, 18, 19, 22, 25, 26, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 39	1, 7, 9, 11, 12, 15, 17, 36, 37,
<b>III</b>	3, 14, 17, 18, 19, 21, 23, 25,	4, 6, 7, 12, 13, 15, 24,	1, 2, 5, 8, 10, 11, 16, 20, 22,
<b>IV</b>	1, 3, 5, 13, 17, 31, 40	4, 7, 10, 11, 12, 14, 15, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 32d, 33, 34, 37, 38, 42	2, 6, 8, 9, 16, 19, 21, 25, 35, 36, 39d,
<b>V</b>	3, 8, 9, 12,	4, 6, 7, 10, 11, 13,	1, 2, 5, 14,
<b>VI</b>	3, 5, 7, 10, 12, 19, 21, 23, 25	15, 18, 20, 22, 24, 26, 28d, 30, 32, 34,	1, 2, 4, 6, 8, 9, 11, 13, 14, 16, 17, 27, 29, 33, 35, 36, 37d, 38,
<b>VII</b>	2, 11, 12, 22, 24,	4, 7, 10d, 15, 17, 20, 21, 23, 28,	1, 3, 5, 6, 8, 9, 13, 16, 18, 25, 26, 27, 29,
<b>VIII</b>	11,	3, 8, 9, 10, 12, 13, 15	1, 2, 4, 5, 6, 7, 14, 16
<b>IX</b>	3, 9, 11, 13, 20, 27, 35,	5, 7, 10d, 18, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 33,	1, 2, 4, 6, 8, 12d, 14, 15, 16, 19d, 23, 31, 32, 34,
<b>X</b>	2, 5, 8, 9,	3, 7, 10, 11, 12, 13, 15	1, 4, 6, 14, 16,
<b>XI</b>	1, 4, 5d, 8, 11, 12, 15d, 18, 22, 25,	2, 3, 9, 10, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24,	6, 7d, 26,
<b>XII</b>	1, 3d, 4, 9, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 22,	2, 7, 11, 13, 16, 20, 21d	5, 6, 8,
<b>XIII</b>	1d, 4d 5, 6, 7, 9, 10, 13, 20, 24, 29, 33d	2, 3, 8, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 23, 25d, 26, 27, 28, 30, 32, 34	18, 22d, 31
<b>XIV</b>	1, 2, 12, 14, 16d,	3, 5, 7, 8, 9, 10, 11	4, 6, 13, 15,
<b>XV</b>	1, 2, 5, 10, 11d, 12, 17, 18, 21,	4d, 6d, 7, 8d, 9, 13, 14, 16,	3, 15, 19, 20d,
<b>XVI</b>	1, 2, 3, 7, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18,	4, 8, 9, 11, 12,	5d, 6,
<b>XVII</b>	1, 3, 5, 7,	4, 6, 8,	2d, 9, 10d,
<b>XVIII</b>	1d, 3, 4, 7, 10, 12, 16d, 17d, 18,	2, 6, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 19, 24,	5, 20d, 21, 22,
<b>XIX</b>	1, 2, 3d, 11, 12,	6d, 8, 10d,	4, 5, 7d, 9, 13
<b>XX</b>	1, 2, 3d, 4, 10, 14, 15, 18d, 19,	5d, 8, 11, 12, 13,	6, 7, 9, 16, 17d, 20d,
<b>XXI</b>	1, 2, 6, 9, 10, 13d, 14, 18, 19,	5, 7, 11, 12, 15, 22	3, 4, 8, 16, 17, 20, 21,
<b>XXII (RC)</b>	7, 14, 15, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 53, 55, 60, 62, 63, 66, 68, 72, 79, 89, 92,	8, 11, 16, 28, 29, 31, 47, 52, 58, 59, 61, 64, 65, 69, 70, 71, 74, 76, 77, 80, 83, 85, 86, 87, 88,	1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 12, 13, 17, 18, 30, 41, 42, 45, 51, 54, 56, 57, 67, 73, 75, 78, 81, 82, 84, 90, 91, 93, 94, 95, 96
<b>XXIII (RC)</b>	1, 3, 4, 6, 7, 8, 16, 17, 20, 21	2, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19	5

## SEÇÃO 4: CONSTRUINDO OS RESULTADOS

---

### **Categoria A: “Vamos a música, né? Porque isso é o meu forte!” - Conhecendo e se reconhecendo**

A frase que nomeia esta categoria foi dita pela participante Megablue quando quis explicar ao educador Murilo e às colegas Iris e Baixinha como era um bom jeito de aprender e ensinar. Para isto, buscou dar um exemplo a partir do que lhe era familiar: “Vamos à música, né? Porque isso é o meu forte!”. Megablue anuncia a música como um assunto que se sente confiante para dar sua explicação. Escolhe algo com o qual já construiu forte relação e, por isso, tem mais facilidade para comunicar o que pensa e o que sente. Em outras palavras, Megablue reconhece (no sentido de identificar) algo que é importante para ela e anuncia ao grupo de forma que podemos conhecê-la um pouco melhor. Também passamos a reconhecê-la por sua relação com música.

Situações de conhecer e reconhecer estarão nesta categoria para dar sentido às relações que foram estabelecidas entre as pessoas, e entre elas e ações, entre elas e objetos ou pensamentos. Veremos nesta categoria que estes processos de conhecer e reconhecer estão ligados à prática da alteridade pois é a partir do encontro que “descobrimos” aproximações e distanciamentos, concordâncias e discordâncias entre si e outrem. Compreendemos com Lévinas (1988, 2004, 2015) a responsabilidade que temos por outrem e que esta prática se dá com o reconhecimento do outro, a partir do que o filósofo chamou de “Rosto”.

Veja bem, se você conserva o rosto como o objeto do fotógrafo, nesse caso você tem um objeto como qualquer outro. Mas se, ao contrário, você atribui ao rosto essa responsabilidade e diferença, essa estranheza do outro e sua miséria, se o rosto se oferece à sua misericórdia e à sua obrigação, então é um rosto. Percebe? (LÉVINAS, 2015, 37min57s).

Tanto no momento de musicalização, tocando, brincando, conversando, estávamos nos relacionando e tais relações geram aproximações e distanciamentos entre as pessoas. Estamos des-cobrimo estes rostos, seja a partir de um determinado tipo de

música como o samba-reggae, seja na convivência promovida ao se fazer música em grupo.

A partir da relação com algo ou alguém, passamos também a nomeá-lo/a inaugurando um outro nível de intimidade com o que está se conhecendo: eu diferencio, específico, distingo, delimito, separo o que é do que não é, categorizo, *partindo sempre de nossa vida*. Isto se dá por meio das relações que nós estabelecemos com a pessoa, lugar ou objeto (conteúdo, por exemplo) e de um histórico de relações e experiências que tivemos anteriormente. A situação a seguir pode nos servir de ilustração, quando, em roda de conversa, cada um se apresentava ao grupo:

**Pastel:** “Meu nome é Pastel, tenho oito anos, moro no [bairro], o que gosto muito de fazer é gosto de jogar futebol e de jogar vídeo game no quarto” (XXII RC<sup>48</sup> - 36).

**Pietro:** “Meu nome é Pietro, tenho sete anos...”. Pastel o corrigiu fazendo com que as pessoas rissem: “Oito!!!”. Pietro reafirmou “Sete!”. Pastel insistiu: “Oito!”. Pietro continuou: “Gosto de jogar futebol e gosto de brincar” (XXII RC- 37).

Ou seja, nas relações estabelecidas entre Pastel e Pietro, Pastel relacionou a idade de seu colega a partir de sua própria idade. Assim, ao longo do projeto vamos buscando estas conexões do que se propõe conhecer com as experiências das pessoas. Na musicalização também foram anunciadas as relações que estabelecíamos com o conteúdo. Ao passar um vídeo de samba-reggae de um grupo de Salvador, Iris disse que sua tia e o pai de outra participante, sua amiga, eram de Salvador. Após assistirmos outro vídeo sobre o assunto, Iris anunciou que gostava de samba-reggae.

Murilo: “E outro vídeo que eu queria mostrar é esse daqui: [Didá (2019)<sup>49</sup>]. E elas estão em Salvador, conhecem?”. “Minha tia veio de lá”, Iris respondeu. Murilo apontando para o vídeo disse: “Aí é uma rua do Pelourinho, é um lugar, lá em Salvador que tem as ruas de pedra, e é um bairro muito antigo”. Iris disse: “O pai da Juliana veio de lá”.

---

<sup>48</sup> XXII: Trata-se do diário de campo referente à roda de conversa realizada junto aos familiares, participantes e educadores/as no dia 10 de Junho de 2018. Optamos por incluir na referência o “RC” para diferenciá-lo dos demais, cujo os encontros se deram no contexto da musicalização. Os números apresentados na sequência se referem às unidades de significados que foram destacadas nos diários. Cada diário começa com a unidade de significado 1, conforme Apêndice E - Diários de Campo I a XXIII.

<sup>49</sup> Consta na lista de Referências Audiovisuais, após Referências Bibliográficas.

Murilo disse: “É mesmo? É uma cidade muito bonita! Tem um vídeo aqui também de um cara, que é brasileiro, e foi para outro país pra ensinar a música que a gente toca aqui no Brasil. No vídeo ele até está falando outra língua, inglês. Aí ele vai explicar as coisas”. Assistiram juntos/as. Ao final Iris disse: “Eu gosto de samba-reggae!” (II - 23).

Esta conversa que tange a questão do conteúdo Samba-Reggae trabalhado neste contexto nos fez pensar nos conhecimentos, relações e experiências que os/as participantes já tem em relação aos conteúdos e também na potencialidade de proporcionar experiências relevantes com as músicas feitas no Brasil, complementando estas relações e tornando-as representativas ao se discutir música, culturas brasileiras, valorização da cultura popular, aprender conteúdos musicais, tocar um instrumento e tocar em grupo. Veremos na categoria B que estes aprendizados são passados adiante, não apenas como conteúdo, mas relativo a uma experiência de vida.

Ainda sobre as expressões que dão título a esta categoria, tomemos como ilustração o retorno a qualquer cidade. Provavelmente nesta nova jornada podemos *conhecer* algo/alguém novo, conhecer mais sobre algo ou alguém. Sabemos que este conhecer é fonte inesgotável, já que até “em nós mesmos” sentimos que podemos nos conhecer mais e melhor. Na jornada também podemos *reconhecer* o caminho, pessoas e coisas. Ao contrário do que a estrutura da palavra dá a entender não é possível *reconhecer* enquanto “conhecer novamente” (a não ser em casos muito específicos). A palavra tem diversos sentidos, dos quais salientamos dois deles: identificar alguém ou algo, e distinguir alguém ou algo por determinados traços. É a partir do contato com Outrem que vamos nos reconhecendo.

Em todos os encontros, começamos e terminamos o dia com uma roda de conversa que consistiam em um momento de ouvir uns aos outros: novidades, histórias, experiências, saberes, conhecimentos, propostas, reclamações, congratulações e apresentações entre outros. A condução deste momento era mediado por um/a educador/a, significando apenas que esta pessoa teria maior responsabilidade e liberdade para conduzir os temas, sendo a conversa feita de forma compartilhada.

Os/as educadores/as e participantes se reuniram embaixo das árvores em frente a lanchonete para realizar a roda inicial. O educador Téo iniciou perguntando sobre as novidades. Minivamp e a Aparecida

comentaram sobre “a bagunça” (guerrinha de papel) que fizeram na escola durante a aula do professor substituto. Téo disse que era professor de escola também e questionou tal postura. Minivamp e Aparecida disseram que foram outras pessoas, mas que foi engraçado. Com isso, Georgy lembrou de uma novidade que disse ser triste, sobre a sua mudança para a Escola Estadual Antônio Militão de Lima situado na Vila Nery em São Carlos-SP, pois, segundo ele: “lá todos precisam fazer silêncio mesmo durante o intervalo”. Téo comentou que a escola podia ser boa, mas o Georgy continuou afirmando que não estava gostando da mudança. Megablue comentou sobre os jogos que tiveram contra o Militão que quase teve briga e uma colega sua levou uma “sapatada”. O educador Flecha perguntou sobre a sapatada e Megablue disse que uma menina não havia amarrado bem o tênis que foi arremessado quando tentou dar um chute na adversária.

O participante Pietro disse que foi a um passeio com a escola para o Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC) e vários participantes comentaram que também haviam feito essa visita. Destacaram as atrações do local como um experimento dos corrimões com temperaturas diferentes, telefone sem fio e espelhos diferentes. O participante Minivamp comentou que havia feito fogo com a lente quebrada do seu óculos e o Georgy disse que já havia feito com gravetos, cada um explicando como o fizeram (XI - 1).

Conforme o fragmento, os conteúdos variaram e comentários nos levavam a outros assuntos. Isto era recorrente, apesar de em outros momentos, as conversas serem truncadas, silenciosas ou intercalada por conflitos. Minivamp e Aparecida, que estudam na mesma escola e mesma sala de aula, trouxeram uma novidade de seu cotidiano, gerando uma breve conversa sobre isto. Georgy anunciou a mudança de escola. Megablue lembrou de sua experiência com pessoas desta escola, contando uma história de forma engraçada. Assim, as rodas de conversas além de criar a possibilidade de conhecer melhor uns aos outros, também abriam espaço para tratar de temas que os/as educadores/as e participantes considerassem relevantes. Um ponto importante a ser considerado é que ao discutir tais temas (como o caso da “bagunça” e de “ser professor”) isto era feita de forma contextualizada, a partir da concretude. Em uma roda final, por exemplo, conversávamos sobre como havia sido o dia.

Murilo perguntou se alguém gostaria de comentar algo sobre o dia. Aparecida contou das vezes que o pessoal do futebol mexeu com eles, inclusive com Ronaldo, xingando sua mãe. Ronaldo disse que havia ligado para um de seus colegas para vir brigar com quem o xingou durante a bicicleta.

**C.O. Murilo:** Conversei com o treinador depois do período e ele disse que iria conversar com os jogadores.

Murilo perguntou ao grupo quem havia perdido parentes e amigos por causa de brigas. Dez pessoas aproximadamente levantaram as mãos. Algumas (Thiago e Aparecida) declararam querer contar sobre. Murilo disse que pela questão do tempo, se eles/as topassem, este poderia ser o assunto da roda inicial da terça-feira. Toparam.

[...] (XIII - 33).

Na roda inicial do próximo encontro o educador Cuco introduziu tal assunto. Murilo contextualizou dizendo que, na ocasião, pediu para que levantassem a mão quem havia perdido pessoas próximas por motivo de briga. Enquanto educadores nossa intencionalidade era de ouvir alguma destas histórias e utilizá-la para refletir sobre outras formas de lidar com os conflitos, entretanto Ronaldo contou uma situação de quando seu amigo ficou bravo com ele e possivelmente iria bater nele então ele correu; e Aparecida contou que quase brigou a caminho do projeto quando a chamaram de “feia”. Tais conversas deram contornos não esperados pelos educadores para conduzir a conversa. Perguntamos então quem já havia ouvido a expressão “se um não quer, dois não brigam”.

[...] Georgy contou que ouvia isso quando sobrava o último pedaço de alguma comida em sua casa.

**C.O. Murilo:** Nunca havia ouvido neste sentido. Quando um não quer [algo], dois não precisam brigar [por este algo]. Necessidade de abrir mão ou de não querer.

[...]

Murilo aproveitou para dizer que tais xingamentos e provocações também machucam, também são violência, porém reagir agressivamente seria e geraria mais violência ainda. Ronaldo disse que brincava com seu amigo mas que quando ele bateu em seu rosto aí “teve” que brigar, dizendo que: “nem minha mãe bate na minha cara”. Murilo e Cuco disseram que talvez ele pudesse ter evitado a briga antes de seu amigo lhe bater, conversando.

Minivamp também disse que “quando um não quer dois não brigam” porque se um não quiser brigar ele pode fazer com que o outro não brigue. Cuco reforçou a resposta do participante, dizendo que existem várias formas e a que acreditávamos e usávamos mais era a conversa, Murilo disse que em último caso, se afastar também poderia ajudar (XIV - 2).

Através de conversas como estas, conhecemos melhor as realidades dos/as participantes. Cada um dos comentários é um movimento de se posicionar em um mundo. Enquanto compartilham sobre suas vidas, compartilham seus anseios, suas impressões e

nos conhecemos melhor. Para alguns, era um movimento de silenciar, para outros de vencer uma barreira e se comunicar com todos/as o que estavam pensando. Criamos assim maiores laços afetivos, respeito e confiança, já que também nos reconhecemos em determinadas características e histórias.

Enquanto educadores/as, também reconhecemos as necessidades de maior embasamento sobre determinados assuntos, novamente, amparados pela concretude da vida. Ora isto foi feito de forma antecipada às conversas, ora as conversas nos motivaram a procurar em livros, *sites*, filmes, documentários e conversas, determinados assuntos, como violência, agressividade, brigas, educação para as relações étnico-raciais, e assim por diante. Neste movimento era comum ser “pego de surpresa” em relação a algum assunto e este ser pauta das reuniões de avaliação e planejamento (que ocorriam semanalmente entre educadores/as), reuniões de formação (também semanal cujo cronograma de materiais de estudo eram selecionados no início de cada semestre), momento de confecção dos diários de campo (uma hora após cada encontro) e momentos considerados informais, como saídas entre educadores/as, almoços, conversas de corredor, e assim por diante.

Um dos temas trabalhados neste sentido foi sobre os parentes indígenas. Até certo ponto trabalhados por nós, educadores/as e participantes, sentimos a necessidade de melhor aprofundamento na questão. Veremos um pouco das ações desenvolvidas, dispostas em um bloco de análise a seguir.

Em visita do grupo musical Bateria da UFSCar, os/as convidados/as, participantes e educadores conversavam e explicavam o que faziam no projeto. Ao conversar sobre a origem do *fútbol callejero* entramos no assunto da colonização e acabamos nos perguntando do porquê que na Argentina se falava espanhol, se “espanhol é da Espanha” como o participante Pastel disse (III – 6).

Os/as participantes falaram algumas brincadeiras que as pessoas da bateria não conheciam e ficaram curiosas de saber como eram. Baixinha explicou o jogo Pásgoa, Iris falou sobre o *fútbol callejero*.

**C.O. Cuco:** O pessoal da bateria pareceu impressionado com as explicações de Iris sobre o *fútbol callejero* contemplando os pilares (solidariedade, cooperação e respeito) e como se jogava.

Murilo perguntou sobre a origem do *fútbol callejero*. Juliana falou que era um futebol de rua. Murilo perguntou se as palavras estavam em



português e responderam que não, era em espanhol. Pastel logo disse: “Espanhol é da Espanha”. Murilo disse que haviam outros países que falavam espanhol sem ser a Espanha. E continuou: “Mas você saberiam dizer por quê que na Argentina falam espanhol, se espanhol é da Espanha?”. Minivamp falou que era por causa da colonização. Murilo falou que foi porque chegaram, disseram, “essa terra agora é nossa e vai chamar Argentina e vai falar espanhol”. Thiago: “Não foi tão simples assim!”. Murilo disse: “Não foi meeesmo! Explica aí pra gente como foi, mas de forma resumida”. Thiago: “Eles vieram, invadiram, mataram e fizeram falar a língua deles”. Houveram risos. Murilo: “Mas que língua eles falavam?”. Thiago disse que não sabia. Depois de um certo silêncio, Minivamp disse: chinês, inglês, japonês, etc. Murilo disse: “Acho que não fui muito claro. Que língua falavam aqui antes de chegarem os/as colonizadores?”. Minivamp falou que língua indígena. Murilo: “Mas vocês sabe dizer o nome de alguma língua indígena?”. Minivamp disse que não. Murilo: “Está aí um bom assunto para gente conversar na terça-feira”. Baixinha mexendo no celular falou: “Deixa para semana que vem, porque a bateria do meu celular está uma” [fez um gesto com as mãos].

**C.O. Murilo:** Ela estava procurando no celular tal informação, como já fez em outras rodas, com outros assuntos.

**C.O. Cuco:** Podemos trazer algum indígena que está na UFSCar para contar e falar sobre sua língua original (III - 6).

Surge então a ideia de continuarmos este assunto e de convidar um indígena para conversarmos, contando com o privilégio e facilidade de ter na comunidade universitária da UFSCar estudantes de diversos povos indígenas do território brasileiro, já que, desde 2008 destina vagas a tais pessoas. Durante as semanas subseqüentes, enquanto os/as educadores/as organizavam a vinda dos/as convidados/as continuamos com os encontros no Clube do Sindicato. No encontro seguinte o educador Murilo fez uma seleção de músicas para realização de uma atividade de movimentar-se conforme a música.

Murilo pôs para tocar a música dos Bro Mc's, um grupo de *Rap* composto por Bruno Veron, Clemerson Batista, Kelvin Peixoto e Charlie Peixoto, todos Guarani Kaiowá, cantando músicas em Guarani e Português. Num primeiro momento, Murilo pediu para que andassem conforme a música. Na sequência, pediu para que tentassem entender o que eles estavam falando. Minivamp deu um palpite sobre alguma palavra que ele achou ter identificado. Algumas pessoas foram a frente do computador onde havia um vídeo clipe passando com a janela bem pequena. Quando Murilo perguntou que língua que era, Adriano e Baixinha responderam: “É o rap indígena!” e outra pessoa respondeu: “É espanhol!”, e ainda: “É indiano”.

**C.O. Murilo:** Acredito que ao falar “indiano” a pessoa quis se referir aos indígenas. E acredito que tenham tido facilidade para responder pois

eu havia comentado na roda inicial algo do tipo: “Vocês sabiam que existe até rap indígena?”.

Murilo disse: “Esse é o grupo MC Bro's, que cantam em português e na língua deles”.

**C.O. Murilo:** Faltou ter procurado mais informações sobre este grupo específico, de onde são, que língua falavam etc.

[...] (IV - 13)

Em reunião de planejamento decidimos convidar (educador Brasileiro se encarregou de estabelecer o diálogo) estudante indígena da UFSCar para que participassem conosco em um dos encontros. Tivemos a participação de quatro indígenas dos povos Pira-Tapuia, Tariano, Pankararu e Tukano, graduandos na Universidade Federal de São Carlos. Neste dia, a roda de conversa inicial planejada para durar meia hora durou aproximadamente uma hora, onde fizemos perguntas sobre diversos assuntos como música, brincadeiras e alimentação. Neste dia:

Iris chegou atrasada e disse bem alto: “Olha, o índio!”. As crianças e adolescentes riram (V - 3).

E depois de uma hora de convivência e muita conversa, Manoel, um dos convidados disse:

[...] Quando ela chegou, ela fez uma pergunta bem interessante.. o que que te definiu que ele era índio? Por causa do cocar? [Menino Pankararu estava usando] Por que ele é índio? Porque entre nós não gostamos de ser chamados de 'índios', nem 'indígenas' nós falamos, porque entre nós nos chamamos de “parente”, o que é mais respeitoso na verdade. Parente é como chamar de irmão, eu posso chamar vocês de parente também, eu nunca te vi, mas eu vou te respeitar sempre. Porque nós gostamos de respeito e de trabalhar em comunidade, nós gostamos de viver assim [...] (V - 10).

Semanas depois conversamos sobre tal acontecimento (X - 3) e Iris se mostrou incomodada com como Manoel a tratou. O educador Dexter comentou sobre a diferença de culturas, no modo de falar e conversar. Murilo falou sobre o preconceito e opressão histórica que muitos viveram/vivem, podendo gerar ações mais radicais ou incisivas, que são respostas às opressões vividas e não má-educação ou algo do tipo.

No encontro com familiares, educadores/as e participantes, conversamos a partir de algumas fotos tiradas durante o período de coleta de dados. O objetivo do encontro era ouvir principalmente os/as participantes e familiares sobre as experiências que tiveram ao participar do projeto naquele período.

**Figura 10 - Roda de conversa com convidados**



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Murilo: “E esse dia aqui?”. Aparecida “Dia do índio!”, Iris: “Ó lá os índio alí, ó!”. Murilo: E o que que aconteceu nesse dia?”.

Iris: “A gente estava conversando aqui, aí a gente foi fazendo perguntas pra eles, sobre o que eles faziam, o que eles gostavam, qual comida que eles gostavam, lendas... não sei, se eram verdade, aí depois a gente, no final da roda, a gente fez o jornalzinho com as perguntas pra eles”..

Juliana: “Nesse dia eu vi um dos índios ali perto da papelaria do meu pai”. Murilo: “Ah é? Ele tava passando por alí?”. Juliana: “Ele tava indo pra [lugar omitido]“ (XXII - 72).

Alguém lembra de alguma coisa comum que eles gostavam que eles faziam?”. Aparecida: “Eles gostavam de comer mandioca”. Murilo: “Mandioca e tinha também outra coisa...”. “Peixe”. Minivamp: “Eu sei,

eles comiam tudo junto!”. Murilo: “Em comunidade, ali, né?”. [...] “Mandioca é bom!”. Iris: “Ahh, e acabou falando da lenda da mandioca que eu perguntei se era verdade”. Murilo: “Que que ele falou?”. Iris: “Que não...Pode contar?”. Murilo: “tudo bem se a Ana contar?”. “Sim!”. Iris: “*Eu vou contar sobre o meu conhecimento*: [...]”. Murilo: “Isso você aprendeu antes do projeto..? E daí você trouxe pro projeto e perguntou pra eles se eles conheciam ou não e eles disseram que...”. Iris: “Que era só uma lenda”. Pastel: “Eles brincavam de pega-pega lá em cima da árvore”. Murilo: “É.. é verdade, boa lembrança!”. Hulk: “Ele contou a lenda da mandioca lá”. Minivamp: “Eles falaram como que eles faziam a tapioca. Tinha um tipo de ... [Minivamp gesticulando algo para ralar/amassar a mandioca]”. Murilo: “Legal, boa lembrança também! Ó, a gente falou que eram índios, indígenas... parentes indígenas como eles gostavam de ser chamados, mas alguém lembra o nome deles? Eram quatro!”. [Seguiram tentando lembrar o nome dos quatro visitantes] (XXII - 74).

Conhecer os convidados, parentes indígenas, vindos de diversos povos, e, conforme disse Juliana, reconhecê-los andando na rua contribui para uma complexificação do que é (ou melhor, o que pode ser) ser indígena hoje, seja na cidade, na aldeia, comprando, plantando, fazendo pós-graduação, pescando e assim por diante. A questão de como chamá-los que foi problematizada por Manoel a partir do comentário de Iris “Olha, o índio!” (V - 3), continuou sendo referenciadas em conversas seguintes demonstrando a potência da experiência que tivemos.

As situações aqui descritas tratam de processos educativos referentes ao reconhecimento de Outrem, no caso, reconhecimento dos/as indígenas e a diversidade dos povos. Hoje, estima-se 305 etnias, somando quase 900 mil pessoas no Brasil segundo censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Tapioca, peixe, mandioca, açaí, foram comidas sobre as quais conversamos e de certa forma nos relacionamos com tais comentários. Joana, por exemplo, comentou que “Pra mim pode ser amargo ou ser doce, eu num gosto!” (XXII RC - 74). Pastel disse que: “Eles brincavam de pega-pega lá em cima da árvore” (XXII RC - 74). Lembro de no dia isso termos pensado em como isso poderia ser feito, mas percebemos que haviam poucas árvores no Clube e estas eram distantes uma das outras.

Também conversamos sobre a lenda da mandioca, trazida por Iris no dia da visita dos convidados. Damos destaque a fala de Iris: “Vou contar sobre o meu conhecimento”

(XXII RC - 74) pois são estes conhecimentos compartilhados que servem como material para construção de outros conhecimentos, saberes e fazeres.

Por esta sequência de análise, podemos perceber como as conversas eram momentos de “contar sobre os conhecimentos” de cada um e, junto às intencionalidades educativas, mediar, ouvir, falar, problematizar, planejar ações em lazer e música que contribuíssem com tais temas. Estes momentos, eram encorajados apesar de algumas vezes termos o sentimento de “desperdício de tempo” por não estarmos tocando os instrumentos ou fazendo alguma atividade com objetivo técnico-musical. Mas não era apenas através das conversas (histórias, novidades, comentários e partilhar de saberes) que conhecíamos e nos reconhecíamos uns aos outros. Mediado pelo fazer musical ou por brincadeiras também era possível proporcionar isto.

A partir de uma pergunta sobre por onde andaria um participante que participava da musicalização, conversamos:

[...] Megablue: “Ah, eu vi ele. Eu perguntei porque 'você não tá indo!' e ele respondeu 'Ah, mor cansadão!' e eu 'Mas você não faz nada da vida, meu filho!' e ele 'maior preguiça!' eu falei 'Ah'“. Baixinha: “Ou seja, ele está que nem eu, desistiu de vim!”. Murilo: “Certo!..Certo não, errado!”. Paloma: “Eu prefiro vim aqui do que ficar em casa sem fazer nada”. Aparecida: “É meio cansativo na hora de vim, mas...”. Murilo: “Dá uma preguiça depois do almoço, né?”. Iris: “Professor, é melhor, porque se eu ficar em casa eu tenho que ficar passando pano, lavando a louça ou cuidando do meu irmão”. Aparecida: “Eu também!”. Baixinha gritou: “Tá bom gente, vamos voltar pra música!”. Murilo: “Calma, você falou também”. Paloma: “É a gente só tem vinte minutos!”. Iris: “Agora quinze!” (XII - 12).

A partir deste trecho podemos pensar em como os/as participantes se relacionam com projeto, atividades musicais e lazer. Conforme já discorremos, o lazer muitas vezes está associado a um tempo isento de obrigações. No trecho analisado, podemos pensar na participação no projeto enquanto uma fuga, uma possibilidade de ter este tempo-espaço sem obrigações domésticas, escolares ou familiares. Ao mesmo tempo, a partir da chamada para voltar para a música feito por Baixinha (participante que ainda não havia se manifestado sobre a situação das obrigações), veio uma série de comentários sobre retomar as atividades musicais para aproveitar-se do momento destinado a tal prática.

Assim, compreendemos que ao lazer é essencial não apenas a isenção de obrigações, mas o que se faz, por que, como e com quem se está durante esta isenção de obrigações.

Neste contexto, ressaltamos mais uma vez que a música comunitária buscar ser relevante para as pessoas que dela participam. Neste sentido, os anúncios em relação aos interesses em o que e como aprender são levados em consideração e eram trabalhados em forma de projetos como prática de percussão, brincadeiras de roda, construção coletiva de canções, confecção e prática de pífano, prática de flauta doce, e assim por diante.

Megablue: “E eu quero tocar flauta”. Baixinha: “E eu quero tocar violão. Na verdade eu amo guitarra”. Megablue: “O Murilo passou flauta, mas eu não estava aqui, eu não conhecia o Sindicato, sabe?” **(XIII - 20)**.

Os/as participantes anunciam seus interesses em muitos momentos, seus prazeres e desprazeres. Megablue anunciava que tinha interesse em flauta doce, pois inclusive participava de um outro grupo de prática coletiva, chamado Doces Flautistas, experiências que eram compartilhadas com os/as colegas. Megablue anunciava com empolgação suas apresentações e fazia os convites à turma.

Este sentimento gerado por uma prática musical coletiva foi compartilhado em diversos momentos no projeto.

Murilo continuou tocando com Megablue. Murilo contou e “cortou”. Paloma deu um grito “Uuuul”. Murilo perguntou: “O que vocês sentiram?”. “Animação, vibração” gritou Iris. Thiago: “Felicidade”. Murilo: “Izabella sentiu alguma coisa boa ou ruim? [“Boa”, ela respondeu] **(XIII - 29)**.

O prazer de se tocar em grupo. Tal experiência era transmitida também a quem apreciava o que estava sendo feito.

Restou pouco tempo para a roda de conversa final pois a musicalização excedeu o tempo planejado. Os/as participantes da bicicleta chegaram na roda e ficaram aguardando os/as participantes da musicalização que só chegaram às 16h45min. Os/as educadores/as perguntaram quem queria comentar algo e Aparecida ergueu a mão. Ela elogiou os/as participantes da música, disse que ficou dançando em cima da bicicleta

enquanto pedalava. Iris falou que foi legal tocar e andar com o instrumento (XIX - 12).

Como colocar em palavras esta força que atrai pessoas a fazer algo? Ver, sentir esta atração de Outrem com a música também atraía as pessoas a fazer música.

Com a chegada do pessoal da atividade de música, o educador Cuco contou que muitos/as haviam elogiado a apresentação deles/as. Cristiano Ronaldo havia comentado algo que poderia repetir a eles/as. O participante falou que queria fazer a atividade de música uma vez pra ver como era, animado pela apresentação que havia assistido. O educador Cuco disse que isso era muito bom, mas que ele, Cristiano Ronaldo, havia feito a escolha pela bicicleta, participado da confecção das placas e construção do circuito hoje mesmo, se não ia ter vontade de voltar pra bicicleta quando visse todos/as seguindo e melhorando o circuito, além do vislumbre de passeio externo, ao que o participante pareceu compreender e desistir da ideia de ir para a música. Em seguida, Cuco perguntou se alguém mais queria falar sobre o dia, Iris levantou a mão e contou dos novos aprendizados na música, como entrada, Samba e viradas (XXI - 19).

Ainda sobre ser relevante para as pessoas que participam da musicalização e sobre criarmos conexões com o que já conhecemos, buscamos estabelecer estas “pontes” com os/as participantes. Antes de apresentar outra situação é necessário contextualizá-la dizendo que eu (Murilo) havia acompanhado o transporte dos/as participantes e nesta ocasião viemos conversando sobre as músicas que tinham em seus celulares. Baixinha me mostrou algumas músicas que gostava, dentre elas a música “Você Chegou” do grupo Barbatuques.

[...] Murilo: “Alguém já assistiu esse vídeo? [silêncio]. Alguém já ouviu falar do Barbatuques?”. Baixinha disse que já tinha visto um vídeo. Murilo pediu para levantarem a mão quem conhecia Barbatuques e apenas Baixinha, Luiza e Camila levantaram a mão. Baixinha: “Que é aquela música que eu tenho...?”. Murilo: “Isso, do [filme de animação] Rio”. Baixinha: “Posso colocar para tocar?”. [...] Thiago: “Acho que eles [Barbatuques] fizeram uma apresentação no SESC”. [Música “Você chegou” começou a tocar]. Luiza e Sara disseram que já haviam assistido o filme Rio. Murilo chamou a atenção para o instrumento musical chamado “berimbau de boca” e que o restante era feito com voz e percussão corporal. Thiago comentou que quando uma música é feita só com a boca, é chamada de *acapella*. Dexter ressaltou que na música

ouvida também tinha *beat box* que era o som da bateria feito com a boca.

Murilo pediu para parar a música e que assistiriam um vídeo do Stomp, um grupo que faz música do mesmo tipo, só que de uma maneira diferente. Após ajeitar o som, deu *play* no vídeo. [Video do Stomp: <https://www.youtube.com/watch?v=7NhFmARAg0>]

Logo que acabou, Murilo perguntou se haviam gostado e disseram que sim. Iris perguntou se havia outro vídeo. Murilo disse que sim e que até poderiam assistir ao final do dia (XVI - 7).

Haviam também situações desafiantes neste contexto. Apesar do espaço privilegiado (sombas de árvores, espaço amplo, coberto) a atividade musical, ao ser realizada no mesmo momento da bicicleta, ocasionava certa distração quando outros/as participantes passavam brincando, conversando, chamando aqueles/as que estavam na musicalização. A piscina e o uso dela por sócios/as também nos desconcentrava em alguns momentos.

Pablo entrou na lanchonete com a bicicleta e Paloma e Thiago o avisaram: “Não pode ir aí, Pablo!”. Flecha: “Ó, tem que concentrar aqui!”. Paloma: “É difícil, né?”. Thiago: “É que eles entraram na cantina”. Flecha: “Eu também acho difícil”.

Repetiram o exercício. Flecha perguntou: “Vocês acharam difícil?”. Thiago: “Não muito”. Flecha: “Então vamos de novo porque vocês tão ficando bom nisso daqui”. Depois de terem feito disse: “Qual é a desse daqui que eu fiz pra vocês? Que mesmo quando a gente não está tocando, a gente tem que saber onde tá a música. Entenderam? E concentrado e concentrada nas outras pessoas”. [...]

Flecha propôs de fazerem com as baquetas, tocando nas cadeiras. Tocaram por pouco tempo quando o outro grupo chegou. Murilo perguntou como estavam, se tinham conseguido. “Sim, bastante” disse Flecha. Murilo propôs de pararem por hoje para tocar os instrumentos (XXI - 24).

Somos integrais. Assim, quando algo nos acontece, isto nos afeta por inteiro, não ficando isolados em determinados grupos e espaços. Conhecer os/as participantes e entender o que estão passando nos ajudam, enquanto educadores/as, a melhor mediar os objetivos, interesses e sentimentos do grupo. Através de uma relação de confiança entre as pessoas, é possível falar com mais autoridade sobre algo, pensar em possibilidades de superação.

Durante a musicalização,



Miguel estava debruçado na mesa e não estava fazendo junto ao grupo, mas parecia estar acompanhando, ouvindo. Murilo percebeu que ele estava com frio, e ofereceu uma blusa para emprestar, mas ele não quis (XVI - 10).

Ao final, na roda de conversa, conversamos sobre o dia

Miguel disse que gostou de dormir, pois, durante a atividade da música ele dissera que estava muito cansado e acabou encostando a cabeça na mesa e dormindo um pouco enquanto os outros participantes treinavam a leitura da partitura. Segundo Miguel, o motivo dele estar cansado era que durante a noite uma cachorra ficou latindo e ele não conseguiu pegar no sono.

Iris disse que gostou de aprender a estrelinha na capoeira e de ensaiar a música “Acreditar” durante a atividade da música. Juliana disse que gostou de brincar de polícia e ladrão na atividade de ciclismo e de aprender um pouco mais sobre a mudança de marchas. Pastel disse que gostou da atividade capoeira, mais especificamente da estrelinha e da bananeira (XVI - 18).

Provavelmente o objetivo de conteúdo musical não tenha sido atingido com Miguel naquele momento, entretanto ao ouvir seu comentário na roda final no qual disse ter enfrentado problemas para dormir por conta de um cachorro, confirmamos a importância da compreensão da realidade de quem trabalhamos e o cultivo de relações de cumplicidade que respondam ao contexto no qual ocorrem (no nosso caso, um projeto de lazer sócio-educativo).

Houveram outras situações como o quadro policial de colegas ou brigas entre mulheres adultas do bairro, que afetavam os/as participantes e educadores/as. Sobre uma briga entre duas grandes amigas (participantes da musicalização), Georgy, um dos participantes comentou sobre sua percepção de que algo não estava bem. Havíamos conversado bastante sobre a situação durante a musicalização, e ao final:

Murilo conduziu para que conversassem sobre a apresentação, decidindo quem entraria tocando e quem já ficaria no espaço. Fizeram alguns testes com Iris e Megablue no espaço, já que seus instrumentos eram mais complicados de andar e tocar. Depois de pararem de tocar, Iris comentou que estava “desencontrando um poooooquinho”. Murilo: “E o que vocês acham que precisa melhorar?”. Georgy: “Acho que uma coisa só, mas não é nada da música. Eu acho que o que

*aconteceu hoje está atrapalhando muito a gente. Quando tava tudo bem, tava super legal”. Iris: “Tava mais animado”. Murilo: “Eu já conversei com algumas pessoas, inclusive com o Georgy. A ideia é a seguinte.. a gente tem que dar tempo para as pessoas, quando quiserem conversar, conversarem. Quando quiserem ficar melhor, ficarem melhor. Mas até lá, a gente tem que respeitar o tempo das pessoas também. Porque se gente forçar que as pessoas fiquem bem, é que nem a gente falar, por exemplo, hoje no caso do Jonas e o Marcos, falar assim: “Ow, dois! Vai lá, se dão um abraço e pede desculpas um pro outro!. Eles vão fazer de má vontade e não vai ser verdadeiro. Depois eles não vão estar *super* bem”. Georgy argumentou que atrapalhava o grupo. Murilo perguntou se as pessoas estavam tocando pior por causa disso. Georgy: “Às vezes um pouco”. Murilo: “Importante isso que você trouxe... Então caso estejam trazendo para a música os seus sentimentos de ódio e raiva...”. Georgy: “É, igual quando você vai dançar você traz os seus sentimentos”. Murilo: “Isso aí! Então gente vamos tomar cuidado como a gente está discutindo e como a gente está tocando” (XXI - 14).*

Com os desafios e potencialidades, o trabalho desenvolvido no projeto, e em especial a prática musical coletiva, é oferecida visando favorecer experiências que se tornem significativas para as pessoas que dela participem, pelo tempo que for, nas condições que estiverem dispostas. Aprendendo com as palavras de Megablue, que intitulam esta categoria, buscamos facilitar, encorajar e contribuir para que “a música” possa se tornar o forte das pessoas: fortaleza na qual a pessoa possa buscar refúgio nos momentos difíceis. Que a prática musical possa ser um suporte de resiliência (LOOS; SANT'ANA; RODRIGUEZ, 2010), que, diferente do que pode-se pensar, não depende apenas da esfera individual.

Baixinha avisou sobre o tempo: “Ir pra roda, Murilo”. Jonas e Marcos se sentaram as cadeiras utilizadas nas atividades de musicalização e ficaram lá.

Murilo: “Hoje a gente teve menos tempo, porque ficou mais na outra atividade que foi legal também, fazer os grafismos, mas numa semana com mais tempo, a gente toca mais e aí faz um pouco mais disso. Vocês topam tocar a outra música que eu mostrei?” [Sim]. Jonas [*que não participou da música*] disse: “Eu gostei! Gostei das duas músicas”. Baixinha: “Você pode dar o papel pra gente ir treinando”. Murilo disse que poderia dar o outro papel, com o outro exercício. Pediu para que deixassem o instrumento no canto e fossem para a roda, e depois quem pudesse ajudar a levar para a sala de materiais. Murilo foi conversar com Jonas. Paloma saiu andando e tocando “no ar” (fazendo os movimentos no ar) (XII - 18).

Para construção desta fortaleza, necessitamos de outrem e a partir destes contatos, vamos nos reconhecendo. Como vimos nesta categoria, as possibilidades para aproximações e distanciamentos são abundantes e, com apoio de/o educadores/as é possível valorizar as aproximações e discutir os distanciamentos entre pessoas e suas culturas, enxergando outrem como um parente, alguém que é da mesma família. Assim, podemos reconhecer suas lutas, beleza, dificuldades, erros e acertos. Entendo que este processo de conhecer e se reconhecer, esta busca por construção de nossas fortalezas encoraja a **prática de alteridade**.

Conforme anunciamos no início desta categoria, através destas relações, conferimos rostos a outrem. Percebemos neles/as a nossa humanidade.

Ética do encontro, socialidade. Desde toda a eternidade um homem responde por um outro. De único a único. Que ele me olhe ou não, “ele me diz respeito”; devo responder por ele. Chamo rosto o que, assim, em outrem, diz respeito ao eu - me concerne - lembrando, por detrás da postura que ele exhibe em seu retrato, seu abandono, seu desamparo e sua mortalidade, e seu apelo à minha antiga responsabilidade, como se ele fosse único no mundo - amado (LÉVINAS, 2004, p. 291).

### **Categoria B: “Ó, vo ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui e depois vai para cá” - Ensinando e aprendendo uns com os outros**

A fala que dá título a esta categoria foi dita pela participante Iris que esteve presente em todos os encontros realizados até este dia (no contexto da coleta de dados) totalizando quinze dias. Ela anuncia que irá ensinar e ensina como realizar um exercício musical para o participante Michel que estava vindo pela primeira vez na musicalização. Contou com a ajuda de Megablue e Baixinha, participantes também bastante assíduas nas atividades musicais do projeto:

Iris virou para Michel e disse: “Ó, vo ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui e depois vai para cá”. Baixinha: “Ó, põe uma cadeira aqui”. Michel trouxe sua cadeira e se sentou entre Megablue e Baixinha. Megablue explicou para Michel como deveria ser feito, inclusive indicando com qual mão tocar. Fez a contagem e fez o exercício, ajudando-o a acompanhar na partitura. Ao final, o educador Flecha

perguntou para Michel: “Entendeu?”[sim]. Megablue: “Viu como a gente é uma ótima professora?” (XV - 9).

Podemos perceber uma animação, uma certa complementaridade e agilidade para ensinar Michel. Fazia parte de nossa intencionalidade (educadores/as) um trabalho na qual os/as participantes também se sentissem responsáveis pelo ensino de música e outros conteúdos, a qual resultou em conversas sobre o assunto e mediação de participantes para realização de atividades. O que podemos chamar de uma busca por “ensinar a ensinar”. Consideramos que o que também dá a uns a autoridade para ensinar é ser “aprendiz há mais tempo” (DIMENSTEIN; ALVES, 2003) em determinado assunto. Desta maneira, ser educador/a e ser participante se tornam intercambiáveis, a depender da situação analisada. Para além do que é formalmente estabelecido, fomos ensinantes e aprendentes, independentes das funções assumidas (educadores/as e participantes).

Conhecer bem o conteúdo é um dos elementos que contribuem para a autoridade de quem ensina. Ressaltamos entretanto que este ensinar não é unidirecional. Acreditamos que, ao se ensinar vamos co-respondendo à realidade (contexto, pessoa, afetos, percepções e assim por diante), traçando caminhos nem sempre antecipados (ou planejados), criando assim novas relações com os conteúdos (e com as pessoas). Assim, aprende-se mais e melhor sobre eles, mas também sobre a realidade, sobre o como ensinar, como comunicar, como se relacionar, que estão no campo das relações humanas e autoconhecimento.

Com este esclarecimento sobre a correlação do ensinar e aprender, nossas reflexões não dão conta de entender todas estas relações, se restringindo a refletir sobre o que foi anunciado ou percebido por nós, enquanto pesquisadores não-neutros, passíveis de erros de interpretação, mas que buscaram, pela proximidade da convivência, ouvir e expor as interpretações aos/às participantes. No trecho selecionado podemos perceber que Baixinha propõe uma organização para ensinar: “põe uma cadeira aqui [ao meu lado]”, uma escolha por ensinar se colocando próxima. Megablue diz a Michel o que precisa ser feito e na sequência tocam juntos/as, ajudando em alguns momentos a acompanhar a partitura. Nesta categoria discutiremos estes “caminhos” do aprender e ensinar. Apresentaremos a seguir o que etimologicamente tais palavras tem a ver com o caminho.

Em sua etimologia, “ensinar” vem do latim *insignare*, marcar algo, colocar marca em e gravar. Pensamos nesta marca como uma assinatura, vestígio e sinal. A partir de como e o que aprendemos, ensinamos deixando neste processo a nossa assinatura, a nossa marca. Lembramos aqui que é prática comum nas Culturas Populares dizer quem foram os/as mestres/as que os/as ensinaram. Quem vive o Maracatu, Jongo, Cacuriá, Capoeira, e assim por diante, carregam consigo sinais de seus/suas mestres/as. Estas marcas são ensinadas (*insignare*) aos/às aprendizes que irão se relacionar com tais marcas e seguir seus próprios caminhos, alterando-as, reforçando-as ou resgatando-as.

Em outras palavras há uma historicidade do ensinar que também percebemos na situação que ajuda a intitular esta categoria, a partir do conteúdos “qual mão tocar” e “como ler a partitura” (em termos de sequência) que foram trabalhados em encontros anteriores. O termo “aprender” pode ser compreendido como um “tomar para si”, “apreender”, e, portanto, uma ação por parte de quem aprende, sendo o sujeito ativo. Quando aprendo, tomo algo para mim que possui também o vestígio de quem (ou do que) aprendi. Entretanto não se trata de “pegar” o conhecimento como se adquire um objeto, mas ir se apoderando, ir apreendendo mais e melhor sobre algo. Assim, o caminho do aprender envolve múltiplas relações com o conteúdo, desde “ir entendendo” a “ir assumindo-o”, “ir colocando-o” em prática.

Ao considerar a complementaridade do aprender e ensinar enquanto posturas ativas, nesta categoria tratamos dos participantes e educadores/as em suas buscas por ensinar e aprender, seus caminhos e historicidade, bem como da relatividade entre ser educador/a e ser participante a partir da ideia do educador enquanto um “aprendiz há mais tempo”.

Fundamentado na pedagogia dialógica segundo educador Paulo Freire (2001a, 2001b, 2014, 2015), o projeto VADL-MQF sugere que cada pessoa tem saberes diferentes que são valorados de acordo com o seu contexto. Sentimos que, ao praticar isto, fortalecemos relações de confiança, respeito e maior abertura para aprender com outrem. Constitui-se a partir disso uma relação de autoridade que envolve estar sensível às pessoas, ajudando a conduzir os diversos processos educativos dos/as participantes e educadores/as, ora contando sobre as experiências, ora mediando conflitos, ora congratulando, ora problematizando, ora aprofundando no conteúdo trabalhado e/ou

silenciando, respondendo e aprendendo com cada situação. É o que vemos nas situações a seguir

Ainda na roda, o educador Cuco perguntou aos/às participantes quem nunca havia jogado o *Fútbol Callejero* e oito pessoas levantaram a mão. Perguntou, então, quem poderia explicar como era e Tatagiba se prontificou. Ronaldo reclamou que sempre ela que explicava e os educadores disseram que só ela havia manifestado o interesse em explicar. Tatagiba começou a falar e Ronaldo reclamou novamente interrompendo-a, enquanto alguns/mas participantes riram. Quando Tatagiba recomeçou, Ronaldo interrompeu-a mais uma vez, gerando mais risadas. Apesar dos olhares de reprovação e reclamação dos/as educadores e demais participantes, principalmente de Megablue, Baixinha e educador Dexter, Ronaldo repetiu tal atitude mais algumas vezes, até que o educador Cuco levantou e se dirigiu à frente dele e pediu para que ele saísse da roda, Ronaldo, então, abaixou a cabeça, falando que não faria mais, pedindo desculpa. O educador perguntou o que fariam se ele repetisse e o participante respondeu que então sairia por conta própria. O educador, então sentou-se em seu lugar novamente e pediu para que Tatagiba continuasse. [...] (XX - 5d).

A participante Tatagiba e o participante Ronaldo estão nos extremos das idades preconizadas pelo projeto (7 a 17 anos), sendo Tatagiba, uma das mais novas e Ronaldo um dos mais velhos do grupo. A explicação e condução de atividades por parte de participantes era encorajada e nisto transpareciam alguns jeitos, sentimentos, dificuldades e facilidades de cada pessoa. Entendemos que falar para o grupo, fazer-se entender são possíveis aprendizados de qualquer pessoa que se propõe explicar uma atividade. No fragmento apresentado trata-se do *fútbol callejero*. Sejam quais forem os motivos que levaram Ronaldo a se fechar para o diálogo, o educador Cuco tomou a atitude de pedir para que se retirasse da roda e perguntando o que poderia ser feito caso ele fizesse novamente. A questão é que Tatagiba, Minivamp, Ronaldo e Cuco se comunicaram. Emitiram significados que estamos interpretando. Quem observa a situação também está *apreendendo*, isto é, construindo significados para o que se vê, ouve, sente, fala, percebe e assim por diante. Assim, acreditamos que uma situação como esta é educativa para quem vivencia e para quem observa.

Na situação a seguir, o participante Minivamp pede a ajuda para cinco colegas para explicar a brincadeira Rua ou Avenida. Após perguntas sobre as regras do jogo, combinamos sobre onde realizaríamos a brincadeira. Durante a atividade alguns/mas

participantes não quiseram brincar e ficaram pelas proximidades. O participante Ronaldo começou então a ensinar alguns movimentos de capoeira para quem estava de fora da brincadeira.

Murilo estava voltando da Sala de Materiais com Luiza e Samara e auxiliou Dandara com o curativo, enquanto Ronaldo voltou para o espaço cimentado, próximo ao gramado onde estavam as crianças - menores, mais novas, no geral - que não quiseram participar de “Rua ou Avenida”. Ali, então, simultaneamente a tal brincadeira, Ronaldo começou a conversar com as crianças e propôs que fizessem Capoeira começando a demonstrar alguns movimentos, sendo seguido por todas/os que ali. Tatagiba, Jonas e Luan haviam saído do “Rua ou Avenida” e foram para lá, bem como Samara e Tatagiba que se juntaram à eles/as.

[...] Por fim, [...] os educadores chamaram toda gente para que tomassem água se dividissem nos espaços onde seriam realizadas as atividades fixas (bicicleta e musicalização), lembrando-os/as sobre o compromisso com as atividades escolhidas para que pudessem se aprofundar em uma ou outra atividade, dando certa continuidade ao que estava sendo desenvolvido.

**C.O. Rogério:** Fiquei preocupado ao ver parte das crianças fora da brincadeira, no entanto, surpreendi-me ao ver que o participante Ronaldo, que também estava de fora, conseguiu prender a atenção deles e ensinar algo diferente, a Capoeira (XIV - 3).

Aqui vemos a preocupação do educador Rogério com a realização de uma atividade paralela mas uma surpresa positiva por ver um participante conduzindo uma atividade, ensinando algo diferente. Na roda final deste dia, parte da conversa foi direcionada a parabenizar tal atitude (XIV-14). Como dito, isso está fundamentado na base teórica do projeto VADL-MQF e era incentivado (e problematizado) nas atividades realizadas nele. Enfatizaremos a seguir os processos educativos decorrentes das atividades musicais. Acreditamos ter sido fundamental a mudança no projeto para que as pessoas escolhessem por uma atividade central (no período da tarde era oferecido musicalização e ciclismo de acordo com a disponibilidade dos/as educadores/as) e a frequentassem.

Por ser realizada em um projeto de lazer, haviam questões como a participação voluntária e compromissada entre as pessoas, gerando uma tensão entre os interesses individuais e combinados, refletindo diretamente numa questão de assiduidade na

musicalização. Ressaltamos que também foi isto que possibilitou ao longo dos encontros que os/as participantes se sentissem confiantes para ensinar, por serem “aprendizes há mais tempo” que outrem sobre um conteúdo específico, independente da idade.

A situação possibilitou a busca por autonomia dos/as participantes ao compartilhar seus conhecimentos. A partir da participação constante de Iris, Baixinha e Megablue na musicalização pensamos que estas poderiam passar o que aprenderam para as pessoas que eram novas à musicalização ou que não a frequentavam. Isto gerou uma série de processos educativos e suas tensões. Após alguns encontros, Baixinha, Iris e Megablue estavam confiantes nos ritmos que estávamos tocando e já havia falado para que elas ajudassem a ensinar as outras pessoas.

Iris, Milena e Tatagiba continuaram tocando. Iris disse: “Vocês tem que prestar atenção em mim, viu? Porque se você não prestar, Milena, quando eu fazer assim, você tem que bater”. Murilo pegou o tamborim para demonstrar como seria. Iris mudou de lugar, colocando o surdo dela entre Milena e Tatagiba. E ficava repetindo “Eu gosto de mexerica” e fazendo o movimento para que elas tocassem. Murilo pediu para que tocassem um pouco mais rápido.

**C.O. Murilo:** As caixas estão bastante desconstruídas. Talvez seja melhor dividir a célula rítmica, fazendo só os três primeiros toques.

Iris disse: “Ó, tem que fazer bonito, hein?!”. Murilo: “O Iris, muito legal que você está ajudando, mas toma cuidado.. pode parecer...”.

Milena completou: “Grossa!”. Murilo: “Isso, grossa.. ok? Vai lá então!”  
(VI - 28).

Um dos aspectos que destaco neste trecho foram as atitudes de Iris para a ensinar Milena e Tatagiba, como se aproximar e ficar entre elas com o seu instrumento, usar a frase “eu gosto de mexerica” que escolhemos para tocar o samba reggae nos surdos e a cobrança de que saísse bom. Também cabe considerar a presença da irmã mais nova de Iris, Tatagiba, podendo haver uma comunicação diferenciada entre elas, que foi estendida à Milena. No meu Comentário de Observador, refleti sobre a necessidade de simplificar o que seria tocado nas caixas. O alerta que foi feito a Iris, completado por Milena, evidencia esta tensão entre a autoridade e o autoritarismo.

Assim, além destas ações pontuais, ao longo dos encontros da musicalização fomos assumindo isto como uma prática rica em educação. Havia também uma preocupação com a continuidade das atividades musicais, de forma que, ao encorajar



participantes a ensinarem e aprenderem uns/umas com outros/as, também projetamos novas formas de conduzir a musicalização. Isto está descrito em XII - 20 (Apêndice E), onde fizemos uma breve análise da situação e refletindo sobre o que acreditava que poderíamos fazer dali para frente<sup>50</sup>. Após compartilhar e discutir a proposta em reunião de planejamento com os/as educadores/as, conversamos com as participantes que estavam vindo há mais tempo sobre ensinar os/as colegas.

Murilo concordou e disse: “Aí eu queria chamar a atenção [para isso] porque eu penso que vocês que estão há mais tempo poderiam ensinar as outras pessoas que estão chegando agora, porque vocês já sabem várias coisas de música que a gente fez junto e é... acho que vai ser bom pro grupo porque a gente consegue ensinar mais coisas em menos tempo e as pessoas acho que se desenvolvem mais. E quando a gente ensina a gente aprende várias coisas também. Tipo eu quando estou ensinando alguma coisa, eu aprendo várias coisas... Eu melhoro o jeito como eu ensino e o jeito como eu toco. Aí, então, o que eu queria trazer é, vamo pensar no jeito que a gente gosta de aprender pra poder ensinar as outras pessoas”. Iris: “Vendo!”. Megablue: “E ajudando!”. Iris: “E sabe, tipo assim, na hora que você tá....Igual meu professor... vou explicar. Eu consigo raciocinar as coisas, não o professor falando: 'imagina um quadrado depois faz isso isso e isso'. Eu não consigo fazer isso... só o professor desenhando na lousa”. Murilo: “Mostrando!”. Iris: “É, sabe o que? Às vezes o professor está falando e eu não consigo entender o conteúdo mas é que minha mãe fala assim, que se a pessoa for fazer um exercício na lousa, e explicando, eu consigo entender melhor, igual o professor”. Megablue: “É, na minha escola não tem nada disso!”. Baixinha: “O Samuel!”. Megablue: “Só o Samuel, porque o resto...” (XIII - 11).

Iris deu o exemplo a partir da escola, mais especificamente da aula de matemática, onde apenas ouvir o professor falando não é suficiente para fazê-la entender, mas era necessário que alguém, ao fazer, fosse explicando o conteúdo. Ao final, as duas amigas e colegas de sala concordam sobre um professor da escola que ensina bem.

Nesta mesma conversa sobre como gostamos de aprender, também pudemos refletir sobre os desafios e conflitos que surgem ao ensinar. Apresentaremos dois excertos

---

<sup>50</sup> Ressaltamos novamente que apesar desta reflexão ter sido documentada no décimo segundo diário de campo, o “ensinar a ensinar” já era discutido nas reuniões de planejamento, momentos de construção dos diários de campo e praticado nos momentos de ensinar, propor e conduzir jogos, brincadeiras e outras atividades.

sobre isto, sendo que o primeiro teve como motivação os conflitos que vinham acontecendo no projeto com o participante Ronaldo.

Murilo: “Aí eu queria pensar, que quando a gente for ensinar alguém aqui do projeto, por mais que a gente às vezes não goste da pessoa, isso é importante falar, viu? Por mais que a gente tenha as nossas desavenças e tudo mais, ache a pessoa chata...”. Megablue: “Insuportável”. Baixinha: “Com vontade de meter um tiro no meio da cara...”. Murilo: “Por que eu sei que pode acontecer de alguém que a gente não gosta muito passar a fazer parte da música”.

**C.O. Murilo:** Achei melhor falar isso, pois Megablue e Baixinha já haviam vindo me contar que está muito difícil participar do projeto com o participante Ronaldo.

Megablue: “Mas a gente se dá bem com as pessoas que estão na música”. Murilo: “Sim, sim, mas pode acontecer de não ser, né?” (XIII - 12).

As participantes Megablue e Baixinha cultivavam uma amizade que excedia o projeto e escola, e também conheciam o participante Ronaldo de outros contextos. Cientes disto, buscávamos proporcionar aproximações e conversas sobre as divergências, em defesa do diálogo, respeito, solidariedade e alteridade. Há uma dificuldade em contextualizar fielmente as relações que estão no projetos por elas excederem tal espaço e tempo. Diversas situações envolveram tais participantes, dentro e fora do projeto. Por esta razão a convivência metodológica, o acompanhamento no trajeto da van e o envolvimento com os/as participantes podem favorecer uma melhor compreensão do contexto e com isso abrir possibilidade para uma atuação e análise melhor embasada sabendo da impossibilidade de, com estes dados, compreender determinadas questões como a agressividade e violência entre participantes, como a violência nas palavras de Baixinha.

O segundo trecho também é uma reflexão sobre possíveis conflitos ao se ensinar, desta vez, apresentada pela participante Megablue.

Murilo: “Se estiver tendo dificuldade para ensinar alguma coisa, tenta de outro jeito, tenta mostrar pra ela, repetir muito o que vocês tão tocando”. Megablue: “Sim, mas tipo assim, tem gente que tipo, você vai tentar ensinar ela na educação só que a pessoa não gosta, entendeu? Ela começa tipo: 'Ahh, deixa que ele me ensina, que não sei o que, eu posso aprender sozinha!'. Você só quer dar uma mão, mas a pessoa não quer e vem na maior arrogância com você”. Murilo: “Daí, uma ideia. Aí você

me chama e já que a gente está junto nisso, eu vou chegar do lado e vou falar: 'vai lá Megablue, ensina' e eu não vou ensinar a pessoa. Daí eu quero te ajudar a ensinar a pessoa, pode ser? Então se estiver tendo dificuldade me chama ou chama o Flecha”. Iris: “Professor, eu quero falar sobre o [participante] Batman”. Murilo pediu para esperar pois Megablue havia trazido um outro assunto antes (XIII - 16).

A possibilidade vislumbrada no momento foi de chamar um educador para estar junto, acompanhar, sugerir caminhos para *ensinar a ensinar*, ao invés de assumir a função de ensinante direto, de alguém que não necessariamente estava tendo dificuldades em aprender, mas sim o ensinante a comunicar. Estes “caminhos” do ensinar e aprender foram sendo construídos ao longo da musicalização e serão discutidos a seguir. São temas que envolvem explorar e observar, (re)fazer atento, avaliar e desafiar(-se) e ensinar e aprender com outrem.

Por ser uma prática coletiva, as pessoas compartilham experiências e informações, que incluem as experimentações sonoras:

Quando receberam a baqueta, começaram a tocar na cadeira. Paloma falou para os mais novos (Cleber, Batman e Trevor): “Olha, faz que nem um cavalo” [e tocou] [...] (XI - 9).

Este compartilhar também abria possibilidade para novas experiências e aprendizados. No trecho a seguir, a partir de um ritmo inventado proposto por uma participante, as pessoas foram explorando, arriscando e se “encaixando” da maneira que se sentiam mais confortáveis, um momento de imersão lúdica.

Quando pararam de falar sobre isso, Iris batucou com as mãos na mesa um ritmo inventado por ela. Paloma falou para ela parar. O educador Dexter quase na mesma hora perguntou como que era aquilo que ela estava fazendo. Iris continuou tocando, agora acompanhada de tentativas de Miguel e Dexter. Luan, Paloma e Baixinha foram aos poucos tentando. Murilo chegou dançando, se sentou e acompanhou o ritmo. Flecha chegou trazendo os instrumentos, deixou em um canto, se juntou ao grupo e também acompanhou o ritmo que estavam fazendo. Ao final, sem ninguém dizer nada, todos/as pararam juntos, e Dexter e Murilo demonstraram ficar impressionados, dizendo “Ohhh” e “Dahooora” e batendo palmas. Murilo perguntou quem havia trazido este ritmo. Iris se manifestou. Murilo perguntou onde ela havia aprendido. Iris: “Não sei, eu tava fazendo assim, aí o Miguel também fazendo assim, aí foi” (XIV - 5).

Para que isto acontecesse, alguém começou propondo uma ideia musical que serviu de base para experimentação. Uma parte do que fizemos na musicalização foi partir de um ritmo como o samba reggae ou samba, a partir do qual era possível trabalhar outros conteúdos musicais, complexificando ou simplificando de acordo com a possibilidade de cada pessoa e do grupo (uns com outros). No ensino da partitura, um dos exercícios propostos consistiram no tocar uma partitura feita para ser tocada juntamente com determinada gravação de Acreditar da compositora e cantora Dona Ivone Lara. O caráter coletivo da musicalização contribuía para encaixar-se musicalmente no grupo, perceber-se tocando junto ou separado, avaliando, e, mais que isso, sentindo as concordâncias e discordâncias musicais, ou em outras palavras, os acertos e erros quando se buscava determinado resultado sonoro.

Murilo: “Galera, que dahora! Tenta fazer assim... Essa metade daqui, agora a gente só vai ouvir o efeito que isso dá. Por que as vezes a gente está tocando e não consegue prestar atenção de como está! Então vocês tocam e a gente ouve. Depois vocês tocam e a gente ouve”. E depois invertemos o grupo. Izabella comentou: “Eu percebi que às vezes um deles batia no ‘pausa’”. Murilo: “É, acontece. Confunde mesmo”. Iris ao final comentou: “Eu só me confundi na hora do *tá*. É nessa parte aqui, ó” e apontou na partitura. Murilo: “É bom que você descobriu onde errou, aí dá pra consertar, né? Por hoje, com essa música é só. Agora vamos pegar os instrumentos” (XVI - 12).

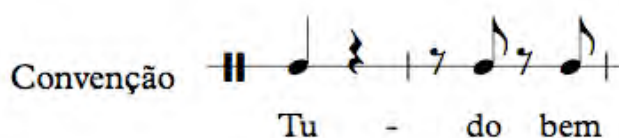
Por estarmos em grupo, a cada repetição era possível (re)fazer, (re)tocar, perceber-se ora junto ora separado do grupo, entrando e saindo da “sintonia” uns com outros. Consideramos portanto que um dos caminhos da aprendizagem de música envolve o (re)fazer atento, avaliando frequentemente a si e aos outros, negociando (em suas intenções, sentimentos, percepções etc.) as metas para firmar/gerar/relacionar habilidades musicais.

Megablue: “É Murilo, você tá na hora de você mudar também, né, meu jeito de tocar, né? porque eu to tipo [fez o movimento de tocar]”. Murilo: “Isso era outra coisa que eu ia falar. Está até anotado aqui. Mas antes disso...” Megablue: “Meu sorriso já abre até as orelhas!” (XIII - 15).

Depois que repetiram várias vezes, Murilo demonstrou como ficaria o ritmo em um andamento normal. Murilo: “É bem mais rápido, mas a gente vai devagar e a gente vai acelerando”. Luiza: “Não consigo não”. Murilo: “A gente vai conseguir”. Fizeram algumas vezes só falando. Depois batendo no instrumento com as mãos. Luiza comemorou quando conseguiu. Murilo explicou o que o outro grupo estava fazendo (surdo de primeira, de segunda e que também havia um surdo de terceira) e mostrou como treinariam o ritmo que estavam fazendo nas caixas com ajuda dos surdos (XX - 13).

As estratégias e ferramentas utilizadas para criar novos desafios e com isso, gerar novos aprendizados foram variadas. Para isso, se fazia importante uma participação efetiva das pessoas seja através de relações estabelecidas com o conteúdo, seja com a construção destas práticas. Além da movimentação (experenciarmos corporalmente<sup>51</sup>) outro caminho tomado foi de atribuir frases ao ritmo, se utilizando do caráter já rítmico de nossa comunicação verbal e explorando a potência significativa e conseqüentemente memorativa da linguagem.

Murilo: “Só que esse é só o começo da nossa brincadeira. A gente vai estar tocando assim [tocando o ritmo], e quando eu fizer isso [gesto] e contar até quatro, vamos fazer assim [tocou a convenção e continuou o ritmo]... No surdo vai ficar assim [foi até Iris e tocou]”. Murilo pegou o instrumento de Téo e demonstrou duas vezes. Disse: “Agora vamos falando”. Iris: “É difícil falar”. Murilo: “vamos pensar numa palavra com três sílabas”. Iris: “Tudo bem?”. Murilo encaixou a frase no ritmo e fez algumas vezes.



Pegou o timbal que estava com o Téo e fez apenas com as caixas e depois com os surdos. Enquanto isso, Flecha ficou com as caixas.

**C.O. Murilo:** Ideia: Repetir a convenção com “tu do bem” repetidamente. Talvez com a frase “Cá, vem pra” fique mais fácil (XIV - 10).

<sup>51</sup> A partir de Jorge Larrosa-Bondía e da fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty entendemos esta frase com certa redundância já que experienciar é sempre corporal. Não há como experienciar a partir de outrem.

Murilo esperou Flecha explicar para as pessoas que estavam na caixa e propôs: “Eu vou repetindo e vou chamar as pessoas pra fazer comigo.. ou melhor, com o Téo”. Iris: “Professor, eu consegui fazer aquele “tananananã” [se referindo à chamada da caixa]”. Murilo: “Ahh, legal, muito bom! Já dá pra fazer entrada pro grupo. Bom, vamos lá. O Téo vai começar”. Fizeram algumas vezes só com Téo. Como Téo ainda não estava seguro (C.O. Murilo), Murilo pediu para Flecha. Flecha foi tocando e Murilo foi apontando para que as pessoas tocassem junto com ele: Iris, Dexter, Izabella, Paloma, Miguel, Luan e Baixinha. Ao final de todas as repetições Murilo disse: “Beleza, está melhorando. Vamos tocar mais um pouco”. Tocaram mais. Quando Murilo “cortou”, elogiou que estava uma “coisa linda” e passou cumprimentando cada pessoa. [...]

**C.O. Flecha:** Miguel teve dificuldade, mas com a ajuda da Baixinha ele conseguiu desenvolver melhor, mas ainda precisa de uma maior atenção a ele.

**C.O. Dexter:** Gostei bastante do desenvolvimento do grupo da música. Acredito que seja muito motivador para os/as participantes perceberem essa evolução e aprendizado (XIV - 11).

Assim como aprender a andar de bicicleta, para aprender alguns tipos de fazer musical é preciso praticar, repetir, desafiar-se, acertar, errar, repetir mais. Neste processo, estão envolvidos o ambiente de encorajamento, de perceber quando se está certo e quando está errado, opiniões de outras pessoas, e assim por diante.

Murilo sugeriu de marcarem o tempo que estaria junto com o chimal da bateria. Colocou a música “Could you be loved” composta por Bob Marley, gravada por Gilberto Gil no álbum “Kaya N'Gan Daya”. Colocou um trecho para tocar [...] perguntando se conseguiam escutar um som de prato de bateria. Izabella comentou que já tinha escutado esta música.

Murilo disse para andarem conforme o chimal. Da primeira vez fez junto com a turma. Da segunda, só observou. Da terceira vez propôs que as pessoas continuassem dando os passos e fingindo que estavam tocando junto com a guitarra [que estava sendo tocada no contratempo]. Da quarta vez passou mostrando na partitura o que estavam tocando com os pés [tempo] e as duas colcheias que aprenderam como “titi” e que poderiam contar “1 e 2 e 3 e 4 e”. Junto a esta música aprenderiam o contratempo que neste caso poderiam perceber pelo que a guitarra estava tocando. Murilo pediu para que batessem palmas junto com a guitarra. Ficaram fazendo isso enquanto a música tocava. [...] (XVII - 4).

[...] Fizeram mais uma vez [a convenção rítmica], dizendo: “Cá, vem pra cá” e pegaram os instrumentos.

[...] fez a “chamada” na caixa para tocarem o samba-reggae. Alterou a dinâmica fazendo gestos (mais em cima e mais embaixo) e também

tentaram tocar a convenção que estudaram minutos atrás. Murilo propôs que cantassem, ao invés de tocar esta convenção.

Fizeram diversas repetições da convenção de formas diferentes: dividindo em dois grupos, apenas cantando, cantando e tocando, e divididos por instrumentos (para perceberem como voltaria no ritmo do samba reggae). Murilo orientou que quem estivesse cansado/a do instrumento apoiasse na cadeira. Foi o que Izabella e Paloma fizeram (XVII - 6).

Para além do ajudar uns aos outros, trilhar estes caminhos conjuntamente e surpreender-se neles foram outros privilégios oportunizados pela prática musical em grupo. Criar palavras, gestos, frases e ideias para o que tocamos, como “Vatapá legal”, “Eu gosto de mexerica”, “Tudo bem”, “Cá, vem pra cá” e “Patati patá” excedeu a função de memorização, também servindo para socialização (nos identificando enquanto participantes de determinado grupo) e ludicidade.

Não se trata do simples repetir, mas (re)fazer de diversas formas, buscando imitar, movimentar, entender, fazer sozinho, cantar, tocar, e assim por diante, não necessariamente nesta ordem. São maneiras de fortalecer e estabelecer novas relações com o conteúdo.

[...] Murilo colocou a música “*could you be love*” de Bob Marley na versão de Gilberto Gil, para tocar e perguntou se lembravam dela. [...]

Murilo sugeriu tocar oito tempos batendo palmas e depois prestarem atenção na guitarra. Desenhou no cartaz que estava no chão os tempos e contratempos (1 e 2 e 3 e 4) para que batessem palmas sempre no contratempo (indicado pela letra “e”). Repetiram algumas vezes e pararam para ouvir e imitar a guitarra por alguns momentos. Marcos estava fazendo certo.

**C.O. Murilo:** Achei interessante como Marcos ficou observando e imitando o que as pessoas faziam de diferente. Ora o gesto da guitarra, ora o jeito que Megablue dançava, ora o que Samara e Luiza faziam.

Murilo pediu para que levantassem e batessem o pé no chão, marcando o tempo junto a música. Quando conseguiram, Murilo disse: “Aeeee”. Brincaram/tocaram/tentaram/dançaram mais um pouco e Murilo disse para voltarem para os instrumentos (XVIII - 13).

[...] Murilo ficou andando, indo ao lado de cada pessoa para ajudar ou dançar como uma forma de incentivá-las a também dançar para pegar melhor o ritmo.

Quando Flecha começou a dar as indicações de intensidade (mais forte, mais fraco), Baixinha estava distraída, olhando para cima. Luiza a

cutucou e quando Baixinha a olhou, Luiza apontou para o educador Flecha. [...]

Murilo comentou que para apresentação fica muito mais bonito se conseguirem dançar. Megablue: “Mas Murilo, eu perco o ritmo!”. Murilo: “Então concentra aqui [no toque] e vai tentando. Se não conseguir, para, ajeita o toque e quando ver que está legal, tenta [dançar] de novo” (XIX - 8).

Neste processo também tivemos a possibilidade de nos surpreender e tomar rumos não esperados. Em XXI - 11, enquanto tocávamos, erramos ao fazer uma convenção, e a partir disto, percebemos que poderíamos criar algo novo para o grupo. Nesta mesma ocasião:

Iris disse que o som do surdo do Georgy estava muito baixo. Murilo disse que ela teria que manear então ao tocar o surdo dela e as caixas também. Isso fez Murilo perceber que as pessoas não estavam agrupadas por instrumento. Por isso pediu para que Georgy fosse para perto de Iris e as caixas se agrupassem do outro lado.

Georgy foi até a caixa de baquetas para pegar uma outra. Murilo testou uma baqueta com pano e sem pano e sugeriu que ele tocasse com a com pano pois, quando tocasse mais forte, o som da baqueta com pano sairia mais agradável do que a baqueta comum que daria um som mais “estralado”. Enquanto conversavam, Iris começou a tocar o surdo de uma maneira diferente e depois disse: “Olha aqui, ó!” (XXI - 11).

Ressaltamos que tanto a descoberta de uma nova possibilidade de convenção, a percepção de que seria melhor reorganizar o grupo pelos instrumentos que tocavam e as experimentações nos instrumentos (explorando timbres) foram possíveis por estarmos em grupo tocando juntos, quanto também ao encontrar meios de ser melhor educador-participante (que envolvem o aprender a ensinar, ensinar, ensinar a ensinar, aprender e o aprender a aprender).

[...] Depois de um tempo, Flecha fez a chamada e começaram a tocar. Baixinha vendo que Miguel tinha se perdido, tocou na caixa dele. Dexter também buscou ajudá-lo. Iris também dava indicações para o Luan e Paloma de quando deveria tocar. Murilo começou a fazer a ginga (dança), fazendo uma marcação. Iris o acompanhou e Murilo chamou Baixinha para fazer o mesmo. Izabella também acompanhou. O ritmo começou a desencontrar e Murilo fez alguns gestos tentando fazer com que todos tocassem juntos, mas não conseguindo, contou até quatro e fez sinal para pararem. [...] O grupo o acompanhou na ginga. Murilo: “Só que, primeiro se concentra no tocar. Quando conseguir, daí





instrumentos e se ajeitar. Iris falou para Murilo: “A Juliana vai tocar, tá? Eu ensinei tudo ela!”. Murilo disse que tudo bem, se tivesse instrumento **(XXII - 80)**.

Depois, Iris pegou o surdo de chão e foi até os familiares, tocando e ensinando para sua mãe, Juliana.

Iris chegou no espaço com o surdo de chão e o posicionou na frente de sua mãe. Começou então a explicar a ela algumas coisa que ela fazia ao tocar o samba-reggae. Ensinou a mãe a fazer a contagem para que ela entrasse tocando e também o sinal de uma virada. Georgy também chegou com seu surdo e ficaram tocando e ensinando.

Enquanto o educador Flecha acompanhava as pessoas até o lado da lanchonete, Murilo chegou no espaço com o timbau e ao ver Iris ensinando, disse para a mãe dela que “já podia vir tocar com a gente!” **(XXII - 83)**

Ambas situações demonstram que o que foi aprendido foi passado adiante. No primeiro demonstrando um processo educativo produzido em outra prática social, distanciada do projeto. Em outro, no contexto do projeto, porém de maneira não direcionada por educadores/as, neste sentido, “espontânea”, envolvendo a família e as pessoas que a observavam, já que ela era a novidade do momento, ao estar com o surdo de chão. Podemos interpretar tais situações como uma **autonomia do agir e do ensinar**, que é oportunizado após sentir-se confiante enquanto aprendiz há mais tempo. Além dos jogos inventados (algo menos comum), há cotidianamente a explicação dos jogos e brincadeiras pelas próprias crianças e adolescentes, a explicação sobre o projeto ao participarem pessoas novas e especialmente quando participam convidados/as (Bateria UFSCar e parentes indígenas da UFSCar); as brincadeiras sendo realizadas de maneiras diferentes conforme as experiências distintas, se mostrando como uma prática encorajada no projeto e praticada também no momento da musicalização.

### **Categoria C: “Da hora!” - Escolhendo e combinando**

A fala que ajuda a nomear esta categoria foi dita pelo participante Jonas de 6 anos quando decidíamos coletivamente sobre qual espaço realizaríamos uma variação da

brincadeira pega-pega chamada pega-macaco<sup>52</sup>. Ao expressar sua satisfação e apoio a um argumento dado pelo participante Minivamp, Jonas disse animado: “Da hora! Da hora a palavra do Minivamp!”. Primeiro, nos chamou a atenção o envolvimento e entusiasmo de Jonas ao ouvir uma proposta que o contemplou. Isso faz parte dos afetos que podem decorrer destes momentos de escolha coletiva. Nesta categoria falaremos das alegrias, angústias, insistências, desistências, (in)consistências, contradições e intencionalidades (individuais, coletivas e educativas) de se envolver nas decisões, entre outras questões podem influenciar no processo de escolha coletiva e combinados.

Também percebemos que Jonas manifestou seu apoio elogiando a proposta do colega: “Da hora a *palavra* de Minivamp”. De forma genuína, Jonas contribui com esta trama nos fazendo refletir que a “palavra” de Minivamp não foram apenas sílabas e frases encadeadas, mas sua maneira de responder e argumentar à situação naquele momento. Tais manifestações de apoio e decisões não são puramente lógicas, também são decorrentes de relações sociais e emocionais. Manifestar o apoio também pode ser uma demonstração de bem-querer, troca afetiva, querer ajudar ou o contrário, dependendo de quem, como, quando e o que sugere.

Por fim, a partir da gíria “da hora” também refletimos acerca de um elemento fundamental nesta busca por decisões coletivas: o tempo. “Da hora” significa algo “bom” e “legal”, relacionado ao atributo de ser novo, recente, da última hora, enquanto algo positivo. A reflexão que apresentamos a seguir é de como a noção de tempo é relativa no processo de decisão coletiva, sendo considerado ora na efemeridade e entusiasmo, conforme o “da hora” anunciado por Jonas, ora na demora e desgaste dos minutos que parecem horas. Entendemos tempo enquanto meio de existência, de forma que não temos o tempo, mas somos no tempo que está atrelado a um espaço que é também social. Contudo, acreditamos no seu grande potencial educativo, mediando esta relação tempo/espaço social enquanto escolha pedagógica, segundo a qual nos opomos a uma lógica produtivista em educação de “quanto mais experiências em menos tempo,

---

<sup>52</sup> Pega-pega também é chamado de pira, pique-pega, *encantados* (castelhano) *apanhada* (português europeu) e *tag* (inglês). Trata-se de um jogo em que há um ou mais pegadores/as e os/as fugitivos/as. Há inúmeras variações, dentre elas o pega-macaco, onde quem estiver fugindo e imitar um macaco, estará temporariamente a salvo. Uma versão próxima desta é Cada macaco no seu galho, no qual quem estiver pendurado (sem relar o pé no chão) não pode ser pego.

melhor”. Damos prioridade a qualidade das experiências e aos significados atrelados a estas.

Ressaltamos a dificuldade em traduzir em linguagem escrita tramas complexas que às vezes contam com trinta pessoas. Mesmo quando auxiliado por gravadores de áudio-vídeo, as falas sobrepostas, as intuições, lampejos de ideias, comentários “ao pé do ouvido” que direcionam decisões, os silêncios (in)cômodos, os anseios e intencionalidades difíceis de captar e de traduzir em palavras. Devemos considerar que, apesar do rigor com os dados, as situações – principalmente desta categoria – foram permeadas destes silêncios, ruídos, olhares (des)atentos, (des)interesses e ansiedades de participantes e educadores/a.

Dentro do projeto há flexibilidade em relação à duração das atividades. O horário de saída e de entrada, por exemplo são horários fixos pois envolvem outras pessoas e outros compromissos como o motorista que faz o transporte das crianças e adolescentes até os seus bairros (acompanhado por um/a educador/a). Já as rodas de conversa, atividades de integração e atividades centrais, são flexíveis e passíveis de mudança, contanto que acordado pelo grupo. Assim, uma roda de conversa na qual as pessoas estivessem se divertindo, envolvidas ou tratando de assunto relevante, poderia ter seu tempo estendido. Apresentaremos duas situações a seguir.

As rodas de conversa no início do dia eram uma oportunidade para que as pessoas contassem novidades, histórias, desejos, sonhos, medos, motivações, se apresentassem e se conhecessem. O tempo planejado era de meia-hora, mas dependia das vontades, necessidades e intencionalidades dos/as educadores/as e participantes em continuar conversando e/ou brincar/jogar na atividade de integração que se fazia na sequência. Em uma destas rodas, estávamos passando do tempo planejado para a conversa.

Havia mais pessoas com as mãos levantadas. Murilo perguntou ao grupo o que gostariam de fazer: continuar conversando ou ir para a brincadeira combinada para o dia. Num primeiro momento se manifestaram a favor de brincarem, mas algumas pessoas continuaram com as mãos levantadas. A sugestão do educador foi que guardassem os comentários para a roda final pois também o tempo estava “firmando” (sem chuva). As pessoas concordaram, mas Trevor começou a contar algo. Murilo interrompeu-o lembrando do combinado que acabaram de fazer (II - 7).

No primeiro trecho, ao invés de resolver a situação pelo “caminho mais curto” que poderia ter sido anunciar o final do momento de conversa e o início da organização da atividade de integração, a situação foi exposta para o grupo: “O que queremos fazer: continuar conversando ou ir para a brincadeira?”. Desta forma, buscamos proporcionar alguns processos educativos relativos a decisão coletiva que envolve ponderar sobre os ganhos e perdas, argumentar, ouvir, aceitar mudanças e sentir-se parte do grupo. Tanto nesta situação quanto na que será narrada a seguir, vemos que o envolvimento lúdico era um dos fatores que levavam os/as participantes e educadores/as a manter ou mudar de atividade. A narrativa a seguir é referente a atividade central ciclismo, após termos jogado *Fútbol Callejero* como atividade de integração.

A atividade teve início após o *Fútbol Callejero* [atividade de integração], por conta do atraso deste, os/as participantes já haviam sido alertados [pelos educadores] do pouco tempo disponível para realização da atividade de bicicleta e que não seria possível andar com as bicicletas naquele dia. Alguns/mas participantes estavam reclamando, mas o educador Cuco lembrou-os/as que haviam dado preferência à realização do *Fútbol Callejero*, com a participação de todos/as, o que demandava mais tempo, Ronaldo concordou dizendo que o futebol tinha sido legal mesmo. [...]  
[Após o término da atividade] Os/as participantes foram orientados/as pelos educadores a irem direto para a roda para que esta, pelo menos, não atrasasse (XX - 16).

No segundo trecho, vemos um desdobramento de uma escolha feita pelo grupo de realizar o *fútbol callejero*<sup>53</sup>, o educador Cuco lembrando que isto foi decorrente da escolha que fizeram e o participante Ronaldo concordando, dizendo que a atividade realizada foi legal.

Em outros momentos foi preciso repensar sobre a duração das atividades e retomar o nosso planejamento em relação ao tempo. O educador Cuco explicita esta preocupação em um comentário do observador (XVII - 10d), após um dia cuja roda de conversa final foi insuficiente para tratar dos assuntos que surgiram naquele momento.

Podemos perceber nas situações anteriores, esta relação dinâmica entre o planejamento de tempo, os interesses/ vontades/ desejos/ ludicidade dos/as participantes e

---

<sup>53</sup> Tal atividade em alguns semestres do projeto foi tida como atividade central, em outros como possível atividade de integração.

educadores/as e as experiências/ aprendizagens/ processos educativos que intencionamos proporcionar. Entendemos que as escolhas e combinados sejam o mais compartilhados quanto possível, isto significa que as pessoas envolvidas tenham maior conhecimento do que pode acontecer se escolhermos isto ou aquilo e também há maior espaço para escuta dos/as participantes.

Também é importante perceber que enquanto educador assumo responsabilidade em conduzir determinado grupo de pessoas, e muitas vezes por uma questão de tempo, energia ou diferentes posicionamentos pedagógicos, julgo estar certo das necessidades e opiniões das outras pessoas. Como veremos, a busca por consenso carece de participação ativa das pessoas envolvidas em prol de um objetivo comum. Em relação aos posicionamentos pedagógicos, quando se acredita que o professor detém o saber e experiência para guiar seus alunos/as, este desconsidera a potencialidade educativa que emana dos/as alunos/as, a possibilidade de que saibam falar, pensar ou fazer algo melhor do que o/a professor/a. Freire utiliza o termo “pensar certo”, que:

[...] demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo. [...] Do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente.

[...] Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas. Por isso é que o pensar certo, ao lado sempre da pureza e necessariamente distante do puritanismo, rigorosamente ético e gerador de boniteza, que me parece inconciliável com a desvergonha da arrogância de quem se acha cheia ou cheio de si mesmo (FREIRE, 2015, p. 35).

É preciso estar atento às relações de autoridade e autoritarismo às quais os/as educadores/as estão mais sujeitos por exercerem uma função de liderança. Se por um lado há uma relação de confiança estabelecida entre as pessoas que fazem com que as proposições de uma ou outra pessoa recebam maior ou menor apoio, por outro, seria danoso à relação ter um uso utilitário da confiança para impor o que se quer. O cuidado principal é expor os verdadeiros porquês, estando sensível ao fenômeno de que posso

“sem querer” (pois me é conveniente) usar da minha posição de liderança ou de amigo, para conseguir o que julgo melhor para mim ou outrem.

Na situação a seguir Baixinha e Juliana foram específicas ao pedirem vôlei, mas buscando “resolver logo o conflito” conduzi a decisão do grupo. Em encontros seguintes Baixinha e Megablue ressaltaram novamente que queriam vôlei, e não gostaram de “volençol”. A explicação que já foi conversada entre educadores/as e não exposta neste momento foi de que achamos importante diversificar as atividades de lazer que muitas vezes ficam restritas às atividades exaustivamente trabalhadas, como os jogos esportivizados<sup>54</sup>, principalmente o futebol, voleibol, handebol e basquete.

Finalmente, enquanto o educador Cuco entregava as frutas que havia lavado durante a atividade da Bicicleta, o educador Murilo disse que precisavam escolher rapidamente a atividade de integração em virtude do tempo escasso. Baixinha e Juliana pediram vôlei entusiasmadamente, o educador Murilo disse que conhecia uma brincadeira de vôlei com lençóis, que chamava “volençol”<sup>55</sup> e perguntou se poderia ser essa, as/os participantes pareceram gostar da ideia e ficou decidida esta, com a opção do “câmbio”<sup>56</sup>, um vôlei mais fácil, segundo Murilo, caso não gostassem do “volençol”. O educador Cuco, se dispôs a trazer lençóis velhos para a realização da brincadeira **(I – 28)**

Para chegar a uma decisão coletiva é necessário se expor, propor e dispor, formando um comprometimento coletivo em prol desta decisão.

Murilo estava realizando as atividades referentes ao seu doutorado e parou para conversar com Baixinha e Megablue que, junto a Camila, não quiseram jogar *fútbol callejero*. Baixinha disse que não entendeu porque Cuco “queria porque queria” que elas participassem da atividade

---

<sup>54</sup> Em acordo com Rodrigues e Gonçalves Junior (2009) o neologismo *Esportivização* se trata da: "Supervalorização da competição e do elemento espetacular visual costumeiro no âmbito do esporte de rendimento, vinculado ao interesse da exibição de performance para outrem ou de busca estética compulsiva ao aspecto físico massificado e padronizado pelos meios de comunicação, em detrimento da realização de práticas corporais autônomas e significativas, desenvolvidas pelo prazer desencadeado por elas mesmas, com satisfação pessoal intrínseca" (p. 988).

<sup>55</sup> Jogo parecido com vôlei no qual há dois times que tentam fazer com que a bola bata no campo adversário, entretanto, nesta variação, ao invés de usar as mãos para tocar na bola, utilizam-se panos que podem ser utilizados em duplas ou até pelo time inteiro, a depender do tamanho do pano e da proposta do jogo. Lençol é um tecido leve, utilizado como roupa de cama, por isso volençol.

<sup>56</sup> Outra variação do vôlei. Há dois times que tentam fazer com que a bola bata no campo adversário. Ao invés de darem toques na bola, podem segurá-la, passando para colegas ou aremossando no campo adversário.

de integração se elas não gostavam delas. Murilo disse que é porque na roda final, todos/as escolhem juntos essa atividade de integração. As duas imediatamente disseram que não escolhem. Murilo perguntou “por que?” e elas responderam que elas não falam nada. Murilo disse: “Essa é questão. Se vocês participam da roda final, não falar também é uma forma de escolher. Mas as pessoas escolhem por vocês. Então vocês deveriam aproveitar desse momento para dizer o que querem e o que não querem. Pensem em atividades que vocês fariam”. Elas disseram que queriam volei, mas quando pediram, Cuco disse que não poderia ser feito e fizeram volençol no lugar. Murilo disse que em um período da manhã fizeram volei e peteca e foi muito legal, que elas poderiam pedir sim. Megablue também disse do jogo Suruba, um jogo que lembra Mãe da Rua, bastante animada. Murilo disse para que participassem ativamente na roda final, dando várias sugestões e lembrassem da lista que foi feita há algumas semanas e sugerir de incluir tais atividades **(XX - 9)**.

Para que pudéssemos contemplar sugestões diversificadas, que não conhecíamos ou que não costumava ser escolhida e portanto realizada no projeto, durante a roda de conversa final do encontro VII, o educador Cuco sugeriu utilizar as sugestões para montar uma lista de atividades que seriam realizadas a cada encontro.

Perante a escolha da próxima atividade de integração, o educador Rogério lembrou que a próxima brincadeira da lista sugerida pelas/os participantes era o “pega-macaco”, o educador Cuco salientou novamente a importância da participação de todos/as na atividade de integração, que se tivessem alguma objeção quanto à próxima atividade poderia ser trazida ali para que discutíssemos sua realização ou não, alterações nas regras e escolha de outras. Alguns/mas perguntaram como era a brincadeira, o mesmo educador disse que tinha sido uma sugestão de Marcos, que não estava presente, mas Jonas disse que sabia e era um pega-pega normal, Cuco, pela falta de tempo, disse que ele ou Marcos, caso viessem, explicariam na quinta e então adaptariam as regras conformes as necessidades e preferências de todos/as. Os/as participantes concordaram, Baixinha disse que não participaria se tivesse que correr por ter falta de ar, o educador disse que poderiam pensar em outras formas de sua participação durante a explicação e discussão da brincadeira na quinta-feira **(XX - 20d)**.

Vale ressaltar que apesar das intenções e fundamentações das ideias, nem sempre as ações tomavam o rumo planejado. Mesmo algo como a lista de atividades que foram anotadas em papel e expostas na sala de materiais, visíveis aos/as educadores/as (algo que poderia ser revisto, para que os/as participantes também tivessem acesso, caso se esquecessem) foram passíveis de confusões **(VII - 2)**.



Acreditamos necessário que cada pessoa seja respeitada em sua autonomia, na capacidade que tem de responder por si.

Iris estava puxando Aparecida pelo braço para participar da musicalização, e Aparecida estava tentando se soltar, ambas rindo. Murilo disse a Aparecida que se ela poderia participar da música caso quisesse e complementou dizendo a Iris que parecia que ela não queria participar da música. Iris a soltou e Aparecida foi para a bicicleta (XI - 7).

Ressaltamos o cuidado que devemos ter nas decisões que envolvem outras pessoas, continuando na proposta de fazer os combinados o mais compartilhados quanto possível. Isto também serviu nos combinados para apresentar-se musicalmente para o grupo. Enquanto tocávamos, era comum alguns participantes que estavam no ciclismo e pessoas que estavam no clube se aproximassem do grupo para nos ver/ ouvir/ ... tocar. A situação a seguir se deu ao final de uma musicalização quando estávamos tocando os instrumentos de percussão.

Começaram a tocar e quando acabou, Megablue bateu no surdo e gritou: “Uhuuull”. Megablue disse que estava presa no instrumento, dando risada. Murilo a ajudou a tirá-lo. Iris: “Vamos tocar para o pessoal?”. Murilo: “Será que eles não ouviram? A gente tocou... Vamos combinar um dia de tocar pro pessoal?”. Baixinha sugeriu quinta. Murilo disse: “Vamos propor pra eles então de tocar na quinta na roda final, pode ser?” (VII - 23).

No mesmo dia, durante a roda de conversa, Iris lembrou da ideia de apresentar e propôs ao grupo:

Iris: “E também a gente tava pensando, né.. né Murilo? De fazer uma proposta pra vocês... Se quinta-feira vocês topam ouvir a gente tocar”. Cuco: “Nós topamos, né? O que vocês acham? Acham uma boa ideia? Que momento, no começo, na roda final? [Roda final] A gente faz a roda final um pouquinho antes, uns 10 minutos antes, aí vocês apresentam e a gente fala o que achou da apresentação e do dia, pode ser? Todo mundo concorda? [Sim]” (VII - 26).

Em outro dia da musicalização a ideia de se apresentar surgiu novamente.

Georgy: “Vamos apresentar!”. Murilo: “Acho que dá, não sei se hoje é uma boa. Talvez seja melhor a gente perguntar se querem nos ver, e marcar para uma outra semana”. Neste momento entrou um senhor de camiseta amarela e se sentou numa das cadeiras da lanchonete, virado para o grupo, permanecendo por alguns minutos.

Algumas pessoas participantes do projeto também foram chegando e se sentando ao lado da lanchonete. Pikachu e mais uma pessoa ficaram de pé, virados para o grupo. Enquanto isso, Murilo foi até o outro lado da lanchonete e treinou com Megablue a outra parte da caixa (XIII - 31).

Sabendo de uma cultura específica musical que se fundamenta no estudo técnico e performance, havia também um cuidado e receio de que a apresentação representasse uma exposição desnecessária ou pura avaliação da musicalidade. Ao invés disso que este momento fosse significado, assim como em diversas culturas populares, enquanto satisfação e orgulho de si e dos/as colegas. Assim, partir da sugestão dos/as participantes para a apresentação foi um indicativo sobre a satisfação e o orgulho que estavam tendo de si, antes de tocar para outrem.

Consta no diário de campo **XXI - 4** quando estávamos fazendo os combinados para uma variação da brincadeira pega-pega que conta com, no mínimo, dois tipos de jogadores/as: quem pega e quem foge. A sugestão de três participantes era de que o espaço de jogo fosse o clube inteiro. O educador Murilo, considerando que tal experiência não seria agradável para quem fosse o/a pegador/a, perguntou se algum deles gostaria de estar nesta função. Com a negativa, desistiram da proposta. Os motivos pelos quais eles/a gostariam de participar da brincadeira nesta configuração (campo inteiro) são passíveis de especulação, entretanto gostaríamos de nos atentar para o ato de agir em meu favor ou a favor dos/as meus/minhas colegas. Como já mencionado, pode até ser feito “sem querer” (porque me é conveniente) mas acabamos nos desconsiderando outrem.

Apareceram ao longo da coleta algumas questões ligadas a tempo e interesse ao realizar tais combinados.

Ao buscar realizar combinados compartilhados – cuja redundância se faz necessária já que há combinados que são esvaziados de sentido, sendo a imposição de decisões individuais – é necessário também expor os porquês e implicações de tal escolha, envolvendo diferentes opiniões e necessidades, abrindo espaço para diferentes perspectivas sobre o panorama apresentado.

Passaremos agora a discussão de situações que envolveram a escolha entre as atividades centrais: musicalização ou bicicleta. A coleta de dados acompanhou uma mudança na estrutura do projeto, onde antes eram realizadas duas atividades fixas na terça pela manhã e tarde, e outras duas na quinta também em ambos os períodos. Assim os/as participantes tinham a oportunidade de participar de duas atividades fixas durante a semana, sem precisar manter-se em uma ou em outra ao longo dos encontros. Na nova estrutura, foram oferecidas as mesmas atividades fixas nos períodos da tarde e outras no período da manhã. Enquanto educadores/as optamos por solicitar aos/as participantes a escolherem *uma* atividade central, pensando em aprofundar melhor os conhecimentos e habilidades nela (musicalização ou ciclismo). Para isso fomos realizando conversas sobre a necessidade de estabelecer um compromisso com tais grupos e atividades. Trarei alguns trechos sobre a participação de Minivamp, por exemplo:

Murilo propôs que fizessem a convenção e começassem o ritmo. Mostrou o que cada um faria após a convenção. Fez a contagem, tocaram e depois Murilo contou fazendo o gesto para parar. Ele disse: “Gente, dahora! O que vocês acharam?”. “Legal” [Não foi possível identificar quem falou, mas foram mais de três]. Iris disse: “Vamo apresenta pra plateia?”. *Reinaldo entrou no espaço. Minivamp comenta: “Falei pra você vir pra música...” (IV - 31).*

Não apenas o conteúdo da atividade importa na escolha. Quem está ou não está no grupo, e onde a atividade será realizada contribui para tais decisões. Vemos aqui que Minivamp empolgado com como havia sido o encontro e relembrando um conselho que havia dado ao colega, imaginando que seria legal participar da musicalização.

Além do envolvimento com o grupo e do gosto pessoal (por gostar dos conteúdos oferecidos na musicalização ou bicicleta, ou pela negação de determinada atividade, não-musicalização e não-bicicleta), a participante Iris anunciou também um medo de perder “o lugar” e deixar de ter prioridade no instrumento com o qual se identificou: surdo de chão.

Murilo: “Tem gente que nunca veio”. Megablue: “Ahh, mas você vai ver, não vai ficar nem metade, vai tudo ir pra *bike!*”. Murilo: “Megablue, confia! Acredite!”. Baixinha: “Tá que nem eu, quero ir pra *bike!*”. Megablue: “Vai com Deus então!”. Iris: “Mas eu to com... num..

eu num go... mas eu quero ir pra mu.... eu quero ir pra bike, mas num vô! Dá medo... hum, dá um aperto de deixar a música, de alguém roubar meu instrumento!” (XII - 8).

Tais situações nos dão uma melhor dimensão da trama envolvida na escolha entre musicalização e bicicleta. Por se tratar de um projeto de lazer onde não havia um período de inscrição em uma ou outra atividade, cada pessoa estava regularmente (re)pensando sobre sua escolha, de estar junto a um ou outro grupo, estar junto a uma pessoa ou outra, com um instrumento musical ou uma bicicleta. Sendo assim, escolher é ganhar e perder ao mesmo tempo, dependendo da perspectiva pela qual se analisa e as conversas serviam como um momento de ouvir e falar sobre suas perspectivas.

Na situação a seguir, discutimos em grupo sobre as mudanças de Minivamp e Samara:

Samara disse: “Quero ir para música porque bicicleta posso fazer a qualquer momento, já música não”. Tatagiba: “Mas tem gente que não tem bicicleta”. Murilo perguntou se eles/as estavam bem e foi perguntando para cada pessoa quantas vezes já havia participado da música. Baixinha disse que umas três; Samara disse que era a primeira; Tatagiba disse que nenhuma, mas Minivamp lembrou que ela participou uma com o Pietro; Jonas disse uma; Milena disse que nenhuma, e Murilo lembrou que no ano passado veio várias vezes, Minivamp disse: “Ano passado eu também vim e aprendi a tocar flauta”. Murilo: “E tocando percussão, quantas vezes?”. Minivamp disse que uma.

Murilo: “Quem estava na bicicleta e quer vir pra música é a Samara?”. Minivamp disse: “E eu quero ir para a bicicleta”. Murilo: “Pra sempre ou só hoje?”. “Só hoje”, Minivamp disse. Murilo: “Olha... se você for na bicicleta hoje, você vai perder algumas coisas que a gente vai ensinar e vai ficar meio ruim na próxima semana para tocar. A gente queria fazer um grupo que pudesse...vixe, se apresentar, que pudesse tocar as músicas juntos. Aí se você for pra bike...”. Milena: “Se você for pra bike, você vai ter que ficar pra sempre”. Minivamp: “É que agora não dá pra andar de bicicleta... A minha bicicleta tá toda quebrada”. Baixinha: “Então vai pra bicicleta só que você fica lá e não volta pra música”. Minivamp: “Tá bom!”. Murilo: “É isso que você quer?”. “Uhum”. Baixinha: “Só que você não vai poder voltar pra música”. Murilo: “Por que você não faz o seguinte? O que que quebrou na sua bicicleta? Porque se a ideia deles é aprender manutenção de bicicletas, você poderia mostrar o que está com problema na sua e ver se o pessoal pode ajudar... entendeu o que eu quis dizer? Se o problema é que você não pode andar de bicicleta em casa, você traz sua bicicleta pra arrumarem e continua na música. É legal que você já participou várias vezes aqui. Mas enfim, você quer participar lá?”. Minivamp: Sim.

Murilo: “Então pode ir pra lá... mas vai fazer falta aqui, viu?” [estendeu a mão e se cumprimentaram]. Minivamp se levantou e foi **(VI - 16)**.

A cobrança pelas participantes foi problematizada em outras ocasiões, para que compreendêssemos também que algumas pessoas precisavam de mais tempo para decidir e que tivéssemos mais paciência com estas pessoas, apesar de muitas vezes poder atrapalhar. Minha preocupação era com uma aversão à participação de novas pessoas, para que isso não fosse considerado sempre um atraso (mais uma vez, voltamos a questão do tempo e experiência).

No encontro seguinte uma conversa sobre a participação de Samara e o combinado compartilhado e cobrado pelas participantes Baixinha e Megablue.

Baixinha: “Aí ficar trocando também, acaba atrapalhando sem querer quem realmente quer aquela aula”. Megablue: “Aí hora que ele der a aula mais divertida, a flauta, quando entende o tom da música, e assim, ela tem umas notas... é difícil fazer, mas aí vocês acha divertido, e vai querer trocar de novo, aí vai acabar confundindo o pessoal que já é da música...”. Baixinha: “Aí a gente vai precisar voltar, pra ensinar quem voltou pra música que tava na bicicleta... aí nois volta, pra ensinar vocês, pra vocês sair, até a gente recuperar, atrapalha um pouco né, gente?”. Samara: “Mas eu posso ir com ela ou tenho que ficar na bicicleta?”. Murilo: “Você já experimentou a música e a bicicleta? [Sim] Então você tem que decidir, definitivo. Aí terça-feira a gente passa uma lista e vê quem tá em qual, beleza? E quem tá chegando agora tem dois encontros pra experimentar” **(VII – 25)**

Esta mediação coletiva sobre a participação das pessoas em uma ou outra atividade contribuía não apenas para refletir sobre a situação e expor justificativas, desejos e motivações, buscando, em grupo, soluções e estabelecendo compromissos, como também manifestava intenções compartilhadas pelo grupo. Deste modo, não fazia tanto sentido avisar ou justificar apenas para educadores/as sobre a mudança, nem cabia tanto a um ou outro permitir tais mudanças, mas, em grupo, mediar uma conversa na qual se chegasse a novos combinados.

Violeta que estava frequentando a musicalização disse para Murilo que queria ir para a bicicleta. O educador pediu para que ela conversasse sobre isso na roda de conversa da musicalização. Cleber também declarou querer mudar **(XII - 5)**.

Izabella e Paloma perguntaram para Murilo se elas poderiam ir para a atividade de bicicleta ao invés da música. Murilo perguntou se era só para experimentar ou para ir toda semana. Elas se entreolharam. Murilo comentou que em qualquer um dos casos, deveria ser conversado com o grupo no momento da musicalização (XIX - 5).

Com estes combinados coletivos, a cobrança por se comprometer com uma atividade era mais compartilhada por participantes e educadores/as. No diário XIV, unidade de significado 4 narramos uma conversa iniciada pelo educador Cuco com um participante sobre sua decisão, por exemplo. Por se tratar de uma participação flutuante, achamos interessante fazer uma lista como outra forma de estabelecer este compromisso, para além da memória dos que presenciaram as falas das pessoas. Relacionado a estas escolhas, havia uma mediação por parte dos educadores para não fugir às proposições da prática musical na sua interface de lazer.

Violeta estava em pé, atrás da roda. Vendo-a, Murilo perguntou: “Você quer ir para a bicicleta mesmo? [Sim]. E é só hoje ou pra sempre? [Pra sempre]. Beleza... Vai fazer falta. Vai fazer falta, mas vai lá! Fica a vontade!”. Baixinha estendeu a mão, trouxe para perto e dando-lhe um abraço disse “Tchau, Violeta”. Violeta disse tchau. Megablue estava entretida cantando uma música bem baixinho.

Murilo: “Bem-vindas pra quem veio pela primeira vez. Seguinte, quem está vindo pela primeira vez na música vai experimentar, ver se gosta e depois experimenta a bicicleta e se gostar da música fica na música.. decide ficar na música e toda a semana será música, e se gostar da *bike*, bicicleta. Só que é importante estabelecer um compromisso porque se não acaba atrapalhando quem já está aprendendo música, tipo a Megablue, Baixinha, Iris, estão há bastante tempo na música. Aí se toda semana tiver que voltar pra ensinar alguém”, Baixinha interrompeu: “Aí eu vou sair socando!”. “Nofffa [nossa]”, Murilo disse sorrindo. Baixinha deu risada. Paloma disse: “porque ela sempre olha pra mim?” [encarando Baixinha] (XII - 6)

Ressaltamos também as relações entre as participantes. Neste trecho temos uma despedida carinhosa por parte de Baixinha e Paloma se sentindo desconfortável pelo comentário feito por Baixinha.

Murilo: “Que tal se a gente... calma, deixa eu lembrar os nomes [apontou para Luan, que disse seu nome, depois Miguel]. O Miguel ele veio algumas vezes e depois parou de vir. E aí, você tinha decidido pela *bike*, não tinha? Que que aconteceu?”. Miguel disse que não queria mais

ir na *bike*. Murilo: “E daí se você não quiser mais a música e voltar para a *bike*? Não vai ser ruim pro pessoal da *bike*? E não vai ser ruim pro pessoal da música? E aí, o que você vai decidir? Eu acho até que você anotou o nome naquela folha da música, lembra? [Murilo pegou a folha e viu que não havia anotado] Não, não anotou! Ah, então tá bom, menos mal. Ahn, o que você vai decidir? Ficar na música ou bicicleta?”. Miguel disse: “Música”. Murilo: “Então depois preciso que você escreva seu nome nessa lista, tá bom? Deixa eu ver, a Izabella está aqui, Baixinha tá aqui, a Iris, Paloma também,... O Luan, você já veio alguma vez na música? [“não”, ele disse] Então experimenta, vê se você gosta e quando você decidir 'decidido', daí pode escrever seu nome aqui e com isso a gente firma um compromisso de que você vai estar aqui ao invés da bicicleta todo dia, beleza? Então depois você me lembra de escrever aqui, tá bom, Miguel?” (XIV - 6).

Izabella e Paloma, que tendo participado por oito vezes consecutivas, tendo Paloma faltado um dia, decidiram sair, dois encontros antes da apresentação. Ao conversar sobre a mudança e seus porquês, ficaram olhando uma para outra, em silêncio, sem terem dado uma justificativa. Durante a musicalização, voltamos a conversar.

Enquanto isso, Iris ficou criando outro ritmo (interpretação minha) e Megablue a acompanhou. Depois Megablue interagiram, tocando a virada de caixa.



Enquanto tocavam, Paloma e Izabella ficaram ao lado da roda olhando. Murilo perguntou: “O que vocês decidiram?”. Izabella e Paloma: “Bike”. Murilo: “Hoje ou sempre? A apresentação será no dia 10”. Paloma disse que sempre. Murilo: “Que pena, vai fazer falta aqui com a gente, mas tá bom” (XIX - 9).

Algumas participantes que haviam vindo mais vezes ressaltaram descontentamento com a entrada e saída de participantes.

Baixinha logo iniciou perguntando como iria ficar a questão da Samara que queria participar da música, pois ficar entrando e saindo da atividade atrapalhava as outras pessoas. Baixinha disse: “Se for assim, eu vou pra bicicleta e já era!”. Murilo disse que seria importante conversar sobre isso, pois também tínhamos outros casos de pessoas que queriam mudar de atividades (XIX - 7d).

A escolha das brincadeiras, os combinados de como e onde jogar, as divisões dos times, qual instrumento tocar, o compromisso com o grupo, foram algumas das situações discutidas nesta categoria que oportunizaram uma discussão acerca do processo de decisão conjunta. Os processos educativos decorrentes destas ações caminham para a **superação da inexperiência democrática**, se constituindo como um espaço de escolha no qual compreendemos a dinâmica e bases democráticas que podem transbordar a outros espaços.

As angústias de não chegar a uma decisão, de discordar profundamente, de ser decidido algo a qual não era minha escolha ou do meu grupo e mesmo assim nos relacionar de maneira respeitosa, amorosa, solidária e em alteridade com Outrem, argumentar aprendendo a expor motivos/ vontades/ sentimentos, os limites de tempo e energia despendida neste processo, a frustração de sentir que não se avançou em prol de uma decisão conjunta caminham na direção de uma experiência democrática a qual se pretende exceder o tempo-espaço social do projeto VADL-MQF. Freire (2018) utiliza este termo para falar sobre a inexperiência democrática em termos de história política do Brasil. Aqui falamos deste termo considerando a política enquanto ação envolvida em qualquer prática cotidiana, ao escolher o que comer, o que beber, onde ir, o que fazer. Consideramos que a estrutura do projeto e/ou ações tomadas não podem ser consideradas como experiência democrática em si, mas como buscas por experiências democráticas. Abrir a possibilidade para o ouvir a opinião das pessoas, não é por consequência ser democrático, sendo preciso construir tais relações conjuntamente, que envolve tensões, contradições e valorizando os acertos para uma convivência mais amorosa.



## CONSIDERAÇÕES

---

Cleber durante o lanche pediu para que guardasse o porta retrato enquanto ele ia no parquinho. Disse que já sabia onde guardaria o porta retrato: dentro do armário para que seu irmão (?) não quebrasse. Também disse: “Eu quero que isso dure uns cento e cinquenta anos!” (XXIII RC - 21).

No dia 22 de Setembro de 2019 (XXIII RC) realizamos um reencontro com familiares e participantes, quando apresentamos a análise dos dados e as ouvimos mais uma vez. Preparamos um presente que consistiu em um porta-retratos e uma foto de nosso primeiro encontro com a comunidade (XXII RC). Cleber demonstra que gostou do presente e anuncia que queria que isso durasse muitos anos. Não por acaso, um sinônimo para presente é lembrança: a foto em um porta-retrato sugere memórias para quem as vivenciou.

Para começar a tecer as considerações em torno deste trabalho escolhemos este fragmento pois a partir dele refletimos sobre a nossa existência. Há um desejo de Cleber para que se prolongue o que lhe fez bem, guardando as boas memórias.

Também há a questão do tempo, que foi apresentada nesta tese. De acordo com Merleau-Ponty (1999) nós não estamos no tempo, mas somos no espaço e no tempo. Assim, querer que algo dure 150 anos é querer continuar existindo e vivendo experiências deste tipo. Como nos apontou Gomes e Elizalde (2012) a partir da conceituação do Lazer, este é um espaço/tempo social, ou seja, nossa existência está sempre relacionada a tempo, espaço e as relações sociais estabelecidas, no qual somos.

Trabalhamos em prol de vivências que assumam a relação de con-vivência com base na amorosidade e respeito, e por isso, justas. Paulo Freire (2001a, 2001b, 2014, 2015) nos ajudou a compreender melhor isto com o conceito de ser mais. Segundo o educador, *ser mais* é a vocação ontológica dos seres humanos e, o que distancia ou atrapalha esta vocação é distorção desta. Trabalhamos através do fazer musical para que nos aproximemos desta vocação, que nos é própria.

Entendemos que tais processos se dão como decorrência desta e de outras práticas sociais e a denominamos como processos educativos. No termo está contido tanto a

noção de educação como um processo contínuo, como também a noção de educação que nos aproxime de nossa vocação, a isto damos o nome de humanização.

Neste sentido, a música comunitária vivenciada no âmbito deste trabalho pôde favorecer processos educativos, vivências amorosas e respeitadas neste sentido de convivência. Tratamos deste tema principalmente a partir do reconhecimento de outrem.

Quando conhecemos alguém que veio de algum lugar do qual desconhecíamos, parece que atribuímos novos significados a algumas palavras. Palavras e as próprias coisas tornam-se familiares. Em nosso mapa, é adicionado um novo lugar. Associamos imagens que já conhecemos com as imagens anunciadas por este novo que começa a se tornar mais familiar. Passamos a reconhecer um povo e sua cultura. Corremos o risco de reduzir tal povo ao que conhecemos desta pessoa, mas ao observar a cultura da qual fazemos parte, logo percebemos que há tanta diversidade em nossa cidade, que fica difícil acreditar que em outro espaço, toda gente vive, pensa e faz igual. Ao estar perto e conviver, entendemos que o que sabemos ainda é pouco. Perceber-se, ao mesmo tempo, parecido e diferente é a base para relações baseadas na amorosidade, pela qual compreendemos que somos responsáveis umas pessoas pelas outras.

A partir da convivência, atribuímos um rosto, nos termos de Lévinas (1988, 2004, 2015). O mesmo pode acontecer por meio de objetos. Objetos estes que foram transformados e por isso, nele estão envolvidos mais do que o elemento material, são culturais. É o caso dos instrumentos musicais, as ruas do Pelourinho, as cores do reggae. Também através de ações como ao tocarmos o samba-reggae ou o samba “Acreditar” de Dona Ivone Lara. Buscamos com isso reconhecer não apenas um tipo de fazer musical, mas as pessoas que a fazem, que as criam, que vivem imersas em tais culturas. A partir disto também vamos encontrando o que nos torna diferentes e o que nos torna parecidos.

Em algumas horas conversando com parentes indígenas de quatro povos distintos pudemos perceber estas aproximações e diferenças, seja no que gostavam de comer, do que brincavam e de suas preferências musicais.

Por isso falas como de Iris: “Eu gosto de samba-reggae!” (II - 23) onde diz gostar de uma cultura alheia, aproximando-se dela e de Pastel: “Eles brincavam de pega-pega lá em cima da árvore” (XXII RC - 74) reconhecendo aproximações com o que um dos parentes indígenas brincava quando criança nos são significativas. Percebemos que

também brincamos da mesma brincadeira, mas de maneiras diferentes. Inclusive nos ajudando a ressignificar o espaço onde estamos, que, apesar de privilegiado, não poderíamos brincar de pega-pega em cima das árvores já que nosso contato com a natureza tem sido outro. As árvores ornamentam e dão sombra aos pavimentos mas não há um espaço delas nas quais nascem e crescem livremente. A isto também relacionamos os estudos de Acosta (2016), Godoy (2019) e Plumwood (2002) sobre bem-viver e a necessidade de contemplar outros seres vivos e a natureza nas noções de “outridade”.

Uma visão de vida integral, assim como Georgy nos ensina ao fazer musical:

Georgy: “Acho que uma coisa só, mas não é nada da música. Eu acho que o que aconteceu hoje está atrapalhando muito a gente. Quando tava tudo bem, tava super legal”. [...] Georgy: “É, igual quando você vai dançar, você traz os seus sentimentos” (XXI - 14).

Portanto para o fazer musical importavam também as relações cultivadas pelas pessoas que dela participavam. Uma briga, como a qual Georgy se referenciava, atrapalhava o fazer musical. O sentimento de raiva de quem está brigado e o sentimento de desconforto dos/as colegas eram sentidos mesmo no fazer musical.

A música comunitária pode trazer o sentimento de pertencimento e a vontade de que pessoas queridas também façam parte do grupo.

Reinaldo entrou no espaço. Minivamp comenta: “Falei pra você vir pra música...” (IV - 31).

Iris estava puxando Aparecida pelo braço para participar da musicalização, e Aparecida estava tentando se soltar, ambas rindo. Murilo disse a Aparecida que se ela poderia participar da música caso quisesse e complementou dizendo a Iris que parecia que ela não queria participar da música. Iris a soltou e Aparecida foi para a bicicleta (XI - 7).

Assim, compreendemos que a escolha por participação contempla mais do que conteúdo, da função, do fazer: estar junto a pessoas, envolvendo-se ludicamente.

Retomamos à fala de Megablue: “Vamos a música, né? Porque isso é o meu forte!” junto a discussão da categoria A no sentido de que o fazer musical (não qualquer um, em qualquer momento, mas um determinado fazer musical, situado, experienciado,

vivido) pode proporcionar processos educativos que promovam a autonomia de quem participa, fazendo com que esta pessoa sinta-se confortável, confiante.

As relações musicais passam a proporcionar segurança, a partir da qual é possível estabelecer novas relações com maior confiança e autonomia. Podemos então atribuir um novo significado a tal frase pensando na palavra “forte” enquanto sinônimo de fortaleza. “Vamos a música, né? Porque isso é o meu forte”. Nos momentos de dificuldades e crises, as memórias boas, podem servir para a percepção de que as coisas podem voltar a ser assim.

Além de poder se apresentar enquanto busca, tais experiências são representativas do que estamos sendo, enquanto algo que gostamos, que nos sentimos bem ao fazer. Desta maneira, estas vivências servirão (assim como outras, anteriores ao que foi desenvolvido) para balizar futuras vivências.

Seja pelos processos educativos decorrentes desta prática musical, quanto pela memória, acreditamos que a prática em música comunitária desenvolvido no âmbito do projeto VADL-MQF serve como um suporte de resiliência (LOOS; SANT'ANA; RODRIGUEZ, 2010), ou seja, o musicar pode ser como uma fortaleza, a qual as pessoas podem “partir” e “retornar” sempre que preciso ou desejado.

Megablue: "Por isso que quando eu crescer, vou fazer música na UFSCar". "É mesmo Megablue?". Megablue disse: "Se eu não conseguir, eu vou tentar minha carreira solo" (VII - 22).

Na fala de Megablue temos o desejo por seguir trabalhar com música. Sobre isto há dois pontos que consideramos importantes. O primeiro deles é que lembrar que a formação de musicistas (instrumentistas ou cantores/as, educadores/as musicais e assim por diante) não é o objetivo máximo da educação musical, mas uma das diversas possibilidades. Assim, nos alegamos com esta fala tanto quanto com as declarações de outras pessoas sobre seguir estudando ou trabalhando em qualquer outra área, anunciando um planejamento futuro, que em alguns contextos economicamente empobrecidos esta questão se torna tão difícil. Nos valemos das considerações de Valla (1996):

Mas, poderia ser levantado como hipótese de que estes setores da população [economicamente empobrecidos] conduzem suas vidas com

a categoria principal de "provisão". Com isso se quer dizer que a lembrança da fome e das dificuldades de sobrevivência, enfrentadas no passado, faz com que o olhar principal seja voltado para o passado e preocupado em prover o dia de hoje. Uma idéia de "acumulação", portanto. Neste sentido a proposta da "previsão" estaria em conflito direto com a da "provisão". (VALLA, 1996, p. 179).

Assim, entendemos que o musicar comunitário não incide diretamente na questão da provisão e previsão, mas pode sugerir caminhos, ser motivo de ambições e sonhos. O segundo é que, com os dados analisados é possível afirmar que os/as participantes estão envolvidos/as em outras práticas musicais. Seja em outros projetos como o Projeto Guri e Doces Flautistas, nas igrejas, escolas e família. Assim, a prática musical aqui pesquisada não é exclusivamente responsável pelas escolhas dos/as participantes, mas contribuem para esta trama, confirmando e recusando outras vontades e sonhos dos/as participantes.

Apontamos uma aproximação com lazer definido por sua relação com o espaço/tempo social, intencionalidade, as não-obrigações e escolha voluntária de participação, cuja finalidade está em ser objeto e veículo da educação (MARCELLINO, 2010). No campo da educação musical, partimos de uma definição abrangente que abarque todas as relações de ensino e aprendizagem em torno da música. Consideramos, a partir de Small (1998a, 1998b) que a música em si não existe, a não ser quando situada em uma prática, e, por isso utilizamos o termo musicar, que influenciou no modo como nomeamos nossa atividade: musicalização. Essa ideia se opõe a de música-objeto que advém de uma cultura musical específica (erudita eurocentrada) e se impõe como dominante através de processos de colonização e colonialidade<sup>57</sup>. Definimos então “o fazer musical em grupo” no âmbito desta pesquisa como uma prática em educação musical com intencionalidade de ensino, ou seja, musicar comunitário. Para isso nos valem de produções sobre música comunitária, optando por seu viés dialógico, crítico, potencialmente transformador em direção a uma sociedade mais justa. Neste sentido, as definições apresentadas de lazer e de música comunitária se complementam e se reforçam.

Em conversa com familiares (XXIII) a mãe de um participante anunciou a falta de aula de música nas escolas, sendo confirmada por outros/as familiares. Reafirmamos a

---

<sup>57</sup> Sobre colonialidade ver Quijano (2010).

partir disso tanto a centralidade da escola na vida das crianças e adolescentes quanto o desejo de que seus filhos e suas filhas tenham acesso à educação musical escolar. Foi exposto também que um projeto com maior regularidade (segunda a sexta, por exemplo) facilita mais a vida dos/as familiares.

Fazer-se pesquisador, educador e aprendiz com o grupo podem ser observados nos inúmeros comentários do observador que eram feitos com ideias e reflexões sobre o que estava sendo feito. A convivência alongada no projeto possibilitou ir vivenciando e aprendendo a fazer pesquisa com, onde os encontros com familiares mostraram grande potência, tanto pela situação diferenciada (fora da estrutura cotidiana do projeto) possibilitando diferentes formas de interações com participantes, bem como ouvir a família foi parte essencial da pesquisa. Através destes encontros foi possível conhecer mais dos/as participantes e de suas relações com o fazer musical.

Retomando a questão que gestou esta pesquisa: “Quais são, como ocorrem e o que possibilitam os processos educativos decorrentes do “fazer música em grupo” no projeto de extensão VADL-MQF?”, podemos apontar como processos educativos averiguados a partir desta prática musical em grupo os processos de decisão, principalmente decorrentes do estabelecimento de compromisso entre as atividades de musicalização ou ciclismo. Também os processos educativos de reconhecimento de outrem e atribuição de rosto através do musicar, seja por meio da prática musical, convívio direto, ou mediado por conteúdos e objetos culturais.

As formas de aprender e ensinar foram sendo decididas ao longo da prática musical consistindo na escuta, na movimentação, na fala ritmada seja por frases ou palavras (cá, vem pra cá; vatapá legal; eu gosto de mexerica; e assim por diante), na ludicidade e então na prática instrumental. Ressalto a inspiração advinda da formação em educação musical com práticas pedagógicas ativas em educação musical a partir de Carl Orff, Zoltán Kodály, Émile Jacques-Dalcroze e Shinichi Suzuki além do trabalho com cultura popular vivenciado no grupo Girafulô de São Carlos, estado de São Paulo. Houveram também outras atividades que certamente contribuíram para a prática instrumental já que assumimos a musicalidade enquanto conceito amplo e não fragmentado. Uma destas práticas foi a de ensinar. Assim, pessoas que estavam há mais tempo participando da musicalização foram solicitadas a ensinar as pessoas novas.

Enquanto educadores/as consideramos que isto se constituiu como um movimento de ensinar a ensinar e foi construído coletivamente, partindo da proposta, conversando sobre o seria ensinar de uma maneira positiva, do ensino voluntário ou solicitado e dos conflitos que surgiram nestas vivências, como veremos nos excertos:

Iris falou para Murilo: “A Juliana vai tocar, tá? Eu ensinei tudo ela!”.  
**(XXII - 80).**

Iris disse: “Ó, tem que fazer bonito, hein?!”. Murilo: “O Iris, muito legal que você está ajudando, mas toma cuidado.. pode parecer...”. Milena completou: “Grossa!”. Murilo: “Isso, grossa.. ok? Vai lá então!”  
**(VI - 28d).**

Envolver-se em um musicar comunitário no âmbito do lazer pressupõe uma relação de ludicidade, não de forma pura, mas dinamicamente, como Buytendijk (1977) aponta a partir do termo “vaivém lúdico”. Esta ludicidade no fazer musical está relacionada aos desafios e aprendizados, de forma que em uma mesma prática, pessoas com níveis técnico-musicais diversificados conseguem se envolver em uma mesma prática.

Murilo continuou tocando com Megablue. Murilo contou e “cortou”. Paloma deu um grito “Uuuul”. Murilo perguntou: “O que vocês sentiram?”. “Animação, vibração” gritou Iris. Thiago: “Felicidade”. Murilo: “Izabella sentiu alguma coisa boa ou ruim? [“Boa”, ela respondeu] **(XIII - 29).**

Se consideramos que damos significado às coisas a partir de nossas experiências, partir do conhecimento do/a estudante, como propõe Freire (2015) foi essencial. Para isto, as rodas de conversa no começo e ao final do projeto, bem como as conversas durante a atividade de música, no acompanhamento do transporte serviam como compreensão da realidade dos/as participantes. Freire (2015) também alertou que partir deste conhecimento não é ficar nele. Consideramos entretanto que haviam momentos em que nos faltavam vivências sobre a mediação sobre determinados assuntos, para que tais relações fossem estabelecidas de maneira mais significativa.

Através da prática musical em grupo é possível criar ou fortalecer relações com outrem, favorecendo a alteridade. Ainda assim é necessário um movimento de tomar

outrem como critério, fazendo com que o processo de escolhas e combinados seja verdadeiramente democrático. Já que escolher é ganhar e perder ao mesmo tempo, tomar outrem como critério é conhecer suas necessidades e vontades, sabendo do que perdem e do que ganham, incluindo-os/as em nosso horizonte e decidir contemplando também tais elementos.



## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária & Elefante, 2016.
- AMENT, Mariana B. **O PIBID na formação de educadores musicais**: Reflexões sobre os processos educativos na construção da identidade profissional. Mariana. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- ANDRADE, Klesia G. **Projeto “um canto em cada canto”**: o coro infantil, seus ensinos e suas aprendizagens. 2015. Dissertação (Mestrado em Música) - Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- ARAÚJO-OLIVEIRA, Sonia S. Exterioridade: o outro como critério. *In*: OLIVEIRA, Maria W. de.; SOUSA, Fabiana R. (Orgs.) **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EDUFSCar, 2014, p. 47-112.
- ARRUDA, Murilo F. V. **Prática musical coletiva na Orquestra de Metais Lyra Tatuí**: contribuições para o desenvolvimento humano. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- ARRUDA, Murilo F. V.; COSTA, Bruna F. Educação musical em um projeto social: processos educativos vivenciados. *In*: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: etnomotricidades do sul, 6, 2015, Valdivia: UACH. **Anais...** São Carlos: SPQMH, 2015. p. 49-59.
- ARRUDA, Murilo F. V.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; COSTA, Bruna F. Educação musical humanizadora em um projeto de extensão: desvelando processos educativos. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**. v. 9, n. 3, p. 165-172, 2018.
- ARRUDA, Murilo F. V.; COSTA, Bruna F.; SILVA, Ana B. M. Educação musical em um projeto de lazer sócio-educativo. *In*: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: ecomotricidade e bem viver, 7, 2017, Aracaju: UFS. **Anais...** São Carlos: SPQMH, 2017. p. 133-144.
- ARRUDA, Murilo F. V.; MARTINS, Denise A. F. Arte-educação e estética: uso de mídias em um projeto socioeducativo. *In*: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: etnomotricidades do sul, 8, 2019, Maputo: UPM. **Anais...** São Carlos: SPQMH, 2019.
- ATHAYDE, Celso; BILL, Mensageiro V.; SOARES, Luiz E. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- ÁVILA-GAITÁN, Iván D. El Instituto Latinoamericano de Estudios Críticos Animales como proyecto decolonial. **Tabula Rasa**, Bogotá - Colombia, n. 27, 2017. p. 339-351.
- BATRES, Ethel M. M. **Notas sobre educación musical**. Guatemala: Avanti, 2010.
- BAUTISTA, Antonio; RAYÓN, Laura; HERAS, Ana M.; MUÑOZ, Yolanda. Aportaciones de los registros audiovisuales a la investigación cualitativa en educación. *In*: COSTA, António P.; SÁNCHEZ-GÓMEZ, María C.; CILLEROS, María V. **La**

**práctica de la investigación cualitativa:** ejemplificación de estudios. Aveiro: Ludomedia, 2017. p. 189-211.

BELMONTE, Maurício. M. **Vivências em atividades diversificadas de lazer:** processos educativos decorrentes de uma práxis dialógica em construção. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

BELMONTE, Maurício. M. **Futebol callejero:** processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

BELMONTE, Maurício. M.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; PAZOS-COUTO, Jose M. Futebol callejero: processos educativos des-velados a partir de uma sistematização de experiências em interface com a fenomenologia. *In: Congresso Ibero-Americano em Investigación Cualitativa*, 6, 2017, Salamanca. **Atas - Investigação Qualitativa em Educação**, 2017. v. 1. p. 866-875.

BEST, Steven. The rise of critical animal studies: putting theory into action and animal liberation into higher education. **Journal for Critical Animal Studies**, v. 7, n.1, 2009, p. 9-52.

BICUDO, Maria A. V. Sobre a fenomenologia. *In: BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória H. C. (Orgs.) A pesquisa qualitativa em psicologia: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um mundo possível - hospitalidade:** direito e dever de todos. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teorias e aos métodos. Porto-Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAMANTE, António Carlos. Lazer: concepções e significados. **Licere**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1., 1998, p. 9-17.

BRANDÃO, Carlos R. **Aprender o amor:** Sobre um afeto que se aprende a viver. São Paulo-SP: Papirus, 2005.

BRANDÃO, Carlos R. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002

BRASIL, Anderson F. A. **Batucando aqui vou trabalhando ali:** os usos da aprendizagem musical em um projeto social em Salvador-Bahia. 2014. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BRASIL. Portaria nº 72, de 9 de Abril de 2010. Dá nova redação a Portaria que dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, no âmbito da CAPES. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 12 de Abril de 2010. Seção 1, p. 26-27.

BRITO, Teca A. Hans-Joachim **Koellreutter:** ideias de mundo, de música, de educação. São Paulo: Editora Petrópolis; Edusp, 2015.

BRITO, Teca A. **Koellreutter educador**: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Editora Petrópolis, 2011.

BRITO, Teca A. **Música na educação infantil**: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003.

BUYTENDIJK, Frederik J. J. O jogo humano. *In*: GADAMER, Hans-Georg; VOGLER, Paul (Orgs.). **Nova antropologia**: o homem em sua existência biológica, social e cultural. São Paulo: EDUSP, 1977. p. 63-85.

CANCLINI, Néstor G. Não sabemos como chamar os outros. *In*: CANCLINI, Néstor G. **A globalização imaginada**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 99-116.

CANCLINI, Néstor Garcia. A socialização da Arte-Teoria e Prática na América Latina. São Paulo, Cultrix, 1980.

CARMO, Clayton S. **Epistemologia da bicicleta**: processos educativos emergentes na prática do pedalar. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

CASTRO, Armando A.; RIBEIRO, Maria T. F. Música e desenvolvimento em Salvador (Bahia), à luz da geografia crítica e ecologia dos saberes. **Per Musi**, n. 31, p. 235–257, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-75992015000100235&lng=pt&tIng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992015000100235&lng=pt&tIng=pt). Acesso em: 10 jul. 2019.

CHIARINI, Caio A. **Educadores musicais, oficinas de música e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação**: experiência pedagógico-musical na Fundação Casa (SP). 2017. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2017.

CORUSSE, Mateus V. **A educação musical e a promoção da pessoa**: um estudo de caso em uma obra social. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

COSTA, Sidney A. Diário de campo como dialética intersubjetiva. *In*: WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Sociologia rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letra à Margem, 2002. p. 151-157.

CRITELLI, Dulce M. Para recuperar a educação: uma aproximação à ontologia heideggeriana. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Todos nós... ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981. p. 59-72.

DAROZ, Irandi F. **A prática coral juvenil transitando em ambientes formais e não formais**: Perspectivas aplicadas à Educação Musical. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2014

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. Campinas: Papyrus, 2003.

DINIZ, Juliane A. R. **O percurso formativo musical de três professoras**: o papel da música na formação inicial e na atuação profissional. Dissertação (Mestrado em

- Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- DUSSEL, Enrique. **El dualismo en la antropología de la cristiandad**. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1974.
- DUSSEL, Enrique. En búsqueda del sentido (Origen y desarrollo de una Filosofía de la Liberación). **Revista anthròpos: Huellas del conocimiento**. n. 180, 1998. p. 13-36.
- DUSSEL, Enrique. **20 Teses de política**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- DUTRA, Pedro. A. O. **Por uma educação musical humanizadora: o ensino coletivo de música a várias mãos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- DUTRA, Pedro. A. O. **Cantos, danças, rodas e resistência na comunidade Trovadores do Vale**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2019.
- FÁBIS, Lúcio C. Rodas de Conversa no Projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”: sistematização de experiências e processos educativo. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.
- FINI, Maria I. Sobre a pesquisa qualitativa em Educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória H. C. (Orgs.) **A pesquisa qualitativa em psicologia: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.
- FIORI, Ernani M. **Metafísica e história: textos escolhidos**. vol. 1, Porto Alegre: L&PM. 1987.
- FIORI, Ernani M. Aprender a dizer a sua palavra. In FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 11-31.
- FIORUSSI, Eduardo. **Roda de choro: processos educativos na convivência entre músicos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.
- FONTES JUNIOR, José S. **Ilha de música: uma perspectiva sobre educação musical em ONGS**. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- FRANKLIN, Karen. Educação e ética: o reconhecimento da alteridade na educação. In: STOLTZ, Tania; GUÉRIOS, Ettiène. **Educação e alteridade**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 49-60.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001a.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001b.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- GABORIM-MOREIRA, Ana L. I. **Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão universitária**: a experiência do PCIU. 2015. Tese (Doutorado em Música) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- GALON, Mariana S.; AMENT, Mariana B.; DUTRA, Pedro; SEVERINO, Natália B.; JOLY, Ilza Z. L. Por uma Educação Musical Humanizadora. *In*: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 23, Natal-RN, **Anais...** 2013.
- GALON, Mariana S. **Criação musical coletiva com crianças**: possíveis contribuições para processos de educação humanizadora. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- GARNICA, Antonio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Revista Interface**: comunicação, saúde, educação. v.1, n.1, 1997.
- GODOY, Luciana C. Bem-viver-interespécies: reflexões iniciais. **Motricidades**: Rev. SPQMH, v. 3, n. 1, 2019. p. 57-68.
- GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. *In*: GONÇALVES JUNIOR, Luiz (Org.). **Interfaces do lazer**: educação, trabalho e urbanização. São Paulo: Casa do novo autor, 2008.
- GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Plano de trabalho da parceria entre os projetos vivências em atividades diversificadas de lazer (DEFMH/UFSCar) e mais que futebol (ADESM)**. São Carlos: Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Universidade Federal de São Carlos, 2017.
- GUTIERREZ, Gustavo L. **Lazer e prazer**: questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas: Autores Associados, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e o tempo**: parte II. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **Todos nós... ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981.
- HIGGINS, Lee. Representação de prática: música na comunidade e pesquisa baseada nas artes. **Revista da Associação Brasileira de Educação Musical**, Porto Alegre-RS, v. 23, p. 7-14, mar. 2010.

HIGGINS, Lee. **Community music**: in theory and in practice. New York: Oxford University Press, 2012.

HOOKS, Bell. **All about love**: new visions. New York: Perennial, 2001.

HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody**: passionate politics. Cambridge-MA: South End Press, 2000.

HUSSERL, Edmund. Investigações lógicas: sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). *In*: **Coleção Os Pensadores**, 1ª edição, vol. XLI. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1975.

ISME - International Society for Music Education. **Community Music Activity Comission**. Disponível em: <https://www.isme.org/our-work/commissions-forum/community-music-activity-commission-cma>. Acesso em: Set. 2019.

JOLY, Ilza Z. L.; SEVERINO, Natália B. (Orgs.) **Processos educativos e práticas sociais em música**: um olhar para a educação humanizadora. Pesquisas em educação musical. Curitiba: CRV, 2016.

JOLY, Maria C. L. **Convivência em uma orquestra comunitária**: um olhar para os processos educativos. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

JUSTINO, Jussara A. P. **Educação musical humanizadora**: uma experiência com crianças no campo da educação não formal. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

KASHIMA, Rafael K. **A função e o desenvolvimento do jogo didático nos ensaios de coros infantis**. 2014. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

KATER, Carlos (Org.). **Cadernos de estudo**: educação musical, nº 1. São Paulo: Atravez, 1990.

KATER, Carlos (Org.). **Cadernos de estudo**: educação musical, nº 2-3. São Paulo: Atravez, 1991.

KATER, Carlos (Org.). **Cadernos de estudo**: educação musical, nº 4-5. São Paulo: Atravez, 1994.

KATER, Carlos (Org.). **Cadernos de estudo**: educação musical, nº 6. Belo Horizonte: Atravez/EMUFMG/FEA/FAPEMIG, 1997.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista Associação Brasileira de Educação Musical**. Porto Alegre-RS, n. 10, p. 43 -51. mar. 2004.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. Educação e cultura em um mundo aberto como contribuição para promover a paz. KATER, Carlos (Orgs.). **Cadernos de estudo**: educação musical. Belo Horizonte: Atravez; EM-UFMG; FEA; FAPEMIG. vol. 6, 1997. p. 60-68.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. Educação musical no terceiro mundo. *In*: KATER, Carlos (Orgs.). **Cadernos de estudo**: educação musical. São Paulo: Atravez; EMUFGM. vol. 1, 1990.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. O ensino da música num mundo modificado. *In*: KOELLREUTTER, Hans-Joachim; SIMÃO, Regina S.; BRITO, Teca A.; KATER, Carlos; PARASKEVAÍDIS, Graciela. **Pensamiento Pedagógico Musical Latinoamericano**. vol. 3. Guadalajara, Jalisco, México: Euterpe/FLADEM, 2017. p. 83-100.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. **Em pauta**. v. 11, n. 16/17, Abr./Nov. 2000. p. 49-73.

KRUSE, Nathan B. ‘Without U, it’s just kulele’: Expressions of leisure and ‘ohana in an ukulele club. **International Journal of Community Music**, 6(2), 2013, p. 153-167.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação** – Jan/Fev/Mar/Abr, n. 19, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.

LÉVINAS Parte 2. **Entrevista de Emmanuel Lévinas a La Sept Arte (Sodaperaga, França)**, 43m52s, publicado em 15 de Maio de 2015. Disponível em: <https://youtu.be/IhapQ8kZu2o>. Acesso em: 10 de Julho de 2019.

LIMA, Andréa. O. **Jovens violonistas e a pragmática do gosto**: a construção do gosto pela música. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2016.

LOOS, Helga; SANT'ANA, René S.; RODRÍGUEZ, Susana I. N. Sobre o sentido do eu, do outro e da vida: considerações em uma ontologia acerca da alteridade e da resiliência. *In*: STOLTZ, Tania; GUÉRIOS, Ettiène. **Educação e alteridade**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 149-164.

MACHADO, Ozeneide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. *In*: BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. (Orgs.) **A pesquisa qualitativa em psicologia**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.

MANTIE, Roger. Music and/as leisure: Old wine in new bottles? **International Journal of Community Music**, 6(2), 2013, p. 135-139. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1386/ijcm.6.2.135\\_2](http://dx.doi.org/10.1386/ijcm.6.2.135_2) Acesso em: Set. 2019.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e educação**. 15ª ed. Campinas: Papirus, 2010.

MARINHO, Alcyane; PIMENTEL, Giuliano G. A. Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. *In*: PIMENTEL, Giuliano G. A. (Org.). **Teorias do lazer**. Maringá: Eduem, 2010.

MARTINS, Denise A. F. **Desvelando para ressignificar**: Processos educativos decorrentes de uma práxis musical dialógica intercultural. 2015. Tese (Doutorado em

Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

MARTINS, Denise A. F.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Musical dialogical education: an experience inspired by the pedagogy of Paulo Freire. **Journal of Modern Education Review**, v. 7, 2017. p. 242-248.

MARTINS, Denise A. de F.; JOLY, Ilza Z. L.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Humanizing Musical Education: Dialogical Pedagogy Contributions. **US-China Education Review**, v. 8, 2018. p. 305-311.

MARTINS, Raquel M. **O rap dos Racionais Mc's em sala de aula como via de emancipação de jovens na periferia de São Paulo**: análises de oficinas musicais com ênfase no rap. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MATTIUCI, Barbara. **Aprendizagem musical em família no contexto da aula particular de violão**: um estudo de caso. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MCLAREN, Peter; JANDRIĆ, Petar. Karl Marx and liberation theology: dialectical materialism and christian spirituality in, against, and beyond contemporary capitalism. **TripleC**, v. 16, n. 2, p. 598-607, 2018.

MEDEIROS, Pedro H. S. **Festa, fé e devoção**: A formação musical na Igreja de Nossa Senhora da Conceição. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) - Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

MELO, Victor A. Arte. In: GOMES, Christiane L (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2004. p. 15-19.

MELO, Victor A. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: Ibrasa, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1964.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MINAYO, Maria C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOISÉS, Alexandre A. M. **O cérebro sócio-musical**: estudo de uma experiência de educação musical. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

NOVO, José A. D. D. **Educação musical no espaço religioso**: um estudo sobre a formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa – Paraíba. 2015.



Dissertação (Mestrado em Música) - Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

OLIVEIRA, Maria W.; RIBEIRO JUNIOR, Djalma; SILVA, Douglas V. C.; SOUSA, Fabiana R.; VASCONCELOS, Valéria O. Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. *In*: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EDUFSCar, 2014a. p. 113-141.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. *In*: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EDUFSCar, 2014b. p. 29-46.

PAIS, José M. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2001.

PATE, Joseph A.; JOHNSON, Corey W. Sympathetic chords: through the lived leisure experiences of music listening. **International Journal of Community Music**, 6(2), 2013, p. 189-203.

PINO, Mariel P. **Minha vida é o Rock and Roll**: processos educativos na prática social do Rock entre músicos da cidade de São Carlos. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

PLUMWOOD, Val. **Environmental Culture**: The Ecological Crisis of Reason. New York: Routledge, 2002.

PFEIFER, Leandro. **Ecos da Paulistânia na educação**: processos de inclusão da diversidade musical em contextos de formação. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

QUADROS, André de. Community music portraits of struggle, identity, and togetherness. *In*: BARTLEET, Brydie-Leigh; HIGGINS, Lee (Orgs.). **The Oxford Handbook of Community Music**. New York: Oxford University Press, 2018a.

QUADROS, André de. Nurturing vulnerability in imprisoned manhood: a spirit journey. *In*: HENDRICKS, Karin S.; TILLMAN, June. **Queering freedom**: music, identity, and spirituality (anthology with perspectives from over ten countries). New York: Peter Lang, 2018b.

QUEIROZ, Luis R. S. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. **Revista da Associação Brasileira de Educação Musical**, Porto Alegre, v. 12, n. 10, 99-107, mar. 2004.

QUEIROZ, Luis R. S. Formação intercultural em música: perspectivas para uma pedagogia do conflito e a erradicação de epistemicídios musicais. **InterMeio**. v. 23, n. 45, p. 99-124, jan./jun. 2017a.

QUEIROZ, Luis R. S. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. **Revista**

da **Associação Brasileira de Educação Musical**, Porto Alegre, v. 25, n. 39, 132-159, jul./dez. 2017b.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Orgs). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.

REZENDE, Murilo S. **A banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo: um espaço de relações e de ensino/aprendizagem musical (1985-2014)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

REZENDE, Murilo S. **A folia do Palmital: experiências que tecem musicalidades**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2018.

RODRIGUES, Cae; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. **Motriz** (Rio Claro), v.15, n.4, p.987-995, 2009.

SANCHEZ, Melina F. **Dança e música: por uma educação humanizadora em prática musical coletiva**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. Introdução. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-27.

SANTOS, Matheus O. **Ludicidade, animação cultural e educação: um olhar para o projeto “Vivências em atividades diversificadas de lazer”**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SANTOS, Regina M. S. Aprendizagem musical não-formal em grupos culturais diversos. *In*: KATER, Carlos (Orgs.). **Cadernos de estudo: educação musical**. São Paulo: Atravez. vol. 2-3, 1991.

SANTOS, Regina M. S. Um paradigma estético para o currículo. *In*: SANTOS, Regina M. S. (Org.). **Música, cultura e educação: os múltiplos espaços de educação musical**. Porto Alegre-RS: Sulina, 2011. p. 233-274.

SCHROEDER, Silvia C. N. O músico: desconstruindo mitos. **Revista da Associação Brasileira de Educação Musical**, Porto Alegre-RS, v. 10, p. 109-118, mar. 2004.

SCHROEDER, Silvia C. N. **Reflexões sobre o conceito de musicalidade: em busca de novas perspectivas teóricas para a educação musical**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SEVERINO, Natália B. **Formação de educadores musicais: em busca de uma formação humanizadora**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SEVERINO, Natália B.; JOLY, Ilza Z. L. Definindo conceitos: o que é isso que chamamos de educação musical humanizadora? *In: JOLY, Ilza Z. L.; SEVERINO, Natália B. (Orgs.) Processos educativos e práticas sociais em música: um olhar para a educação humanizadora. Pesquisas em educação musical. Curitiba: CRV, p. 19-28, 2016.*

SILVA, Ana B. M.; OLIVEIRA, Gilmar A.; VAROTTO, Nathan R. A ludicidade na capoeira: processos educativos decorrentes. *In: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: ecomotricidade e bem viver, 7, 2017, Aracaju: UFS. Anais... São Carlos: SPQMH, 2017. p. 439-447.*

SILVA, Érika A. **O despertar do músico para a educação musical: limitações e expectativas de sua atuação na sociedade.** Dissertação (Mestrado em Educação). - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

SILVA, Ana M. G. **O sujeito cantante: reflexões sobre o canto coral.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVA, Petronilha B. G. Práticas sociais e processos educativos: da vida e do estudo até o grupo de pesquisa. *In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação. São Carlos: EDUFSCar, 2014. p. 19-27.*

SMALL, Christopher. El Musicar: un ritual en el espacio social. *In: Congreso de Sociedad de Etnomusicología, 3, 1997, Benicàssim: La mà de guido C. Actas... Barcelona: SibE 2006, 1998a. p. 13-34.*

SMALL, Christopher. **Musicking: the meanings of performing and listening.** Inglaterra: Wesleyan University Press, 1998b.

SOARES, Adalto. Orquestra de Metais Lyra Tatuí: a trajetória de uma prática musical de excelência e a incorporação de valores culturais e sociais. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SOARES, Silvia H. Z. O pulo do gato: proposta de estudo para iniciação coletiva de percussão. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino das Práticas Musicais) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, Jussamara. Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical. **Educar em Revista**, n. 53, p. 91–111, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602014000300007&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000300007&lng=en&tlng=en). Acesso em: Set. 2019.

TARGAS, Keila M. **Canções, diálogos e educação: uma experiência em busca de uma prática escolar humanizadora.** Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

TURINO, Tomas. **Music as social life: The politics of participation.** Chicago: University of Chicago Press, 2008.

TURINO, Tomas. Music, Social Change, and Alternative Forms of Citizenship. *In: ELLIOTT, David; SILVERMAN, Marissa; BOWMAN, Wayne (Orgs.). Artistic*

**Citizenship: Artistry, Social Responsibility, and Ethical Praxis.** Oxford University Press, 2016.

VALLA, Victor V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação & Realidade**, n. 21(2), p. 177-190, jul./dez. 1996.

ZANETTA, Camila C. **Espaços para criar e conviver: processos criativos em jogos cênico-musicais na educação musical com crianças.** 2014. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

## REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

### Músicas (CD)

ALTAMIRO CARRILHO. **Carinhoso**. A vida na flauta. Copacabana Records, 2011. Faixa 2 (3min 20s).

B.B. KING & ERIC CLAPTON. **Three O'Clock Blues**. Riding with the king. Duke/Reprise, 2000. Faixa 5 (8min 37s).

BETH CARVALHO. **Saco de Feijao**. A madrinha do samba: Ao vivo convida. Indie Records, 2004. Faixa 3 (2min 47s).

CLUBE DO BALANÇO. **Morando no sapato**. Pela contramão. YB Music, 2009. Faixa 1 (4min)

FARUFYNO. **Deixa meu cabelo em paz**. Farufyno Vol. 1. Abril Music, 2001. Faixa 1 (2min 53s).

JACOB DO BANDOLIM E CONJUNTO ÉPOCA DE OURO. **Vibrações**. Vibrações. RCA, 1967. Faixa 1 (4min 23s).

PROJECT TRIO. **Dr. Nick**. Project Trio. Nova Iorque: Harmonyville Records, 2010. Faixa 1 (3min 36s).

### Músicas e/ou Vídeos (Internet)

BRO MC'S - EJU ORENDIVE CLIPE OFICIAL LEGENDADO. Portal da Educativa. **Youtube**. 30 mar. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6qf7Y-8HgHs>. Acesso em: 17 jul. 2018.

CRIOLO "FERMENTO PRA MASSA". Criolo. **Youtube**. 5 nov. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yD631f4zh9g>. Acesso em: 10 jul. 2018.

DIDÁ (SAMBA REGGAE). Batucar Batuqueiros. **Youtube**. 20 fev. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-2No01KfY4k>. Acesso em: 10 jul. 2018.

FESTA NO GUETO, POR RINCON SAPIÊNCIA. TV Cultura Digital. **Youtube**. 1 nov. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJNOCXME0AU>. Acesso em: 17 jul. 2018.

HINO NACIONAL BRASILEIRO. Riri Lisboa. **Youtube**. 15 abr. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IELFKmeow7E>. Acesso em: 17 jul. 2018.

ILÊ AYE - QUE BLOCO É ESSE?. Zumbi1990. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PJbmHF5DYYI>. Acesso em: 17 jul. 2018.

PANGEIA (CLÍPE OFICIAL) - FABIO BRAZZA PART. ATENTADO NAPALM (PROD. LÉO CASA1). Fabio Brazza. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dkPDz63RvNU>. Acesso em: 17 jul. 2018.

SAMBA-REGGAE origem documentário: a arma é musical. Maira Cristina. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CNYiM5eOx4E>. Acesso em: 25 set. 2019.

STOMP – NEWSPAPERS. Beatgene. **Youtube**. 17 jan. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7NhFmARAgU0>. Acesso em: 10 jul. 2018.

VOCÊ CHEGOU – AYÚ. Barbatuques. **Youtube**. 23 fev. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5B5VDcVrHCU>. Acesso em: 10 jul. 2018.

## APÊNDICES

### Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Responsáveis)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676  
 Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356  
 CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil  
 e-mail: [secpge@ufscar.br](mailto:secpge@ufscar.br)



#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pessoa pela qual você é responsável \_\_\_\_\_ está sendo convidada para participar da pesquisa de doutorado cujo o título provisório é: "*Vamos tocar? significados de uma prática musical coletiva dialógica*". A qualquer momento antes da conclusão desta pesquisa você poderá retirar este consentimento e sua recusa não trará prejuízo a você ou pessoa pela qual é responsável, seja em relação ao pesquisador ou a instituição de que este participa. O objetivo principal desta pesquisa é compreender os significados atribuídos à "fazer música em grupo" pelas pessoas que participam do projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL) por meio de uma prática musical coletiva dialógica. A participação da pessoa pela qual é responsável se deu pois ela participa das atividades do projeto VADL, em especial nas aulas de musicalização. A participação neste estudo consistirá em autorizar o pesquisador a realizar entrevistas gravadas, registro de observações em diários de campo e registros audiovisuais (fotografia/filmagem) referentes à participação direta ou indireta nas aulas de musicalização do projeto VADL, para uso exclusivamente acadêmico. Há o risco de que as pessoas colaboradoras desta pesquisa sintam-se incomodadas em expor suas opiniões, ficando desconfortáveis ou constrangidas. Além disso, a prática musical instrumental pode trazer dores no corpo principalmente nos primeiros contatos com o instrumento. Para minimizar os riscos, o pesquisador se compromete em respeitá-las caso não queiram realizar diálogos e/ou registros em dado momento e/ou tocar o instrumento. Poderá haver benefícios com a sua participação no sentido de reflexão e aperfeiçoamento das ações do VADL no que diz respeito a Educação Musical, bem como estímulo a outros projetos relacionados a Educação Musical comprometidos com o diálogo e a comunidade na qual se inserem. Salientamos que o nome da pessoa pela qual você é responsável será alterado garantindo sigilo. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o correio eletrônico do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

\_\_\_\_\_  
 Murilo Ferreira Velho de Arruda

Estudante do curso de Pós-Graduação em Educação da UFSCar  
 RG: 30.188.888-7 email: [arruda.murilo@gmail.com](mailto:arruda.murilo@gmail.com)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, concordo em participar dela.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@power.ufscar.br](mailto:cephumanos@power.ufscar.br)

São Carlos, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ .

\_\_\_\_\_  
 Nome e assinatura do/a responsável pelo participante da pesquisa

RG:

CPF:

Tel.:

**Apêndice B** - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (crianças e adolescentes)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676  
 Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356  
 CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil  
 e-mail: [secppge@power.ufscar.br](mailto:secppge@power.ufscar.br)



**Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**

Olá, você está sendo convidado/a para participar de um trabalho de pesquisa chamado "**Vamos tocar? significados de uma prática musical coletiva dialógica**". Eu estudei na Universidade Federal de São Carlos e escolhi o projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer para buscar entender algumas questões sobre fazer música em grupo. Para isso vamos registrar as os nossos encontros.

Assim, depois de cada encontro de musicalização do projeto eu vou escrever um diário sobre o que eu vi ou ouvi, ou sobre o que conversamos, situações que achei interessante e que podem me ajudar a entender melhor sobre **o que, porque e como** aprendemos e ensinamos música e como estas coisas podem nos ajudar ou atrapalhar nas atividades de musicalização. Além de participar do projeto, gostaria de gravar com áudio/vídeo os nossos encontros, para não esquecer de tudo que gente fez e falou.

Eu estou fazendo esta pesquisa porque eu acredito que tenho muito a aprender com o jeito que vocês fazem, aprendem e ensinam música e espero que com isso, outras pessoas possam ler o trabalho e aprender sobre isso também. É importante dizer que o seu nome real não vai estar no trabalho. Vocês irão escolher um nome fictício (de "mentirinha") e me dizer.

Durante as atividades, pode ser que você se sinta constrangido/a com o registro das conversas em áudio ou o registro das atividades em fotos, mas todos os cuidados serão tomados para evitar que isso aconteça, tais como pedir a autorização para os/as participantes e retirada de imagens e/ou declarações caso seja da vontade dos/as colaboradores/as da pesquisa.

Se você não quiser participar da pesquisa, não tem problema nenhum! É só me avisar. Meus dados vão estar no final desta página e qualquer dúvida que você tiver, pode me escrever ou falar.

---

Assinatura do pesquisador

Murilo Ferreira Velho de Arruda

Aluno do curso de Pós-Graduação em Educação da UFSCar

RG: 30.188.888-7 email: [arruda.murilo@gmail.com](mailto:arruda.murilo@gmail.com)



**Apêndice B (cont.)** - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (crianças e adolescentes)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676  
Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356  
CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil  
e-mail: [secppge@power.ufscar.br](mailto:secppge@power.ufscar.br)



Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, concordo em participar dela.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@power.ufscar.br](mailto:cephumanos@power.ufscar.br)

São Carlos - SP, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ .

\_\_\_\_\_  
Nome colaborador/a da pesquisa:

(RG: \_\_\_\_\_ / CPF: \_\_\_\_\_ / Tel.: \_\_\_\_\_ )

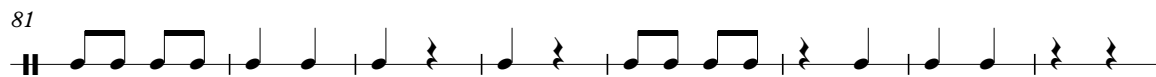
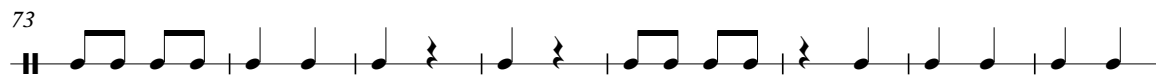
Nome do Responsável Legal: \_\_\_\_\_.

(RG: \_\_\_\_\_ / CPF: \_\_\_\_\_ / Tel.: \_\_\_\_\_ )

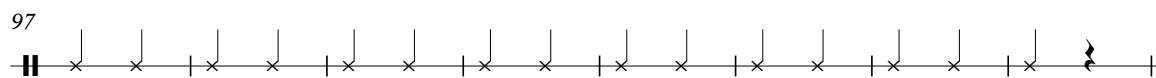
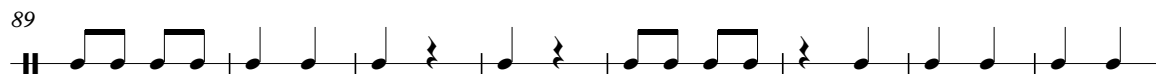


**Apêndice 4 (Cont.) - "Acreditar" de Dona Ivone Lara (Arranjo para Gravação e Percussão)**

2



ACREDITAR, EU NÃO / RECOMEÇAR, JAMAIS /  
A VIDA FOI EM FRENTE / E VOCÊ SIMPLEMENTE NÃO VIU QUE FICOU PRA TRÁS



ACREDITAI  
EU NÃO!

## Apêndice D - Conteúdos e eventos na musicalização por data

- 1 - 13/03 T<sup>1</sup>** - Última terça-feira no formato antigo do projeto: experimentação da proposta;
- **15/03 Q** - Última quinta-feira no formato antigo do projeto: sem música nas quintas;
- 2 - 20/03 T** - Brincadeira "apreciação em movimento"<sup>2</sup> e instrumentos de percussão (samba-reggae);
- 3 - 22/03 Q** - Visita da Bateria UFSCar (13 pessoas) à convite do educador Flecha;
- 4 - 27/03 T** - Brincadeira "apreciação em movimento", técnica de baqueta e instrumentos de percussão (samba reggae e primeira convenção);
- 5 - 29/03 Q** - Visita dos quatro parentes indígenas estudantes da UFSCar a convite do educador Brasileiro. Dia da piscina;
- 6 - 03/04 T** - Brincadeira "apreciação em movimento", técnica de baqueta (Método Pulo do Gato da professora Sílvia Zambonini Soares), instrumentos de percussão (samba reggae, passo "abriu, fechou" e convenção);
- 7 - 05/04 Q** - Brincadeira "apreciação em movimento", passo "abriu, fechou", técnica de baqueta (Pulo do Gato exercícios 1 e 2), Leitura musical (semínima), instrumentos de percussão (samba reggae e as três convenções). Sugestão e combinado com outros participantes de se apresentar na próxima quinta;
- 8 - 10/04 T** - [Pouco tempo] instrumentos de percussão (samba-reggae e convenções). Apresentação no próximo encontro;
- 9 - 12/04 Q** - Ensaio para a apresentação e nova convenção "1 2 3 E 4 E". Apresentação na roda de conversa final;
- 10 - 17/04 T** - Leitura musical (semínima, pausa de semínima e colcheia dupla);
- 11 - 19/04 Q** - [4 novos participantes e 1 visitante + mudanças de espaço gramado e lanchonete] Leitura de partitura (semínima) instrumento de percussão (samba-reggae);

---

<sup>1</sup> "1 - 13/03 T" se refere a: 1 (número do diário de campo) - 13/03 (data do encontro) - Terça (dia da semana). Os dias da piscina não foram analisados com exceção do diário de campo 5, na qual tivemos a visita dos parentes indígenas.

<sup>2</sup> Nome dado após coleta de dados.

**12 - 24/04 T** - [Pouco tempo] Leitura rítmica ("ta titi"), apreciação da música Acreditar da Dona Ivone Lara como proposta para ser tocada a partir da partitura [aceito] e instrumentos de percussão (samba-reggae);

- **26/04 Q** - Dia de piscina;

- **01/05 T** - Feriado - Dia do trabalhador;

**13 - 03/05 Q** - Divisão em dois grupos (Educador Flecha com iniciantes e Murilo com mais avançadas), roda de conversa, leitura rítmica (partitura) e instrumentos de percussão (samba-reggae). "Uma pessoa ensina a outra". Megablue e educador Flecha puxando os ritmos.

**14 - 08/05 T** - Leitura rítmica (partitura), Divisão em dois grupos (iniciantes e avançados), todos/as tocando instrumentos de percussão (samba-reggae). "Uma pessoa ensina a outra". Educador Flecha puxando os ritmos e Murilo conduzindo.

**15 - 10/05 Q** - [Murilo em reunião com equipe da Casa de Acolhimento depois mediando conflito com um participante] Flecha conduziu. Samara disse que queria voltar para música, dizendo na roda final não ter gostado quando Murilo estava tocando na caixa que ela estava.

**16 - 15/05 T** - [Visita educadora Abayomy e a ex-participante Super Mario] apreciação audiovisual (Percussão corporal - Stomp), Acreditar da Dona Ivone Lara (leitura partitura) e instrumentos de percussão (samba-reggae).

**17 - 17/05 Q** - "Apreciação em movimento" (Tempo e contratempo na música Could you be loved - Gilberto Gil). Instrumentos de percussão (samba-reggae, convenção de tempo e contratempo).

**18 - 22/05 T** - [visita da ex-participante Super Mario e três colegas] Instrumentos de percussão (samba-reggae), tempo e contratempo (Could you be loved - Gilberto Gil).

**19 - 24/05 Q** - Conversa sobre encontro + roda de conversa + apresentação com familiares (dia 10/06), conversa sobre participação (Samara, Paloma e Izabela ) e instrumentos de percussão (samba-reggae, tocando e andando)

- **29/05 T** - Dia de piscina

- **31/05 Q** - Feriado Corpus Christi

**20 - 05/06 T** - [Pouco tempo] conversa sobre encontro no dia 10/06, instrumentos de percussão (samba - marcação surdos e caixas "tatatikátá" ou "patatipatá")

**21 - 07/06 Q** - Ensaio para apresentação, instrumentos de percussão (samba-reggae, samba), conflito entre participantes e apresentação na roda de conversa final.

**22 - 10/06 D** - Encontro + roda de conversa + apresentação com familiares

## Apêndice E - Diários de Campo I a XXIII

### Diário de Campo I

**Data:** 13/03/2018 (terça-feira)

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes [4]:** Murilo, Cuco, Brasileiro, Rogério

**Participantes [13]:** Juliana, Iris, Pietro, Milena, Pastel, Trevor, Pikachu, Minivamp, Adriano, Baixinha, Violeta, Georgy, Miguel.

**Relator:** Murilo e Cuco

#### INFORMES

- O educador Brasileiro indicou que virá ao projeto como voluntário às terças a tarde;

#### CHEGADA

O dia estava bem claro e ensolarado, com pouquíssimas nuvens, fazendo bastante calor. Os educadores Rogério e Brasileiro já estavam no clube, quando a van chegou acompanhada pelo educador Murilo. O educador Cuco chegou pouco depois. Os/as participantes sentaram-se nas cadeiras ao lado da Sala de Materiais. Os educadores Murilo e Cuco sugeriram que fizessem a roda sob as árvores em frente à lanchonete onde estaria mais fresco, e se encaminharam para lá, dispondo coletivamente as cadeiras da lanchonete em roda (1).

#### RODA INICIAL

O educador Murilo iniciou a roda perguntando às/aos participantes acerca das novidades, Minivamp contou de seu cisto, indicando-o abaixo de seu queixo, que o médico tirou, mas comentou que outro cisto logo volta a aparecer e tem de tirar de novo. Georgy estranhou, e disse que só tinha ouvido falar de cisto do ovário. Baixinha conta que às vezes forma-se uma bolha em seu braço, que fica grande, e que também tem que ir ao médico para esvaziá-la, saindo água. Minivamp já emenda contando que seu professor da escola o ensinou a fazer uma *clepsidra*, que serve para contar o tempo com água,

explicando sua forma. O educador Cuco perguntou se seria uma espécie de ampulheta de água, e Minivamp disse que sim, complementando que queria ser cientista para fazer essas coisas (2).

Murilo comentou como novidade que havia alguém diferente na roda, apontando com a cabeça e o olhar para o educador Brasileiro, do lado oposto da roda, sugerindo que fizessem uma rodada rápida de apresentação, falando nome, idade e contando algo de si. Começando por ele mesmo, o educador contou que quando era pequeno fez uma pipa sem rabiola e ficava correndo e correndo com ela, mas nada de ela alçar voo (participantes riram); em seguida, Baixinha disse que a mãe dela conta que ela, Baixinha, havia nascido com uma marca nas costas no formato de uma moeda de um real (participantes riram); Pietro contou que já comeu areia (participantes riram); Miguel contou que já comeu tijolo (participantes riram); Adriano disse que gosta de comer, lembrando do bolo que Baixinha contou que faz (participantes riram); Trevor contou que quando ele e seu irmão nasceram o pai desmaiou e Pastel “mijou no médico” (participantes riram e Pastel disse que era mentira); Milena não quis falar, Trevor a pressionou para que falasse logo.

Algum/a colega perguntou à Baixinha em que ano ela estava, ela disse que no 2º, Pastel ouviu e estranhou, dizendo que estava no 3º, os educadores Murilo e Cuco questionaram se ambos estavam na mesma etapa e vários/as participantes esclareceram a Pastel que ele estava no 3º ano do Fundamental e Baixinha no 2º do Ensino Médio, que depois do Ensino Médio vinha a Faculdade, o educador Murilo perguntou, então, que profissão Baixinha queria seguir, ela disse que não sabia ainda, e os educadores estenderam a pergunta às/aos outras/os participantes. Juliana disse que quer fazer medicina, Georgy direito, Violeta veterinária, Iris atriz, Pietro policial e piloto, Pikachu disse que quer fazer universidade de futebol, que ouviu dizer que tinha e Adriano mencionou Engenharia.

**C.O. Murilo:** Semana passada, na quinta, havia comentado com Pietro e Miguel explicando que a roda é o momento de compartilharmos coisas para que possamos nos conhecer-melhor. Disse isso, pois já conversamos entre os/as educadores sobre a percepção que temos de histórias inventadas que Miguel e Pietro contam na roda para serem engraçados ou para fazer parte da conversa. Pareceu que fizeram novamente nesta



roda quando Pietro e Miguel comentaram coisas parecidas, relacionadas com a conversa da semana passada conduzida por Téo sobre pessoas que tem vontade de comer terra em virtude da necessidade de ferro, como no período de gravidez, por exemplo (3).

## PIQUE-BANDEIRA

Finalizando-se a roda inicial, o educador Murilo olhou para o educador Cuco, para que este puxasse a atividade de integração, Cuco perguntou, portanto, às/aos participantes se elas/es lembravam-se de qual ou quais brincadeiras haviam escolhido, lembraram-se do pique-bandeira. Cuco pediu, então, que quem quisesse ajudar os educadores Brasileiro e Murilo a pegar as cordas e coletes, necessários à primeira brincadeira, que os seguissem, enquanto os demais o seguissem a Cuco e Rogério rumo ao gramado ao lado das piscinas desativadas, escolhido por possuir mais sombra naquele horário.

Rogério levou-os em “siga-o-mestre” para o local da brincadeira, passando em volta das árvores no caminho, subindo em bancos etc. Chegando lá, Rogério propôs a divisão das equipes por tamanho, acatada e seguida pelas/os participantes. Alguns/mas destes sentiram cheiro de cocô e averiguaram a sola de seus calçados, ao procurarem acharam um cocô, aparentemente de cachorro, no meio do gramado, Rogério, então, pegou uma espécie de tampa de papelão e colocou-a sobre o cocô, pisando sobre ela para conferir sua eficiência, por estar no meio do campo, o problema pareceu resolvido (4).

Com a chegada daqueles que haviam buscado os coletes e as cordas se iniciou a delimitação dos campos da brincadeira, mais notadamente educadores Cuco e Murilo e participantes Minivamp e Pastel. Feito isso, o educador Cuco conferiu retomou algumas regras do jogo e deu início ao pique-bandeira.

Muitos/as participantes de cada equipe atravessavam o meio-de-campo e chegavam à base da bandeira, onde não podiam mais ser pegos, após o campo adversário, deixando quase apenas os educadores, pelo menos um deles de cada equipe, responsáveis pela defesa em seus campos. A primeira roda foi mais demorada, posto que estava difícil passar pelos educadores, mas ao final a equipe laranja marcou ponto, voltando com a bandeira para seu campo. Decorreram-se cerca de 5 rodadas, terminando 3 a 2 para a equipe laranja. Os participantes Georgy e Pietro e a participante Juliana conseguiram marcar

pontos, os demais foram marcados pelos educadores. Ao final, os educadores Cuco e Murilo auxiliados novamente por Minivamp, juntaram novamente as cordas e foram guarda-las na sala do VADL.

**C.O. Murilo:** Em certo momento da brincadeira pensei em sugerir aos educadores que saíssemos da “defesa” e deixássemos que os/as participantes jogassem o jogo sem nossas estratégias e participações.

**C.O. Cuco:** Coadunando à Murilo, sem os educadores talvez fosse mais interessante a aprendizagem de estratégias de equipe, caras à brincadeira, pelas/os próprias/os participantes (5).

## PIQUE-VAMPIRO

Ao final do pique-bandeira, dirigimo-nos à roda em frente à lanchonete para organizarmo-nos para a próxima brincadeira escolhida, o pique-vampiro, sugerido pelo participante Minivamp, que foi chamado pelos educadores para explicá-la novamente a todas/os. A atividade consistia em um/a pegador/a que ficasse num canto apresentando a palma da mão que, quando tocada por alguém, a/o liberaria para que pegasse as/os demais participantes, que, por sua vez, quando pegos, se tornariam zumbis na brincadeira, sem poder correr, mas podendo pegar aquelas/es que ainda não tivessem sido pegos. Com o interesse de muitas/os para serem pegadoras/es, optaram por serem três pegadoras/es por vez. Também optaram por realizar a brincadeira na quadra, diante da momentânea ausência de sol e por na grama “pinicar muito” e estar “fedendo”.

Chegando à quadra, alguns adolescentes do futebol estavam jogando, mas com a nossa chegada, e pedido do educador Rogério, foram saindo aos poucos, até que nos organizássemos para o início da brincadeira. Foram, então, duas rodadas agitadas, terminadas quando todas/os fossem pegos/as, trocando-se as/os pegadoras/es. Ao final pareceram bem cansados (6).

**C.O. Brasileiro:** Ao final do “pique-vampiro” vi que Milena e Iris brincavam de uma chamar a outra de velha, o que depois acabou gerando certo desentendimento. Na hora de

sentar na roda para escolher próxima atividade, percebi também que Milena chegou depois e evitou sentar ao lado de Iris, mesmo sendo o único lugar disponível, pegando outra cadeira.

**C.O. Murilo:** Percebi o desentendimento citado por Brasileiro quando Milena jogou o chinelo em Iris, perguntei “que isso gente?” com cara de indignação, Iris respondeu que Milena estava atentando-a, Cuco perguntou como e ela falou diversos xingamentos: “travesti”, “velha”, “você não é mulher”, pedi para que parasse e Cuco, então, pediu que levassem o desentendimento para a roda de conversa final (7d).

**C.O. Murilo:** Eu achei que a brincadeira “pique-vampiro”, explicada por Minivamp, ia ser chata, mas me surpreendi e me diverti bastante, inclusive comentários neste sentido foram feitos por participantes roda de conversa final (8).

Após o fim da atividade de integração, houve pausa para tomar água e depois pedimos que todos/as se reunissem na roda de cadeiras já disposta em frente à lanchonete para organizar as próximas atividades. O educador Murilo explicou sobre o novo formato do projeto que começará a partir de semana que vem. Às terças e quintas-feiras os/as participantes escolherão entre duas atividades: *fútbol callejero* ou natação para quem vem de manhã; e música ou bicicleta para quem vem a tarde. Portanto eles/as, por estarem no período da tarde, teriam que decidir ao final do nosso encontro se inscrever em musicalização ou bicicleta.

A ideia era se aprofundar no que iríamos fazer. Murilo disse: "por exemplo, eu sei nadar. Se eu entrar naquela piscina, eu não vou morrer afogado e vou conseguir nadar de uns dois jeitos diferentes. Mas se vier um nadador e a gente nadar junto ele vai ser melhor do que eu, não vai? Então, ele sabe muito mais que eu. Na música também, eu posso saber tocar, mas eu posso aprender a tocar melhor. Na bicicleta, quem sabe trocar um pneu sozinho? [O participante Minivamp levantou a mão]. E quem sabe dar os sinais na rua, enquanto anda de bicicleta? [Minivamp levantou a mão e demonstrou como era]. Muito bem, mas sempre tem coisas a mais para aprendermos. Mas enfim, hoje a situação é diferente. Será a última terça-feira que podem experimentar uma ou outra atividade para ao final do dia decidir em qual atividade irão se inscrever". Perguntaram se não poderiam variar, ir terça em um e quinta em outro. O educador Murilo explicou que a ideia era se aprofundar em uma das atividades, então a regularidade é muito importante (9).

## MUSICALIZAÇÃO

**Participantes da musicalização [3+1]:** Iris, Pastel, Miguel (chegou ao final) e educador Murilo

Murilo perguntou ao grupo quem tinha interesse de experimentar a bicicleta hoje. Todas as pessoas levantaram a mão, menos os educadores Murilo e Cuco. Murilo perguntou ao grupo quem tinha interesse de participar da música. Apenas Murilo e Cuco levantaram a mão. Algumas pessoas riram. Murilo disse que não tinha problema. Iris disse: "Ah, eu vou experimentar a música, por que a gente já faz a bicicleta toda semana, não é?" (10). Cuco disse para Murilo que como só havia uma pessoa, que ele iria dar uma força na bicicleta. Murilo e Iris entraram na Sala de Materiais para pegar os instrumentos musicais.

Murilo perguntou para Iris qual instrumento ela gostaria de tocar. "Não sei", ela disse. Murilo explicou que tinha a caixa e o surdo, pegando os instrumentos e percutindo com a mão. Iris escolheu o surdo, dizendo que gostava mais do som (11). Ela levou um surdo, Murilo levou duas caixas, outro surdo, baquetas e uma sacola com câmera digital, cabos e mini-pedestal.

**C.O. Murilo:** Levei instrumentos e baquetas a mais pensando que outras pessoas poderiam se interessar ao nos ouvir tocando. Isto costumava acontecer em outras atividades musicais, inclusive no mesmo dia pela manhã, fazendo com que precisássemos voltar na sala para pegar mais instrumentos.

No caminho, Pastel disse que queria ir para a música também. Murilo pediu para que ele ajudasse a levar a caixa, pois estava difícil de levar tudo junto. Iris pediu uma baqueta e foi tocando (12).

**C.O. Murilo:** Percebi que Iris tinha uma certa vivência com o instrumento. Ela foi durante o caminho repetindo um ritmo de forma constante, demonstrando certa noção rítmica.

Levaram os instrumentos até a roda de cadeiras que estava ao lado da lanchonete. Murilo deu uma ajeitada nas cadeiras, de forma que Iris, Pastel e Murilo pudessem se

olhar e os instrumentos ficassem apoiados no chão ou em outra cadeira. Enquanto isso, Pastel foi contando histórias do cotidiano dele, comentando que tocava bateria (13).

**C.O. Murilo:** Fiquei prestando atenção, mas preocupado se Iris não estava achando chato ficar ali, já que tínhamos tanta coisa para ver: pessoas na piscina e pessoas conhecidas andando de bicicleta, às vezes gritando, ou nos cumprimentando, por exemplo (14).

Murilo perguntou se poderia deixar a câmera gravando, pois gostaria de não esquecer nada do que aconteceria na aula de música. Pastel e Iris disseram que tudo bem. Murilo explicou que após cada encontro, os/as educadores/as se reúnem para fazer o diário de campo. Além disso, Murilo estava fazendo uma pesquisa de doutorado, na qual ele gostaria de entender "como" e "o que" as pessoas aprendiam e ensinavam durante a música no projeto.

**C.O. Murilo:** Apesar de lembrar que o objetivo da pesquisa era outro, achei vago falar de como elas dariam significado a algo que não ainda não existia, ou seja, um grupo musical. O objetivo da presente pesquisa de doutorado é: "compreender os significados que participantes do VADL atribuem a "fazer música em grupo"" (15).

Murilo colocou a câmera para gravar e foi até sua cadeira, ao lado de Iris. Pegou a baqueta e tocou nos dois surdos, ouvindo qual estava mais grave e qual estava mais agudo e demonstrou o ritmo o que Iris tocaria. Ela estava com uma baqueta, com dois surdos em sua frente, e tocou:



Quando ela "se perdia", Murilo tocava com ela ou pedia para parar e começavam novamente fazendo a contagem ("1, 2, 1, foi"). Após deixar o ritmo mais constante, Murilo sentou ao lado de Pastel que estava com duas baquetas e a caixa apoiada em uma cadeira e passou um ritmo para ele:



**C.O. Murilo:** Ele conseguiu reproduzir o ritmo com facilidade. Conforme contou que já tocou bateria, teve mais facilidade;

Murilo disse: "Agora que o ritmo está se encaixando, quando forem tocar, prestem atenção no que a outra pessoa está tocando também". Quando começaram a tocar, Iris logo ficou parada e disse: "Estou prestando atenção no que Pastel está tocando". Murilo: "Ahh não, eu quis dizer para prestar atenção enquanto toca. Continue tocando o que tem que tocar, mas fica mais atento a o que os outros estão fazendo para a gente sentir o ritmo". Depois de firmar o ritmo mais um pouco, tocamos os três instrumentos juntos (16).

Quando ficava muito descontraído, Murilo parava e pedia para recomeçar. Nesses momentos, Murilo avisou: "Para começarmos juntos, eu vou contar assim, ó: "e antes de começar a contar, Pastel bateu as baquetas uma na outra e contou: 1, 2, 3, 4". Murilo disse que estava certo, porém que contasse mais devagar, para não ficar muito rápido.

Iris começou a dar o andamento e fazer a contagem a cada vez que recomeçavam. Geralmente ela começava tocando sozinha, e então Murilo fazia uma segunda contagem [enquanto Iris já estava tocando os surdos] e Pastel e Murilo começavam tocando as caixas.

Murilo perguntou se estava fácil a parte de Iris e ela respondeu que sim. Murilo pediu para tocarem quatro vezes sem errar, "Não sei se eu consigo", disse Iris. Tocaram e Murilo parabenizou Iris e Pastel, fazendo um toque de mãos. Murilo pegou outra baqueta para Iris, mudou a posição dos instrumentos, para que ela tocasse de pé, com duas baquetas. Isso gerou uma dificuldade de manulação<sup>3</sup> e Murilo mostrou sua sugestão.

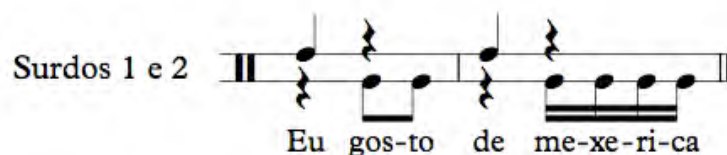


<sup>3</sup> Manulação é o termo usado por percussionistas que se refere a ordem das mãos para realizar os toques. Por exemplo: começar com a mão direita, fazer baquetas alternadas (D E D E), ou fazer tudo com a mão direita (D D D D), e assim por diante. O ritmo pode ser o mesmo, mas tocado com a ordem das mãos diferentes. Obs.: D - Direita e E - Esquerda.

Iris disse que estava mais difícil. Murilo disse para que insistisse um pouco (17). Murilo disse que o ritmo que estavam tocando se chamava samba- *reggae*, e que tinha um grupo chamado Olodum que tocava muito bem este ritmo. As pessoas desse grupo tocavam dançando, e um jeito bem gostoso, se divertindo. Iris levantou os dedos indicador e médio, sorrindo e dizendo: "Paz e amor" (C.O. Murilo: possivelmente pela relação que fez com o *reggae*). Murilo disse que essa era a ideia, e que não deveria tocar o ritmo desanimado, mesmo que estivesse tocando certo [mostrou enquanto dançava e depois mostrou a forma desanimada].

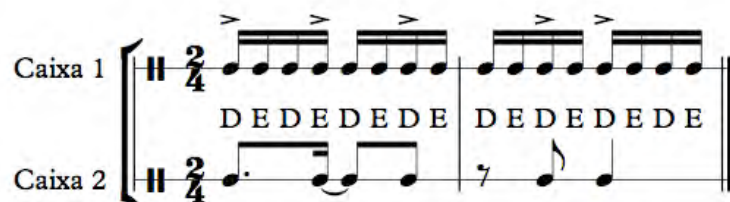
**C.O. Murilo:** Depois percebi Iris dançando enquanto tocava (18).

Algumas vezes, Iris acabava se confundindo quando começávamos a tocar a caixa pois o ritmo era diferente. Murilo pediu para Pastel parar de tocar um pouco enquanto ajudava Iris. Murilo disse que teve uma ideia e pediu que alguém falasse qualquer frase para ele. Houve silêncio. Murilo: "Já sei, ó, tipo essa: Eu gosto de mexerica", cantando o ritmo.



Pastel e Iris sorriram. Depois Murilo tocou repetindo a frase. Murilo e Iris tocaram algumas vezes repetindo isso e depois Iris seguiu sozinha. Vi que ela balbuciava a frase enquanto tocava (19).

Murilo disse para que Pastel se concentrasse bastante pois Murilo faria algo um pouco diferente do que ele estava tocando. Murilo tocou um ritmo mais complexo (Caixa 1) com a mesma acentuação<sup>4</sup> de Pastel (Caixa 2).



<sup>4</sup> Indicado pelo sinal ">" sobre as notas em que se deve tocar mais forte.





C.O. Murilo: Miguel me surpreendeu positivamente de como foi tranquilo para ele tocar aquela parte. Ele já deve ter alguma vivência de ritmo musical e também deve ter contribuído ter ficado assistindo por um tempo. Ele ficou uns 10 minutos nos assistindo. Eu não o convidei logo no início pois às vezes é uma curiosidade, ou cansou de andar de bicicleta, ou algo do tipo (23).

### **BICICLETA (Educadores Rogério, Brasileiro e Cuco)**

No saguão em frente à sala do VADL, Rogério pediu que todos/as se sentassem nas cadeiras já dispostas em roda, pediu para que retomassem os combinados para a bicicleta, Pietro, Adriano e Pikachu disseram aquelas relativas aos locais adequados para o ciclismo. Enquanto isso, Rogério ia entregando os capacetes e Lucas já perguntava quem iria brincar de Polícia e Ladrão com as bicicletas e foram se organizando, quem seria polícia e quem seria ladrão.

Durante a distribuição dos capacetes por Rogério, Cuco foi abrindo o local das bicicletas e perguntando quem preferia qual, destacando a adequação de tamanhos, sendo entregues aos/às participantes com auxílio do educador Brasileiro (24). Trevor ficou por último na escolha da bicicleta e achou as restantes muito grandes para ele, Cuco, então, disse que observaria quem estava com as bicicletas de seu tamanho para que pudessem ver se era possível uma troca ou revezamento. Percebeu que Georgy, maior e mais velho que Trevor, estava com uma bicicleta menor e chamou-o. Perguntou se ele não podia andar com uma maior e ele respondeu que não conseguia, que havia caído. Cuco mostrou algumas outras bicicletas disponíveis e ele achou que uma delas serviria, deixando a que estava para Trevor (25).

Enquanto Rogério andava de bicicleta com as crianças e Brasileiro acompanhava à pé, Cuco aproveitou para lavar as maçãs e preparar o lanche junto às bananas para a roda final e às 16:30h alertou os educadores para encerrarem as atividades para a realização daquela.

C.O. Cuco: Juliana pediu-me que abaixasse o banco de sua bicicleta, atendi-a prontamente, só depois pensei que poderia tê-la estimulado para que ela mesma o abaixasse, orientando-a e demonstrando como fazê-lo, caso necessário (26).

## **RODA DE CONVERSA FINAL**

Murilo conduziu a roda, lembrando a conversa da roda inicial, perguntando quais temas foram abordados: lembraram da apresentação onde cada um contou uma história de sua vida. Em seguida, o educador Murilo perguntou sobre como havia sido o dia, crianças comentaram que gostaram, uma das meninas disse que achou que pique-vampiro fosse ser chato, mas que acabou sendo bem legal e comentaram que o Polícia e Ladrão na bicicleta também foi bem legal, que "todo mundo" participou. O educador Murilo perguntou se haviam sido "todos mesmo", e Juliana respondeu que "quase todo mundo", disseram que apenas as pessoas da musicalização, Iris e Pastel. Iris disse que gostou da música e comentou que havia sido bom experimentar uma coisa nova, posto que havia participado da bicicleta no encontro anterior.

O educador Murilo disse, então, que precisava retomar assunto importante antes de passarem à escolha da atividade de integração. Era novamente sobre o novo modelo do VADL do qual estão fazendo parte, como já explicara brevemente depois das atividades de integração realizada no dia. Teriam que escolher apenas uma das duas atividades principais das tardes de terças e quintas-feiras, Musicalização ou Bicicleta, para que possam aprofundar suas experiências e conhecimentos em uma delas em todos os encontros a partir da semana seguinte, sem que fiquem alternando entre elas. Iris comentou que seria legal então fazer Musicalização para aprender coisas diferentes como o fez hoje. Propôs, então, que indicassem interesse entre tais atividades levantando a mão para uma ou outra. Se interessaram pela Musicalização: Iris, Pietro, Trevor, Adriano, Minivamp, Baixinha e Miguel; e Bicicleta: Juliana, Milena, Pastel, Pikachu, Violeta e Georgy.

**C.O. Cuco:** A partir da fala positiva de Iris à respeito da atividade de música, penso que isso pode ter influenciado outros/as participantes a escolherem, posteriormente, a música como atividade fixa no novo formato do VADL, posto que a maioria havia preferido a bicicleta para o dia de hoje, o que também aponta para a importância da opinião de Iris para o grupo (27).

Finalmente, enquanto o educador Cuco entregava as frutas que havia lavado durante a atividade da Bicicleta, o educador Murilo disse que precisavam escolher

rapidamente a atividade de integração em virtude do tempo escasso. Baixinha e Juliana pediram vôlei entusiasmadamente, o educador Murilo disse que conhecia uma brincadeira de vôlei com lençóis, que chamava “volençol” e perguntou se poderia ser essa, as/os participantes pareceram gostar da ideia e ficou decidida esta, com a opção do “câmbio”, um vôlei mais fácil, segundo Murilo, caso não gostassem do “volençol”. O educador Cuco, se dispôs a trazer lençóis velhos para a realização da brincadeira.

**C.O. Murilo:** Fico com o dilema de como conduzir a roda de maneira interessante e educativa, por exemplo, na retomada dos temas conversados na roda inicial e dos acontecimentos do dia, para destacar processos educativos, aprendizados e conhecimentos dos/as participantes (28).

**Sugestões/Atividade de Integração:** Vôlei; Volençol; Câmbio.

## Diário de Campo II

**Data:** 20/03/2018 (terça-feira)

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes [3]:** Murilo, Dexter e Cuco

**Participantes Presentes [12]:** Georgy, Juliana, Aparecida, Tatagiba, Trevor, Pastel, Thiago, Baixinha, Megablue, Pietro, Iris, Samara

**Relator:** Murilo

### INFORMES

- Rogério não poderá vir no período da tarde pois precisará fazer uma consulta médica;
- O motorista da van que acompanha o VADL no período da tarde, pediu para que tomássemos cuidado com o lanche na van, pois a dona da van encontrou cascas de banana e outros restos de comida e reclamou com ele. Murilo disse que iriam se esforçar para terminar mais cedo, para que pudessem comer o lanche antes da van. Murilo foi até a van e conversou com os/as participantes ao final do projeto para evitarem tal ocorrência (1);
- Brasileiro avisou que não pôde vir por causa da chuva que tivemos no período da tarde;
- Dexter avisou por *Whatsapp* que por causa da chuva não poderia acompanhar a van no período da tarde. Ligou para o motorista e este foi sozinho.

### CHEGADA E RODA INICIAL

Cuco chegou no Clube e já estavam no espaço Pastel, Trevor, Aparecida e sua mãe. **C.O. Cuco:** "achei que eram primos ou que estavam com a mãe dele". Cuco conversou com a mãe de Aparecida. Juliana e Georgy chegaram e já foram perguntando qual o nome de Aparecida, de onde era, onde estudava etc. C.O. Cuco: "Foi de uma maneira bem tranquila, de maneira espontânea, foram bons anfitriões". Murilo chegou, se apresentou e cumprimentou as pessoas. Thiago chegou e conversou com Cuco, que disse ter faltado de alguns encontros pois estava acompanhando seu bisavô na UTI. Ele não está melhorando, mas está estável, sem muito o que fazer (2).

Iris, Tatagiba e Samara chegaram e estavam acompanhadas de suas mães. Samara sentou perto da Tatagiba e elas começaram a se conversar. Megablue, Baixinha e Pietro chegaram com a van, desacompanhados de educador, pois Dexter teve problemas com a chuva forte.

**C.O. Murilo:** Continuava chovendo e parecia que não iria parar.

Megablue chegou falando que queria brigadeiro, fazendo uma brincadeira com o educador Murilo que havia se casado dias antes. Como haviam participantes novas no projeto, a participante Iris disse: "Cuidado com as brincadeiras que tem meninas novas!", observando que estas não sabiam do recém-casamento do educador.

Juliana e seu amigo Georgy foram abraçar a Megablue e Baixinha, que moram na mesma rua no bairro Abdelnur. Iris, que mora perto do Clube falou para Pietro que também mora no Abdelnur: "E meu abraço?". Ele foi e a abraçou.

**C.O. Cuco:** "Não tinha percebido como o Pietro e Iris eram tão amigos, posto que não os via brincando tão juntos e vem de lugares diferentes, Pietro com a van e Iris mora no bairro".

**C.O. Murilo:** Acredito que Iris e Baixinha estão próximas, conseqüentemente, Pietro também se aproximou de Iris.

Megablue falou que eram pessoas interesseiras por terem abraçado a Baixinha que fazia um bolo maravilhoso, que haviam visto na foto do celular dela.

**C.O. Cuco:** "aparentemente brincando posto que algumas pessoas riram".

Pietro trouxe uma moto e um chaveiro de macaquinho e Pastel ou Trevor pediram para brincar. Murilo perguntou de quem ele ganhou os brinquedos e Pietro disse que havia ganhado a moto do Salesianos e o macaco ele encontrou na rua. Pastel, Trevor e Pietro brincaram com esses brinquedos em boa parte da roda inicial (3).

Pastel fez um comentário sobre o que tinha pavor. Murilo perguntou o que era pavor, e ele respondeu "medo". A partir daí, realizamos uma conversa sobre medos, onde as pessoas levantaram as mãos e compartilharam alguns de seus medos e histórias. Trevor, irmão gêmeo de Pastel, falou que tinha medo do personagem Jason, Pastel disse "Sexta-feira 13", Cuco falou de encanamento (pois a caixa-d'água da casa dele está começando a vaziar); Thiago falou de borboleta; Megablue contou algumas histórias e disse que tem medo do cavalo, bezerro e galinha; Iris e Juliana cobra e ratos, mas pegam baratas na mão; Tatagiba da loira do banheiro e palhaço assassino (4); Baixinha disse que aquela história de aparições de vídeos e imagens de palhaço assassino era uma estratégia para divulgar o filme "IT-A coisa", que trata de um palhaço assassino. Depois que começou a dar errado e algumas pessoas serem mortas por causa disto, eles/as "voltaram atrás" (5).

C.O. Cuco: Cuco comentou que em sua casa, que é na mesma região, também tem muitas baratas. Pensou portanto que pegar a barata na mão faz parte da banalização da convivência com o inseto. Inclusive trará o conto do Kafkã "A Metamorfose" no próximo encontro (6).

Havia mais pessoas com as mãos levantadas. Murilo perguntou ao grupo o que gostariam de fazer: continuar conversando ou ir para a brincadeira combinada para o dia. Num primeiro momento se manifestaram a favor de brincarem, mas algumas pessoas continuaram com as mãos levantadas. A sugestão do educador foi que guardassem os comentários para a roda final pois também o tempo estava "firmando" (sem chuva). As pessoas concordaram, mas Trevor começou a contar algo. Murilo interrompeu-o relembrando do combinado que acabaram de fazer (7).

### **VOLENÇOL**

Antes de iniciarmos esse jogo cooperativo dialogamos acerca de espaços possíveis para sua prática: quadra de concreto, quadra de areia e gramado. De pronto, Megablue argumentou dizendo que da outra vez que brincou na quadra de areia demorou horas e horas em casa para conseguir lavar o cabelo. "A gente que tem cabelo cacheado", ela disse, Baixinha entrevistou dizendo "duro" (pegando em seu próprio cabelo) e Megablue continuou: "Duro mesmo, demora muito para tirar a areia do cabelo". Juliana, por outro lado, disse que ao brincar no gramado iria ficar "pinicando". Assim, o grupo decidiu fazer a atividade na quadra de concreto (8).

Enquanto ocorria o diálogo para decisão do espaço de jogo, o educador Cuco foi até seu automóvel buscar lençóis que havia trazido de casa para realização do jogo. O educador Murilo foi até a Sala de Materiais para pegar cordas (que serviriam para demarcar a altura de uma rede imaginária) e bola. Antes de sair, pediu para que as participantes Baixinha e Megablue dividissem o grupo. Megablue lembrou Murilo de pegar também os coletes. Antes de começar, diversas pessoas foram ao banheiro.

Chegaram na quadra e Cuco fez a divisão dos panos e amarrou as cordas nas grades imitando uma rede (9). Murilo foi pegar mais bolas na Sala de Materiais pois depois de um tempo brincando, achou que as pessoas estavam jogando pouco. Ficou uma bola para cada dupla. Samara havia saído da brincadeira, dizendo que havia machucado o

braço. Cuco perguntou se estava doendo muito, e como disse não, insistiu para que tentasse fazer com outras pessoas. Ela se juntou a Pietro que estava com Murilo.

**C.O. Murilo:** Ao final, as pessoas já estavam conseguindo jogar de um para o outro (10).

## **BICICLETA**

As regras e combinados foram conduzidas por Dexter. Enquanto andavam, os/as participantes brincaram de Corrida Maluca e Polícia e Ladrão.

Cuco foi guardando as bicicletas, Pastel chegou e disse que seu banco estava torto. Cuco perguntou o que aconteceu e Pastel disse que tinha um formigueiro e ele jogou a pedra na bicicleta. Cuco ficou espantado e perguntou por que. Pastel ficou cabisbaixo e não queria conversar.

## **MUSICALIZAÇÃO**

**Participantes Música [4+1]:** Iris, Baixinha, Megablue, Pietro e educador Murilo

Enquanto o educador Dexter perguntava pessoa a pessoa, quem iria para qual atividade (música ou bicicleta), Murilo pegou o amplificador, *notebook*, cabos, câmera, pedestal e celular e levou até a lanchonete. Ligou e testou o amplificador, conectou no computador e voltou para chamar os/as participantes. Dexter estava explicando as regras e combinados para a piscina, e Murilo esperou terminarem de falar e pediu para que viessem ajudar a levar os instrumentos (11).

Iris, Pietro, Megablue e Baixinha se levantaram foram até a Sala de Materiais. Iris entrou e o participante Pietro a acompanhou, indo até o fundo da sala, onde estavam os instrumentos de percussão. Murilo pediu para que esperassem do lado de fora. Iris disse: "Eu quero tocar aquele lá que eu tava tocando". Murilo disse que por enquanto a ajuda seria para levar os instrumentos, que uma pessoa leva todas as baquetas e no local escolheríamos os instrumentos. Pegou o surdo de chão e Iris veio até a metade da sala para pegar o instrumento. Murilo pediu para que ela esperasse lá fora, pois o espaço era apertado e desta maneira seria mais fácil.

C.O. Murilo: A sala é um tanto apertada e como os instrumentos não são leves, acredito que tomo um cuidado maior para que não bata e "marque" os instrumentos ou o armário/bicicletas que estão no caminho.



A situação se repetiu com Pietro, quando Murilo pegou uma caixa (instrumento musical) (12). Murilo entregou as baquetas de caixa e berimbau para Baixinha e a meia-lua para Megablue que disse: "Eu adoro tocar meia-lua" e que gostava de tocar na música Pais e Filhos de Legião Urbana. Caminhando para a Lanchonete, Murilo perguntou onde ela aprendeu a tocar, ela respondeu na escola dela, a "Aracy" (Escola Estadual Dona Aracy Leite Pereira Lopes, localizada no bairro Vila Monte Carlo). Murilo perguntou quem era o professor e ela respondeu: [nome do professor].

Murilo - "Ele que comanda, coordena o Doces Flautistas não é?"

Megablue - "Eh... Eh... Eu sou solista do coral" respondeu Megablue animada.

Murilo - "É mesmo?! Oloco Megablue"

Megablue - "É, eu fui apresentar lá na UFSCar!"

Murilo - "Nossa, que legal! Parabéns! É capaz de eu já ter te visto apresentando então"

(13). Chegaram na lanchonete, onde seria realizado a atividade de música. Iris e Pietro que já haviam chegado no espaço, sentaram e apoiaram o instrumento em outra cadeira. Murilo pediu para que deixassem os instrumentos no chão ou nas cadeiras e abrissem espaço pois antes de tocarem iriam fazer uma outra coisa. Murilo foi tirando as cadeiras do espaço e disse: "Antes disso, preciso falar umas coisas. Quinta-feira, teremos uma



apresentação de um conjunto de percussão. Então quinta-feira a tarde, convidem quem vocês quiserem pra vir pro projeto, só tomem cuidado com vaga na van [está ótimo, Megablue respondeu]. Serão os/as amigos/as do Flecha ["do [apelido]?", disse Megablue imitando o educador Flecha]. Isso, aí eles vem tocar e vamos conversar com eles. Uma coisa que eu queria falar pra vocês também é que eu gostaria de filmar todos os nossos encontros de música. Por quê? Porque depois de cada dia escrevemos um diário sobre tudo que aconteceu e gostaria de registrar tudo que aconteceu mesmo, de uma maneira que não dependa só da minha cabeça". Megablue: "que tenha uma imagem legal". Murilo continuou: "E aí as pessoas fazem trabalhos sobre aqui. Por exemplo, o Eiri fez trabalho aqui, lembra que ele filmava as rodas?". Iris: "Viajei com ele" (14). Murilo continuou: O Rodrigo fez um trabalho sobre as bicicletas, pois do jeito que trabalhamos e faz a bicicleta aqui, pode ajudar outras pessoas a saberem. Então por isso eu gostaria de filmar, tudo bem?" (15).

"Aí eu precisava de uma pessoa ajudante para dizer o número de 1 a 4", Murilo dizia enquanto ia para o computador para selecionar uma das músicas pré-selecionadas para o encontro.

Iris: "Professor, cuidado!", Megablue: "uma taturana". Murilo deu um grito e pulou para trás, brincando, e disse: "pior que ela é maior peluda!". Megablue tirou o chinelo e se aproximou. Murilo disse: "Não mata não". Ela: "Não vou matar". Iris: "Tem que matar essa daí". Megablue tirou ela da parede (16).

Murilo disse: "Megablue, já que você me salvou, me fala um número de um a ... quatro [olhando no computador]". "3" Megablue respondeu. Murilo continuou: "A ideia é a seguinte, eu baixei um monte de música que eu achei que seria legal a gente ouvir, mas para fazer um exercício, aí você escolheu sem saber uma música que eu acho que você conhece. Deu sorte". [Música Pangeia - HipHop<sup>5</sup> começou a tocar].

C.O. Murilo: Baixinha e Megablue estavam com cara que não conheciam.

Murilo disse que outro dia, em outra atividade de música no projeto ele havia pedido para que escrevessem algumas músicas que gostavam em um papel e esta música estava na lista. Murilo: "Queria que a gente andasse nessa música". Depois de andar um pouco, Murilo perguntou: "Quem gostou?". Baixinha e Pietro levantaram a mão (17).

<sup>5</sup> As músicas estão referenciadas no fim deste apêndice.

Murilo pediu para que batessem o pé mais forte. Megablue começou a contar uma história e estava andando fora do tempo, então Murilo disse: "Concentra aí, gente!" (18).

Murilo perguntou: "Podemos mudar de música? Pietro, escolhe um número de um a quatro. Por enquanto estamos nas músicas lentas, ok?". Colocou para tocar a de número 2, escolhida por Pietro: Dr. Nick do Project Trio. Murilo perguntou "e essa como que vamos andar?". Megablue começou a balançar a cabeça e Iris começou a balançar os braços (como num rap/hip-hop). Murilo a acompanhou e Pietro também fez os movimentos.

Murilo perguntou: "O que vocês acharam dessa música?". "Chata!", Megablue respondeu. Murilo: "Chata, por quê?". "Lenta", ela respondeu e continuou: "Não tem nem percussão na música!". Murilo: "Só tem três instrumentos". Pastel ou Trevor que estava na bicicleta passando por perto disse: "Murilo! Ei!! Gostei!". Murilo: "Gostou? Legal!" . Murilo explicou que esse músico toca flauta e ao mesmo tempo realiza sons de bateria com a boca. "Clarinete" Iris disse. Murilo disse: "Não, essa é a flauta". Iris: "Flauta doce!". Murilo: "Não, essa chama transversal e é tocada com a flauta posicionada lateralmente e o músico faz um *beat-box* ao mesmo tempo que toca a flauta. O clarinete é um outro instrumento de sopro não utilizado nessa música".

Na vez de Iris, ela escolheu a música número 4: "Vibrações" interpretada por Jacob do Bandolim. Megablue logo começou a sambar, bem lentamente. Murilo disse que essa era a mais lenta de todas. Propôs que andassem e perguntou quais instrumentos estavam tocando. "Cavaquinho", Megablue respondeu. "Violão", Iris. "Pandeiro, chocalho, parece aquele como o violino", Baixinha. "O violoncelo", ajudaram Baixinha. Murilo disse que provavelmente ela estava confundindo com o som do violão. **C.O. Murilo:** Faltou dizer que é era com o violão de sete cordas, que possui uma corda mais grave (19).

Murilo perguntou: "Posso escolher uma? Acho que vocês vão gostar". Murilo escolheu: Deixa meu cabelo em paz - Farufyno. Logo que começou a tocar, Iris começou a dançar, se movimentando bastante (animada, se divertindo **C.O. Murilo**). Baixinha cumprimentou alguém que estava passando ao lado da lanchonete. Após ouvir a letra, Megablue começou a dançar mexendo no cabelo, mexendo a cabeça, jogando o cabelo. Ela e Baixinha começaram a rir (20).

Murilo: "Baixinha, qual você escolheu?" "1" que era Saco de Feijao de Beth Carvalho. Megablue começou a sambar. Pietro também seguiu, fazendo seus passos. Murilo comentou de como essa música era mais rápida. Megablue estava parada, olhando para a caixa de som, tentando lembrar de quem era a música que estava sendo tocada: "Ai, minha mãe tem o CD!!". Megablue começou a pular e bater com a mão nas coxas querendo muito se lembrar. Murilo perguntou: "Começa com a letra "B"? Tipo Beth, Beth Carvalho? Ou Alcione? Essa é a Beth Carvalho" Murilo tentou ajudar. "Não, não lembro, deve ser essa daí!" (21). Megablue disse: "Olha a marchinha, gente!". Pietro começou fez um movimento de marcha, mexendo as mãos e os pés sincronizados (22). Murilo também sambou um pouco. Megablue disse: "Olha o bem-casado sambando!", novamente se referindo ao apelido dado graças ao casamento recente do educador.

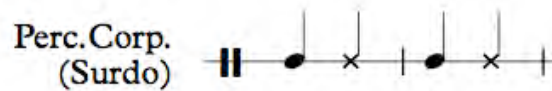
**C.O. Murilo:** Certa vez me perguntaram se eu havia trazido o doce chamado bem-casado da minha festa de casamento e disse que como havia casado, *eu* era o "bem-casado".

Murilo: "Podemos ir para uma mais rápida?". "Sim" disseram. Murilo continuou colocou pra tocar e disse: "Essa vocês conhecem, mas eu peguei por causa da batida [Hino nacional acompanhado pelo grupo de percussão Olodum]. Vocês conhecem?". Disseram que não. Murilo aumentou o som e virou o computador para mostrar o vídeo. Ao ouvirem a parte cantada reconheceram o hino nacional. Baixinha disse: "Eu conheço esse grupo, é o que gravou com o Michael Jackson".

Murilo complementou: "Isso, é um grupo de Salvador que chama Olodum. Vocês já assistiram aquele programa de vozes, na TV". "The Voice", Baixinha disse. Murilo: "Isso, o Carlinhos Brown que está nesse programa ele é de Salvador e organizou o Timbalada e acho que tem influência no Olodum. O ritmo que a gente vai tocar hoje, é um ritmo que eles tocam muito bem. Chama Samba-reggae", completou Murilo. "Ah, igual a gente tava fazendo", respondeu Iris. Murilo disse: "Isso, só que a gente não tinha ouvido tocando, né? E outro vídeo que eu queria mostrar é esse daqui: " Didá (samba reggae). E elas estão em Salvador, conhecem?". "Minha tia veio de lá", Iris respondeu. Murilo apontando para o vídeo disse: "Aí é uma rua do Pelourinho, é um lugar, lá em Salvador que tem as ruas de pedra, e é um bairro muito antigo". Iris disse: "O pai da Juliana veio de lá". Murilo disse: "É mesmo? É uma cidade muito bonita! Tem um vídeo

aqui também de um cara, que é brasileiro, e foi para outro país pra ensinar a música que a gente toca aqui no Brasil. No vídeo ele até está falando outra língua, inglês. Aí ele vai explicar as coisas". Assistiram juntos/as. Ao final Iris disse: "Eu gosto de samba-reggae!" (11"35) (23).

Percebendo que iriam mudar de atividade, Iris correu para o instrumento que ela queria, o surdo (24). Murilo pediu calma e disse que antes de ir para o instrumento, ele iria fazer e elas iriam repetir percutindo no corpo. Murilo começou a bater com a mão no peito o ritmo a ser feito no surdo.



As notas com cabeça preenchida, foram tocadas no peito e as com "X" jogando as mãos para o alto (sem fazer nenhum som). Murilo: "Agora concentra e continuem fazendo o que estão fazendo, porque eu vou fazer outra coisa!", e fez



Tocando no peito e apontando para eles/as no lugar das notas com "x".

Murilo disse que poderia inclusive fazer uma pose ao invés de colocar a mão pra cima. Murilo demonstrou ambos movimentos (25). Iris disse que queria fazer o segundo surdo. Megablue disse que queria o primeiro.

Murilo pediu para que elas fizessem os movimentos antes de tocar. Iris demonstrou estar com dúvida. Murilo disse: "Semana passada você estava tocando os dois surdos. Agora vai ser mais legal, porque a gente tem mais gente, cada um faz um". Iris: "Era mais fácil tocar os dois!"

**C.O. Murilo:** Na semana passada, Iris havia tocado os dois surdos (que possuem sons diferentes). Desta vez, desmembrei em duas "vozes" para que cada pessoa toque um instrumento apenas. Murilo lembrou da maneira que aprenderam na semana passada, com a frase: "Eu gosto de mexerica", mas agora Iris tocaria algo mais simples (26).

O educador Murilo, apontou para Baixinha que estava abraçando Pietro (moram na mesma rua. Pietro tem uns 6 anos e Megablue 17), (27) disse: "E aqui a gente pode

fazer o seguinte: com duas baquetas na mão, vocês vão tocar assim, ó: *taca taka taka taka taka taka...*...pra treinar e depois eu vou ensinar umas coisas mais difíceis, tá bom? Então vamos ver como fica: 1, 2, 3, 4 [fez a contagem olhando para Megablue e Iris]" e começou a cantar gesticulando os toques: "eu gosto de mexerica". E depois olhando para Baixinha e Pietro começaram a tocar e falar "*taca taka taka taka*" (28).

Murilo deu o sinal para pararem de tocar e disse: "Vocês viram o vídeo das meninas tocando? Viram como não é um negócio desanimado? [demonstrou tocando desanimado] Elas tão curtindo mesmo, porque o ritmo é gostoso (29). Cada um pode pegar duas baquetas". [Murilo foi arrumar a câmera enquanto o/as participante/s tocavam]. Murilo pediu para que Iris e Megablue tocassem o surdo mais baixo para que Pietro, Baixinha e Murilo aprendessem algo na caixa.

Depois de demonstrar novamente como tocariam, dizendo "*taca taka taka*" e simulando tocar, Murilo fez a contagem para o naipe de caixas e tocaram. Até quando começou a desencontrar com o surdo. Megablue disse: "Ai, me perdi!" (30).


Murilo disse: "O que eu vou ensinar depois é que uma mão vai bater mais forte que a outra. Vou tocar dos dois jeitos, o normal e esse novo, olha". [Murilo demonstrou enquanto Megablue e Iris tocavam o surdo]. Mas para treinar, vamos fazer o alternado. Hoje é o alternado e talvez semana que vem a gente faça esse outro".

Para fazer o "*taca taka taka taka*" Murilo foi dando as instruções e foram tocando de maneiras diferentes. "Agora só as caixas" [Murilo fez a contagem e tocaram], "Quatro vezes com a direita" [Murilo fez a contagem, tocaram e repetiram algumas vezes], "Quatro vezes com a esquerda" [Murilo fez a contagem, tocaram e repetiram algumas vezes]. "Agora assim, ó!" [Murilo contou cada baquetada: 1,2,3,4 e depois contou 4 tempos de pausa]. Depois vendo que estava desencontrado disse: "Talvez eu esteja confuso. Vamos fazer assim ó: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8". [contando cada toque da baqueta e depois contavam os tempos de pausa]. Agora vamos fazer um pouco mais rápido. Murilo falou para Pietro contar os tempos em voz alta algumas vezes. Foram repetindo e acelerando (31). Iris e Megablue começaram a bater a baqueta para contar o tempo, enquanto que Murilo, Pietro e Baixinha simulavam toques no ar.

**C.O. Murilo:** Ao ver o vídeo, vi que Pietro estava tentando imitar este movimento de Megablue e Iris (32).

Entre uma pausa e outra, Pietro falou: "Olha a lagarta". Murilo: "Eu vi".


Murilo fez a contagem e tocaram juntos/as. Murilo tocou o que seria o próximo toque para as caixas e depois pediu para pararem de tocar. Então disse: "Tem um toque que é assim [demonstrou], que é o *pediu pra pará* onde vocês respondem no instrumento *parou*. Fez algumas vezes de treino e depois falou que iriam tocar o ritmo e em algum momento ia fazer a chamada e eles/as teriam que responder. Fizeram isto algumas vezes.

Convenção  Pe - diu pra pa-rar PA - ROU


Murilo disse: "Pietro e Ana, podemos fazer assim o ritmo novo: 1, 2, 3, du-plá"

Caixa  1 2 3 du-plá

Murilo pediu que tocassem os surdos. Megablue começou a fazer sua parte e a parte da Iris. Murilo achou que estivesse errando e pediu que fizesse só a sua. Megablue disse: "Não, eu sei". Murilo entendeu que estava muito fácil para Megablue e por isso disse que iria ensinar algo novo. Murilo ensinou a variação do primeiro surdo:

Perc. Corp.  
(Surdo 1 - Var A)  Eu que de

Depois de ensinar e repetir o novo ritmo, deixou que Megablue tocasse. Vendo sua dificuldade, Murilo repetiu com a frase "eu gosto de mexerica" e teve a ideia de adicionar uma palavra para ajudar Megablue e Iris: "eu QUE gosto de mexerica". Iris acabou incorporando também parte da batida da Megablue, fazendo:

Perc. Corp.  
(Surdo 2 - Var A)  que gos-to me-xe-ri-ca

Como elas estavam tendo dificuldades e estava faltando pouco tempo para acabarem o momento da musicalização, Murilo disse: "Então faz o anterior". Iris disse: "Não a gente faz esse". Quando Murilo fez o toque: *pediu pra parar parou* (33). Georgy

e Juliana que estavam próximas da lanchonete, chegando com a bicicleta, pediram: "faz de novo, de novo, de novo". Murilo: "Mas tava bom ou tava ruim?". "Tava bom!". Georgy e Juliana deixaram suas bicicletas no chão e se aproximaram. Pediram para a gente tocar música de carnaval. Murilo perguntou para o grupo: "O que vocês estão achando?". Juliana respondeu: "Da hora". Murilo: "Não, mas vocês acabaram de chegar. Vocês que estão tocando, estão achando chato...legal?". "Legal!". Megablue disse: "Daqui a pouco eu to dançando aqui!" [dançou e tocou um ritmo no surdo, sorrindo].

Juliana começou a dançar. Murilo fez o toque "*pediu pra parar*" e responderam tocando. Juliana falou: "Parabéns!". Iris bateu as baquetas, como se batesse palmas, Murilo se curvou, Megablue tocou o surdo. Juliana disse: "Agora a gente tem que correr da polícia, tchaaau!" [e saiu correndo] (34).

Murilo: "Antes da gente ir embora, vamos tocar de pé? Como a gente está fazendo nossa primeira apresentação pra nossa plateia, vamos concentrar muito, mas muito mesmo. Quando a gente começar a tocar, não presta atenção no que a gente está tocando nem em quem está passando, ok?".

Murilo ensinou a pegar a baqueta: "Segurando a baqueta pela ponta com uma mão, com a outra, iriam fazer uma forma de pinça, como se fosse beliscar alguém [e fez cosquinha em Pietro que estava prestando atenção em duas pessoas que entraram na lanchonete]. "Pietro, presta atenção aqui, ó!". Murilo disse que a pinça ia não muito em cima, nem no meio, ia ser mais pra baixo. E os outros dedos envolveriam a baqueta. Aí a costa da mão fica virada pra cima, sem deixar o dedo indicador virado pra frente. Murilo foi até Pietro e o ajudou. Depois foi até Baixinha e a ajudou. Enquanto isso as outras pessoas tocavam. Iris falou: "Rufem os tambores" (35).

Murilo: "Pra gente acabar, eu vou controlar com a mão pra tocar fraco ou forte e quando acabar vou fechar a mão assim" [demonstrou o que faria]. Murilo se abaixava e colocava a mão para baixo e para cima, e ele/as tocavam com duas baquetas alternadas mais forte ou mais fraco. (36). Depois Murilo gritou *pediu pra parar* e responderam tocando parou. Mas alguém tocou depois disso. Por isso, Murilo avisou o que aconteceu e repetiu (37). Murilo estendeu as mãos e pediu as baquetas e pediu a ajuda deles/as para levar os instrumentos.

Megablue foi atrás da câmera e disse: "olha professor, tá chique no último". "Filma nós", Murilo disse. Megablue: "Vou filmar vocês levando embora". Megablue começou a gravar um outro vídeo, dizendo: "Bom gente, eu não vou gravar minha cara, pois está muito bugada". Murilo: "Filma você, Megablue". Megablue: "Aqui está o professor Murilo, o Pietro, a Baixinha aquela linda ali, eu ó, que não vou mostrar minha cara praticamente". Megablue ficou cantando músicas com notas : mi mi ré mi etc.

Megablue disse: "Eu gosto de". Murilo respondeu: "Mexerica! Falando nisso, hoje tem mexerica!". Megablue falou: "Eeee... Gente, no tutorial de hoje aprendemos a tocar muitas coisas. Murilo: "O que nós aprendemos?". Megablue: "A fazer uma percussão, praticamente com quase músicas do carnaval. Nossa eu vou sofrer pra levar esse trem doido aqui [filmando o surdo], óia meu pé aqui, nossss. Tchau gente! Eu sei tocar meia-lua. Como para de gravar?". Murilo perguntou: "Quer que eu grave você tocando?". "Não, não grava não, Murilooo" (38). "E a lagarta?", Pietro perguntou. Baixinha: "Pisei nela sem querer". E fomos voltando para a roda de conversa.

**C.O. Murilo:** Quando formos trabalhar semicolcheias podemos utilizar as sílabas "ALTER-NA-DA" para quatro semicolcheias. E sobre a posição das mãos memorizar: pinça, fecha, deita e toca.

### **RODA FINAL**

O participante Pastel estava emburrado por algo que aconteceu na bicicleta. Dexter o chamou várias vezes para ir para roda já que estava no parquinho. Então Dexter se aproximou e começou a fazer cosquinha nele. Então ele voltou correndo para roda de conversa, fugindo da cosquinha do educador (39).



## Diário de Campo III

**Data:** 22/03/2018 (quinta-feira)

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as [3]:** Murilo, Flecha e Cuco

**Participantes da música [14]:** Thiago, Minivamp, Georgy, Juliana, Iris, Aparecida, Tatagiba, Samara, Pietro, Pastel, Violeta, Baixinha, Pikachu, Trevor, Adriano.

**Convidados/as do Grupo de Bateria da UFSCar [13]:** 7 convidadas e 6 convidados

**Relator:** Murilo

### INFORMES

- Téo avisou que vai prestar um concurso em Mato Grosso do Sul e precisava enviar os documentos hoje por correio, por isso faltou no período da tarde. Murilo o substituiu no diário;
- Conforme combinado na reunião de planejamento, Flecha entrou em contato com a Bateria da UFSCar que veio até o Clube para participar do projeto no período da tarde (1);

### CHEGADA E RODA INICIAL

Aparecida e Minivamp já estava no Clube quando Cuco e Murilo chegaram. Thiago chegou de carro com a mãe, logo em seguida. Murilo e Cuco conversaram entre si e decidiram organizar as cadeiras ao lado da lanchonete. Thiago e Minivamp ajudaram Cuco a montar a roda, que precisou ser aumentada com a chegada dos membros da Bateria da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e também dos/as participantes da van que foi acompanhada pelo educador Flecha.

Enquanto os/as participantes iam chegando e se sentando para a roda de conversa, Murilo conversou com a mãe de uma possível futura participante, explicando sobre os dias, horários e atividades desenvolvidas. Após demonstrar interesse, Murilo foi até a secretaria e imprimiu mais folhas de matrícula entregando uma destas para esta mãe (2).

Na roda, Juliana disse que estava guardando lugar para a Aparecida. Minivamp comentou: "Nossa, vocês já conhecem a Aparecida?". Aparecida quando sentou respondeu que no primeiro dia já havia feito muitos amigos. Minivamp comentou que estudava com Aparecida, na mesma classe da escola.

Antes da roda começar, Minivamp ficou brincando bastante com Pietro (C.O. Cuco: como se estivessem com saudades, ficaram bem juntos) (3). Minivamp também

contou para o educador Murilo que ganhou um sorteio da escola em segundo lugar, ganhando uma flauta doce de cor bege (4).

Flecha iniciou a roda inicial, dando boa tarde e perguntando se estava tudo bem com a turma: haviam 30 pessoas na roda, das quais 14 eram participantes e 13 eram membros da bateria e 3 eram educadores. Flecha sugeriu fazer uma roda de apresentação onde cada pessoa falasse seu nome, apelido, brincadeira que mais gostava e idade.

**C.O. Cuco:** Durante este momento, Minivamp fez comentários sobre cada apresentação dos/as participantes, atravancando um pouco o andamento desta, sendo necessárias intervenções por parte dos educadores. Em alguma dessas vezes, ele estava brincando com Pietro, rindo alto. Minivamp foi um dos primeiros a se apresentar. Murilo o chamou e destacou inclusive que enquanto ele se apresentou todos/as o ouviram, então deveria fazer o mesmo durante a apresentação dos/as colegas (5).

Os/as participantes falaram algumas brincadeiras que as pessoas da bateria não conheciam e ficaram curiosas de saber como eram. Baixinha explicou o jogo Pásgoa, Iris falou sobre o *fútbol callejero*.

**C.O. Cuco:** O pessoal da bateria pareceu impressionado com as explicações de Iris sobre o *fútbol callejero* contemplando os pilares (solidariedade, cooperação e respeito) e como se jogava.

Murilo perguntou sobre a origem do *fútbol callejero*. Juliana falou que era um futebol de rua. Murilo perguntou se as palavras estavam em português e responderam que não, era em espanhol. Pastel logo disse: "Espanhol é da Espanha". Murilo disse que haviam outros países que falavam espanhol sem ser a Espanha. E continuou: "Mas você saberiam dizer por quê que na Argentina falam espanhol, se espanhol é da Espanha?". Minivamp falou que era por causa da colonização. Murilo falou que foi porque chegaram, disseram, "essa terra agora é nossa e vai chamar Argentina e vai falar espanhol". Thiago: "Não foi tão simples assim!". Murilo disse: "Não foi meesmo! Explica aí pra gente como foi, mas de forma resumida". Thiago: "Eles vieram, invadiram, mataram e fizeram falar a língua deles". Houveram risos. Murilo: "Mas que língua eles falavam?". Thiago disse que não sabia. Depois de um certo silêncio, Minivamp disse: chinês, inglês, japonês, etc. Murilo disse: "Acho que não fui muito claro. Que língua falavam aqui antes de chegarem os/as colonizadores?". Minivamp falou que língua indígena. Murilo: "Mas

vocês sabe dizer o nome de alguma língua indígena?". Minivamp disse que não. Murilo: "Está aí um bom assunto para gente conversar na terça-feira". Baixinha mexendo no celular falou: "Deixa para semana que vem, porque a bateria do meu celular está uma" [fez um gesto com as mãos].

**C.O. Murilo:** Ela estava procurando no celular tal informação, como já fez em outras rodas, com outros assuntos.

**C.O. Cuco:** Podemos trazer algum indígena que está na UFSCar para contar e falar sobre sua língua original (6).

Pastel e Trevor chegaram atrasados então um dos integrantes da Bateria explicou quem eles/as eram convidados que tocavam em um grupo da UFSCar. Murilo com ajuda dos/as participantes também explicaram para o pessoal da bateria quem eles/as era e o que faziam no projeto.

Após esta conversa, Flecha perguntou se alguém tinha alguma novidade para contar. Thiago levantou a mão e falou que tinha uma boa e outra ruim. Começou contando a ruim que era sobre seu bisavô que havia falecido no dia anterior. Minivamp comentou animado: "Vamos fazer então um minuto de silêncio, então. Murilo disse para que Minivamp tomasse cuidado por que poderia ser um assunto delicado para Thiago, mas que se fosse sério poderiam fazer.

Sobre a novidade boa, Thiago contou que estava melhorando da bronquite com tratamento da homeopatia. Comentou sobre a diferença com alopatia. Conversamos brevemente sobre diversos tipos de cura: homeopatia, alopatia, fitoterapia, floral, cura com plantas; Um dos convidados falou que na Rússia estavam testando tratamento com vírus que matavam as bactérias e Thiago também lembrou dos rituais de cura (7).

Como já eram 15h54, ou seja, 24 minutos a mais do que costumamos planejar para a roda de conversa, Murilo perguntou aos/às participantes se queriam continuar conversando ou fazer a brincadeira e preferiram ir para a atividade de integração, que seria Pásgoa, a mesma que Baixinha havia explicado. Durante a roda de conversa, o educador Flecha foi arrumando os materiais para realizar o jogo: baldes com água, mangueira, coletes e pedaços de papel crepom. Decidiram ir para a brincadeira (8).

## **PÁSGOA**

Flecha explicou com o auxílio de papel e caneta sobre o campo de jogo e algumas regras.

A brincadeira Pásgoa é um jogo competitivo entre dois times, cada qual com seu campo. Nas extremidades do campo há dois baldes cheios de água e no meio do campo dois baldes vazios. Cada jogador recebe uma caneca para coletar água do balde e um pedaço de papel crepom que pode ser guardado em qualquer lugar do corpo. Há dois objetivos no jogo: encher o balde do seu time com o máximo de água que conseguir (ao final será comparado com o balde do outro time) e manter o seu papel crepom seco (ao final se juntarão todos os papéis secos e a quantidade será comparada com a quantidade do outro time). A pessoa que for pega no campo adversário, deverá ir para a chuveirada onde uma outra pessoa dá um banho de mangueira por alguns segundos nesta outra pessoa. As pessoas tanto podem usar a água para encher seus baldes quanto para tentar molhar o papel crepom das pessoas do time adversário.

As pessoas da bateria não estavam preparadas para se molhar. Emprestamos camisetas para eles/as. Só não participaram duas convidadas e um convidado que estavam de calça jeans.

Pastel estava com a garganta inchada e por isso ficou na função da chuveirada. Ele mostrou que estava com a pulseira de atendimento do hospital onde foi atendido no dia anterior. Ao final do jogo, foram se lavar, pois no local da chuveirada, virou um lamaçal.

C.O. Murilo: Algumas crianças se divertiram bastante com o lamaçal, mas eu estava preocupado com os/as funcionários/as do clube e os/as associados/as (9).

## **MUSICALIZAÇÃO**

Após a brincadeira chamada Pásgoa, nos reunimos em roda para conversar sobre o que faríamos a seguir: musicalização e/ou bicicleta. Flecha sugeriu que todos participassem da musicalização. Georgy disse: "Trouxe a *bike* a toa". Flecha: "Ahh, mas pensa, você já veio de bicicleta!". Murilo disse: "Olha, mas é uma sugestão do Flecha. A questão é que não é toda semana que temos pessoas convidadas participando com a gente. Aí, eles se apresentam vários lugares da cidade, outras cidades, outros países, mas,

já que vieram até aqui, poderiam aproveitar esse momento. Ou se quiserem muito fazer *bike*, aí conversamos, vemos se tem um grupo que quer fazer bicicleta e aí a gente divide o grupo. É outra sugestão". Georgy: "A minha amiga [apontando para Violeta] queria muito andar de *bike* faz tempo [Faz duas semanas, Violeta o corrigiu], aí quem quer ver a apresentação vai ver, e quem quiser ir na *bike*, vai na *bike*".

Iris: "Grilo [apelido de Murilo], depois se der, a gente pode tocar pra eles?". Minivamp disse: "É, a gente toca a flauta, eu pego a flauta que eu aprendi com você mesmo. A flauta que eu aprendi com o professor, mêmô". Murilo: "Se eles aceitarem...".

Tatagiba: "Tipo assim, pode quem quiser andar de bicicleta ir e aí eles tocar pra gente." Murilo: "Enquanto está de bicicleta? [Algumas risadas] Acho que pode ser também...". "Dá pra ouvir enquanto anda, será?" uma convidada perguntou.

"Como é esse passeio de bicicleta?" outra convidada perguntou. Georgy contou que brincam de polícia e ladrão e corrida maluca. Minivamp contou que anda dentro do clube, "faz corrida mesmo, Zum!!!" [fazendo um gesto veloz com a mão]. Baixinha falou que aprendem a se proteger e a andar na rua. Murilo ressaltou que Baixinha era uma das mais antigas no projeto e perguntou se ela já havia feito algum passeio de bicicleta. Baixinha: "Já, a gente já foi até na USP 2. Aí não lembro quem que é, que estava com a gente, que ensinou a usar os sinais pra parar, virar, e tudo mais".. Tatagiba: como a Iris falou da USP 2, a minha mãe trabalhava...".

O educador Flecha retomou o assunto: "Como ficou então pessoal? A gente pode pegar a bicicleta, vem aqui e assiste a apresentação, ou todo mundo vem e participa da apresentação e da atividade que vamos fazer depois, ou a gente divide". Um convidado diz: "Flecha, e se a gente fizesse uma apresentação na piscina com a bicicleta?". Diversas pessoas fazem vários comentários positivos em relação a ideia. Iris: "Vem quinta-feira, ce nada". Flecha: "Quem quer ir na bicicleta? Levanta a mão". Georgy sugere que quem quiser ficar na bicicleta ficar, mas poder parar para ver a apresentação. Uma convidada deu uma ideia: "e se vocês assistirem a apresentação que é muito legal, vocês vão super gostar, aí depois divide, quem quiser ir pro ciclismo, vai e quem quiser ficar no ensino da música, fica. Mas pelo menos para a hora da apresentação, todo mundo vai poder assistir". Iris diz: "Eu gostei da ideia dela". Minivamp: "Beleza, eu topo!". Flecha: "Pessoal da bicicleta topa?". "Sim!", disseram várias pessoas. Minivamp e convidada

conversaram sobre como a ideia da piscina era melhor. Flecha: "Então vamos lá... vocês podem ficar onde quiserem". Minivamp: "Vamos lá então!" (10).

Pessoal da Bateria pegou os instrumentos e começaram a se ajeitar e pegar as baquetas. Havia treze pessoas com dois repeniques, dois agogôs, duas caixas, três surdos de tamanhos diferentes, dois tamborins e dois ganzás. Fizeram um semicírculo na área coberta da lanchonete (11).

O repenique começou a tocar e os outros instrumentistas "responderam", como numa chamada, avisando que iriam começar. A participante Iris comentou: "óhhh que legal, hein?".

Um convidado: "Quem sabe sambar, pode dar uma sambadinha", a participante Iris já começou a dançar. Quando começaram a tocar "pra valer", Iris, Georgy, Violeta, Aparecida, Juliana, Tatagiba, ficaram ao lado da bateria e começaram a dançar. Faziam passos de samba, de funk, pulos, Macarena, entre outros, e respondiam às convenções feitas pela bateria. Depois de decorridos aproximadamente 8 minutos de apresentação, fizeram uma música em que era para que todos/as ficassem abaixados. Neste momento, chamaram as pessoas que estavam dançando para ir no centro do círculo para dançar, onde permaneceram até o final da primeira parte da apresentação.

Pastel e Trevor iam próximo a bateria e depois saiam de perto, iam até o educador Cuco que estava mais distante. Às vezes colocavam as mãos tapando o ouvido e comentando que iam ficar surdos. Alguns momentos Pastel ficou olhando as pessoas dançarem e até arriscou dançar também. Pietro também entrou na roda de dança em alguns momentos.

Adriano perguntou para Murilo durante a apresentação se ele conseguia tocar tudo aquilo que eles estavam tocando. Murilo disse que teria que ensaiar com eles para aprender os sinais, as convenções e aprender alguns toques. Mas que sentia que conseguia sim. Adriano comentou que eram muito bons, muito sincronizados.

**C.O. Cuco:** Durante a apresentação um integrante da Bateria puxou algumas convenções de maneira performática.

Alguns toques da bateria tinham um canto como "Ee federal eooo, federal eooo", ou algumas coreografias onde os/as participantes também imitavam a bateria.

Outros participantes como Thiago dançaram enquanto assistiam a apresentação. Murilo ora fez fotos e filmagens, ora assistiu a apresentação, ora dançou.

Quando a primeira parte da apresentação terminou, os/as participantes e educadores bateram palmas. Iris gritou: "Parabéns, Federal!". Durante a apresentação, Baixinha comentou com Murilo: "Ahh eu tenho que ir pra Federal!".

Um dos convidados perguntou: "Agora vocês querem tocar um pouco os instrumentos?" Alguém respondeu: "Não, queremos ouvir de novo!!!".

Neste momento Georgy veio conversar com Murilo dizendo que queria ir para a bicicleta. Murilo pediu para que a Bateria esperasse. Murilo olhou para Cuco e perguntou se ele poderia acompanhar na bicicleta. Cuco disse que sim. Murilo pediu para que os/as participantes acompanhassem Cuco. Baixinha perguntou se não poderiam tocar também. Murilo disse que sim, e que, inclusive, poderiam pegar os instrumentos do projeto.

A Bateria voltou a tocar. Enquanto Aparecida, Samara, Tatagiba, Juliana, Georgy, Trevor e Thiago foram para a atividade de bicicleta (12).

A bateria tocou mais uns sete minutos e quando terminou, diversos instrumentistas perguntaram quem queria tocar o seu instrumento.

Pietro foi logo para o repinique (também chamado de repique), onde pegou a baqueta e tocou enquanto a convidada segurava o instrumento para ele, dizendo o ritmo que poderia fazer. Baixinha pegou o ganzá, Adriano ficou o tempo todo na caixa, Iris foi para o surdo depois caixa, Tatagiba foi para o agogô, Samara e Murilo o repinique, Pikachu a caixa, Iris o tamborim e agogô, Pastel o Surdo com Flecha.

Iris estava no agogô e chamou Murilo. Perguntou: "Que frase eu posso falar aqui?", se referindo ao modo como aprendemos um ritmo no encontro anterior. Murilo pediu para que ela tocasse. Ela acertava algumas vezes e errava outras. Murilo explicou para os instrumentistas do agogô que ele havia ensinado um ritmo dizendo para a rítmica do surdo "Eu gosto de mexerica", para ajudar também a lembrar quando estivessem em casa. "Olha só, você me deu uma ideia, porque as vezes temos dificuldade em passar um ritmo na bateria e isso pode ajudar" comentou o instrumentista. Murilo tentou criar alguma frase que encaixasse no que Iris estava tocando.

Alguns instrumentistas da bateria comentaram com Murilo sobre como vários dos/as participantes já estavam conseguindo tocar. Disseram inclusive que já estavam

tocando melhor que muitos que chegam para tocar na bateria. Murilo comentou sobre Trevor que disse já ter experiência com bateria (13).

Baixinha veio perguntar para Murilo se poderiam pegar nossos instrumentos para tocar para eles. Murilo disse que sim. Murilo, Baixinha e outro convidado que tocava repique foram até a sala de materiais. Na volta, Murilo perguntou sobre o que poderiam fazer para melhorar o som dos instrumentos, e o convidado do surdo (de terceira) disse que se esticasse a pele (afinasse) já melhoraria bastante.

**C.O. Murilo:** Acho que Baixinha queria mostrar o que nós estávamos aprendendo. Eu fiquei em "cima do muro", pois não queria parar o que estavam fazendo, cada qual sendo ajudado por uma pessoa, para que tocássemos. Mas poderia ter sido interessante se tocássemos juntos, ou se ensinássemos o que estávamos aprendendo para que o pessoal da bateria tocasse junto com a gente.

Dois funcionários do clube estavam recolhendo cadeiras do espaço e perguntaram para Murilo se não atrapalharia a atividade se tirasse as cadeiras da roda que estava montada ao lado da lanchonete. Murilo disse que não. Cuco trouxe cadeiras da Sala de Materiais para refazer a roda da lanchonete. O funcionário comentou que tem um pandeiro em casa (14).

Alguns instrumentos estavam no chão ou nas mesas. As pessoas passavam e começavam a tocar, ou conversavam com os/as integrantes da bateria para tocar. Pastel, Trevor e Pietro tocaram estes instrumentos sozinhos e fizeram alguns ritmos aprendendo entre si, acompanhando o que outras pessoas estavam fazendo. Este momento de experimentação durou 33 minutos aproximadamente (15).

## **BICICLETA**

Georgy e Juliana trouxeram suas bicicletas, conforme perguntaram a Cuco em outro dia. Juliana disse que era bem melhor para não precisar disputar com outras pessoas. Participaram da bicicleta: Aparecida, Samara, Tatagiba, Juliana, Georgy, Trevor e Thiago.

**C.O. Cuco:** Como não teve ninguém que fica responsável pela bicicleta, foi um dia como o que a gente já estava fazendo, sem atividades direcionadas.



Brincaram de Polícia e Ladrão e Corrida maluca. Tatagiba em pouco tempo deixou a bicicleta e foi para a música. Samara parou um pouco antes e foi para o parquinho.

Enquanto a bateria estava tocando, as pessoas que estavam na bicicleta foram para o parquinho que estava com grandes poças de água decorrentes da chuva do dia anterior.

Pikachu estava enrolando as correntes de um dos brinquedos do parquinho.

**C.O. Cuco:** Era uma brincadeira perigosa, mas esqueci de comentar isso com Pikachu e relembrar na roda final (16).

## **RODA FINAL**

Na roda final, Iris comentou: "Eu toquei tamborim e como é que é o nome mesmo? E o agogô. Foi o que eu achei melhor". A convidada que tocava agogô comentou algo animada. Os convidados comentaram que ela conseguiu tocar o ritmo "carreteiro" no tamborim. Iris: "Acho que eu mandei bem. Tambor não deu certo, eu sou meio baixa".

Tatagiba perguntou para uma convidada que a acompanhou no agogô "Qual que é o que eu toquei? Eu achei esse muito, muito legal, porque eu acho que eu me dei bem". Pietro: "Como chama o que eu toquei". "Repique", responderam. "Você gostou de tocar?" perguntou a convidada da Bateria da UFSCar que fez o repique. "Gostei!". "E ele tocou junto comigo também" Trevor disse. Minivamp: "Eu gostei de tocar a caixa daqui do projeto mesmo porque ela faz o barulho igual do projeto da caixa da apresentação, prrrrrrrrr". Flecha: "Eu não entendi". Minivamp: "Sabe o instrumento caixa? Aqui do projeto ele faz um som mais longo daí é que nem lá da escola quando tava tocando na apresentação". Adriano: "Eu aprendi um pouco mais da caixa". Convidado da caixa disse: "Ele aprendeu a fazer partido alto e *pracatum*". Flecha: "Nem eu sei fazer isso". Flecha: "Ele foi aprovado?". Comentaram: "Opa", "Já pode começar já" e "Tá melhor que nós" (17).

Thiago contou uma piada dizendo que tinha uma novidade meio ruim: "Ele queria ser advogado mas não conseguia estudar direito". Murilo não sabia que era uma piada e disse que ele teria tempo para conseguir estudar. Thiago contou que era uma piada.

Alguém fez um comentário negativo sobre a piada e a convidada que toca repique disse para Thiago: "Eu gostei da piada, eu te achei muito inteligente" (18).

Aparecida comentou que havia caído da bicicleta umas vezes, mostrando alguns machucados que havia adquirido.

C.O. Cuco: Quando ela entregou a bicicleta, ela não tinha falado nada.

Minivamp contou que um colega de sua sala levou um tombo e Flecha relembrou um dos tombos que ele levou durante o jogo Pásgoa. A turma comentou sobre os tombos de Flecha.

Minivamp: "Se você soubesse o que eu fiz ontem que está doendo até hoje... Eu tive treino de boxe e fiz 110 abdominais". Conversaram sobre exercícios (19).

A participante Samara perguntou quando que iríamos na piscina. Murilo disse que na última quinta-feira do mês. Ela respondeu "Nossa professor, vai demorar". Murilo disse que a última quinta-feira do mês era na próxima semana. "Ahh, então tá bom", ela respondeu.

Tatagiba perguntou se poderia levar o agogô. Flecha explicou que a Bateria usava os instrumentos em tudo que faziam: ensaio, apresentação, etc. mas que era possível aprender, pois o projeto tem instrumentos parecidos. Trevor perguntou: "Então porque você tocou?". Flecha explicou que ele faz parte da Bateria da UFSCar (20).

Minivamp disse: "Eu quero aprender a tocar violão", e foi seguido por Pietro, e mais umas duas pessoas que também repetiram que queriam tocar violão. Thiago disse: "eu não!" (21).

Depois Flecha conduziu o momento para escolha da atividade de integração da próxima quinta-feira. Reuniu as sugestões, mediou a argumentação e escolha. Brincadeira escolhida foi "Queimada Quatro Campos" explicada pela convidada na roda de apresentação. Na roda final, Iris sugeriu pega-pega flor. Murilo entrevistou dizendo que queimada quatro campos e pega-pega flor eram duas que nunca haviam jogado no projeto (22).

Depois de escolhida, a convidada agradeceu o dia em nome da bateria, que gostaram de brincar e aproveitaram muito. Violeta disse: "Eu quero agradecer por você ter vindo!". E enquanto isso, Aparecida saiu da roda e foi passando por fora falando no ouvido de cada pessoa do projeto: "Vamos gritar 'UFSCar', só os alunos" (23).

Iris desafiou que ao final todos/as fizessem uma dança que haviam ensaiado com alguns participantes pouco antes da apresentação. Segundo o participante Thiago a dança era de um comercial de Ovomaltine.

**C.O. Murilo:** Aparentemente a dança ficou famosa pela banda BTS, da Coréia do Sul. Estilo conhecido como K-Pop, sendo o K de *Korea* (em inglês).

Quase todos/as os/as participantes da bateria fizeram, ensinado por Iris e Violeta (24).

Depois Murilo pediu para que quem fosse na van, pegasse o lanche e comesse só em casa, pois já havia passado 4 minutos do horário da van.

Antes de dispersar, o convidado que tocava surdo (de terceira) pediu para que todos/as colocassem as mãos no centro e cantassem um "grito de guerra" da Bateria UFSCar (Au, au, au, Bateria Federal) (25).

## Diário de Campo IV

**Data:** 27/03/2018 (terça-feira)

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes [6]:** Murilo, Cuco, Brasileiro, Téo, Rogério e Dexter

**Relator:** Murilo e Rogério

### INFORMES

- Téo veio ao Clube do Sindicato dos Metalúrgicos no período da tarde para fazer a manutenção das bicicletas junto ao educador Brasileiro;

### VAN

O dia estava ensolarado. O educador Murilo foi até a Estação Comunitária para acompanhar os/as participantes no transporte até o Clube do Sindicato. Durante o trajeto, a participante Baixinha disse que ouviu uma música que poderiam tocar juntos. Ela pegou o celular e colocou para a música "Jax Jones - Instruction ft. Demi Lovato, Stefflon Don" para tocar.



Ouviram juntos a música e Murilo, espantado, disse que tinha planejado ensinar uma convenção muito parecida com a que era feita no início da música apresentada. Continuaram conversando sobre músicas e Baixinha colocou outra música para tocar, dizendo que também poderiam tocar: "É a música do filme Rio, aquele desenho". Murilo

não conhecia, mas perguntou: "É do Barbatuques?" "Sim, chama Você Chegou". Murilo disse que tinha uma música bem parecida deles que chama Baianá, música muito boa (1).

## **CHEGADA E RODA INICIAL**

A van chegou às 14h08 no Clube. Os educadores Brasileiro e Rogério que já haviam organizado uma roda de cadeiras ao lado da lanchonete, onde os/as participantes foram chegando e se sentando (2).

O educador Rogério perguntou quais eram as novidades do dia. Thiago contou que estava com dor de cabeça pois havia comido muito doce na aula de culinária na escola. O educador perguntou quais pessoas, tirando o Thiago, já haviam tido aula de culinária na escola e algumas contaram as comidas que já tinham feito na escola (3).

Após esta conversa, o educador Murilo lembrou um tema discutido na semana passada sobre línguas indígenas, e perguntou para todos quem havia pesquisado alguma coisa a respeito disso. Iris disse que pesquisou mas esqueceu de trazer a pesquisa. Para ajudar na discussão Baixinha pesquisou no momento da roda com auxílio do celular algumas questões indígenas que foram discutidas na roda. Murilo comentou sobre a pesquisa que fez na qual descobriu que haviam mais de 274 línguas indígenas atualmente no Brasil (4).

Thiago comentou que o Dia da Mentira (1º de Abril) iria coincidir com o dia da Páscoa. Ao ser perguntado pelo educador Cuco sobre o significado de tais dias, Thiago contou que os ovos de Páscoa simbolizam a fertilidade. Como o assunto estava em Páscoa, Violeta convidou todos para assistirem uma apresentação no qual ela iria participar no domingo seguinte, no ginásio de esportes do Santa Felícia sobre a ressurreição de Cristo às 19 horas.

Iris disse que os ovos de Páscoa estão muito caros e com o dinheiro dava para comprar várias outras coisas. Ela também contou que viu uma cena que a deixou muito triste pois viu um homem comendo comida do lixo, e acrescentou que seu cachorro come melhor do que muita gente. O educador Rogério contou que viu um vídeo de um restaurante que vendia restos de comida de outras pessoas. Assim que Rogério contou isso algumas crianças e adolescentes que moram no bairro Santa Felícia contaram de casos em que compraram carnes em um mercado específico e estava estragadas, verdes

e/ou com larvas.

C.O. Dexter: Achei chocante os comentários feitos pelos participantes a respeito de carnes e comidas estragadas do tal supermercado(5).

## **QUEIMADA**

Ainda em roda, o educador Rogério perguntou se sabiam jogar queimada e a maioria disse que sim. As pessoas que não se manifestaram foram questionadas pelos colegas próximos e ou estavam distraídas ou não se lembravam do jogo pelo nome. Todos/as já conheciam o jogo. A decisão de qual espaço jogar foi rápida pois muita gente se manifestou para jogar na quadra. Dividiram o time e foram para a quadra (6).

C.O. Dexter: Achei que o jogo foi bastante emocionante pelo fato de os participantes tentarem criar estratégias e também os educadores tentarem estimular a competição. Notei também que no momento em que Murilo foi para o "morto" as crianças menores começaram a participar mais devido a animação do educador citado (7).

Após beberem água o educador Dexter disse que quem tivesse interesse em ir para bicicleta acompanhasse o educador Rogério e quem tivesse interesse em ir para a música, acompanhasse o educador Murilo.

## **BICICLETA**

Assim que a brincadeira acabou o educador Rogério levou os participantes do ciclismo para frente da Sala de Materiais para falar um pouco de mecânica de bicicleta. Rogério ensinou como retirar o pneu da bicicleta e separar o pneu da câmara de ar e então a como fazer um remendo. Após finalizar a primeira parte o educador entregou as bicicletas e capacetes para todos e foram pedalar um pouco pelo Clube.

Próximo ao horário planejado para guardar as bicicletas, Rogério passou avisando os/as participantes para que levassem a bicicleta até a Sala de Materiais, para que guardassem os capacetes e fossem para a roda final (8).

## **MUSICALIZAÇÃO**

**Participantes da musicalização [6+3]:** Baixinha, Adriano, Julia, Iris, Pietro, Minivamp, educadores Dexter, Cuco e Murilo.

Durante a atividade de Queimada, Murilo foi até a Sala de Materiais levou o amplificador de som, computador, câmera digital e cabos. Ao final da atividade, Murilo pediu ajuda dos/das participantes que demonstraram interesse na musicalização (Baixinha, Adriano, Julia, Iris, Pietro, Minivamp, e os educadores Dexter, Cuco e Murilo) para que levassem os instrumentos (3 caixas e 3 surdos) e baquetas para a lanchonete. Murilo pediu para que deixassem os instrumentos de lado e fizessem um semicírculo com as cadeiras para que pudessem conversar. Posicionou a câmera e começou a gravar enquanto as pessoas se acomodavam (9).

Murilo explicou sobre a gravação, lembrando de educadores/as que fizeram pesquisas como Rodrigo, Eiri e que estavam fazendo no momento, como Cuco. Baixinha disse que era para fazer trabalhos da faculdade. Minivamp disse que era para ver o que foi legal e o que poderia melhorar. Perguntou para cada pessoa se poderia gravar e responderam que sim. Murilo complementou que era para estudar o que faziam ali, e compartilhar com pessoas de outros lugares podendo ajudar o grupo ou aprender com a experiência dele (10).

Murilo disse: "Na semana passada, a gente começou fazendo uma brincadeira de andar conforme o ritmo da música e vamos começar de novo fazendo isso. Vocês podem conhecer ou não as músicas. Por causa da semana passada eu baixei umas músicas novas, então, Julia, fala um número de 1 a 4". Ela escolheu "4" - Vibrações do Jacob do Bandolim. Murilo perguntou que instrumentos estavam tocando. Minivamp: Violão; Iris: Cavaquinho; Adriano: Chocalho; Murilo: "Parece ser um chocalho ou as platinelas de um pandeiro". Próximo número? "2": Dr. Nick do Project Trio. Iris: é aquela da flauta não é? Murilo: "Sim, tem um cara tocando flauta e ele faz *beat box* ao mesmo tempo". Pietro: "Tambor!". Murilo: "Ele tá fazendo com o som de tambor com a boca, acredita?". Murilo pediu para Adriano a próxima música: "1" Deixa meu cabelo em paz do Farufyno. Depois pediram a número "3": Festa no Gueto de Rincon Sapiência. A cada música, Minivamp e Pietro tentavam adivinhar os instrumentos que haviam nas músicas tocadas. Durante a música do Rincon Sapiência, o educador Murilo pediu para que eles "pensassem mais no passo".

**C.O. Murilo:** Minivamp e Pietro estavam preocupados em acertar os instrumentos e acabavam se esquecendo de marcar o pulso da música com o andar (11).

Murilo parou a música e disse que haviam duas músicas que ele queria mostrar. Enquanto isso, Minivamp se aproximou do surdo e pegou a baqueta. Murilo pediu para que ele não tocasse, e ele disse: "Só um pouquinho..." e começou a tocar. Pietro também foi tocar. Iris interviu enfaticamente dizendo: "Pietro, tira a mão... Minivamp, tira a mão!" (12).

Murilo pôs para tocar a música dos Bro Mc's, um grupo de Rap composto por Bruno Veron, Clemerson Batista, Kelvin Peixoto e Charlie Peixoto, todos Guarani Kaiowá, cantando músicas em Guarani e Português. Num primeiro momento, Murilo pediu para que andassem conforme a música. Na sequência, pediu para que tentassem entender o que eles estavam falando. Minivamp deu um palpite sobre alguma palavra que ele achou ter identificado. Algumas pessoas foram a frente do computador onde havia um video clipe passando com a janela bem pequena. Quando Murilo perguntou que língua que era, Adriano e Baixinha responderam: "É o rap indígena!" e outra pessoa respondeu: "É espanhol!", e ainda: "É indiano".

**C.O. Murilo:** Acredito que ao falar "indiano" a pessoa quis se referir aos indígenas. E acredito que tenham tido facilidade para responder pois eu havia comentado na roda inicial algo do tipo: "Vocês sabiam que existe até rap indígena?".

Murilo disse: "Esse é o grupo MC Bro's, que cantam em português e na língua deles".

**C.O. Murilo:** Faltou ter procurado mais informações sobre este grupo específico, de onde são, que língua falavam, etc.

A outra música que Murilo colocou foi um samba-reggae do Ilê Aiyê chamado Que Bloco é Esse (13). Neste momento, os/as outros/as participantes que estavam na bicicleta chegaram na lanchonete. Murilo perguntou o que aconteceu e eles disseram que o professor tinha pedido para ir pra lá. Reinaldo e Batman interagiram com a câmera fazendo poses e dançando. Os/as participantes cruzaram o espaço e depois o educador Rogério falou para irem até o bebedouro situado fora do espaço da lanchonete. Pastel ou Trevor, de camiseta vermelha, ao correr para o bebedouro, disse, virando-se para onde estavam os/as participantes da música: "Adeus, Zé Mané!" (14).



Murilo disse que este era o ritmo que iriam tocar e por isso gostaria de colocar para ouvirem uma segunda vez. Murilo organizou uma fila com as pessoas viradas para o mesmo lado, e disse: "O que a gente vai precisar fazer nessa música, é todo mundo gingar junto, assim ó!". Na segunda vez que fez, os/as participantes acompanharam. Julia e Pietro estavam tendo mais dificuldades. Murilo fez os passos de frente para eles/as, como se fosse um espelho, indo para o mesmo lado. Então Murilo disse que imaginassem que estavam tocando. Minivamp começou a perder o ritmo, mas imitar o ritmo da caixa de forma bem aproximada. Baixinha falou para Minivamp que ele estava errado. Murilo foi até Pietro para ajudá-lo. Num primeiro momento só gingou na frente dele. Depois deu a mão para Pietro e foi dando indicações de que pernas usar.

**C.O. Murilo:** Talvez fique mais fácil dizer "abriu, fechou, abriu, fechou" do que "direita, esquerda, esquerda, direita".

Ao mesmo tempo, Julia começou a ter dificuldades e Iris começou a ajudá-la. Iris também ficou de frente Julia e pegou em suas mãos. Depois fez com que Julia pisasse em seus pés e fizeram os movimentos junto (15).

Murilo pediu para que cada um/a pegasse um par de baquetas. Faltou uma baqueta para Cuco, mas ele disse que tudo bem, que não iria tocar. Murilo pegou três banquetas e disse para ficarem duas pessoas por banqueta. Murilo pegou uma cadeira para Pietro e Julia que são mais baixos (16). Enquanto isso, Minivamp ficou tocando e Iris disse exaltada para ele: "Para de tocar!" (17).

Baixinha levantou a mão e perguntou: "Lembra a música que eu te mostrei?". Murilo respondeu: "Sim, podemos gingar nela e eu vou ensinar a entrada dela hoje, pode ser?". Baixinha respondeu que sim (18).

Murilo disse em voz alta quem havia tocado qual instrumento. Baixinha estava na caixa e Iris estava no surdo. No dia que o grupo da Bateria UFSCar veio, Adriano ficou a todo momento com a caixa. Murilo disse que achava que ele queria a caixa, e Adriano confirmou. Minivamp também disse imediatamente que queria a caixa. Murilo perguntou para Julia e Pietro qual instrumento eles gostariam de tocar: caixa ou surdo. Murilo ia começar a explicar sobre os instrumentos, para que pudessem escolher, mas mudou de ideia dizendo que mostraria depois quando fossem tocá-los (19).

Murilo ensinou o jeito de pegar a baqueta, primeiro fazendo uma pinça, apoiando os outros dedos e virando a costas da mão para cima. Murilo foi até Julia e a ajudou. Também perguntou para ela se ela preferia a baqueta menor (baqueta de berimbau) ou a que ela estava segurando. Ela escolheu a baqueta de caixa mesmo (20).

Murilo foi dando as instruções e fazendo a contagem para tocarem juntos. Enquanto isso, Pietro, Minivamp e Julia estavam tocando.

**C.O. Murilo:** explorando musicalmente, conhecendo o instrumento, vendo o que poderiam e conseguiam fazer.

Murilo pediu silêncio para começarem a tocar juntos. Murilo: "quatro com a mão direita e quatro com a mão esquerda". Murilo mostrou para Julia e Pietro qual era a mão direita dele/a. Murilo: "Agora quatro com a mão esquerda e quatro com a mão direita". O educador Dexter pediu silêncio pois estava tentando ouvir as instruções. Depois duas com cada mão, e por fim, mãos alternadas, onde cada toque foi feito articulando cada sílaba: AL-TER-NA-DA.

Murilo pediu para Minivamp trocar de lugar com Julia, assim, Murilo ficou de frente com Julia, Minivamp com Pietro e as outras duplas continuaram as mesmas, sendo elas Adriano e Iris, educador Dexter e Baixinha (21).

Murilo propôs que repetissem bastante e ele fazia gestos indicando com que intensidade deveriam tocar: quanto mais elevada a mão, mais forte, quanto mais baixa, mais fraco.

**C.O. Murilo:** Olhando os vídeos deu para perceber que quando era para tocar mais forte, Baixinha, Iris e às vezes Adriano tocavam mais rápido. É algo recorrente não só neste espaço, tantos com iniciantes quanto mais avançados (22).

Enquanto isso, o educador Cuco escrevia em seu caderno.

Murilo propôs que fizessem a "dancinha" (ginga) começando para a direita. Fizeram uma vez. Minivamp ficou bastante descontraído e Julia estava olhando para ele para fazer e acabava se confundindo. Murilo pediu para Pietro, Iris e Baixinha ficarem em fila, e fingissem que estavam tocando, assim todos/as fariam para o mesmo lado.

Murilo fez a contagem e começaram. Murilo: "Quem estiver errado, tenta se acertar... Minivamp! Pietro! Direita, esquerda, direita, esquerda...".

**C.O. Murilo:** Minivamp estava prestando atenção em outra coisa (23).

Enquanto Murilo foi ajeitar as cadeiras para pegarem os instrumentos, Iris foi até Julia e a instruiu novamente sobre como dar os passos e tocar. Iris colocou Julia pisando em seus pés e segurando suas mãos com a baqueta, fez a dança e tocou (24).

Adriano, Baixinha e Minivamp ficaram nas caixas. Murilo anunciou quais eram os surdos, trazendo-os para o grupo. Julia disse: "Eu sou surda!". Murilo colocou os surdos e pediu para que Iris fosse tocar o surdo de chão. Murilo também pediu para Dexter ficar no surdo junto a Julia.

**C.O. Murilo:** Pensando no que Iris já tocava, era importante ela ficar com o surdo mais grave, e os mais agudos ficariam com Pietro e Julia, pois eram mais fáceis (fazendo um toque nos tempos 1 e 3) (25).

Murilo passou o ritmo primeiro para Dexter, Pietro e Julia, tocando e levantando as mãos nas pausas. Depois passou o que Iris tocava, sendo que ela já havia praticado nas semanas anteriores. Murilo voltou a Pietro, Julia e Dexter e disse para prestarem atenção no Dexter. Também tocou indicando os tempos em que deveriam tocar (1 e 3).

Depois Murilo foi até Adriano e mostrou o que ele tocava.



Pietro comentou: "Naquela hora eu si perdi!". Murilo: "Tudo bem!". Tatagiba chegou no local e ficou olhando o grupo (26).

Neste momento, Reinaldo estava andando de bicicleta na frente da lanchonete e caiu. Iris anunciou ao grupo e Murilo perguntou se estava tudo bem. Murilo perguntou se Cuco poderia verificar. Iris disse: "Também, foi derrapar ali...". Murilo: "Às vezes foi sem querer, né? Ou ele quis derrapar?". Iris: "Acho que ele quis mesmo, porque ele freiou com tudo". Baixinha disse exaltada para Minivamp: "Para de tocar!" (27).

Murilo retomou o que estavam fazendo dizendo para que Pietro e Julia tocassem nos tempos 1 e 3 e Iris tocava o "Eu gosto de mexerica". Iris disse: "Ahh, eu já aprendi!" (28).

Murilo fez a contagem e tocaram. Enquanto isso, ensinou o ritmo da caixa para Minivamp e Baixinha:



Ficaram tocando. Quando desencontrou muito, Murilo parou e recomeçou. Na segunda vez, Iris foi até Julia e Pietro e tirando uma de suas baquetas disse: "Ó, pra ficar mais fácil" (29).

Murilo disse: "Vou ensinar uma coisa.. vocês lembram do 'pediu pra parar parou?' vou fazer aqui, ó e vocês respondem sem os instrumentos, só falando". Fez diversas vezes, variando o andamento (velocidade). Depois tocaram no instrumento, também variando o andamento. Murilo: "Então beleza... Esse é um ritmo e o outro é assim [demonstrou tocando na caixa que estava com Adriano].

**C.O. Murilo:** Esta pode ser uma proposta de "aquecimento", algo para iniciar o dia na musicalização.



Murilo fez algumas vezes, e estava desencontrado. Tentou num primeiro momento só falando "Bum bum" e exagerando com os gestos (ora com as mãos, ora com o quadril).

**C.O. Murilo:** Caminho para ensinar algo: perceber (ouvir, ver, sentir), movimentar, falar, tocar.. fazer cada etapa várias vezes

Murilo propôs que levantassem. Iris: "Por que você não toca no instrumento? fica mais fácil!". Murilo: "A gente precisa falar.. quando conseguir, de qualquer jeito vai dar certo!".

Repetiu algumas vezes. Pietro achou divertido. Iris tentou fazer a dança que aprendeu (referente ao Diário de Campo III quando ela ensina a dança para a Bateria). Em uma das vezes, Murilo disse: "Vamos de novo, o Minivamp perdeu". Os/as participantes se mexiam e falavam "bum-bum". Depois tocaram no instrumento.

**C.O. Murilo:** Foi bastante perceptível para mim a facilidade com que fizeram o toque depois de terem feito o ritmo corporalmente.

Murilo parabenizou Adriano e disse: "aee!", "lindo!", "que delícia ouvir isso!" conforme foram acertando. Minivamp e Adriano estavam batendo uma baqueta na outra enquanto Murilo fazia o ritmo. Na última vez que fizeram, Murilo pulou de alegria, dizendo: "Ahhh muleque!! muito beem!" enquanto passava e cumprimentava cada pessoa. "Ficou bonito, vocês não acharam bonito?"

**C.O. Murilo:** Ideia de exercício: Fazer esta rítmica com diferentes andamentos e intensidades para que os/as participantes repitam. Como um "siga o mestre!".

**C.O. Murilo:** Só percebi pelo vídeo que Minivamp tocou por bastante tempo segurando a baqueta de uma maneira diferente. Lembrar de prestar mais atenção (30).

Murilo propôs que fizessem a convenção e começassem o ritmo. Mostrou o que cada um faria após a convenção. Fez a contagem, tocaram e depois Murilo contou fazendo o gesto para parar. Ele disse: "Gente, dahora! O que vocês acharam?". "Legal" [Não foi possível identificar quem falou, mas foram mais de três]. Iris disse: "Vamo apresenta pra plateia?". Reinaldo entrou no espaço. Minivamp comenta: "Falei pra você vir pra música..." (31).

Murilo propôs que todos/as se levantassem e tocassem tentando gingar. Murilo disse: "Reinaldo, chega aí, só que não distrai muito o Minivamp, porque ele já estava olhando para você e perdendo o ritmo". Minivamp disse: "Por causa do machucado que ele fez ali". Murilo: "Você tá bem, Reinaldo? Tá vivão? Agora quando a gente for começar a tocar, vocês fazem só a dança [gingaram]. Agora tocando [tocaram e gingaram]" (32).

Murilo pediu as baquetas. Dexter colocou uma baqueta "de pé", apoiada na pele da caixa (instrumento musical) e disse que dava pra fazer um barulho diferente.

**C.O. Murilo:** Imagino que da mesma forma como tira som em uma cuíca. Murilo sugeriu que ele molhasse os dedos e tentasse. Depois de um tempo, tirou o som que desejava. Minivamp, Julia e Adriano ficaram observando Murilo e Dexter conversando (33).

Murilo pediu ajuda para levarem cadeiras para a roda. Pastel o ajudou. Baixinha e Adriano se ajudaram para levar os instrumentos para a Sala de Materiais. No caminho do bebedouro, Adriano comentou com Murilo de como era difícil gingar e tocar ao mesmo tempo. Murilo disse que era difícil mesmo, mas que depois de conseguir, os outros

ritmos, viradas e convenções ficariam mais fáceis de tocar, pois poderiam associar com os movimentos.

**C.O. Murilo:** Revendo os vídeos percebo que talvez seja necessário se delongar mais em algumas etapas. Na hora de passar um ritmo parece tanto tempo, mas ao ver a gravação, vejo que é pouco. Para fixar um ritmo ou um passo, é necessário mais repetição. E acho que posso dar menos explicação sobre as coisas ou pelo menos, reduzir a comunicação verbal. Talvez seja melhor focar na demonstração, apreciação e prática do conteúdo musical que se pretende ensinar (34).

**C.O. Murilo:** Percebo que Minivamp é extremamente inteligente. Entende as coisas muito rápido e com a mesma velocidade se desinteressa por elas. Além disso, é bastante falante e agitado. Ainda não sei como ajudá-lo e ajudá-lo a não atrapalhar outros/as participantes (35).

**C O. Dexter:** Notei que as pessoas mais velhas, aparentemente, conseguem pegar o ritmo mais rapidamente que mais novas (36).

## **RODA FINAL**

O educador Rogério perguntou para todos como foi o dia focando nos pontos positivos e negativos. Iris levantou a mão na roda final e disse: "Eu gostei de tocar. A gente tocou só que fez uma coisa nova que é do 'bum-bum'. É que quando ele toca uma batida, pra gente conseguir assimilar, a gente para um pouquinho e faz bumbum. Aí a gente tem que ficar tocando assim, que a gente tá aprendendo o samba-reggae. E não gostei que um dos gêmeos que falou tipo assim, enquanto a gente tava tocando, falaram: Vamos zé mané!" (37). Juliana falou que gostou da aula de ciclismo pois ela aprendeu como remendar o pneu da bicicleta, e também falou que gostou de descer de bicicleta de um morrinho do clube, perto da estátua do Cristo. Georgy comentou: "Fiquei com medo de subir o morrinho, mas valeu a pena ter esse medo". Georgy também disse que não gostou que durante a bicicleta, um dos colegas chamou ele de "bixinha" devido a cor da bicicleta que ele estava andando. Georgy problematizou a questão dizendo que cor não tem relação com seu gênero. Azul não é de menino e rosa não é de menina (38). Assim que todos falaram, os educadores repararam que já estava na hora da van passar e

perguntaram qual brincadeira eles gostariam de fazer na semana seguinte. Ficou decidido que os educadores trariam uma brincadeira nova para a turma (39).

### **VOLTA VAN**

Na volta da van, Pietro disse sorrindo: "Eu nunca mais vou na bicicleta!".

**C.O. Murilo:** Entendo como um ânimo para participar da música (40).

## Diário de Campo V

**Data:** 29/03/2018 (quinta-feira)

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes [4]:** Murilo, Téo, Flecha, Dexter

**Participantes Presentes [20]:** Minivamp, Reinaldo, Samara, Miguel, John, Pikachu, Tatagiba, Trevor, Pastel, Jonas, Pietro, Megablue, Baixinha, Juliana, Aparecida, Milena, Batman, Hulk, Georgy, Iris.

**Convidados [4]:** Utrede, Joel, Manoel e Menino Pankararu

**Relator:** Murilo

### CHEGADA

O dia amanheceu nublado e frio, mas durante o horário do almoço esquentou e até saiu um sol forte. Murilo foi de carro até a UFSCar onde havia combinado de buscar Utrede e seus colegas. Ao encontrar Utrede, Joel, Menino Pankararu e Manoel, Murilo avisou que seria um dia atípico no projeto, pois uma vez por mês todos/as entram piscina e que, caso quisessem, eles poderiam entrar também. Eles ficaram animados, mas alguns não tinham "roupa de banho". Passamos na casa de Menino Pankararu para pegar sua sunga. Murilo escreveu no grupo de whatsapp do VADL e o educador Xande disse que poderia disponibilizar duas sungas para os convidados. Fomos até sua casa buscá-las e então fomos ao Clube.

Ao chegar no Clube, os educadores mostraram o espaço para os convidados e os apresentaram para os/as quatro participantes que já haviam chegado e estavam no parquinho (1).

### RODA INICIAL

Os educadores ajeitaram as cadeiras em roda, ao lado da lanchonete e as pessoas foram chegando e se sentando. Téo iniciou a roda de conversa dizendo que, conforme haviam falado no encontro anterior, teriam alguns convidados participando no dia. Conduziu uma rodada de apresentação das crianças e adolescentes e depois disse aos convidados para que ficassem à vontade para dizer o que quisessem. Utrede explicou que poderiam responder as perguntas que os/as participantes tivessem (2). Iris chegou atrasada e disse bem alto: "Olha, o índio!". As crianças e adolescentes riram.

C.O. Murilo: Questão foi posteriormente problematizada por Manoel (3).



Foram aproximadamente duas horas de conversa na qual os/as participantes fizeram perguntas aos convidados. Menino Pankararu além de mostrar fotos e vídeos em seu *notebook*, cantou e tocou maraca (4). Segue trechos da conversa que aconteceu neste dia.

[...]

Durante a conversa, ficou difícil ouvir Menino Pankararu devido aos barulhos ao redor do Clube (pessoas, caminhões e motos). Murilo propôs que caso quisessem, assim como ele queria, poderiam se sentar no chão, mais próximo deles (5)





[...]

Em relação à música, Megablue disse: "Eu praticamente sou muito interessada por músicas. Lá na aldeia de vocês você tocam algum tipo de instrumento musical? Ou tocava quando vocês..."

Utred: Inclusive a gente vai apresentar uma dança chamada *Kapiaiuana*, na Semana Indígena que vai ter na UFSCar. Dia 25, estão convidados do dia 16 a 25. Vai ser muito interessante que vai ter, pra você que gosta de música, vai ter dança de Xavante, Pankararu, o nosso que é do Norte, do pessoal do Mato Grosso, e falando em música, a gente toca assim, tem vários instrumentos, e o mais famoso é o *Caisul* (6"40), que eu particularmente não sei soprar, mas meu pai era tipo o mestre nisso. Já ouviram falar em flauta sagrada que tem do Peru [Megablue: "É isso que eu ia perguntar!"], essas parada aí? É igualzinho isso aí. Você pega e sopra com a *dama* do lado, fileira".

Menino Pankararu: "A nossa é o *Buzio*". Joel: "*Waiamê*". Menino Pankararu continuou: "É um bambu, dois parceiros na frente e dois atrás com gancho, faz a apresentação, a gente vai estar na semana indígena e estão todos convidados". Murilo: "Vamos ver se a gente consegue se organizar para ir, né?". Dexter perguntou onde da UFSCar iria acontecer. Utred disse que iria passar a programação para Flecha e Brasileiro e eles poderiam passar para a turma.

Utred: "Voltando a esse negócio de música, a gente tem esse tal do *Mauak* que é feito de *Umbaúba*, uma árvore, tipo uma palmeira". Joel: "Mas é oco". Utred: "Você corta, faz um buraquinho e sopra, e também a flauta *Curupik*" [Menino Pankararu mostrou a imagem no computador, do *Búzio* e outras fotos] (6).

[...]

Georgy perguntou se ele sabia falar alguma palavra em inglês. Utred: "My name is Utred". Joel: "Do you speak english?". Georgy: "No". Manoel: "Agora vai ser ao contrário: eu quero propor a você a falar uma palavra na minha língua. O que você fez, a gente fazer. [...] É porque você mandou nós falar inglês sem saber se a gente fala inglês, eu estou te desafiando a isso aí. [...] É porque você não perguntou pra gente se a gente sabe falar inglês. Você já desafiou nós a falar inglês. E eu estou fazendo a mesma coisa com você". Georgy: "Então, que palavra?". "Bom dia". Manoel: "Não é só pra você, não estou falando por maldade, tipo nunca faça isso com as pessoas. Não pergunte o que elas não saibam antes de perguntar para elas se elas sabem, entendeu? Então 'bom dia' na nossa língua é *wakandi*" (7).

[...]

Murilo: "Eu queria perguntar das.. assim.. das músicas. É.. vocês aprenderam músicas lá e tudo mais. Mas quando vocês vieram para a cidade, ou vieram para cá, é, ou lá na aldeia mesmo, que música que vocês ouviam.. na rádio, e que vocês gostam. É... que música vocês gostam? Acho que essa é a pergunta". Manoel: "Vamos se dizer, música ocidental, assim?". Murilo: "Quando vocês estão em casa, o que gostam de ouvir?". Manoel: "Na verdade, é... vamos se dizer, música ocidental, assim? No momento estou escutando uma música do Léo Magalhães que se chama 'Oi', que é muito dahora. É uma sofrência, na verdade, e eu curto todos os dias, o pessoal até fica chateado porque eu escuto todos os dias...". Megablue: "É aquela 'toda a vez que você me disser oi, eu te responderei só oi'". Utred: "A minha história é meio louca. Como eu cresci na cidade, eu cresci junto com os meus amigos assim, a galera curtia muito *rock'n'roll*, sabe? Eu cresci com esses negócio de cabelo e não consigo ficar sem cabelo. Ai acho que desde os meus 6, 7 anos de idade já vim curtindo com a galera mais velha e até hoje gosto muito mesmo, conheço tudo essas banda de metal, vou pra show quando tem. Aqui praticamente eu realizo sonho. Fui pro show do Black Sabbath The End que eu nunca sonhei que eu ia no

show do Black Sabbath. Eu morava lá, bem longe assim, a gente ouve, mas se for pegar um estilo assim de metal, você vai pra Manaus, né? E é caro ir pra Manaus, a gente ficava curtindo só de loooonge. Por correio CD demorava uns 30 dias pra chegar, ou meses mesmo. Meu forte mesmo é o *rock'n'roll*, mas gosto de música eletrônica também. E estando aqui na universidade, você escuta de tudo, né cara? Eu vou pra rolê mesmo da Educa, a galera curte um funk, sabe? To no meio aí. To curtindo aí." Iris: "Vocês ouvem funk?". Utdred: "Cabei de falar que a gente escuta". Iris: "Qual a idade de vocês". Utdred disse 29 anos, Menino Pankararu 17, Joel 27. Joel: "É isso, eu gosto de brega, gosto de rock, de música clássica...". Megablue: "Raul Seixas, é... Milton Nascimento" . Baixinha: "O que estiver tocando eu estou escutando" (8).

[...]

Téo: "Eu queria saber de cada um o que vocês poderiam nos dizer sobre a cidade. Como vocês enxergam no sentido de falar pra gente prestar atenção em algumas coisas que poderia se mudar na cidade. Essas coisas, como o amigo trouxe, do ocidente, esse comportamento que a gente tem de pensar o carro, a casa, uma família sempre individual, a coisa do dinheiro. O que vocês poderiam falar, cada um sobre um ensino pra gente aqui".

Manoel: "Eu posso começar, bem, eu tive uma conversa um dia desses com meu primo, ele acabou de fazer um mestrado, a defesa dele foi muito interessante da qual eu participei e senti muito orgulho dele, onde ele falava conversa informal ele falava do que é a civilização, ele falou: 'O que é a civilização?'. Eu nunca tinha me tocado de que é civilização, e ele me falou bem assim ó, pra mim, em uma conversa informal de onde nós se dava exemplo de como se vive, como a gente tem a nossa rotina também. Ele falou bem assim pra mim, ó: 'Eu vim da minha comunidade e fui pra cidade, eu fui ver esse dito civilização, eu peguei um ônibus e rodei a cidade, eu desci, andei, dei uma hora de pernada e eu vi o que era a civilização... O que era civilização. Cara, eu não gostei da civilização. Porque tem gente sofrendo, eu vi muita poluição, eu vi rios poluídos, eu vi gente pedindo dinheiro na rua, eu vi portas se fechando porque eu não tenho dinheiro. O que é a civilização? Porque na minha comunidade eu vivo de um modo ecológico e bem. Eu não preciso de dinheiro mim viver, eu trabalho eu mesmo e tenho meu esforço e tenho o que comer todos os dias, eu não preciso pedir para o outro porque nós vivemos em

comunidade, nós se ajudamos. Na civilização eu não conheço meu vizinho, eu não sei o que ele está passando, será que ele pode me ajudar? Não. A gente vive em umas paredes de concreto, onde a gente não sabe o que está se passando com o vizinho. Ele não vai te dizer nem um 'bom dia' se você não olhar para ele. Na minha comunidade, não, acordo todo dia e: [em sua língua, depois ele traduz] "“Bom dia meus irmãos, vamos comer *Kiampira* aqui em comunidade? ”. Vocês já viram isso acontecer por aqui? Então, o que é a civilização? Será que a gente precisa se arriscar tanto assim em dizer que nós somos civilizados, e não respeitar o próximo? Porque é sempre bom e eu gosto de respeitar o próximo, e eu quero ser respeitado como indígena, porque a gente sofre muito preconceito, na federal, em outros cantos e nesses meios aqui (9). Quando ela chegou, ela fez uma pergunta bem interessante.. o que que te definiu que ele era índio? Por causa do cocar? [Menino Pankararu estava usando] Por que ele é índio? Porque entre nós não gostamos de ser chamados de 'índios', nem 'indígenas' nós falamos, porque entre nós nos chamamos de "parente", o que é mais respeitoso na verdade. Parente é como chamar de irmão, eu posso chamar vocês de parente também, eu nunca te vi, mas eu vou te respeitar sempre. Porque nós gostamos de respeito e de trabalhar em comunidade, nós gostamos de viver assim (10), então, o que é a civilização? Será que eu gosto da civilização? Será que eu gosto de ter poder para poder maltratar o outro, assim, ter muito dinheiro para dizer: “Não, você não pode ter”. Você trabalhar para outra pessoa e dizer: “Não, você morre trabalhando, mas nunca vai ter aquilo que o outro tem”. Qual o problema de todos termos direitos de tudo como o outro também? Não há nenhum problema, porque é isso que os povos indígenas fazem, viver de modo comunitário, se ajudar e viver ecologicamente bem. Porque da onde eu vim, ainda você não vê rio poluído. Eu infelizmente eu tive de vir de avião pra cá, pois minha região é muito longe daqui e não gostei do que vi, na verdade. No início da colonização o Brasil era verde, cheio de floresta, bonito de se viver, mas a dita civilização chegou e o verde hoje em dia o verde é desse tamanho aqui...é do tamanho de uma bolinha no canto do Brasil, e hoje em dia é feito só de pasto. Onde a civilização planta para dizer que todos temos de comer, mas tudo está desmatado e nos recuaram para um canto, ainda mesmo assim querem tirar nossos direitos, que não são apenas nossos, mas de todos também. Eu passei de avião olhando para baixo, e o rio Amazonas é uma linha reta e de lá para cá você vê, é só pasto, como essa grama do

campo de futebol. Cara que que é isso? Será que esse Brasil que eles falam que é tão civilizado assim, desmatando, plantando várias coisas. Cara, eu sou indígena, a gente consegue viver de modo natural, conseguimos na verdade, a gente não precisa acabar com o mundo pra sobreviver, a gente consegue viver de um modo natural, vivemos desse jeito porque a gente quer ser superior ao outro na verdade, é o que eu percebi hoje em dia, é o que eu vejo todos os dias, você vê pessoas querendo ser melhor do que você, te pisando todos os dias, mesmo dizendo que não... Falando que te respeitam mas mesmo assim não te respeitam. O que eu falo sempre é que nós temos que respeitar ao outro, essa é a base entendeu? Nunca julgar ao outro pela aparência, eu não posso julgar você ou você pela aparência, eu sou indígena e pronto, eu posso usar relógio, posso usar roupa, posso usar o que quiser, posso usar um *Ipad*, todo mundo fica assustado com um *Ipad* aqui. [Minivamp: "Não, pelo tamanho do *Ipad*"]. Então, é uma coisa natural, hoje em dia infelizmente estamos sujeitos a isso, então, uma coisa que eu vou falar pra vocês é que nunca julgue outra pessoa pela aparência, pelo jeito que ela se veste, pelo que ela é. Só respeite. Se puder vire amigo dela, pergunte o que ela está passando, vai que a outra pessoa está passando por várias dificuldades e você ainda... Às vezes um simples "oi" salva uma vida, é isso que eu aprendi desta vida muito maluca. Nessa rotina muito doida. É isso que eu falo. Eu espero que tenham entendido um pouquinho, muitas coisas que as pessoas falam dos indígenas é totalmente equivocada, sempre foi equivocada na verdade, o que ensinam sobre os indígenas é totalmente diferente da minha vivência da cultura, porque as culturas indígenas são totalmente diferentes uma da outra, isso que a gente tem que deixar bem claro aqui.

Utred: Acho que pra não roubar muito tempo, é que vou ter que ficar só até 16h30, vou falar apenas duas palavras, "respeito ao próximo" e "amor ao próximo", só. Porque se não houver essas duas palavras a gente não vai longe. Respeita um ao outro, ter amor um pelo outro, a gente vai longe! Praticamente o Manoel falou tudo!".

Menino Pankararu: Respeitar a nós parentes, a todos.

Joel: A maior lição, respeito, onde quer que vocês forem. Em casa, na escola, com os amigos, você conquista vários amigos com respeito, sem respeito vocês se tornam inimigos, e isso nós não queremos,

Utred: o mundo não precisa de inimigo, mas de amigos.

Joel: A paz é possível neste sentido **(11)**.

Manoel (?): E outra coisa que eu quero falar, é que já que estamos sujeitos a isso, a gente tá aqui pra aprender também, estamos estudando. Eu gosto de me botar como exemplo porque muitas pessoas pensam que nós indígenas não temos a capacidade de estudar. Estudar sempre faz bem, sabe? Eu, por exemplo, vim lá do Amazonas passando por dificuldades, e nós todos passamos por dificuldades. E só nós sabemos o quanto é difícil estudar numa universidade aí, porque a gente sofre com várias barreiras, e é muito pesado. E mesmo assim, estamos aí, lutando, estudando querendo nos formar, e vamos nos formar, na verdade. Uma coisa que eu falo pra vocês, estude sempre. Tentem quebrar várias barreiras, porque vão aparecer várias barreiras na vida de vocês. Vai, lute, persista, na primeira queda não caia morrendo, caiu? levanta de novo! tropeça, cai, se ralou? vai sarar, começa de novo, sempre bom. Nunca desistir e nunca deixar outra pessoa dizer que você nunca vai conseguir. Porque só você sabe que você pode, que consegue, que é capaz **(12)**.

[...]

Minivamp: O que é esse daí?

Menino Pankararu: É um cachimbo. Muitos daqui acha que a gente fuma maconha [risadas]. Mas é só o fumo da tradição e a Iseva que nós busca na natureza. Cheguei com o cachimbo aqui na Federal: "Você tá fumando maconha!". Preconceito. Sabe quantos dias eu passei pra chegar na Federal? Três dias de ônibus, quebrando, com fome, e to aqui agora. E esse aqui é o maracá! Pra gente recebê nossa benção. E esse é o Toá, nossa pintura, de barro branco. Tem que caçar debaixo das pedras, debaixo do chão **(13)**.

[...]



Ao final da conversa, Téo quis reunir o grupo para que tirassem uma foto.



Murilo foi levar os parentes para casa. Enquanto isso fizeram os combinados para entrarem na piscina. Quando Murilo chegou de volta, havia começado a choviscar e já haviam saído da piscina. Fizeram a roda final e comeram o lanche (14).



## Diário de Campo VI

**Data:** 03/04/2018 (terça-feira)

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as [4]:** Murilo, Cuco, Dexter e Rogério

**Participantes Presentes [16]:** Juliana, Aparecida, Georgy, Iris, Tatagiba, Pikachu, Pietro, Luan, Yasmin, Milena, Miguel, Samara, Baixinha, Trevor, Pastel e Minivamp.

**Relatoria:** Murilo e Dexter

### INFORMES

- Flecha pegou as camisetas regatas para lavá-las, pois foram usadas pelos/as integrantes da Bateria UFSCar quando visitaram o projeto VADL. Como era uma brincadeira que envolvia água, emprestamos para que pudessem participar da brincadeira;
- Flecha avisa que a declaração assinada pelo coordenador do VADL referente a atividade realizada no projeto pela Bateria não foi aceita pela Liga Nacional das Baterias Universitárias. A Liga unificou um modelo de declaração e Flecha ficará responsável por confeccionar e coletar assinatura do coordenador novamente;
- O botão do bebedouro de dentro da Sala de Materiais está quebrado sendo necessário maior atenção para "desligá-lo" para não deixar vazando água;
- Durante o período da tarde, o educador Dexter realizou questionários com os/as participantes do projeto para a sua pesquisa de iniciação científica. O questionário continha quatro perguntas referentes a experiência do participante em relação a natação além daquelas sobre o/a participante (1);

### CHEGADA E RODA INICIAL

O dia estava nublado. Choveu no horário do almoço, mas perto das 14h parou de chover. A van chegou no clube próximo às 14h10, e os educadores conduziram o grupo de participantes para a lanchonete para iniciar a roda de conversa (2).

Em roda, Tatagiba disse que havia “trolado” (gíria do inglês *troll*, surgiu na internet e significa "enganar") Murilo a pouco, pois disse para ele não cumprimentar sua irmã Iris pois estava doente. Quando se viram, Murilo perguntou para Iris por que Tatagiba tinha dito para não cumprimentá-la e ela ficou sem entender. Tatagiba disse que era uma brincadeira referente ao dia 1º de Abril (Dia da Mentira) (3).

Dexter conduziu a conversa em roda pedindo para quem levantassem a mão para falar ao grupo e o educador foi seguindo uma ordem de quem havia levantado a mão primeiro (4). Pikachu disse que comprou o álbum da copa e que já comprou 10 pacotes

de figurinha com 5 figurinhas em cada pacote totalizando 50 figurinhas, e completou dizendo que não havia vindo nenhuma figurinha repetida. Juliana disse que havia tentado enganar sua mãe no dia 1º de Abril dizendo que daria R\$2.000 para ela, mas sua mãe percebeu a brincadeira. Georgy disse que no domingo comeu muito chocolate e coisas que contém leite e como ele é intolerante a lactose, passou muito mal do estomago e não foi à escola na segunda. O educador Rogério contou sobre um trote de 1º de Abril que um cara pegou vários pneus velhos e os colocou dentro de um vulcão inativo causando a falsa impressão que o vulcão voltou à atividade, ou seja, com perigo eminente, e com isso a cidade inteira foi evacuada (5). O educador Cuco sugeriu fazer uma rodada de apresentação, pois tinha algumas pessoas novas no projeto, o grupo aderiu a ideia e o educador Dexter sugeriu que fosse feito após as novidades (6).

Continuando as novidades, Iris disse que ganhou vários ovos de páscoa e que também caiu em uma pegadinha de 1º de Abril feita por sua mãe que disse que daria um iPhone para Iris. Minivamp desafiou os colegas para que tentassem falar um trava-língua. Os/as participantes junto aos educadores tentaram falar esse trava língua e também lembraram outros. Tatagiba disse que ganhou vários ovos de páscoa e contou uma história que um menino que brincava na rua com ela passou a mão em seu queixo e ela não gostou desta atitude e ficou brava com o menino. Violeta contou que seu irmão a enganou dizendo que daria um iPhone. Ele pegou uma caixa de celular nova, colocou um celular quebrado dentro, embrulhou e deu para Violeta no dia 1º de Abril. Aparecida contou que em um certo ano, no dia 1º de Abril, ela fez uma brincadeira com sua amiga dizendo que a avó [de Aparecida] havia morrido. Quando Aparecida voltou para casa sua mãe contou a ela que sua avó realmente havia morrido. Desde então Aparecida não gosta mais de fazer as “brincadeiras” de 1º de Abril. Baixinha disse que enganou um amigo no dia 1º de Abril dizendo que estava em uma festa e não tinha como voltar para a casa. Seu amigo foi buscá-la de carro na festa, mas ela não estava lá pois era mentira.

Iris fez uma charada para as pessoas da roda: “Qual palavra tem quatro letras, mas quando se tira duas letras fica 'onze'?”. Ninguém sabia a resposta, e ela disse "taxi", pois quando se tira as letras *t* e *a* restam apenas as letras *XI* que em números romanos simboliza o número onze. Juliana comentou que ganhou uma boneca Bela "que acende",

que veio dentro de um ovo de páscoa e que, dentro de outro ovo de páscoa, veio um chocolate da marca Talento que deu a seu irmão (7).

Milena estava manuseando seu elástico de cabelo e sem querer o jogou no telhado da lanchonete. Quando os/as participantes perceberam todos começaram a rir do ocorrido. Os educadores pediram que esquecessem do elástico durante a roda, e ao final desta o educador Murilo tirou o elástico do telhado utilizando um colete (8).

O educador Cuco explicou que havia trazido duas brincadeiras do povo indígena Kalapalo que vivem no estado brasileiro do Mato Grosso dentro do parque nacional do Xingu.

#### HEINÉ KUPUTISU

Enquanto o educador Cuco preparava o espaço (desenhando com giz no chão da quadra) para a segunda brincadeira, o educador Rogério chamou os/as participantes para fazerem a brincadeira Heiné Kuputisu (9).

Esta brincadeira do povo Kalapalo consiste em realizar uma corrida com uma perna só. Os/as participantes nomearam “corrida do Saci”. Não foram todas que participaram, pois disseram não conseguir fazer ou ter medo de cair, ao todo fizeram cinco vezes (10).

#### TOLOI KUNHUGU

Seu significado é brincadeira do gavião, foi necessário desenhar no chão da quadra uma árvore com uma grande copa e um ninho ao lado dela. Um/a participante seria o *gavião* ficando na parte do tronco enquanto os demais seriam os *passarinhos*. O *gavião* inicia a brincadeira subindo pelo tronco da árvore e tentando pegar os passarinhos que estão na copa da árvore. O gavião não pode ficar "em pé", e os passarinhos podem correr livremente contanto que não saiam da copa. O último a ficar na copa seria o próximo gavião. Além disso, os *passarinhos* que fossem pegos deveriam ir para o ninho (11). Nesta brincadeira Baixinha não participou pois não queria cair, se sujar e/ou se machucar. Fizeram umas cinco vezes (12).

C.O. Cuco: Durante a brincadeira os gêmeos que haviam saído da “árvore” e estavam no “ninho” estavam se entrelaçando e um deles começou a reclamar então os afastei e lembrei de nossa conversas sobre “brincadeira de bater” que um sempre sai chorando no final. Pedi para que parassem e Pastel ficou chateado até o final da brincadeira e Trevor começou a vagar pela quadra e depois da brincadeira ficou pelo clube até que Cuco o chamou para a atividade de bicicleta com o Rogério (13).

## **MUSICALIZAÇÃO**

**Participantes da música [5]:** Iris, Baixinha, Miguel, Pietro, Tatagiba, Samara, Minivamp (disse que não virá mais)

Durante a brincadeira de integração, Murilo saiu para arrumar o espaço onde aconteceria a musicalização. Murilo foi até a Sala de Materiais e pegou o computador, câmera digital e caixa de som. Quando voltou para pegar os instrumentos, os/as participantes já haviam terminado a brincadeira, de forma que a participante Iris e o educador Cuco perguntaram se Murilo gostaria de ajuda. Murilo separou os instrumentos e cartaz para utilizar na musicalização e levaram até a lanchonete. Havia chovido bastante durante o dia e o tempo continuava nublado.

Murilo pediu para que deixassem os instrumentos perto do computador, enquanto ele conectava os cabos e arrumava a câmera (14). Minivamp, Miguel e Tatagiba ficaram percutindo os instrumentos musicais com as mãos. Murilo, Cuco e Iris pediram que parassem de bater forte, ou mesmo que parassem de bater naquele momento pois iriam conversar (15). As cadeiras já estavam em semi-círculo e com isso Murilo chamou os/as participantes que estavam dispersos pela lanchonete. Cuco perguntou se havia mais alguém que deveria ir para a música e Murilo disse que faltava apenas Baixinha, e que havia conversado com Pietro que disse querer ir para a bicicleta e não mais na música. Murilo avisou que não era para ficar mudando e que era isso que iriam conversar naquele momento. Tatagiba que estava ouvindo a conversa disse: "Eu *era* da bicicleta".

C.O. Murilo: O comentário de Pietro em outro dia foi que ele nunca mais iria na bicicleta. Isto para pensarmos sobre esta relação entre interesse, compromisso, ânimo etc.

Em roda, Miguel sentou do lado de Tatagiba e esta disse que estava reservado para sua amiga, Samara. Miguel sentou do outro lado de Tatagiba e Samara chegou ocupando o lugar reservado. Samara disse: "Quero ir para música porque bicicleta posso fazer a qualquer momento, já música não". Tatagiba: "Mas tem gente que não tem bicicleta". Murilo perguntou se eles/as estavam bem e foi perguntando para cada pessoa quantas vezes já havia participado da música. Baixinha disse que umas três; Samara disse que era a primeira; Tatagiba disse que nenhuma, mas Minivamp lembrou que ela participou uma com o "Pietro"; Miguel disse uma; Milena disse que nenhuma, e Murilo lembrou que no ano passado veio várias vezes, Minivamp disse: "Ano passado eu também vim e aprendi a tocar flauta". Murilo: "E tocando percussão, quantas vezes?". Minivamp disse que uma.

Murilo: "Quem estava na bicicleta e quer vir pra música é a Samara?". Minivamp disse: "E eu quero ir para a bicicleta". Murilo: "Pra sempre ou só hoje?". "Só hoje", Minivamp disse. Murilo: "Olha... se você for na bicicleta hoje, você vai perder algumas coisas que a gente vai ensinar e vai ficar meio ruim na próxima semana para tocar. A gente queria fazer um grupo que pudesse...vixe, se apresentar, que pudesse tocar as músicas juntos. Aí se você for pra bike...". Milena: "Se você for pra bike, você vai ter que ficar pra sempre". Minivamp: "É que agora não dá pra andar de bicicleta... A minha bicicleta tá toda quebrada". Baixinha: "Então vai pra bicicleta só que você fica lá e não volta pra música". Minivamp: "Tá bom!". Murilo: "É isso que você quer?". "Uhum". Baixinha: "Só que você não vai poder voltar pra música". Murilo: "Por que você não faz o seguinte? O que que quebrou na sua bicicleta? Porque se a ideia deles é aprender manutenção de bicicletas, você poderia mostrar o que está com problema na sua e ver se o pessoal pode ajudar... entendeu o que eu quis dizer? Se o problema é que você não pode andar de bicicleta em casa, você traz sua bicicleta pra arrumarem e continua na música. É legal que você já participou várias vezes aqui. Mas enfim, você quer participar lá?". Minivamp: Sim. Murilo: "Então pode ir pra lá... mas vai fazer falta aqui, viu?" [estendeu a mão e se cumprimentaram]. Minivamp se levantou e foi (16).

Murilo pediu para escolherem um número que seria referente a uma música que estava no computador de Murilo para que batessem os pés. Murilo pediu para Milena

escolher um número de 1 a 10. Baixinha: "Por que dez?". Murilo explicou que era porque gostaria de fazer com as músicas lentas e médias.

**C.O. Murilo:** Baixinha achou estranho porque das últimas vezes fizeram de 1 a 4, referente apenas às músicas mais lentas. Desta vez, poderia ser tanto as lentas quanto as rápidas (17).

Milena "escolheu" (pois de forma aleatória) Fermento para massa. Iris apoiou nos ombros de Milena como se a conduzisse, e Milena estava arrastando o pé. Murilo pediu para que Iris a deixasse e pediu para que todos/as batessem os pés. Iris escolheu Saco de Feijão. Murilo perguntou: "Está devagar ou mais rápido?" Os/as participantes estavam divididos/as nas respostas. Murilo colocou a música anterior novamente e perguntou: "Qual está mais rápida?". "A outra" Baixinha e Iris responderam. Samara escolheu Three O'Clock Blues. "Meu Deus!" foi o primeiro comentário. Murilo disse: "Essa é muuuito lenta. Parece que está cansado, né? Que tipo de música é esse?". Iris: "Reagge". Murilo: "Que instrumentos que tem?". Bateria, Tatagiba: violino. Murilo: "violino não, é uma guitarra essa que está tocando... e a voz". Murilo finalizou dizendo: "esse estilo chama blues" (18).

Enquanto Tatagiba escolhia, Iris cantou o início da música Fermento para Massa: "Hoje eu vou comer pão mucho". Ela escolheu Carinhoso. Murilo disse que achava que eles/elas conheciam. Depois de tocar um minuto, Murilo perguntou: "alguém conhece essa música?". Samara explicou que o avô dela colocava um disco com essa música para tocar em seu bar (19).

Murilo colocou Didá, um grupo de samba-reagge só de mulheres, de Salvador-BA. Georgy e Violeta pararam ao lado da lanchonete e ficaram observando. Murilo perguntou se iriam participar e ele disse que estavam só olhando. Murilo pediu para que ficassem no lugar e continuassem batendo o pé. Iris fez um gesto bastante exagerado, e perguntou se estava bom. Murilo disse: "Está, só que tem que estar no tempo certo!". Fizeram o exercício e Murilo bateu palmas fazendo a levada de caixa, enquanto marcava o tempo nos pés junto aos/às participantes (20).



Fizeram algumas vezes e Murilo pediu para que não se esquecessem do passo, ou seja, marcar o tempo batendo os pés no chão. Repetiram. Iris comentou algo sobre o "passinho do romano", um passo de dança proveniente da Zona Leste de São Paulo no contexto do funk paulista. Fizeram mais algumas vezes até acabar a música (21).

Murilo explicou: "Isso que a gente está fazendo já é aprender a tocar o nosso instrumento. Beleza Ra? Iris? Já é o que a gente vai tocar no instrumento. Você [olhando para Baixinha] lembra que esse é um ritmo que vocês tocam na caixa? Então a gente vai fazer mais um pouco pois é um ritmo difícil de fazer. Vocês estão indo muito bem na palma. Depois vamos passar para os instrumentos". Samara: "Esse é os mais difíceis!". Murilo: "Vocês podem estar pensando: mas quando que a gente vai fazer música? A gente já está aprendendo o que a gente vai tocar, certo?" (22).

Iris interrompeu e perguntou: "Professor, não parece um microscópio?" E apontou para o reflexo da água que estava parada na calha e refletia no teto. Murilo concordou e pararam um pouco para observar. Iris disse que parecia mosquito da dengue. Murilo disse que seria bom avisar o morador do clube pois era água parada.

**C.O. Murilo:** Ainda mais que Iris é vizinha do clube ao lado deste espaço. Murilo foi falar com o morador do clube outro dia e ele disse que não tinha problemas, pois a calha esquentava muito com o sol e não havia riscos, mas que devia ter algo entupindo-as, como uma sacolinha e que deveria subir no telhado para averiguar (23).

Murilo avisou que estava gravando e perguntou se estava tudo bem. Murilo colocou a música novamente e fez a contagem para iniciarem as batidas dos pés, e depois a contagem para as palmas no ritmo da caixa. Murilo mudou o passo: ao invés de "marcha", faziam um movimento de "abrir e fechar". Depois organizou uma fila. Iris quis fazer por tamanho. Murilo disse que não tinha problema, poderia ser sem ordem mesmo. Fez a contagem e fizeram o passo todos/as para direita. Depois só as palmas (24).

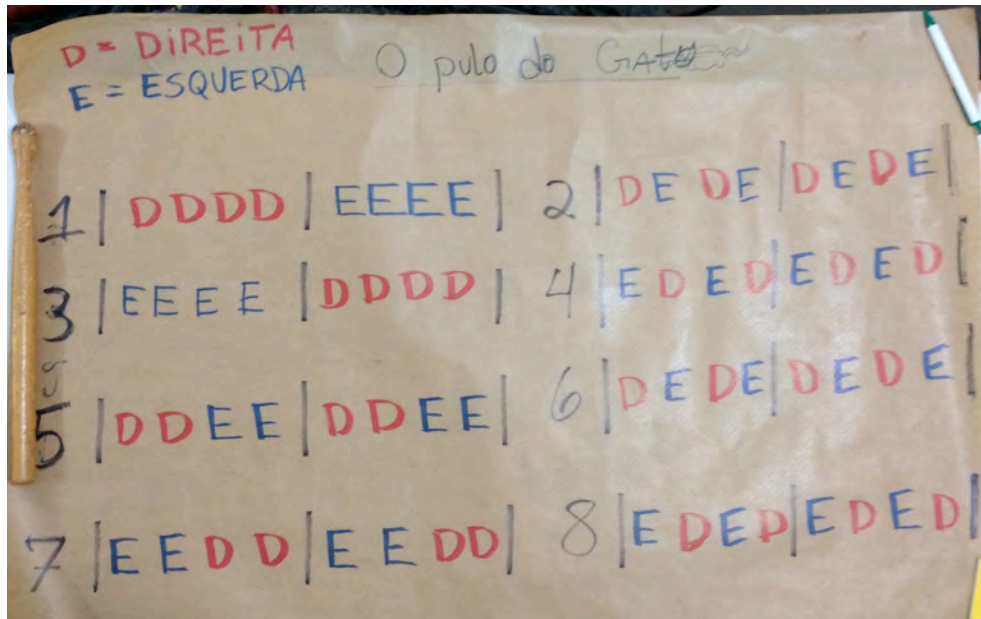
Quando a música acabou, começou a tocar Fermento para Massa e Tatagiba pegou Murilo pelo braço e pediu: "Deixa essa...". Enquanto tocava, Murilo perguntou: "O que que vocês acharam das músicas que a gente ouviu?". "Dahora!" uma menina respondeu. Milena disse: "Menos a letra". Iris: "Mas foi dahora a do sono!". Murilo perguntou qual e como não soube dizer, foi colocando um trecho de cada música e Iris identificou a música Carinhoso quando começou a tocar. Tatagiba disse ter gostado da

música da guitarra. Samara disse: "tinha uma que era engraçada! que era uma coisa do pão duro!", dizendo Fermento para massa (25).

Murilo estendeu o cartaz que fez no chão e entregou as baquetas.

**C.O. Murilo:** O cartaz tem como base o material "O pulo do gato" de Sílvia Zambonini.

Pediu para que cada pessoa ficasse de pé atrás das cadeiras. Murilo pediu para que tomassem cuidado com a cadeira, pois, como não era o local apropriado para tocar, poderia deixar marcas nas cadeiras. Murilo ficou frente a frente com cada pessoa, ajudando a segurar a baqueta: fazendo uma pinça, apoiando os dedos e virando "as costas da mão" para o teto.



Iris já começou a tocar. Murilo disse que iriam fazer a contagem e começar. Iris disse: "Eu já entendi tudo, já!". Murilo disse: "Eu sei só que tem gente que não entendeu... ok? Paciência com quem ainda não entendeu!".

Fez os exercícios, repetindo duas vezes, depois juntou exercício 1 e 2. Entre um exercício e outro, Murilo pediu para que olhassem para o exercício e não para ele. Também lembrou qual era a mão direita e a esquerda. Murilo pegou uma caneta azul e fez um E na mão esquerda, com a cor remetendo ao cartaz. Murilo marcou na de todo mundo, menos de Iris que não quis.



Murilo pediu para Milena fazer a contagem. Depois seguindo a sequência: Iris, Baixinha, Miguel, Samara e Tatagiba. Na vez de Iris ela perguntou: "posso falar tudo?". "A gente vai fazer junto, pode fazer a contagem!"

**C.O. Murilo:** Na hora entendi que ela queria fazer tudo sozinha, mas também poderia ter sido só para tocar e falar 'direita' e 'esquerda'.

Tatagiba fez a contagem e fizemos do exercício 1 até o 8 sem parar. Iris pediu para fazer um de cada vez. Milena e Samara pediram para que não. Murilo disse que dessa vez ele não iria ficar falando "direita" e "esquerda". Fez a contagem e tocaram. Murilo disse que algumas pessoas se distraíram depois de um tempo. E que quando isso acontecia, a música ia pro "bebeléu". Murilo pôs o samba reagge de Didá para tocarem juntos. Seguiram tocando até o final (26).

Murilo direcionou os instrumentos seguindo a ordem de quem já estava vindo. Iris com o surdo de chão, Baixinha com a caixa. Milena e Tatagiba ficaram no surdo. Samara e Miguel ficaram na caixa.

Cuco buscou fazer com que Miguel e Tatagiba sentassem em uma posição confortável para tocar (27). Murilo primeiro deu uma atenção especial a Tatagiba e Milena, dizendo para contarem os 4 tempos e tocarem o surdo no tempo 1 e 3. Iris já começou a fazer a sua parte na caixa. Murilo ressaltou que era importante não perder o ritmo pois se não outras pessoas também iriam se perder.

Quando começou a desencontrar, Iris falou para as pessoas que estavam no surdo, Tatagiba e Milena: "Péra aí, ó! O gente, vamo começar assim, ó: 'Eu', vai bate! 'Gosto de mexerica'. Vai Bel! Vocês prestam atenção em mim que quando eu fizer assim, vocês batem". Murilo: "Beleza, vocês estão resolvido.. Guenta as ponta aí e curte com as meninas, beleza?". Tatagiba: "Falar obrigado pra ela, né?". Murilo: "Opa, foi uma ajuda ilustre!! Obrigado todo mundo". Para as caixas, Murilo disse: "Vocês lembram do toque que a gente estava fazendo com as palmas? 1 2 3 duplá?"

**C.O. Murilo:** A dificuldade pode ser que eles/as tem feito o ritmo muito rápido.

Iris, Milena e Tatagiba continuaram tocando. Iris disse: "Vocês tem que prestar atenção em mim, viu? Porque se você não prestar, Milena, quando eu fazer assim, você tem que bater". Murilo pegou o tamborim para demonstrar como seria. Iris mudou de

lugar, colocando o surdo dela entre Milena e Tatagiba. E ficava repetindo "Eu gosto de mexerica" e fazendo o movimento para que elas tocassem. Murilo pediu para que tocassem um pouco mais rápido.

**C.O. Murilo:** As caixas estão bastante desencontradas. Talvez seja melhor dividir a célula rítmica, fazendo só os três primeiros toques.

Iris disse: "Ó, tem que fazer bonito, hein?!". Murilo: "O Ana, muito legal que você está ajudando, mas toma cuidado.. pode parecer...". Milena completou: "Grossa!". Murilo: "Isso, grossa.. ok? Vai lá então!".

**C.O. Murilo:** Quando tentamos fazer o ritmo mais rápido, parece que foi melhor (28).

Tatagiba disse que estava com frio pois sua camiseta estava molhada. Murilo sugeriu que ela fosse na Sala de Materiais e pegasse uma blusa seca emprestada, dos achados e perdidos. Na roda final contou que foi quando tentou beber água no bebedouro (29).

Murilo disse que tocaria uma "pergunta e resposta" [chamada] e que, primeiramente, eles/as ouvissem três vezes.



Na segunda vez que foi tocar, alguém tocou o surdo. Murilo disse que iria repetir, pois era só ele que iria tocar. Ouviram o ritmo, repetimos em voz alta "bumbum" no ritmo a ser tocado e então bateram palmas. Repetiram umas 10 vezes. Milena disse: "Ahh, professor, de novo?". Murilo respondeu: "É que está saindo errado, por isso que eu to repetindo. Entendeu? Estou corrigindo porque está errado ainda, tá Ra?". Fizeram mais algumas vezes e depois foram para os instrumentos.

**C.O. Murilo:** Preciso fazer pessoa a pessoa, ou olhar mais para cada uma, dizendo o que fez de errado.

Murilo pediu: "Levanta todo mundo". Milena disse: "Aiii, sôr!". Murilo: "É que ainda está errado, Ra! Agora vamos fazer o que nos ajudou na semana passada... mexe as "cadeiras" aí!". Milena riu e ria ao final de cada vez que repetiam, mexendo os quadris e falando bumbum. Repetiram muitas vezes. Milena "Nooosssa sôoor!". Depois batendo palma. Murilo fez no instrumento, e disse: "Ainda não está rolando!". Milena: "Nãaaao!!

Nossa sor, nós vai morrer aqui!". Murilo: "Agora me ouve. Agora finge que vai tocar mas não toca". Murilo: "Aee!!" "Tá ficando bom! Tá ficando legal! Mas ainda parece uma pipoca! A gente vai se acertar. Última vez!"

C.O. Cuco: Milena me pareceu sem muita paciência para aguardar os tempos certos das batidas nos instrumento assim como para prestar atenção no que Murilo pedia, por exemplo com a repetição continua dos movimentos até que aprendesse (30).

Murilo pediu as baquetas e foi guardando os materiais enquanto as outras pessoas iam chegando na roda.

## BICICLETA

Dando sequência na aula realizada na semana anterior, o educador Rogério sorteou algumas crianças e adolescentes para remendarem um pneu furado de bicicleta. Foram sorteados Pikachu e Violeta que fizeram o remendo perfeitamente na primeira parte da aula. Enquanto o remendo estava secando, os/as participantes foram andar de bicicleta pelo clube. O educador guardou os materiais que não seriam mais necessários.

Depois se reuniram em roda para ver como havia ficado o remendo realizado por Pikachu e Violeta.

C.O. Rogério: Gostei muito de ver o empenho das crianças no remendo. Apesar de apenas duas crianças realizarem o remendo, a maioria delas quiseram ajudar os sorteados (31).

## RODA FINAL

Dexter iniciou a roda de conversa perguntando a respeito do dia e do que eles gostaram. Tatagiba falou que não tinha gostado, e ao ser indagada sobre o "porquê não" ela explicou que com o "não" quis dizer que havia gostado. Minivamp lembrou e comentou que parecia a brincadeira do seriado "Chaves" falando sim e movimentando a cabeça de lado, "comunicando" não. Depois Cuco perguntou se havia algum momento que não haviam gostado ou se gostariam de destacar alguma coisa ou algum momento do dia. Aparecida disse que foi o segundo dia de bicicleta que ela não cai e que conseguiu descer o morrinho onde fica a estátua (32). Violeta disse que não gostou muito pois não pode andar de bicicleta em virtude de pequeno corte na sola do pé ocasionado por

pedrinha na quadra, Cuco destacou que ela poderia vir com algum calçado mais protegido no próximo dia de projeto (33). Tatagiba comentou que havia gostado de uma batida que sua irmã Iris a havia ensinado no instrumento musical surdo. Violeta comentou de um desentendimento entre Pietro e Trevor por causa de “brincadeira de bater”. Cuco mediou o conflito lembrando conversas anteriores com os gêmeos acerca das “brincadeiras de bater”. Samara também havia visto a “briga” dos colegas e esclareceu que apenas Pastel havia participado daquela.

**C.O. Cuco:** Os gêmeos não gostaram da chamada de atenção, como já tem ocorrido anteriormente e aparentemente resistem a rever suas atitudes para mudá-las.

**C.O. Murilo:** durante a conversa tive a impressão que Trevor fingia não escutar o que Cuco falava (34).

Aparecida comentou que quando estava subindo para a bicicleta com Sara dois meninos do futebol a chamaram de “Shrek” (personagem de desenho que é um ogro/monstro) e que na hora havia pensado em contar para os educadores mas acabou deixando para falar na roda final. Os educadores Cuco e Murilo reforçaram que quando ocorresse algo do tipo ela poderia falar na hora, pois poderiam tentar falar diretamente com o treinador deles, mas que falariam assim que acabasse o projeto (35).

Minivamp contou que em um dos treinos de boxe ele recebeu alguns socos no abdômen para que, segundo o professor, fortalecesse a musculatura. Minivamp explicou que tinha que ficar com a barriga dura antes de receber o soco. Ainda destacou que a Associação Desportiva da Polícia Militar onde faz aula de boxe, as oferece gratuitamente. Sketter destacou que a Associação não era muito distante do clube. Aparecida confirmou a localização e disse que fez aulas lá mais era muito cansativo (36).

Devido ao pouco tempo para finalizar o encontro, Cuco perguntou se poderiam escolher a atividade da próxima semana enquanto Rogério entregava as frutas. Algumas pessoas disseram que os educadores escolhessem novamente, mas outras já tinham sugestões. Cuco perguntou quais seriam as sugestões: Minivamp (rua e avenida), Violeta (garrafinha), Tatagiba (pega-pega banana), Juliana (garrafobol), Iris (alerta) e Pietro (futebol). Os educadores perguntaram se essa última sugestão era uma boa e se poderiam ser dada, e Dexter destacou que se fosse o *callejero* seria melhor e nisso Aparecida falou que queria *fútbol callejero* pois nunca havia jogado. Cuco comentou com os/as

participantes que era um bom motivo para fizessem esta atividade e perguntou quem não gostava de *fútbol callejero* para que dissessem o motivo. Baixinha, Yasmin e Milena disseram que não gostavam por motivos de medo de se machucar, então o educador Cuco comentou que durante a escolha das regras poderiam sugerir regra para se sentirem mais seguras e também que poderiam se machucar em qualquer brincadeira. Minivamp entrevistou dizendo que também não gostava pois cansava o corpo e Cuco salientou que ele havia acabado de falar sobre o treino do boxe e que ele já havia sugerido outras brincadeira até mais cansativas o que o fez acenar afirmativamente com a cabeça, não discordando (37).

Aparecida e Samara esperaram o educador Cuco ao término da roda para que fossem falar com o treinador. No caminho Aparecida contou ao educador que os dois meninos eram da sua sala e que a haviam chamado de "Shrek" no dia anterior, quando foi buscar sua irmã na escola e eles estavam na turma de treinamento escolar. Samara também contou que havia respondido com um gesto obsceno aos meninos, o educador disse que era melhor que não fizesse desta maneira para evitar maiores problemas e que somente os meninos do futebol se mantivessem errados. Esperaram bom tempo pelo treinador de futebol, mas como estava começando a chover Cuco disse para as meninas que poderiam ir embora, que ele falaria com o treinador e que na quinta conversariam a respeito disso novamente. Durante a construção do diário pelos educadores, o treinador veio procurar Cuco para perguntar o que havia acontecido, e este explicou a situação. O treinador disse que ele iria tomar as devidas providências (38).

## Diário de Campo VII

**Data:** 05/04/2018 (quinta-feira)

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as [3]:** Murilo, Cuco e Flecha

**Participantes Presentes [20]:** Megablue, Baixinha, Georgy, Minivamp, Aparecida, Violeta, Samara, Paloma, Pietro, Luan, Cristiano Ronaldo, Trevor, Iris, Batman, Ingrid, Yasmin, Pastel, Miguel, Tatagiba, Arthur (irmão de Paloma que participou da roda final pois ela precisou buscá-lo na creche)

**Relatoria:** Murilo

### INFORMES

- Téo foi na reunião da TDH em São Paulo avisando pela manhã no grupo de WhatsApp;

### CHEGADA E RODA INICIAL

Murilo estava na Sala de Materiais quando Georgy, Aparecida e Minivamp chegaram. Ficaram brincando com as pranchas e tocas de natação que estavam para secar em cima do freezer. Murilo chamou para ir para a lanchonete mas pararam no parquinho pois Georgy quis mostrar que conseguia virar de ponta cabeça em um dos brinquedos. Murilo também tentou e acabaram ficando no parquinho. Cuco e outros/as participantes chegaram no Clube.

Cuco começou a ajeitar as cadeiras em círculo e Luan o ajudou (1). Pietro que veio de van quando chegou na roda foi abraçar Iris de forma efusiva.

Flecha conduziu a roda, perguntando primeiramente como estavam. Megablue falou que não estava bem porque "estava difícil na escola". Megablue e Baixinha disseram que já haviam feito as provas, mas tinham ido bem. Tatagiba disse que ficou com raiva de uma amiga que sempre tirava 10. Minivamp perguntou se poderia fazer uma mímica. Fez e Megablue adivinhou que era do filme *It - A Coisa*.

Cuco sugeriu que fizesse uma rodada de apresentação com nome, idade e filme preferido.

C.O. Cuco: Acho um pouco.. tem que se pensar o fato de muitas crianças terem como filmes preferidos, filmes violentos, inclusive pessoas mais novas. A categoria é para maiores.

C.O. Murilo: reparei que Megablue e Baixinha estavam bastante sem paciência com Minivamp. Ele é bastante inteligente e faz comentários interessantes, porém sem esperar outras pessoas terminarem ou guardando para momento oportuno.

C.O. Cuco: Georgy e Aparecida também ficaram irritado/a, inclusive Georgy falando "insuportável" e Aparecida falando "Cala a boca". Ele parecia não ficar chateado com o "chateamento" dos outros (2).

Durante a roda, Luan, Pietro e Cristiano Ronaldo ficaram brincando com cartinhas que o Cristiano Ronaldo trouxe. Algumas vezes os educadores chamaram atenção deles, pois estavam distraído as outras pessoas. Enquanto realizavam a roda, o educador Murilo foi arrumar o campo para a brincadeira que seria Queimada Quatro Cantos, sugerida por pela convidada da Bateria UFSCar que visitou o projeto no dia 22/03/18.

#### QUEIMADA QUATRO CANTOS

Murilo arrumou o campo atrás das piscinas vazias, com quatro cordas, dispostas neste formato (3):

1	2
3	4

Depois Murilo voltou à roda e explicou o jogo desenhando no chão de terra, fazendo sulcos com os dedos e quando pegou uma folha para representar a bola, Pietro entregou um pequeno "fruto" de uma árvore em formato redondo, para ser utilizado como representação da bola no lugar da folha (4).

Murilo dividiu os times dando um número para cada participante. Algumas pessoas se manifestaram infelizes com que time estavam, mas o educador argumentou que fazia parte deste jogo mudar de time, então que não se preocupassem pois iriam mudar bastante. Chegando no campo de jogo, cada grupo ficou em um quadrante (1, 2, 3, ou 4, conforme figura). Quem fosse queimado deveria ir para o quadrante do time que a queimou. Fizemos com três bolas e uma rodada incompleta, que terminou com os/as

educadores/as finalizando a partida, pois sentiram que já haviam brincado bastante e estava no horário (5).

## **BICICLETA**

C.O. Cuco: Crianças estavam agitadas devido a brincadeira anterior.

Ao lado da Sala de Materiais o educador Cuco foi reunindo as pessoas para realizar a atividade de bicicleta, e questionou Murilo sobre quem estaria responsável pela atividade. Murilo disse que seria o Téo mas ele foi viajar. Murilo pegou alguns materiais que seriam utilizados na música e foi até a lanchonete.

Cuco reuniu em roda e conversou sobre o que fariam na bicicleta. Salientou que estava sozinho na atividade e que precisaria da ajuda deles/as pois haviam bastante pessoas novas. Distribuiu os capacetes.

Algumas crianças ficaram sem bicicleta do tamanho adequado, então elas combinaram entre elas os revezamentos. Tatagiba contou que tinha combinado de revezar a bicicleta com Yasmin e esta entregou para outra participante. Algumas crianças foram contar para Cuco que Luan estava caindo muito. Este só veio ao final da atividade. Ele disse que caiu, mas que era normal. Cuco disse que não era para ser assim, pois também poderia estragar a bicicleta (6).

## **MUSICALIZAÇÃO**

**Participantes da música [3+2]:** Iris, Baixinha, Megablue e educadores Murilo, Flecha.

Murilo ajeitou a câmera e foi pegar outros instrumentos na Sala de Materiais. Megablue perguntou se estava gravando e Murilo disse que sim. Enquanto isso, Flecha, Megablue, Iris e Baixinha estavam na lanchonete. Megablue e Baixinha foram até a câmera e pediram para Flecha "mandar um salve". Flecha estava tocando o surdo de chão e acenou com a mão. Baixinha pegou outro surdo. Megablue disse "só lembro dessa parte" e tocou a rítmica dos surdos do samba-reggae.

Flecha ficou regulando a altura do surdo de chão enquanto Megablue o ajudava percutindo o instrumento e dizendo se estava confortável. Megablue continuou fazendo o ritmo, mas demonstrou dificuldade na parte final, onde tem que tocar mais rápido. Iris



pegou a baqueta e tocou. Baixinha tocou junto a Megablue o ritmo do samba-reggae. Iris viu uma borboleta e disse: "Ai que linda!!" foi correndo até ela (7).

Ao voltar para lanchonete, Murilo perguntou se Flecha poderia ajudar Cuco a distribuir os capacetes e as bicicletas pois o educador estava sozinho. Flecha disse que sim e foi até a lanchonete (8).

Iris disse: "Posso falar uma coisa? Acho que terça-feira vai voltar um monte de gente". Baixinha disse: "É porque o pessoal fica: 'ahh, vamo na música... ahh, vamo na bicicleta'". Murilo disse que iriam conversar sobre isso (9).

Iris disse: "Eu não gostei daquela menina, Paloma". Baixinha: "Você não gosta de ninguém, menina!". Iris contou que durante a brincadeira Queimada Quatro Cantos, ela puxou Paloma para o campo que ela deveria estar e ela mandou Iris soltar, mostrando a língua. Murilo disse que aconteceram diversos conflitos entre as pessoas nesse jogo. Baixinha lembrou de certa vez que Violeta foi queimada (durante o jogo Queimada) e disse que não havia sentido a bola e por isso não havia sido queimada. Murilo disse que estas coisas acontecem, mas que não eram motivos para deixar de ter amizade com tal pessoa. Baixinha disse que o objetivo era se divertir e não brigar. Murilo disse que exemplos ruins tem de monte: em novela está cheio de gente tramando coisa uma contra a outra. Murilo: "As meninas que precisam se unir, às vezes tão lá ...brigando". Iris: "Ela pegou a blusa e começou a me bater". Murilo: "Mas é o primeiro dia dela aqui, não é? Às vezes ela estava com vergonha e não soube como agir, essas coisas". Baixinha contou que na escola dela uma menina disse pra ela: "É shopping aqui, agora?". Baixinha respondeu que não era shopping, mas que a escola era pública e ela poderia estar ali (10). Georgy chegou de bicicleta no espaço e falou: "Ó, poder das mulheres, hein?".

**C.O. Murilo:** Acho que ele nem estava ouvindo o papo, mas viu que todas as participantes eram mulheres e disse isso (11).

Megablue falou alto, batendo no tambor: "Tá bom, vamo pra música, que é a música que me interessa". Murilo disse: "E você sabe que às vezes música causa isso daqui que vocês tão discutindo?" Megablue: "Ah, mas música é o que me interessa". Murilo: "Ou que causa o contrário disso e junta as pessoas?". Megablue: "Sim, por isso!". Baixinha: "Por isso que eu e ela a gente se dá bem! [apontando pra Megablue]" (12).

Murilo: "A gente já conversou com as pessoas que um dia querem ir na música e no outro querem ir na bicicleta, aí, não dá pra gente obrigar..." Iris interrompendo disse: "Não! Você vai falar assim, ó, falou que viria e não veio? Vai ficar na bicicleta querendo ou não!". Baixinha: "Você deixou bem claro desde quando mudou o sistema que quem escolhesse aquela coisa, era pra ficar naquela coisa. E tipo, é a mesma coisa que eu chegar e fazer assim: 'na terça eu venho na música e na quinta eu vou pra bike, terça música e quinta bike'... Que que eu vou aprender?". Murilo: "Pois é! Então vamos aproveitar que hoje a gente está com todas as surdeiras oficiais [apontando para Iris e Megablue] e a caixeira oficial [apontando para Baixinha]". Iris e Megablue começaram a fazer "Ãhn", simulando uma dificuldade em ouvir, uma surdez, em referência ao instrumento musical surdo. Murilo brincou: "E a caixa, como ficaria? Surda também, de tão alto!". Murilo continuou: "Como vocês já estão sabendo legal, na terça-feira, a Iris começou a ajudar as pessoas que não sabiam. Isso foi *dahora!* A gente vai aprender então e firmar bem nós quatro aqui, pra gente conseguir tocar e levar as pessoas que não estão tocando pra conseguir tocar também, beleza? Então eu quero contar com vocês como ajudantes, mesmo, beleza?" (13).

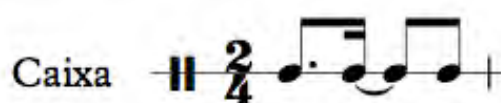
Megablue perguntou: "Quando a gente vai tocar flauta?". Murilo: "Flauta?!". Baixinha explicou que no ano passado ensinou a tocar flauta e ensinou a fazer flauta, "Eu quero saber por que que agora que eu voltei a fazer não tem isso!!". Murilo: "Você perdeu! Não dá pra ficar faltando [rindo]. Não... mas dá pra gente criar outros projetos. É que agora a gente tá com a percussão.. E também, depois que a gente aprender a base do samba-reggae, dá pra gente tocar junto, cantar junto, várias coisas". Megablue disse rindo: "Ixe, não conte comigo!" (14).

Murilo iniciou a aula, colocando os instrumentos musicais e as cadeiras no canto. Murilo colocou o vídeo da Didá para tocar e disse: "Ó que *dahora!*". Baixinha, Megablue e Iris se aproximaram do computador que estava passando o vídeo.



Murilo: "Lembra que eu falei que as pessoas não tocam esse ritmo parado?". Iris: "Ah, mas elas já decoraram, né?!". Megablue: "Precisa ter mais [fazendo movimentos mais marcados de dança]". Murilo: "É isso, é o que a gente precisa fazer, decorar e se soltar. Vamos andar um pouquinho? [enquanto andavam no ritmo da música] Hoje a gente vai ajudar a Baixinha a tocar a parte da caixa que é bem difícil, beleza?".

Murilo bateu palma no ritmo:



Murilo: "O legal da música é quando fica automático, você nem presta muita atenção no que está fazendo". Murilo propôs que fizessem um passo de dança: "abriu, fechou, abriu, fechou". Murilo disse para que se lembrassem das meninas tocando do vídeo. Megablue fez de forma bastante expressiva. Murilo a acompanhou. Megablue começou a rir e disse: "Como tornar a aula de música mais *dahora*". Murilo: "Inventa um passo aí com esse 'abriu, fechou, abriu, fechou'". Fizeram uma roda e brincaram de dançar onde cada pessoa propôs um movimento e todas as outras repetiam. Megablue, Iris e Baixinha ficaram falando e dançando "Vai Norbit, vai Norbit" (referência a um trecho de um filme). Também cantaram e dançaram trecho da música "Kevinho e Simone & Simaria - Ta Tum Tum".

Murilo colocou para tocar Morando no sapato, mas ao iniciarem os passos, Murilo teve dificuldade de encaixar no passo seguindo o pulso da música.

**C.O. Murilo:** Tive a impressão de que ou ficaria muito rápido ou devagar.

Murilo comentou que era um samba rock. Megablue comentou: "Ahh, eu sei! Minha mãe me ensinou" (15).

Tatagiba chegou no espaço de bicicleta e disse: "Murilo, só tem três pessoas aqui? É porque tem bastante gente ...". Sua irmã, Iris, a interrompeu dizendo: "Você já escolheu, agora vai ficar na bicicleta!". Tatagiba saiu (16).

Murilo colocou para tocar Fermento para Massa e além do passo, tocou a parte da caixa. Flecha chegou depois de ter ajudado Cuco na bicicleta.

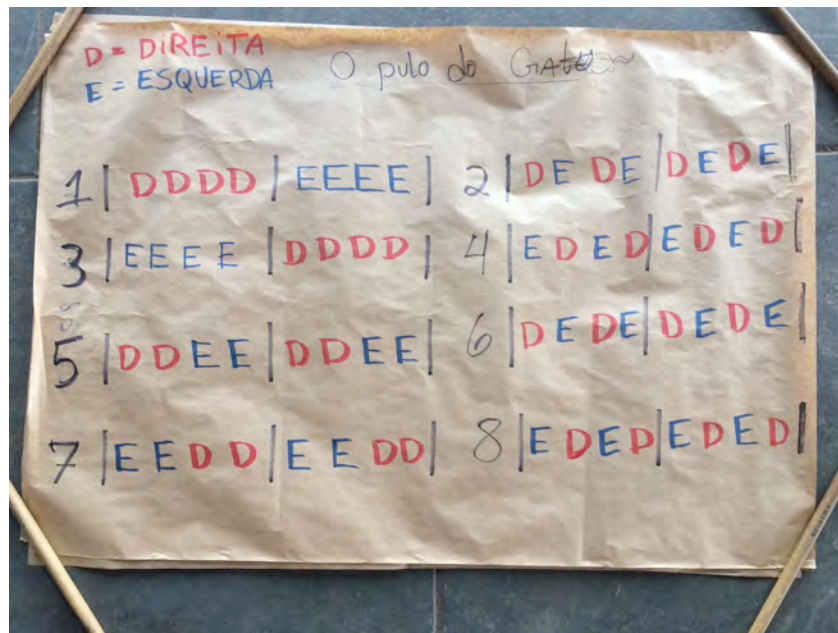
Murilo pediu para que dissessem uma palavra com três sílabas. Baixinha disse "Pão". Murilo: "três sílabas, tipo pa-pa-rá". Murilo bateu palmas e cantou junto "pôr-do-sol". Megablue sugeriu: "a-do-rei". Murilo: "Agora ouve: pôr-do-sol le-gal" (17)



Fizeram um pouco e Murilo pediu para se sentarem. Megablue já havia se sentado.

C.O. Murilo: Acho que percebi Megablue se sentando e lembrei de descansar (18).

Murilo pegou o cartaz que fez com o aquecimento de baquetas.



Iris comentou: "Ahh, hoje vai ser fácil!". Megablue disse: "Eu não entendi...". Baixinha explicou pra Megablue e disse: "Mas você vai explicar de novo né, Mu?". Murilo disse que sim.

Murilo pediu para que ficassem de pé, atrás da cadeira que estavam sentadas e pegassem as baquetas. Baixinha, Iris e Megablue começaram a tocar o ritmo da caixa que estavam treinando enquanto "dançavam". Murilo disse: "já que é um ritmo de Salvador vamos tentar fazer com uma comida de Salvador?". Iris começou a tocar e dizer: "Acarajé". Murilo disse: "Tinha pensado em "Vatapá", porque "acarajé" não dá certo a quantidade de sílabas".

Murilo disse: "Esse daqui é um jeito de aquecer e vai ser fácil, mas depois a gente vai complicando". Murilo explicou como seria o exercício, fizeram o primeiro e antes de começar o segundo, Iris comentou: "Aqui não tem mais criança, pode ir direto". Baixinha disse: "Éhh... pode Megablue?". Esta concordou (19).

Fizeram o exercício do começo ao fim, com Murilo posicionado agachado na frente do papel e dizendo a cada toque se seria "direita" ou "esquerda". A segunda vez, Murilo fez mais rápido. Iris se perdeu no final. Antes de fazer novamente, agora com contagem inicial do Flecha, Murilo explicou brevemente sobre a maneira de pegar a baqueta (pinça, apoia os outros dedos e deixa as costas da mão virada para o teto) e de não ficar apoiado/a num pé só, pois o som poderia sair diferente. Flecha puxou um andamento bem lento (60 BPM). Ao final, Murilo deu a dica: Não deixar a baqueta "cair" depois de um toque, pois daria um efeito diferente, um rulo. Murilo demonstrou na caixa que estava lá. Iris puxou um andamento rápido (140 BPM). Baixinha (80 BPM). Megablue (85 BPM). Murilo (120 BPM) (20).

Murilo trocou o cartaz



Murilo disse: "Era a mesma coisa que a gente estava fazendo lá, só que com notação de música. Esse nome de nota [Iris interrompeu: "mínima"]... semínima". Megablue disse: "semínima, mínima, semibreve, breve, semicolcheia, colcheia". Iris: "*hashtag*". Megablue corrigiu: "Não é *hashtag*, é suspenido!".

Murilo perguntou o que era aquilo e Megablue disse: "é a barra". "de compasso", Murilo complementou. Iris: "Cadê aquele negócio lá? "[fazendo um gesto com a mão se referindo a clave de sol]. Murilo disse que ainda não pôs a clave de sol pois imaginou que tinha gente que nunca tinha visto aquelas coisas ali, então ele iria aos poucos (21).

Fez o exercício, depois pediu para fazer repetindo, e fizeram algumas vezes. Murilo pediu para que caso se perdessem, continuassem, tentando se achar. Iris: "Posso falar uma coisa? Pra me ajudar estou fazendo assim [fez a contagem agrupando em 4+4+8]. Murilo disse que havia achado legal, mas que só mudaria uma coisa. Ele contaria sempre de quatro em quatro já que a música estava dividida desta forma [4+4+4+4]. Megablue: "Por isso que quando eu crescer, vou fazer música na UFSCar". "É mesmo Megablue?". Megablue disse: "Se eu não conseguir, eu vou tentar minha carreira solo" (22).

Murilo foi entregando os instrumentos. Tocaram o ritmo que haviam passado para a caixa. Megablue tocou um baião e cantou parte da Asa Branca de Luiz Gonzaga, conhecido como o "Rei do Baião".

Murilo e Flecha pegaram a caixa. Megablue contou que tocou no Teatro Municipal e disse "eu ia falar, mas eu não vim na semana passada".

Murilo disse: "Vamos começar tocando o que a gente tentou tocar semana passada mas não deu muito certo. Primeiro, só ouçam!". Fez uma vez e explicou que a parte final eram todas que iriam fazer em seus instrumentos. Repetiu algumas vezes variando os andamentos e elas e Flecha foram repetindo. Murilo disse: "Beleza... com vocês firmes, as outras pessoas vão aprender muito mais fácil! Vamos brincar um pouco com esse ritmo? Eu vou fazer ele rápido, lento, forte e fraco e vocês vão acompanhar tá bom?!".

Murilo mostrou a outra "chamada":



Primeiro pediu para que fizesse sozinho. Repetiu três vezes e depois pediu para todas e Flecha tocarem juntos. Depois de repetir algumas vezes, Murilo alternou as duas convenções, causando certa confusão. Murilo disse: "Entenderam, a pegadinha" [fazendo uma ginga de capoeira]. Murilo continuou a brincadeira alternando as "chamadas", variando intensidade e andamento.

Murilo explicou que haviam dois jeitos, duas "chamadas" para começar a música. Ao tocar a Chamada 2 várias vezes, poderiam entrar no ritmo do samba-reggae. Foi o que fizeram.

Enquanto tocava, o educador Murilo puxou uma convenção, conhecida como "Pedir pra parar, parou", e não deu muito certo. Murilo disse: "Essa a gente ainda não ensaiou, né?". Megablue disse: "Ensaiei sim". Murilo: "Mas há umas três semanas, eu acho, né?". Megablue: "Não, faz umas duas".

Murilo: "Pra você está fácil, né? [virado e olhando para Megablue] Sugiro que você coloque na cadeira ou vista o instrumento e tente fazer assim [demonstrou gingando]. O Flecha já está com o instrumento, pode tentar gingar "abriu, fechou, abriu, fechou". Iris também, pode deixar o instrumento apoiado na cadeira. Pra você [apontando para Baixinha], pode ficar sentada. É importante firmar o toque e depois a gente anda,



beleza?". Murilo ajudou Megablue a colocar o instrumento e ela disse: "Ai, que *bang* pesado, véi".

Murilo anunciou que ia fazer o "Pedi pra parar". Depois fez as chamadas para começar o samba-reggae. Murilo começou a fazer outro ritmo de caixa:



Murilo: "Hoje está soando melhor porque estamos no grupo que tem vindo há mais tempo". Murilo começou a ensinar este toque da caixa para Baixinha explicando que era basicamente o que estavam fazendo no aquecimento só que fazendo um dos toques mais forte. Flecha disse: "Vamos mais devagarzinho". Enquanto isso Megablue falou: "Dá pra acompanhar na meia-lua" (instrumento musical). Murilo entregou o instrumento para Iris. Murilo comentou com Megablue: "Ow, ficou bonito o que a gente tá tocando, né?". Quando Iris começou a tocar, Megablue disse que não era daquele jeito. Pediu o instrumento e tocou, dizendo: "É "entra, vai e bate" [sincronizando os "comandos" com os movimentos].

Murilo, Iris e Megablue acompanharam Flecha e Baixinha que estavam treinando o novo ritmo da caixa. Murilo pediu para que Iris e Megablue fizessem o ritmo mais lento só para acompanhar.

Murilo disse: "Sabe aquele exercício que estávamos fazendo? [pegou a folha e colocou no chão] A gente estava fazendo nesse andamento mais ou menos [tocou]. Será a mesma coisa só que um pouco mais rápido [tocou acelerando]". Murilo fez a contagem mais rápido e ela começou a tocar. Murilo: "Certinho, certinho. Então você vai ficar repetindo isso, aí depois a gente passa o mais complicado, que é de fazer um toque mais forte". Baixinha perguntou com qual mão seria a mais forte. Murilo viu na folha e disse: "Se você começar com a mão direita, a mais forte será com a direita, se for com a esquerda, será com a esquerda". Treinaram um pouco. Murilo parou e retirou a folha, dizendo: "Então você fica tocando isso, tá bom? [Voltando-se para as outras meninas] Vocês já estão conseguindo gingar um pouco, né?". Megablue respondeu: "Eu já nasci com o gingado". Murilo fez o choro de um bebê e fez o gingado. Baixinha riu.



Murilo "puxou" as duas chamadas e convenção. Murilo se confundiu e disse: "Esqueci que era para começar". Baixinha riu. Murilo "puxou" o ritmo de novo. Iris perguntou: "É como que vamos acabar?". Murilo: "Por hoje vamos fazer assim: 1, 2, 3, 4 e fecho a mão".

Começaram a tocar e quando acabou, Megablue bateu no surdo e gritou: "Uhuuull". Megablue disse que estava presa no instrumento, dando risada. Murilo a ajudou a tirá-lo. Iris: "Vamos tocar para o pessoal?". Murilo: "Será que eles não ouviram? A gente tocou... Vamos combinar um dia de tocar pro pessoal?". Baixinha sugeriu quinta. Murilo disse: "Vamos propor pra eles então de tocar na quinta na roda final, pode ser?" (23). Murilo passou pegando as baquetas. Enquanto isso, Megablue tocava a meia-lua e disse: "Já escutou Pais e Filhos do Legião Urbana? [Cantando: 'É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã"'. Murilo a acompanhou cantando e depois a parabenizou: "Opa aí sim, que *dahora!*". Murilo perguntou se ela tocava essa música no grupo Doces Flautista: "Toco e canto. O Doces Flautistas eu toco, aí eu canto a música do Michael Jackson, música do Milton Nascimento". Baixinha, Iris e Megablue foram para a roda final, ao lado da lanchonete (24).

## **RODA FINAL**

Cuco conduziu a roda final e perguntou sobre o dia. Boa parte manifestou ter gostado. Tatagiba levantou a mão. Cuco perguntou se ela iria falar algo sobre a música. Ela disse que não foi hoje na música, mas ela estava na música antes. Iris: "Eu acho que minha irmã foi para a bicicleta porque ela estava na música, aí a Samara saiu, acho que por causa da Paloma, aí ela quis [sair] também". Cuco: "É, tem acontecido isso, quando traz um amiguinho que não quer a música aí a pessoa vai pra bicicleta, que foi a mesma coisa que aconteceu com o Pietro e com o Luan. Você não estava na música, Pietro? Eu vi que você foi e que estava indo bem aí você saiu porque o Luan foi na bicicleta... A primeira atividade a gente não brinca todo mundo junto? Aí se você quer música e o Luan quer bicicleta, não tem problema vocês ficarem separados um pouquinho, certo? Aí um pode contar pro outro como que está, e tal, tudo bem? Aí era isso, Tatagiba?". Tatagiba: "Um pouquinho". Samara voltou à roda (estava bebendo água). Cuco: "Você foi tomar água, a Iris contou que a Tatagiba acha que saiu da música porque você saiu".

"Pouquinho", disse Trevor (dificuldade de saber quem foi, pois nesse momento só tenho o áudio). "É porque eu só entrei no lugar foi uma vez, só pra ver como era, mas eu não gostei muito". Cuco: "e por quê?". "Porque na hora que eu ia bater, o professor ficou batendo, em vez de eu. Aí eu não consegui bater". Cuco: "Porque ele tava batendo no seu instrumento?" "É". "Mas não era uma batida que depois você ia bater?" "É", Baixinha disse. Cuco: "Então, era só esperar que na hora você ia poder bater, ou nas outras aulas... mas isso foi só no final, da aula, né? E nas outras partes, você estava gostando?". "Sim", Samara respondeu. Cuco: "Então você pode pensar, porque na bicicleta você também ficou pouco, não foi? Cansou depois.. aí você pode falar pra Bhea ver se ela não quer ficar na música, e decidirem". Samara: "Mas pode ir só uma vez, pra conhecer?". Cuco olhando para Murilo perguntou o que ele achava. Murilo disse que uma vez, para conhecer quem ainda não conhece, tudo bem. Cuco: "É bom não ficar trocando, porque se não, não aprende nem um, nem outro". Murilo: "Música, bicicleta também, mas é que eu conheço mais música, porque já estudei bastante! Pra gente aprender a tocar bem música, a gente precisa repetir muito umas coisas. E às vezes demora bastante pra gente entender, mas depois que entende, a gente faz de olho fechado, rápido, devagar, de qualquer jeito, em qualquer instrumento. Então a gente tá aprendendo percussão, mas por exemplo, hoje a gente aprendeu notas musicais e aí isso ajuda a gente a tocar qualquer outro instrumento. Se a gente vai tocar flauta, um dia, eu vou aprender, usar coisas que a gente tá aprendendo na aula de percussão. Entendem? Só que, às vezes fica chato, porque a gente tem que repetir bastante, mas é normal, porque depois que consegue...". Cuco: "Só quer saber se quer aprender a tocar um instrumento, se quer, é só treinar". Baixinha: "Aí ficar trocando também, acaba atrapalhando sem querer quem realmente quer aquela aula". Megablue: "Aí hora que ele der a aula mais divertida, a flauta, quando entende o tom da música, e assim, ela tem umas notas... é difícil fazer, mas aí vocês acha divertido, e vai querer trocar de novo, aí vai acabar confundindo o pessoal que já é da música...". Baixinha: "Aí a gente vai precisar voltar, pra ensinar quem voltou pra música que tava na bicicleta... aí nois volta, pra ensinar vocês, pra vocês sair, até a gente recuperar, atrapalha um pouco né, gente?". Samara: "Mas eu posso ir com ela ou tenho que ficar na bicicleta?". Murilo: "Você já experimentou a música e a bicicleta? [Sim]

Então você tem que decidir, definitivo. Aí terça-feira a gente passa uma lista e vê quem tá em qual, beleza? E quem tá chegando agora tem dois encontros pra experimentar".

Iris: "Eu gostei muito da música e... o Murilo, ele vem todo dia, né? e às vezes na bicicleta, você aprende bastante coisa, mas na maioria das vezes a gente só fica andando, né?". Cuco explicou que o Rogério vem de terça e o Téo vem de Quinta (25). Iris: "E também a gente tava pensando, né.. né Murilo? De fazer uma proposta pra vocês...Se quinta-feira vocês topam ouvir a gente tocar". Cuco: "Nós topamos, né? O que vocês acham? Acham uma boa ideia? Que momento, no começo, na roda final? [Roda final] A gente faz a roda final um pouquinho antes, uns 10 minutos antes, aí vocês apresentam e a gente fala o que achou da apresentação e do dia, pode ser? Todo mundo concorda? [Sim]" (26).

Minivamp pediu para fazer uma mímica para que adivinhassem (27).

Aparecida contou que viu Pietro deixando a bicicleta de qualquer jeito ao ir ao banheiro. Pietro não gostou e pareceu não aceitar o que Aparecida disse.

C.O. Cuco: se fosse de algum educador, acho que ele aceitaria, mas como foi de uma colega, talvez não por acaso uma menina, ele não aceitou muito bem;

Cuco orientou para que falassem de uma forma mais amigável entre eles/as para que ninguém se sentisse mal (28). Uma das sugestões de atividades para próxima semana foi MyGod. Como algumas pessoas disseram não conhecer, Cuco argumentou que seria legal para ensinar essas pessoas e perguntou se tudo bem desta ser a brincadeira da semana que vem. Como haviam sido dadas onze sugestões, Cuco disse que poderiam deixar essas atividades para as próximas semanas e forem riscando as que forem realizadas, ou seja, colocar em uma lista e segui-la. Toparam. Os educadores distribuíram o lanche e terminaram o encontro (29).

## Diário de Campo VIII

**Data:** 10/04/2018 (terça-feira)

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as [3]:** Murilo, Cuco, Dexter e Rogério

**Participantes Presentes [21]:** Juliana, Aparecida, Tatagiba, Paloma, Thiago, Pikachu, Miguel, Georgy, Violeta, Megablue, Baixinha, Yasmin, Ingrid, Pietro, Luan, Cristiano Ronaldo, Trevor, Pastel, Iris, Mago

**Relatoria:** Murilo

### INFORMES

- Téo avisou pela manhã no grupo do Whatsapp que precisaria se ausentar no projeto pois precisa terminar as correções da dissertação;
- Rogério vai sair às 15h30 pois precisará ir no Poupatempo;
- Flecha trouxe as camisetas do Nelson Prudêncio que levou para lavar (1);

### CHEGADA E RODA INICIAL

O dia estava ensolarado e bastante seco. Os educadores Murilo e Rogério chegaram e foram para a lanchonete pegar as cadeiras e organizar em roda à sombra das árvores. Já haviam chegado Violeta, Georgy, Aparecida, Juliana, entre outros/as, e estavam brincando no brinquedo "chapéu da bruxa" no parquinho (2). Com a chegada de outros/as participantes, os educadores direcionaram estes/as para a roda de conversa inicial, a qual Murilo deu início perguntando sobre novidades e Iris contou que mudou o caminho da escola e uma mulher a abordou oferecendo carona. Ela conhecia o estudante que estava no carro junto a mulher e aceitou a proposta, também por estar atrasada para prova. Murilo perguntou o que os pais haviam achado sobre. Ela disse que tinham dito: "Ê Iris, você não tem jeito". O educador alertou para os possíveis riscos de tal atitude. Iris falou que aceitou porque ela tinha "cara boa". Murilo disse para tomarmos cuidado com tal afirmação já que estamos sendo diariamente bombardeados pela mídia com a informação de que tem cidadãos de bem e pessoas más, mas que o educador não concordava nada com isso.

Thiago disse que Hitler por exemplo foi um cara ruim, mas que tem pessoas que gostam dele. Georgy contou que assistiu o filme "A menina que roubava livros" e que gostou muito, pois era uma história real, chorou muito e que falava sobre o que Hitler fez.

Georgy contou sobre o que o filme trata. Depois da descrição de algumas cenas, Murilo pediu para que ele não contasse o final da história, pois ainda não havia assistido. Cuco lembrou que costuma ter esse filme nas escolas.

**C.O. Murilo:** Ver indicação do filme e proposta para assistir qualquer dia no projeto. Filme não recomendado para menores de 10 anos.

Murilo perguntou a Georgy como que era a aparência de Hitler e este contou que tinha cabelo preto, bigode etc. Murilo disse que caso ele estivesse andando pelo Clube do Sindicato, entrado na piscina, brincado com a turma, dado risada, talvez nós também achássemos ele super gente boa, bom de conversa, gostava de animais, de música etc. mas que era importante sempre não julgarmos "um livro pela capa". Cuco lembrou da expressão também: "Quem vê cara não vê coração" (3).

Direcionando para a atividade de integração, Murilo perguntou aos educadores perguntando quem conduziria, e Dexter disse: "todos nós".

## FÚTBOL CALLEJERO

Murilo ficou em silêncio e Dexter começou a falar. O educador Cuco falou sobre a brincadeira escolhida na semana anterior, e lembraram que seria *Fútbol Callejero*. Cuco perguntou quem nunca havia jogado, destacando Aparecida que havia se pronunciado na semana anterior acerca de sua curiosidade pela atividade. Três outros/as participantes não haviam jogado. Perguntou, então, quem dos que já haviam praticado, poderiam explicar a outrem. Juliana foi quem explicou com auxílio de Pikachu. Partiram para a escolha dos times. Cuco perguntou como poderiam fazê-lo. Paloma falou para que dois/duas participantes escolhessem, mas Cuco logo alertou-a de que não faziam desta forma por provocar possíveis exclusões. Georgy e Thiago indicou que faziam por tamanho e habilidade para que ficasse equilibrado. Os/as participantes foram se dividindo com ajuda dos educadores Cuco e Dexter, os quais em seguida já deram início ao primeiro tempo.

### 1º TEMPO:

Ainda em roda, propuseram e discutiram os seguintes combinados:

- Escolha do local: Quadra, apesar dos alertas sobre calor;
- "Parar, parou": Em lances de faltas, quem sofreu a falta poderia pedir para parar e isso seria respeitado, ideia de Iris;

- Acertar no travessão valeria dois pontos e forquilha três pontos, ideia de Thiago;
- "Canetinha" completa dois pontos, ideia de Thiago;
- "Carrinho" perde dois pontos, ideia de Miguel;
- "Estátua": duas pessoas por time poderiam gritar "estátua" e todas as pessoas ficariam paradas, por alguns segundos, ideia de Juliana e Iris;
- Pilares: respeito, cooperação e solidariedade, três pontos cada;

## **2º TEMPO:**

C.O. Cuco: *Fútbol Callejero* como atividade de integração acaba gerando certos percalços pelo número de pessoas, pelo horário do sol mais forte e pelo tempo escasso, acarretando conturbações durante a prática neste segundo tempo. Há menor participação de boa parte dos/as praticantes, especialmente menores e inexperientes o que o *fútbol callejero* se propõe a combater, sendo necessário maior cuidado e planejamento para que estejamos preparados e saibamos melhor conduzir uma próxima vez.

C.O. Murilo: Sugiro que da próxima vez, dividamos em dois jogos ocorrendo simultaneamente, já que temos contado com mais educadores neste momento do projeto. Ou realizar "jogos relâmpago", com curtíssima duração.

C.O. Cuco: Pensei em alternativa de se inserir um novo primeiro tempo no meio do segundo tempo, para rememoração e discussão das regras entre as equipes e/ou elas mesmas.

## **3º TEMPO**

Samara e Mago chegaram atrasados pois estavam no posto de saúde. Mago faltou da escola por causa disso. Baixinha auxiliou na mediação de Cuco por ter marcado os pontos durante a partida junto a Megablue. Baixinha comentou que nunca havia visto um jogo com um gol só e sem outra pontuação além dos pilares.

C.O. Cuco: Comentei antes do *fútbol callejero* com Dexter e Rogério que por ter ser a atividade de integração, para uma mínima experiência, talvez passasse do tempo que cabe a esta atividade, diminuindo das demais.

O *fútbol callejero* terminou umas 15h50 (4).

### **BICICLETA (durou 35 minutos aproximadamente)**

Nesta roda, o educador Cuco fez alguns combinados para bicicleta.

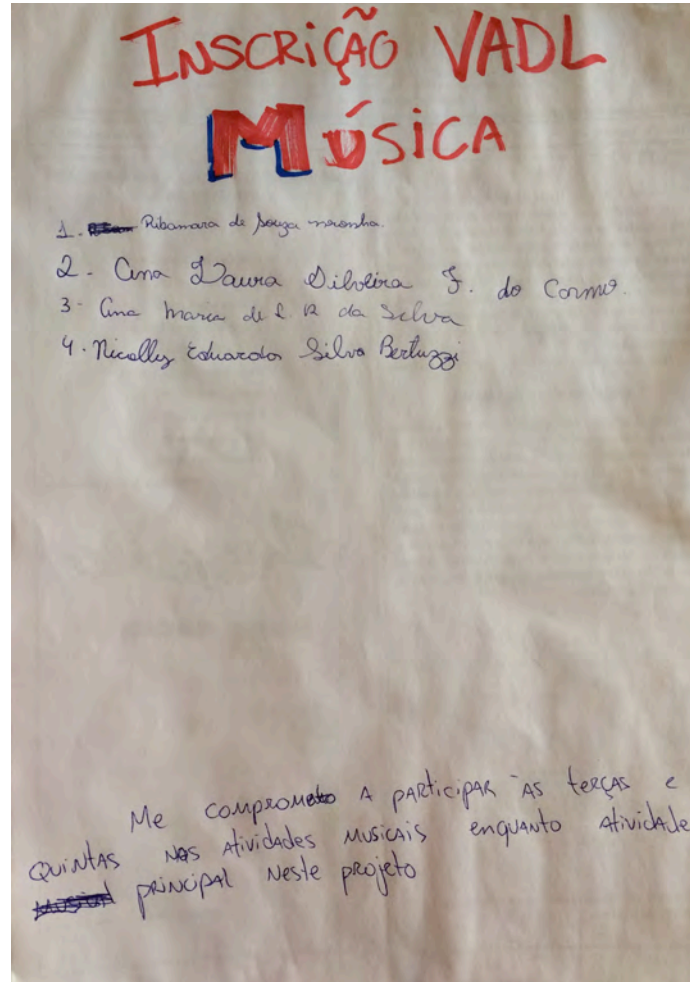
### **MUSICALIZAÇÃO (durou 35 minutos aproximadamente)**

**Participantes da música [4+1]:** Iris, Baixinha, Megablue, Violeta e educador Murilo

Murilo já havia levado o computador, o amplificador, câmera e alguns instrumentos para a lanchonete. Deixou outros instrumentos atrás de uma árvore para não atrapalhar o terceiro tempo do *fútbol callejero* que estava acontecendo na roda ao lado da lanchonete. Terminado este momento, as meninas se levantaram e Murilo pediu para que trouxessem os instrumentos, enquanto ele arrumava o computador. Baixinha reclamou da presença de Violeta, dizendo: "Assim, não dá, você não pode ir na música porque não pode ficar mudando. Se for assim, eu vou pra bicicleta hoje". Murilo pediu calma e disse que iriam conversar em roda.

Murilo explicou para todas que na semana passada haviam conversado sobre não ficar mudando de atividade e que tinha pensado em uma folha de inscrição que dizendo que a pessoa estaria se comprometendo em se manter na atividade.

**C.O. Murilo:** A ideia era construir isto coletivamente, elencando combinados e regras da aula de música. Mas como tivemos um tempo reduzido, peguei a folha que já tinha preparado e conversamos sobre ela.



Murilo avisou que como era a primeira vez que Violeta estava vindo, que ela experimentasse e visse se era realmente aquilo que ela queria fazer. Ao final da aula, o educador passaria a folha e só assinaria quem se iria se comprometer com a presença nas aulas (5).

Murilo levantou e disse que iriam começar a aula. Iris comentou: "Vamos direto pros instrumentos, não vamos dançar hoje não!". Murilo concordou, dizendo que como haviam marcado uma apresentação para a próxima quinta, seria melhor mesmo, já que também teriam pouco tempo (6). Iris já sabia qual era seu instrumento e foi pegá-lo. Ela "vestiu" e Murilo a ajudou a apertar o talabarte. Megablue pegou seu surdo e já começou a percutir o ritmo que estavam estudando com a mão. Murilo foi até Violeta e, enquanto percutia a caixa e surdo, perguntou qual instrumento ela gostaria de tocar. Iris falou: "Esse é meu" [apontando para o surdo de chão]. Violeta escolheu a caixa. Murilo a



ajudou a colocar (vestir) a caixa. Megablue pegou o tamborim e tocou junto ao surdo o ritmo do samba-reggae.

Murilo: "Antes de eu entregar a baqueta porque depois a gente vai começar a bater e acaba ficando mais difícil de falar. É... hoje a gente vai fazer um negócio relâmpago, porque quinta-feira passada, a gente deu a ideia e combinou de fazer uma apresentação no final. Então a Violeta chegou e tudo bem, vamo lá, Iris, Baixinha e Megablue vamo lá que vai dar certo. A gente apresenta o que a gente fez até o momento, beleza? E a gente tá aprendendo que ritmo?". Iris: "Já sei, samba-reggae!"

Murilo entregou as baquetas. Megablue perguntou: "Porque o meu é um só?" (7). Enquanto o educador ajeitava sua caixa, Baixinha foi explicando para Violeta o toque da caixa, dizendo "1, 2, 3, 1, 2". Murilo: "Vamos explicar pra Violeta. Violeta você já comeu vatapá? [Não] É uma comida de origem africana mas que tem na Bahia bastante, e que tem em outros estados também. Bahia é um estado lá no Nordeste. Aí a gente pensou em "vatapá" e na palavra "gosto" [ler *gósto*]!". Murilo cantou o ritmo e Baixinha o acompanhou. Enquanto o educador foi ajeitar sua caixa, Baixinha ficou ensinando Violeta. Megablue e Iris também tocaram em seus respectivos instrumentos. Murilo disse: "Isso, muito bem!". O educador pediu para que Megablue e Iris tocassem o ritmo do surdo.

Iris perguntou qual seria o começo e qual seria o final. Murilo disse que por enquanto ele faria a contagem e começaria [e deu um exemplo]. Megablue: "Mas não era pra começar daquele negócio assim, pá, pá, pá? [enquanto tocava no surdo]". Murilo disse que aquilo era só por enquanto.

**C.O. Murilo:** Para que Violeta firmasse um pouco mais.

Quando o ritmo desencontrou, Murilo parou e ia recomeçar quando Megablue disse: "Por isso que eu falei pra bater com os dois [baquetas, apontando para Baixinha], para não se perder". Estavam tocando e Murilo começou a gingar. Megablue o viu e começou a gingar também, seguido de Iris.

Murilo repassou a "chamada", ou seja, o toque que fazia para que todos/as "respondessem" e entrassem no ritmo juntos/as. Murilo disse: "A entrada que a gente fazia era assim" e tocou:



Repetiram algumas vezes e desde a primeira todas repetiam, com exceção de Violeta que começou a tocar na terceira vez. Murilo combinou de fazer quatro vezes seguidas e depois entrar no ritmo. Iris: "Mas aí tem aquele outro negócio...". Murilo: "Calma, calma, caaaalma... primeiro aprende um, para fazer o outro" (8).

Tocamos por alguns minutos e quando o educador via que estava soando bem, começava a tocar um outro ritmo da caixa (dando um passo para trás e virando de costas para os/as participantes).

**C.O. Murilo:** Reparei que, como olhavam para o que eu fazia na caixa me afastava para que não confundissem os ritmos.

Ao se desencontrarem, voltou a fazer o ritmo que Baixinha e Violeta estavam fazendo. Para terminar, Murilo contava até quatro, parava e recomeçava. Em uma destas vezes, Murilo fez o combinado de que terminariam no primeiro tempo, para não "sobrar". Murilo fez o toque da caixa e contou até quatro, tocando como iriam parar.

Megablue percebeu que estava desencontrado. Recomeçaram. Enquanto tocava, Murilo gingava e se comunicou (olhou e exagerou os movimentos- 13"31') com Megablue para que fizesse o mesmo.

Murilo tocou a segunda convenção:



Murilo pediu para fazer um de cada vez, menos Violeta pois ainda não havia aprendido.

**C.O. Murilo:** Baixinha fez mas ficou um pouco fora do tempo.

Iris: "Deixa ela tentar fazer sozinha". Murilo: "Depois, depois a gente tenta".

**C.O. Murilo:** Violeta é bem quieta, envergonhada. Por isso achei melhor não colocá-la em evidência. Entretanto, deveria ter perguntado a ela se queria fazer sozinha (9).

Megablue começou a acompanhar essa "chamada" que Murilo fazia na caixa. "Sempre me empolgo!". Murilo: "Uma coisa que eu percebi: quando vocês estavam

fazendo o passinho [gingado] é que é muito mais difícil de sair do ritmo. Tem umas horas que dá um desencontro, não sei se vocês perceberam. E é normal".

Megablue: "Ow, o negócio peeeeesa!". Murilo: "Se tiver pesando muito... vocês querem dar uma descansada?". "Não", responderam. "Não, não, vai, vai, quero continuar, vai!".

**C.O. Murilo:** [ideia] Preciso falar sobre a "postura atenta/pronta" enquanto toca, ou seja, dizer que entre uma baquetada e outra, a postura é de preparação para tocar. Baixinha parecia estar atrasando porque depois do toque levantava sua mão lá em cima, e acabava demorando mais tempo para tocar a próxima "nota" (10).

Murilo: "Sem tocar essa parte, Megablue, que essa é minha..." [batendo com a baqueta no aro do surdo dela]. Megablue: "É dahora, sai um som legal!". Depois de tocarem mais uma vez, Murilo disse: "A gente precisa achar um jeito, eu preciso achar um jeito de fazer alguma convenção que sirva pra todo mundo parar junto". Baixinha: "Você veio na apresentação da UFSCar? Ele fazia [fez os gestos imitando um dos integrantes ao conduzir o grupo] (11).

Murilo: "Você pode usar aquele ali? [apontando para o surdo com talabarte] Por que eu estou pensando uma coisa. Se vocês acharem legal, a gente pode apresentar isso na semana que vem parado. Só que se a gente se empolgar e se der certo hoje, a gente vai andando e tocando até lá pra guardar os instrumentos e aí provavelmente tem o pai de alguém que vem buscar alguém, sei lá, e aí a gente mostrar pra eles". Murilo foi pegar o surdo mas viu que estava com o talabarte quebrado, de forma que seria difícil tocar e andar ao mesmo tempo.

Enquanto as meninas estavam tocando, Megablue disse: "Eu cansei de ficar só assim!". Murilo "Mas tá faltando uma coisa muito importante!". Megablue: "Eu to dançando!". Murilo coçou a cabeça e olhou para Iris que imediatamente parou de tocar. Murilo disse que não havia olhado com essa intenção de que ela parasse, mas queria dizer "que a Megablue, todo mundo aqui consegue fazer o passo, e tal. A Megablue é uma pessoa muito animada e isso é legal. Todo mundo aqui é animado, mas a Megablue tem um carisma, ela sorri, ela dá risada, faz todo mundo cair na risada. Isso é legal!" Megablue comentou: "Sou *paiáça*, eu vim do circo!". Murilo: "Isso é legal, e é legal numa apresentação porque você acaba envolvendo a gente para dançar. Então não pense

que você só está fazendo isso, você também vai ser responsável por nos ajudar a dançar. Beleza? Vou jogar a responsa pra você!" (12).

Continuaram tocando. Murilo combinou com o grupo que quando ele levantasse a mão unindo os dedos médio e polegar fariam outra convenção. Murilo disse: "Pessoal, presta atenção porque a gente só tem quatro minutos e semana que vem a gente toca, e eu quero usar "o pato falante" [fazendo o gesto que havia criado logo antes]. A gente vai estar lá, tocando, se divertindo e eu posso parar de tocar e fazer assim [levantou a mão e fez o gesto], vou contar até quatro [gesticulando a contagem], fazer o "Pedi pra parar" e vocês respondem "Parou". Beleza?.

Fizeram três vezes e depois Murilo treinou apenas o "Pedi pra parar" com andamentos variados. Murilo anunciou que seria a última vez. Quando terminaram, Murilo disse: "Legal!!!" [e saiu cumprimentando todas as meninas, com um toque de mão. Megablue começou a tocar o ritmo do baião e Iris começou a cantar Asa Branca, do Luiz Gonzaga]. Megablue: "Nossa, eu não sei porque mas eu amo muito tocar flauta, gente!". Iris: "Eu sei tocar essa música na flauta, menos aquela parte tananã nanã nanã".

Megablue: "É eu vou trazer minha flauta ". Megablue continuou tocando o ritmo do baião (13).

Murilo passou recolhendo as baquetas. Baixinha pediu para beber água. Megablue perguntou como que ela "saía de lá". Murilo foi ajudá-la, mas ela saiu sozinha. Iris perguntou se poderia levar os instrumento para a Sala, Murilo disse que tudo bem. Murilo foi conversar com Violeta, para arrumar sua caixa que estava com o talabarte preso de maneira assimétrica no instrumento.

**C.O. Murilo:** [pesquisar] Ver nomenclaturas: chamada/convenção, passinho/passos/dança/ginga;

**C.O. Murilo:** Foi interessante ver Baixinha sendo apoiada por Iris e Megablue ao defender a constância da participação na música (14).

## RODA FINAL

Os/as participantes foram chegando e sentando em roda. Paloma e Juliana se xingaram, mas são amigas e apesar de ser um *palavrão*, era uma brincadeira. Mago disse: "Sua mãe não te deu educação, não?". Georgy que também estava na roda, disse para ele

cuidar da sua vida. Os dois também se xingaram, sendo que Mago chamou Georgy de caveira, por ser magro. Murilo chegou e perguntou o que estava acontecendo. Disse para as meninas que apesar de brincadeira, as pessoas aprendem as coisas muito fácil e tinha certeza que os pais não gostariam de ouvi-las falando palavrão, assim como a mãe e o pai do educador também não gostam. Em entrevista de emprego, com os pais etc. nós não ficamos falando gírias e de qualquer forma. Temos que ter cuidado sobre o que e com quem falamos e nenhum lugar, muito menos o projeto, era lugar de palavrão (15).

A brincadeira escolhida pela mediação do Cuco foi a brincadeira da Abelha.

### **CONFECCÃO DO DIÁRIO**

Eder e Luciane trouxeram Otávio e Thierry que são do Abdelnur e do futebol ADESM e querem usar a van do projeto para transporte. Murilo ficou de conversar com Dexter que foi na van hoje, para especificar sobre os pontos e vagas (16).

## Diário de Campo IX

**Data:** 12/04/2018 (quinta-feira)

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as [3]:** Murilo, Flecha, Cuco e Dexter (?)

**Participantes Presentes [13]:** Juliana, Iris, Pietro, Pikachu, Minivamp, Baixinha, Megablue, Violeta, Georgy, Miguel, Tatagiba, Samara, Aparecida, Paloma, Luan, Cristiano Ronaldo, Jonas, Marcos, Leonardo, Luigi, Batman.

**Relatoria:** Murilo e Cuco

### INFORMES

- O educador Téo avisou no dia anterior, via *WhatsApp*, que não poderia participar do Projeto hoje em virtude de processo seletivo do SESI (1).

### CHEGADA

O dia estava bem claro e ensolarado. A van chegou 14h05 acompanhada pelo educador Flecha e o educador Cuco chegou pouco depois. O educador Murilo já estava no clube arrumando a sala do VADL. Os/as participantes estavam no parquinho e, após montarem a roda com as cadeiras, sob as árvores em frente a lanchonete, os educadores chamaram para iniciarem a roda inicial. O educador Cuco levou cordas e bolas para o jogo moçambicano My God, também conhecido por Litoti (2).

### RODA INICIAL

O educador Flecha iniciou a roda comentando sobre participantes novos, Jonas, Luigi, Marcos e Leonardo, puxando uma apresentação para que todos/as se conhecessem. Alguns/mas participantes logo deram ideias para incrementar a apresentação, ficando decidido que todos/as fariam nome, idade, apelido que gostam ou não gostam, animal preferido e esporte favorito. Futebol foi o esporte mais citado, por meninas e meninos, seguido por Basquete e Vôlei, com destaque para o Boxe, citado por Minivamp. Cachorros e gatos foram os mais citados quanto aos animais, com destaque para a explicação do educador Murilo acerca de sua escolha, o elefante, por tratar-se de um animal grande mas delicado, conhecido por ter medo de ratos por exemplo, além da questão da boa memória, lembrada por participantes como Minivamp. Quando alguns/mas participantes falaram sobre nomes que não gostam de ser chamados - por

exemplo, Megablue, que não gosta de ser chamada de [apelido] ou [apelido]; Cristiano Ronaldo, que não gosta de ser chamado de [apelido] e Tatagiba que não gosta de ser chamada de Bel. Logo que falaram, alguns/algumas colegas chamaram Megablue e Cristiano Ronaldo por tais nomes, sendo advertidos pelos/as mesmos/as e pelos educadores de que acabaram de falar que não gostavam ser chamados por estes nomes (3).

Em seguida, Cristiano Ronaldo lembrou do combinado para que ele fizesse uma mímica na roda final, como fora feito por Minivamp na última terça, e Pietro logo pediu para fazer também. Conforme acordado naquela ocasião, o educador Cuco disse que seria uma por dia e que Pietro poderia fazê-la na terça seguinte, dia 17/04 (4). Então, o educador Cuco perguntou se lembravam da atividade de integração escolhida para o dia e alguns/mas disseram que seria o “My God”, o educador Cuco aproveitou algumas dúvidas de alguns/mas participantes acerca de qual brincadeira era essa, para perguntar também aos/às demais, que já haviam brincado, se sabiam a origem da mesma. Com a negativa, o educador contou da origem africana da brincadeira, especificamente de Moçambique, um país que também falava português, aproveitando também para perguntar por que falavam a mesma língua que nós, o que fora respondido por Minivamp, de que também havia sido colonizada por Portugal. O educador, prosseguindo, disse que antes também tinham outras línguas, assim como as línguas dos parentes que haviam nos visitado em outro encontro anterior; o My God também era tinha outro nome em uma destas línguas: *Litoti*. O educador ressaltou que era importante conhecermos brincadeiras e, desta forma, ao menos parte da cultura de povos que fazem parte de nossa história, Georgy reforçou que tínhamos muito da cultura africana em nossa cultura (5).

## **MY GOD**

Ainda em roda, o educador Cuco perguntou quem poderia explicar a brincadeira para aqueles/as que não a conheciam, Iris se dispôs e começou, sendo complementada por Minivamp, Baixinha e Georgy, ao final da explicação destes, o educador Flecha demonstrou com desenho em papel na prancheta, como seria a disposição das equipes (6), e o educador Cuco perguntou onde gostariam de realizar a brincadeira, alguns/mas chegaram a sugerir a quadra, mas, mediante "olhares" desconfiados dos educadores,

outros/as já se lembraram da última atividade de integração na mesma, que havia causado a desistência de muitos/as deles/as em virtude do sol e calor, e explicaram tal questão para aqueles/as, já decidindo pelo gramado ao lado das piscinas desativadas (7).

Enquanto o educador Flecha ficou para a condução da divisão das equipes pelas próprias crianças, por tamanho e idade, o educador Cuco fora demarcar os espaços da brincadeira com as cordas no gramado, junto ao participante Minivamp.

Chegando ao gramado, um time já se dispôs nas extremidades do campo demarcado, com as bolas, de onde tentariam "queimar" o/a participante da outra equipe que estivesse tentando montar uma pirâmide com 6 latinhas no meio do campo. Se o/a participantes conseguisse montar a pirâmide e passasse o pé por cima gritando "My God" e derrubando as latas, esta equipe marcaria um ponto, e a próxima pessoa do time poderia tentar remontar a pirâmide. Caso durante a tentativa ele/a fosse queimado/a, deveria ir ao final da fila, dando lugar ao próximo/a e assim por diante.

Foram quatro rodadas de cinco minutos, em que as equipes alternavam as funções de "montadoras" e "queimadoras". Ambas as partidas terminaram empatadas, ou seja, os dois times fizeram o mesmo número de pontos quando foram "montadoras" (8).

**C.O. Cuco:** Georgy, ao ser queimado, voltando para a fila, chutou forte uma bola próxima que passou do alambrado, caindo em local que não pertencia ao nosso espaço do clube, eu disse contrariado que a bola ficaria lá até o final da brincadeira, que ele não deveria ter chutado daquela forma. Ele pediu desculpas (9).

**C.O. Cuco:** Foi interessante notar que houve bastante respeito quanto às linhas limítrofes para os arremessos para queimar quem estava montando, com exceção de Marcos e Luan, mas talvez também por falta de familiaridade com a brincadeira, além da costumeira imersão total na brincadeira. Pietro e Minivamp estavam excedendo-se na disputa das bolas livres em campo para que pudessem arremessá-las. Perto do final da brincadeira chegaram a se empurrar no chão, sendo alertados por mim acerca de tal excesso, que não era necessário e poderiam se machucar (10).

**C.O. Cuco:** Vi Juliana comentando com Flecha, próximos a mim, enquanto recolhíamos as cordas, que tinha gostado do empate para que ninguém provocasse ninguém depois.



Comentamos, então, quase simultaneamente, que mesmo se alguma equipe tivesse ganhado, também não deveriam provocar a outra equipe (11).

**C.O. Murilo:** Percebi que Samara se incomodou com Luan chamando-a de [apelido] ou [apelido] durante a brincadeira, maneiras que ela havia indicado que não gostava durante a roda inicial (12).

## **BICICLETA**

Ao final do My God, as pessoas foram para a roda ainda disposta em frente à lanchonete, para combinassem sobre as próximas atividades. O educador Cuco iniciou explicando que o educador Téo, encarregado pela parte mecânica da troca de experiências com a bicicleta, havia faltado novamente em virtude de processo seletivo para professor de Artes do SESI, e que o educador Brasileiro, que havia participado de alguns encontros como voluntário ia experimentar outros projetos, o que acarretou algumas perguntas por parte dos/as participantes sobre a saída de educadores do projeto e de outras profissões dos educadores, concomitantes ou não com o projeto. O educador Flecha deu o exemplo de sua entrada no projeto para substituição do educador Silas, que estava se formando na universidade, o educador Murilo explicou que ser educador era um trabalho, propiciando muita experiência e algum dinheiro, além de sua pesquisa de doutorado. O educador Cuco disse que, como já havia comentado em outros encontros, além do Mestrado sobre as rodas de conversa, era professor de Educação Física de escolas públicas infantis em Ibaté, e que as duas experiências proporcionavam também trocas de experiências entre elas mesmas (13).

Enfim, o educador Murilo explicou brevemente como era o desenvolvimento das atividades fixas do projeto (musicalização e bicicleta), em virtude dos colegas novos e que envolveria experimentação e depois uma escolha da parte deles. Em seguida, quem ia para a musicalização foi acompanhando o educador Murilo na arrumação do material necessário para tal. Ficaram aqueles/as que realizariam a atividade de Bicicleta, cerca de 17 ou 18 participantes, para os quais o educador Cuco explicou que depois da entrega dos capacetes e das bicicletas com o auxílio do educador Flecha, ficaria sozinho, posto que este iria ajudar na atividade de música, pedindo compreensão, calma e cuidado ao escolher e pegar as bicicletas e ao andar com as mesmas pelo clube.

Quando o educador Cuco levantou, então, para seguir para o saguão das bicicletas, as crianças já saíram correndo para lá e, ao chegarem, já foram mexendo nos instrumentos que estavam dispostos fora da sala devido à arrumação e limpeza que o educador Murilo estava realizando. Cuco e Flecha apertaram os passos para alertá-los que os instrumentos estavam ali por estarem com veneno para baratas, (conforme o educador Murilo avisou); e Cuco disse que, de qualquer forma, não poderiam chegar mexendo nas coisas da forma como o fizeram, sem pedir e sem cuidado.

Enquanto o educador Flecha abria o bicicletário, o educador Cuco distribuía os capacetes e ajudava os/as participantes menores à colocá-los, que depois escolhiam suas bicicletas com os primeiros (14). Samara comentou com o educador Cuco que estava machucada e também teria de revezar alguma das bicicletas menores, se não podia, então, ficar no parquinho, o educador assentiu, incentivando-a a tentar andar novamente em outras oportunidades. Batman, Miguel e Tatagiba, que também teriam de revezar as bicicletas menores, acompanharam-na, seguidos/as pelo educador Cuco, Batman e Miguel ainda andaram um pouco, revezando com Jonas e Luan, mas ao final acabaram ficando direto no parquinho com Samara e Tatagiba (15).

Às 16:20, o educador Cuco pediu para guardarem as bicicletas, sendo prontamente entregues pelos/as que passavam perto da Sala de Materiais, e logo iam para o parquinho. Enquanto isso o educador ia as arrumando no bicicletário, e ouvia os/as participantes brincando juntos no parquinho.

**C.O. Cuco:** Em certo momento, Cristiano Ronaldo passou pelo amigo Luan, próximos de onde eu estava no parquinho, falando alto “bateram no seu primo [Jonas], bateram no seu primo”, mas Batman e Jonas logo passaram por ali também e perguntei se alguém havia batido em alguém e Jonas disse que só havia caído e que Batman passara perto, chamei, então, Cristiano Ronaldo para perguntar por que ele havia falado aquilo, explicando que poderia ter sido mal interpretado por Luan de que houvera agressão, sendo que na verdade havia sido um acidente, e poderia gerar confusão, ainda mais ele sendo maior que os demais, deveria acalmá-los em vez de incitá-los. Ele ouviu atentamente e disse compreender, seguindo andando com sua bicicleta (16).

**C.O. Cuco:** Também conversei com Samara, Tatagiba, Batman e Miguel, que estavam brincando juntos no parquinho, perguntando como era a brincadeira, Samara contou que

ela e Tatagiba eram as princesas que ficavam na casinha, Miguel era o guarda e Batman era um interesseiro que queria casar com elas pelo dinheiro delas. Perguntei por que elas não poderiam ser as guardas, disseram que agora seriam, e depois perguntei por que Miguel e Batman estavam fingindo atirar um no outro se eram guarda e interesseiro, que não necessitaria de armas para resolver, como nada deveria precisar. Não sei se fui moralista, mas ao menos problematizei um pouco a brincadeira, que era e continuou sendo autogerida pelas crianças (17).

**C.O. Cuco:** Enquanto eu guardava as bicicletas, ouvi gritos de “para! para!”, estava terminando de fechar o bicicletário e, mais rapidamente, já fui vê-los/as, parecia tudo apaziguado, então chamei-os para a roda final em frente a lanchonete.

## **MUSICALIZAÇÃO**

**Participantes da musicalização[4+2]:** Iris, Baixinha, Megablue, Violeta e educadores Murilo e Flecha

Violeta, Baixinha, Iris e Megablue foram pegando os instrumentos e se sentando. Murilo estava ajeitando o computador, som e câmera. Pegaram as baquetas e ficaram tocando. Megablue comentou que sentia saudades de tocar bateria. Megablue chamou Iris e disse: "vai, você toca a minha parte e eu a sua" [tocaram e foram acelerando] (18).

Iris pediu a Murilo novamente que ajudasse a ajeitar o surdo e o educador disse: "Já falei que agora a gente não vai usar os instrumentos...". Iris: "A gente vai dançar?". Murilo: "Sim, depois a gente vai aprender uma coisa nova de escrita, depois a gente vai pegar os instrumentos. Por que se não, também, fica muito tempo com o instrumento e vão ficar muito cansadas". Megablue: "Se eu tirar [o instrumento], eu não coloco mais". Murilo: "Coloca sim, vai lá!". Megablue: "Pode falar". Murilo, pedindo para que tirasse o instrumento disse: "Não, vai lá!". Megablue: "Aiii, Murilo!". Murilo a ajudou a tirar o instrumento (19).

Murilo perguntou: "Que ritmo a gente está tocando?". Megablue respondeu: "Direita, esquerda, direita, esquerda". Murilo: "Nome do ritmo". Iris: "Samba-reggae". Murilo: "Toda semana vou perguntar. Eu já estou perguntando há algumas semanas, então que ritmo a gente está tocando?", responderam "samba-reggae". Repetiu a pergunta

mais uma vez. Murilo: "Tem vários grupos em Salvador que é o mesmo lugar que eu falei que tem a comida que é vatapá... No estado da Bahia, tem a cidade que é Salvador". Iris: "Que o pai da Juliana nasceu lá! O meu tio que ele me chama de filha, então é meu pai". Murilo: "Tem um estado, um pouco distante daqui que chama Bahia. Lá tem várias cidades, dentre elas Salvador". "Pouco distante?" Megablue. Murilo: "É, se for de carro, dá umas tantas horas.. mais de 10... hmm mais de 20 talvez". Violeta: "Minha tia foi de carro". Murilo: "É bastante, eu posso procurar depois". Iris contou que davam uns 4 ou 5 dias de ônibus. Murilo: "Aí lá tem o vatapá, que falamos, o acarajé, varios tipos de comida, de música, dentre elas o samba-reggae". Baixinha: ""Baião de dois" é da onde?". Megablue: "Nordeste!".. Megablue: "Baião de dois é do Ceará!" (20).

Murilo passou recolhendo as baquetas. Megablue começou fazer o ritmo do samba-reggae cantando: "Vatapá, legal". Iris cantou a outra opção que havíamos pensado: "pôr-do-sol, legal". Murilo pediu para ficarem de pé e colocou a música do Ilê Aye - Que bloco é esse?. Ficaram em roda fazendo o passo, todas começando pra direita. **C.O. Murilo:** Era a primeira vez que ensaiamos o passo com Violeta.

Murilo viu que Violeta estava olhando mas não estava tentando fazer, então ficou na frente dela, para que acompanhasse. Megablue fez outras danças, mais complexas, mas voltava sempre ao passo que estavam fazendo, sem perder o ritmo. Enquanto faziam o passo ao som da música, Murilo foi dizendo que o legal, na música e na dança, é quando a coisa fica meio automática, e a gente consegue fazer sem pensar muito. Aquele passo que faziam tinham vários motivos. Um deles é porque uma apresentação não é feita apenas de sons. Murilo perguntou para Megablue se quando ela se apresenta com o Doces Flautistas, pode ir com qualquer roupa. Megablue contou que vão com uma camiseta específica e sapato fechado. Murilo ressaltou que as pessoas estão lá para ver o conjunto da obra. Quando as pessoas dançam juntas, é algo muito bonito de se ver. Outro motivo é que ajuda a marcar o tempo. Murilo pediu para que quem se perdesse, parasse e retomasse o passo junto ao grupo.

Após ter ajudado na atividade de bicicleta, Flecha chegou na lanchonete e também começou a fazer o passo.

Megablue contou que iam fazer uma apresentação com o Doces Flautistas. Murilo perguntou se era aberta, e ela disse que achava que sim.

Murilo chamou todas as pessoas para perto do computador e explicou que estava passando um vídeo do grupo Didá, grupo composto por mulheres, tocando um samba-reggae nas ruas do Pelourinho (bairro de Salvador). Iris falou: "Vamos jogar o cabelo também!".

Murilo: "Aí fecha o olho! [fecharam] Elas tocam bem... é bonito de escutar. Só que daí olha o vídeo agora [abriram]. É muito bonito ver elas dançando juntas, todas com os instrumentos coloridos, e tudo mais". Megablue: "Aí, elas estão quase com a mesma roupa, a gente também usa roupa azul. Você vê lá, só encontra família azul!" (21).

Murilo pediu para pegarem as baquetas e irem atrás das cadeiras vermelhas para fazer um exercício. O educador colocou os cartazes no chão, e disse que iriam fazer pouco daquele exercício pois iriam ensaiar para a apresentação e explicou para Violeta que onde tivesse o D era para tocar com a direita e E para tocar com a esquerda. Murilo fez uma vez para demonstrar e Iris, Baixinha e Megablue o acompanharam tocando. Fizeram do exercício 1 ao 8, com Murilo falando, apenas no começo, as mãos usadas (direita ou esquerda). Murilo propôs que aumentassem o andamento. Durante o exercício pediu "sem correr" e anunciou qual exercício estavam tocando. Iris perguntou se poderia dar uma dica para ficar melhor e disse para Violeta: "Você pode contar 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8" [enquanto tocava e foi acompanhada por Baixinha e Megablue]. Iris saiu de seu lugar e fez os toques, contando e apontando para o cartaz que estava no chão.

**C.O. Murilo:** [ideia] Mudar o exercício

Murilo passou para segunda folha explicando que era a mesma coisa só que está escrito em baixo. Megablue perguntou: "Por que "O Pulo do Gato"... como é essa música?". Murilo: "Este é um exercício, só pra gente entender como faz. Eu peguei de um livro que chama O Pulo do Gato". Megablue: "Dá pra fazer com *sol: sol, sol, sol, sol, lá, lá lá, lá...*" [enquanto percutia com a baqueta]. Murilo: "Com a flauta dá!". Megablue: "Terça-feira eu vou trazer!". Iris: "Eu tenho uma, é *mór dahora!* A minha é da Yamaha".

Fizeram o exercício algumas vezes, aumentando o andamento a cada uma delas. Em uma das vezes, Murilo parou o exercício e pediu: "Pessoal, já fica preparado!"

**C.O. Murilo:** [ideia] Falar da "posição atenta".

Depois Murilo propôs que fizessem só o "Exercício 2" e repetissem quatro vezes. Mesmo indicando o início de cada tempo, estavam parando em momentos diferentes. Murilo foi até o cartaz e apontou para o exercício enquanto tocaram juntos/as. Megablue logo que acabou disse: "Ahhhh".

Murilo mostrou a terceira folha. Megablue comentou: "Olha, uma pausa de um tempo!" (22).

Iris vendo algumas crianças no parquinho disse: "Fala pro *coisinho* ir lá ver, porque vão quebrar o brinquedo girando lá, ó!". Megablue: "Eles estão girando, vai acabar um batendo no outro". Flecha: "Segue aí que eu vou lá" (23).

Murilo voltou a explicar: "Isso daqui é uma pausa, um silêncio". Iris: "Mas não é assim". Megablue disse: "É um "Z" e um "C", você só fez ao contrário". Murilo: "Na verdade.... Bom, eu posso dar uma conferida, mas enfim, eu escrevi assim então nesta folha vai ficar assim, depois eu mudo se eu ver que está errado. Mas dá pra entender que isso é diferente disso, não dá? [Sim] Então quando tiver esse símbolo, isso é pausa, não é pra tocar". Megablue: "De um tempo!". Iris: "Eu já toquei... Professor, posso contar? É rapidinho. Na minha música, a professora Flávia ela fazia prova e ela fazia aquilo [fez o gesto com a mão e Murilo disse "clave de sol"]... isso, aí tinha que fazer na frente as notas: semínima...". Murilo: "Entendi! É isso aí! Agora a gente vai tocar essas coisas, certo? Então vai ficar assim, ó!" [fez o primeiro exercício]. Megablue perguntou: "Por que você mudou a cor?". Murilo: "Ah, mudei mesmo! Isso está errado! Dá pra gente aprender com essas cores, mas não queria ter feito isso. Está errado assim". Iris perguntou como faria na pausa. Murilo propôs que fizessem devagar. Tocaram e repetiram algumas vezes mas não estava dando certo. Flecha disse: "Pensa que aquilo ali é uma nota muda". Iris: "Ela não tem som". Flecha: "Mas ela existe, é o tempo que existe só que é mudo". Murilo: "É para ser contado na cabeça [em silêncio]".

**C.O. Murilo:** Melhorou bastante depois disso

Fizeram mais algumas vezes mas erraram. Murilo disse: "Olha, é falta de atenção. Concentra! É que o pessoal está andando de *bike*, é difícil!". Murilo passou para o "Exercício 2" e da primeira vez que demonstrou, errou e fez de novo. Iris pediu: "Peraí, faz de novo. Quero saber como bate, porque você bateu errado com a direita". Murilo foi até a folha e refez o exercício e ela disse: "Ahh, é assim, ó: [tocou mas parou na metade e

dando risada quando errou]". Murilo perguntou: "Difícil? ["é" , responderam]. Vamos juntos". Repetiram algumas vezes e Megablue exclamou enquanto dançava como que comemorando: "Peguei!!".

Murilo sugeriu: "Vamos fazer um "Hey", quando for a pausa!". Repetiram o exercício. Iris perguntou: "Mas está repetindo com a direita?". Baixinha: "É que a que seria com a esquerda está em pausa". Iris entendeu. Fizeram mais algumas vezes. Murilo deu uma dica: "Finge que bate no tempo, mas não bate porque é pausa". Repetiram mais algumas vezes. Iris disse: "Aiii, melhorou!". Tocaram mais algumas vezes e Murilo disse: "A gente continua na próxima semana esse negócio das pausas". Iris: "E aquele de baixo?" Murilo: "Semana que vem... Surpresa!" (24)

Murilo pediu para que cada um pegasse o seu instrumento enquanto ele guardava os cartazes. Murilo ajudou Iris a prender o instrumento. Megablue comentou que o instrumento era muito pesado. Flecha estava tocando o tamborim. Megablue começou a tocar um ritmo de baião no surdo e Iris começou a cantar Asa Branca bem agudo e alto. As duas ficaram rindo e fizeram outras pessoas rirem também. Murilo tirou o talabarte da caixa que tocaria para colocar no surdo que estaria com Iris. Megablue e Flecha conversaram sobre o baião em seus grupos, Doces Flautistas e Bateria UFSCar. Murilo pegou uma mesa para apoiar sua caixa e a trouxe para perto do grupo. Entregou as baquetas com ponta revestida de pano, mas Iris preferiu as "simples" (25).

Murilo disse que iriam lembrar o que fizeram na semana passada. Fez a chamada e começaram a tocar o samba-reggae, mas logo desencontrou. Murilo sugeriu que tocassem mais baixo e quando disseram que não dava, fez a chamada em diferentes dinâmicas (forte e fraco) e elas/e co-responderam na mesma dinâmica.

Murilo fez o gesto com a mão e contou até quatro e então pararam de tocar. Murilo apresentou um novo gesto explicando que seria uma virada. Baixinha e Iris sugeriram outro gesto, mas Murilo disse: "Tem um porque deste gesto. Nada é por acaso! A gente vai tocar no tempo um e no tempo três e quatro. Que corresponde aos dedos que estão levantados, mas com uma diferença". Megablue e Iris começaram a tentar. Murilo disse: "Eu vou tocar cinco vezes e vocês só vão ouvir". Iris: "Todo mundo vai ter que fazer isso?". Murilo disse que agora só iriam ouvir, mas todos os instrumentos fariam esta virada. Murilo demonstrou nos surdos uma vez como seria. Depois fez duas vezes na

caixa, e duas vezes nos surdos. A quinta vez, propôs que fingissem que iriam bater no instrumento. Murilo fez e disse: "Eu errei na hora de voltar, vou fazer de novo" e repetiu pela sexta vez.

**C.O. Murilo:** Acho que deveria ter mantido a metodologia criada: ouvir, depois falar, depois movimentar, depois tocar. [ideia] Começar a fazer a contagem com os contratempos, ou seja "1 e 2 e 3 e 4 e" para facilitar em viradas como esta.

Murilo fez a chamada e tocaram o samba-reggae. Murilo levantou a mão e fez o gesto combinado para a virada, e algumas pessoas já mudaram o toque. Murilo disse para voltarem no ritmo, mas quando tentou novamente, se desconstruíram. O educador parou e falou para que quando ele levantasse a mão, continuassem tocando, pois ele iria contar até quatro e só então fariam a virada.

Baixinha pediu para treinarem apenas aquela parte. Murilo começou a passar aquela virada, acrescentando dois toques na baqueta para marcar o tempo. Flecha começou a explicar para Baixinha e Violeta. Murilo começou a tocar com Megablue e Iris. Murilo propôs que repetissem todos juntos. Depois de duas vezes, Murilo disse para Baixinha, que não estava tocando: "Ana, fique tranquila, é assim, você precisa ouvir muito pra depois pegar... relaxa!". Depois de diversas vezes, Murilo disse: "Eu vou falar de um jeito que pode ajudar: 1 \_\_\_\_\_ 3 e 4 e" [contagem do contratempo].

Depois de diversas vezes, Murilo disse para que tocassem e contassem os tempos e contratempos. Enquanto isso, o participante Georgy e Juliana chegaram na roda, após terem devolvido as bicicletas. Murilo pediu para que ele e ela ajudassem cantando também. Baixinha disse que iria tentar e conseguiu. Megablue e Murilo comemoraram "Aeee!" e "Muito bem, muito bem!". Georgy quis tocar, mas Murilo disse que como ele estava na bicicleta, deveria ir para a roda onde seria realizada a conversa do final do encontro.

Murilo comentou que não fariam esta virada que estavam treinando, mas fariam a outra que haviam ensaiado. Megablue: "Ahh, vamos fazer hoje!". Iris deu a ideia de se apresentarem já naquele momento. Murilo concordou e foi até a roda para abrir um espaço. Enquanto isso, elas foram tocando. Baixinha comentou: "Agoora eu peguei!". As pessoas que estavam na bicicleta foram chegando e se sentando na roda de cadeiras, ao lado da lanchonete (26).



### **Apresentação**

Murilo pediu para que não tocassem naquele momento. O educador disse: “Pessoal, tudo bem com vocês? Na semana passada, a Iris e a gente propôs que na roda final a gente fazer uma apresentação pra vocês. E aí, a gente está aqui e a gente vai apresentar o que a gente está ensaiando, que é o ritmo [e virou para a turma da musicalização que respondeu "samba-reggae"] Alguém aqui já ouviu falar de samba-reggae?”. Aparecida falou que a família dela ouvia muito samba rock.

**C.O. Murilo:** Não tinha entendido que era samba-rock, mas pela gravação ficou evidente (27).

Murilo: "Vocês estão preparados e preparadas? Podemos começar?" [virou-se ao grupo de percussão e perguntou baixinho: "Vocês querem que [todos/as da roda] fiquem de pé ou sentados?" Megablue respondeu: "sentados". Murilo fez a chamada, e começaram a tocar. Durante o ritmo, Murilo abaixou a mão para tocarem mais fraco, depois a ergueu para tocarem mais forte, por fim contou até quatro e fechou a mão, para terminar a música. Todos/as bateram palmas .

Já haviam crianças repetindo o ritmo, principalmente das caixas.

**C.O. Murilo:** Acredito que Pietro, Luan e Jonas (28).

Murilo fez outra chamada e repetiu quatro vezes, variando o andamento e então disse: "Pessoal, a gente precisa da ajuda de vocês. Isso que eles vão fazer, vocês vão fazer batendo palmas, entenderam?". Megablue: "Quem quiser dançar..." Murilo: "Se quiser dançar pode ficar de pé também". Imediatamente Georgy, Juliana, Aparecida, Tatagiba, Luan, Pietro se levantaram.

Quando o grupo começou a tocar, pularam e bateram palmas e então algumas pessoas foram se sentar. Murilo pediu para o grupo continuar tocando e ele foi até a roda e pediu para que se levantassem. O educador ensinou como dançávamos tocando: "abriu, fechou, abriu, fechou". Depois contou até quatro e pararam de tocar. Murilo foi até o grupo e disse: "muito obrigado, muito obrigado", se curvando, junto ao grupo. Algumas pessoas da roda também se curvaram.

Murilo disse: "Pessoal, a gente queria agradecer, porque é o primeiro dia que a gente toca para outras pessoas e obrigado por dançarem, por tocarem palma e por nos

ouvirem, beleza? Muito obrigado! A gente vai deixar a baqueta lá, os instrumentos lá e vai voltar pra roda".

Murilo cumprimentou as meninas, dizendo que foi muito bom. E perguntou se tinham gostado de tocar. Megablue disse: "Ôoo".

**C.O. Murilo:** [ideia] Tratei várias vezes o grupo usando "eles" sendo que são todas meninas e o Flecha. Tomar um cuidado maior com a linguagem

**C.O. Murilo:** [conferir] Qual a nomenclatura mais adequada: virada ou convenção? (29).

Não sei se foi nesta semana, mas Georgy chegou na lanchonete onde estava acontecendo a música e falou que a Violeta era traidora

**C.O. Murilo:** Por ter escolhido música e não bicicleta, como ele (30).

## **RODA DE CONVERSA FINAL**

Como combinado na roda final da terça-feira, no início desta houve breve apresentação do pessoal da música aos demais, com algumas sequências, muitos ouvintes bateram palmas e dançaram, com condução do educador Murilo. Terminada a apresentação, o educador Cuco disse para Cristiano Ronaldo realizar sua mímica, que, segundo ele, também era de filme. Fez movimentos bruscos, batendo com os punhos cerrados no chão e, após algumas sugestões de alguns participantes de que seria "Thor", Miguel disse "Hulk" e Cristiano Ronaldo parou e indicou que ele havia acertado. Batman também pediu para fazer, o educador Cuco comentou que Pietro já seria o próximo, mas que Batman poderia fazer no encontro posterior, na outra quinta, dia 19/04 (31).

Quando perguntados/as pelos educadores, então, quem gostaria de falar, muitos/as participantes levantaram as mãos. Aparecida e Minivamp falaram que haviam se machucado no "chapéu da bruxa", que muitos/as, inclusive Minivamp, não paravam quando pediam. Juliana disse que ela que pediu várias vezes para que parassem quando Aparecida caiu, para que ela não se machucasse e para ver se estava bem. O educador Cuco alertou acerca da superlotação de tal brinquedo, que já exigia mais cuidado por ser perigoso e envolver correntes, madeiras e um poste, além de que ele, o educador, havia dito que estaria sozinho na bicicleta e não poderia ficar com eles o tempo todo, tendo pedido mais cuidado, o que pelo jeito não havia ocorrido, sugerindo então que prestassem mais atenção e valorizassem a liberdade que eles/as tem e quando a tem. Também sugeriu

que estabelecessem em um próximo encontro regras para utilização do parquinho e todos/as assentiram.

Megablue, Cristiano Ronaldo e Samara, comentaram que outras pessoas haviam as pelos nomes que haviam dito não gostar, sendo reforçado pelo educador Murilo o mau gosto e desrespeito dessa “brincadeira”, que já havia ocorrido em outra ocasião em que, após a apresentação e alerta sobre tal cuidado isso aconteceu. Tal atitude causava desconforto e poderia até causar desistência de colegas do projeto (32). Ao final dessa discussão, ainda, Georgy comentou que quando chutou a bola erroneamente no “My God” também foi muito criticado, ficando desanimado no restante da brincadeira (33).

Após tais combinados, o educador Cuco citou as sugestões de brincadeiras constantes e ainda não realizadas na lista que havia sido acordada para ser seguida pelos/as próprios/as participantes e a escolhida foi Garrafinha (sugerida por Violeta), em virtude de muitos/as dos/as novos/as participantes também não conhecerem, como o My God (34).

**C.O. Cuco:** Estou sentindo falta do Adriano, que era um participante mais velho que não falava muito, mas parecia respeitar, ajudar e participar junto à todos/as nas atividades. Achei que estivesse faltando em virtude dos jogos do campeonato de futebol europeu (*Champions League*) que estavam passando na televisão nas tardes de terças-feiras e quartas-feiras, mas nesta quinta-feira não havia jogo e ele não veio. Sugiro um contato para ver se está tudo bem com ele e por que não veio mais (35).

## Diário de Campo X

**Data:** 17/04/2018 (terça-feira)

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as [4]:** Murilo, Cuco, Rogério e Dexter

**Participantes Presentes [23]:** Paloma, Izabella, Samara, Cleber, Jonas, Luan, Marcos, Cristiano Ronaldo, Pikachu, Miguel, Batman, Georgy, Baixinha, Megablue, Camila, Minivamp, Ingrid, Tatagiba, Aparecida, Iris, Pietro, Trevor, Pastel.

**Relatoria:** Murilo

### INFORMES

- Ronaldo e Oscar, dois ex-participantes do projeto pediram para voltar a frequentá-lo. Dexter colocou no grupo do *Whatsapp* e Eiri deu a sugestão de terem uma conversa com responsáveis sobre a participação no projeto; Dexter ficou de avisá-los para que na quinta-feira estejam acompanhados dos responsáveis para conversarmos sobre a participação deles no projeto.
- Averiguar possibilidade de usar a tv da lanchonete para atividades de jornalzinho; E ideia de ir ao evento indígena na UFSCar ou cinema quando houver filme interessante (1);

### RODA INICIAL

O dia estava um pouco frio. Vieram três participantes novos: Izabella, Cleber e Camila. A roda de conversa permeou a temática de machucados e lesões. Depois fizeram uma roda de apresentação dizendo o nome, idade, animal preferido e poder que gostaria de ter. Minivamp disse que gostaria de ter invisibilidade. Aparecida e Samara disseram que gostariam de ser inteligentes. Minivamp respondeu que era só estudar. Aparecida respondeu que não era fácil assim.

**C.O. Cuco:** Os poderes de "sumir" ou ficar invisível e de inteligência podem carregar significados ligados a questões sociais, familiares ou escolares. De relacionamento ou conhecimentos (2).

### PRÉVIA JORNALZINHO

Murilo pediu para que contassem para os/as participantes que não vieram sobre o dia que receberam visita dos parentes indígenas. Iris contextualizou, Murilo perguntou quais eram os nomes deles: Menino Pankararu, Utréd, Manoel e Joel. Murilo falou que

nas próximas semanas provavelmente terão atividades na escola relacionados ao Dia do Índio, e que poderia parecer que índio fosse um povo só e fizesse "uhuhuhu" [estereotipando-os]. Murilo explicou que tem milhares de etnias indígenas e povos. Georgy lembrou que "não gostam de ser chamados de índios, como o Murilo fez, mas de parentes".

Iris lembrou o acontecimento em que chegou chamando-os de índios e foi corrigida por Manoel. Ela disse que ele foi "grosso" com ela. Georgy concordou, lembrando de quando pediu para que ele falasse em inglês e também foi corrigido de maneira rude. Dexter contou que já ouviu alguns parentes indígenas conversando entre eles no lugar onde mora (alojamento da UFSCar) e lhe pareceu que já falam assim, que "parece bravo, mas não é", evidenciando uma possível diferença cultural. Murilo também alertou que eles podem ser chamados de algo que não gostam desde que nasceram (ou seja, afetá-los de maneira bastante negativa, gerando reações mais enfáticas), e que além disso viu como uma maneira de educar. "Algum dia você acha que vai esquecer o que ele te disse?" [Não!] "Então.. pode ter sido um jeito de fazer você nunca mais esquecer daquele ensinamento".

**C.O. Murilo:** [ideia] Na quinta perguntar o que tiveram na escola relacionado ao tema indígena (3);

#### QUEIMA-ABELHA

Tatagiba explicou o jogo situando-se ao meio da roda. Quando começaram a dividir os times, Baixinha estava com o celular, lendo com Megablue como era a brincadeira. Murilo pediu para que se houvesse dúvida, falasse com o grupo, pois mais pessoas poderiam tê-la. Iris complementou a explicação de sua irmã. Izabella sugeriu dividir os times espontaneamente (quem quiser vai pra um lado, quem quiser vai pra outro). Murilo defendeu a proposta como uma nova forma de divisão de times, que nunca foi realizada no projeto e o grupo topou. O time porém ficou claramente dividido por afinidade, acarretando disparidade de idade/tamanho.

**C.O. Murilo:** Foi bem interessante a proposta, e acredito que exige mais cooperação, respeito e solidariedade entre os/as participantes. Que cada um se sinta responsável pelo jogo. Podemos insistir na próxima vez que pensem no jogo coletivo, já que ficou

claramente desigual, combinando também que cada pessoa tome a decisão por si ou proponha soluções que os incluam. Ou seja, não mande as outras pessoas trocarem de time, mas que troque sozinho.

**C.O. Cuco:** Acho que os irmãos gêmeos Pastel e Trevor ficaram em times separados e isso foi interessante (4).

Durante a brincadeira Pastel ficou chateado que João não quis falar com ele e ficou na beira da quadra. Trevor chamou ele, dizendo para não ficar chateado e voltar para o jogo.

Durante a brincadeira Baixinha, Megablue e Camila estavam trocando tapas na bunda. O educador Rogério percebeu que os meninos do futebol estavam assistindo a brincadeira.

**C.O. Rogério:** E alvoroçados com a brincadeira;

Rogério chamou a Megablue e disse que não era uma brincadeira legal, pois mostrava uma visão distorcida da mulher.

**C.O. Rogério:** Deu pra entender, que estavam fazendo e propósito para chamar a atenção deles.

Rogério foi abraçado pelas crianças e adolescentes na hora de se dividir para as atividades e escolherem entre bicicleta e música. Na hora de soltar, o Jonas andou para trás de costas e derrubou Batman, que o empurrou de volta. Jonas quis brigar. Cuco entrevistou e Jonas falou que Miguel pediu para Batman bater nele, Jonas. Cuco conversou com Miguel, que disse que era de brincadeira. Batman também. Cuco conversou com os três, que se um não estava gostando, não era brincadeira. Espontaneamente pediram desculpas e Batman falou com Jonas. Cuco falou para Miguel que era mais velho no projeto e era importante ser uma referência de como agir no projeto (5).

## **BICICLETA**

Assim que terminaram a atividade de integração, os/as participantes do ciclismo se dirigiram para frente da sala de materiais acompanhados dos educadores Rogério e Cuco. Ao chegar no local o educador Rogério pediu para todos/as permanecessem sentados, pois o educador Rogério iria organizar os materiais para a atividade de mecânica.

Relembrando o encontro passado, o educador fez um apanhado sobre o que já havia ensinado nas semanas anteriores sobre mecânica. Após isso, o educador Rogério começou a explicar sobre o sistema de freio das diferentes bicicletas.

Assim que terminaram a explicação, Rogério chamou Georgy e Aparecida para fazer um remendo em um pneu, pois eles ficaram de fazer nas semanas anteriores. Terminado o remendo, o educador Rogério explicou como funcionará as aulas de ciclismo. Sendo composta de uma aula sobre o tema e na semana seguinte, uma avaliação com uma das crianças sobre a aula anterior, após isso, todas retornaram para a roda.

**C.O. Cuco:** Afastei Luan dos colegas pra conversar com eles, pois ele estava distraíndo os colegas mais novos durante as rodas e fazia isso durante a explicação da bicicleta. Afastei e conversei sobre isso, para que ele desse exemplo (6).

## MUSICALIZAÇÃO

**Participantes da música [3+2]:** Iris, Baixinha, Megablue e educadores Murilo Arruda e Dexter

Após o jogo Queima-abelha, as participantes Iris, Baixinha e Megablue e os educadores Dexter e Murilo levaram os instrumentos, baquetas, cartazes e câmera da sala de materiais para a lanchonete. Murilo pediu para que pegassem cada uma cadeira e ficasse em pé, atrás delas. Iris comemorou que hoje não teriam a parte da dança. Enquanto isso, Murilo arrumava a câmera e os cartazes no chão (7).

Quando chegaram no espaço Dexter estava contando que não tinha aula de sexta-feira. Megablue disse que isso seria um sonho e Dexter contou dos horários de suas aulas, nos períodos da tarde e da noite. Com isso, Megablue disse que havia mudado de opinião. Megablue contou que um professor dela disse que o pessoal pagava um real pelo almoço, um para o café da manhã e um da janta. Dexter disse que ele não pagava nada pois era bolsista. Murilo explicou que bolsista era quem não pagava pois a quantia era paga com o dinheiro dos impostos. Megablue disse que o professor dela era mentiroso. Murilo ponderou que todos podem estar certo, pois atualmente o preço está R\$ 1,80, mas havia gente que não pagava e antigamente poderiam almoçar quem não estudava na UFSCar e era uns R\$ 7,00 aproximadamente. Megablue disse que ele era mentiroso mesmo.

Iris contou que sua mãe trabalha na USP na parte de computação e que ela fez "curso para ser professora", pedagogia. "Ela já trabalhou, aí, aconteceu alguma coisa e ela teve que parar" (8).

Murilo propôs que começassem a musicalização e perguntou se Dexter já havia feito aulas com aqueles cartazes e ele disse que não. Iris comentou: "Vai atrasar nós, hein?". Dexter disse: "É rapidinho, eu pego rapidinho". Megablue: "O Dexter, por que você também não faz curso pra música?". Iris: "Por que ele faz natação". Megablue: "Você dá aula de natação...? ou educação física...?". Dexter: "Eu faço educação física, mas quem sabe vou pra área de natação... Vamos ver onde a vida vai me levar, talvez o SESC me chame aí". Megablue: "O SESC me convidou pra ir jogar vôlei gratuitamente lá". Iris perguntou por que e ela respondeu que gostava de jogar vôlei. Iris: "Vou dizer que gosto de nadar então". Murilo disse que era possível. Megablue explicou que "o professor de vôlei dá aula por que ele quer mesmo, de graça. Só precisa fazer a inscrição e fazer um exame para ver se você não toma hormônio". Murilo disse não saber se precisava ser sócio para entrar na piscina. Iris disse que todo ano levavam a turma dela para o SESC pra nadar, jogar, e depois dava um lanche. Também disse: "Por incrível que pareça meu pai parou numa série tipo quinto ano e ganha mais do que minha mãe". Murilo: "Acontece! Que que seu pai faz?". Iris: "Ele é empresário!" (9).

O educador Murilo explicou para o educador Dexter o cartaz e disse que iriam fazer do exercício um ao outro direto, e pediu para Megablue fazer a contagem. Depois foi Iris que fez um andamento bem rápido (190 bpm) causando espanto nas outras pessoas. Murilo disse que tudo bem, que daria para fazer. Feita a primeira vez, Murilo pediu para repetir. Ao final disse que havia sido bem melhor, pois na primeira ficou "desencontrado". Iris perguntou se era a música "Pulo do Gato". Murilo explicou que era um método, e que ele estava numerando os exercícios. Megablue: "Você sabia que tem o Pozzoli também, né, professor?". Murilo disse que sim.

Murilo mostrou o cartaz com o novo exercício mostrando que a única diferença é que estava agrupado em 2, 3 ou 4. Megablue perguntou se era para tocar alternado. Murilo disse que sim e começariam com a direita. Megablue: "Como sempre". Murilo: "Mas daqui a pouco vamos mudar isso...".



**C.O. Murilo:** Às vezes sinto que Iris (e um pouco menos, Megablue) querem mostrar que já estão avançadas, que já fizeram o próximo exercício, que sabem, mas acabam não pensando nas outras pessoas.

Murilo foi até o cartaz e explicou tocando. Megablue disse: "Já fiz". Fizeram o exercício com tempo binário.

**C.O. Murilo:** Não estamos em uma aula particular de instrumento. É uma aula coletiva. Então não adianta um tocar certo enquanto o outro está tendo mil dificuldades e não está sendo considerado. O problema de um é o problema de todos.

Então, Murilo mostrou qual era a ideia do exercício: iriam focar no exercício em tempo quaternário e Murilo fez umas cartas para substituir aquelas semínimas: pausa de semínima ou duas colcheias. Murilo colocou a pausa no primeiro tempo do primeiro compasso e tocaram duas vezes.



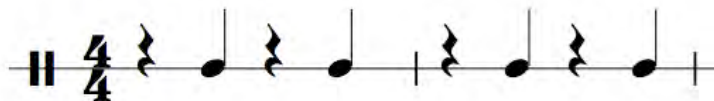
Ao final lembrou a dica que no lugar da pausa poderiam tocar "no ar", ou seja, em um lugar que não faz som.



Mudou e disse: "Estou fazendo do mais básico para o mais difícil".



Quando terminaram de tocar Dexter comentou: "Que dahora!"



Iris pediu: "Peraí, professor se eu parar com a direita, eu vou fazer com a esquerda?". Murilo: "A primeira é pausa ou é nota?". Iris: "Não, to dizendo assim: tipo se eu parar com essa eu posso fazer com essa?". Fizeram o exercício de novo e ela não fez. Murilo perguntou: "com qual mão você vai começar?". Iris: "Tem que começar com a direita". Murilo: "Não, não 'têm que'...". Iris: "Vou começar com a esquerda". Murilo: "Então com a esquerda você bate fora" (pois a música estava começando com pausa). Fizeram duas vezes e toda gente acertou (10). Murilo mudou o exercício novamente:



Iris comentou: "A Megablue pega rápido!". Murilo: "A Megablue participa de outro grupo e eles estudam música e tal. A Megablue provavelmente já viu coisas parecidas com isso, não viu? [Sim]. Então está pegando rápido aqui porque já estudou antes. E isso é muito bom, muito legal! Aqui tem gente que está vindo pela primeira vez e vai demorar um pouco mais... normal!". Iris: "O Dexter veio pela primeira vez e já.....". Murilo: "Mas quem garante que ele não teve uma experiência com música antes?!" (11).

Murilo fez a contagem e começaram novo exercício. Ao final, perguntou: "Deu certo? ou *faiô* [falhou]? ... Tem que falar". Iris disse que deu certo. Dexter disse que errou a última nota e Baixinha disse que falhou. Repetiram.

Iris disse que não estava entendendo o tempo, e demonstrou. Baixinha a corrigiu dizendo: "É alternado!" e demonstrando. Iris: "É que eu tô hoje com a cabeça meia... meia louca!". Murilo: "Pensa sempre que é alternado, e daí, uma coisa que podem e devem fazer, é estarem preparado quando faz a contagem, não deixar pra se preparar depois. E na hora de fazer a pausa [que combinamos de bater "no ar"], não bater lá trás ou lá em baixo... pode ser na frente ou no mesmo lugar só que sem acertar a cadeira". Fizeram outro exercício e Murilo pediu para contarem os tempos dando ênfase nas pausas.



Murilo apresentou a colcheia, dizendo que ela poderia estar sozinha e então teria uma aparência um pouco diferente ou com duas ou mais juntas, como era o caso. Murilo foi demonstrar o exercício e Iris disse: "Eu já entendi, acho!". Depois de tocar, Iris quis tocar para perguntar se era daquele jeito. Megablue explicou batendo palmas, mostrando no movimento onde a nota deveria ser tocada. "A gente tem contado 1, 2, 3, 4, certo? A partir de agora que tem essas colcheias, nós vamos contar 1 e 2 e 3 e 4 e". Fizeram alguns exercícios só falando a contagem, em quaternário (1 e 2 e 3 e 4 e) e ternário (1 e 2 e 3 e). Então, Murilo fez, batendo a baqueta no chão e na mão quando fosse os E's (contratempos) e demonstrou como seria colocar duas notas (colcheias no caso) no tempo "2 e". Megablue disse: "Nossa, no Pozzoli é chique esses negócio aí!".

**C.O. Murilo:** Iris estava com cara de confusa.

Murilo perguntou se ela estava com dúvida e ela respondeu que sim. Murilo disse que iriam resolver: mudou o exercício colocando 8 colcheias. "Parece que vai ficar mais complicado, mas vai ajudar!".



Repetiram algumas vezes e Murilo tirou duas colcheias no tempo 3, deixando uma semínima.



Repetiram. Murilo disse: "Quem já pegou pelo som, presta atenção na partitura, pra aprender a ler e não a decorar o que a gente está tocando... o que é bom, mas nesse momento estamos aprendendo a ler, tá bom?". Tocaram e Murilo disse, apontando para Baixinha: "Agora que você olhou para cá [cartaz], você acertou!". Tatagiba interrompeu a aula e disse que o Wesley estava no clube. Ficaram sem entender quem era Wesley.

**C.O. Murilo:** Ter ficado na frente do papel, pode ter feito algumas pessoas me olharem ao invés de olhar o papel. Foi por isso que para o próximo encontro, Murilo levou folhas individuais para que acostumassem a olhar para a própria folha (12).

Depois tocaram



Iris: "Acho que é mais fácil não contar". Murilo respondeu: "É mais fácil, né? É que aprende mais rápido os próximos assuntos se contar!"

Murilo alterou o exercício e repetiram mais vezes. Depois disso Murilo disse: "Agora eu não vou tocar". Tocaram. Murilo brincou: "O problema era eu, gente! Acho que vou parar de tocar". Murilo fez um desafio e foi até o seu lugar para tocar:



Murilo passou cumprimentando pessoa por pessoa, e disse: "Vocês tão lendo esse negócio, olha que legal! Dá pra tocar várias músicas!". Megablue disse brincando: "Você que está vendo coisa errada, achando que nós que oiá pra tua cara!". Murilo disse: "Ah é?! Então olha aqui! [colocando todas as cartas de semicolcheia e pausa de semínima sobre a partitura] Toca aí!". Todos/as riram! Iris disse: "Vamos tentar então!". Dexter disse: "Coloca tudo pausa, daí a gente fica parado!".

Murilo ajeitou a partitura, foi para o seu lugar, fez a contagem e tocaram.



Quando terminou, Megablue gritou: "Viu?! Viu?! Viu como nós é bom!?". Iris: "Pera, vamos tentar de novo que eu me perdi um pouquinho!". Megablue: "Pera, nós não é tão bom assim". Tocaram e ao final Murilo disse: "Muito bem, parabéns, parabéns, muito legal!". Baixinha colocou os braços para cima, comemorando (13).

Murilo sugeriu que como tiveram uma roda inicial maior, fizessem mais alguns exercícios daquele. Baixinha: "Vamo tocando!". Cada uma pegou seu instrumento, e fomos tocando o samba-reggae até próximo ao parquinho onde Murilo pediu para que

não tocassem pois passariam ao lado da casa dos moradores do Clube. Enquanto isso cruzaram com os/as participantes que estavam indo para a roda de conversa final.

**C.O. Murilo:** [ideia] Imprimir uma pausa de semínima para mostrar diferença da grafia da nota e pausa; Imprimir partituras individuais e pregar nas paredes já que não temos estantes (14).

#### RODA FINAL

Lemos o editorial do jornalzinho. Murilo trouxe o livro Kalapalo e mostrou algumas pinturas corporais e também algumas fotos de parentes indígenas Kalapalo.

**C.O. Murilo:** ideia surgida durante confecção do diário de manhã a partir da fala do educador Rogério sobre uma vez que o educador Silas trouxe vídeos e fotos para mediar o jornalzinho (15).

Ficou decidido fazer uma atividade do jornalzinho como atividade de integração na próxima terça (16).

## **Diário de Campo XI**

**Data:** 19/04/2018

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes :** Flecha, Cuco, Téo, Murilo.

**Relator:** Murilo e Flecha

**Participantes Presentes [27?]:** Pietro, Pedro, Cleber, Paloma, Izabella, Marcos, Miguel, Pastel, Samara, Aparecida, Dandara, Camila, Megablue, Tatagiba, Batman, Juliana, Ingrid, Yasmin, Leonardo, Pikachu, Georgy, Iris, Jonas, Minivamp, Trevor.

### **INFORMES:**

- O Instituto EPTV veio ao local do projeto e convidou as crianças para receber kits contendo materiais escolares.

### **RODA INICIAL**

Os educadores e participantes se reuniram embaixo das árvores em frente a lanchonete para realizar a roda inicial. O educador Téo iniciou perguntando sobre as novidades. Minivamp e a Aparecida comentaram sobre "a bagunça" (guerrinha de papel) que fizeram na escola durante a aula do professor substituto. Com isso, Georgy lembrou de uma novidade que disse ser triste, sobre a sua mudança para a escola Militão, pois, segundo ele: "lá todos precisam fazer silêncio mesmo durante o intervalo". Téo comentou que a escola pode ser boa, mas o Georgy continuou afirmando que não estava gostando da mudança. Megablue comentou sobre os jogos que tiveram contra o Militão que quase teve briga e uma colega sua levou uma "sapatada". O educador Flecha perguntou sobre a sapatada e Megablue disse que uma menina não havia amarrado bem o tênis que foi arremessado quando tentou dar um chute na adversária.

O participante Pietro disse que foi a um passeio com a escola para o Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC) e vários participantes comentaram que também haviam feito essa visita. Destacaram as atrações do local como um experimento dos corrimões com temperaturas diferentes, telefone sem fio e espelhos diferentes. O participante Minivamp comentou que havia feito fogo com a lente quebrada do seu óculos e o Georgy disse que já havia feito com gravetos, cada um explicando como o fizeram (1).

Pikachu comentou que havia ganho uma chuteira cinza e laranja. Em seguida, estavam começando uma roda de apresentação quando Rogério, funcionário do clube,

convidou os/as participantes e educadores para participar da entrega de kits escolares doados pelo instituto EPTV. Participantes e educadores/as foram até a lanchonete, receberam um kit, tiraram algumas fotos e retornaram para a roda. Os/as participantes abriram suas mochilas e viram os materiais, composto de caderno de desenho, caderno de escrever, lápis, caneta, borracha e apontador. Alguns participantes quiseram trocar os apontadores rosas pelos azuis. Aparecida disse que preferia ficar com o azul, por exemplo (2). Em seguida passaram para a organização da atividade de integração escolhida na semana anterior: Garrafinha.

### **GARRAFINHA**

Ainda em roda, o educador Flecha perguntou se algum/a participante poderia explicar a atividade. Aparecida e Juliana se pronunciaram. Aparecida explicou parte do Garrafinha se baseando em outro jogo que julgou parecido chamado My God. Juliana explicou sobre as demarcações do campo e as funções das equipe. Iris, Megablue e Georgy resumiram e acrescentaram alguns detalhes à explicação. Um dos times fica responsável por encher uma garrafa de areia, uma pessoa por vez enquanto o outro time deve acertar com bolas a pessoa que está enchendo a garrafa para que ela volte ao final da fila.

Em seguida o educador Flecha conduziu a construção dos combinados e regras. O educador Cuco sugeriu que o pé não fosse "frio". Neste contexto e em outros jogos como a Queimada, as partes frias são aquelas que não valem na brincadeira. Caso atingidas, nada acontece. As pessoas concordaram com a sugestão de Cuco. Isabelle disse para a cabeça e mão serem frias por motivos de segurança dos participantes e também sugeriu que não arremessassem com força.

O educador Murilo lembrou da forma como dividiram as equipes no último encontro conforme sugerido por Izabella. Cada pessoa escolheu o time que queria, ficar mas os times acabaram ficando bastante desiguais. Murilo sugeriu que refletissem sobre o equilíbrio entre as equipes e, novamente, cada um escolhesse seu próprio time.

**C.O. Flecha:** o que os fez pensarem mais para a tomada da decisão, demorando um pouco mais, porém, dando resultado (3).

Foram para a quadra de vôlei de areia. O educador Cuco já estava com as garrafas pet e as bolinhas para a atividade. Muitos participantes retiraram os calçados (chinelos, sandálias e tênis) e se espalharam na quadra de areia, um time no meio e outro nas extremidades, próximo às traves. Megablue e Samara não participaram, pois alegaram ser difícil retirar a areia do cabelo dando exemplo da última vez que uma atividade na areia foi realizada.

**C.O. Cuco:** Percebi que ela se chateava com as dificuldades ocasionadas por seu cabelo, mas estava bem arrumado então havia um cuidado com ele e podemos pensar em formas de tornar positivo sua relação com o cabelo e as atividades (4).

**C.O. Cuco:** Pietro, Pedro e Marcos estavam a toda hora discutindo acerca dos seus lugares na fila ficando um bravo com o outro, intervi falando para que aproveitasse a atividade e como eram amigos se ajudassem a aproveitá-la, pois, seria melhor para todos e todas (5).

Foram realizadas duas rodadas de sete minutos e ambos os times encheram duas garrafas e meia de areia, empatando a partida.

**C.O. Flecha:** A atividade ocorreu bem.

Retornaram para a roda de cadeiras para a divisão das atividades fixas: bicicleta e música. Ainda em roda, Murilo falou sobre a necessidade de se comprometerem com uma ou outra atividade para favorecer a continuidade de aprendizagens. As pessoas que estavam chegando recentemente poderiam experimentar um dia na música e outro na bicicleta antes de se decidir entre uma das duas (6).

## **MUSICALIZAÇÃO** (concomitante ao ciclismo)

**Participantes da música [7+2]:** Iris, Megablue, Paloma, Izabella, Batman, Trevor, Cleber Nascimento, Murilo e Flecha

Iris estava puxando Aparecida pelo braço para participar da musicalização, e Aparecida estava tentando se soltar, ambas rindo. Murilo disse a Aparecida que se ela poderia participar da música caso quisesse e complementou dizendo a Iris que parecia que ela não queria participar da música. Iris a soltou e Aparecida foi para a bicicleta (7).

Flecha e Murilo já haviam trazido alguns materiais (instrumentos, caixa de som, etc.) para a lanchonete, mas o local estava sendo usado para reunião do pessoal do futebol



e entrega dos materiais escolares do Instituto EPTV. Havia um grupo de aproximadamente vinte pessoas e Murilo orientou o grupo esperarem numa mureta embaixo de uma árvore. Murilo sugeriu que começassem a atividade atrás da piscina. Megablue disse para Murilo respirar, ter calma, pois ele estava muito apressado. Murilo respondeu que se ficassem esperando poderiam "perder tempo" da atividade de música.

O educador Murilo e os/as participantes pegaram os materiais foram atrás da piscina para iniciar a atividade. Quando começaram a conversar a lanchonete foi desocupada, abrindo espaço para que todos/as voltassem para o espaço onde costumam realizar as atividades. Flecha havia afinado o timbal e levado para a lanchonete.

Murilo pediu para que pegassem uma cadeira e fizessem um semicírculo deixando os cartazes no meio. Paloma e Izabella ficaram em frente ao cartaz e ficaram fazendo os movimentos seguindo a "partitura" (direita/esquerda). Murilo passou entregando as baquetas que estavam em uma caixa de papelão. Quando Cleber, Batman, Trevor, Paloma e Izabella viram que Murilo estava entregando, foram até ele. Murilo pediu para que esperassem atrás da cadeira e ficou pedindo calma. Paloma, que era a próxima, foi empurrando Batman e dizendo: "Gente, é pra ficar atrás da cadeira! Você é aqui!", empurrando-o.

**C.O. Murilo:** Achei que Paloma foi bastante agressiva com ele (8).

Quando receberam a baqueta, começaram a tocar na cadeira. Paloma falou para os mais novos (Cleber, Batman e Trevor): "Olha, faz que nem um cavalo" [e tocou] . Após Murilo posicionar os cartazes, pediu para que parassem de tocar. Trevor continuou tocando e Paloma gritou: "Parou!!!". Murilo explicou: "Quando eu fizer 'parou' [gesto fechando a mão], não quero mais ouvir a baqueta" e continuou: "As baquetas são um pouco pesadas [discordaram]...um pouquinho. Estou querendo dizer que não é pra bater muito forte aqui para não "machucar" a cadeira, que a gente vai usar depois". Megablue: "Você sente dor, linda?! [Falando com a cadeira]" (9). Iris saiu de seu lugar e ajeitou a cadeira da outra extremidade para que ficasse mais curvada, em forma de semi-círculo (10).

Murilo começou perguntando se sabiam qual era a direita e qual era a esquerda. Trevor levantou a mão errada, então Murilo pegou uma caneta sugerindo fazer uma marca para anotar qual era a esquerda. Trevor não quis, dizendo que já tinha uma

marquinha na mão e que agora já sabia (11). Murilo pediu para parar de tocar e novamente Paloma replicou o pedido para Trevor.

Iris disse: "Murilo tive uma ideia. Como eu e a Megablue já sabe tocar, a gente deveria deixar eles tocar hoje!". Murilo: "Acho que dá pra fazer todo mundo!". Iris e Megablue ficaram contando os instrumentos. Murilo: "Por enquanto a gente aprende isso depois a gente vê na hora de tocar, se não a gente vai perder tempo discutindo se faz uma coisa ou outra e não faz nenhuma". Megablue [percutindo com a baqueta na cadeira] "Vamo, vamo, vamo, vamo!". Murilo: "Respira... você não falou para eu respirar? Então... vamos respirar!".

**C.O. Murilo:** Megablue me ajudou a perceber como estava agitado no começo e acredito que continuava da mesma forma. Penso que compartilhei um sentimento de pressa com os/as participantes. A mudança de espaço e a presença de novos integrantes alterando o que havia planejado também deve ter me deixado ansioso.

Murilo foi fazer a contagem e tocaram juntos. Iris disse para eles/as: "Calma". Murilo explicou: "Vou contar até quatro, depois a gente começa. Vamos seguir o que está na folha. D de direita e E de esquerda". Iris pediu calma novamente, para que parassem de tocar. Murilo fez a contagem e começaram a tocar. Ao final, Izabella perguntou se poderiam fazer toda a folha. Murilo disse que sim, mas precisariam acertar o primeiro antes.

Quando começaram a tocar, Paloma gritou: "Parou!". Murilo: "Vamos seguir até o 8!". Paloma gritou de novo: "Vai, parou!!!" [batendo a baqueta na cadeira]. Murilo: "Calma, tem gente que nunca fez, a gente está aprendendo, por que a gente vai ficar vários dias na música". "Obaaa", disse Pastel erguendo os dois braços (12).

Izabella: "Ele tá fazendo errado [se referindo a Cleber]. Com essa você vai primeiro [apontando para a mão direita dele]". Murilo foi pegar uma cadeira para ele tocar e enquanto isso, Iris foi até Cleber e pegou na mão dele e fez o exercício com ele (13).

Murilo começou tocando em seu lugar e depois foi até o cartaz, continuou falando em voz alta o que estava sendo tocado pelos/as participantes.

Megablue comentou: "O outro [Cleber] fez até a cadeira ir para frente!". Murilo: "Lembra que eu falei pra tomar cuidado com a cadeira? Bate mais fraco, tá bom?". Iris

saiu de seu lugar e foi ajeitar a cadeira de Cleber. Iris comentou de seu lugar sobre como segurar a baqueta: "Batman, é assim, ó! Pega na pinça, um pouco mais pra frente, pra cima". Murilo fez a contagem e parou pois ainda não estavam prontos (14). Paloma: "Parou!!" [batendo a baqueta uma na outra]. Paloma pediu silêncio mais uma vez.

**C.O. Murilo:** Ela está chegando agora. Precisamos deixar bem claro o jeito que iremos pedir silêncio, lembrando sobre o cuidado com as outras pessoas.

Murilo propôs que fizessem o exercício só falando. Paloma imediatamente começou a fazer o que foi proposto. Murilo disse: "Mas todo mundo junto". Fez a contagem e fizeram o exercício (15). Ao final, Murilo propôs fazer mais rápido. Trevor disse "Não! Não gosto de fazer tão rápido". Murilo: "Vamos fazer um pouquinho mais rápido, pra ser um pouco mais difícil já que você já conseguiu o mais fácil! Se não a gente não vai desenvolver. Vamo lá?".

Iris foi até Cleber e Batman e tentou ajudá-los. Depois Flecha foi até eles também.

**C.O. Murilo:** Falar para Iris que nem sempre pegar na mão é a melhor ajuda, mas que ela tem ajudado bastante.

Ainda na metade do exercício, Paloma disse: "Agora sem você falar!". Murilo: "Pode ser, mas ainda não tinha terminado o exercício. Agora eu não vou falar nada, só fazer a contagem e vocês tocam". Murilo iniciou o exercício e começou falando. Paloma foi tocando e falando "Shhhh". Murilo só percebeu que estava falando depois de alguns compassos.

**C.O. Murilo:** Preciso prestar mais atenção no Cleber, Trevor e Batman para ver se eles estão conseguindo tocar o número 1 e 2, antes de passar para os próximos (16).

Murilo explicou que a contagem era feita por uma pessoa, sozinha, para não confundir. Pediu para que Iris fizesse a contagem. No meio do exercício, Izabella parou e novamente disse: "Ele está batendo errado, assim!". Murilo pediu para que continuasse "tocando o seu".

Murilo disse: "Batman, Cleber, Trevor... Isso daqui, a gente vai fazer toda semana um pouquinho. Vocês viram que quando a gente começou, a gente não sabia nada. E agora a gente sabe um pouquinho disso daqui. Vocês já sabiam de outras coisas, mas isso daqui era novo pra gente e a gente melhorou bastante hoje, não foi? Eu acho que melhorou, pelo que eu vi. Aí cada um tem o seu tempo de aprender as coisas, e a gente

vai com muita paciência aprendendo e tocando junto. Quem estava há mais tempo é a Megablue e a Iris. Megablue, desculpa [como gosta de ser chamada]. Então peguem, Iris e Megablue, o instrumento que vocês estavam!" (17).

Murilo pediu para que Iris e Megablue tocassem o ritmo para apresentar o surdo para as/os colegas. Flecha tocou a caixa e por fim Murilo tocou o tamborim. Murilo disse que não tinha instrumento para todo mundo então teriam que revezar. Cleber e Batman quiseram a caixa. Murilo disse que iria tocar o timbal para liberar uma caixa. Trevor disse que queria o tamborim. Paloma e Izabella quiseram o surdo. Como só havia mais um surdo Murilo pediu para que elas decidissem quem iria começar tocando, poderiam tirar no par-ou-ímpar, por exemplo. Murilo perguntou qual Trevor queria e ele disse não saber. Murilo mostrou o tamborim e ele disse "Não sei tocar esse daí não!". Murilo pediu para que avisasse quando decidisse qual instrumento queria tocar. Murilo perguntou para Izabella se ela queria tocar o tamborim e ela aceitou (18).

Neste momento o participante Miguel passou na lanchonete e avisou que já havia devolvido o anel na secretaria. Durante a brincadeira inicial (Garrafinha) Miguel havia encontrado um anel e Murilo o instruiu a entregar na secretaria do Clube, pois alguém poderia ter perdido e estar procurando (19).

Iris foi ajudar Paloma a colocar o talabarte, depois Murilo a ajudou também. Murilo pediu para que Paloma seguisse a Megablue (Iris disse que já havia dito isso para Paloma) e Batman e Cleber, seguissem o Flecha. Murilo fez uma "chamada" do Samba Reggae. Parou e pediu para tocassem firme mas com menos força, ou seja, acertar o ritmo mas sem tocar tão forte. Iris: "Se não a pele pode furar!". Murilo fez a chamada mais fraco, depois mais forte.

**C.O. Murilo:** Tem momentos que preciso falar menos e dar as indicações através dos toques (20):

Depois fez a outra convenção do samba reggae. Pediu para quem estivesse na caixa e tamborim tocasse o ritmo dizendo "vatapá legal". Depois pediu para que tocassem "no ar", ou seja, só reproduzindo os movimentos e depois no instrumento, "bem baixinho".

Iris: "Não é melhor eles segurarem um pouco mais assim?". Murilo: "Por enquanto não vamos prestar atenção nisso... [olhando para o relógio]. Já está meio na

hora". Murilo parou e ia recomeçar quando Iris disse que se perderam. Iris e Megablue começaram a tocar o ritmo para explicar para Paloma. Flecha sugeriu que poderia marcar com a outra mão também. Megablue achou que ficaria difícil para ela, pois o instrumento estava muito baixo da cintura.

Murilo propôs que fizessem só Megablue, Paloma e Murilo, seguindo o que Flecha tinha falado. Murilo pediu para que Paloma tocasse com mais força. Tocaram todos/as o ritmo (21). [Começo massa e vai perdendo: 31"42].

Murilo parou para fazer o revezamento dos instrumentos. Izabella quis continuar no tamborim e Trevor quis tocar a caixa. Cleber ficou com as duas baquetas mas sem instrumento. Murilo disse que já que ele estava sem o instrumento, ele poderia bater uma baqueta na outra, dizendo o 'Vatapá, legal!', e continuou: "assim vai treinando. E você, Trevor, ouve um pouquinho antes, repete o 'vatapá legal' e depois você toca, ok?". Trevor tocou a caixa, do jeito que era para tocar. Murilo disse: "Ahh, então já era! Pode tocar de primeira!" (22).

Murilo perguntou que ritmo era aquele, e Megablue e Iris responderam. Murilo perguntou para Trevor que estava tocando no momento e ele não soube responder. Paloma levantou a mão e disse: "Eu sei!". Murilo perguntou novamente ao grupo e responderam Samba Reggae. Murilo: "Vocês sabem o samba? Que tem pandeiro, tamborim? [sim] E o reggae, conhecem? [Murilo fez um gesto como se dançasse, e responderam que sim]. Então, este é o samba reggae. Não é nem um, nem outro.. tem influência dos dois".

Tocou a convenção quatro vezes e começaram a tocar o ritmo. Murilo parou e disse: "Já que a gente já ensaiou, vamos sério". E repetiu .

Murilo saiu de seu lugar e foi tocar com Cleber.

**C.O. Murilo:** Ele estava batendo as baquetas, mas não conforme o ritmo. Como ele não estava percebendo fui até ele.

Primeiro fez os movimentos junto a Cleber, repetindo 'Vatapá legal'. Ele falava mas o movimento não correspondia com as sílabas. Murilo percutiu em sua perna, mas não senti mudança no que estava fazendo. Murilo esticou a palma das mãos para fazer o toque na palma da mão dele. Ele acertava os primeiros toques, correspondentes ao 'Vatapá', mas não conseguia fazer o 'legal'.

C.O. Murilo: Olhando a filmagem, acho que é necessário mais tempo e uma atenção exclusiva, nestes casos.

Quando pararam de tocar, Iris comentou: "Nossa, dahora, hein?!" (23). Murilo falou o horário (16h38) e continuou: "Deixa eu falar uma coisa... A Megablue e a Iris estão vindo há mais tempo, e elas já sabem várias outras coisas que elas, a gente e o Flecha, a gente pode ensinar pra vocês. Mas hoje, agora, a gente já conseguiu fazer bastante coisa. Aí semana que vem a gente continuaria fazendo isso, aprendendo um pouco de leitura e também do samba reggae [Trevor disse: "Literatura!!"]. Faltou hoje a gente ver um vídeo que eu trouxe, mas o tempo de ir até lá e voltar acabou atrasando, aí na terça-feira eu mostro esse vídeo [Iris: "É aquele lá que a gente assiste?"]. Não, é um novo. Beleza? [Murilo passou recolhendo as baquetas]. A gente agradece também a participação paciente da Iris e Megablue que estão ajudando a gente, beleza? Muito obrigado, viu?!". Megablue: "Você sempre esquece, né?". Murilo: "Do que? Ahh!! Eu esqueço! Me ajuda, Megablue.. Eu vou ter muita dificuldade mas eu quero chamar você do jeito que você gosta, tá bom, Megablue? [repetiu o apelido várias vezes]". Voltaram para a roda inicial (24).

### **CICLISMO (concomitante à musicalização)**

Com os participantes ainda em roda, Cuco pediu para que falassem para o Téo o que haviam feito na terça feira com o Natan. Contaram que havia sido somente a parte mecânica. O educador Téo sugeriu que hoje andassem um pouco mais, porém, que construíssem obstáculos. Sketter e Téo distribuíram capacetes e bicicletas e Téo colocou cones e montou uma rampa pelo caminho das bicicletas, assim que foram dispostos, foi liberado para que as crianças passassem pelos mesmos.

Por conta do tempo reduzido, pensando no bom aproveitamento da roda final, às 16h20min os educadores pediram para guardar as bicicletas, enquanto isso, quem já havia entregado foi para o parquinho até que todos estivessem prontos para voltar à roda.

### **RODA FINAL**

Cuco perguntou como havia sido o dia e disseram que gostaram. Lembrou na sequência que era a vez do Batman de realizar a mímica do filme, que "foi pego de

surpresa", mas pensou por alguns segundos no que fazer e fez um movimento de escalar que parecia com o de arranhar, confundindo um pouco os palpites dos/as colegas. Iris acertou dizendo Homem Aranha. Téo chegou com os jornaizinhos, distribuiu um para cada e propôs que lessem o editorial, Murilo o alertou de que já haviam lido esta parte na terça feira. Téo achou melhor ainda, pois, leriam sobre a roda de conversa com os indígenas, posto que estiveram neste dia. Realizaram a leitura alternadamente pelos participantes e discutiram a questão da cidadania e a questão da civilização com maiores contribuições de Téo e Minivamp. Murilo entregou os lanches enquanto Cuco explicou a origem da data do Dia dos Indígenas, como dia de lembrança e luta que remetia ao primeiro Congresso Indigenista Interamericano realizado em 1940 marcando o inicio da luta por direitos, como o de cursar universidades, como os parentes indígenas que nos visitaram faziam **(25)**.

Em seguida foi perguntado sobre qual seria a atividade realizada na próxima semana. Lembraram que havia uma lista com atividades já sugeridas e que haviam decidido seguir esta lista e assim foi finalizado o dia **(26)**.

## **Diário de Campo XII**

**Data:** 24/04/2018

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes:** Murilo, Rogério, Gusta e Cuco

**Relator:** Murilo

**Participantes [24]:** Paloma, Juliana, Izabella, Jessica, Aparecida, Ronaldo, Pikachu, Leonardo, Isadora, Iris, Jonas, Samara, Thiago, Miguel, Pietro, Pedro, Marcos, Cleber, Megablue, Baixinha, Camila, Tatagiba; Aparecida; Violeta; Georgy chegou atrasado.

### **INFORME:**

- No dia 04/05 às 10h a diretora da Casa de Acolhimento virá ao Clube do Sindicato para conversar sobre algumas moradoras da Casa de Acolhimento que participam do projeto VADL;

### **CHEGADA E RODA INICIAL**

Aproximadamente às 14h20min, as pessoas estavam se organizando em roda ao lado da lanchonete para iniciar a conversa. Murilo começou pedindo desculpas pois chegou atrasado e depois perguntou se alguém tinha alguma novidade.

Violeta contou que vai começar a Olimpíada Brasileira de Astronomia (OBA). Murilo perguntou se alguém teria algum comentário ou pergunta sobre o que a Violeta disse, antes de contarmos outras novidades. O educador Cuco quis saber se todos/as sabiam o que era astronomia. Thiago explicou que era o estudo dos astros. Educador Murilo então perguntou o que eram astros e ele disse que eram os astros do céu. Aparecida falou que o professor de geografia dela disse que o céu não é azul e não soube explicar o porquê. Murilo perguntou se saberiam qual era ou como medir a distância da terra ao sol ou da lua. O educador Dexter procurou na internet a distância e por se tratar de um grande número, os demais educadores tentaram traçar uma relação entre a distância da terra e sol com a quantidade de viagens que teriam que fazer entre São Carlos e Araraquara.

Aparecida contou que tomou vacina para gripe e estava com dor de garganta.

Juliana vai deixar de vir ao projeto, pois irá participar de um projeto no SESC.

**C.O. Murilo:** os educadores acharam que se trata do Programa Curumim.



Georgy chegou atrasado porque estava estudando para prova lendo livros da biblioteca estudados pela escola.

**C.O. Cuco:** Pietro, Marcos, Jonas e Pedro estão conversando bastante na roda (1).

Ronaldo perguntou para Murilo: "Você lembra quem que me fez ser expulso do projeto?". Murilo disse: "Você mesmo se fez ser expulso do projeto". Ronaldo contou que foi expulso porque bateu no Oscar (ex-participante do projeto) num dia na piscina. Ronaldo contou para Murilo sobre quando salvou um menino na piscina. Contou que Eiri estava na situação (2).

### **JORNALZINHO (Grafismos indígenas)**

Os educadores ajudaram a distribuir as mesas no espaço da lanchonete. Cada pessoa pegou uma cadeira e escolheu sua mesa. A participante Juliana pediu para Ronaldo sair da mesa, dizendo que o grupo era de quatro pessoas e esta já estava completa. Pegou o jornalzinho dele e devolveu-o em seu colo. Ronaldo ficou bravo e disse que se ela tivesse colocado no chão ele iria bater nela. Ronaldo ficou em um canto e Dexter foi ao seu lado. Ronaldo pediu para que ele não conversasse e Dexter voltou para fazer a atividade do jornalzinho.

**C.O. Dexter:** A minha impressão é que Ronaldo estava tentando impressionar algumas meninas.

Ronaldo saiu para ir para o parquinho. Dexter foi atrás dele e conversou sobre a necessidade de conversar, não brigar. Dexter conversou com Ronaldo no sentido de que a fala de Juliana pode ter parecido ofensiva, mas que não era sua intenção ser assim e que ele também deveria ter mais calma ao responder para as outras pessoas. Quando Ronaldo disse exaltado que tinha uma prima com a mesma idade de Juliana e que nunca havia desrespeitado ele ("até minha prima de 10 anos me respeita"), Dexter continuou dizendo que que nem todas as pessoas são iguais. E que ele, como pessoa mais velha, deveria tentar ser um exemplo e retribuir as atitudes das pessoas com respeito. Contou a Ronaldo que era a primeira vez que havia visto ele no projeto, e que achou uma pessoa muito respeitosa, valorizando quando se dispôs a trocar o jornal com a Iris pois o dela estava amassado. Mostrou grande respeito e solidariedade. Neste momento Ronaldo disse que gostaria de desabafar e continuou dizendo que ele era/é muito estressado e neste

momento Ronaldo contou ao educador sobre suas necessidades em relação a saúde e educação, pedindo confiança do educador.

Depois de um tempo em silêncio, Ronaldo pediu um jornalzinho e junto a Dexter voltaram para a lanchonete, se sentando com Paloma e Izabella. Ronaldo pediu ajuda cabisbaixo (C.O. Dexter) para Dexter para ler e este o ajudou a fazer o caça-palavras  
**C.O. Dexter:** Muito bom/legal ver a felicidade de Ronaldo quando eu o ajudei a ler as palavras do caça-palavras (3).

Enquanto isso, Cuco havia mostrado o livro "Jogos e Brincadeiras do Povo Kalapalo", nas páginas sobre grafismos indígenas, explicado que cada etnia tinha jeitos diferentes de se pintar, e também em uma mesma etnia como dos Kalapalo, haviam grafismos para diferentes ocasiões. Quando surgiu um comentário sobre estarem pelados, Cuco fez o contraponto com o uso de sungas e a vida na aldeia, comentando que era algo cultural.

C.O. Murilo: Percebi que a nudez de uma das imagens foi algo que gerou risos de alguns/as participantes (4).

Após este momento de conversa e de leitura da parte dos grafismos, decidiram fazer a atividade de caça-palavras. Os educadores distribuíram os lápis de cor e após um tempo realizando a atividade, guardaram os materiais e se dividiram entre as atividades de musicalização e bicicleta.

Violeta que estava frequentando a musicalização disse para Murilo que queria ir para a bicicleta. O educador pediu para que ela conversasse sobre isso na roda de conversa da musicalização. Cleber também declarou querer mudar (5).

### **MUSICALIZAÇÃO (concomitante ao ciclismo)**

**Participantes da música [8+2]:** Iris, Megablue, Baixinha, Camila, Paloma, Aparecida, Izabella, Jessica (Primeiro dia no VADL), Murilo Arruda e Dexter

Murilo pediu para que fizessem um semicírculo com as cadeiras e se sentassem nelas enquanto ele organizava a câmera, o computador, o som e os cartazes. Megablue interagiu com a câmera.

Violeta estava em pé, atrás da roda. Vendo-a, Murilo perguntou: "Você quer ir para a bicicleta mesmo? [Sim]. E é só hoje ou pra sempre? [Pra sempre]. Beleza... Vai fazer falta. Vai fazer falta, mas vai lá! Fica a vontade!". Baixinha estendeu a mão, trouxe para perto e dando-lhe um abraço disse "Tchau, Violeta". Violeta disse tchau. Megablue estava entretida cantando uma música bem baixinho.

Murilo: "Bem-vindas pra quem veio pela primeira vez. Seguinte, quem está vindo pela primeira vez na música vai experimentar, ver se gosta e depois experimenta a bicicleta e se gostar da música fica na música.. decide ficar na música e toda a semana será música, e se gostar da *bike*, bicicleta. Só que é importante estabelecer um compromisso porque se não acaba atrapalhando quem já está aprendendo música, tipo a Megablue, Baixinha, Iris, estão há bastante tempo na música. Aí se toda semana tiver que voltar pra ensinar alguém", Baixinha interrompeu: "Aí eu vou sair socando!". "Noffa [nossa]", Murilo disse sorrindo. Baixinha deu risada. Paloma disse: "porque ela sempre olha pra mim?" [encarando Baixinha] (6). Murilo: "Aí, pensando nisso, a gente (Murilo, Gusta e Flecha) pensamos em trabalhar uma coisa que gente não trabalhou muito com as três (Iris, Baixinha e Megablue). Beleza? Então, a gente estava tocando o quê? [Samba reggae]. Só que a gente tem um problema hoje, a gente só tem 20 minutos. Aí tem que ser pá-pum!". Megablue: "Pá-pum pirulito pão-doce!". Ao ser perguntada o que era isso, a participante disse que era um youtuber que falava.

Murilo pegou os cartazes, estendeu no chão e disse: "Rapidamente, o que a gente estava brincando há algumas semana". Baixinha: "Brincando?!?! Ahh Mu, vamo só toca hoje!". Megablue: "E que que nós vamos fazer? Só tocar! Hahaha" (7). Murilo: "Tem gente que nunca veio". Megablue: "Ahh, mas você vai ver, não vai ficar nem metade, vai tudo ir pra *bike*". Murilo: "Megablue, confia! Acredite!". Baixinha: "Tá que nem eu, quero ir pra bike!". Megablue: "Vai com Deus então!". Iris: "Mas eu to com... num.. eu num go... mas eu quero ir pra mu.... eu quero ir pra bike, mas num vô! Dá medo... hum, dá um aperto de deixar a música, de alguém roubar meu instrumento!" (8).

Murilo: "Vamos aprender algumas coisas de técnica de baqueta, que é o que a gente usa pra tocar as caixas e outros instrumentos. Só que, por exemplo, pra gente

aprender a ler partitura, precisa disso... e a partitura vai ser útil pra tocar qualquer outro instrumento, certo? Se vocês quiserem [tocar]... por exemplo flauta". Megablue: "Opa! Falou de flauta é comigo mesmo!" (9).

Iris perguntou: "Por que o Adriano não está vindo mais?". Megablue e Baixinha: "Quem é Adriano?". Iris: "O moreno!". Murilo: "Adriano, do futebol, participava da música aqui com a gente!". Baixinha: "Ahhh, o do Antenor!" (10).

Ronaldo apareceu no espaço, interrompendo a conversa e disse que a bicicleta de um participante tinha furado o pneu. Murilo disse que teria que levar lá na Sala, sem subir em cima e pedir pra alguém dar uma "assistência" (11).

"Continuando", disse Megablue: "Ah, eu vi ele. Eu perguntei porque 'você não tá indo!' e ele respondeu 'Ah, mor cansadão!' e eu 'Mas você não faz nada da vida, meu filho!' e ele 'maior preguiça!' eu falei 'Ah'". Baixinha: "Ou seja, ele está que nem eu, desistiu de vim!". Murilo: "Certo!..Certo não, errado!". Paloma: "Eu prefiro vim aqui do que ficar em casa sem fazer nada". Aparecida: "É meio cansativo na hora de vim, mas...". Murilo: "Dá uma preguiça depois do almoço, né?". Iris: "Professor, é melhor, porque se eu ficar em casa eu tenho que ficar passando pano, lavando a louça ou cuidando do meu irmão". Aparecida: "Eu também!". Baixinha gritou: "TÁ BOM GENTE, vamos voltar pra música!". Murilo: "Calma, você falou também". Paloma: "É a gente só tem vinte minutos!". Iris: "Agora quinze!" (12).

Murilo explicou a "brincadeira", que seria ler o cartaz e bater na perna com a mão direita quando fosse o D e com a esquerda quando fosse E. Aparecida: "Não precisa dar risada da minha cara, eu não sei direito a esquerda". Megablue logo disse: "Essa é a direita". Murilo: "Sabe o que a gente faz nesse caso? A gente faz uma marquinha com a caneta". Megablue: "Ela está com o lacinho". Murilo: "Isso, então sua mão direita é a que está com o lacinho. Vou mudar até o meu relógio pra gente ficar com algo na mesma mão. Bom, vamos fazer só o exercício um pra ver se vocês entenderam". Seguiram fazendo o exercício do 1 até o 8 direto. Megablue comentou que sua perna ficou vermelha.

Murilo disse que como havia pouco tempo iria passar a folha. Explicou que era basicamente igual a outra, só que no lugar de "D" e "E" ele havia colocado

semínimas e agrupado de quatro em quatro na primeira linha, três em três na segunda, e duas em duas na terceira linha utilizando a barra de compasso.

Murilo propôs que tocassem alternado (direita, esquerda, direita, e assim por diante). Megablue perguntou se não tinha como escrever em baixo. Murilo disse que a ideia do exercício era mudar colocando "aquelas cartinhas" com pausa ou colcheia (13). Repetiram algumas vezes e Murilo propôs falarem "TA" quando fosse a semínima. Megablue: "Ahh, a gente faz isso no Pozzoli". Iris: "Estou me sentindo um bebê falando isso!". Murilo: "Parece o Professor Girafales também".

Murilo procurou os cartões menores mas não encontrou. Dexter o ajudou pegando na caixa de baquetas. Murilo apresentou o cartão da pausa. Enquanto isso, Megablue comentou com Iris que seu professor foi falar com o diretor (ou ex-diretor) da escola de Iris.

Georgy chegou e disse: "Oi Baixinha!". Ao ser indagado porque chegou só aquela hora, disse que estava estudando para a prova.

Murilo: "Agora quero ouvir perfeito, vamos lá?!". Fizemos, mas foi Izabella, Jessica e Aparecida tiveram dificuldade. Murilo disse: "Pode falar 'pausa' se quiser". Repetiram mais umas três vezes (14).

Ronaldo entrou andando de bicicleta na lanchonete. Murilo falou para ele que não podia entrar mais na lanchonete com a bicicleta pois haviam pintado o chão do local.

Murilo pegou mais cartas de pausa e colocou no exercício. Repetiram algumas vezes. Murilo apresentou o cartão das colcheias e disse que quando vissem essa figura, dissessem "TITI". Megablue fez o exercício tudo com "ti", Murilo a corrigiu e demonstrou a diferença usando as sílabas "Tá" e "Titi".

Depois Murilo disse sempre que cair na cabeça do tempo vai ser com a mão direita. Paloma não conseguiu.

**C.O. Murilo:** Causei uma confusão que eu poderia ter evitado em relação a manulação. Poderia antes de apresentar as colcheias, realizar o exercício das semínimas só com uma mão. Assim, traria a noção de que no tempo ("cabeça do tempo") seria uma mão e contratempo outra.

Ao final do exercício proposto disse que sua perna estava vermelha. Murilo disse que não precisava bater forte. Repetiram o exercício. "Bom, mas deu pra entender. O negócio das mãos não é tão importante assim [faltou dizer: nesse momento]. Na semana que vem, se a gente tivesse mais tempo hoje, a ideia é a seguinte: eu fiz uma música pra gente tocar junto, aí quero ver se vocês vão gostar pra gente fazer na semana que vem. Certo? [Dexter lembrou: "terça que vem é feriado"]. Na quinta que vem, porque nesta quinta é piscina e na terça é feriado". Iris: "Glória a Deus, espero que emende com segunda!" (15).

Murilo: "Vocês tão vendo isso aqui? [Mostrou a folha guia] É basicamente o que estávamos fazendo, certo? Ta titi ta ta... Depois a gente vai transformar isso em música tocando nos instrumentos, mas pra tocar neles, é bom a gente saber mais ou menos o que a gente vai tocar. Aí eu fiz esse guia pra gente tocar essa música aqui, ó [Acreditar - Dona Ivone Lara]". Megablue leu e falou em voz alta: "Acreditar". Murilo: "Vocês conhecem?" . Aparecida: "Eu conheço!". Murilo: "Vocês querem que eu toque pra mostrar pra vocês ou deixa rolar?". "Deixa rolar". Enquanto a música tocava, Murilo foi dizendo e perguntando algumas coisas. "É um samba. Vocês conhecem samba?". "Essa mulher, morreu há uma semana, a Dona Ivone Lara". Iris: "O Cuco falou".

Murilo deu a entrada de onde era para começar lendo, e foi usando os que haviam visto: colcheia (titi), semínima (tá) e pausa de semínima (pausa). Camila e Izabella ora ou outra olhavam para fora.

**C.O. Murilo:** não sei se para a piscina ou para alguém que estivesse passando ou qualquer outra coisa.

Murilo abaixou o volume da música e explicou que a ideia era tocar junto com a gravação, com os instrumentos. Paloma disse: "Mas ninguém tá tocando os instrumentos que a gente tá tocando". Murilo aumentou o som e perguntou quais instrumentos tocavam na música. Megablue disse pandeiro, "tamborinho", Iris disse "tambor". Murilo pegou o surdo e tocou junto a música, dizendo que o samba geralmente é assim: "o tempo um é abafado e o dois é solto" [Demonstrando] (16).

Murilo disse: "Vamo pegar os instrumentos?". Iris disse: "Cadê o meu grandão?". Paloma se levantou imediatamente. Baixinha: "Péra!!". Megablue: "Calma,

fia!". Paloma se sentou. Murilo: "Quem está há mais tempo, Megablue, Iris e Baixinha, pega o de vocês". Iris: "Cadê o meu?!". Murilo: "Ahhh, está lá na sala... Você pode pegar ele? Só que ele é meio pesado, você quer que pegue?". Dexter: "Quer que vá lá?". Ela respondeu que sim, "Eu consigo carregar mas estou com preguiça!". Murilo: "Ahh, mas preguiça então não, então vai lá pegar!". Iris: "Ah, mas ele já foi". Murilo: "Passei para elas, porque como elas estão há mais tempo, elas já sabem o ritmo e vão ajudar a gente a se manter no ritmo. Depois quem veio? Foi a Paloma e Izabella. Vocês pegaram qual? Surdo e tamborim. Tá, temos o surdo que a Megablue vai tocar, a caixa que soa mais ou menos assim [demonstrou]. O tamborim é o menorzinho. Se duas pessoas quiserem o mesmo instrumento, tudo bem, a gente vai revezar: toca um pouquinho e depois troca. Quem quer a caixa? [Izabella e Aparecida levantaram as mãos]. Surdo [Paloma e Jessica]. Tamborim? [Camila]. Além do tamborim, agora a gente não tem mais nenhum. "Megablue: Você tinha pegado aquela bagaça. Murilo: "Ahh o atabaque, e o agogô também". Megablue: "Murilo, se quiser trocar a caixa comigo eu aceito".

Tocaram o samba reggae. Ao final Iris perguntou: "Tenho uma dúvida, eles estão tocando o vatapá? Você tá tocando errado!!!"

**C.O. Murilo:** Talvez por falta de atenção minha, não juntei os instrumentos. Desta forma, Paloma acabou seguindo o toque da caixa **(17)**.

Baixinha avisou sobre o tempo: "Ir pra roda, Murilo". Jonas e Marcos se sentaram as cadeiras utilizadas nas atividades de musicalização e ficaram lá.

Murilo: "Hoje a gente teve menos tempo, porque ficou mais na outra atividade que foi legal também, fazer os grafismos, mas numa semana com mais tempo, a gente toca mais e aí faz um pouco mais disso. Vocês topam tocar a outra música que eu mostrei?" [Sim]. Jonas [que não participou da música] disse: "Eu gostei! Gostei das duas músicas". Baixinha: "Você pode dar o papel pra gente ir treinando". Murilo disse que poderia dar o outro papel, com o outro exercício. Pediu para que deixassem o instrumento no canto e fossem para a roda, e depois quem pudesse ajudar a levar para a sala de materiais. Murilo foi conversar com Jonas. Paloma saiu andando e tocando "no ar"(fazendo os movimentos no ar) **(18)**.

Thiago viu o final da música e fez cara de espanto. Cuco: "Eles melhoraram, né?". Thiago: "É, nossa!" (19).

**C.O. Murilo:** Já foram aproximadamente 12 encontros. Daqui em diante é preciso me esforçar para mantê-la independente de mim. Com continuidade. Iris, Megablue e Baixinha vieram em quase todos os encontros. Elas já conseguem manter e ensinar o ritmo samba reggae junto as pessoas que estão chegando. Iris (surdo) pode ensinar o ritmo para Paloma, Baixinha pode ensinar o ritmo para Izabella, Megablue pode mudar de instrumento para a caixa e aprender algo desafiador (conforme declarou). Mas para isso, é necessário ter uma conversa com elas, perguntando talvez "como você gosta de ser ensinada? Que jeito vocês gostam de aprender algo?". Salientar que ninguém consegue aprender sob pressão, com desrespeito, com gritaria, sem paciência. Ninguém gosta de se sentir burro, incompetente. Eu enquanto professor poderia ter escolhido qualquer ritmo, certo? Mas por que será que eu escolhi o samba reggae? O que tem e o que teve na Bahia? Por que é necessário hoje? Com a música, a gente ensina outras coisas, certo? Neste caso, tem a música do Ilê Aiyê que fala "Que Bloco é esse?", pra mostrar que a cultura negra é linda! O cabelo negro é lindo! A música negra é linda! Diferente do que ficam martelando na gente durante nos jornais. Se hoje tem mais negro pobre, é porque foram escravizados, inclusive proibidos de cantar e dançar suas músicas. Então enquanto professor/a também pensamos nessas coisas também. Pensar também que cada pessoa tem seu tempo para aprender e se o colega não aprende também pode ser por culpa do/a professor/a. Todas as pessoas conseguem fazer música. E talvez sugerir alguns jeitos de [não] ensinar: NÃO pegar na mão e fazer o movimento pela pessoa! Se uma pessoa não está conseguindo fazer, repita várias vezes só para ela ouvir. Depois fale para ela cantar com você. Depois bater palma, por exemplo. Só depois vá para o instrumento. OU divida em partes menores e repita bastante (20).

### **CICLISMO (Descrição Cuco - 16h06min) (concomitante à musicalização)**

Rogério distribuiu os capacetes e pediu para que fizessem uma fila na porta do bicicletário. Ao abrir, Ronaldo o ajudou a distribuir as bicicleta aos/às participantes. Depois disso, Alana, que não tinha nem pegado capacete, e Tatagiba pediram para ficar



no parquinho e Rogério deixou. Pietro e Cleber revezaram um das bicicletas pequenas e brincavam com as duas Samara e Tatagiba no parquinho enquanto esperavam um ao outro. Não precisavam pedir um ao outro para parar a bicicleta, a cada volta já paravam e desciam para o outro subir. Nesse meio tempo, Ronaldo trouxe, pedalando a bicicleta de colega, que havia tido o pneu estourado. Miguel também trouxe sua bicicleta que estava com os pneus murchos. Cuco trouxe a bomba e o auxiliou a encher os pneus, segurando sua bicicleta.

Às 16h32min os educadores pediram para entregar as bicicletas. Ronaldo e Pikachu continuaram andando ainda, mas logo trouxeram também.

**C.O. Cuco:** Cleber demonstrou dificuldade para equilibrar-se na bike, necessita de auxílio.

**C.O. Cuco:** Georgy e Violeta me chamaram antes da roda final e disseram que Juliana queria falar comigo em particular. Fui até ela e ela contou que quando ela, Georgy e Violeta guardaram as bicicletas, Ronaldo falou para que não guardassem. Elas/e responderam para que ele cada cuidasse da sua vida e Ronaldo respondeu ameaçando bater nela se ela falasse assim de novo. Disse que, sabe que pode não acontecer, mas que o tio dela morreu à tijoladas por pouca coisa. Disse que conversaríamos na roda, que foi bom ela ter contado, mas que precisamos ter mais paciência tentando não responder rudemente **(21)**.

## **RODA FINAL**

A roda final começou às 16h40min. Ao perguntar "Como foi o dia pra você?", Cuco falou que viu pessoas ameaçando bater umas as outras e isto não era legal.

Ronaldo, Juliana e Georgy se acusaram de desrespeitos e ameaças. Murilo tentou mediar. Ronaldo disse que não viria mais no projeto. Georgy disse que Ronaldo avançou nele. Pela conversa os educadores perceberam que "avançar" era algo para Georgy diferente do Ronaldo. Murilo falou sobre o corpo e sobre os olhares: "Vocês conhecem aquele olhar intimidador de pai, mãe ou professor/a, que parece que está lançando "raio laser" em você?". Várias pessoas se identificaram. Os educadores mediaram a conversa no sentido de que para Ronaldo "avançar" era "chegar batendo" e para Georgy era "intimidar".

C.O. Cuco: Falei aquilo por causa de Megablue que contou que iria "dar na cara dela" se Baixinha se continuasse fazendo alguma coisa.

C.O. Murilo: Conversar na reunião sobre como as atitudes que Ronaldo tem tido: fazer algo agressivo/violento e depois dizer que está "brincando", que não faria isso ou aquilo. Ideia para discutir O que é violência?! O que é "intimidar" e "ameaçar"? (22).

Murilo sugeriu para Baixinha em particular que na hora que ela fosse se apresentar, omitir que não gosta de ser chamada de determinada maneira.

C.O. Murilo: foi especialmente para Megablue que costuma dizer para não chamar de Megablue, nem outras coisa. Baixinha pediu para que não chamassem de \_\_\_\_ [omitido].

Pique-bandeira foi a atividade escolhida a partir da lista confeccionada em alguns encontros atrás. Com o lanche distribuído, finalizaram o encontro.

## **Diário de Campo XIII**

**Data:** 03/05/2018

**Horário:** 14h – 17h (manhã)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes:** Murilo, Cuco, Maria, Téo e Flecha

**Relator:** Murilo

**Participantes Presentes [33]:** Pikachu, Leonardo, Isadora, Filipa, Cleber, Tatagiba, Paloma, Clarissa, Yasmin, Izabella, Ágata, Aparecida, Dandara, Iris, Pietro, Cristiano Ronaldo, Michel, Pedro, Jeferson, Georgy, Megablue, Baixinha, Marcos, Jonas, Batman, Isadora, Miguel, Luan, Ronaldo, Joaquim, Minivamp, Samara, Thiago,

### **INFORMES**

- Murilo conversou com Funcionário da ADESM sobre a reunião com a diretora da casa de abrigo. Ela não entrou em contato sobre a reunião que estava marcada para amanhã. Caso ela vá na reunião, Funcionário da ADESM a levará para a UFSCar onde os/as educadores/as estarão realizando reunião de planejamento e avaliação.

### **CHEGADA E RODA INICIAL**

A educadora Maria estava no Clube e algumas crianças e adolescentes já estavam no parquinho. Cuco chegou na Sala de Materiais e deu a ideia de levar as garrafas para a atividade de integração que seria realizada após a roda de conversa. Murilo, Téo e Maria foram até a lanchonete e começaram a organizar as cadeiras em roda, à sombra das árvores. Murilo foi até parquinho e chamou os/as participantes que lá estavam.

Durante a roda, Ronaldo disse para Flecha descruzar a perna que estava ficando feio. Flecha perguntou o porquê e ficou insistindo numa justificativa daquele comentário.

**C.O. Murilo:** Tinha relação com estereótipo do [homem] homossexual. Senti que deveríamos ter tratado o assunto, mas tem sido difícil problematizar tudo que surge com o Ronaldo. Talvez da próxima podemos pedir para turma explicar ou dizer o que sente em relação a isso.

**C.O. Cuco:** Conversar sobre isso na reunião de planejamento amanhã.

Téo conduziu a roda inicial e pediu para que apresentassem os/as colegas novos/as. Ao apresentar Clarissa, Cauã que estuda na mesma sala que ela, disse que haviam participado de uma discussão sobre as [negação das] mulheres na história. Clarissa explicou que as mulheres queriam participar mais, mas os homens não deixavam, queriam que elas ficassem em casa cuidando dos filhos.

**C.O. Murilo:** Poderíamos também ter aprofundado esta questão, mas não intervi. A roda estava bastante desgastante.

Depois Ronaldo estava com o celular na mão. Murilo disse que era muito bom que estávamos em muitas pessoas, vindo de lugares diferentes da cidade. Disse que o celular poderiam usar a qualquer momento como na rua e em casa mas no projeto era legal aproveitar a oportunidade para brincar e conhecer outras pessoas. Quem quisesse poderia entregar o celular que guardariam na Sala de Materiais até o final do dia. Ronaldo entregou o celular para Murilo que foi até o armário guardar.

Depois, Téo propôs uma roda de apresentação, onde cada um dissesse o nome, idade e alguma coisa que gostava.

**C.O. Murilo:** A roda de apresentação está se tornando inviável, pelo tempo que ela toma e pela ineficiência no objetivo das pessoas se conhecerem. Apesar disso, surgem assuntos e conversas interessantes.

Durante a roda, Ronaldo disse que participa de um canal no Youtube que chama \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ [omitido]. Contou um pouco sobre o canal e pediu para que as pessoas se inscrevessem nele.

**C.O. Téo:** Achei legal Ronaldo apresentar o canal de YouTube que está assistindo \_\_\_\_\_ [omitido] e \_\_\_\_\_ [omitido].

**C.O. Murilo:** Ao ver tais canais em casa, além de me sentir bastante incomodado com o conteúdo. O youtuber e seus amigos (Ronaldo, por exemplo) aplicam "troles" na rua envolvendo bastante ameaça e agressividade, fingindo que estão assaltando ou que são policiais. Acredito que isso me fez entender melhor o que é relevante para Ronaldo **(1)**.

## **GARRAFOBOL**

Cuco começou a mediar a organização da brincadeira ainda na roda. Tatagiba explicou brevemente as regras básicas. Todos/as pareceram já ter brincado. Téo e Maria conduziram a divisão dos times e ficou acordado um time de educadores/as e participantes mais velhos/as contra os demais participantes.

Ronaldo estava brincando de lutinha com Minivamp. Murilo chamou os dois para conversar e comentou que Ronaldo havia pedido para ser educador no projeto, mas suas

atitudes não estavam condizendo com tal proposta. Não quis jogar, mas quando convidado, pegou sua garrafa e foi até o time dos/as educadores/as (2).

### **CICLISMO (Descrição Téo) (concomitante à musicalização)**

Ao voltarem do Garrafobol realizado na quadra, o participante Ronaldo subiu animando o grupo para que todos interessados em participar da atividade bicicleta, brincassem de "Polícia e Ladrão". O educador Téo e Maria, esperaram a turma conversar já que estavam reunidos e Ronaldo até mesmo separando o grupo entre aqueles que seriam polícia e ladrão. Após isto, Téo perguntou sobre os combinados, e aqueles/as que sabiam de alguns, compartilharam com o grupo e contribuíram. Após isto, o educador Cuco distribuiu as bicicletas e Téo os capacetes, enquanto a educadora Maria, ajudou com os capacetes e auxiliou na organização de distribuição das bicicletas, já que algumas precisavam ter os pneus cheios e alguns participantes teriam de ser organizar para revezar na participação.

Desde o início grande parte da turma brincou de polícia e ladrão e se envolveu bastante. Houve bastante movimento, e até aqueles/as que estavam aprendendo a andar, se arriscaram nos papéis designados para realização do jogo. Filipa que ainda não sabia andar muito bem se arriscou a dar pedaladas e se saiu muito bem, e Cristiano Ronaldo que não possui grande habilidade buscou se integrar na brincadeira. Houveram tombos de vários/as participantes. Dandara caiu bruscamente no chão ralando o cotovelo e joelho. Logo após ter se acidentado, o educador Téo e educadora Maria a ajudaram, a encaminharam para a torneira para limpar o ferimento. Estava no horário de guardar as bicicleta.

**C.O. Téo:** Vejo que Ronaldo desempenha um papel interessante nos grupos em que está. Tem um pensamento rápido, e utilizar este potencial é algo rico, mas difícil ao mesmo tempo, tendo em vista o pequeno período de tempo de convivência que temos com ele durante o projeto. Penso que antes de planejarmos/realizarmos brincadeiras durante todo o período da *bike*, será melhor organizar atividades de aprimoramento da condução, como subir guias, realizar manobras e obstáculos (3).

Como era momento de treino do futebol, haviam muitos participantes desta atividade próximo ao campo. Alguns garotos do futebol mexeram com participantes do

VADL dando risadas de situações desagradáveis (tombos) ou até mesmo dizendo coisas para chamar atenção do grupo. Ronaldo veio conversar com os educadores dizendo dos desentendimentos com os participantes do futebol, e Téo pediu para que ele "aquietasse os ânimos" pois assim seria melhor, relevando esta situação e que não se "alimentasse" a violência destes. Assim, o educador Téo guardou as bicicletas e Cuco os capacetes **(4)**

### **ATIVIDADE ALTERNATIVA**

Samara, Yasmin e Tatagiba, como nos encontros anteriores, pediram para ir ao parquinho, por não quererem andar de bicicleta. Cuco perguntou se poderiam fazer outra coisa juntos já que no parquinho haviam ocorrido incidentes e podia chamar a atenção de quem participava da bicicleta. Concordaram sem demonstrar animação. Sentaram numa mesa, Cuco chamou Miguel e Jonas também, que estavam esperando o revezamento de bicicletas. O educador perguntou quem havia participado da atividade do jornalzinho, todos disseram que sim, exceto Yasmin. Samara, então explicou como havia sido destacando os desenhos dos "parentes indígenas" (forma como inclusive corrigiu Tatagiba que havia dito "índios"). Cuco completou: "os grafismos" e sugeriu que ele lesse um trecho de um livro "Meninos do mato", de Manoel de Barros, e após apresentar rapidamente a eles/as para que desenhassem a partir do que haviam pensado com a leitura. Chamou a atenção deles/as para o trecho da "imaginação" e da "formiga ajoelhada na pedra", além da natureza que havia citado como tema principal do autor. Depois de um tempo, Cleber também se juntou a este grupo e desenhou.

**C.O. Cuco:** Jonas preferiu escrever letras e sílabas para treinar para poder ler e escrever que estava aprendendo. Antes da atividade ele revezaria com Pietro, mas para ver quem começava, trapaceou no "pedra, papel, tesoura". Perguntei se ele tinha sido honesto e ele negou com a cabeça já deixando a bicicleta e saindo de perto chateado. Depois pedi para Miguel chamá-lo e ele veio **(5)**.

### **MUSICALIZAÇÃO (concomitante ao ciclismo)**

**Participantes da música [7+2]:** Iris, Megablue, Baixinha, Paloma, Izabella, Thiago e Georgy, Murilo e Flecha

Antes de começar a música, Baixinha, Megablue e Georgy disseram que queriam conversar com Murilo. Foram para um canto e Baixinha disse que não está mais aguentando o Ronaldo, que na van desrespeitou Flecha e Megablue. Georgy disse que se tiver vaga no projeto do SESC ele vai querer, pois tem sido muito ruim estar com o Ronaldo. Megablue disse que tem pressão alta e começou até a suar frio na van, depois que Ronaldo a tirou do sério. Murilo sugeriu que conversassem na roda final, expondo o que estava acontecendo. Ao final do dia, a roda foi corrida e apesar de lembrarem Murilo sobre o assunto, Murilo pediu para deixar para terça que vem. Quando acabou a roda, Murilo chamou elas/e novamente e disse que seria importante conversarem sobre Ronaldo só entre os/as educadores/as. Pediu paciência pois as pessoas vem de contextos diferentes e é necessário entendê-las para ajudá-las também (6).

Como a lanchonete estava sendo ocupada pelo pessoal do futebol pegaram cadeiras e se sentaram do lado de fora, embaixo das árvores. Murilo saudou as pessoas que vieram para a música e disse que eram 15h40 e que pensou em fazer algo um pouco diferente pois planejou conversar com Baixinha, Megablue e Iris que estão há mais tempo na música. Baixinha e Megablue já quiseram indicar o lugar: "a gente senta lá...no banquinho". Iris disse: "Hoje eu não queria fazer nada, mas ...". Baixinha retrucou: "Cala a boca!".

**C.O. Murilo:** Acho que a escolha do lugar tinha relação com os meninos do futebol estarem lá perto ou passarem por lá. Quando conversamos separadamente (será descrito neste diário) isso ficou mais evidente (7).

Murilo: "Enquanto isso o outro grupo iria relembrar o que fizeram na semana passada. A Paloma e a Izabella vão ajudar eles a fazer aqueles negócio de "tá, titi e pausa", beleza? Esse tempo vai ser curto por que a gente vai tocar mais hoje". Murilo entregou as folhas para Georgy, Thiago, Izabella e Paloma e também umas para as meninas acompanharem enquanto Murilo passava para eles/as. Murilo explicou que tinham duas coisas para fazer: uma era cantar o ritmo e a outra era contar o tempo e "bater" no ritmo. Mostrou que no "Exercício 1" haviam duas linhas ("percussão 1" e "percussão 2") e que quando acabasse a primeira, passariam para o "bloco" abaixo. Mostrou na folha de cada pessoa.

Murilo explicou que era para dizer "ta" quando tivesse essa nota ("figura") [apontou para a semínima]; e "titi" quando tivesse a outra [apontou para as duas colcheias juntas]. Enquanto isso, Megablue, Baixinha e Iris estavam tocando e uma ajudando a outra, principalmente Megablue: "Não, mas estamos muito rápido... Ele falou que quando tiver só essa que é a semínima, é com a direita. E a colcheia era direita, esquerda".

Murilo: "Vou cantar a primeira linha". Cantou uma vez sozinho e depois cantou uma vez com cada pessoa, apontando em sua folha o que estava fazendo. Depois cantaram juntos/as a "Percussão 2". Murilo: "Tenta fazer a primeira linha e depois a segunda. Se conseguirem, dá um salve que eu vou mostrar outra coisa". Flecha começou a conduzir os exercícios (8).

Thiago contou que já fez aula de percussão. Thiago: "Eu também tentei fazer de saxofone". Georgy: "Eu fiz de [inaudível], fiz violão e fiz canto coral!". Thiago: "Eu esqueci tudo também por que eu só tinha cinco anos" (9).

Murilo deixou a câmera gravando enquanto pegou seu celular e foi junto à Iris, Megablue e Baixinha sentar na mesa próxima ao bebedouro. Também deixou gravando sua conversa.

### **CONVERSA NOS BANQUINHOS (concomitante ao grupo na lanchonete)**

**Participantes [3+1]:** Megablue, Iris, Baixinha e Murilo

Chegando nos banquinhos, Iris disse: "Só faltou um lanchinho". Baixinha: "Só faltou um açaí pra nós tomar... Olha, tá gravando!". Murilo: "Isso, nossas conversas são todas gravadas. E é sobre o seguinte... Vocês estão há mais tempo, aí eu anotei [mostrando um papel]". Megablue corrigiu seu apelido que estava anotado no papel: "Faltou um "h" no final". Baixinha: "É que ela gosta que escreva Megablue com \_\_ [letra omitida, pois não faz devido sentido no nome fictício] no final". Megablue desmentiu, dizendo que estava brincando. Murilo: "Vocês estão há mais tempo, e eu queria saber como vocês gostam de ser ensinado. Por exemplo, como... o que vocês acham que é um professor legal, uma professora legal, da escola, como vocês aprendem de um jeito legal?". Iris: "Ela mostrando". Megablue: "Pra mim, de um jeito legal, é o professor ensinando o conteúdo e explicando ao mesmo tempo. Que nem você faz, praticamente". Murilo: "Tá, e como é o jeito desta pessoa que ensina?". Megablue: "Tipo assim.. vamos



a música né? Porque isso é o meu forte! Assim, você tá lá fazendo as notas, que nem está aqui, né? E explicando pra gente 'essa é a semínima, a semibreve, tananãnanananã'. Aí tem a nota dó, sol, tananã e vai indo. Aí tipo assim, você fala o conteúdo e explica e faz ele ao mesmo tempo. Deu pra raciocinar, né?" (7"40) (10). Murilo concordou e disse: "Aí eu queria chamar a atenção [para isso] porque eu penso que vocês que estão há mais tempo poderiam ensinar as outras pessoas que estão chegando agora, porque vocês já sabem várias coisas de música que a gente fez junto e é... acho que vai ser bom pro grupo porque a gente consegue ensinar mais coisas em menos tempo e as pessoas acho que se desenvolvem mais. E quando a gente ensina a gente aprende várias coisas também. Tipo eu quando estou ensinando alguma coisa, eu aprendo várias coisas... Eu melhoro o jeito como eu ensino e o jeito como eu toco. Aí, então, o que eu queria trazer é, vamo pensar no jeito que a gente gosta de aprender pra poder ensinar as outras pessoas". Iris: "Vendo!". Megablue: "E ajudando!". Iris: "E sabe, tipo assim, na hora que você tá... Igual meu professor... vou explicar. Eu consigo raciocinar as coisas, não o professor falando: 'imagina um quadrado depois faz isso isso e isso'. Eu não consigo fazer isso... só o professor desenhando na lousa". Murilo: "Mostrando!". Iris: "É, sabe o que? Às vezes o professor está falando e eu não consigo entender o conteúdo mas é que minha mãe fala assim, que se a pessoa for fazer um exercício na lousa, e explicando, eu consigo entender melhor, igual o professor". Megablue: "É, na minha escola não tem nada disso!". Baixinha: "O Marcelo!". Megablue: "Só o Marcelo, porque o resto..." (11).

Murilo: "Aí eu queria pensar, que quando a gente for ensinar alguém aqui do projeto, por mais que a gente às vezes não goste da pessoa, isso é importante falar, viu? Por mais que a gente tenha as nossas desavenças e tudo mais, ache a pessoa chata.. ". Megablue: "Insuportável". Baixinha: "Com vontade de meter um tiro no meio da cara...". Murilo: "Por que eu sei que pode acontecer de alguém que a gente não gosta muito passar a fazer parte da música".

**C.O. Murilo:** Achei melhor falar isso, pois Megablue e Baixinha já haviam vindo me contar que está muito difícil participar do projeto com o participante Ronaldo.

Megablue: "Mas a gente se dá bem com as pessoas que estão na música". Murilo: "Sim, sim, mas pode acontecer de não ser, né?" (12). Megablue chamou a atenção de Iris e Baixinha que estavam olhando para o outro lado: "Foca aqui, linda! Foca na mesa! Foca

aqui, ó! Foca no Grilo! Foca no Murilo, Foca no Bem-Casado!". Murilo: "Ahh, agora eu entendi por que que a gente veio sentar aqui!". Megablue: "Na verdade não é por causa disso!". Iris: "Peraí que tem o outro Murilo aqui!". Baixinha riu **(13)**.

Murilo: "Aí, algumas dicas... que eu espero ter feito com vocês, é.... por que eu acho que isso é bom! Quando for ensinar alguém a tocar, por exemplo o 'vatapá, legal'. É meio difícil! A gente precisa de muita paciência porque é difícil [Iris: "Ah, eu achei fácil!"]. Se a gente pegar a mão da pessoa e fazer assim, ó [pegou a mão de Baixinha e fez o ritmo "por ela"]. Megablue: "Né, Ana?". Murilo: "Difícilmente a pessoa... vai ser mais difícil a pessoa aprender, por que ela não está fazendo nada, só deixando a mão mole!". Iris: "Acho que um jeito é também a gente bate junto e ela tem que bater junto" **(14)**.

Megablue: "É Murilo, você tá na hora de você mudar também, né, meu jeito de tocar, né? porque eu to tipo [fez o movimento de tocar]". Murilo: "Isso era outra coisa que eu ia falar. Está até anotado aqui. Mas antes disso.". Megablue: "Meu sorriso já abre até as orelhas!" **(15)**.

Murilo: "Se estiver tendo dificuldade para ensinar alguma coisa, tenta de outro jeito, tenta mostrar pra ela, repetir muito o que vocês tão tocando". Megablue: "Sim, mas tipo assim, tem gente que tipo, você vai tentar ensinar ela na educação só que a pessoa não gosta, entendeu? Ela começa tipo: 'Ahh, deixa que ele me ensina, que não sei o que, eu posso aprender sozinha!'. Você só quer dar uma mão, mas a pessoa não quer e vem na maior arrogância com você". Murilo: "Daí, uma ideia. Aí você me chama e já que a gente está junto nisso, eu vou chegar do lado e vou falar: 'vai lá Megablue, ensina' e eu não vou ensinar a pessoa. Daí eu quero te ajudar a ensinar a pessoa, pode ser? Então se estiver tendo dificuldade me chama ou chama o Flecha". Iris: "Professor, eu quero falar sobre o Batman". Murilo pediu para esperar pois Megablue havia trazido um outro assunto antes **(16)**.

Murilo perguntou para cada pessoa: "Você está feliz com o instrumento que você está tocando?". Disseram que sim, inclusive Megablue. Murilo perguntou se ela queria mudar para caixa. Megablue disse que não. Murilo: "Não? Achei que quisesse! Entendi, você só quer que deixe sua parte mais difícil...". Megablue: "Digamos que não difícil". Murilo: "Mais interessante... Por que eu pensei que você poderia tocar uma parte que eu

toco da caixa, que seria diferente do que a Baixinha está tocando. E a Iris, por exemplo, [poderia] ensinar a Paloma (que já está tocando surdo) a tocar essa parte". Megablue: "Podemos tentar". Murilo: "Aí eu vou pedir ajuda. Você, Baixinha, vai ensinar a Izabella a tocar o 'Vatapá legal'. A Iris vai ajudar quem quiser tocar surdo a tocar as duas partes do surdo. [Iris: "Duas?"]. Tá, tum tum tá, tudududu tá. Então se a pessoa estiver começando, o primeiro surdo, que é o que a Megablue fazia, que é mais simples. Aí você vai ensinar as duas pessoas. E você [Megablue] vai ajudar na caixa. Vou ensinar algumas coisas da caixa pra tipo 'puxar' o grupo, certo?" (17).

Batman passou ao lado e Iris o chamou. As outras pessoas da música também ajudaram a chamá-lo. Murilo: "A Iris queria [te] falar uma coisa". Iris: "Semana passada você [Batman] não estava na música? Você falou que ia ficar. Batman: "Eu não falei que eu não vinha. Eu falei que eu ia ver se eu ia ficar". Iris: "Não, você já foi duas vezes na música". Batman: "Eu não fui nenhuma vez". Iris: "Não foi?". Murilo: "E aí, você decidiu pelo quê?". Batman: "Eu decidi pela bicicleta". Murilo: "Pra sempre? Daí não pode voltar para a música! Você prefere ficar na música ou na bicicleta?". Batman: "Bicicleta". Murilo: "Tá, então essa é a sua escolha?". Batman balançou a cabeça. Murilo: "Beleza, vai fazer falta pra gente!". Iris: "Então se o Miguel e o Luan mudar para música, você vai querer fazer música?". Batman balançou a cabeça. Baixinha: "E vai lá, fala pro professor apertar seu capacete que está muito ruim". Murilo pegou o capacete para ajustar (18).

Enquanto isso Murilo perguntou: "E por que vocês acham que eu escolhi o samba reggae?". Baixinha: "Por que eu acho que é mais fácil!". Murilo: "Sim e não. Tem a ver com isso, mas o ritmo não é fácil, o samba reggae". Iris: "Vatapá, legal", acompanhada de Batman que também começou a cantar. Megablue transformou em "batata legal". Iris: "Ó, pensa numa comida, 'Batata crocante' ". Murilo: "Batata quente". continuou: "Querida dizer que eu escolhi o samba reggae porque alguma semanas antes de começar, também a gente estava tendo uma questão. A gente colocou as músicas para tocar e me falavam assim.. Ahh, tinha as músicas do cabelo." Iris: "A do pão duro". Murilo: "Somo cabelo duro somo bem legal... Deixa meu cabelo em paz, seu diretor! Deixa meu cabelo em paz...Ah, a do pão.. esqueci! Hoje eu vou comer pão murcho, padeiro não foi trabalhar". Murilo: "O samba reggae é da Bahia, certo?". Megablue: "Obviamente!". Murilo: "Sabia?". Megablue: "Sim, né? Metade da minha família é da Bahia". Murilo: "Olha só!

E era sobre isso que eu ia falar... Você já tinha ouvido o samba reggae antes?".  
 Megablue: "Na festa da família, nooossss". Murilo: "Aí sim, era isso que eu queria ouvir. [Por que] às vezes a gente está muito distante da nossa cultura, por isso que eu quis trazer um ritmo desse. Que também tem um trabalho de valorizar a cultura negra".  
 Megablue: "Meu pai falou que no Ceará também toca um pouco de Samba Reggae. Por que minha família por parte de pai, é do Ceará. Por parte de mãe é de Minas Gerais, Bahia, São Paulo e esqueci o resto... Espírito Santo!". Baixinha: "Por parte de mãe?!"  
 [Baixinha fez o sinal da cruz]. Megablue: "Eu odeio quando ela fala da minha família!".  
 Baixinha: "É que eu tive uma experiência muito ruim". Megablue: "É que ela já namorou com meu primo". Murilo: "Ahh, entendi... Bom, aí eu pensei que a gente acaba ensinando outras coisas através da música... e isso é uma delas" (19). Megablue: "E eu quero tocar flauta". Baixinha: "E eu quero tocar violão. Na verdade eu amo guitarra". Megablue: "O Murilo passou flauta, mas eu não estava aqui, eu não conhecia o Sindicato, sabe?" (20).

Murilo entregou as partituras da folha com o título "Acreditar" que tinha alguns exercícios relacionados a o que fariam futuramente: acompanhar a música Acreditar da Ivone Lara tocando a partitura. Murilo pediu para que contassem o tempo em voz alta e batessem palmas de acordo com a partitura. Murilo fez a contagem e começaram a tocar. Murilo foi cantando as sílabas rítmicas (tá, titi, pausa). Murilo errou e Megablue indicou seu erro. Quando chegou ao final da linha, todas pararam. Murilo explicou que quando chegasse no final, deveriam mudar de sistema. "Se você está seguindo a primeira linha, quando acabar, você vai pra primeira linha do segundo sistema". Iris: "Entendi! Depois que muda vem pra cá, depois pra cá, depois pra cá, depois pra cá!". Murilo: "Não, calma! Se você está aqui, ó". Iris interrompeu: "Aí a gente vem pra cá, depois pra cá, depois pra cá, depois pra cá". Murilo: "Não, daí é exercício dois! Aqui que acaba o primeiro". Iris: "E por que que a gente não faz esse?". Murilo estava falando junto: "Então vamo lá, linha de cima, percussão 1, exercício 1". Megablue: "Depois vamos fazer o dois?". Murilo: "Sim, mas vamos até o final! Beleza?". Fez a contagem e tocaram a percussão 1. Depois a percussão 2. O exercício começava com pausa e Megablue começou batendo palma. Ao final, Murilo disse para fazerem novamente pois não tinha ficado muito bom. Quando foram repetir, Megablue errou denovo e toda gente caiu na risada. Recomeçaram e caíram na risada, pois Megablue havia errado novamente. Murilo indicou na partitura

dela, onde deveria tocar. Murilo fez a contagem e já riram novamente antes de começar a tocar.

Quando acabou, Murilo disse: "Quase". Depois Murilo propôs uma divisão, Iris e Baixinha fazendo a linha de cima e Megablue e ele fazendo a linha de baixo. Baixinha pediu para que fosse o inverso e Murilo disse que tudo bem. Das primeiras vezes, Iris e Baixinha não entenderam que era pra fazer junto. Fizeram e quando se perderam, deram risada. Pararam. Iris: "Vamos começar tudo de novo". Murilo falou para fazerem começando da metade da música e Iris disse "Tá bom vai". Murilo fez a contagem e tocaram. Quando acabou Murilo comemorou: "Aeeee! Inteira agora!". Durante o exercício, Baixinha deu risada e parou de tocar, Murilo cantou a parte dela e indicou na partitura, ajudando-a a "se encontrar". Murilo comemorou novamente e disse para se juntarem ao outro grupo (21).

Murilo viu Cleber atrás da árvore. Estava de capacete e aparentava estar triste (C.O. Murilo). Cumprimentou-o e voltou a fazer o exercício da música. Ao se levantar, Murilo conversou novamente com Cleber: "Cleber, tudo bem? Que foi? Você não quis ir para a música?... Vem cá, vamos conversar!". Baixinha: "Deve ter sido o Ronaldo!". Cleber explicou que ele estava na atividade de bicicleta, mas não tinha nenhuma bicicleta para ele. Murilo disse que tinha que revezar, como eles/as faziam com os instrumentos musicais. Murilo indicou que ele falasse com o educador Téo que ele poderia ajudar (22).

Chegaram perto de onde estavam Flecha, Paloma, Izabella, Thiago e Georgy, realizando os exercícios. Murilo esperou acabarem de tocar o que estavam tocando e propôs que parassem por hoje com os exercícios para que tocassem os instrumentos.

### **GRUPO LANCHONETE (concomitante ao grupo da mesinha)**

**Participantes [4+1]:** Paloma, Izabella, Thiago, Georgy e Flecha

Flecha propôs que fizessem uma vez e depois fez num andamento mais lento. Em uma das vezes errou e Paloma o corrigiu. Havia bastante barulho das pessoas que estavam nas outras atividades: pessoal do futebol reunido na lanchonete e pessoal da bicicleta brincando de polícia e ladrão. Flecha perguntou como poderiam fazer na próxima vez. Flecha: "Vamos fazer um por um?".

C.O. Murilo: Pelo que vi, Paloma consegue ler, mas tem dificuldade em fazer isso seguindo uma pulsação.

Flecha propôs que uma pessoa lesse e depois ele apontaria para outra pessoa para que esta continuasse. Fez uma vez e ao final perguntou se entenderam.

C.O. Murilo: Ideia: Pode fazer um exercício de dois compassos cada.

Izabella começou. Flecha pegou o tamborim e batendo no pulso, disse que esses "ta, titi e pausa" estariam relacionados ao que estava tocando no tamborim. Flecha perguntou: "Vocês querem que eu marque aqui o andamento? Ajuda?". Izabella disse que sim. Flecha: "Ou então marca com o pé". Thiago: "Eu marco com o pé". Flecha demonstrou e sentiu dificuldade, propondo uma mudança: "A gente, quando apontar, começa a cantar junto e quem apontou não para de falar, tá bom?". Thiago fez uma vez, depois Paloma pediu para fazer. Ela começou e apontou para Georgy. Georgy continuou e Flecha pediu para Paloma continuar falando. Ao final, Flecha explicou que chegaria uma hora em que toda gente estaria tocando junto (23).

Joaquim entrou na lanchonete com a bicicleta e Paloma e Thiago o avisaram: "Não pode ir aí, Joaquim!". Flecha: "Ó, tem que concentrar aqui!". Paloma: "É difícil né?". Thiago: "É que eles entraram na cantina". Flecha: "Eu também acho difícil".

Repetiram o exercício. Flecha perguntou: "Vocês acharam difícil?". Thiago: "Não muito". Flecha: "Então vamos de novo porque vocês tão ficando bom nisso daqui". Depois de terem feito disse: "Qual é a desse daqui que eu fiz pra vocês? Que mesmo quando a gente não está tocando, a gente tem que saber onde tá a música. Entenderam? E concentrado e concentrada nas outras pessoas". Flecha propôs fazer num andamento rápido e Thiago quis começar. Durante o exercício, Thiago teve dificuldades e Flecha foi gradativamente diminuindo o andamento. Na vez de Paloma, Flecha propôs o mesmo, se adequando ao andamento da pessoa que estava fazendo o exercício. Depois que cada um foi uma vez, Flecha propôs de fazer o exercício 2, só para conhecerem.

C.O. Murilo: Olhando o vídeo vejo a importância de fazer uma contagem para todos/as começarem juntos/as.

Thiago disse que não entendeu o que era aquela nota com um "x". Flecha disse que achava que era uma nota abafada, e demonstrou no tamborim. Flecha propôs de fazerem com as baquetas, tocando nas cadeiras. Tocaram por pouco tempo quando o

outro grupo chegou. Murilo perguntou como estavam, se tinham conseguido. "Sim, bastante" disse Flecha. Murilo propôs de pararem por hoje para tocar os instrumentos (24).

### **TOCANDO (todos/as da musicalização)**

Enquanto isso, Baixinha, Iris e Megablue foram pegando seus instrumentos. Ao ser perguntada sobre qual instrumento gostaria de tocar, Izabella disse "tanto faz". Murilo lembrou que caso não tenha instrumento para toda gente, iriam revezar. Megablue: "Eu amo tocar atabaque, não sei porque". Georgy e Paloma pegaram o surdo. Izabella, Thiago e Megablue pegaram a caixa.

Enquanto Murilo arrumava a câmera, as pessoas foram tocando o ritmo do samba reggae. Georgy e Paloma ficaram tocando, até Iris começar a cantar "We will rock you", do Queen. Izabella estava olhando para o grupo e às vezes tocava junto. **C.O. Murilo:** Ao meu ver, Izabella pareceu não querer se arriscar muito, um certo receio de errar.

Murilo lavantou a mão e disse: "parou...[...] Que ritmo a gente está tocando?" e Iris e Megablue responderam Samba Reggae. Murilo ajudou Megablue a colocar a caixa. Depois entregou a baqueta para Georgy. Enquanto isso foram tocando ritmos. Georgy foi se ajeitando também com o talabarte.

Murilo pediu atenção novamente e explicou que a parte do surdo tem duas "vozes": uma que a Iris iria tocar e a outra que ela iria ensinar. Murilo perguntou se ela conseguia tocar as duas de uma vez. Ela pediu para Georgy ficar mais próximo, segurando o instrumento para que ela pudesse tocar os dois surdos, cada qual com seu respectivo toque. Enquanto isso, Paloma começou a tocar e Megablue disse que era para ela ficar com apenas uma baqueta, estendendo a mão para ficar pegar a baqueta. Baixinha reforçou, dizendo que era uma só. Paloma entregou uma baqueta.

Iris tocou ambas as "vozes" e sugeriu: "Para ficar mais fácil, pode fazer assim ó: 'Eu gosto de mexerica' [tocando os surdos]". Iris indicou com a mão que era para tocar, mas ninguém tocou. Baixinha disse: "Bate gente!". Fez novamente e o resultado foi o mesmo. Baixinha disse: "Bate gente!". Megablue e Iris também falaram algo. Murilo disse: "Calma aí, ó, Megablue e Baixinha, deixa ela conduzir!" (5"43). Iris: "Primeiro vocês tocam: "Eu" [Demonstrando no instrumento de Paloma e Georgy], depois só eu

[toco] "Gosto" [tocando no próprio instrumento] aí vocês 'de', e eu 'mexerica'.... 'eu gosto de mexerica'" e seguiram tocando (25).

Murilo disse: "Então eu vou dar uma entrada, contando até quatro e aí lembra que é o Georgy e a Paloma que começam juntos. Vamo lá! 1, 2, 3, 4". Fizeram mais duas vezes e Murilo disse: "Agora.... samba reggae, se a gente ver um vídeo, como as meninas já viram, é uma coisa dançante, super dançante. Então, ó, quando eu começar a tocar, vamos tentar todo mundo ir para direita e esquerda [foi demonstrando]".

**C.O. Murilo:** Paloma tem certa dificuldade com ritmo. Seria muito interessante fazer as atividades de pulso que fazíamos nos primeiros encontros. Entretanto, as meninas que estão há mais tempo já não acham tão legal. Como propor algo mais desafiador e que gere aprendizados para as meninas e ao mesmo tempo não atrapalhe a atividade com as pessoas que estão precisando aprender a marcar o pulso? Talvez separar em dois grupos, que fiquem pertos. Iris, Megablue e Baixinha podem aprender por exemplo a semicolcheia (26).

**C.O. Murilo:** Ideia: Talvez pelo contexto e momento em que estamos, a construção de um "produto musical" para internet, tenha um alcance, impacto e reconhecimento distinto da apresentação "convencional". Um vídeo bem feito disponível numa plataforma na internet tem um potencial muito grande. Esse pensamento foi gerado a partir de conversas com Ronaldo, sobre "seu" canal no youtube, associar com participantes como Pikachu que se diz youtuber, e as possibilidades de acesso pelas famílias a qualquer momento, em qualquer lugar (27).

Paloma: "...Mas tem hora que eu estou indo para cá, ela está vindo para cá!".  
Murilo: "Segue a Ana!". Iris: "Segue o baile!". Murilo: "Se quiser todo mundo treinar, é assim, ó 'abriu, fechou, abriu, fechou...'. 1, 2, 3, 4, parou! Isso.. e vocês, segue o baile aí! Baixinha, você pode ensinar pra gente o ritmo que estamos tocando na caixa?". Baixinha começou a tocar. Izabella e Thiago "pegaram" o ritmo sem dificuldades. Murilo contou e parou. Megablue: "Tá até vibrando [a esteira da caixa] aqui". Georgy disse que o surdo estava "pegando" [machucando] na perna. Murilo disse para ele tentar abrir a perna um pouco e que iriam [apontando para Thiago, Izabella e Baixinha] treinar a entrada da caixa.



Murilo mudou a câmera de lugar e comentou: "Esqueci de falar. Todas as aulas de música eu estou gravando. Por que eu estou estudando, tipo um trabalho que chama doutorado e tem a ver com música e o que a gente aprende em música e além da música nos momentos que a gente toca junto, certo? Então eu vou estar gravando e depois trago mais informações sobre, tá bom?". Thiago: "Minha mãe vai fazer doutorado daqui a pouquinho em biologia, de abelhas... é um negócio bem complicado". Murilo: "Geralmente é meio complicado, né?".

Murilo avisou que iria contar até quatro e começariam tocando o "vatapá". Murilo viu que Izabella estava fazendo um movimento de dança e estava se confundindo para tocar. Murilo retomou o "abriu, fechou, abriu, fechou" e fez enquanto falava.

Murilo chamou Megablue para vir ao seu lado e disse: "Eu e a Megablue, a gente vai dar uma entrada que é a seguinte [Murilo simulou como eram os toques falando onomatopeias]" e depois tentaram uma vez. A turma fazia a parte da resposta e depois de três ou quatro vezes, Murilo parou e disse que depois de repetir quatro vezes, iriam começar tocando. Fizeram uma vez. Enquanto tocavam, Murilo demonstrou para Megablue o que era para ela tocar na caixa.



Izabella e Baixinha estavam se olhando. Izabella se perdeu. Baixinha percebeu e olhou para ela. Deu um sinal que a fez parar de tocar. Virou-se e, para ajudar, tocou na caixa de Izabella. Flecha viu e se virou para tocar na caixa de Izabella. Repetiram algumas vezes juntas e Flecha saiu (28).

Murilo continuou tocando com Megablue. Murilo contou e "cortou". Paloma deu um grito "Uuuul". Murilo perguntou: "O que vocês sentiram?". "Animação, vibração" gritou Iris. Thiago: "Felicidade". Murilo: "Izabella sentiu alguma coisa boa ou ruim? ["Boa", ela respondeu] (29).

Murilo: "Já que cada um ensinou um pouquinho, estou ensinando uma parte para a Megablue que é assim, ó!". Murilo perguntou se Paloma queria colocar o instrumento na cadeira um pouco e perguntou se alguém estava sentindo o instrumento muito pesado. Megablue mostrou para Murilo o que estava treinando e Murilo a parabenizou. Murilo



Enquanto Flecha passava para o grupo, Baixinha às vezes tocava na caixa de Izabella, ajudando-a a tocar junto. Flecha avisou que para parar, iria fazer outro ritmo. Disseram "ninguém ouve". Flecha fez só com os surdos e deu certo. Com "as caixas" precisou repetir mais vezes.

Murilo e Megablue voltaram. Murilo pegou o tamborim e Megablue foi ao lado de Flecha. Ronaldo chegou no espaço e disse para Murilo que queria seu celular de volta. Maria o chamou e ele pediu para ela esperar. Murilo explicou que estava no armário e que Murilo estava na música no momento e não poderia ajudá-lo. Murilo disse para que ele conversasse com alguém que estivesse na sala de materiais .

Murilo fez a contagem e parou. Pediu para que levassem os instrumentos para a Sala de Materiais e explicou que pegaria as baquetas, pois estariam passando próximo a cada do Xandão e Alessandra, que poderia ter gente dormindo, ou o bebê. Megablue estava treinando o toque e depois de entregar a baqueta disse: "Aí, ó! Com a mão eu consigo, com a baqueta não! Que ódio!". Murilo: "Tudo bem... é processo!" (32).

## **RODA FINAL**

Murilo perguntou se alguém gostaria de comentar algo sobre o dia. Aparecida contou das vezes que o pessoal do futebol mexeu com eles, inclusive com Ronaldo, xingando sua mãe. Ronaldo disse que havia ligado para um de seus colegas para vir brigar com quem o xingou durante a bicicleta.

**C.O. Murilo:** Fui conversar com o treinador, funcionário da ADESM, depois do período.

Murilo perguntou ao grupo quem haviam perdido parentes e amigos por causa de brigas. Umas dez pessoas levantaram as mãos. Algumas (Thiago e Aparecida) declararam querer contar sobre. Murilo disse que pela questão do tempo, se eles/as topassem, este poderia ser o assunto da roda inicial da terça-feira. Toparam.

**C.O. Murilo:** Conversar sobre as atitudes de Ronaldo na reunião.

**C.O. Cuco:** O período todo de hoje me fez perceber que talvez fosse mais importante discutir as questões mais práticas de organização e ação dos educadores/as no projeto em nossa reunião, como por exemplo, pauta que havia sido sugerida sobre novos/as participantes. Que foi preterida perante outras pautas burocráticas (33).

Ao final do período, \_\_\_\_\_ (Mãe do Thiago) conversou com educador Murilo sobre a participação do Thiago em relação à piscina e socialização. \_\_\_\_\_ relatou que Thiago às vezes fala que demora muito pra resolver os conflitos no projeto e que acaba ficando chato (34).

## Diário de Campo XIV

**Data:** 08/05/2018 (Terça-feira)

**Horário:** 14h – 17h (Tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes [5]:** Cuco, Murilo, Dexter, Flecha e Téo

**Relator:** Murilo e Cuco

**Participantes Presentes [29]:** Iris, Pietro, Minivamp, Baixinha, Georgy, Miguel, Tatagiba, Samara, Aparecida, Paloma, Pedro, Cristiano Ronaldo, Jonas, Marcos, Leonardo, Luiza, Luan, Trevor, Pastel, Jeferson, Michel, Cleber, Isadora, Filipa, Alana, Ágata, Izabella, Ronaldo e Dandara.

### **INFORMES**

- Flecha e Téo estiveram presentes no Clube durante o dia para cumprir horas; Flecha participou normalmente das atividades e Téo ficou organizando e realizando a manutenção das bicicletas até cerca de 15:45h, quando, então, integrou-se à atividade de música.

### **CHEGADA E RODA INICIAL**

O dia estava bem claro e ensolarado, porém sem muito calor. A van chegou por volta das 14:10h trazendo participantes que logo se juntaram aos/às outros/as que estavam no parquinho. Os educadores Rogério e Cuco montaram a roda com as cadeiras em frente à lanchonete. Rogério foi chamar as crianças e adolescentes para nossa roda inicial, pedindo ao educador Dexter que trouxesse a lista de presença. Os educadores Murilo e Flecha também se juntaram à roda e, enquanto isso, Ronaldo, Paloma e Iris passavam pela roda cumprimentando os/as participantes que já estavam sentados/as.

Às 14:10 o educador Cuco começou a conduzir a conversa. Percebendo a presença de novas participantes Cuco pediu para que as pessoas novas ao projeto se apresentassem, avisando que durante a atividade de integração iriam se conhecer melhor e de forma mais espontânea. Alana se apresentou e disse sua idade. Cuco comentou que havia outra \_\_\_\_ [Nome omitido] no grupo. Luiza se apresentou como amiga da outra Alana.

Isto feito, o educador Cuco perguntou acerca das novidades, pedindo que levantassem a mão para que todos/as pudessem ouvir melhor. Tatagiba iniciou dizendo que tinha duas novidades (uma ruim e uma boa). A ruim era que na escola sua unha (a qual já havia se referido em outros encontros, que estava cicatrizando), estava sangrando e então uma inspetora arrancou-a. A boa infelizmente não se lembrou. Depois, Cuco

chamou Jonas, que contou que iria para um passeio com a escola para o Teatro Municipal de São Carlos. Outros/as colegas do projeto que estudam na mesma escola disseram que também iriam e foram complementando a informação. Luan disse que no Teatro iam falar sobre cinema e Cuco complementou também dizendo que aconteciam muitas exposições no Teatro, de peças, música, palestras, entre outros/as. Em seguida, Minivamp contou que ia ganhar um Iphone X e um Playstation de seu pai, houve comentários de “riquinho” e Ronaldo também fez comentários nesse sentido. Posteriormente, Cuco chamou Marcos e depois Pastel, ambos contaram que haviam tirado sangue, o educador perguntou por que, se era para exame, o primeiro disse que sim e Pastel (e seu irmão gêmeo) Trevor disseram que era porque estavam com tosse (1).

O educador Cuco lembrou-os de uma conversa que o educador Murilo havia começado na roda final de encontro anterior e que havia ficado para a próxima, passando a palavra para o mesmo. Murilo disse que haviam começado a falar sobre brigas e quem havia perdido conhecidos por brigas, quando muitas levantaram a mão. Perguntou também quem já tinha ouvido a expressão “se um não quer, dois não brigam” que sua mãe falava pra ele quando ele era pequeno, para que não brigasse com seu irmão. Muitos/as também levantaram a mão. Georgy contou que ouvia isso quando sobrava o último pedaço de alguma comida em sua casa.

**C.O. Murilo:** Nunca havia ouvido neste sentido. Quando um não quer [algo], dois não precisam brigar [por este algo]. Necessidade de abrir mão ou de não querer.

Ronaldo contou que seu amigo \_\_\_[omitido] estava fazendo arroz e ele avisava-o que estava queimando (posto que já havia queimado uma vez) mas que seu amigo não deu atenção. Mais tarde, sem querer, Ronaldo bateu na panela e o arroz caiu. \_\_\_[omitido] ficou bravo e pediu para que ele fizesse a comida para ele, e recusando, Ronaldo disse que não faria e acabou fugindo pois disse que \_\_\_[omitido] bateria nele. Murilo disse que se ele tivesse explicado que foi sem querer, pedido desculpas e tentasse ajudar, talvez \_\_\_[omitido] não quisesse tanto brigar.

**C.O. Murilo:**  Talvez o comentário de Georgy tenha feito Ronaldo lembrar desta história. Além disso, não sei se este foi o melhor caminho para conversar sobre a situação, mas me pegou de surpresa, já que estava tentando conduzir a conversa para a importância de não "comprar brigas".

Em seguida, Aparecida contou que quando saiu de casa para ir ao projeto estava estressada por sua mãe ter lhe atrasado, e algum conhecido da rua ou escola começou a provocá-la chamando-a de “feia”. Ela até ameaçou levantar a mão, mas, como o garoto correu, ela deixou para lá não havendo briga.

Murilo aproveitou para dizer que tais xingamentos e provocações também machucam, também são violência, porém reagir agressivamente seria e geraria mais violência ainda. Ronaldo disse que brincava com seu amigo mas que quando ele bateu em seu rosto aí "teve" que brigar, dizendo que: “nem minha mãe bate na minha cara”. Murilo e Cuco disseram que talvez ele pudesse ter evitado a briga antes de seu amigo lhe bater, conversando.

Minivamp também disse que “quando um não quer dois não brigam” porque se um não quiser brigar ele pode fazer com que o outro não brigue. Cuco reforçou a resposta do participante, dizendo que existem várias formas e a que acreditávamos e usávamos mais era a conversa, Murilo disse que em último caso, se afastar também poderia ajudar (2).

Finalmente, Cuco perguntou quem se lembrava da atividade de integração do dia. Muitos/as disseram “Alerta”, mas o educador esclareceu que esta havia sido escolhida na quinta passada, ficando, portanto, para próxima quinta. Além disso, na última terça tinha sido feriado e por isso não haviam escolhido uma brincadeira para o dia, mas que, poderiam seguir a lista de atividades sugeridas por eles/as que vinham seguindo há algum tempo. Tal atividade de integração seria "Rua ou Avenida" sugerida por Minivamp, o qual iria explicá-la por conhecer melhor.

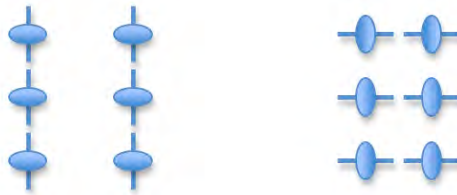
**C.O. Dexter:** A roda inicial começou com um bom atraso, mas, por não ter tido apresentação de todos/as e a atividade de integração ter sido mais curta, acabou não atrapalhando os/as demais atividades.

**C.O. Cuco:** A partir do comentário de Dexter, poderíamos propor em reunião a chamada para o local da roda às 14h, de todos/as participantes que estiverem no clube e forem chegando a ele, para já começar alguma conversa mais próxima com alguns/mas e para facilitar e agilizar a composição e início da roda. Para tanto, seria interessante que as cadeiras já estivessem dispostas no local em que realizamo-la também.

**C.O. Rogério:** Achei que a roda inicial estava bastante disciplinada, por mais que tinha uma ou outra conversa paralela, no geral o pessoal estava mais quieto e atento.

## RUA OU AVENIDA

Minivamp começou a explicar a brincadeira em roda perguntando ao educador Cuco se podia contar com o auxílio de cinco colegas. Minivamp escolheu cinco pessoas que quiseram lhe ajudar e as posicionou com os braços abertos, lado-a-lado, formando o que seria a “avenida” e que quando dissesse “rua”, virariam para o lado, ainda com os braços abertos, para formar “ruas” com os/as que estavam paralelos/as à eles/as.



Enquanto isso, um/a pegador/a e um fugitivo/a passavam por elas, sem poder “furá-las”, ou seja, passar por baixo dos braços. Murilo perguntou o que aconteceria quando o fugitivo/a fosse pego/a e Minivamp respondeu que escolheriam outros/as. O educador Cuco perguntou quem daria as ordens de “rua ou avenida”, Minivamp disse que ele poderia começar mas que depois poderia trocar também, mas que quem dissesse tinha que tentar favorecer o/a fugitivo/a. O participante completou dizendo que pensou em realizá-la no gramado ao lado das piscinas desativadas, pois não precisaria das linhas da quadra e tinha mais sombra. Alguns/mas participantes ainda defenderam a quadra, mas o educador Cuco argumentou dizendo que já tinham utilizado a quadra na quinta para fazer o “Garrafobol” e que muitos/as haviam reclamado do calor, portanto poderiam deixar para utilizá-la em atividades que as demarcações fossem necessárias. Foram todos, então, para o respectivo gramado.

No gramado, Minivamp, com o auxílio de Dexter e Flecha e supervisão de Cuco, foi organizando os/as demais participantes, alguns/mas precisaram de incentivo dos educadores para que experimentassem a brincadeira, pois estavam alegando não saber como brincar. Mesmo assim, Cleber, Marcos e Filipa sentaram-se em espaço de cimento próximo ao gramado. Naianne disse que achava melhor não brincar devido ao seu machucado no joelho e que precisaria trocar o curativo (uma faixa bege, semelhante à



pedaço de meia-calça grossa). Ronaldo também alegou não querer brincar mesmo com insistência de Cuco. Ronaldo disse que poderia ajudar Naianne e ambos foram até a torneira d'água próxima à quadra de areia, entre a lanchonete e o gramado onde realizava-se a brincadeira. Murilo estava voltando da Sala de Materiais com Luiza e Samara e auxiliou Dandara com o curativo, enquanto Ronaldo voltou para o espaço cimentado, próximo ao gramado onde estavam as crianças - menores, mais novas, no geral - que não quiseram participar de “Rua ou Avenida”. Ali, então, simultaneamente a tal brincadeira, Ronaldo começou a conversar com as crianças e propôs que fizessem Capoeira começando a demonstrar alguns movimentos, sendo seguido por todas/os que ali. Tatagiba, Jonas e Luan haviam saído do “Rua ou Avenida” e foram para lá, bem como Samara e Tatagiba que se juntaram à eles/as.

Na brincadeira, Minivamp conduzia as ordens de trocas entre a formação de “ruas” e “avenidas” enquanto os/as pegadores/as tentavam pegar os/as fugitivos/as. Quando pegavam, o pegador/a escolhia outro/a para sua função e o fugitivo/a idem. Durante a atividade, alguns/mas participantes alegavam dores e cansaço de ficar com os braços erguidos, os educadores, então, incentivavam que ficassem mais um pouco para que a brincadeira não terminasse, que teriam apenas mais algumas rodadas. Ao final de cerca de quatro rodadas sugeriram que Flecha e Rogério fossem os pegadores/as e fugitivos/as. Após insistência dos/as participantes, os mesmos aderiram à proposta e Flecha correu atrás de Rogério. Ambos demonstraram vontade e empenho em suas funções, com bastante velocidade, o que gerava excitação por parte dos/as participantes que formavam as “ruas” e “avenidas”, bem como de Minivamp que continuava dando as ordens de troca. Por fim, quando Flecha pegou Rogério, os educadores chamaram toda gente para que tomassem água se dividissem nos espaços onde seriam realizadas as atividades fixas (bicicleta e musicalização), lembrando-os/as sobre o compromisso com as atividades escolhidas para que pudessem se aprofundar em uma ou outra atividade, dando certa continuidade ao que estava sendo desenvolvido.

**C.O. Rogério:** Fiquei preocupado ao ver parte das crianças fora da brincadeira, no entanto, surpreendi-me ao ver que o participante Ronaldo, que também estava de fora, conseguiu prender a atenção deles e ensinar algo diferente, a Capoeira (3).

Após tomarem água as pessoas se dividiram nos dois grupos. Os educadores Flecha e Dexter e os/as participantes Paloma, Iris, Baixinha, Miguel, Luan e Izabella se encaminharam para lanchonete onde seriam realizadas as atividades de musicalização. Os educadores Murilo e Flecha estavam buscando os instrumentos para levá-los à lanchonete.

### **MUSICALIZAÇÃO (concomitante ao ciclismo)**

**Participantes da música [6+4]:** Iris, Baixinha, Paloma, Izabella, Luan, Miguel, Murilo, Flecha, Dexter e Téó

Juntaram três ou quatro mesas e se sentaram nas cadeiras. Cuco perguntou se Trevor estava na música ou na bicicleta. Murilo disse que ele havia ido um dia na música, mas falado que queria ir na *bike*. Ao ser perguntado para onde queria ir, ele disse que queria ir na bicicleta (4).

Quando pararam de falar sobre isso, Iris batucou com as mãos na mesa um ritmo inventado por ela. Paloma falou para ela parar. O educador Dexter quase na mesma hora perguntou como que era aquilo que ela estava fazendo. Iris continuou tocando, agora acompanhada de tentativas de Miguel e Dexter. Luan, Paloma e Baixinha foram aos poucos tentando. Murilo chegou dançando, se sentou e acompanhou o ritmo. Flecha chegou trazendo os instrumentos, deixou em um canto, se juntou ao grupo e também acompanhou o ritmo que estavam fazendo. Ao final, sem ninguém dizer nada, todos/as pararam juntos, e Dexter e Murilo demonstraram ficar impressionados, dizendo "Ohhh" e "Dahooora" e batendo palmas. Murilo perguntou quem havia trazido este ritmo. Iris se manifestou. Murilo perguntou onde ela havia aprendido. Iris: "Não sei, eu tava fazendo assim, aí o Miguel também fazendo assim, aí foi" (5).

Murilo: "Que tal se a gente... calma!, deixa eu lembrar os nomes [apontou para Luan, que disse seu nome, depois Miguel]. O Miguel ele veio algumas vezes e depois parou de vir. E aí, você tinha decidido pela *bike*, não tinha? Que que aconteceu?". Miguel disse que não queria mais ir na *bike*. Murilo: "E daí se você não quiser mais a música e voltar para a *bike*? Não vai ser ruim pro pessoal da *bike*? E não vai ser ruim pro pessoal da música? E aí, o que você vai decidir? Eu acho até que você anotou o nome naquela

folha da música, lembra? [Murilo pegou a folha e viu que não havia anotado] Não, não anotou! Ah, então tá bom, menos mal. Ahn, o que você vai decidir? Ficar na música ou bicicleta?". Miguel disse: "Música". Murilo: "Então depois preciso que você escreva seu nome nessa lista, tá bom? Deixa eu ver, a Izabella está aqui, Baixinha tá aqui, a Iris, Paloma também,... O Luan, você já veio alguma vez na música? ["não", ele disse] Então experimenta, vê se você gosta e quando você decidir 'decidido', daí pode escrever seu nome aqui e com isso a gente firma um compromisso de que você vai estar aqui ao invés da bicicleta todo dia, beleza? Então depois você me lembra de escrever aqui, tá bom, Miguel?" (6).

Murilo explicou que iriam fazer alguns exercícios, depois dividir a turma e tocar. Entregou as folhas. Iris mostrou algumas marcas no braço. Murilo perguntou se ela que havia feito isso e ela disse que sim, mas que era de caneta. Murilo disse: "Ahhh bom, achei que você estava se machucando toda". Iris: "Ce é loco?".

Murilo disse que essa folha tinha dois ou mais estágios. Levantou a folha e mostrou que a "Percussão 1" era uma "música" mais difícil e a "Percussão 2" era mais fácil. Iris: "Ah, eu já estudei isso!". Murilo: "Um pouquinho de paciência porque a gente vai ensinar quem não está vindo agora, tá?". Murilo perguntou quem estava há mais tempo na música (Izabella, Iris, Baixinha, Paloma) iria fazer a "Percussão 1" e quem estava há menos tempo na música (Miguel, Luan) iria fazer a "Percussão 2", ou seja, a segunda linha. Murilo foi até eles e mostrou na folha que estavam onde era que iriam tocar. Murilo: "A gente vai ler, e é que nem ler um livro: quando chega no final a gente faz o que? Passa para a próxima linha. Vamos ajudar o pessoal a ler a linha de baixo, da Percussão 2?" [Sim].

Murilo explicou virado para Miguel e Luan que "quando a gente vê essa figura aqui, ó [pausa de semínima] a gente fala "pausa", e quando a gente vê essa figura aqui [semínima], a gente fala "tá"". Murilo avisou que teriam que mudar de linha e fez a contagem. Leram, dizendo as sílabas rítmicas. Algumas pessoas bateram nas mesas acompanhando o que liam. Ao final, Iris perguntou: "Onde que está?". Murilo perguntou se todo mundo havia terminado junto. Baixinha achou que Murilo tinha "feito uma a mais". Murilo perguntou: "Eu errei? Ah, então vamo de novo". Refizeram o exercício. Ao final Baixinha havia dito que Murilo tinha "feito uma a mais" novamente. Murilo propôs

que fizessem a partir do segundo sistema [levantou a folha e apontou de onde seria]. Fizeram e deu certo. Murilo disse para Miguel e Luan que continuassem tocando essa parte; e Paloma, Baixinha, Iris e Izabella iriam fazer o de cima. Murilo pediu para o educador Téo ajudar o Miguel e o educador Dexter ajudasse o Luan, e o educador Flecha faria junto com a Paloma. Dexter perguntou se era "falando ou batendo". Murilo respondeu que por enquanto o mais importante era fazer falando e se quisesse "bater" era opcional. Enquanto isso, Iris e Baixinha estavam praticando o que iriam tocar. Murilo esperou que terminassem de ler uma vez e disse para que por enquanto só falassem pois bater (percutir) era um pouco mais complicado. Também disse que iriam fazer com o grupo, um pouco mais devagar que elas iriam "pegando".

Fizeram todos/as juntos/as. Ao final, toda gente acabou junto e Dexter disse: "Oooooolha, acabou certinho!". Murilo perguntou para Paloma como tinha sido e ela disse que deu certo. Flecha falou que errou no finalzinho. Paloma também disse que errou no final. Flecha disse que o bom, que haviam errado juntos. Repetiram o exercício um pouco mais rápido. Ao final, Flecha disse: "Muito legal". Murilo bateu palma e disse: "Dahora!". Murilo: "Agora ao invés da gente falar tá e titi, a gente fala e bate palma". Murilo demonstrou os primeiros compassos da "Percussão 1" e da "Percussão 2". Téo perguntou se Luan conseguia bater palma e que ele deveria "sentir o 1 e o 2". Fizeram o exercício. Murilo propôs que agora só batessem palma, sem falar. Dexter deu a dica para Miguel de contar balançando a cabeça.

Ao final, Baixinha levantou os braços (C.O. Murilo: como se comemorasse). Murilo: "Aee, deu certo? Como que foi?". Iris: "Mais ou menos, vamos denovo?". Fizeram. Ao final, Murilo disse: "Olha que legal, a gente já está tocando uma música. Querendo ou não, eu fiz uma música aqui pra gente tocar junto, e a gente está tocando. É uma coisa muito difícil, porque tem dois ritmos diferentes acontecendo. E aí, já que estamos craques, vamos fazer o exercício 2?". Téo: "Olha, eu só passei e queria dizer que está muito legal, viu? Parabéns! Legal! Já vou me arrumando aí, minha gente!". Murilo: "Fica mais tempo pra ouvir a gente tocar!". Téo: "Olhaaa aí, cara! Aí eu perco meu busão! Semana que vem eu to aí!". Murilo: "Quinta-feira você estará aí?". Téo: "Não, vou pra São Paulo na reunião, lá!". Murilo: "Ah, então a gente grava e te manda!". Téo: "Aeeee, fechou! Tem até o cavalete aí, o cavalete enorme [se referindo ao tripé que

emprestou junto a câmera para gravação das atividades de doutorado para Murilo]". Téo foi embora.

Baixinha perguntou o que era "aquela nota" [nota cuja cabeça da nota era um X]. Murilo pediu para que olhassem no exercício 2, para ver se tinha alguma coisa diferente. Luan respondeu: "É o 'x'". Murilo: "Esse 'x' aí, ao invés da gente bater palma a gente vai falar 'Hey!'". Murilo foi até Luan e mostrou onde ele iria fazer e perguntou para Miguel se ele saberia onde começava e onde iria terminar. Ao final, Iris disse que "não rolou". Murilo propôs ir de novo. Fez a contagem e leram novamente (7).

Murilo propôs que se dividissem em grupo, onde Luan e Miguel aprenderiam o "titi" e quem estava há mais tempo aprenderia algo novo.

## **GRUPO 1**

**Participantes:** Luan, Miguel, Dexter e Flecha

Dexter começou perguntando o que tinha na parte deles. Luan respondeu: "Tá, pausa e esse" [nota com Hey]. Gutavo: "Eles tinham uma coisa a mais que era o "titi". O "titi" é essa nota aqui, ó! Entendeu?". Dexter explicou qual era a semínima e qual era a semicolcheia, que era como a semínima dividido em dois. Dexter pediu para Flecha fazer uma vez que eles iriam acompanhar vendo. Flecha marcou o andamento batendo o dedo na mesa, e depois de ter feito o exercício evidenciou isso ao grupo dizendo que era "a velocidade que a gente vai tocar isso". Repetiram o exercício duas vezes. Depois fizeram percutindo na mesa, depois de terem visto que seria melhor bater a mão do que apenas os dedos. Repetiram mais uma vez. Flecha propôs que fosse um pouco mais devagar. Dexter fez a contagem mas se perderam perto do final. Flecha propôs fazerem a partir do segundo sistema. Tocaram e depois fizeram o exercício inteiro. Dexter propôs fazer o exercício inteiro, sem falar, só com "as batidas". Dexter sugeriu: "Na pausa, só ameaça assim, sem bater, para não perder". Ao final, Dexter comentou: "Agora senti firmeza!". Flecha: "Vamos passar pro segundo exercício então?"

Ao final, Dexter propôs que fizessem sem ele cantar, só percutindo. O outro grupo foi chegando. Murilo pediu para o grupo que estava que fizessem silêncio para que os outros terminassem o que estavam fazendo.

## GRUPO 2

**Participantes:** Paloma, Izabella, Iris, Baixinha e Murilo

Foram para a outra extremidade da lanchonete. Murilo deu uma breve explicação sobre a manulação, ou seja, a ordem das mãos usadas para tocar. Deveriam usar a mesma mão para tocar as notas que caíssem no tempo [demonstrou]. E contratempo seria "entre os tempos", usando a outra mão. Murilo demonstrou onde seria o tempo e onde seria o contratempo, também usando as sílabas rítmicas "tá" e "titi".

Iris pediu as baquetas. Murilo falou para fazerem na perna por enquanto. Iris disse que estava doendo. Murilo disse que fizesse na cadeira, e que não precisaria fazer forte.

Baixinha disse que não estava entendendo. Murilo disse então para que seguissem a partitura onde estavam indicadas as mãos que deveriam ser usadas para tocar no tempo e no contratempo. Baixinha foi a primeira e conseguiu. Iris, Izabella, Paloma foram logo em seguida, uma de cada vez.

**C.O. Murilo:** Paloma teve mais dificuldade.

Murilo explicou para Paloma que se começasse com a direita, o primeiro "ti" seria com a direita e o segundo com a esquerda. Ela disse que entendeu e então ele fez algumas perguntas: "e se for titi titi? Ta titi?" e ela foi fazendo, tudo como havia sido proposto.

Murilo explicou que o "próximo nível" do exercício que estavam fazendo era contar o tempo e tocar com as mãos corretas. Fizeram o exercício juntos. Iris disse que não havia entendido. Murilo pediu para que ela fizesse sozinha. Murilo fez algumas correções e sugeriu que fizessem a partir da segunda linha onde havia uma trecho que tinha tido maior dificuldade. Ao final do exercício, Iris falou: "Aii, eu não fiz!!". Murilo disse: "Ixe, bobou! Vamos tocar agora?". Se levantaram e foram em direção aos instrumentos. Murilo: "Que que vocês acharam disso que a gente fez agora?". Baixinha: "Confuso, confuso, confuso". Iris: "É, só na parte do titititititi...". Murilo: "Mas vocês conseguiram, isso é legal!". Iris: "Vamos tocar isso daí nos instrumentos? Posso tentar?". Murilo: "Vamos esperar o pessoal terminar, espera para ver se o pessoal terminou se não pode atrapalhar eles" (8).

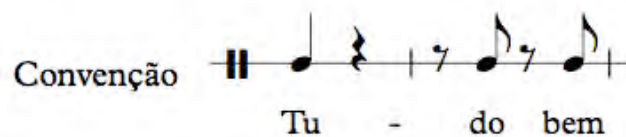
## GERAL

Foram pegando os instrumentos, começando pelas pessoas que estavam há mais tempo na musicalização. Por fim, Luan pegou o surdo e Miguel pegou a caixa. Murilo estava ajudando Baixinha, enquanto as outras pessoas estavam tocando. Iris e Paloma estava tocando o samba reggae juntas. Murilo chamou Luan e organizou os surdos, deixando Iris entre Paloma e Luan. Nas caixas, Baixinha ficou entre Izabella e Miguel. Murilo contou até quatro e fechou a mão, falando "parou!". Murilo falou para tomarem cuidado para não bater muito forte, pois se rasgasse essa "pele" (explicou que mesmo que não fosse de animal, era chamado de pele) não teriam outra para substituir. O instrumento inteiro teria que ser deixado de lado. Murilo pediu cuidado e disse que Dexter e Téo também poderiam pegar um instrumento e tocar, se quisessem. Dexter pegou o tamborim e Téo (que voltou para a lanchonete pois perdeu o horário do ônibus) pegou o timbal. Murilo viu que Izabella estava segurando a baqueta com o dedo indicador esticado, então mostrou o o gesto de "pinça" para segurar a baqueta. Enquanto isso, experimentavam o instrumento. Iris manteve um ritmo que conhecem como "vatapá legal" . Murilo pediu para Flecha fazer as "chamadas" e Téo improvisar enquanto todos/as tocavam juntos/as.

Depois de um tempo, Flecha fez a chamada e começaram a tocar. Baixinha vendo que Miguel tinha se perdido, tocou na caixa dele. Dexter também tentou o ajudar. Iris também dava indicações para o Luan e Paloma de quando deveria tocar. [minuto 4"50']. Murilo começou a fazer a ginga (dança), fazendo uma marcação. Iris o acompanhou e Murilo chamou Baixinha para fazer o mesmo. Izabella também acompanhou. O ritmo começou a desencontrar e Murilo fez alguns gestos tentando fazer com que todos tocassem juntos, mas não conseguindo, contou até quatro e fez sinal para pararem. Paloma continuou tocando. Murilo olhou para ela, surpreso. Iris comentou: "Oxi!". Contou até quatro e fizeram um único toque. Murilo disse: "Isso, não pode sobrar nada". Iris: "Grilo, é pra começa pela direita, né?". Murilo ficou de costa para o grupo e disse que sim, que era para fazer "abriu, fechou, abriu, fechou" começando pela direita. O grupo o acompanhou na ginga. Murilo: "Só que, primeiro se concentra no tocar. Quando conseguir, daí começa a gingar, que a gente tá falando. Eu parei as duas vezes porque começou a ficar desencontrado, não sei se vocês perceberam. O certo é a gente se ouvir e tentar arrumar, certo?". Iris: "É, eu pensei a gente desigualou, aí eu bati aqui [demonstrando que mostrou para Luan e Paloma quando deveriam tocar]". Murilo: "Às

vezes acontece e tudo bem.. Vamos denovo?". Flecha fez a chamada e começaram a tocar. Murilo foi até Flecha e mostrou o outro ritmo para caixa. Murilo foi até as caixas e começou a gingar. Depois, Murilo mostrou a baqueta deitada e se curvou, levando a baqueta até em baixo. Com isso, a turma tocou mais fraco e depois mais forte. Depois voltou a gingar e fez o movimento para mudar a intensidade (mais forte e mais fraco), só que mais rápido, deixando muito parecido com o movimento de parar de tocar. Algumas pessoas continuaram, mas então Murilo cortou e disse: "Eu fiz no final que parecia que ia fechar, né? Foi mal!". Murilo mostrou um outro gesto para uma outra parte e Iris o corrigiu. Treinaram. Ao final, Baixinha avisou os/as colegas: "Cuidado pra não bater muito forte!". Murilo disse "Foi muito forte, né? Vamos tomar cuidado com os instrumentos". Iris: "Acho que sem querer fui eu" (9).

Murilo: "Só que esse é só o começo da nossa brincadeira. A gente vai estar tocando assim [tocando o ritmo] , e quando eu fizer isso [gesto] e contar até quatro, vamos fazer assim [tocou a convenção e continuou o ritmo]... No surdo vai ficar assim [foi até Iris e tocou]". Murilo pegou o instrumento de Téo e demonstrou duas vezes. Disse: "Agora vamos falando". Iris: "É difícil falar". Murilo: "vamos pensar numa palavra com três sílabas". Iris: "Tudo bem?". Murilo encaixou a frase no ritmo e fez algumas vezes.



Pegou o timbal que estava com o Téo e fez apenas com as caixas e depois com os surdos. Enquanto isso, Flecha ficou com as caixas.

**C.O. Murilo:** Ideia: Repetir a convenção com "tu do bem" repetidamente. Talvez com a frase "Cá, vem pra" fique mais fácil (10).

Murilo esperou Flecha explicar para as pessoas que estavam na caixa e propôs: "Eu vou repetindo e vou chamar as pessoas pra fazer comigo.. ou melhor, com o Téo". Iris: "Professor, eu consegui fazer aquele "tananananã" [se referindo à chamada da caixa]". Murilo: "Ahh, legal, muito bom! Já dá pra fazer entrada pro grupo. Bom, vamos lá. O Téo vai começar". Fizeram algumas vezes só com Téo. Como Téo ainda não estava



seguro (C.O. Murilo), Murilo pediu para Flecha. Flecha foi tocando e Murilo foi apontando para que as pessoas tocassem junto com ele: Iris, Dexter, Izabella, Paloma, Miguel, Luan e Baixinha. Ao final de todas as repetições Murilo disse: "Beleza, está melhorando. Vamos tocar mais um pouco". Tocaram mais. Quando Murilo "cortou", elogiou que estava uma "coisa linda" e passou cumprimentando cada pessoa. Murilo pegou a caixa de baqueta e pediu para que cada pessoa levasse seu instrumento até a Sala de Materiais.

**C.O. Murilo:** Ideia: Montar um concerto didático para apresentar nas escolas!

**C.O. Flecha:** Miguel teve dificuldade, mas com a ajuda da Baixinha ele conseguiu desenvolver melhor, mas ainda precisa de uma maior atenção a ele.

**C.O. Dexter:** Gostei bastante do desenvolvimento do grupo da música. Acredito que seja muito motivador para os/as participantes perceberem essa evolução e aprendizado (11).

### **CICLISMO (concomitante à musicalização)**

**Educadores:** Rogério, Cuco e Téo

Ao chegar no saguão em frente à sala de materiais às 15:20, o educador Rogério viu que o educador Téo já havia retirado as bicicletas do bicicletário, o que já agilizaria o processo de distribuição. Como nas semanas anteriores não houve aulas de mecânica, Rogério utilizou boa parte do tempo para reforçar alguns assuntos como sobre os sistemas de freios e do funcionamento das marchas. Rogério pediu para que os/as participantes sentassem no chão em frente às bicicletas - o educador Cuco sentou-se também, juntando-se à eles/as em frente ao educador Rogério - e começou, então, a explicar sobre os sistemas de freios, lembrando que muito disso já havia sido ensinado em semanas anteriores. Ronaldo e Minivamp já tinham ficado ali na frente pra ajudar e Rogério acabava perguntando sempre para eles primeiro. Começaram pelo sistema V-Brake, Rogério pediu para que Téo trouxesse uma peça desmontada para facilitar a demonstração/explicação. Em seguida, passou para um outro sistema mais simples com a mesma ideia de pinças, comparando-os em duas bicicletas. Por último comentou sobre o freio à disco, que não tínhamos no projeto, alguns participantes ainda contaram sobre pessoas que colocam o pé na roda ou no chão para frear, o que Rogério contou que servia

para o atrito, como o freio, mas que com o pé poderia causar acidentes e ferimentos, como exemplificado por Cristiano Ronaldo.

Durante as explicações mecânicas, Samara, Luiza e Tatagiba conversavam entre si e não demonstravam muito interesse quanto à temática da atividade. Foram necessárias algumas chamadas do educador Cuco, que apontava para Rogério, para que prestassem atenção nele, ou fazendo sinal com o dedo para que ficassem em silêncio, para que não atrapalhassem.

Finalizado o sistema de freios, Jonas questionou o educador Rogério, quanto ao funcionamento das marchas, Rogério perguntou para Ronaldo, que não soube explicar exatamente como funcionava e pediu para que Minivamp, que demonstrava interesse em falar, o fizesse. Minivamp explicou, enquanto Rogério mostrava como funcionava na prática, com uma bicicleta, segurada por Ronaldo. Outro/a participante perguntou como fazia para ir mais rápido, Georgy começou a explicar, usando a explicação de Rogério, e este fez um fechamento para esta parte.

Rogério pediu que os/as participantes formassem uma fila em frente à sala de materiais para a entrega dos capacetes, Ronaldo já foi entrando com Rogério, que pediu para que ele o ajudasse a entregá-los, enquanto o educador Cuco distribuía as bicicletas conformes gostos e tamanhos. Faltaram bicicletas menores para os/as participantes menores, então Cuco e Rogério sugeriram que eles/as se organizassem para revezar, o que fora combinado entre os/as próprios/as participantes, quem esperava ficava próximo ao parquinho ou até no parquinho mesmo, brincando. Ronaldo puxou a brincadeira de Polícia e Ladrão sobre bicicletas, realizada em todas as últimas vezes, e maioria das/dos participantes toparam. Enquanto os/as participantes pedalavam, Rogério escreveu os nomes de todos/as que estavam participando da atividade de bicicleta, para futuro levantamento perante o número de bicicletas .

Por volta das 16h15min, Rogério pediu para que os/as participantes dessem a última volta e guardassem as bicicletas e fossem para a roda, o que fora atendido parcialmente, posto que, depois que guardavam foram direto para o “parquinho” para esperar os/as demais. Alguns/mas iam chamando os/as outros/as para a roda, mas poucos/as atendiam, só depois, quando o educador Cuco, que estava lavando as maçãs, também foi para a roda, chamando-os, os/as últimos/as foram também.

C.O. Rogério: Gostei da participação de Ronaldo durante a atividade, vi que ele e Minivamp queriam muito ajudar, achei isso bastante positivo. Porque por mais que Ronaldo, por exemplo, não soubesse explicar realmente, ele queria estar ali ajudando, sentindo-se mais importante, auxiliando.

C.O. Cuco: Samara, Luiza e Tatagiba diziam que estavam revezando, mas ficavam quase o tempo todo no parquinho, acompanhadas depois de um tempo por Isadora e Filipa, que estavam revezando, mas acabaram ficando só pelo parquinho também. Como Rogério acompanhava o pessoal da bicicleta, que não fazia nenhuma atividade específica ou dirigida, pude ficar de olho nas meninas no parquinho, o que não sei se seria uma opção sempre viável ou mesmo educativa para elas, tendo de ser pensada, uma vez que elas não demonstram interesse pela bicicleta, talvez também por não terem bicicletas suficientes e atrativas para elas, bem como atividades direcionadas às/aos menores, para que sintam-se contempladas.

C.O. Cuco: Enquanto eu estava próximo do parquinho Ronaldo chegou de bicicleta com Georgy em sua garupa e parou, aparentemente tendo dado uma carona para o colega, Georgy, então, desceu e perguntou se podia andar na garupa e se precisava de capacete, eu disse que sim, e ele foi pegar um, perguntei se ele andaria com Ronaldo ele disse que sim, perguntei se então eles eram amigos, e ele disse “pois é...”, comentei que era muito bom ouvir isso, em seguida ele subiu na garupa do amigo e partiram para mais uma volta (12).

## **RODA DE CONVERSA FINAL**

Os/as participantes da bicicleta já se sentavam nas cadeiras da roda e aguardavam o término da música, muitos/as, inclusive, bastante atentos à atividade musical dos/as colegas. Quando estes juntaram-se à roda, o educador Cuco puxou a conversa, lembrando que Luan ficou responsável por fazer a mímica do dia, muitos/as alegaram interesse em fazê-lo também, então o educador esclareceu que o combinado era uma por dia e que poderia fazer uma lista dos próximos. Ficaram, então: Isadora e Filipa para dia 10/05; Cleber dia 15/05; Trevor dia 17/05; Iris dia 22/05; Michel, Jeferson e Minivamp dia 24/05; e Samara e Luiza dia 01/06. Em seguida, Luan fez então sua mímica, com um braço esticado com se estivesse segurando algo, em movimentos circulares, em

pouquíssimo tempo alguns/mas sugeriram *Star Wars*, outros/as Vingadores, até que alguém disse Harry Potter e Pedro parou dizendo terem acertado. O educador Cuco aproveitou para comentar que os filmes de Harry Potter eram baseados em livros muito interessantes (13).

Feita a mímica, o educador perguntou, então, como havia sido o dia, o que haviam gostado ou não, levantando a mão para expressarem-se. Filipa foi a primeira chamada e disse que gostou da Capoeira ensinada por Ronaldo; Georgy foi o próximo e disse precisar falar algo importante sobre o Ronaldo (que estava sentado ao seu lado). Falou, então, que quando conheceu Ronaldo achou que ele era muito chato e que só queria arrumar briga ou confusão, mas que depois percebeu que ele era muito legal, que talvez as pessoas só precisassem conhecer melhor ele para saber. Ronaldo deu um riso aparentemente feliz e envergonhado (C.O. Cuco), o educador Cuco propôs uma salva de palmas ao Ronaldo, que fora feita efusivamente. Tatagiba também elogiou a atividade puxada por Ronaldo, dizendo que tinha gostado e que ele era legal, ao que bateram palma novamente.

**C.O. Dexter:** Fiquei admirado com os elogios que Ronaldo recebeu dos/as participantes. Acredito que ele seja uma pessoa muito educada e extrovertida, mas devido a problemas familiares, físicos e psicológicos, ele acaba descontando nas outras pessoas por meio de brincadeiras ofensivas.

**C.O. Flecha:** Durante os elogios ao Ronaldo, ouvi Baixinha e Aparecida comentando entre elas, por estar no meio, que as pessoas que estavam elogiando não conheciam ele ainda, ignorando as melhores atitudes dele durante o dia, dando a entender que elas achavam que suas atitudes carregavam certa falsidade.

**C.O. Dexter:** Acredito que tais comentários, se devem à relação pior entre ele e Baixinha, Aparecida, Megablue e Camila, pois as discussões foram mais agressivas e recorrentes, dificultando uma mais fácil reconciliação, como a que ocorreu com Georgy.

**C.O. Cuco:** A fala de Georgy foi muito bonita de ver e ouvir, cheguei a lacrimejar de verdade, posto que havíamos discutido muito a situação de Ronaldo nos encontros anteriores, principalmente na última reunião de planejamento, sobre limites, chegando a ser aventado até se deveria estar no projeto, em detrimento do bem-estar dos/as outros/as participantes. Como disse junto à outros educadores na época, ainda era cedo e ele que

precisava mais do projeto e o projeto dele, portanto devíamos insistir, estudar e desenvolver práticas e estratégias para superar as possíveis adversidades e conflitos causados por sua presença. A fala de Georgy foi bem significativa nesse sentido, inclusive, por ele ter sido um dos envolvidos em conflito com Ronaldo no primeiro dia deste no projeto, para que percebamos como estamos em constante movimento e que devemos sempre basear-nos na esperança, almejando o “ser-mais” de toda gente. Por isso mesmo, apesar das conquistas, a demonstrada permanência do conflito de Ronaldo com as meninas nos incita a nova atenção com algumas especificidades, ao meu ver, uma de gênero, posto que são todas meninas e Georgy, com quem tivemos avanço, é menino, outra por Baixinha e Megablue já o conhecerem de/em outros espaços e contextos, carregando outras visões e conceitos acerca de Ronaldo, logo, maior dificuldade de serem superados (14).

Samara disse que tinha gostado da atividade de desenho realizada com o educador Cuco na quinta passada e que queria que sua amiga Luiza também fizesse, posto que era o seu primeiro dia no projeto. Tatagiba também disse que gostou de tal atividade e elogiou a criatividade do educador. Aparecida disse que alguém, que ela não falaria quem, ficou fazendo brincadeiras que ela não gostava, o educador Murilo lembrou que já tinham combinado de conversar sobre isso .

Por fim, o educador Cuco disse que para a atividade de integração da próxima terça pensou em fazermos a Capoeira, já que muitos/as tinham gostado da atividade de Ronaldo durante o “Rua ou Avenida” e para atender pedido que ele havia feito nos encontros anteriores, até pelos elogios que ele mesmo também tinha recebido. Ronaldo disse que já ia falar isso mesmo. O educador perguntou se poderia ser então aos/às participantes e a maioria disse que sim, Iris comentou que já tinha feito Capoeira e o educador pediu para que víssemos como ia ser essa, posto que seria diferente como sempre é com pessoas e em lugares diferentes.

**C.O. Cuco:** Um dos gêmeos, não me lembro qual, comentou comigo sobre a educadora Bia que dava Capoeira, que gostava e perguntou se ela não ia mais vir, eu disse que ela estava estudando e trabalhando muito mas que veria se poderia nos visitar nesse dia da Capoeira.

**Atividade de Integração:** Capoeira (Cuco e Ronaldo). Os educadores irão convidar a educadora Abayomi Matilde e o educador Gilmar Araújo de Oliveira, ambos já foram educadora e educador deste projeto e praticam capoeira (15).

Após a Roda Final, o educador Murilo convidou algumas pessoas para uma conversa a mais, Aparecida, Baixinha, Ronaldo, Rogério e Georgy, além de Dexter que já estava lá. Murilo iniciou a conversa elogiando a participação de Ronaldo no dia, no entanto, destacou algumas atitudes negativas que ele teve com Aparecida, “dando em cima” e chamando a atenção da mesma. Murilo então propôs um acordo para que não acontecesse mais, neste momento Ronaldo levantou e disse que ela não contava que ela também o tinha xingado, ela questionou do que ela o havia xingado, Ronaldo respondeu “você sabe”, tentando se afastar do local, Murilo pediu calma e finalizou, então, dizendo para que essas discussões não se repetissem.

**C.O. Dexter:** Ao final da roda final, no caminho até a van, ouvi Baixinha e Aparecida conversando, disseram que Ronaldo estava inventando que ela havia xingado ele, para que a culpa não recaísse só nele. Particularmente, acredito que isso seja verdade, pela própria atuação dos dois no momento da discussão, ela negando veemente e ele já saindo (16).

## **Diário de Campo XV**

**Data:** 10/05/2018 (Quinta-feira)

**Horário:** 14h – 17h (Tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes [4]:** Cuco, Murilo, Flecha e Maria

**Relator:** Murilo e Cuco

**Participantes Presentes [33]:** Iris, Pietro, Minivamp, Baixinha, Georgy, Miguel, Tatagiba, Samara, Aparecida, Paloma, Pedro, Cristiano Ronaldo, Jonas, Marcos, Leonardo, Luiza, Luan, Pastel, Jeferson, Michel, Cleber, Isadora, Filipa, Alana, Ágata, Izabella, Ronaldo, Dandara, Juliana, Bernardo, Pikachu, Clarissa e Thiago.

### **INFORMES**

- Reunião de diretoras do abrigo, Funcionário da ADESM e Murilo, por volta das 15h30min, será pautada na reunião de educadores/as dessa sexta-feira (11/05).
- Maria veio substituir Téo, que esteve em reunião da *Terre Des Hommes* (TdH) em São Bernardo-SP.

### **CHEGADA**

O dia estava bem claro e ensolarado, porém sem muito calor novamente. A van chegou por volta das 14h15min. Havia participantes no parquinho, aos/às quais se juntaram o pessoal da van. O educador Murilo chamou-os para a roda, enquanto Cuco e Flecha arrumavam as cadeiras em frente à lanchonete. Juliana chegou animada contando para Cuco e Murilo que estavam arrumando a roda, que tinha voltado ao projeto porque no do SESC “só tinha filhinho de papai”. Cuco perguntou um pouco mais sobre como era e ela disse que só tinham esportes (1). Pouco antes da roda, mas já sentados na mesma, Violeta falou para Cuco que iria trazer um papel para que ele desenhasse para ela qualquer dia. Cuco e Murilo perceberam que Jeferson tinha trazido um livro. Tratava-se da história em quadrinhos japonesa “Gen, pés descalços” de Keiji Nakazawa. Ele disse que era em preto em branco mas que no final tinha partes coloridas. Fizemos comentários elogiosos do livro, por ele estar lendo e ter trazido para o projeto. Algumas crianças como Tatagiba e Jonas estavam com bloquinhos, chamados de *flipbooks*, e vieram nos mostrar também. São pequenos cadernos que quando manuseados virando as páginas rapidamente, mostram desenhos em movimento.

### **RODA INICIAL (14h25min, aproximadamente)**

Com todos/as sentados/as na roda, o educador Murilo puxou a conversa perguntando das novidades e já comentando que percebeu que muitos estavam com os tais “flipbooks”, que podiam começar com alguém contando do que se tratava, se propondo a mostrar para todos como funcionava, passando as páginas com o desenho de um boneco, fazendo-o parecer se mexer, enquanto Isadora contava que tinham ganhado no passeio da escola ao Teatro, outros como Marcos e Cristiano Ronaldo complementaram de que se tratava da Mostra "Cara a Cara" e que tinham tido apresentações e, aparentemente, vídeos interativos com animações, que eles demonstraram em pé no meio da roda, mais ou menos como eram, bem empolgados/as. Em alguns momentos, Murilo entrevistou calmamente e falando baixo para que quem estava falando esperasse os/as demais pararem de falar para que todos/as conseguissem ouvi-lo/a. A educadora Maria também entrevistou em certo momento dizendo que não estava conseguindo ouvir os/as participantes, que estava muita conversa em ambos seus lados, onde estavam Megablue e Baixinha de um e Jeferson, Michel, entre outros do outro, que precisavam fazer silêncio.

Em seguida, Thiago, que estava com a mão levantada, foi chamado a falar por Murilo e disse que era seu aniversário, o educador então perguntou se podiam cantar “parabéns” enquanto quase todos/as participantes já começavam a cantar, Thiago pareceu expressar que não gostava muito, mas que não tinha problema também. Pouco depois do término da cantoria, Dandara comentou que seu aniversário havia sido no dia anterior, Murilo disse que o canto, então, foi para ela também. Este educador também perguntou como havia sido o dia dela, ela disse que bom, e depois como estava sendo o dia de Thiago, ele disse que bom também, que havia apresentado na sua escola onde houvera Sarau. Murilo perguntou aos/às demais participantes se sabiam o que era Sarau. Violeta disse que haviam dois tipos: o religioso, em que se faziam apresentações de músicas religiosas, e o não religioso, em que se apresentavam quaisquer tipos de músicas. Thiago completou que não eram só de música também, mas que poderiam ter poesia, teatro, etc.. No decorrer, Aparecida contou que o professor de História, do qual ela mais gosta, faltou a semana inteira, e que o substituto “era tão legal” (com entonação irônica) que ela quase tomou suspensão por causa dele.



O educador Murilo, perguntou (bem baixinho), para que fosse necessário que quem estava conversando parasse de fazê-lo para ouvi-lo, se alguém se lembrava da atividade de integração do dia e muitos/as lembraram, respondendo “Alerta”, principalmente Iris, que a havia sugerido. Murilo pediu para que ela explicasse a brincadeira. Algumas pessoas falaram que já sabiam mas Murilo e Cuco reforçaram que alguém poderia não saber ou brincar de forma diferente.

**C.O. Cuco:** Hoje os/as participantes estavam mais agitados (com exceção de Ronaldo, que esteve fechado e quieto durante todo o projeto, o que será justificado por Murilo, a partir de conversa particular feita com o mesmo) e dificultaram o prosseguimento mais fluído da roda. Precisamos pensar em maneiras de acalmá-los/as ou somente de lidarmos com isso, compartilhada entre todos/as educadores/as, para que não caiamo-nos nos mesmos subterfúgios da escola tradicional, de broncas, moralismos e silenciamentos, contradizendo-nos.

**C.O. Cuco:** Logo no início da roda, percebi a presença de um novo participante, mas como a roda já se mostrava complicada e atrasada, preferi não interromper para propor que ele se apresentasse, então, no caminho para o “Alerta” perguntei seu nome, que era Bernardo (depois percebi que ele não assinou a lista de presença) e contei um pouco do funcionamento do projeto, ele se interessou pela parte mecânica da bicicleta, posto que, inclusive, a sua estava quebrada e ele poderia ver como consertar (2).

### **ALERTA (sugerido por Iris)**

Às 14h40min, aproximadamente, Iris também pediu para chamar cinco colegas para auxiliá-la na explicação do “Alerta” (ainda na roda, assim como Minivamp havia feito na terça para explicar “Rua ou Avenida”). Chamou-os/as então, e demonstrou como seria. Ela representou quem ficava com a bola e escolhia o que os/as demais teriam de escolher um/a diferente do/a outro/a, usando como exemplo cor, estes/as falavam juntos em voz alta as cores escolhidas por cada um/a e ela, que já estava de costas para aqueles/as, dizia, em seguida, uma das cores jogando a bola (no caso, imaginária) para o alto e quem havia escolhido a cor dita por ela, pegava a bola e gritava alerta, quando

os/as demais deviam parar e a pessoa que pegou a bola poderia dar três passos para "queimar" um/a deles/as, que seria o/a próximo/a à ficar com a bola.

Nesse meio tempo, Murilo disse à Flecha e Cuco que sentavam-se lado a lado, se eram de bolas que precisariam para a brincadeira e, após afirmativa de ambos, que ele iria pegá-las, se estes poderiam conduzir o decorrer da atividade, o que também foi acatado. Após trazer as bolas, Murilo participou de reunião com as diretoras da Casa de Acolhimento. Ao término da explicação de Iris, a educadora Maria comentou que talvez teriam de fazer uns 3 grupos por terem muitas pessoas, os/as participantes pareceram concordar, fazendo sinais positivos com a cabeça, a mesma disse, em seguida, que poderiam fazer a brincadeira no gramado, mas logo vários/as participantes disseram que queriam fazer na quadra, outros/as disseram que queriam fazer na areia, a educadora tentou justificar sua fala de que na última quinta reclamaram da quadra, mas pareceram não ouvir. Maria propôs uma votação do lugar, para a qual seriam três as opções, gramado, quadra e areia. Disse, portanto, uma por vez, contando as mãos levantadas para cada uma e a vencedora foi a quadra. Encaminhou-os/as para a mesma então.

O educador Cuco foi acompanhando alguns/mas participantes para a quadra, mas, chegando lá, muitos/as participantes estavam brincando dispersos pela quadra e só ele estava lá de educador, foi chamando os/as mais distantes para que fossem se reunindo para a organização da brincadeira, para que aguardassem os/as demais participantes e educadores/a, depois de algum tempo, Maria e Flecha chegaram com as bolas e começaram a reunir as/os participantes, Maria tentou primeiro, sem muito sucesso, então Flecha chamou-os/as falando mais alto, ao que foram se achegando. O educador Cuco viu muitos/as participantes de fora, sentados/as na arquibancada ou sob as árvores que rodeiam a quadra, e foi conversar com eles/as, incentivando-os/as a participar e perguntando motivos para não fazê-lo: Luiza e Samara pensaram e não encontraram motivos, acabaram indo participar Ronaldo, Bernardo e Michel disseram que não queriam e Megablue, Baixinha, primeiras ainda falaram que estava muito sol, e ficaram por ali assistindo e conversando com o educador. Na quadra, Maria e Flecha participavam da brincadeira, ora de um grupo ora de outro.

C.O. Cuco: Creio que a escolha do lugar da brincadeira deva ser mais dialogada, por mais que demore um pouco mais, postos os processos educativos que podem desencadear em consonância com os princípios educativo-dialógicos do projeto, como já vínhamos fazendo. Além disso, quando da necessidade de organização maior e/ou divisão de grupos, também acho que deva ser feita na própria roda, aproveitando-a para tanto, assim como os/as educadores/as também devem acompanhar os/as participantes para o local de realização, principalmente aquele/a que puxou a atividade, posto, inclusive, que o material já tinha sido providenciado por Murilo. Sendo necessário, portanto, que acertemos e retomemos tais ações e combinados em reunião de planejamento (3).

### **CICLISMO (Maria e Cuco) (concomitante à musicalização)**

Às 15:30, aproximadamente, no término do Alerta o educador Cuco falou para todos/as participantes que fossem tomar água (conforme alguns/mas já haviam pedido) e que voltassem para a roda para se dividissem entre as atividades de musicalização e bicicleta

**C.O. Cuco:** Com intuito de aproveitar para organizá-las.

O educador foi acompanhando alguns/mas até a roda, enquanto outros/as tinham ido tomar água, e aguardou ali, chamando, inclusive, quem estava no parquinho. Os educadores Murilo e Flecha traziam os instrumentos e com isso, o educador Cuco disse que quem era da música já podia acompanhá-los. Algum tempo depois a educadora Maria chegou perguntando à Cuco se tinham feito a lista dos participantes da bicicleta, o que ele disse que sim, que estava na salinha, mas perguntou se não ia organizar a atividade na roda, e a educadora disse que já estava chamando os participantes da bicicleta para o saguão em frente à salinha há algum tempo, este, então, acompanhou-a junto aos/às participantes da bicicleta que tinham ficado com ele, além de chamar Ronaldo no caminho, que estava sozinho próximo ao parquinho, para que se sentasse numa mesa onde fariam outra coisa, posto que ele não queria saber da bicicleta.

No saguão, a educadora pegou a lista e foi chamando o nome dos participantes que ali estavam, pedindo para que fizessem uma fila. O educador Cuco perguntou se queria que ele fosse tirando as bicicletas e ela disse que sim, ele foi tirando-as, pedindo que os/as participantes, que já queriam pegá-las, esperassem a educadora Maria que iria

dividi-las entre eles/as depois, anotando qual bicicleta ia para quem, ao que ela completou que ainda precisariam fazer juntos a regulagem de todas antes de andarem.

Depois de retirar as bicicletas, enquanto a educadora ia dividindo-as entre os/as participantes, o educador conversou com Samara, Tatagiba e Dandara, sobre o que fariam, já que não queriam saber de bicicleta, e disseram que queriam desenhar como na última quinta, o educador, então pegou os materiais e dispôs na mesa em que estava Ronaldo. Quando já ia colocar as cadeiras para as meninas que desenhariam, a educadora Maria perguntou se não poderiam fazer a regulagem das bicicletas na lanchonete, Cuco respondeu que lá estava ocorrendo a atividade de musicalização, com muito barulho. A educadora, então, propôs que fizessem no gramado, o educador disse que seria melhor que na lanchonete, ela, então disse para todos/as irem para lá. O educador Cuco, então, acompanhou-os, levando também o material para o desenho, passando na lanchonete para pegar outra mesa e pedindo para que Tatagiba, Samara e Dandara pegassem as cadeiras.

Chegando no gramado, a educadora Maria não havia acompanhado-os/as, o educador, portanto, pediu para que esperassem em volta da mesa que havia colocado no meio do gramado, tentando explicar que hoje seria mais demorado para andarem mas seria para que nas próximas vezes fosse bem mais rápido, sem conflitos para escolha das bicicletas, assim como para que andassem com mais segurança, sem caírem. Aguardaram por mais um bom tempo, até que a educadora Maria chegou e pediu que formassem uma roda com as bicicletas, disse o que fazia e foi falando com cada um, averiguando suas bicicletas, regulando-as.

Na roda com as bicicletas, a princípio, a educadora Maria mostrava para todos/as o que fazia, mas depois, com a impaciência daqueles/as que já tinham suas bicicletas reguladas, deixou que estes/as já fossem andando, enquanto outros/as tinham de esperar sua vez, o que os/as fez brincarem de algumas outras coisas, com cantorias jocosas que terminavam em “... quem abrir as pernas vai ter que rebolar” (cantada, principalmente, por Cristiano Ronaldo, junto à Jonas, Luan, Cleber, entre outros), quando riam uns dos outros, depois mudaram para “... quem abrir as pernas é gay” e “quem abrir as pernas é viado”, a educadora Maria interviu em uma delas, mas continuaram (4).

Enquanto isso, Cuco começou a conversar com Tatagiba, Samara e Dandara que já esperavam na mesa com os papéis, lápis e borrachas, pedindo para que contassem o

que haviam feito na última vez que desenharam com ele para Dandara, que não havia participado. Tatagiba contou que leram uma parte de um livro que falava de uma formiga que ajoelhava e imaginação, que cada um/a desenhou algo a partir dessa leitura, Samara havia trazido adesivos da Mulher Maravilha e comentou que queria desenhar ela mas não conseguia, o educador comentou, então, se não poderiam criar suas próprias heroínas, inventando poderes, roupas e nomes, as três gostaram e começaram a desenhar. Ao final, quando eram 16h15min, próximo, portanto, do horário estipulado para a roda final (16h30min), o educador perguntou o que haviam desenhado e cada uma descreveu suas heroínas, várias com relação à sereias, Tatagiba pediu para mostrar na roda final, o que fora acatado pelo educador. Este, então, pediu para que guardassem com ele a mesa, cadeiras e o material do desenho, para que já se preparassem para a roda final, notou também que alguns/mas participantes da bicicleta ainda não tinham começado a andar ou tinham acabado de começar (5).

Depois de deixar a mesa e as cadeiras na lanchonete, no caminho para guardar o material na salinha, o educador Cuco viu Filipa andando sem capacete e pediu para que descesse da bicicleta e fosse pedir capacete para a educadora Maria que já estava no galpão. Depois de guardar o material do desenho na salinha e organizar o lanche na cesta, levando-o, foi chamando a todos para a roda final, Ronaldo e alguns outros/as reclamaram e Maria, que estava ali anotando detalhes em papel, disse que tinham acabado de começar a andar. O educador Cuco foi, então, para a roda em frente a lanchonete, arrumando as cadeiras, e aguardou ali mais um pouco para voltar a chamar quem passava, para que guardassem as bicicletas, vendo a educadora Maria ainda anotando coisas no saguão. Filipa passou mais uma vez sem capacete e o educador reforçou que não podia andar sem e que deveria agora guardar a bicicleta, o que ela o fez, alegando também que a educadora não tinha dado capacete para ela.

### **MUSICALIZAÇÃO (concomitante ao ciclismo)**

**Participantes da música [8+2]:** Iris, Baixinha, Paloma, Izabella, Michel, Luiza, Thiago , Megablue, Murilo, Flecha

Murilo ficou em reunião com as técnicas da Casa de Acolhimento. Flecha organizou as cadeiras em volta de duas mesas na lanchonete. Iris e Megablue estavam batucando na mesa. Flecha entregou algumas folhas com exercícios e se sentando, perguntou se estava tudo bem. Megablue disse que não, pois tinha tomado uma bolada na cabeça e estava com dor de dente. Flecha disse que aquele era o momento de se sentir melhor. Perguntou quem já havia feito os exercícios. Baixinha, Paloma e Izabella se manifestaram. Alguma das meninas [Não foi possível identificar] disse: "Estou cansada já!". Surgiu a dúvida se Thiago já havia feito, e algumas pessoas comentaram sobre isso. Baixinha interrompendo, disse: "Flecha, dá aula aí!" querendo "seguir adiante" com a aula (C.O. Murilo) (6).

Flecha disse que para quem estava vindo pela primeira vez, naquela folha tinham algumas figuras e elas formavam uma partitura. Apresentou a pausa, a colcheia, semínima. Demonstrou batendo uma mão (semínima, tempo) e depois tocando com as duas mãos (colcheia, tempo e contratempo). Também disse que era como ler um livro, depois que terminasse a linha, ia para a próxima, do lado esquerdo. Iris: "Vocês tão vendo isso daqui? O "D" é com a mão direita, o "E" com a esquerda". Flecha: "Isso aí mais pra frente a gente fala". Baixinha: "Deixa o aluno dar aula!". Flecha: "Bora começar?". Baixinha: "Não!" (7). Flecha: "Vocês fazem a primeira?". Megablue: "Na verdade a gente fazia a segunda, né? Eu e o Murilo a gente fazia a primeira". Flecha demonstrou para Luiza como iriam fazer e fez a contagem para que todos/as cantassem. Houve uma confusão de quem faria a primeira ou a segunda "voz". Conversaram e Flecha fez a contagem novamente. Iris, Megablue e Baixinha se perderam e por isso conversaram entre si sobre onde e quem havia errado. Flecha explicou novamente para Luiza e disse para acompanhar e que queria ver como seria, pois o restante "era tudo bicho sabido!".

Fizeram novamente e ao final, Baixinha disse para sua amiga Megablue: "Viu como estava errado?". Deram risada. Enquanto Flecha explicava, Megablue disse: "Posso dar um soco na cara dessa menina? .. E olha que eu pedi permissão, hein?!" (8).

Iris virou para Michel e disse: "Ó, vo ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui e depois vai para cá". Baixinha: "Ó, põe uma cadeira aqui". Michel trouxe sua cadeira e se sentou entre Megablue e Baixinha. Megablue explicou para Michel como

deveria ser feito, inclusive indicando com qual mão tocar. Fez a contagem e fez o exercício, ajudando-o a acompanhar na partitura. Ao final, Flecha perguntou para Michel: "Entendeu?"[sim]. Megablue: "Viu como a gente é uma ótima professora?" (9). Paloma: "Megablue, você fica melhor de óculos. Nunca mais venha sem óculos". Baixinha: "É que o óculos não é dela, querida!". Iris: "De quem é o óculos? [da Camila]. Flecha: "Galera, vamos deixar o óculos da Megablue em paz! 1, 2, 3, 4".

Enquanto Megablue tirava uma dúvida, Paloma elogiou sua amiga Izabella "Que linda essa menina, né?" [mexendo em seu cabelo]. Depois ambas se abraçaram e Izabella a beijou no rosto (10).

Flecha propôs que tocassem mais rápido. Baixinha disse algo e Flecha a respondeu como se tivesse dado um fora. Flecha riu e Baixinha e Megablue também Megablue: "Toomaaa!". Flecha: "Brincadeira, é pra todo mundo fazer, tá?".

Baixinha perguntou do Murilo. Flecha disse que ele estava em uma reunião. Baixinha disse: "Vai lá na reunião e chama o Murilo! Tchau, Flecha!".

**C.O. Murilo:** Acho que Baixinha e Flecha tem uma boa relação, mas sinto uma certa agressividade nas brincadeiras de Baixinha, tanto com Flecha quanto com Megablue, mas ambos parecem ter boa relação (11).

Flecha puxou um andamento bem rápido. Se perderam logo no começo. Megablue disse: "tá muito rápido". Iris, Megablue começaram a dar risada alto e Flecha pediu concentração. Quando recomeçaram, diversas pessoas tocaram qualquer coisa. Ao final deram risada. Iris comentou: "Acabamo junto, não é?". Megablue disse: "O gente, para, ele vai ficar nervoso". Flecha: "Nossa, gente, eu não me irrita não!". Paloma: "Não?! [bateu forte um monte de vezes na mesa]". Baixinha: "Mentira gente!". Iris: "Você falou que te chamavam de "fera" por que você partia para cima dos outros". Flecha: "Jamais! Me chamam de fera por causa do meu nome, que é Flecha". Megablue: "Fera, você é muito fera, fera!". Deram risadas. Flecha: "Meu nome é \_\_\_\_ [omitido], aí o Faustão da TV fala assim: "Olha essa fera aí!", aí ficou fera". Megablue imitou o Faustão. Flecha disse que foi exatamente assim que deram o apelido para ele. Baixinha: "Mas você fez alguma coisa?". Flecha: "Não, só por causa do meu nome". Megablue: "Ainda me perguntam se eu quero trabalhar como humorista". Baixinha: "A cabeça dele é gorda". Megablue começou a imitá-lo e Baixinha disse "calar a boca", empurrando a cabeça de

Megablue. Megablue: "Para que o fera vai ficar fera". Flecha: "Vamos fazer o negócio por que já passou muito tempo e a gente corre o risco de ficar sem tocar".

**C.O. Murilo:** Talvez tenha perdido o sentido para as pessoas que estão há mais tempo fazer aquele exercício. No momento elas não compreenderam que ao fazerem certo, ajuda quem está aprendendo e fazer errado atrapalha quem está aprendendo. Ideia: Talvez também seja o momento de passar algo novo como contratempo ou semicolcheia.

**C.O. Flecha:** Achei interessante que eu dei alguns toques para focar no que tinham que fazer e interpretaram como se eu estivesse bravo. Falou normal mas até zuaram com o meu apelido: "O fera está fera hoje!". Açou interessante pela visão deles sobre mim (12).

Flecha fez a contagem e começaram a tocar. Quando se perdiam, estavam "desencanando" e tocando qualquer coisa (C.O. Murilo). Quando terminaram comemoraram bastante. Flecha falou: "Vamos de novo que eu acho que essa foi sorte". Baixinha: "Como assim, Flecha?". Iris: "Vamos fazer um desafio, vim daqui até aqui". Baixinha: "Não inventa". Flecha fez a contagem e tocaram novamente. Megablue: "Viu? Não foi falta de sorte!". Iris: "É que a gente é fera e você não". Flecha propôs que mudassem de lugar, ficando os iniciantes em um lado e quem estava a mais tempo em outro. Tocaram só as que pessoas que estavam há mais tempo. Flecha deu indicações de onde precisava melhorar. Megablue: "Viu como vocês estavam apressadas?". Flecha: "Vamos tocar um pouquinho".

**C.O. Murilo:** Às vezes é importante que faça um de cada vez. Pois em grupo muitas vezes não fica claro quem errou e porque. As meninas estavam bastante animadas e acabou atrapalhando quem estava aprendendo. E mesmo elas, apesar de terem praticado, parecem não ter corrigido os erros que tiveram (13).

Foram pegando os instrumentos e baquetas. Baixinha ajudou Michel e Luiza a colocarem seu instrumentos. Depois Flecha passou ajudando também.

**C.O. Murilo:** Falar com as pessoas que estão há mais tempo que consigam se organizar para que cada naipe fique junto.

Paloma e Iris interagiram com a câmera. Megablue fez a chamada e Izabella a acompanhou respondendo. Iris tocou na caixa o ritmo da música "We will rock you" e cantou. Aos poucos os/as colegas iam tocando juntos, inclusive Flecha. Baixinha e





C.O. Murilo: IDEIA: Acho que é um bom caminho o que estavam fazendo. Podemos ensinar desta maneira: tocando a convenção, fazendo quatro tempos de pausa e usando o aro para contar o tempo. Inclusive usar isso para usar tempo e contratempo. Cada pessoa deveria usar as duas baquetas.

Flecha pediu para Megablue fazer a chamada novamente e tocaram mais um pouco juntos. Murilo chegou e ajudou Megablue a fazer o toque no timbal. Depois ficou dançando ao lado de Megablue e Iris. Murilo deu indicações para os surdos "Eu gosto de mexerica".

Flecha propôs fazer a convenção que haviam ensaiado. Flecha ficou na frente regendo o grupo e Murilo tocou surdo. Thiago e Paloma se sentaram. Quando Flecha cortou. Enquanto isso, os/as participantes da bicicleta passavam pedalando há uns dois metros de distância de onde tocavam.

Thiago, Paloma e Murilo se revezaram nos instrumentos, tocando partes diferentes do surdo.

Samara pegou uma cadeira e ficou junto a Tatagiba perto do grupo. Depois elas saíram e Marcos ficou olhando. Flecha comentou de parar de tocar, e Michel, Paloma e outras participantes pediram: "Só mais uma vez, só mais uma vez". Tocaram. Cuco chegou e começou a arrumar as cadeiras para realizar a roda de conversa. Flecha repassou a convenção e continuaram tocando. Depois Flecha contou até quatro e pediu para pararem. Perguntou se queriam tocar mais uma vez e disseram que não. Murilo perguntou para Cuco se já haviam ido guardar a bike e este disse que estavam guardando. Flecha disse para irem mais uma vez e depois irem guardar os instrumentos "Só mais uma, prometo". Baixinha: "Você falou isso duas vezes até aqui" (15)

Enquanto tocavam mais uma vez, os/as participantes que estavam na bicicleta foram chegando no espaço. Murilo tirou algumas fotos das pessoas tocando.

C.O. Murilo: Ideia: Tocar mais lento e mais rápido. Sugerir para Megablue, Baixinha e Iris montarem uma apresentação para os/as colegas sobre samba reggae (16).

C.O. Flecha: Fizemos os exercícios, mas estavam dispersos. Não sei o que aconteceu. Se estavam mais agitados ou o método de ensino que eu usei. O método que eu usei lá, foi o mesmo que uso na bateria. Só que no VADL tem uma diferença de idade muito grande.

As meninas comentaram sobre isso: "Meu, você tava muito emocionado hoje". Pelo que eu entendi do que ela falou, é tipo: "tem que estar certinho", mas não é interessante pela perspectiva do lazer. Mas fora essas coisas, foi bem bacana. Pedi para as meninas ensinarem seus naipes, para quem estava começando no dia. Megablue e Iris puxaram o Michel para acompanhar a leitura da partitura. Eu me surpreendi, foi bem dahora.

**C.O. Murilo:** Fiquei pensando que pode ter sido um dia difícil para o Flecha pois ele foi na van o dia inteiro e acabou ficando sozinho na música. Maria na bike, Cuco ajudando, eu na reunião (17).

### **RODA DE CONVERSA FINAL**

A atividade de música que acontecia ali na lanchonete foi se encerrando e seus/suas participantes foram se juntando à roda. Thiago sentou próximo a Cuco e perguntou-o se estava gostando da atividade de música, ele disse que sim, que já havia feito algumas aulas antes em outros lugares, de saxofone por exemplo, mas que este era muito difícil, o educador concordou, dizendo que também gostava de saxofone e também adoraria aprender um instrumento mas que precisava de tempo e disciplina para tanto. Já eram por volta das 16:45h, o educador Murilo, foi, então, chamar a educadora Maria e os/as participantes restantes para a roda (18).

Com todos/as sentados/as, o educador Cuco puxou a conversa salientando que estavam com o tempo curto, que teriam a mímica, que pela ordem estabelecida na terça, seria realizada por Isadora e Filipa. Depois teriam apenas 5 minutos para comentar sobre o dia e 5 minutos para escolherem a atividade de integração, para a qual a lista de sugestões havia acabado. Pediu, então, para que Isadora e Filipa fizessem a mímica de um filme ou desenho juntas, elas cochicharam o que fariam e uma fez uma espécie de ponte no chão enquanto a outra dançava em volta girando em um pé só com as mãos levantadas, alguns/mas falaram "Barbie", depois alguém disse "Bailarinas" e elas disseram que havia acertado, sentando-se novamente após alguns aplausos de educadores/a e colegas.

Cuco pediu, em seguida, para que levantassem a mão quem queria comentar rapidamente o que havia gostado ou não do dia no projeto. Iris disse que havia gostado por finalmente sua sugestão, "Alerta", ter sido atendida e realizada e da atividade de

música, na qual haviam aprendido coisas novas. Thiago contou que tinha gostado de brincar de “Alerta”, que fazia mais de 5 anos que não brincava disso. Tatagiba disse que havia gostado do momento do desenho, perguntando se poderia mostrar o seu com a heroína que tinha inventado, assim como as colegas, passando mostrando o desenho, comentando que era a “Super Sereia Forte”.

Por fim, Cuco perguntou como poderiam escolher a atividade de integração de maneira rápida, que em outro encontro poderiam organizar nova lista de sugestões a ser seguida. Disseram, em especial Iris, que poderiam sugerir e “os professores” escolhiam uma, com o que a maioria pareceu concordar, Cuco pediu, portanto, para que levantassem a mão quem tinha sugestões. Minivamp sugeriu “Canibal”; Luan sugeriu “Pique-esconde”; Jonas sugeriu “Pega-pega-gelo”; Tatagiba sugeriu “Pega-pega-banana”; Iris, Miguel e Pedro sugeriram “Fútbol Callejero”; Pastel sugeriu “My God”; Dandara sugeriu “Mãe-da-rua”; Juliana sugeriu “Pásgua” (ao que o educador Cuco disse que talvez fosse ruim caso começasse a esfriar); Ágata sugeriu “Pega-pega-abelha”; e Cleber sugeriu “Vôlei”. O educador Cuco disse, finalizando a roda, que então eles/as, educadores/as, escolheriam uma dessas em reunião. Os/as participantes acharam que seria escolhido ali na hora, ao que o educador comentou que poderiam voltar a discutir a questão na roda final de terça, pois agora precisariam distribuir o lanche para finalizar o dia (19).

**C.O. Cuco:** Creio que a roda final seja importantíssima para a avaliação e planejamento contínuos e coletivos das atividades do projeto, sendo necessário tempo para que tal processo seja dialógico, portanto, atenção aos horários por parte dos/as educadores/as e compartilhamento desta importância e responsabilidade junto aos/às participantes (20).

**C.O. Cuco:** Devemos também ter mais atenção aos/às participantes novos, como o Bernardo, para que se sintam acolhidos e integrados. Posto que ele não se pronunciou nas rodas (21).

**C.O. Murilo:** Durante a atividade de música, Murilo precisou receber as novas coordenadoras da Casa de Acolhimento de São Carlos, para pequena reunião junto à Funcionário da ADESM, que será pauta na reunião de planejamento.

**C.O. Murilo e Cuco:** Interessante que Pastel veio sem seu irmão, ao qual parece ser bastante ligado, e não demonstrou acanhamento, tristeza ou dependência do mesmo.

**C.O. Cuco:** Interessante que Tatagiba sempre senta distante de sua irmã, pela independência que tem da mesma, e ao mesmo tempo, que o cuidado e atenção entre elas se mantém.

**Atividade de Integração:** Nova lista de brincadeiras, educadores/as escolhem uma, terça voltamos a esta discussão. Sugeridas: Canibal, Pique-esconde, Pega-pegas-gelo, Pega-pegas-banana, Pega-pegas-abelha, *Fútbol Callejero*, *My God*, Pásgua e Vôlei.

**C.O. Cuco:** Sugiro que façamos os pega-pegas diferentes sugeridos, que dá para fazer mais de um, e atende os/as menores que costumam não ser atendidos; ou o *Fútbol Callejero*, por ter sido reforçado por três participantes e poder contribuir com a questão dos pilares nas outras atividades do projeto; ou o Vôlei, que não foi realizado e podemos trabalhar a desconstrução de seu caráter esportivo-competitivo difundido pela mídia, escolas e clubes.

## **Diário de Campo XVI**

**Data:** 15/05/2018

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes [4+1]:** Cuco, Rogério, Dexter e Murilo (Convidada Abayomi)

**Relator:** Murilo e Dexter

**Participantes Presentes [29]:** Juliana, Iris, Batman, Miguel, Ágata, Pedro, Jonas, Marcos, Luiza, Cleber, Izabella, Alana, Samara, Filipa, Isadora, Leonardo, Dandara, Ronaldo, Micaela, Thiago, Jeferson, Michel, Trevor, Pastel, Aparecida, Clarissa, Baixinha, Camila e Pietro.

### **INFORMES**

- O educador Téo ainda virá esta semana para pagar parte das horas que deve;
- Recebemos hoje Abayomi, profissional da educação física, capoeirista, foi educadora do VADL em 2013 e em anos seguintes. Abayomi foi convidada por Cuco principalmente para acompanhar a atividade de integração que seria capoeira. Abayomi agradeceu o convite;
- Super Mário veio nos visitar novamente fazendo a proposta de voltar em outro dia como educadora voluntária junto a três amigas como parte de um trabalho de inglês da série que cursam (terceiro colegial). Conversaram com Abayomi, Murilo e Cuco para organizar tal intervenção que será melhor esclarecida em reunião de planejamento com todos/as educadores/as. Hoje participou como ouvinte para se inteirar de como as atividades estavam ocorrendo;

### **CHEGADA**

O tempo estava parcialmente nublado e começou uma chuva leve logo no início do projeto, fazendo com que todos/as se direcionassem para a roda de cadeiras que havia sido feita dentro da lanchonete, em espaço coberto. O espaço para organização da roda já tem sido feito há algumas semanas na lanchonete ou ao lado dela, no período da tarde, pela facilidade das cadeiras estarem empilhadas lá e por ser um espaço coberto, sombreado e amplo.

### **RODA INICIAL**

Às 14h10min a van que faz o transporte de crianças e adolescentes do projeto VADL chegou ao clube. Os/as participantes que chegaram da van se dirigiram ao parquinho e logo foram chamados pelos educadores para a roda inicial pois já havia passado do horário planejado para o início das atividades.

O educador Dexter iniciou desejando bom dia a todos e perguntando se alguém tinha alguma novidade ou algo para contar a roda. Aparecida disse que sairá do projeto, pois, participará de outro que ocorre na MultiEsporte. Segundo Aparecida: "é um projeto bastante parecido com o VADL". Após a fala de Aparecida, Juliana disse que iria se mudar de casa mais uma vez (1).

Pastel e Trevor, que são irmãos gêmeos disseram que seu avô iria fazer aniversário na próxima semana e que o aniversário deles seriam muito perto do de seu avô. Após serem perguntados, responderam que o aniversário deles seria no próximo dia 25. A partir desta fala, Batman disse que seu avô também fez aniversário recentemente e que achava ser de 60 anos. Thiago, seguindo a conversa do momento, disse que achava ter o avô mais novo do projeto, mas após dizer que ele tinha 56 anos foi surpreendido com falas de outros participantes dizendo que tinham avós mais novos que o dele.

Marcos, mudando de assunto, disse que recentemente sonhou que tinha achado 20 reais no chão e que depois de alguns dias acabou achando 20 reais no chão. O educador Dexter, retomando a conversa anterior falou um pouco de sua avó dizendo que era a única avó que ele tinha, e que ela tinha 11 filhos e estava com 86 anos. Finalizou dizendo que ultimamente ela anda tendo dificuldades para se equilibrar e caminhar e por isso, acabou caindo e machucando a coluna. Após fala do educador, Jonas contou que ultimamente está sentindo dor no pescoço, mas que não é muito intensa.

Seguindo a ordem das mãos levantadas, Filipa disse que recentemente descobriu que era descendente de Italianos por parte de seu avô, pois, segundo a história que ela ficou sabendo, seu tataravô era indígena e havia sido pego por italianos e acabou se casando com uma italiana, surgindo então sua família.

Ainda seguindo a ordem das mãos, Juliana contou uma pequena história sobre ter perdido dinheiro. O educador Murilo contou uma história de sua infância na qual durante alguns passeios em família, sua mãe dizia para que ele e seu irmão mais velho ficassem atentos ao chão pois alguém poderia ter perdido algum dinheiro. Enquanto estávamos distraídos, ela jogava na rua algum dinheiro e ele e seu irmão ficavam felizes da vida por terem encontrado este dinheiro.

Aparecida contou que quando criança brincava junto de seus amigos da escola de apertar as campainhas da casa de outras pessoas e sair correndo. Certa vez ela e um

amigo encontraram um cartão de banco nas correspondências de uma casa e foram até uma loja para perguntar à atendente como fazia para desbloquear o cartão. A atendente respondeu que era somente no banco que desbloqueava e então Aparecida e seu amigo desistiram da ação. O educador Cuco comentou esta história dizendo que nunca aconteceu de tocarem a campainha de sua casa, pois, nesta não havia campainha (2).

**C.O.: Rogério:** A partir de um ocorrido da roda inicial, na qual durante algumas tentativas de fala do participante Minivamp percebi que o Ronaldo o reprime em certos momentos seja através de uma fala dirigida a Minivamp ou através de um olhar intimidador.

**C.O.: Abayomi:** Acredito que o fato dos dois participantes Ronaldo e Minivamp serem do tipo de “chamar a atenção” isso acaba criando um desentendimento entre eles, pois, ambos tentam ser protagonistas diante dos outros participantes (3).

Antes de terminar as novidades o educador Murilo chamou o participante Ronaldo e a educadora Abayomi para pensarem na atividade que realizariam conjuntamente com os participantes do projeto. Ronaldo sugeriu uma atividade com barbantes que consiste em fazer a ginga da capoeira e tentar pegar o barbante do adversário que estaria colocado na cintura.

## **CAPOEIRA**

Como o tempo da roda já havia se estendido, o educador Cuco apresentou a ex-educadora Abayomi que foi convidada para coordenar a atividade da capoeira. Após explicação, Abayomi chamou Ronaldo para explicar a atividade da capoeira que iriam realizar naquele dia. Ronaldo então chamou a mesma para auxiliá-la na explicação demonstrativa. Após explicação, os/as participantes e educadores/as foram ao lado das piscinas vazias.

A atividade de integração foi iniciada primeiramente com o movimento da ginga, os participantes se distribuíram pelo espaço para tentarem realizar o movimento, os/as educadores/as e Ronaldo ajudavam os que estavam com mais dificuldade. Os movimentos seguintes foram a meia lua de frente, martelo, bananeira e o aú.



C.O. Abayomi: Achei melhor realizar a ginga antes da atividade sugerida por Ronaldo, pois, facilitaria a realização desta. Pensei em outros movimentos por terem pessoas que nunca haviam feito nada e eram movimentos mais fáceis (4).

No decorrer da atividade algumas crianças e adolescentes se afastaram do grupo, seja para ir ao banheiro, ao parquinho, pegar amora, ou em espaços para sentar e relaxar. Baixinha e Camila disseram não querer participar da atividade e se sentaram em uma mureta próxima à sombra de uma árvore. Depois do início da atividade ambas foram para a arquibancada do campo de futebol, um espaço distante de onde estavam sendo realizadas as atividades do projeto e onde estava acontecendo o treino de futebol de adolescentes. Baixinha estava com o celular na mão e cochichavam e riam. O educador Cuco, vendo-as, foi até elas e perguntou o que estavam fazendo ali. Elas riram e foram acompanhando o educador de volta ao gramado enquanto o educador dizia para que expusessem suas preferências no momento da escolha de tal atividade para que: esta não fosse escolhida; ou que pudesse ser realizada de forma que as agradasse mais; ou que fossem propostas alternativas para quem não quisesse participar.

Pouco depois Aparecida e Iris avisaram que iriam ao banheiro e foram junto a Clarissa e Juliana para a arquibancada. Novamente o educador Cuco encaminhou-se até o local e perguntou a elas se ali era o banheiro. As quatro participantes riram e também prontamente se levantaram para acompanhá-lo até uma mureta mais próxima a onde estava sendo realizada a capoeira, onde já estavam Baixinha e Camila. O educador aproveitou a reunião delas para perguntar o que achavam que os meninos que treinavam e os/as educadores/as achariam delas e do projeto do qual participam se elas ficassem ali na arquibancada vendo o treino deles, enquanto os/as demais participantes e os educadores do projeto realizavam atividade distante dali. Não houve resposta e o educador complementou sugerindo que se posicionassem nas rodas para que as atividades de integração lhes agradassem.

C.O. Cuco: Penso que precisamos reforçar nas rodas o caráter democrático e integrador da escolha e da participação de todas/os participantes nas atividades de integração. Assim como estar atentos às movimentações das meninas mais velhas perante os meninos do futebol, além do quê, Baixinha, Iris, Juliana e Aparecida, mais frequentes no projeto, não haviam dado atenção aos treinos de futebol até então pelo que eu tenho

acompanhado, o que talvez possa indicar influência de Clarissa e Camila, que têm comparecido menos ao projeto .

Após a ginga e alguns movimentos básicos passaram para a brincadeira sugerida por Ronaldo de pegar o barbante da outra pessoa realizando a ginga. Ronaldo insistiu diversas vezes em fazer uma roda de capoeira, mas como já eram 15h20min, a educadora Abayomi sugeriu de apenas sentarmos em roda para conhecer sobre os instrumentos que haviam sido trazidos por Murilo. Ronaldo foi distribuindo os instrumentos após explicação de Abayomi de cada componente dos instrumentos sendo eles a cabaça, berimbau, baqueta, pedra, caxixi e pandeiro.

**C.O. Abayomi:** Achei que as crianças estavam bem animada inicialmente, com exceção de Thiago, Baixinha e Camila que não participaram desde o início, alegando não se interessarem pela atividade. Ao decorrer das atividades alguns participantes foram saindo que ao meu ver é por ter muitos participantes e não conseguir dar a atenção adequada para todos e o pelo fato da participação de Ronaldo acredito ter influenciado na saída de alguns participantes pois pensamos diferente e acabava desconstruindo as ideias. Me surpreendi bastante com Jonas, Batman, Miguel, Dandara, Jeferson e Michel que participaram efusivamente (5).

Ainda em roda, conversaram sobre as duas atividades ofertadas: musicalização e bicicleta. As pessoas interessadas na musicalização seguiram os educadores Murilo e Dexter, e na bicicleta, Cuco e Rogério.

### **MUSICALIZAÇÃO (concomitante ao ciclismo)**

**Participantes [9+3+1]:** Baixinha, Camila, Iris, Miguel, Izabella, Michel, Luiza, Thiago, Samara, Dexter, Murilo, Abayomi e Super Mário (participante visitante).

Educadores/a e participantes pegaram os instrumentos da sala de materiais e os levaram para a lanchonete, deixando-os de lado. Enquanto o educador Murilo estava terminando de ligar a câmera e computador Baixinha cobrou a participação dos/as colegas. Murilo complementou que era importante ter regularidade (vir à todos os encontros da musicalização) para não atrapalhar quem estava há mais tempo, tanto na música quanto na bicicleta. Murilo perguntou para o participante Michel quantas vezes ele já havia vindo na música. Ele disse: "uma, na semana passada". Murilo disse que

como ele já tinha experimentado musicalização e bicicleta, ele poderia decidir entre uma das duas. Michel escolheu "música". Murilo perguntou para Miguel e Luiza que responderam que ficariam na música. Murilo afirmou que Iris e Izabella já estavam na música. Murilo disse: "A Samara já havia vindo na música, disse que queria ir para a bicicleta e estava voltando para música. Você [Samara] vai querer vir na música sempre?". Ela disse que sim e comentou sobre a bicicleta que tinha em casa. Murilo comentou que Camila estava sumida, mas voltou (6).

Murilo comentou que havia trazido um vídeo sobre percussão que tinha uns 8 minutos e perguntou se eles/as topariam assistir naquele momento. Após toparem, se organizaram em cadeiras na frente do computador. Dexter subiu na cadeira para ver se seria possível conectar o computador na televisão da lanchonete e sugeriu que, na próxima vez que fossem ver vídeo, poderia trazer seu notebook e o cabo HDMI. Antes de começar o vídeo, Murilo disse: "Vocês sabem que a gente toca percussão, mas o que significa percussão?". Iris: "Percutir". Murilo: "Percutir é fazer som batendo. Então instrumentos de percussão é todo instrumento que a gente toca batendo".

Iris perguntou: "Na copa vai parar o projeto?". Murilo: "Na copa eu não sei como vai ficar, mas nas férias a gente continua". Educadora Abayomi: "Na copa de 2014 a gente não parou". Dexter: "E daí? durante os jogos vocês não combinaram de fazer uma brincadeira que chama Piquenique e senta na TV pra assistir?". Baixinha: "Podemos combinar, vocês trazem a comida e a gente...". Abayomi: "Eu lembro do pessoal do clube se reunindo para assistir".

Murilo: "Alguém já assistiu esse vídeo? [silêncio]. Alguém já ouviu falar do Barbatuques?". Baixinha disse que já tinha visto um vídeo. Murilo pediu para levantarem a mão quem conhecia Barbatuques e apenas Baixinha, Luiza e Camila levantaram a mão. Baixinha: "Que é aquela música que eu tenho...?". Murilo: "Isso, do [filme de animação] Rio". Baixinha: "Posso colocar para tocar?". Murilo: "Eu posso colocar aqui, que está conectado na caixa de som". Baixinha: "O meu celular parece uma caixa de som!". Dexter: "Dá pra conectar o celular na caixa de som". Thiago: "Acho que eles [Barbatuques] fizeram uma apresentação no SESC". [Música "Você chegou" começou a tocar]. Luiza e Samara disseram que já haviam assistido o filme Rio. Murilo chamou a atenção para o instrumento musical chamado "berimbau de boca" e que o restante era

feito com voz e percussão corporal. Thiago comentou que quando uma música é feita só com a boca, é chamada de *acapella*. Dexter ressaltou que na música ouvida também tinha *beat box* que era o som da bateria feito com a boca.

Murilo pediu para parar a música e que assistiriam um vídeo do Stomp, um grupo que faz música do mesmo tipo, só que de uma maneira diferente. Após ajeitar o som, deu *play* no vídeo.

[Video do Stomp: <https://www.youtube.com/watch?v=7NhFmARAgU0>]



Logo que acabou, Murilo perguntou se haviam gostado e disseram que sim. Iris perguntou se havia outro vídeo. Murilo disse que sim e que até poderiam assistir ao final do dia (7).

Murilo propôs que dividissem em dois grupos: Izabella, Iris, Baixinha e o educador Murilo para que aprendessem algo novo (acompanhar a música *Acreditar* da Ivone Lara a partir da partitura) para que ajudassem a repassar ao grupo; e no outro grupo Thiago, Michel, Miguel, Luiza, Samara e Camila com Dexter e Abayomi com a proposta

de lembrar o que vinham fazendo. Ao final nos juntaríamos para aprender a tocar a música da Ivone Lara chamada "Acreditar".

Dexter e Murilo conversaram brevemente sobre o conteúdo a ser trabalhado neste segundo grupo. Iris se ofereceu para ensinar "os mais novos" (como ela chamou). Baixinha quis ficar com Iris. Murilo então chamou toda gente a se reunir para passar algumas instruções (8).

Durante a atividade, a mãe de Samara veio até a lanchonete e disse que precisaria levar a Samara. Murilo quis entender o porquê, e depois disse: "Tá... que pena! Então tchau, Samara". A mãe de Samara disse que nos outros dias ela vai resolver para que isso não aconteça novamente.

Murilo distribuiu algumas folhas. Iris explicou: "O primeiro aqui, se chama *tá*. Agora o que está com duas bolinhas fica *titi*. Esse ... símbolo [figura] "rabixo", é pausa, daí fala pausa". Murilo foi indicando na partitura de Miguel.

**Ta, titi ta pausa, titi titi ta titi**

Fizeram algumas vezes só falando. Mudaram o andamento. Depois Murilo propôs que batessem palmas. Após repetir algumas vezes, passaram para a próxima pauta. Iris perguntou qual era o nome de determinada figura e Murilo respondeu "colcheia". Com isso perguntaram o nome das outras figuras musicais.

Ta pausa pausa titi ta ta ti\_\_ pausa

Murilo propôs que Baixinha, Izabella e Iris (pessoas que estavam vindo há mais tempo) iriam com ele para fazer outros exercícios e parte do grupo (mais iniciante) fizesse o exercício 2 com Dexter. Murilo, Baixinha e Iris foram para o outro canto da lanchonete.

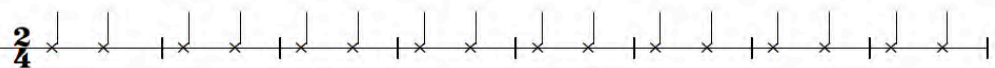
titi ta titi ta titi titi ti\_\_ pausa

ta titi ta titi titi titi ta pausa

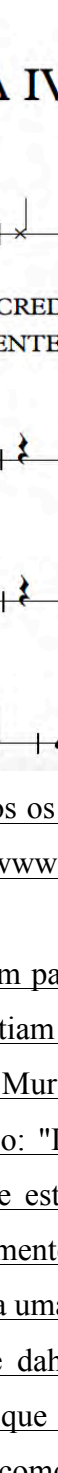
O educador Dexter perguntou se alguém queria "puxar". A educadora Abayomi perguntou o que era "puxar" e Dexter respondeu que era fazer a contagem. Thiago se voluntariou. Fizeram o exercício algumas vezes. Luiza perguntou se determinada nota era de dois tempos. Dexter chamou Murilo que foi até o grupo e propôs que eles/as batessem palmas contando os tempos, conforme indicado no início da partitura. Murilo fez o exercício para demonstrar enquanto o outro grupo treinava a música "Acreditar" (9).


Miguel estava debruçado na mesa e não estava fazendo junto ao grupo, mas parecia estar acompanhando, ouvindo. Murilo percebeu que ele estava com frio, e ofereceu uma blusa para emprestar, mas ele não quis (10).


## DONA IVONE LARA - ACREDITAR

Percussão  $\text{H} \frac{2}{4}$  

2x ACREDITAR, EU NÃO / RECOMEÇAR, JAMAIS /  
AVIDA FOI EM FRENTE / E VOCÊ SIMPLEMENTE NÃO VIU QUE FICOU PRA TRÁS

9 

17 

25 

Murilo chamou ambos os grupos para fazer a música Acreditar da D. Ivone Lara (disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=8mQliNTA\\_2k](https://www.youtube.com/watch?v=8mQliNTA_2k) > ). (Conforme apêndice)

Murilo fez a contagem para entrarem juntos. Durante a música, Murilo percebeu que enquanto cantavam e batiam na mesa havia ficado difícil de escutar a música, então aumentou o som. Ao final, Murilo perguntou como é que foi. Iris: "Foi muito ruim"! Baixinha: "Foi legal". Murilo: "Deu certo, né? Vamo de novo?" Dexter: "Foi difícil!". Murilo considerou: "A gente estava errando também porquê ficou difícil de escutar a música... Por isso que aumentei bastante. Vou deixar mais alto". Iris: "Aumenta bastante!". Tocaram a música uma vez, juntos (11). [minuto 12:58]

Murilo: "Galera, que dahora! Tenta fazer assim... Essa metade daqui, agora a gente só vai ouvir o efeito que isso dá. Por que as vezes a gente está tocando e não consegue prestar atenção de como está! Então vocês tocam e a gente ouve. Depois vocês

tocam e a gente ouve". E depois invertemos o grupo. Izabella comentou: "Eu percebi que às vezes um deles batia no "pausa"". Murilo: "É, acontece. Confunde mesmo". Iris ao final comentou: "Eu só me confundi na hora do tá. É nessa parte aqui, ó" e apontou na partitura. Murilo: "É bom que você descobriu onde errou, aí dá pra consertar, né? Por hoje, com essa música é só. Agora vamos pegar os instrumentos" (12).

Dexter comentou com Abayomi sobre algo que aconteceu na reunião do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física em quem acharam que ele estava dormindo, quando estava apenas cabisbaixo lendo o livro em discussão.

Iris: "Você pegou o meu instrumento?" Murilo: "Não, vamos lá me ajudar a pegar?". Murilo: "Baixinha, você pode ir distribuindo os instrumentos? Você pega o que você está tocando, vê quem está há mais tempo para distribuir os instrumentos e quem não tiver, vai revezando, certo? Então você vê quem quer e com quem vai revezar".

Após distribuir os instrumentos e se organizar em roda, começaram a tocar o samba reggae. Tocaram por um tempo e Murilo passou recolhendo as baquetas e pediu para que quem tivesse com instrumento que levasse até a Sala de Materiais.

**C.O. Abayomi:** Fiquei impressionada/chocada em ver a atividade da música pois as crianças me pareceram muito animadas e empenhada e com vontade de estar fazendo aquilo e aprender e ver como era antes a dificuldade e comparar com a facilidade de agora. E o que me deixou mais feliz de vir ao projeto hoje foi ver a música.

**C.O. Dexter:** Fiquei feliz em ver que os participantes estão evoluindo bastante, e acredito que eles mesmo estão percebendo esta evolução e que isso os ajudará a continuar estudando a música podendo, talvez, os influenciar no futuro (13).

### **CICLISMO (concomitante à musicalização)**

Terminado a atividade de integração, os participantes do ciclismo juntamente com os educadores Rogério e Cuco se dirigiram em frente a sala de materiais para iniciarem a atividade de ciclismo. O educador Rogério dividiu a atividade em dois momentos onde na primeira parte foi a aula de mecânica revisando alguns conceitos de mecânica como os sistema de freio e transmissão de marchas e, na segunda parte, o passeio pelo clube. Na segunda parte o educador Cuco entregou os capacetes, enquanto isso o educador Rogério

entregava as bicicletas. Esta parte durou aproximadamente 20 minutos e alguns participantes escolheram brincar de “polícia e ladrão” nas bicicletas.

Dandara, que havia sentido incômodo no cotovelo durante a atividade de integração, Tatagiba, Jonas e Samara ficaram com o educador Cuco, que providenciou mesa, cadeiras, papéis, lápis e borrachas para que desenhasssem, como haviam pedido e como havia sido feito nos encontros anteriores para quem não queria andar de bicicleta como os três, que também alegavam sentir frio.

**C.O. Cuco:** Sugiro também que lembremos à todos/as participantes em roda que mesmo que faça calor ao ir para o projeto, que levem blusas, posto que nessa época costuma esfriar no fim da tarde, como ocorreu hoje e fez alguns/mas participantes passarem frio (14).

O educador Cuco perguntou o que desenhariam e Dandara disse que desenharia o mar, o mesmo, então, perguntou o porquê e a participante disse que sua vó havia morrido afogada há algum tempo, o educador sugeriu então que todos/as desenhasssem uma praia em memória a vó da participante, o que o/as quatro concordaram e, assim como o educador, começaram a desenhar. **C.O. Cuco:** Dandara falou com naturalidade sobre a morte da avó, aparentemente ocorrida há algum tempo e desenhou uma praia sem pessoas, com pedras e peixes .

Ao final, próximo do horário da roda final, o educador Cuco avisou o educador Rogério para que começasse a guardar as bicicletas e foi guardando junto ao/às desenhistas os materiais utilizados. Tatagiba ainda perguntou ao educador Cuco se poderia mostrar seu desenho na roda final, o que fora prontamente concedido (15).

## **RODA FINAL**

Antes de começar a roda final o educador Cuco se aproximou das meninas mais velhas do projeto que haviam reclamado de Ronaldo em encontros anteriores, a saber: Aparecida, Juliana, Baixinha e Camila. Cuco quis saber sobre a relação delas com Ronaldo naquele dia. Diante da ausência de reclamações e até elogios por parte de Juliana, que comentou que ele havia pedido desculpas a ela e brincaram juntos, o educador Cuco perguntou também se poderia comentar sobre tal ausência de reclamações na roda final com o intuito de incentivá-lo a continuar assim. Aparecida, Juliana e Camila



concordaram, mas Baixinha disse que não seria bom porque iria "subir pra cabeça", poderia acabar piorando e que ele não merecia, ao que o educador perguntou se ele não estava melhorando e ela disse que sim, mas que ainda era cedo. O educador assentiu e acabou não comentando em roda, apenas parabenizando Ronaldo ao final, pela ajuda na Capoeira e pelo dia no projeto, dizendo a ele que estava no caminho certo.

**C.O. Cuco:** Pensei em perguntar para as meninas sobre Ronaldo, também para ver se não havíamos perdido nada, mas porque me parecia que ele havia melhorado muito, no sentido do respeito e da tranquilidade, o que deve ter relação à sua posição de puxar a Capoeira, para ver se elas percebiam o mesmo. Pareceu-me que Juliana e Aparecida tiveram a mesma impressão, Camila e Baixinha também, mas com muitas ressalvas ainda, perante as ações anteriores dele e mesmo por conhecê-lo de outros espaços, o que talvez, inclusive, tenha influenciado na não participação das mesmas na Capoeira, puxada por ele junto à educadora visitante Abayomi . Além disso, o impacto que eu imaginava poder ocorrer com a participação de Abayomi no projeto, de identificação com as meninas, aparentemente acabou não ocorrendo com as maiores, somente com as menores, que participaram "em peso" da Capoeira (16).

Iniciada a roda final, o educador Dexter perguntou o que acharam do dia e o que mais gostaram. Filipa disse que gostou da capoeira e de brincar de *bike* com o \_\_\_\_\_ [apelido omitido] (Ronaldo). Jonas disse que gostou de desenhar durante a atividade da bicicleta e que também gostou da capoeira. Trevor disse que gostou da capoeira e da bicicleta. Cleber disse que gostou da capoeira, então o educador Dexter perguntou de qual parte ele gostou mais, então ele respondeu que foi da ginga, bananeira e da estrela (17). Miguel disse que gostou de dormir, pois, durante a atividade da música ele dissera que estava muito cansado e acabou encostando a cabeça na mesa e dormindo um pouco enquanto os outros participantes treinavam a leitura da partitura. Segundo Miguel, o motivo dele estar cansado era que durante a noite uma cachorra ficou latindo e ele não conseguiu pegar no sono.

Iris disse que gostou de aprender a estrelinha na capoeira e de ensaiar a música "Acreditar" durante a atividade da música. Juliana disse que gostou de brincar de polícia e ladrão na atividade de ciclismo e de aprender um pouco mais sobre a mudança de marchas. Pastel disse que gostou da atividade capoeira, mais especificamente da

estrelinha e da bananeira (18). Após a fala de Pastel, Aparecida, notando a ausência de Tatagiba exclamou: "Agora que eu percebi, a Tatagiba não veio!".

Seguindo a ordem das mãos levantadas, Pietro disse ter gostado da capoeira, em especial a bananeira e a estrelinha. Jeferson disse que durante a tentativa de realizar a bananeira, acabou batendo a cabeça no chão e ainda estava sentido um pouco de dor, mas que já estava bem melhor do que na hora que ele bateu. Marcos, por último, disse que gostou de fazer desenho durante a atividade da bicicleta.

Por fim, Rogério entregou as frutas aos participantes e foi encerrada a roda final.

**C.O. Abayomi:** Fiquei muito feliz em ver a turma que está participando atualmente em comparação a turma de antigamente, e também de ver que o grupo estava todo na mesma "vibe" e comentou sobre Ronaldo que teve de entrar nesta "vibe", para se enturmar. E ao ver as crianças pequenininhas me deu vontade de voltar ao projeto.

## Diário de Campo XVII

**Data:** 17/05/2018

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes:** Cuco, Flecha, Murilo, Téo e Maria

**Relator:** Murilo e Flecha

**Participantes Presentes [20]:** Ronaldo; Izabella; Cleber; Isadora; Pietro; Paloma; Aparecida; Augusto; Megablue; Baixinha; Leonardo; Diogo; Tatagiba; Jonas; Marcos; Filipa; Georgy; Jeferson; Iris; Dandara.

### **INFORMES**

- O educador Téo informou pela manhã que hoje seria seu último dia participando no projeto e se despediu dos participantes;
- O educador Xande informou que não poderia estar no dia de hoje pois, estaria estudando para a prova de fisiologia humana.

### **CHEGADA**

O dia estava bastante nublado parecendo que ia chover. Izabella chegou ao clube próximo de 12h50min dizendo que sua mãe disse para ela ir mais cedo para não se molhar. Ela e o educador Flecha jogaram dominó até dar o horário do início do projeto. A van que faz o transporte de crianças e adolescentes do projeto chegou por volta das 14h15min e o tempo ficou menos nublado.

### **RODA INICIAL**

A roda inicial foi realizada no salão da lanchonete. A educadora Maria e participante Filipa arrumaram as cadeira de forma com que houvesse um único espaço para entrar em roda. Elas se deram as mãos e combinaram uma senha para que, quem quisesse entrar na roda, a adivinhasse a partir de suas dicas. Os educadores Téo e Murilo foram os últimos a entrar em roda com os/as participantes dando dicas, como por exemplo: "bom dia, boa noite e " [boa tarde]. Com todos/as em roda, Téo perguntou quem saberia dizer "boa tarde" em inglês. Algumas crianças chutaram palavras variadas. Megablue respondeu corretamente dizendo *good afternoon* e Murilo perguntou como que se dizia "oi" em italiano, os participantes não sugeriram nada e olharam para o Murilo, que em seguida disse que as pessoas se cumprimentavam dizendo “tchau”. Os/as participantes acharam engraçado e fizeram comentários, simulando a situação.

Aparecida pediu para contar uma piada e em seguida Isadora contou uma história de terror, onde Murilo deu um grito num momento de tensão, fingindo que tinha levado um susto, mas assustando diversos educadores/as e participantes. Após a história de Isadora, alguns participantes começaram a brincar de "dolin dolin dola", uma brincadeira que, junto ao canto, abrem-se e cruzam-se as pernas e como a letra diz: "quem ficar de perna aberta, vai ter que rebolar". O educador Murilo e a participante Aparecida terminaram de perna aberta e precisariam rebolar. Apenas Murilo levantou e rebolou. Marcos também quis contar uma história de terror.

**C.O. Dexter:** a história de terror e o Dollin Dollin Dola gerou uma grande agitação entre os participantes.

Murilo deu sequência a roda de conversa pedindo para que quem quisesse contar alguma novidade, que levantasse a mão. Jonas disse que estava feliz porque o irmão Diogo havia ido ao projeto. Megablue disse que também estava feliz por ter terminado o trabalho da Copa e porque teria uma apresentação musical com os Doces Flautistas. Georgy perguntou sobre o que se tratava a apresentação e Megablue disse que seria solista e tocaria em uma apresentação no asilo (1). Por ter passado do tempo planejado para a roda de conversa, Murilo perguntou ao grupo se eles/as gostariam de continuar conversando ou se gostariam de realizar uma brincadeira em curto tempo. Como as pessoas preferiram a brincadeira, Murilo sugeriu que Iris fosse a última a falar antes da brincadeira, e ela compartilhou com a turma que havia levado três ocorrências na escola. Aparecida perguntou se sua mãe ficou brava e Iris disse que sim.

Na sequência foi questionado qual seria a atividade do dia e nem os participantes e nem os educadores lembravam. Maria disse que a atividade da semana seria queimada "comum". Flecha achava que seriam os pegas-pegas diferentes. Houve uma breve discussão sobre qual atividade seria a próxima da lista que estávamos seguindo na educadores/as e participantes tomaram "partidos" em relação às brincadeiras. Flecha disse que iria olhar em seu celular.

O educador Murilo pediu a palavra, se posicionou no centro da roda e disse: "Eu quero ver quem consegue fugir de mim. Eu vou ser o pegador, quem for pego, me ajuda a pegar. Vocês tem 5 segundos para fugir de mim e só vale dentro da lanchonete". O jogo

foi rápido e ao final todos/as voltaram à roda. Em seguida perguntamos se faríamos a queimada e a grande maioria concordou.

**C.O. Murilo:** Senti que diversos/as participantes estavam bastante agitados/as. Esta circunstância somada à nossa desorganização em relação ao planejamento da atividade de integração fez com que eu achasse uma boa ideia propor uma brincadeira rápida.

**C.O. Cuco:** É importante que quando não saibamos a atividade de integração ou outra questão relativa ao planejamento, consultemo-lo na relatoria da reunião, preferencialmente, antes da roda. Flecha o fez durante a roda, porém, não antes de Maria “chutar” outra atividade, o que gerou o impasse quando Flecha informou qual era a brincadeira escolhida e fez demorar e complicar o andamento da roda. Se temos, agora, uma lista de atividades sugeridas a serem desenvolvidas cronologicamente nos encontros, que redijamo-la e ponhamo-la à vista, na salinha do projeto por exemplo, evitando discórdias e confusões (2).

### **BRINCADEIRA DE INTEGRAÇÃO: QUEIMADA**

Em roda foram feitas algumas sugestões de divisões de equipes enquanto Cuco buscava os materiais na sala de materiais. Jeferson sugeriu de fazer uma fila e uma pessoa ir separando a equipe. Maria sugeriu que fosse o educador Flecha. Flecha sugeriu que ficassem sentados enquanto separava as equipes. Em seguida, todos/as desceram para a quadra poliesportiva onde pessoas do futebol estavam jogando. Algum educador pediu para que eles saíssem para que realizassem a atividade. Maria conduziu o início do jogo no qual aconteceu em uma rodada com duração estimada de 15 minutos. Ronaldo foi o último a ser queimado da equipe perdedora.

**C.O. Cuco:** É necessário ter atenção e cuidado quanto às condições dos espaços para a escolha dos mesmos para a realização das atividades ou mesmo da escolha das próprias atividades, com um diálogo prévio com posicionamentos dos/as educadores/as. Posto que hoje, por exemplo, a quadra estava molhada e poderia causar acidentes aos/às praticantes da queimada.

**C.O. Cuco:** Foi interessante ver Baixinha e Ronaldo ficando por último na mesma equipe, um/a ajudando o/a outro/a, quando ficou restando apenas Ronaldo e ele desviou de duas bolas jogadas em sua direção ao mesmo tempo, Baixinha, da beirada do

cemitério/morto de sua equipe, comentou alto “essa foi boa” em direção a ele. Momento em que a atividade de integração foi realmente integradora (3).

### **MUSICALIZAÇÃO (concomitante ao ciclismo)**

**Presentes [7+2]:**Jeferson, Iris, Baixinha, Paloma, Izabella, Megablue, Georgy, Flecha e Murilo

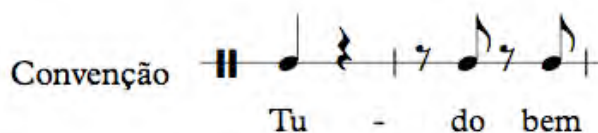
Educadores e participantes levaram os instrumentos de percussão da sala de materiais até a lanchonete. O grupo tocou o samba-reggae enquanto Murilo arrumava a câmera e computador, na outra extremidade da lanchonete. Quando o educador terminou, foi até o grupo e fez a contagem para parar. Pediu para que deixassem os instrumentos e as baquetas no lugar e o acompanhassem. Murilo disse ao grupo que nos primeiros meses da musicalização, quando estavam apenas Megablue, Baixinha e Iris, ele/as fizeram em vários momentos uns passos para marcar o pulso das músicas. Murilo disse que fariam algo parecido para aprender uma convenção (fez o gesto com a mão, unindo o dedo médio com o polegar e balançando a mão). Megablue disse que enquanto tocavam (há pouco tempo) Flecha tentou fazer outro de virada. Flecha explicou que havia tentado fazer um breque de quatro tempos e não a virada.

Murilo sugeriu de marcarem o tempo que estaria junto com o chimal da bateria. Colocou a música "Could you be love" composta por Bob Marley, gravada por Gilberto Gil no álbum "Kaya N'Gan Daya". Colocou um trecho para tocar. Parou e colocou de novo desde o início, perguntando se conseguiam escutar um som de prato de bateria. Izabella comentou que já tinha escutado esta música.

Murilo disse para andarem conforme o chimal. Da primeira vez fez junto com a turma. Da segunda, só observou. Da terceira vez propôs que as pessoas continuassem dando os passos e fingindo que estavam tocando junto com a guitarra [que estava sendo tocada no contratempo]. Da quarta vez passou mostrando na partitura o que estavam tocando com os pés [tempo] e as duas colcheias que aprenderam como "titi" e que poderiam contar "1 e 2 e 3 e 4 e". Junto a esta música aprenderiam o contratempo que neste caso poderiam perceber pelo que a guitarra estava tocando. Murilo pediu para que batessem palmas junto com a guitarra. Ficaram fazendo isso enquanto a música tocava.

Georgy perguntou se Murilo estava gravando. O educador respondeu que sim, assim como nos outros dias também e que o ajudava a não esquecer de nada do que fizeram.

Depois Murilo lembrou a virada. Pediu para que repetissem "Cá... vem pra Cá" [em outro dia substituímos a frase por "Tu-do bem" como pode ser observado na imagem



a seguir.

[Minuto 12'00 (MOV 2429)].

Murilo propôs que ele apontaria para alguém e esta pessoa repetiria "Cá... vem pra cá" sozinha. Começou com Flecha pois sabia que ele já tinha entendido e então foi por ordem de quem aparentou estar mais confiante (4).

Megablue disse que deveriam passar a música "Dame tu coisita" (composta por El Chombo com participação de Cutty Ranks) enquanto dançava esta música da mesma forma que o videoclipe (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FzG4uDgje3M>>).

Paloma também dançou. As pessoas deram risada, inclusive Megablue que se divertiu. Murilo disse que poderia ver a letra e ver de trazer. Megablue disse que não era para ver o "ETzinho" dançando (5). Fizeram mais uma vez, dizendo: "Cá, vem pra cá" e foram para os instrumentos.

Jeferson, Izabella e Baixinha pegaram a caixa, Iris pegou o surdo de chão, Paloma e Georgy pegaram o surdo e Flecha pegou o tamborim. Iris ficou tocando a convenção que estudamos "Cá, vem pra cá" e batendo ua baqueta na outra nas pausas. Murilo fez a contagem para fazerem silencio. Depois fez a "chamada" na caixa para tocarem o samba-reggae. Alterou a dinâmica fazendo gestos (mais em cima e mais embaixo) e também tentaram tocar a convenção que estudaram minutos atrás. Murilo propôs que cantassem, ao invés de tocar esta convenção.

[Minuto 3"40 MOV02430]

Fizeram diversas repetições da convenção de formas diferentes: dividindo em dois grupos, apenas cantando, cantando e tocando, e divididos por instrumentos (para perceberem como voltaria no ritmo do samba reggae). Murilo orientou que quem estivesse cansado/a do instrumento apoiasse na cadeira. Foi o que Izabella e Paloma fizeram (6).

Tocaram mais uma vez com Megablue fazendo a chamada. Depois Murilo e Flecha recolheram as baquetas e conversaram sobre o evento com participação dos familiares e amigos/as. Murilo disse que pensou no dia 10 de Junho, um domingo. Murilo perguntou como era o domingo na casa dos/as participantes, a rotina da família, se haveria uma oportunidade para fazer uma apresentação no período da manhã. Megablue disse que no domingo costuma acordar só meio dia. Georgy disse que participa de outro projeto. Baixinha perguntou de transporte e Murilo disse que daria um jeito. Murilo afirmou que como estavam tocando fazia um tempo, é sempre bom apresentar. Relembrou uma apresentação que fizeram para os/as próprios/as participantes na roda final. Outro motivo que deu é que os familiares e amigos/as podem até saber que estão tocando mas nunca os/as viram. Iris, que é vizinha do clube, contou que seu primo quando estava ficando na casa dela, espiou por cima do muro o pessoal tocando.

Murilo falou também sobre as gravações que estavam sendo feitas e estava escrevendo em um diário. A ideia do encontro era também compartilhar com eles/as e os familiares o que estamos encontrando na aula de música. Murilo deu exemplo de que já viu várias vezes uma pessoa ensinando a outra. Então seria uma roda de conversa, um café da manhã, transporte e uma apresentação para mostrar para o pessoal.

Megablue perguntou se teria bolo de chocolate. Flecha disse que faria. Megablue perguntou se teria refrigerante e mousse de maracujá. Murilo brincou que ele só viria se tivesse mousse de maracujá. Luiza e Baixinha disseram que elas também. Paloma perguntou se poderiam levar outras pessoas e Murilo disse que, naquele momento, apenas o pessoal da musicalização. Murilo deu uma dica para guardarem a data mais fácil que seria "no próximo dia 10, às 10h" e que ainda não estava marcado. Era para ver se tinha possibilidade com os pais. Megablue perguntou: "mas e se os pais não poder vim, pode vir só você mesmo?". Murilo: "Sim, mas uma coisa que eu iria fazer era ir conversar com os pais, mães e responsáveis". Megablue disse que sua mãe trabalhava. Paloma (não



foi possível identificar): O único problema para minha mãe é locomoção. Murilo disse que tentaria dar um jeito. Luiza perguntou se poderia trazer a irmã. Baixinha e Megablue disseram que até 13h elas poderiam vir, pois depois tinham igreja pois o ônibus passa na rotatória [da Abdelnur] às 14h30.

Murilo foi perguntando para cada pessoa. Ao final reforçou para que conversassem com seus pais e mães, e avisou que durante a roda final iria chamando algumas pessoas para fazer uma breve entrevista (7).

### **CICLISMO (concomitante à musicalização)**

O/a educador/a Téo e Maria iniciaram em roda, conversando com o grupo sobre combinados e regras e então distribuíram as bicicletas e capacetes. De forma geral, as pessoas queriam andar mais do que realizar "oficinas" já que às terças tem ocorrido este tipo de atividades. Assim, após este momento realizaram a atividade "siga o mestre", menos Ronaldo que não se sentiu vontade de estar com o grupo e andou pelo clube chegando em alguns momentos a derrapar com a bicicleta e ter tido a atenção chamada por Murilo. Durante a atividade a educadora Maria chamou o grupo para treinar algumas técnicas de subir sarjetas e montar na bicicleta sem sentar no banco.

A participante Tatagiba também não participou da atividade. Desde o início disse que não iria participar e sentou-se numa cadeira ao lado da sala de materiais. Depois que a turma começou a andar de bicicleta o educador Cuco, vendo-a ainda sentada, perguntou se ela queria fazer outra coisa e ela falou do desenho, como houve na terça. O educador pegou os materiais (papéis e lápis de cor) e posicionou mesa e cadeiras para Tatagiba e ele sentarem-se, acrescentando à mesa um livro que tirou de sua mochila "Poesia Completa" de Manoel de Barros, que haviam lido em outro encontro para inspiração aos desenhos. Em seguida, a menina perguntou o que desenhariam e ele sugeriu que lessem outro poema do livro e se ela lembrava que era o autor, ela respondeu "Manoel... de Barros" e o educador sorriu assertivamente e já propôs a leitura de uma parte de uma poesia que falava sobre rios, indígenas e uma cor específica, azul, ela concordou e ele leu em voz alta o excerto 36 da poesia "Caderno de Aprendiz", perguntando antes se ela sabia o que era "aprendiz" e ela disse "que aprende" o que fora confirmado pelo educador, que, então, começou a ler.

Após a leitura, Tatagiba disse que desenharia um rio, um menino e um indígena, que apareciam no poema. Pouco depois, Marcos juntou-se à mesa, dizendo que não queria mais fazer bicicleta, Tatagiba disse a ele que tinha de pedir ao “professor” para poder desenhar, o que o garoto pediu e, com a afirmativa do educador Cuco, sentou-se e começou a desenhar também . Nesse meio tempo, chegaram uma mãe e sua filha e o educador saiu da mesa para atendê-las, apresentando o projeto e entregando a ficha de matrícula. Nisso, a educadora Maria perguntou a Tatagiba e Marcos os motivos da não participação destes na bicicleta, acrescentando que deveriam escolher uma das duas, música ou bicicleta, ao que acabaram escolhendo bicicleta, posto que quando o educador Cuco voltou, ela perguntou confirmando se Tatagiba e Marcos participariam da música no próximo dia de projeto, o que ela e ele confirmaram, continuando a desenhar.

O educador Cuco, continuou a desenhar com as duas crianças e comentou sobre o desenho de quadrados de Marcos que havia um pintor muito famoso que pintava com formas geométricas e tinha um estilo chamado de “cubismo”, que chamava Picasso, Marcos comentou que já ouvira falar dele e Tatagiba contou que tinha aprendido formas geométricas na escola. Marcos também contou que seu professor de sala dissera a ele, vendo no celular, que o significado de seu nome era a rocha de Jesus na Terra. Tatagiba acrescentou que ela, sua irmã e seu irmão tinham nomes tirados da Bíblia. Por volta das 16h, Dandara juntou-se ao grupo de desenho, alegando cansaço da bicicleta e folheou o livro de Manoel de Barros. Às 16h20min, o educador pediu para que Marcos e Tatagiba terminassem seus desenhos para que guardassem o material para irem à roda final. Fizeram-no com auxílio de Dandara e então foram ajudar o educador Cuco a montar as cadeiras na lanchonete para a roda final.

**C.O. Cuco:** Penso que seja necessário acordar as prerrogativas das atividades fixas, para participação de todas/os durante as mesmas e mesmo se esta é a intenção e o que fazer quando algum/a participante não gostar de nenhuma das duas, não sei se excluir tais participantes do projeto ou de certa forma forçá-los a participar de uma delas sejam alternativas viáveis e coerentes (8).

## **RODA FINAL**

A roda final começou faltando apenas 15 min para o término do projeto. Conversaram sobre dois desentendimentos ocorridos com a Iris. O primeiro assunto foi uma reclamação realizada por ela, pois, ela havia entendido que o Pietro havia jogado intencionalmente o chinelo em seu rosto, tendo ficado chateada com a situação. Pietro esclareceu que havia sido sem querer e que na verdade teve a intenção de devolver o chinelo para ela, pois, o mesmo havia saído quando enquanto ela escorregava no parquinho. Ambos pediram desculpas e se entenderam. O segundo foi exposto logo em seguida quando Baixinha reclamou que Iris não havia sido honesta durante a queimada, e comentou levemente alterada, que aquela atitude não havia sido interessante para a dinâmica do jogo. Iris disse que não havia sido queimada e se caso tivesse acontecido, não tinha percebido. Enquanto esse debate acontecia o educador Flecha distribuiu a banana e a bolacha, pois não havia mais tempo. Por fim, ambas participantes compreenderam o ocorrido cujo debate foi mediado pela educadora Maria (9). Maria comentou com os participantes que a atividade da semana seguinte seria escolhida através da lista.

**C.O. Cuco:** É necessário que disponhamos um tempo mínimo de 30 minutos, como acordado em reunião, para a roda final, para tanto, é preciso que os/as responsáveis pelas atividades comecem a finalizá-la e a recolher os materiais e equipamentos junto aos/às participantes, que poderiam ajudá-los/as certo tempo antes, sem que todos/as se encaminhem para o “parquinho” a hora que quiserem, sem supervisão dos/as educadores/as. O que contribui para a impressão de que as atividades de bicicleta das quintas parecem carecer de uma organização e planejamento mais claros e ordenados, ainda mais quando tinham duas pessoas educadoras, diretamente ligadas à bicicleta, puxando a atividade. O que nos remete, por sua vez, à importância e necessidade de um bom planejamento coletivo de todas as atividades, com tempo hábil para tanto, nas reuniões de planejamento (10).

## **Diário de Campo XVIII**

**Data:** 22/05/2018

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes:** Murilo, Cuco, Dexter e Rogério

**Relator:** Murilo

**Participantes Presentes [31]:** Filipa, Isadora, Pastel, Luan, Ronaldo, Cleber, Izabella, Ágata, Alana, Betina, Minivamp, Marcos, Jonas, Augusto, Leonardo, Pikachu, Trevor, Tatagiba, Juliana, Paloma, Aparecida, Clarissa, Megablue, Baixinha, Samara, Luiza.

**Convidadas:** Rúbia, Olívia, Alícia e Super Mário

### **INFORMES**

- Flecha lembrou que precisamos conversa com funcionário da ADESM sobre transporte e coletes;
- Precisamos lavar os nossos coletes e arrumar o bebedouro;
- No período da tarde vieram Super Mário (ex-participante) e suas três amigas (Rúbia, Olívia e Alícia) para participar das atividades. Ao final, durante a construção coletiva do diário, os educadores responderam a perguntas delas para um trabalho de escola. O participante Minivamp também participou deste momento;

### **CHEGADA E RODA INICIAL**

Baixinha chegou com um papel na mão e Clarissa estava ao seu lado. Murilo foi conversar com ela e perguntou o que era aquele papel. Baixinha disse que era do tribunal. Murilo perguntou se estava tudo bem e ela disse que haviam roubado a casa de sua vizinha (Clarissa), e sua mãe viu um caminhão saindo de lá, mas não havia falado nada. Tempos depois, a mãe de \_\_\_ [omitido] e \_\_\_ [omitido]. acusaram sua mãe do roubo e quando foi "tirar satisfação" as duas brigaram. Segundo Baixinha, sua mãe "mesmo menor, acabou com a mulher". Então ela teve que dar depoimento e algumas pessoas também faziam o mesmo. Murilo perguntou se Clarissa e sua família estavam precisando de alguma coisa como roupa, calçado etc. Clarissa disse que não. Baixinha contou que deram um armário usado para Clarissa, que era bom, mas ao mesmo tempo, não era ela que tinha escolhido, bem como as coisas que roubaram. Murilo perguntou se queria que guardasse o papel, pois parecia importante. Baixinha entregou e Murilo colocou no armário (1).

Antes da roda começar, uma participante que não vinha há anos apareceu no Clube. Super Mário, uma jovem de 17 anos (?) chegou acompanhada de suas amigas e

colegas de sala Alícia, Rúbia e Olívia. Após se cumprimentarem, Super Mário contou para os educadores sobre um trabalho de inglês que precisavam fazer e perguntaram se podiam participar das atividades durante a tarde. Os educadores disseram que sim e elas os acompanharam até a roda de conversa de cadeiras.

Cuco e Dexter já haviam organizado a roda de cadeiras ao lado da lanchonete e quando as convidadas Super Mário, Alícia, Rúbia e Olívia chegaram no espaço ficaram de pé, fora da roda. Murilo insistiu para que se sentassem junto às/aos participantes e se sentassem.

**C.O. Cuco:** Desde que as amigas de Super Mário, convidadas, estavam na roda, Ronaldo as notou e ficou fazendo piadinhas para quem estava a seu lado e olhando de forma desrespeitosa para uma das meninas. Chamei a atenção dele duas vezes.

Murilo apresentou a Super Mário, Super Mário apresentou uma de suas amigas, esta apresentou outra amiga, e assim por diante. Alana apresentou sua irmã. As convidadas explicaram brevemente que estavam fazendo um trabalho de inglês sobre Direitos Humanos. Murilo perguntou o que eram os direitos humanos. Minivamp disse que era o direito de andar na rua. Conversamos sobre o direito de ir e vir. Minivamp disse que era o direito de se alimentar. Surgiu a dúvida de quem deve(ria) prover isso. Murilo propôs que conversássemos sobre isso na quinta-feira, assim poderiam pesquisar mais coisas **(2)**.

Ronaldo contou que iria ganhar um celular J7. Outros/as participantes cobraram Ronaldo que ficou de contar uma novidade na semana passada. Ronaldo ficou sem entender sobre o que que era. Não lembrou e chegaram a conclusão de que era relacionado ao celular. Outra novidade foi de Minivamp que disse que tinha "zerado" o jogo *God of War*. Murilo perguntou se era um jogo que tinha a ver com mitologia. Ele disse que sim. Dexter comentou que algumas edições eram sobre a mitologia nórdica e outros sobre a mitologia grega. Cuco perguntou o que era "Nórdico" e depois o que era "mitologia". Cuco propôs que Dexter procurasse o que era nórdico e Minivamp procurasse o que era mitologia **(3)**.

Direcionando para a brincadeira, Cuco disse que a brincadeira seria Sete Cacos e que Izabella a explicasse, já que ela que havia sugerido.

SETE CACOS

Ainda em roda, Izabella, que havia sugerido a brincadeira, foi indicada pelo educador Cuco a explicá-la para os/as colegas. Cuco comentou a forma como havia realizado uma vez em escola substituindo os tradicionais "cacos de tijolo" (como mencionado por Izabella) por apontadores e borrachas, e utilizando as demarcações da quadra. Izabella explicou que são duas equipes da brincadeira. Uma fica em fila para, um a um, tentar derrubar os sete "cacos" empilhados no centro do espaço. Quando isso ocorre, a mesma equipe tem que empilhar os sete cacos enquanto a outra equipe tenta "queimar" todos/as integrantes do outro time antes que montem a pilha novamente. Ganha um ponto a equipe que montar a pilha ou queimar todos/as da equipe contrária.

O educador Cuco, perguntou como poderiam dividir as equipes de forma rápida e justa, ou seja, com equipes equilibradas. Um participante sugeriu que fosse por "pareamento" na qual cada pessoa busca uma pessoa que tenha um nível próximo de habilidade para este jogo. Isso foi feito com mediação do educador Cuco que também entregou os coletes conforme as duplas foram sendo formadas. No caminho para a quadra viram que metade da quadra estava sendo utilizada por um funcionário que estava reparando as traves do futebol de campo. Cuco perguntou se poderiam utilizar a outra metade da quadra e ele disse não haveria problema. Após certa dispersão pela quadra, os educadores Cuco e Rogério chamaram todos/as para que se organizassem nas suas posições para iniciar o jogo. Megablue e Baixinha ficaram assistindo da arquibancada e Ronaldo assistiu da beirada da quadra fazendo comentários (imitando um comentarista de TV) sobre as jogadas .

Foram realizadas cerca de 5 rodadas. Durante o jogo Cuco retirou um ponto da equipe de Luan pois enquanto sua equipe montava a pilha de "cacos", Pedro que estava na fila, chutou a bola para dificultar a ação da outra equipe. O educador argumentou que isto desviou do objetivo de sua equipe. O participante e sua equipe aceitaram sem "discussão".

**C.O. Cuco:** Apesar da desconfiança e certa resistência dos/as participantes perante a brincadeira - como tem acontecido com brincadeiras desconhecidas por eles/as e sugeridas por uma só colega - após seu início, a atividade pareceu chamar e atrair a atenção de todas/os, que, também à despeito da fila necessária para sua realização,

acabaram participando até com crescente entusiasmo, até o final, diante do horário avançado, aproximadamente 15h30min.

Os/as participantes e educadores foram beber água e se encaminharam para próximo da sala de materiais, onde se dividiriam entre as atividades de musicalização ou bicicleta (4).

MUSICALIZAÇÃO (concomitante ao ciclismo)

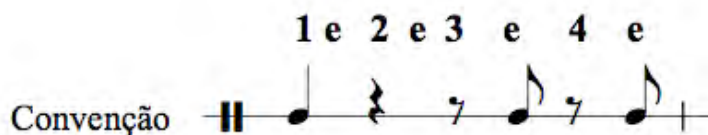
**Participantes [8+2+2]:** Iris, Baixinha, Paloma, Izabella, Marcos, Luiza, Megablue, Samara. Super Mário e Rúbia (visitantes). Dexter e Murilo (educadores).

Após os/as participantes e educadores pegarem os instrumentos na sala de materiais e levarem para a lanchonete, Murilo arrumou os equipamentos de áudio e vídeo. Dexter ajudou sugerindo de reposicionar a câmera. Enquanto isso os/as participantes tocaram o samba reggae. Baixinha comentou: "Mas Samara disse que não iria participar mais". Na caixa estavam Luiza, Izabella e Samara (ambas no mesmo instrumento), Rúbia (visitante), Baixinha e Dexter. No tamborim estava Marcos. No surdo estavam Iris e Super Mário (visitante). No timbal estava Megablue (5).

Iris se posicionou na frente de Super Mário e demonstrou como tocava a parte do surdo dizendo "Eu gosto de mexerica". Baixinha estava explicando para Rúbia (visitante) como era a convenção e como que voltava no ritmo. Megablue ficou treinando sua parte no timbal. Quando Murilo e Dexter foram pegar uma mesa para que Izabella apoiasse a caixa, Iris cutucou Murilo e o avisou: "Ela [Super Mário] aprendeu!" (6).

Murilo contou até quatro e fez um sinal de mão fechada para que parassem. Murilo comentou sobre mudar a disposição das pessoas no espaço: "É bom a gente esteja se olhando". Enquanto formavam uma roda, Paloma pediu para trocar de instrumento com Dexter (ir do surdo para a caixa) e fizeram a troca. Izabella que estava tocando caixa, mudou de lugar ficando perto de sua amiga (7).

Murilo avisou que começariam tocando mas queria relembrar duas convenções. "A primeira delas [mostrou o gesto unindo polegar ao dedo médio] vocês lembram? Então vamos ensinar para quem não sabe". Super Mário chamou sua amiga Rúbia e disse:



"isso aqui [gesto] é como se fosse o um, aí dá um tempo, três e quatro".

Murilo pediu que repetissem "Cá, vem pra" no ritmo. Depois de algumas vezes, propôs que ele apenas faria a contagem e eles/as iriam cantar esta parte. Fez seis vezes em andamentos diversos (muito rápido, muito lento, tempo medio). Por fim, fez a contagem para que tocassem tal convenção nos instrumentos (8).

Murilo explicou que a outra convenção era de quatro tempos de silêncio depois voltava no ritmo. Iris: "Ah, não sabia". Megablue: "Também não". Murilo: "É, é que a gente fazia e nunca explicou. Mas também nunca dava certo, então talvez seja por isso". Iris: "Então!". Murilo: "Vamos começar tocando, a Megablue vai fazer a chamada". Megablue: "Chamada? Peraí! Rúbia!" [simulando uma chamada para ver quem estava presente]. Riram. Murilo: "A gente chama aquele toque de chamada, pois vai chamar todo mundo". Megablue: "Preciso lembrar!". Megablue fez a chamada e começaram a tocar.

Murilo contou até quatro e pararam. Murilo comentou: "Está bem desencontrado. Vamos fazer de novo mais baixo". Iris: "Mas não é até quatro agora?", se referindo a convenção de quatro tempos de silêncio. Murilo: "Fechou fechou". Iris: "Então faz assim: fechou fechou [com as duas mãos] para fechar, e com uma mão: conta um, dois, três, quatro e volta". Murilo: "Se eu comecei a falar, aí já era, desencana".

Murilo treinou com as caixas algumas vezes. Pediu para que quando comessem a fazer o toque, dessem um passo para a direita, e fez demonstrando e dizendo "abriu, fechou, abriu, fechou". Fizeram algumas vezes apenas o passo, depois dizendo em voz alta: "vatapá legal", batendo palmas e por último tocando no instrumento. Na terceira vez, Iris parou de tocar. Ela disse: "Ow, a caixa tá se perdendo muito!". Murilo: "Surdo também. Tá todo mundo meio perdido. A gente vai se juntar" (9).

Murilo pediu para que deixassem o instrumento em um lugar seguro. Super Mário perguntou se Murilo estava fazendo doutorado em Música e este respondeu que era em Educação.

Megablue foi sentar e caiu no chão pois Iris havia retirado a cadeira. Megablue comentou: "O brincadeira de mal gosto, né? ". O educador Dexter comentou: "Não, mas foi sem querer, eu estava olhando para ela". Murilo: "Machucou, Megablue?".



Megablue começou a rir e não parava mais. Super Mário contou que um colega dela fazia isso de propósito e acabou machucando feio a outra pessoa (10).

As pessoas se organizaram em semicírculo em volta de um cartaz colocado ao chão. Murilo: "Turma, ó. Música tem vários jeitos de fazer, vários jeitos de aprender, vários jeitos de tocar. Uma vez que a Super Mário veio aqui ["Quem é Super Mário?"] perguntou Megablue] e o seu nome é? ["Rúbia", a mesma respondeu] a gente explicou que partitura é um jeito de tocar, aprender a ler, certo? E isso que a gente está fazendo de 'vatapá legal' que é ficar ouvindo e tentando repetir é outro jeito de aprender a tocar música e os dois são importantes. Já que a gente já tocou um pouco, queria explicar uma coisa nova. Até agora a gente tem feito mais ou menos isso, não tem, ó? 4 por 4. Aí tem uma nota, duas, três, quatro. Estas notas chamam semínima. Aí cai juntinho com os números que a gente conta. Então se são quatro que a gente tem que contar, contamos quatro notas, colocamos uma barra. 1, 2, 3, 4. Se a gente fosse tocar isso daqui, como seria Iris? Faz a contagem para começar e daí toca". Ela fez, dizendo "tá" para cada nota. Murilo: "Vamos fazer junto e eu vou fazer contando os tempos". Fizeram.

Murilo: "Isso que a gente está fazendo é tocar no tempo e o que eu quero ensinar para vocês hoje é o contra-tempo. Vocês já ouviram falar disso?" [uma pessoa disse que sim]. "Vocês podem tocar isso para mim?". Tocaram. "Agora de novo" [Murilo bateu palma no contratempo]. Murilo explicou que isso que fez era o contra-tempo. Repetiram algumas vezes.

"E agora, se eu apagar essa nota aqui?", disse Murilo. Dexter foi pegar os cartõezinhos que foram utilizados em outro encontro. "E se eu colocar pausa de semínima no tempo 2? Vamos tocar?". Iris precisou sair durante a musicalização para tomar um remédio. Murilo acrescentou um "E" entre os tempos, ficando: 1 e 2 e 3 e 4 e. Também colocou as colcheias que poderia ser falado "titi".

Murilo foi mudando o exercício a cada vez que faziam, colocando colcheias ou pausas de semínimas. [Ver 27"00 (MOV02431.AVI)] Então Murilo propôs que, ao invés das colcheias duplas, fizessem uma pausa no lugar da primeira colcheia, omitindo o primeiro "ti". Enquanto faziam o exercício, Murilo contou em voz alta os tempos e contratempos (1 e 2 e 3 e 4 e). Murilo comentou: "Vocês vão ver que esse segundo "ti"

vai cair junto com o "e". Super Mário quis tirar uma foto do exercício que estávamos fazendo (11).

O participante Ronaldo que estava no grupo da bicicleta deu alguns gritos dizendo: "Professor, minha perna abriu!". Marcos e o educador Dexter foram até ele. Dexter orientou Marcos a voltar para a musicalização enquanto ele acompanhava Ronaldo até a torneira. Murilo perguntou se tinha sido "feio". Dexter disse que fez um corte na coroa da bicicleta. Murilo comentou sobre apenas lavar com água e sabão (12).

Murilo: "Vamos levantar! Lembram que semana passada a gente falou de um tal de reggae? Hoje vamos fazer com a mesma música pra ver se a gente melhorou, ok?". Megablue comentou sobre a gravação em vídeo: "Murilo, depois você corta a parte do tombo, aqui tá?". Murilo colocou a música "*could you be love*" de Bob Marley na versão de Gilberto Gil, para tocar e perguntou se lembravam dela. Quando foi falar, abaixou o volume. Megablue que estava começando a dançar comentou: "Toda vez que eu danço ele tira a música". Murilo: "É que eu vou aumentar agora, ó". Luiza: "Agora vai ficar bom!". A música começou a tocar e Megablue começou a dançar sentada. Luiza incentivou a colega a dançar de pé: "Levanta... levanta!". Luiza e Samara ficaram rindo da Megablue dançando, que também parecia estar se divertindo.

Murilo sugeriu tocar oito tempos batendo palmas e depois prestarem atenção na guitarra. Desenhou no cartaz que estava no chão os tempos e contratempos (1 e 2 e 3 e 4) para que batessem palmas sempre no contratempo (indicado pela letra "e"). Repetiram algumas vezes e pararam para ouvir e imitar a guitarra por alguns momentos. Marcos estava fazendo certo (34"40 MOV 02431).

**C.O. Murilo:** Achei interessante como Marcos ficou observando e imitando o que as pessoas faziam de diferente. Ora o gesto da guitarra, ora o jeito que Megablue dançava, ora o que Samara e Luiza faziam.

Murilo pediu para que levantassem e batessem o pé no chão, marcando o tempo junto a música. Quando conseguiram, Murilo disse: "Aeeee". Brincaram/tocaram/tentaram/dançaram mais um pouco e Murilo disse para voltarem para os instrumentos (13).

Iris, que havia ido tomar remédio, voltou para a musicalização enquanto as pessoas se posicionavam em seus instrumentos e disse: "Murilo, deu tempo d'eu comer!".

Murilo avisou que ela havia perdido o contratempo. Iris disse que já sabia. Murilo disse que iria fazer a contagem para que ela tocasse. Quando começou, percebeu que não sabia e disse: "Então faz você, aí eu consigo fazer". Murilo demonstrou, pedindo ajuda para que ela tocasse nos tempos (1, 2, 3, 4). Então ficou treinando como fazer. Fizeram uma vez o contratempo no instrumento e Murilo anunciou que continuariam este estudo nas próximas semanas (14).

Megablue fez a chamada e todos/as começaram a tocar o samba reggae. Murilo pegou a caixa para tocar e se alternava entre a rítmica das caixas e tamborim, a rítmica do timbal e quando todos/as estavam tocando corretamente, improvisos. (MOV02432 2"24).

As pessoas do grupo da bicicleta foram chegando e com isso Murilo fez a contagem e pararam de tocar. Murilo pediu para que colocassem as baquetas na caixa de papelão e quem pudesse, que levasse o seu instrumento para a sala de materiais (15).

CICLISMO (concomitante à musicalização)

Chegando ao saguão em frente à sala do VADL, o educador Rogério, em posse de livro ao ciclista, aproveitou a disposição de cadeiras em roda no local para indicar que todos/as participantes se sentassem para que relembassem o que já haviam feito de mecânica da bicicleta e o que fariam em seguida. Os/as participantes foram indicando as partes da mecânica da bicicleta das quais haviam trabalhado nos encontros anteriores, como os pneus, os freios e as marchas, com confirmações e complementações do educador Rogério. Rogério apontou que não poderiam continuar com a mecânica por necessitarem de mais ferramentas para outros tipos de reparos e que passariam a falar sobre como andar de bicicleta de maneira segura, citando a realização dos passeios fora do clube que são realizados ocasionalmente no contexto do projeto VADL. Ronaldo confirmou que participou de um ou mais destes momentos, o qual ressaltou que só os/as mais velhos/as participavam. O educador Rogério apresentou o livro que os/as auxiliaria a pensar nas especificidades do andar de bicicleta, especialmente no trânsito. Tudo isso enquanto o educador Cuco organizava os capacetes e bicicletas para distribuir às crianças e adolescentes. Algumas pessoas precisariam revezar capacete e bicicleta já que não havia para todas.

Tatagiba, Trevor e Jonas, ficaram desenhando com giz de cera, como proposto e disposto em mesa pelo educador Cuco, enquanto aguardavam suas vezes de andar. Algum tempo depois, Ronaldo se juntou a tal mesa pois havia se acidentado (corte da perna na coroa da bicicleta) e estava com o educador Dexter, que o ajudou a lavar e fazer o curativo do ferimento. Tatagiba ficou mais nessa atividade artística do que andou de bicicleta, pedindo à Cuco ao final para mostrar sua arte na roda final.

Os educadores pediram para que guardassem as bicicletas, o que fora feito com certa rapidez, sendo encaminhados pelo educador Cuco para a lanchonete onde aconteceria a roda de conversa final.

**C.O. Cuco:** Novamente percebi o olhar desrespeitoso de Ronaldo à convidada, amiga de Super Mário, Alícia (16).

## **RODA FINAL**

Dexter perguntou à turma como havia sido o dia. Cleber e Jonas comentaram não ter gostado que Ronaldo se machucou. Minivamp disse que tinha guardado tal pergunta desde a roda inicial, quando fora orientado a deixá-la para a roda final. Perguntou se conheciam o ditado “mais fácil um camelo entra no buraco de uma agulha do que rico no paraíso” e perguntou se alguém conhecia. Não houve comentários, além do Dexter e Cuco.

Augusto disse que Douglas e Luan tinham corrido de bicicleta atrás dele batendo em sua traseira, enquanto andavam de bicicleta, e que Douglas ainda havia jogado o capacete nas costas de Augusto. Douglas alegou que Pikachu e Augusto estavam o provocando xingando sua mãe. Ficaram trocando comentários, um colocando a culpa um no outro. Cuco comentou que Augusto e Douglas tinham vindo apenas algumas vezes, e que talvez não soubessem como eram tratados tais atitudes no projeto. Cuco então falou sobre as brincadeiras com as bicicletas e outras brincadeiras perigosas que antes de chegar nisso deveriam conversar com quem tenha feito a ofensa e se continuar, deveriam conversar com os/as educadores/as, sempre prezando pelo diálogo. Cuco falou que Luan e Pikachu não haviam feito nada desse tipo quando eles não haviam vindo, e que por estarem lá há mais tempo poderiam conversar com os amigos novos ou menos frequentes para que saibam como participar melhor do projeto, respeitando a todos e todas.

C.O. Cuco: Durante o dia, Ronaldo e Paloma, Izabella e Alana ficaram trocando provocações aparentemente jocosas com tapinhas, apelidos e comentários. Isso fez com que os quatro se agitassem, principalmente Ronaldo que começou a fazer mais graças, como por exemplo pegar lanches escondido e falar que foram elas.

Durante as brincadeiras entre estas pessoas, Ronaldo mandou um beijo para a menina Alana que respondeu "Ai, que nojo, para!". Dexter disse para ele que sua atitude fora desrespeitosa e pediu para que não fizesse mais. Ronaldo então respondeu que tudo bem e pediu desculpa, de uma forma indiferente (C.O. Dexter) (17).

C.O. Cuco: Baixinha e Megablue ficaram o tempo todo no celular de Baixinha. Eu e Dexter chamamos a atenção para que participassem.

Iris contou que havia ocorrido um mal-entendido, que puxou cadeira para se sentar sem saber que era onde Megablue estava sentada, a qual caiu quando foi sentar-se novamente e Baixinha tomou suas dores, achando que era brincadeira de mau-gosto.

Tatagiba comentou que gostou da bicicleta e principalmente por ter desenhado enquanto esperava o revezamento, mostrando seu “rabisco” (como chamou seu desenho) à todas/os. Ronaldo interagiu, dizendo que estava mais bonito do que o que ele faz (18).

Uma das convidadas, a mais velha, de 18 anos, perguntou se todas/os gostavam do projeto, da roda, “desses debates”, se achavam que era “proveitoso”, importante. Maioria dos/as participantes concordou com a cabeça e expressões afirmativas vagas, Megablue falou um pouco mais, dizendo que gostava muito, que falavam sobre muitos temas que não são tão falados em outros espaços e que ali podiam falar mais (19).

Durante a distribuição do lanche Ronaldo, Jaiane, Paloma e Samara causaram confusão ao um/a pegar lanche para o outro/a e para o bebê, irmão de Paloma, que ali também estava, trocando acusações entre eles/as de que haviam pegado lanche a mais que os/as demais. Os educadores disseram que eles/as precisavam ser honestos e justos com eles/as e com os/as demais perante o lanche, que se sobrassem deveriam pensar em como fazer uma distribuição justa dela (20).

Cuco retomou a questão da lista de brincadeiras e atividades, dizendo que era importante que todos/as escolhessem juntos. Ressaltou que Baixinha e Megablue poderiam trazer muitas coisas diferentes. Cuco lembrou com os/as participantes a lista de atividades sugeridas na terça anterior, perguntando se queriam seguir a ordem em que

estavam escritas, o que fora acatado. Mas o educador salientou, ainda, a necessidade de se pensar e discutir melhor tais atividades em outros momentos, posto que são de integração justamente para que todas/os participem e interajam, e, para tanto, deveriam ser acordadas realmente por todas/os. Os argumentos contra deveriam ser colocados em grupo para que algo fosse feito, como por exemplo mudar de atividade ou alterar regras que resolvessem a questão colocada (21).

Ao final, Murilo conversou com Iris dizendo que quando precisasse tomar remédio, que trouxesse para o projeto, pois mesmo que fosse vizinha do Clube não deveria sair durante o projeto (22).

#### PARTICIPAÇÃO/ENTREVISTA CONVIDADAS (AMIGAS DE SUPER MÁRIO, EX-PARTICIPANTE)

Durante a construção do diário de campo, Super Mário, Aícia, Rúbia e Olívia conversaram junto aos educadores Murilo, Cuco e Dexter e o participante Minivamp (inicialmente) sobre o projeto.

**C.O. Cuco:** A fala de Super Mário sobre a importância do projeto em sua vida e na vida de outrem foi bem interessante e gratificante, destacando-se dois pontos: de que ela não falava muito e guardava muitas coisas, tendo podido e aprendido a falar e participar no projeto, salientando o *Fútbol Callejero* nesse ínterim, em que se coloca a questão de gênero, e que isso foi muito importante para ela depois; e de que ela não tinha muita paciência para ouvir outrem, principalmente as crianças menores, como Tatagiba hoje, mas que agora vê como é importante, por experiência própria, e como deve ser importante para ela, Tatagiba, e diferente do que se tem em outros espaços. Sendo que tais aspectos remetem diretamente às rodas de conversa (23). Além disso, a fala de amiga de Super Mário também foi nesse sentido, de que isso de falar como foi o dia, das novidades, não se tem em outros espaços, muitas vezes nem mesmo na família, coadunada pelas amigas. Representando, então, um reconhecimento e identificação de processos educativos do/no VADL, tanto de tempos passados como nos tempos atuais, mantendo-se e transmitindo-se a mesma impressão perante tais objetivos, referentes, no caso, à autonomia, participação, empoderamento e diálogo (24).

## **Diário de Campo XIX**

**Data:** 24/05/2018

**Horário:** 14h – 17h (tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes:** Maria, Murilo, Flecha e Cuco

**Relator:** Murilo e Maria

**Participantes Presentes [28]:** Pastel, Trevor, Paloma, Izabella, Alana, Luiza, Samara, Jeferson, Aparecida, Megablue, Baixinha, Helena, Diogo, Leonardo, Michel, Isadora, Filipa, Dandara, Minivamp, Assis, Ronaldo, Cleber, Cristiano Ronaldo, Jonas, Marcos, Pedro, Iris, Pietro

### **INFORMES:**

- Cuco precisou sair mais cedo pois não estava se sentido bem.

### **CHEGADA E RODA INICIAL**

A van chegou ao clube por volta das 14h20min. Os educadores/a já haviam chegado e arrumado as cadeiras no espaço ao lado da lanchonete. A educadora Maria conduziu a roda inicial perguntando se alguém tinha novidades para contar. Pastel contou que teve prova de educação física e que sabia que tinha ido bem. Ele também comentou que os colegas de turma estavam chamando-o de Neymar devido ao seu novo corte de cabelo. Jonas disse que o irmão achou uma lente de aumento na cada da mãe no meio da arrumação da mudança e que ele estava impressionado. Ele estava com a lente e mostrou aos/às demais. Vendo que era um pedaço de vidro, a educadora Maria pediu para guardar até o fim das atividades. Megablue comentou que no dia seguinte haveria uma apresentação da orquestra na UFSCar e que ela iria tocar com a escola. Convidou os/as participantes para ir, avisando que a atividade seria gratuita. Iris falou da apresentação dela de música que ocorrerá no dia 10/06. Jonas disse que tem aula de música na escola e que aprendeu a tocar um instrumento novo, que não sabia o nome. Alguns participantes citaram nomes de instrumentos, mas ninguém acertou. Jonas fez uma mímica e Murilo comentou que parecia um “xilofone”. Jonas concordou, era mesmo um xilofone (1).

Pastel contou uma piada: “o que a chave disse para a fechadura? Vamos dar uma voltinha?”. A educadora Maria perguntou se os/as participantes sabiam o que estava ocorrendo com a gasolina. Pastel disse que os caminhoneiros estavam em greve e que estava faltando combustíveis na cidade. Maria comentou sobre o empreendimento de

bicicleta e a importância dele para além da crise. Aparecida disse que a viu falando sobre isso na televisão.

Ronaldo comentou que o Assis e o Oscar "tomaram enquadro" da polícia no bairro e Oscar apanhou deles. Depois descreveu um assalto no posto de combustível em que os ladrões levaram até "os salgadinhos" (2).

### **BRINCADEIRA DE INTEGRAÇÃO: CANIBAL**

Ainda em roda, Minivamp quis explicar a brincadeira aos demais. Foi ele quem a sugeriu no dia da escolha. Ele explicou que as pessoas são divididas em dois grupos e há dois canibais. O objetivo dos grupos é achar as tintas escondidas pelo clube e pintar o braço sem ser pego pelo Canibal. Caso o Canibal pegue uma pessoa do grupo, ele irá apagar (ou pintar de preto) uma tinta dos braços fazendo com que todo o grupo tenha que voltar ao local onde estava aquela tinta específica. Ganha o grupo que pintar todas as tintas primeiro. Juntos fizeram combinados: dos locais que não fariam parte da brincadeira, como banheiros, piscinas desativadas, lanchonete e campo de futebol; o Canibal pegaria as pessoas que não estivessem junto ao grupo; e não poderia pegar ninguém se estivessem abaixados, agrupados, olhando para baixo.

Quando o educador Murilo foi pegar o material do Canibal, a Samara foi até ele e contou que Luiza havia falado mal dela para Beatriz e Jayanne. Contou também alguns conflitos que acontecem entre as meninas que moram no mesmo bairro. Murilo propôs que chamassem a Luiza para uma conversa enquanto organizavam a brincadeira. Depois que os times foram divididos, Murilo conversou sobre o conflito com a Luiza e a Samara (3).

O educador Flecha e a educadora Maria participaram do time de colete verde. Cuco e Murilo foram os canibais.

**C.O. Maria:** Enquanto o time verde estabeleceu uma estratégia de jogo (achar primeiro todas as tintas, para depois pintar o braço; andar de mãos dadas), o time laranja corria desagrupado pelo clube, sendo constantemente pego pelo Canibal. Algumas crianças só corriam, sem procurar as tintas. O time verde completou o objetivo do jogo.



C. O. Murilo: Megablue e Baixinha estavam bastante incomodadas com as atitudes de Ronaldo desde a van. Após o jogo, disseram para mim em particular que iriam parar de vir ao projeto, caso ele continuasse a importuna-las.

C. O. Maria: não sei porque o Flecha e eu ficamos no mesmo time, ocorreu sem querer. O time laranja ficou muito perdido, eles pareciam se divertir, mas estavam em um jogo paralelo.

A brincadeira Canibal terminou um pouco mais tarde do que o comum. Após tomarem água, os/as participantes e educadores/as se reuniram na roda de cadeiras ao lado da lanchonete onde foi realizada a divisão do grupo entre quem iria para atividade de bicicleta e de musicalização. A atividade de bicicleta foi realizada ao lado da Sala de Materiais e as pessoas da musicalização permaneceram na roda. Uma funcionária do Clube perguntou se poderiam lavar a lanchonete pois o espaço seria utilizado no dia seguinte (4).

Izabella e Paloma perguntaram para Murilo se elas poderiam ir para a atividade de bicicleta ao invés da música. Murilo perguntou se era só para experimentar ou para ir toda semana. Elas se entreolharam. Murilo comentou que em qualquer um dos casos, deveria ser conversado com o grupo no momento da musicalização (5).

### **BICICLETA (concomitante à musicalização)**

A educadora Maria pediu aos/às participantes da bicicleta que a acompanhassem. Todos/as sentaram em roda na grama ao lado da garagem do VADL. Na terça-feira o educador Rogério trabalhou com os/as participantes as regras de trânsito, a partir de um Guia do Ciclista há na biblioteca do projeto. Combinaram de ler juntos mais dois capítulos do livro e conversar um pouco. Cada participante leu um pouquinho do capítulo quatro que informava sobre os equipamentos de segurança essenciais para andar de bicicleta. O capítulo cinco trazia as placas de trânsito mais corriqueiras e a educadora foi mostrando e perguntando o significado aos/às participantes. Eles/as sabiam todas. Passados cerca de 25 minutos lendo, combinaram de pedalar pelo clube. Os/as participantes levantaram e retiraram as bicicletas já destravadas pelo educador Cuco. Próximo às 16h15min, a educadora Maria chamou todos e todas para guardar as bicicletas e ir para a roda final.

C. O. Maria: achei que eles/as pareciam interessados com o assunto do livro. Durante o planejamento havia considerado que parar para ler seria chato para a criançada, mas percebi que não. Fiquei feliz em percebe-los/as interessados/as.

C. O. Maria: Ronaldo ficou derrapando a bicicleta, andando na contramão e assustando os/as participantes menores. Percebi que muito ficaram irritados com a atitude pouco respeitosa e solidária dele. Chamei-o para conversar, mas ele me ignorou, parecia agitado. Não houve nada grave, só o estresse mesmo (6)

### **MUSICALIZAÇÃO (concomitante ao ciclismo)**

**Participantes [+2]:** Jeferson, Baixinha, Paloma, Izabella, Marcos, Luiza, Megablue, Samara, Flecha e Murilo

Os educadores e os/as participantes buscaram os instrumentos na sala do projeto e depois voltaram para a roda de cadeiras ao lado da lanchonete para tocarem.

Baixinha logo iniciou perguntando como iria ficar a questão da Samara que queria participar da música, pois ficar entrando e saindo da atividade atrapalhava as outras pessoas. Baixinha disse: "Se for assim, eu vou pra bicicleta e já era!". Murilo disse que seria importante conversar sobre isso, pois também tínhamos outros casos de pessoas que queriam mudar de atividades (7).

Flecha, Samara, Luiza e Baixinha pegaram a caixa; Marcos, o tamborim; Jeferson e Iris pegaram o surdo e Megablue ficou no timbal. As pessoas se ajeitaram com seus instrumentos em círculo e Flecha conduziu o grupo com a ajuda de Megablue que fez as chamadas. Murilo ficou andando, indo ao lado de cada pessoa para ajudar ou dançar como uma forma de incentivá-las a também dançar para pegar melhor o ritmo.

Quando Flecha começou a dar as indicações de intensidade (mais forte, mais fraco), Baixinha estava distraída, olhando para cima. Luiza a cutucou e apontou para o educador Flecha. Além da dinâmica ele indicou também algumas convenções com gestos (Ver MOV 02433 3"40) e com um toque de caixa. Neste último, os/as participantes não perceberam o que era para fazer e continuaram tocando.

Murilo comentou que para apresentação fica muito mais bonito se conseguirem dançar. Megablue: "Mas Murilo, eu perco o ritmo!". Murilo: "Então concentra aqui [no

toque] e vai tentando. Se não conseguir, para, ajeita o toque e quando ver que está legal, tenta de novo". Murilo sugeriu de tentar tocar andando um pouco e foi ajudar quem precisava ajeitar o instrumento (8). Enquanto isso, Iris ficou criando outro ritmo (interpretação minha) e Megablue a acompanhou. Depois Megablue interagiram, tocando a virada de caixa. (8:33)



Enquanto tocavam, Paloma e Izabella ficaram ao lado da roda olhando. Murilo perguntou: "O que vocês decidiram?". Izabella e Paloma: "Bike". Murilo: "Hoje ou sempre? A apresentação será no dia 10". Paloma disse que sempre. Murilo: "Que pena, vai fazer falta aqui com a gente, mas tá bom" (9).

Flecha: "Vamos então tentar parar com esse negócio [toque de caixa]?". Murilo: "Acho que não vai dar tempo". Antes de começar, Iris comentou: "Gente, vamos dançar, ó [enquanto dançava]". Megablue fez a chamada e as pessoas tocaram e dançaram (buscaram dançar mais). Murilo filmou um pouco de seu celular enquanto tocava a caixa. Flecha conduziu com gestos sugerindo convenções ou alterações na intensidade (forte e fraco). Flecha fez a convenção "parada" com a caixa mas apenas um ou dois corresponderam.

Flecha propôs de continuar do "vatapá" para ver esta virada. Samara pediu para esperar para que ela deixasse o instrumento na cadeira. Murilo disse que iria propôs de ir tocando até a sala de materiais. Luiza comemorou a proposta erguendo as mãos e gritando "êeee". Megablue perguntou como faria, pois estava tocando timbal (sem talabarte). Murilo disse para fazer só a mão direita, e demonstrou no instrumento dela como ficaria. Iris estava com o surdo de chão e Murilo foi carregando enquanto Iris tocava.

**C.O. Murilo:** Agora vendo os vídeos penso que tomei a frente de Flecha que propôs por duas vezes fazer a convenção "parada". Com a ideia de se apresentar chegando, acabei ficando ansioso com isso.

Ao final, Murilo propôs que levassem os instrumentos tocando e foram até a metade do caminho, tocando samba reggae. Na metade do caminho fizeram uma convenção e pararam de tocar. Iris pediu: "Começa de novo!". Tocaram mais um pouco do começo, pela chamada feita por Megablue. Após a conversa ficou decidido que elas mudariam de atividade (10).

### **Conversa sobre Ronaldo**

Baixinha e Megablue foram conversar com Murilo que estavam extremamente insatisfeitas com o participante Ronaldo. Megablue disse que estava ia "arrebentar a cara dele", pois ficava a chamando de cabelo duro.

**C.O. Murilo:** Ambas estavam bastante incomodadas, falando com a voz trêmula.

Baixinha disse que não aguentava mais e que se continuasse assim, ela sairia do projeto. Murilo disse era importante a presença delas para que ajudassem a transformar tais atitudes de Ronaldo. Megablue disse que ia acabar batendo nele. Murilo sugeriu que chamassem para uma conversa, ele, elas e Murilo. Megablue disse que não conseguiria, e iria "arrebentar ele". Murilo disse que seria necessário tentar, mas que se isso acontecesse [agressão física], não faria sentido. Seria necessário se preparar, para ouvir o pior, e não ligar para isso, escutar com extrema paciência, para que ele pudesse nos ouvir (11).

### **RODA FINAL**

Restou pouco tempo para a roda de conversa final pois a musicalização excedeu o tempo planejado. Os/as participantes da bicicleta chegaram na roda e ficaram aguardando os/as participantes da musicalização que só chegaram às 16h45min. Os/as educadores/as perguntaram quem queria comentar algo e Aparecida ergueu a mão. Ela elogiou os/as participantes da música, disse que ficou dançando em cima da bicicleta enquanto pedalava. Iris falou que foi legal tocar e andar com o instrumento (12).

Samara e Luiza pediram para fazer uma mímica, conforme combinado na semana anterior. Elas descreveram o filme Rapunzel da Disney e os/as demais acertaram rápido. Ronaldo levantou a mão e lembrou que iríamos contar histórias e piadas na roda final, contudo, não havia mais tempo para isso, pois a van já estava estacionada no clube. A educadora Maria distribuiu rapidamente o lanche e Ronaldo comentou que não poderia

pegar hoje, pois foi proibido por um educador na terça (não disse o nome). Aguardamos até que os/as demais saíssem para a van e conversamos com ele. Ronaldo contou que roubou o lanche da Aparecida na terça e que Cuco falou que por causa disso ele ficaria sem na quinta. Murilo e Maria deram o lanche para Ronaldo e pediram para que ele não fizesse mais isso. Ele pegou o lanche, agradeceu e foi para a van.

**C. O. Maria:** o participante Ronaldo é muito pobre. Certa vez, enquanto estávamos esperando a van no bairro Gonzaga, ele me pediu dinheiro para comprar um pacote de bolacha, pois não havia almoçado e estava com muita fome. Não acho correto deixar um participante, qualquer que seja, sem comida. O diálogo serve para isso, para que atitudes extremas, como essa, não sejam tomadas. No momento do ocorrido, Cuco já havia ido embora, porque não estava bem de saúde. Murilo e eu decidimos dar o lanche, pois, por questões éticas, não conseguiríamos deixá-lo sem comer (13).

## **Diário de Campo XX**

**Data:** 05/06/2018 (Terça-feira)

**Horário:** 14h – 17h (Tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes [5]:** Cuco, Murilo, Flecha, Rogério e Dexter

**Relator:** Murilo e Cuco

**Participantes Presentes [31]:** Iris, Pietro, Minivamp, Baixinha, Georgy, Tatagiba, Aparecida, Paloma, Pedro, Cristiano Ronaldo Pereira de Souza, Jonas, Leonardo, Luiza, Trevor, Pastel, Jeferson, Isadora, Filipa, Alana, Ágata, Izabella, Ronaldo, Dandara, Pikachu (25), Megablue, Camila, Reinaldo, Diogo, Silvio, Assis, Douglas.

### **INFORMES**

- Flecha trocou a manhã pela tarde, tendo avisado no dia anterior, combinando e passando sua função de mediador do *Fútbol Callejero* à Rogério.
- Dexter sairia mais cedo em virtude de acompanhamento de aula de natação, demanda de disciplina de sua faculdade.
- Murilo avisou que se ocuparia durante o dia de atividades relativas ao seu Doutorado, fazendo entrevistas durante as outras atividades.

### **CHEGADA**

O dia amanheceu ensolarado e após o almoço ficou bastante nublado. A van chegou por volta das 14:14h. Os/as participantes estavam dispersos pelo clube, entre a quadra e o parquinho, os educadores, então, começaram a chamá-los para a roda inicial.

### **RODA INICIAL (14h18min, aproximadamente)**

Com todos/as sentados/as na roda, o educador Cuco iniciou a conversa perguntando se alguém sabia "do que é dia hoje?". Uns disseram dia de *Fútbol Callejero*, que seria a atividade de integração do dia; outros Dia do Índio, que já havia sido tempos atrás (1). O educador disse que se tratava do Dia Mundial do Meio Ambiente, aproveitando para perguntar o que seria Meio Ambiente e por que havia "um dia dele". As/os participantes foram falando que se tratava da Natureza, das árvores e dos animais. Iris disse que era muito importante porque vivíamos nele e Megablue disse que tinha muito desmatamento. O educador Cuco acrescentou sobre como no clube tínhamos um ambiente diferente de outros lugares da cidade e aproveitou novamente para perguntar ao educador Rogério, destacando que este era biólogo, se ele queria contribuir com algo mais. Rogério fez alguns comentários sobre como somos parte do meio ambiente. O

educador Cuco finalizou perguntando se alguém sabia a origem do Dia Mundial do Meio Ambiente e como ninguém sabia, contou que se tratava da data em que ocorrera a primeira Conferência Mundial do Meio Ambiente, em 1972, em Estocolmo, na Suécia, perguntando, por conseguinte, se alguém sabia o que também tinha acontecido nesse mesmo lugar de importante para o Brasil, como também ninguém respondeu, o educador foi dando dicas, perguntando qual evento importante começaria no mês e muitos responderam Copa do Mundo. O educador contou que em 1958, na Suécia, o Brasil tinha ganhado a primeira Copa do Mundo das 5 que ganhou, na estreia de Pelé em Copas (2).

Feito isso, o educador Cuco pediu para que quem tivesse novidades levantasse a mão para falar. Aparecida contou sobre uma atitude de Ronaldo na entrada do clube, que havia jogado um palito de pirulito nela e dado um tapa em suas costas. Ronaldo disse entre risos que não havia feito isso não. Os educadores repreenderam-no, dizendo que ele havia melhorado mas que tais atitudes faziam-no voltar ao começo, alertando para que não fizesse mais esse tipo de coisa (3).

Tatagiba disse que tinha tido a primeira prova que amou, de português, que tinha que escrever a música “capelinha de melão” e se podia cantar, o educador Cuco assentiu e chamou atenção de todos para a cantoria, ela começou, então, a cantar, primeiro baixinho, depois foi aumentando a voz, quando terminou o educador Cuco puxou palmas à participante, elogiando-a e perguntando se alguém também conhecia a música. Algumas colegas como Megablue e Isadora, cantaram de novo.

Georgy relatou que no parquinho, antes do início do projeto, havia ocorrido um acidente com o balanço que bateu em um dos participantes, mas "não queria citar nomes". O educador Cuco relembrou-os da necessidade de cuidado no uso do parquinho, principalmente quando estivessem em mais pessoas.

Cristiano Ronaldo contou que seu bisavô havia falecido, Cuco transmitiu seus sentimentos e perguntou quantos anos ele tinha, o garoto respondeu que seu bisavô tinha 98 anos, Pastel, ao lado de Cuco, comentou que sua bisavó também tinha 98 anos e ainda estava viva.

Megablue contou que tinha tido prova da OBMEP, Cuco perguntou se era a Olimpíada Brasileira de Matemática e Português, e a participante confirmou, junto à Camila e Baixinha, que também tinham realizado a prova. Megablue acrescentou que

tinham várias fases e que os melhores iam passando de nível, realizando provas e desafios cada vez mais difíceis, competindo com participantes de outras escolas do país. Sua escola já tinha 3 medalhas, 2 de prata e 1 de bronze.

Ronaldo disse que ia se mudar para o Santa Felícia, que sua tia tinha arranjado um emprego e ele moraria com ela. Paloma e Izabella fizeram comentários, com surpresa, dizendo, aparentemente brincando, rindo, para que ele não as chamasse em suas casas e ele disse que moraria algumas ruas para cima.

O educador Cuco comentou que a respeito de um novo participante que parecia ser colega de sala de Minivamp e Reinaldo, convidando-os para que apresentassem o amigo. Reinaldo não quis e Minivamp disse o nome e a idade de Silvio, dizendo, primeiramente, que ele tinha 13 anos, mas depois corrigiu para 12.

O educador Dexter avisou que teria que sair mais cedo para acompanhar a aula de natação em uma academia, requisito de disciplina de seu curso na faculdade.

Filipa perguntou se podia falar uma frase que havia aprendido com sua amiga, o educador Cuco assentiu, e ela disse “pisei na pedrinha, a pedrinha rolou, pisquei pro mocinho e ele gostou, falei para mamãe e ela nem ligou, falei pro papai e o chinelo cantou”. Isadora tentou repetir a frase sem muito sucesso. Megablue, que já estava tentando repeti-la baixinho, disse que conseguiu e falou em voz alta.

Em seguida, educador Murilo explicou que realizaria mais algumas entrevistas durante o dia em virtude de sua pesquisa de doutorado que estava realizando no projeto, como já havia comentado com todas/os, e que teria seu fim na apresentação e café da manhã no domingo com o pessoal da música. Por este motivo não iria participar da atividade de integração e iria chamar algumas pessoas neste momento também.

**C.O. Cuco:** Ronaldo estava agitado em virtude de ocorrido em seu bairro, reclamava e ameaçava Assis, que teria participado de atos de vandalismo na “quadrinha” da Estação Comunitária (4).

### **FÚTBOL CALLEJERO (sugestão de Iris e alguns meninos)**

**(Início às 14:40h, aproximadamente)** Ainda na roda, o educador Cuco perguntou aos/às participantes quem nunca havia jogado o *Fútbol Callejero* e oito



peças levantaram a mão. Perguntou, então, quem poderia explicar como era esse futebol e Tatagiba se prontificou. Ronaldo reclamou que sempre ela que explicava e os educadores disseram que só ela havia manifestado o interesse em explicar. Tatagiba começou a falar e Ronaldo reclamou novamente, interrompendo-a, alguns/mas participantes riram da nova interrupção. Quando Tatagiba recomeçou, Ronaldo interrompeu-a mais uma vez, gerando mais risadas. Apesar dos olhares de reprovação e reclamação dos/as educadores e demais participantes, principalmente de Megablue, Baixinha e Diogo, Ronaldo repetiu tal atitude mais algumas vezes, até que o educador Cuco levantou e se dirigiu à frente dele e pediu para que ele saísse da roda, Ronaldo, então, abaixou a cabeça, falando que não faria mais, pedindo desculpa, o educador perguntou o que fariam se ele repetisse e o participante respondeu que então sairia por conta própria. O educador, então sentou-se em seu lugar novamente e pediu para que Tatagiba continuasse. A mesma se levantou e introduziu o *Fútbol Callejero* dizendo que era um "igual o outro futebol mas diferente", como o Futebol de Rua, mas em outra língua, e sentou-se. Minivamp levantou a mão e foi chamado a completar, explicou, que era composto de 3 tempos: de regras, jogo e discussão dos resultados, e que haviam 3 pilares: Respeito, Solidariedade e algum amigo lembrou-o da Cooperação (5).

Feito isso, o educador Cuco perguntou se alguém tinha alguma dúvida. com a negativa o mesmo pediu para que os/as participantes que optavam por não fazer a atividade acompanhassem Rogério fora da roda, porém, Ronaldo foi para lá primeiro e muitos foram se juntando ao grupo que não participaria, o educador Cuco, então, chamou a todos/as para a roda novamente, explicando que não haviam entendido o que fora dito em rodas anteriores à respeito da atividade de integração, que demandava a participação de todos/as, perante o objetivo de integrá-los/as, e que, para tal, era acordada antes com a participação destes/as, que poderiam escolher outra ou criar/alterar regras, como inclusive o *Fútbol Callejero* já pressupõe. Alguns/mas alegaram que não tinha vindo ao encontro anterior. O educador Cuco comentou que estes/as eram poucos, mas que isso demonstrava como era importante a participação e frequência no projeto e, quando não possível, era necessário respeitar e apoiar o acordo realizado pelos/as demais que haviam vindo. Já quem tinha vindo, se não quisesse participar, deveria expressar-se, justificando-

se, na roda em que escolheram e definiram a atividade do encontro posterior, por isso que era importante ouvir e falar, logo, participar das rodas de conversa (6).

Perguntou, em seguida, como poderiam dividir os times, Ronaldo havia dito que queria tirar time, que poderiam ser 3, por ter muitas pessoas, o educador Cuco disse que assim poderia não ficar equilibrado, então, o educador Flecha sugeriu que a escolha fosse feita seguindo critérios, assim como fora feito em outras vezes na escolha por pareamento onde as pessoas escolhiam alguém com tamanho, força e familiaridade com a prática parecidas e cada um iria para um time. O educador Cuco perguntou, então, se poderiam ser 3 mulheres a tirarem time e os meninos reclamaram, principalmente Ronaldo. O educador Cuco perguntou qual o problema e disseram que não era justo, o educador argumentou que em outros espaços geralmente elas não tem tal oportunidade, Aparecida disse que era machismo por parte dos meninos e estes disseram, portanto, se não poderia ser um menino e duas meninas, o que foi, por fim, aceito. O educador Cuco, por conseguinte, pediu para que os meninos que quisessem tirar time tirassem “dedos” (maneira aleatória de escolher pessoas, similar ao "cinco ou zerinho") para selecionar uma pessoa e as meninas fizessem o mesmo para selecionar duas pessoas. A princípio pareceram não entender, e depois Iris disse “ah, é 5 ou zerinho”. Isadora, Iris e Diogo tiraram os times e foram escolhendo os/as participantes. Isadora hesitava e demorava mais, enquanto Ronaldo intervia em todas as escolhas de Diogo, que o escolhera primeiro. Por fim, tiraram “dois ou um” para ver os dois times que jogariam primeiro e foram o time das duas meninas que escolheram, Ashley Yara e Iris, o time de Diogo esperaria na arquibancada. Os times ficaram da seguinte maneira: Colete laranja - Iris, Jeferson, Izabella, Silvio, Paloma, Megablue, Jonas e Luiza. Colete verde - Isadora, Douglas, Dandara, Georgy, Pedro, Alana e Filipa. Sem colete - Diogo, Leonardo, Ronaldo, Tatagiba, Izabella, Pastel e Trevor (7).

Durante a escolha dos times, o educador Cuco perguntou se o educador Flecha, que ministra o *Fútbol Callejero* como atividade fixa de manhã no projeto, gostaria de mediar a atividade, com o aceite deste, ainda em roda, Flecha disse, então, que passariam à escolha das regras, como parte do 1º tempo, já perguntando quem gostaria de sugerir uma regra. Tatagiba começou falando sobre rasteira, o que, por fim, ficou entendido como chute forte, que não valeria. Houveram controvérsias, Flecha perguntou quem

concordava e por ser a maioria perguntou se os/as demais conseguiriam jogar sem valer chute forte, o que fora acordado com certa resistência. Filipa sugeriu o “parar, parou”, Ronaldo achou que era o “stop” em que todos/as param e um/a continua com a bola, mas o educador Flecha perguntou para Filipa se era sobre faltas e ela disse que sim. Flecha esclareceu que era para quando fosse falta, a pessoa que a sofreu pedisse para parar e todos/as parariam, todos/as concordaram. Pastel e/ou Trevor sugeriram que trave, travessão e forquilha valessem 1, 2 e 3 pontos respectivamente, alguns/mas perguntaram o que era forquilha, o educador Flecha demonstrou com as mãos a junção das traves, que a quina era chamada de forquilha, todos/as concordaram. Por fim, o educador Flecha falou que faltava apenas decidir quanto valeriam os pontos dos pilares (respeito, solidariedade e cooperação) e os gols, sugerindo que os pilares valessem 3 cada um e que 5 gols valessem 1 ponto, todos/as também concordaram. Foram, então, para a quadra.

Na quadra, o educador Cuco entrou no time de Isadora e o educador Rogério no time de Iris, enquanto o educador Dexter ficaria no time de Dexter, que esperava na arquibancada, seriam 3 jogos de 5 minutos no 2º tempo, para que todos os times jogassem entre si (8).

Murilo estava realizando as atividades referentes ao seu doutorado e parou para conversar com Baixinha e Megablue que, junto a Camila, não quiseram jogar *fútbol callejero*. Baixinha disse que não entendeu porque Cuco "queria porque queria" que elas participassem da atividade de integração se elas não gostavam delas. Murilo disse que é porque na roda final, todos/as escolhem juntos essa atividade de integração. As duas imediatamente disseram que não escolhem. Murilo perguntou porque e elas responderam que elas não falam nada. Murilo disse: "Essa é questão. Se vocês participam da roda final, não falar também é uma forma de escolher. Mas as pessoas escolhem por vocês. Então vocês deveriam aproveitar desse momento para dizer o que querem e o que não querem. Pensem em atividades que vocês fariam". Elas disseram que queriam volei, mas quando pediram, Cuco disse que não poderia ser feito e fizeram volençol no lugar. Murilo disse que em um período da manhã fizeram volei e peteca e foi muito legal, que elas poderiam pedir sim. Megablue também disse do jogo Suruba, um jogo que lembra mãe da rua, bastante animada. Murilo disse para que participassem ativamente na roda final,

dando várias sugestões e lembrassem da lista que foi feita há algumas semanas e sugerir de incluir tais atividades (9).

Baixinha e Megablue reclamaram da postura de Camila, contando que esta foi até o banheiro e um dos meninos do futebol estavam se trocando fora do vestiário, só de cueca. Camila fez comentários sobre e para o menino que se mostrou constrangido. Baixinha disse que era um absurdo pois ela era crente e a mãe dela não gostava que ela ficasse "dando em cima" dos meninos mas ela "vem no projeto e fica fazendo isso". Murilo disse que seria importante conversar sobre isso na roda final, pois apesar de não haver problema nenhum em namorar, era preciso tomar alguns cuidados já que estávamos no projeto. Um deles é que quando duas pessoas que namoram participam da mesma atividade, pode acontecer de não saberem lidar com o namoro em público e ficarem de briga durante as atividades. Baixinha perguntou se Murilo lembrava de \_\_\_\_ [omitido]. Murilo disse que sim. Ela continuou dizendo que era seu namorado mas que participavam de todas as brincadeiras (10).

Feitos os jogos, sem a participação de Baixinha, Megablue e Camila, foi realizado o 3º tempo com os três times juntos, em roda no centro da quadra. O educador Flecha iniciou tal tempo enumerando o que tinha marcado de pontuação relativa às regras, chutes fortes, gols e traves. Dexter disse que havia chutado forte uma vez sem querer, alguns apontaram outro chute forte de Ronaldo, mas este disse que havia chutado para cima para não acertar nos outros e não tinha sido muito forte, o que foi apoiado por outras pessoas. Enfim, só perderam pontos pelo chute forte de Dexter; nenhum time fez 5 gols ou mais, portanto, sem pontos por gols; e o time de Iris e de Ronaldo acertaram a trave algumas vezes. Tudo passou pelo crivo coletivo.

Flecha passou, então, aos pilares, que seriam debatidos um por vez de cada time, começando pela Cooperação que implicava a discussão entre cada time. Foi perguntado para cada time se todos/as haviam participado, alguns/mas alegaram ter tocado poucas vezes ou até apenas uma vez na bola, principalmente os/as mais novos. Os participantes mais velhos de cada time justificaram que havia sido pouco tempo de jogo. Os educadores argumentaram que haviam sido dois jogos, portanto haveria tempo hábil para maior participação daqueles/as, assim como alguns/mas participantes, como Filipa, que havia tocado muito pouco na bola, também não haviam se dedicado a participar

efetivamente, muitas vezes sentando na beira da quadra. O educador Flecha argumentou que isto também significava que ela não havia cooperado com seu time o que também justificava a não pontuação em Cooperação, por fim, somente o time de Iris recebeu os 3 pontos por participação.

Quanto ao pilar "Solidariedade", foi perguntado a cada equipe se as outras equipes haviam sido solidárias e em quais momentos. Foram identificados momentos de todas as equipes, no auxílio a quem tinha caído, ou prendido o pé na rede, mas não quanto ao cuidado para não fazer faltas nem quanto a deixar que os/as menores jogassem ou tocassem na bola, fazendo com que nenhuma equipe tenha pontuado.

Em relação ao pilar de Respeito, também fora perguntado a cada equipe se houvera respeito por parte das outras equipes perante as regras e as pessoas. Houve situação de desrespeito entre a equipe de Dexter e a de Isadora em momento de cobrança de lateral, em que a equipe de Dexter pedia espaço para a cobrança, principalmente Pastel e Trevor, que gritavam, enquanto Isadora respondia também gritando que eles não tinham dado espaço e ficavam perto, sem entender que a equipe que cobra pode ficar perto, mas sem que a outra equipe tivesse se preocupado ou mesmo pensado que ela pudesse não saber, o que, porém, não justificava a gritaria. Por fim, apenas a equipe de Iris recebeu pontos pelo Respeito, tendo por fim sido declarada vencedora, com a equipe de Isadora em segundo e de Ronaldo em terceiro lugares. O educador Flecha puxou uma salva de palmas, como disse ser sempre feito ao fim do *Fútbol Callejero*, e já adiantou que havia sido dada preferência a boa e completa experimentação desta prática, não sobrando muito tempo para as atividades de musicalização e bicicleta, que seriam feitas rapidamente e logo depois já iriam para a roda final.

**C.O. Rogério:** Na hora da escolha dos times, houve certa dispersão e notei que os educadores, assim como eu, estavam em pé em volta da roda, chamando atenção de diferentes grupos, com exceção de Flecha, único ainda sentado, que mediava a escolha. Além disso, antes da escolha, quando muitos/as haviam optado por não participar, observei que Ronaldo junto a um grupo próximo, veio até Rogério já afirmando que fariam Parkour, quando eu já ia retrucar, Dexter já havia ouvido e falou que ele não poderia fazer só o que queria, Ronaldo pareceu chateado até que o educador Cuco chamou todos de volta pra roda.

**C.O. Flecha:** No início do primeiro tempo foi falado sobre a pontuação dos gols, sendo assim, foi sugerido que valesse um ponto a cada cinco gols, mas não vi quem tinha sugerido, ouvi isso no meio de discussão. E no terceiro tempo, retomei essa regra e poucos haviam dado importância, sendo uma forma de dar o choque da ausência de pontuação de gols de todos os times, posto que o máximo foram 4 gols, pretendo usar mais vezes.

**C.O. Flecha:** Vejo muita dificuldade das crianças repararem em suas atitudes durante o jogo, porque se elas observassem as suas próprias atitudes e entendessem a ideia do Callejero elas fariam mais e negariam os pontos com mais certeza, porque hoje, por exemplo, não teve cooperação, solidariedade nem respeito de fato em nenhum time e não sei se por querer ganhar o jogo ou não perceber mesmo, talvez muitos não falem para não prejudicar seu time.

**C.O. Rogério:** Vejo um pouco de dificuldade na compreensão do que é realmente o Callejero, que eles acabam não ligando pros pilares e continuam só dando importância aos gols, mas que isso mudaria com a continuidade da realização do Callejero, como processo deste.

**C.O. Cuco:** O educador Flecha demonstrou muita segurança e tranquilidade na mediação do Fútbol Callejero, visível principalmente no 3º tempo, falando pausadamente, com parcimônia nas ponderações, e, principalmente, com o estabelecimento de uma linha ordenada e clara para a estipulação da pontuação e dos consensos, de 3 jogos e 3 times ao mesmo tempo (11).

### **MUSICALIZAÇÃO (concomitante ao ciclismo)**

**Participantes [7+?+2]:** Jeferson, Iris, Baixinha, Camila (foi para bicicleta), Luiza, Megablue, Georgy, Dexter(?), Flecha e Murilo

**(Início às 16h15min, aproximadamente)** A atividade teve início após o Fútbol Callejero. Por conta do atraso deste, os educadores e os/as participantes buscaram os instrumentos e, em um primeiro momento, pensaram em realizar a roda musical no gramado próximo ao parquinho, porém, a turma da bicicleta estava reunida no espaço em frente à sala do VADL, inviabilizando, assim, que a música fosse realizada naquele local. Locomoveram-se, então, até a lanchonete e se juntaram no mesmo local em que a roda

inicial havia sido realizada. O objetivo era passar pela primeira vez o ritmo do samba. A turma foi separada em dois naipes (instrumentos): “marcação” com o educador Flecha, e em “preenchimento” (caixas, tamborim e timbal), com o educador Murilo.

Na “marcação” foi explicado que fariam a parte de dois instrumentos: o chamado “surdo de primeira” que possui o som mais grave; e o “surdo de segunda” que possui um som mais seco. Foi explicado que, após a contagem de quatro tempos, o surdo de segunda começa tocando e o surdo de primeira toca no próximo tempo sempre alternando ( 2<sup>a</sup> – 1<sup>a</sup> – 2<sup>a</sup> – 1<sup>a</sup>). Os exercícios foram realizados em diferentes andamentos.

No “preenchimento”, Murilo iniciou dizendo que iria passar esse novo ritmo da mesma maneira que aprenderam o outro: conseguindo falar antes de tocar. Começou dizendo que o toque de caixa (cuja referência é da Escola de Samba da cidade do Rio de Janeiro Unidos da Tijuca) começava com “tata-ti-catá”. Repetiram diversas vezes e Baixinha dava risada pois estava se confundindo. Baixinha fez alguma brincadeira com Megablue dizendo a frase “Zé Oreia vai te pegar” (?) ao invés de “tata-ti-catá” que não encaixou muito bem. Murilo disse: “Fala alguma outra frase que parece com tata-ti-catá”. Megablue: “Ela [sua amiga Baixinha] vai apanhar”. Murilo: “Não, uma frase legal, vai lá”. Megablue: “Patati Patatá”. Murilo: “Mas daí é diferente. É parecido, mas diferente”. Megablue: “Patati patá. Batatinha”. Dexter: “Patati patá”. Megablue: “Essa ideia foi minha”. Murilo: “Então ó, patati patá [demonstrando na caixa]. Tudo que é com “a” vai ser com a mesma mão. Só o “ti” vai ser com essa mão”. Megablue: “Eu vo te catá”. Murilo: “Boa! Eu vo te catá! Não, Patati Patá vai ser melhor! De novo [fez a contagem e começaram]”. Repetiram varias vezes e o educador propôs um andamento mais rápido.

Murilo: “Quando vocês estiverem em casa, um jeito de lembrar é: eu vou ti catar”. Baixinha: “Ou assistir Patati Patatá”. Murilo: “É, mas Patati Patatá não dá certo, ó! Pa-ta-ti Pa-ta-tá [contando nos dedos] são seis! Patati patá [cinco], dá!”. Ficaram experimentando o toque com estas frases **(12)**.

Depois que repetiram várias vezes, Murilo demonstrou como ficaria o ritmo em um andamento normal. Murilo: “É bem mais rápido, mas a gente vai devagar e a gente vai acelerando”. Luiza: “Não consigo não”. Murilo: “A gente vai conseguir”. Fizeram algumas vezes só falando. Depois batendo no instrumento com as mãos. Luiza comemorou quando conseguiu. Murilo explicou o que o outro grupo estava fazendo

(surdo de primeira, de segunda e que também havia um surdo de terceira) e mostrou como treinariam o ritmo que estavam fazendo nas caixas com ajuda dos surdos **(13)**.

Fizeram então o samba reggae por pouco tempo e logo foram guardar os instrumentos para conversar sobre o dia 10. Megablue perguntou: "E se meu pé não melhorar?". Baixinha fez alguma brincadeira sobre o pai de Megablue e Murilo pediu para que respeitassem. Baixinha: "Vai ter comida? Queremos o bolo com cobertura de mousse de maracujá!". "Torta de limão siciliano!". Flecha: "Oloco! Esse eu não sei fazer não". Baixinha: "Domingo, 5 horas da manhã vou te mandar mensagem... Flecha não esquece do bolo com cobertura de (inaudível)". Megablue: "Ou frapê de nutella". Iris: "Eu vou trazer alguma coisa". Murilo: "Quem quiser pode trazer mas não é obrigado". Megablue: "Vai ter coisa boa?". Iris: "Vai ter tipo salgado?". Georgy: "Oh, ela [Luiza, cuja mãe tem uma sorveteria] pode trazer sorvete!". Luiza: "paga que eu trago, muleque (?)" Murilo: "A ideia é que tenha alguma coisa salgada!". Iris enfaticamente: "É preciso salgado! Doce? não estou nem aí com o doce... adoro salgado". Murilo: "Eu adoro doce". Iris: "Doce eu como todo dia por causa da minha mãe". Baixinha falou para Murilo que havia casado há alguns meses atrás: "Você tá devendo o bem casado". Murilo: "Tragam a barriga, tá bom?". Luiza havia compartilhado com as outras pessoas um lanche que havia trazido de casa. Murilo: "Pessoal come ou guarda antes de voltar para a roda, ok?". O Flecha deu a ideia de que já que aprenderam o samba reggae, poderiam ensinar às pessoas que viessem assistir a apresentação no dia 10. Disseram que topavam e o grupo ficou de pensar depois em como fazer isso **(14)**.

Após as entrevistas com alguns participantes da música, Jeferson disse que seu nome fictício é referente a um amigo dele, seu vizinho da rua de trás. Sobre o dia da apresentação, Jeferson perguntou que horas a mãe dele deveria sair de casa para vir para o projeto no dia 10. Ele perguntou se sair às 8:00 para chegar às 10:00 estava bom. Murilo pegou a localização da casa dele, e viu que fica a aproximadamente 2,5km de distância. Jeferson, sua irmã Dandara e a amiga Aparecida vêm andando para o projeto e demoram mais ou menos uma hora e meia. Falei para sair 8h50. Mas que iria tentar conseguir um jeito para que viessem de van. Pietro contando após a entrevista que as coisas em casa não estavam muito bem [omitido do diário de campo] **(15)**.



Além do pessoal da música, Murilo entregou o bilhete para Pastel, Trevor e Minivamp.

### **CICLISMO (Rogério e Cuco) (concomitante à musicalização)**

(Início às 16:20, aproximadamente) A atividade teve início após o *Fútbol Callejero*, por conta do atraso deste, os/as participantes já haviam sido alertados do pouco tempo disponível para realização da atividade de bicicleta e que não seria possível andar com as bicicletas. Alguns/mas participantes estavam reclamando, mas o educador Cuco lembrou-os/as que haviam dado preferência à realização do *Fútbol Callejero*, com a participação de todos/as, o que demandava mais tempo, Ronaldo coadunou dizendo que o futebol tinha sido legal mesmo. Os educadores Rogério e Cuco os/as chamaram, então, a sentarem-se em roda, Rogério retomou o que já tinham aprendido sobre mecânica e leis de trânsito, para combinarem como construiriam e realizariam o circuito, com a necessidade da confecção de placas para tal. Conversaram, portanto, sobre quais placas seriam confeccionadas e por quê, sugeriram placas de “PARE”, “faixas de pedestre”, “semáforos” e “setas”, depois, Rogério perguntou como poderiam fazê-las. Falaram de caixas de papelão, lápis e tintas, o que ficou combinado, por fim, para ser feito na quinta quando houvesse mais tempo. Os/as participantes foram orientados/as pelos educadores a irem direto para a roda para que esta, pelo menos, não atrasasse **(16)**.

### **RODA DE CONVERSA FINAL**

Quando a atividade de música terminou aqueles/as que já estavam na roda há algum tempo estavam bem dispersos e agitados, sendo necessária intervenção dos educadores. O educador Cuco chamou Paloma que tinha voltado a conversar alto depois da chamada de atenção dos educadores, para sentar-se ao seu lado e começou a falar sobre participação no projeto. Cuco disse que os momentos das rodas eram importantes para que aproveitassem bem as atividades, passando, principalmente, pela participação na escolha e direcionamento destas, que eram feitas justamente nesses momentos de conversa, na roda, por eles/as mesmos/as. Direcionando-se a Minivamp, comentou que ele havia chamado vários amigos/as para o projeto por gostar deste e de suas atividades. Para que continuasse assim (com o grande aumento do número de participantes) era ainda

mais importante o bom uso dos momentos de conversa e da participação dele, que estava há mais tempo no projeto, mas que agora conversava muito com seus amigos, deixando de participar como antes, atrapalhando à todas/os, assim como Paloma (17).

O educador Cuco perguntou quem gostaria de falar sobre o dia. Jonas comentou que havia gostado do *Fútbol Callejero* mesmo não participando tanto em seu time e gostado da ideia de construir circuitos de trânsito para andarem de bicicleta. Cuco aproveitou para contar sobre o passeio mais recente realizado no contexto do projeto, que contou com a participação de Ronaldo, que confirmava suas falas, de que era necessário frequência no projeto, além da participação efetiva e respeitosa, trazendo a confiança dos educadores para que os/as levassem para um passeio externo, diante dos inúmeros riscos do trânsito para ciclistas.

Continuando a roda de conversa sobre as percepções do dia, Tatagiba disse que não gostou de atitude egoísta de Ronaldo que não a deixou ser a goleira de seu time para que ele fosse, mas que ele acabou saindo toda hora do gol, carregando a bola. Ronaldo disse que se ela fosse no gol seu time perderia. O educador Cuco, perguntou, então, se ele havia ganhado (havam perdido, ficado em último dos 3 times) e quais eram os pilares do *Fútbol Callejero*. Cuco questionou se esse era um comportamento bom de um jovem bem mais velho para com uma menina bem mais nova, Ronaldo manteve um riso mas abaixou a cabeça, sem responder (18). Jeferson contou que na música começaram a aprender sobre o Samba, Tatagiba disse que não conhecia o Samba, então o educador Cuco pediu para que Iris (sua irmã) a apresentasse tal estilo musical. Cuco chamou Murilo para finalizar a conversa, que convidou à todos/as para roda de conversa no domingo (10/06), às 10h, com a presença de parentes dos/as participantes da musicalização para apresentação de tais participantes, roda de conversa com todos/as presentes e comes e bebes, salientando que a teria uma van, mas que esta seria preferencial para os/as familiares e participantes da musicalização (19).

Perante a escolha da próxima atividade de integração, o educador Rogério lembrou que a próxima brincadeira da lista sugerida pelas/os participantes era o “pega-macaco”, o educador Cuco salientou novamente a importância da participação de todos/as na atividade de integração, que se tivessem alguma objeção quanto à próxima atividade poderia ser trazida ali para que discutíssemos sua realização ou não, alterações

nas regras e escolha de outras. Alguns/mas perguntaram como era a brincadeira, o mesmo educador disse que tinha sido uma sugestão de Marcos, que não estava presente, mas Jonas disse que sabia e era um pega-pega normal, Cuco, pela falta de tempo, disse que ele ou Marcos, caso viessem, explicariam na quinta e então adaptariam as regras conformes as necessidades e preferências de todos/as. Os/as participantes concordaram, Baixinha disse que não participaria se tivesse que correr por ter falta de ar, o educador disse que poderiam pensar em outras formas de sua participação durante a explicação e discussão da brincadeira na quinta-feira.

Cuco disse que o educador Rogério passaria com o lanche, que estava contado: uma banana e uma mexerica para cada um/a. Depois que todos/as pegaram suas frutas, Pikachu reclamou que Ronaldo não queria devolver sua banana, Ronaldo disse que Pikachu tinha dado aquela pra ele, achando que poderia pegar duas mexericas, mas depois que viu que não podia, quis pegar de volta, o educador Cuco disse que havia dito alto e claro que era uma fruta de cada para cada um/a, que se Pikachu não tinha ouvido era porque ele não estava prestando atenção, por outro lado, se ele é amigo de Ronaldo como parecia ser, este entenderia e poderia devolver a banana, em atitude solidária, ambos riram e a situação pareceu resolvida. Depois, posto que Ronaldo não devolvera, Pikachu foi reclamar com o educador Rogério, mas agora dizendo que Ronaldo havia pegado a banana que era dele, contradizendo-se, Rogério falou para Ronaldo devolver e este respondeu o mesmo que havia respondido a Cuco, que não havia pegado, o educador Cuco, por sua vez, ouvindo, perguntou a Pikachu porque havia mudado sua versão, este desconversou e foi indo embora, Cuco ainda falou para Ronaldo, que já estava no meio do caminho para a van, que prestasse atenção, que assim perderia amigos em vez de fazê-los, o participante também desconversou e foi embora (20).

**Atividade de Integração p/ Quinta-feira (07/06):** Seguindo a lista e devido à ausência de VADL na última quinta, feriado, a atividade da quinta próxima será “Pega-macaco” (Marcos/Jonas).

**C.O. Cuco:** Sugiro que no próximo encontro, comentemos da possibilidade de realizar *Le Parkour* no projeto, com convidados da graduação em Educação Física.

## **Diário de Campo XXI**

**Data:** 07/06/2018 (Quinta-feira)

**Horário:** 14h – 17h (Tarde)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Educadores/as Presentes [5]:** Cuco, Murilo e Maria

**Relator:** Murilo e Cuco

**Participantes Presentes [19]:** Iris, Pietro, Minivamp, Baixinha, Georgy, Tatagiba, Aparecida, Paloma, Pedro, Cristiano Ronaldo, Jonas, Luiza, Izabella, Clarissa, Cleber, Megablue, Reinaldo, Silvio e Marcos.

### **INFORMES**

- O educador Flecha não pôde vir no projeto hoje.

### **CHEGADA E RODA INICIAL**

O dia amanheceu nublado e foi esquentando até a hora do almoço. Os/as participantes do bairro estavam no parquinho quando a van chegou por volta das 14h05min. Os/as participantes que chegaram foram passando por ali também, enquanto eram chamados/a pelos educadores para a roda inicial em frente à lanchonete, onde já se dispunham as cadeiras em roda.

Baixinha chegou triste à roda, onde já estavam Georgy e Luiza, o primeiro acolheu-a, abraçando-a, enquanto ela já chorava e ficaram conversando. Em seguida, os/as demais participantes foram chegando.

Perto de começar a roda, Baixinha perguntou para o educador Murilo se poderia conversar com ele depois. Vendo-a chorar, perguntou se queria conversar naquele momento e ela disse que sim. Georgy comentou algo com Baixinha e ele foi participar da conversa também. Andaram um pouco em silêncio, se distanciando da roda e Murilo perguntou o que havia acontecido. Baixinha disse que brigou com Megablue, que junto com outras amigas disseram que iriam bater nela na saída da escola. Baixinha disse que foi junto a sua mãe até a casa de Megablue para conversar, mas que não resolveram nada. Georgy comentou que chegou para perguntar para Megablue o que havia acontecido, dizendo "eu sou neutro nisso, mas o que aconteceu?". Georgy disse que Megablue foi grossa com ele.

**C.O. Murilo:** Georgy tomou partido da Baixinha depois disso.

Murilo comentou que brigar é uma coisa normal, que brigamos com as pessoas que amamos, como amigos/as e família mas que é bastante ruim quando outras pessoas

começam a se envolver na briga, por exemplo o que o Georgy estava fazendo: "Georgy, a briga é delas, a gente não precisa se envolver nisso. Quando você foi perguntar para ela, ela muito provavelmente estava brava com a situação e respondeu de maneira grossa por que estava triste, nervosa, irritada, magoada. A gente não precisa entender a briga. A gente precisa deixar a pessoa a vontade para contar SE ela resolver que quer contar pra você ou pra qualquer outra pessoa. O que você pode fazer é se colocar disponível e respeitar o tempo da pessoa".

Baixinha comentou que era muito ciumenta com a amizade dela. Murilo e Baixinha conversaram no sentido de que era preciso "dar um tempo". E que como eram super amigas, não seria a primeira nem a última briga, logo se resolveriam (1).

Com todos/as sentados/as na roda, o educador Cuco puxou a conversa, perguntando se alguém tinha alguma novidade. Minivamp começou contando que Reinaldo e Paloma estavam namorando. O educador Cuco perguntou por que ele estava falando deles, pois talvez não gostassem que isso fosse exposto de tal forma, muitos fizeram comentários e deram risadas. Silvio disse que eles estavam só ficando, Cuco finalizou que isso era assunto dos dois, que se eles quisessem fariam sobre ou eles mesmos contariam a novidade.

Aparecida contou que vai mudar de escola, do Bento para o Atília, e também que no Bento iria ter uma briga amanhã (disse isso animada). O educador Cuco perguntou se ela estava animada com isso, se era uma coisa boa, ela disse que não e desanimou-se, acrescentou que já tinha tido uma briga e que dessa briga surgiu outra, ambas relacionadas a namoros, o que fez Cuco destacar que tinham que ter cuidado com comentários acerca do relacionamento de outrem, olhando para Minivamp. Além disso, perguntou para Aparecida se ela conhecia alguém que iria brigar. Com a afirmativa da participante, prosseguiu sugerindo que tentasse conversar com ela, o que gerou comentários de outros colegas de sala da mesma, dizendo que ela só arrumava confusão e que não iria adiantar. Cuco insistiu que se todos/as pensassem assim, continuaria assim mesmo e/ou pioraria, se ela tiver algum apoio a chance de mudar é maior, que não custaria tentar conversar sempre, procurando ouvi-la e conhece-la, para saber seus motivos e problemas, que não "custaria". Também sugeriu que se falasse com alguém da escola para que a briga não ocorresse mesmo que fora da escola, posto que havia surgido

dentro desta. Megablue comentou que as escolas costumam dizer que não lhe dizem respeito brigas fora de seus espaços. Cuco ponderou que não deveria ser assim e que se tivesse uma coordenadora ou inspetora mais próxima dos/as estudantes, que deveria se falar com ela para ver o que poderiam fazer.

Marcos contou que quando estava soltando pipa ela passou perto da cabeça de Pedro, cortando a ponta do cabelo deste. O educador Cuco alertou então para o risco que haviam corrido, e correm, soltando pipas com linhas cortantes. O próprio Marcos, Pietro e Pedro contaram dos cortes sofridos nos dedos e em amigos. A educadora Maria acrescentou o risco para ciclistas e motociclistas, o educador Cuco reafirmou, portanto, ser necessário repensar a necessidade da linha cortante para a brincadeira, até porque correr atrás de pipas também gerava acidentes, destacando morte ocorrida em Ibaté por atropelamento. Finalizando com a proposta de que ver quem empinava mais alto ou mesmo ver todas as pipas no alto pode ser mais bonito, interessante e muito menos perigoso

**C.O. Cuco:** Senti que sem Ronaldo os tons de voz ficam mais baixos e o clima do projeto fica mais tranquilo e fácil, porém tal tranquilidade pode indicar a falta de diversidade e de liberdade que almejamos e com a qual podemos crescer e aprender mais e melhor (2).

Quando Murilo, Baixinha e Georgy voltaram para roda, Minivamp disse para Murilo: "Ow, você perdeu minha novidade!". Murilo: "Ixe, perdi mesmo... você me conta depois? Eu quero saber, mas agora precisamos ouvir o que estão falando" (3).

### **PEGA-MACACO (sugestão de Marcos) (Início às 14h30min, aproximadamente)**

Ainda na roda, o educador Cuco perguntou aos/às participantes quem lembrava qual era a atividade de integração do dia e muitos/as já falaram “pega-macaco”. Marcos e Jonas falaram com empolgação posto que a conheciam Marcos foi quem a propôs. Sabendo disso, o educador Cuco perguntou à Marcos se poderia explicar a brincadeira. Ele assentiu e, primeiramente, perguntou se podia chamar amigos para demonstrar como era a brincadeira, o que fora prontamente concedido. O participante, então, chamou seus amigos mais próximos, Cristiano Ronaldo, Jonas e Cleber, e começou dizendo que eles deveriam imitar macacos e quem não imitasse o pegador pegaria. O educador Murilo, se

pendurou numa árvore próxima e perguntando se já seria uma imitação e Marcos disse que sim. Feito isso, o educador Cuco perguntou onde poderiam brincar, alguns/mas sugeriram ali mesmo, em frente à lanchonete; outros/as, como Paloma, Reinaldo e Silvio sugeriram o clube inteiro - o que foi problematizado pelo educador Murilo indicando a dificuldade que seria para o pegador. Eles/as disseram que tudo bem. Murilo perguntou se um deles, Reinaldo e Silvio, gostariam de ser o pegador se fosse o clube inteiro. Com a negativa, compreenderam e desistiram da proposta. Também foi sugerido a quadra de areia ou a outra quadra, mas os educadores Cuco e Murilo comentaram que seria legal se fosse em algum lugar que tivesse árvores e outros lugares para se pendurarem. Minivamp sugeriu o parquinho, que tinha árvores, brinquedos para subir e não era muito grande, Jonas disse animado “Da hora! Da hora a palavra do Minivamp”, apoiando a proposta. Os educadores, também indicaram a qualidade da proposta, posto que seria um local bem delimitado e com diversas possibilidades, perguntando à todas/os se concordavam, mediante o consenso, ficou definido o local da realização, faltando apenas definir o primeiro pegador. Ao ser perguntado se alguém gostaria de sê-lo, ninguém levantou a mão, então o educador Murilo se prontificou e todos/as ficaram animados/as, sendo chamados/as a se encaminharem ao “parquinho”.

Alguns/mas participantes tiraram tênis e chinelos antes de entrar no “parquinho” e somente Baixinha, de um lado do parquinho, e Megablue, em banco, do outro lado do parquinho, não quiseram participar, a primeira por falta de ar e a segunda por ter torcido o pé (4). Os/as demais participaram todos/as, inclusive educadores/a. Ao pegar a primeira pessoa, Murilo perguntou se quem ele pegasse o ajudaria a pegar também e todos/as pareceram concordar com a regra e seguiram-na. Iris e Tatagiba que haviam acabado de chegar ao clube, foram orientadas acerca da brincadeira por Aparecida, a qual, aliás, estava animada durante a mesma, alegando em certo momento já estar com a voz rouca de tanto gritar como macaco. Outros/as participantes subiam nas árvores e nos brinquedos do parquinho, principalmente em um com barras e argolas ginásticas e na “casinha”. Depois de uma primeira rodada, após todos/as serem pegos/as, o educador perguntou se alguém gostaria de ser o/a próximo/a pegador/a. Cristiano Ronaldo e Cleber se manifestaram e formaram a dupla de pegadores, com a realização de nova rodada.

Terminada esta segunda rodada, com todos/as pegos/as, o educador Murilo reuniu os/as participantes em canto do parquinho para sugerir que brincassem do “pega-vampiro/zumbi” que haviam brincado, posto que Minivamp havia lembrado e insistido com o educador para que brincassem dessa novamente. Todas/os concordaram e o educador sugeriu que o fizessem no gramado ao fundo do clube, para terem mais espaço e por poderem tomar água antes, no bebedouro do vestiário, próximo daquele local, como muitos/as demandavam, o que também fora bem aceito. Foram, então, para lá.

Depois de tomarem água, reuniram-se no gramado indicado, Murilo sugeriu os limites do espaço para correr e retomou as regras da brincadeira com o auxílio de Minivamp, teriam que bater na mão do “vampiro” para “acordá-lo”, e este teria de pegar a todos/as que, ao serem pegos, tornavam-se “zumbis”, sem poderem correr, andando com as mãos para frente, mas podendo pegar quem ainda não havia sido pego, Minivamp demandou ser o primeiro “vampiro”, o que fora acatado (5).

Megablue e Baixinha não brincaram novamente, sentando-se próximas ao gramado, assim como Aparecida, Paloma e Izabella. O educador Cuco conversou um pouco com Megablue que reclamava de ter que acordar cedo no dia seguinte para cantar junto ao grupo dos “flautistas” na rádio, o educador perguntou qual rádio mas ela não soube dizer. Na brincadeira, depois de todos/as pegos/as, fora feita nova rodada, com o fim desta outra, encaminharam-se para o saguão em frente à sala do VADL para dividirem-se entre as atividades fixas, aproveitando o caminho para tomarem água, mais uma vez, no bebedouro dos vestiários.

**C.O. Murilo:** Fiquei impressionado em como quase todo mundo participou da brincadeira, porque exigia uma dramatização ao imitar macacos e depois zumbis, exigindo certa exposição.

**C.O. Cuco:** Creio que talvez tenha feito efeito a retomada e o destaque para a função integrativa dessa primeira atividade do dia, bem como de sua escolha coletiva, nas rodas dos encontros anteriores.

**C.O. Cuco:** Durante a escrita do diário, em conversa com o educador Murilo, contei sobre apresentação de Megablue em rádio e ele contou que esse grupo de “flautistas”



tratava-se de projeto já antigo de professor de música, conhecido seu, muito ativo, sempre engajado na busca de apoio e recursos de prefeituras para tais propostas (6).

Ao irem tomar água, Luiza viu Paloma e comentou que ela estava namorando. O educador Murilo virou e viu Reinaldo e Paloma abraçados. Silvio, Izabella entre outras pessoas também estavam conversando, trocando olhares e brincadeiras entre si.

### **RODA DE CONVERSA SOBRE NAMOROS (Início às 15h, aproximadamente)**

Depois do pega-vampiro. Maria foi comentar com Murilo sobre os namoros, sugerindo que parassem para conversar sobre isto. Juntaram-se ao lado da Sala de Materiais onde Cuco já havia feito uma roda. Jonas e Marcos haviam se desentendido no jogo anterior e Jonas disse que queria conversar com Murilo. Este pediu para que conversassem depois.

Murilo iniciou dizendo que namorar não é era uma coisa ruim. Não era um problema. Entretanto, era importante ter alguns cuidados. Murilo comentou que há alguns anos atrás, ele e sua namorada Cecília (atual esposa) trabalharam juntos no projeto. Os/as participantes quiseram lembrar quem era, achando que era outra pessoa que trabalhou no projeto mais recentemente. Murilo perguntou o que eles/as achariam se o visse no projeto namorando no projeto "desta maneira" e pegou o próprio tênis, fechou o olho e simulou um abraço e beijo de língua bem exagerado.

Minivamp falou que "um fica cuspiendo na boca do outro". Cristiano Ronaldo falou de nojo. Minivamp e Aparecida chegaram à palavra "constrangimento". Um/a participante comentou que vem no projeto para se divertir. Murilo comentou sobre o constrangimento e impressão errada que pode ser dada a outras pessoas que vem no clube como pais, mães e sócios do clube (crianças e adultos). "Imaginem os sócios do clube vendo uma cena dessa? Podem achar que as pessoas vem no projeto para ficar namorando". Cuco lembrou que também há alguns pais e mães que não deixam namorar com determinada idade e então deveríamos obedecê-los/as.

Murilo retomou a situação com Cecília: "Agora imaginem que a gente brigou minutos antes de vir ao projeto. Aí a gente chega aqui e vai brincar junto. Aí seria muito desagradável se eu deixasse de participar da brincadeira por causa desta briga, certo? Se começasse a envolver outras pessoas na briga. Algumas ficando do meu lado e outras do

lado dela. Da mesma forma seria chato se eu deixasse de participar para ficar namorando. Precisamos tomar este cuidado também". Maria comentou sobre a importância de ficarem juntos/as, pois quando as pessoas estão de namoro, querem ficar andando sozinho pelo Clube (7).

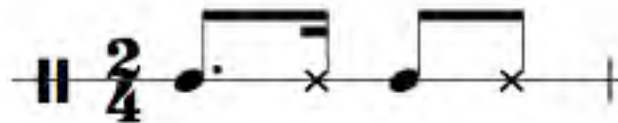
Ao final, Jonas novamente levantou a mão querendo contar sobre alguma coisa que Marcos fez para ele. Maria pediu para que deixassem para a roda final. Murilo perguntou se Marcos e Jonas conseguiriam brincar juntos, mesmo tendo brigado e ambos disseram que sim. Cuco conduziu uma breve conversa sobre o que havia acontecido. Marcos havia jogado um limão no Jonas durante a outra brincadeira (8).

### **MUSICALIZAÇÃO (concomitante ao ciclismo)**

**Participantes [+1]:** Iris, Baixinha, Luiza, Megablue, Georgy, Murilo **(Início às 15:20, aproximadamente)**

Os/as participantes e educador levaram os instrumentos para a lanchonete. Enquanto Murilo arrumava os talabartes para o timbal de Megablue e a caixa de Luiza, conversaram sobre o encontro do domingo. Conversaram sobre quais comidas teriam e depois sobre o horário que, apesar de estar marcado para às 10h, poderia acontecer algum contratempo ou pessoas chegarem atrasadas. Iris sugeriu combinar uma cor de roupa para a apresentação. Murilo perguntou quem viria na van. Baixinha disse que viria a mãe, o pai, os irmãos (um de colo) e uma amiga [6 pessoas]. Luiza disse que viriam 7 mas não seria com a van. Conversando sobre a possibilidade das vagas serem preenchidas por pessoas que não são da música Baixinha perguntou: "Se o Ronaldo vir, ele não vai dar trabalho?". Murilo: "Não, tranquilo!" (9).

Georgy começou a tocar um ritmo e Iris prestou atenção e começou a reproduzi-lo (MOV02438 - 3"50').



Iris disse enquanto dançava: imagina se fosse esse ritmo e a gente dançasse?. Fez uns passos parecidos com Thriller do Michael Jackson. Durante a dança fez um gesto

marcante dizendo: "Encorpora!". Ficou dançando enquanto Georgy tocava. Baixinha dava risada e chamou o educador Murilo para ver. (MOV02438 - 5"40'). A referência do "Da-me tu coisita" [Dança que Megablue fez outros dias, com base em um vídeo de Youtube] também apareceu na brincadeira de Iris (10).

Depois de ajeitar os instrumentos para que todos/as (com exceção de Iris e seu surdo de chão) pudessem tocar e andar, Megablue fez a chamada e começaram a tocar. Murilo fez um gesto para uma das convenções e todos/as acabaram fazendo o ritmo "vatapá legal". Murilo fez o gesto para parar, contou até quatro e pararam. Murilo: "Teve um negócio que não tava combinado mas ficou legal! Que é todo mundo fazer o Vatapá Legal.... Tipo a gente faz o gesto V de "Vatapá"".

Iris disse que o som do surdo do Georgy estava muito baixo. Murilo disse que ela teria que manear então ao tocar o surdo dela e as caixas também. Isso fez Murilo perceber que as pessoas não estavam agrupadas por instrumento. Por isso pediu para que Georgy fosse para perto de Iris e as caixas se agrupassem do outro lado.

Georgy foi até a caixa de baquetas para pegar uma outra. Murilo testou uma baqueta com pano e sem pano e sugeriu que ele tocasse com a com pano pois, quando tocasse mais forte, o som da baqueta com pano sairia mais agradável do que a baqueta comum que daria um som mais "estralado". Enquanto conversavam, Iris começou a tocar o surdo de uma maneira diferente e depois disse: "Olha aqui, ó!" (MOV 02438 13"15) (11).

Depois que começaram a tocar, Iris parou e foi até Luiza para ajudá-la a segurar a baqueta de outro jeito. "Melhorou?" Iris perguntou. Luiza respondeu que sim. (MOV 02438 14"30). Georgy foi pegar uma cadeira pois estava com dor na coxa. Murilo explicou que a ideia era que conseguissem apenas entrar tocando e que durante a apresentação apoiariam em cadeiras e mesas.

Ensaíram a virada "V". Depois de alterarem a dinâmica, treinarem outras convenções, finalizaram. Murilo perguntou: "O que vocês acharam?". Baixinha: "Ótimo!". Megablue: "Meu braço está doendo!". Iris: "Está desencontrando um pouco". Murilo: "Na hora que eu abaixei, achei que a Megablue poderia tocar um pouco mais forte. A Luiza sugeriu da gente dar uma andada". Murilo tentou mostrar onde as pessoas estariam sentadas e onde haveria uma projeção no dia 10. Baixinha: "Só não pode

mostrar o vídeo dos treinos(? - difícil de entender)". Murilo: "A ideia é que a gente mostre algumas fotos e alguns vídeos". Megablue: "Nosssa que dó de mim fazer o \_\_\_\_\_ (inaudível) [enquanto dançava como no vídeo Da-me tu coisita]. Murilo: "Não não, não vou fazer isso também, né? A ideia é a gente mostrar aqui o que a gente faz em relação à música e em relação ao que a gente aprende". Iris: "Por que que a gente não tira uma foto assim, ó [fazendo pose]". Murilo: "a gente tirou umas fotos lá [apontando para a sala de materiais]". Iris: "Pode chamar quantas pessoas quiser?". Murilo: "Pode. O importante é que as pessoas saibam que além da apresentação que vai ser mais para o final, a gente vai fazer uma conversa sobre a parte da música, certo? Uma roda de conversa para as pessoas falarem o que quiserem sobre as atividades da música".

Murilo: "Enfim, a minha ideia é que a Megablue ou eu ou o Flecha damos a entrada para virem tocando. Acho que seria surpreendente para as pessoas que estariam aqui!". Georgy: "Dahora!!". Iris: "E eu? [pois está tocando surdo de chão]". Baixinha e Iris deram ideias de como poderia ser a entrada das caixas e surdos. Georgy: "Uma coisa que eu tenho que falar é que a Luiza tem hora que está tocando muito forte". Iris: "Não, não é ela". Megablue: "A baqueta está só pulando!". Murilo: "Acontece. A gente também já perdeu várias baquetas. Duas coisas: uma que é normal às vezes escapar a baqueta. A gente treinando vai perdendo menos a baqueta" (12).

Momentos depois que Megablue pediu para ir ao banheiro, Georgy e Iris se entreolharam. Murilo perguntou se tinha relação com Megablue e se queriam compartilhar algo. Megablue e Baixinha estavam brigadas. Baixinha disse que tinha vontade de "tacar a baqueta" e falar que escorregou. Iris começou a contar que perguntou para ela se estava tudo bem e querendo saber, Megablue começou se dar de desentendida e depois ficou brava. Murilo: "Esse negócio de se dar de desentendida, você queria ajudar ou algo do tipo..". Iris: "Não, eu só sabia que elas tinham brigado, aí eu fui perguntar, pra saber..". Murilo: "Então você sabia, é isso que eu quero dizer". Georgy: "Mas ela não sabe o motivo, no caso". Murilo: "Então, mas a gente não precisa saber o motivo porquê é um assunto delas. Então a gente tem que dar um espaço para as pessoas se sentirem à vontade para querer ou não contar para mim ou para vocês". Baixinha: "Tá gravando ainda?". Murilo: "Está sempre gravando! Mas eu não vou usar isso contra as pessoas". Georgy explicou que Megablue foi beber água quando Aparecida estava lá e "Foi uma

coisa que a gente reparou". Murilo: "Como a gente conversou hoje, não é um problema gostar de alguém e paquerar e tudo mais.". Baixinha: "Mas não vindo pelado...". Murilo: " Então, mas eu eu lembro de uma conversa em uma roda final, que vocês conversaram com as pessoas da sua sala sobre 'não importa a roupa que a gente usa, a gente não quer ou não quer alguma coisa'", Baixinha: "Não, mas nem por isso eu vou andar com shorts desse tamanho. Eu acho errado". Murilo: "Então, mas você não usaria. Mas quem usaria, qual o problema de usar?" (MOV 02438 29"30).

Georgy: "Então, mas ....". Megablue voltou neste momento. Murilo: "Então, mas não é a pessoa que decide isso? Por que que nem a vez que a Baixinha e a Megablue falaram sobre feminismo. Tipo.. não importa o que a pessoa fala ou.... quero dizer, o que a pessoa fala acaba importando: se ela está a fim ou não de alguma coisa...Mas a roupa dela não quer dizer nada.. não deveria dizer nada". Baixinha: "É tipo falar que dependendo do que você fala hoje tem consequências amanhã".

Georgy: "A gente está tendo, tipo assim, um diálogo. Mas o que eu falo, eu assumo que eu mesmo falei. Foi uma coisa que eu reparei". Megablue: "Que que aconteceu, gente? Na minha ausência?". Murilo: "Mas é que é o seguinte... a gente também pode mudar de opiniões e isso não ser um problema". Baixinha: "A gente pode mudar de opinião, a gente pode mudar de tudo. Jeito de falar, jeito de agir, jeito de ver aquela pessoas como ela é... mudanças acontecem o tempo todo. O problema é ver quem é mais evoluído para ver que não se resolve a coisa no soco e sim na conversa". Murilo: "Ana, eu acredito, e é o que eu defendo, que não tem gente mais evoluída ou gente menos evoluída, mas a questão é assim...algumas pessoas aprenderam, e é o que a gente pensa aqui, a resolver as coisas conversando, certo? E é isso... não é questão de ser mais ou menos evoluído, mas de ser mais respeitoso ou menos respeitoso, mas todos estamos no processo". Georgy: "Mas o que eu estou falando para Ana é que quando algum educador for tentar apaziguar a situação, eu vou falar o que eu falei. Vou falar o que eu falei antes".

Luiza e Iris continuam tocando seus instrumentos enquanto Baixinha conta o porquê de sua briga a Murilo. Enquanto isso, Georgy explica para Megablue o que estava acontecendo. Megablue explica que ela foi ajeitar o shorts (aparentemente o motivo da briga teve relação com isso) Murilo: "Lembra da nossa conversa de dar tempo e espaço para a pessoa?" (13).

Murilo conduziu para que conversassem sobre a apresentação, decidindo quem entraria tocando e quem já estaria no espaço. Fizeram alguns testes com Iris e Megablue no espaço, já que seus instrumentos eram mais complicado de entrar tocando. Depois de pararem de tocar, Iris comentou que estava "desencontrando um pouquinho". Murilo: "E o que vocês acham que precisa melhorar?". Georgy: "Acho que uma coisa só, mas não é nada da música. Eu acho que o que aconteceu hoje está atrapalhando muito a gente. Quando tava tudo bem, tava super legal". Iris: "Tava mais animado". Murilo: "Eu já conversei com algumas pessoas, inclusive com o Georgy. A ideia é a seguinte.. a gente tem que dar tempo para as pessoas, quando quiserem conversar, conversarem. Quando quiserem ficar melhor, ficarem melhor. Mas até lá, a gente tem que respeitar o tempo das pessoas também. Porque se gente forçar que as pessoas fiquem bem, é que nem a gente falar, por exemplo hoje no caso do Jonas e o Marcos, falar assim: "'Ow, dois! Vai lá, se dão um abraço e pede desculpas um pro outro'. Eles vão fazer de má vontade e não vai ser verdadeiro. Depois eles não vão estar *super* bem". Georgy argumentou que atrapalhava o grupo. Murilo perguntou se as pessoas estavam tocando pior por causa disso. Georgy: "Às vezes um pouco". Murilo: "Importante isso que você trouxe... Então caso estejam trazendo para a música os seus sentimentos de ódio e raiva...". Georgy: "É, igual quando você vai dançar você traz os seus sentimentos". Murilo: "Isso aí! Então gente vamos tomar cuidado como a gente está discutindo e como a gente está tocando" (14).

Conversaram um pouco sobre a formação. Murilo sugeriu que ao invés da formação em linha, fizessem um semi-círculo. Tocaram mais uma vez para ver como ficaria. Ao final conversaram sobre o que fariam de diferente na apresentação.

Perguntaram se Flecha e Dexter viriam à apresentação. Murilo disse que achava que Flecha viria e que não tinha certeza em relação à Dexter pois seria seu aniversário de namoro. Começaram a relembrar a parte da percussão do samba quando os/as participantes do grupo da bicicleta começaram a voltar para a roda de cadeiras. Murilo comentou que veriam se fariam o samba no dia da apresentação. Iris lembrou: "Também chegar um pouquinho mais cedo, né?". Murilo comentou que ele chegaria [Iris: "Eu também"] mas a van não conseguiria. Iris: "Qualquer coisa, se precisar de alguém, eu

ensino tipo o Hulk. Eu já vou treinar o reggae, caso... né.. ninguém ir. Porque eu já ensino para ele quando eu (inaudível)" (15).

As pessoas foram chegando para a roda final e quando começaram a sair, a educadora Maria perguntou: "Vocês não querem fazer uma breve apresentação?". A resposta inicial das pessoas foi não e aos poucos foram mudando de ideia. Enquanto as pessoas foram chegando na roda, Murilo conversou com o grupo: "Vamos falar todo mundo o que a gente tá tocando? Alguém pode dizer 'O ritmo que a gente está tocando é o', e a gente 'samba reggae!'". Megabluerama sugeriu que Murilo dissesse isso, mas ele argumentou que já costuma falar bastante. Megablue então se propôs a dizer e desta forma anunciaram às pessoas que já estavam sentadas o que iriam tocar.



Fizeram as convenções que ensaiaram (breque de quatro tempo, convenção "Cá, vem pra cá", "Vatapá legal") e fizeram dinâmicas diferentes. Ao terminar as pessoas aplaudiram. Foram guardar os instrumentos para voltar para a roda de conversa. No

caminho, Megablue comentou que depois da apresentação ela não virá mais e Baixinha deu a ideia de combinarmos cor de roupa preta para a apresentação (16).

**CICLISMO (Maria e Cuco) (concomitante à musicalização) (Início às 15h20min, aproximadamente)**

Aproveitando a roda já formada para a conversa sobre namoros, a educadora Maria começou a falar sobre a atividade de bicicleta na qual confeccionariam as placas de trânsito para circuito no clube com caixas de papelão que já haviam sido separadas pelo educador Rogério. Posteriormente iriam experimentar o circuito andando com as bicicletas. A educadora Maria pediu para que se dividissem em grupos de 3 ou 4 pessoas para a confecção das placas decidindo quais seriam entre: “PARE”, “faixa de pedestres”, “semáforos” e “setas”.

Enquanto a educadora Maria recortava e distribuía os pedaços das caixas de papelão entre os grupos, o educador Cuco pegava os pincéis e potes de tinta para a pintura e também distribuía-os entre os grupos. Reinaldo, Minivamp, Silvio, Paloma e Izabella ficaram em dois grupos, onde pintaram duas placas de “PARE”; Pietro, Marcos, Jonas, Pedro, Cleber e Cristiano Ronaldo outros dois grupos, pintando dois “semáforos” e duas placas de “setas”; e Nathália, Tatagiba e Aparecida fizeram e pintaram uma “faixa de pedestres”. Durante a pintura, Jonas reclamou com o educador Cuco que Marcos havia jogado um limão nele, o educador foi falar com Marcos lembrando-o que ele tinha dito ao educador Murilo, durante a roda de conversa sobre namoros, que não ia brigar com Jonas durante a atividade da bicicleta e iria aguardar a roda final para discutir o conflito, senão teríamos conversado sobre isso naquele momento (17). Quem terminava era orientado pela educadora Maria a deixar secar um pouco as placas e pelo educador Cuco a lavar os pincéis e fechar os potes de tintas. Às 16h só o grupo da “faixa de pedestres” não havia terminado, então, foram orientados a deixar secando para terminar depois, arrumar os materiais para que todos/as pudessem andar de bicicleta um pouco e experimentar um circuito com as placas.

A educadora Maria acompanhou-os para estabelecer o posicionamento das placas enquanto o educador Cuco tirava as bicicletas do bicicletário. Quando voltaram, Maria distribuiu os capacetes e Cuco, por conseguinte, as bicicletas. Realizaram o percurso com



alguns/mas participantes encarregados/as de segurarem as placas e indicarem suas funções aos/às ciclistas. Entre 16h20min e 16h25min, os/as participantes foram chamados/as a guardarem as bicicletas e capacetes junto à educadora Maria, enquanto o educador Cuco preparava o lanche para levá-lo à roda final.

## **RODA DE CONVERSA FINAL**

Quando a atividade de bicicleta terminou (16h30min), os/as participantes se encaminharam à roda em frente à lanchonete onde assistiram uma breve apresentação dos/as participantes da musicalização. Ao término bateram palmas e elogiaram tal apresentação. Enquanto os/as participantes da música guardavam os instrumentos, o educador Cuco começou a conversa com os/as participantes da bicicleta perguntando o que haviam achado desta atividade de hoje, da confecção de placas e do circuito, todos/as alegaram ter gostado, mas alguns/mas reclamaram que muitos/as não haviam seguido algumas placas. O educador comentou que fora uma primeira experiência e que, por isso, alguns ajustes precisariam ser feitos para uma próxima vez. Tatagiba contou do acidente na bicicleta que Silvio havia passado com a bicicleta muito próximo de seu pé. Silvio disse que avisou antes e o educador Cuco ponderou que os pedestres sempre têm preferência e quem tem que ter mais cuidado é quem está na bicicleta, principalmente sendo mais velho e ao andar em um clube, numa pista reduzida. Tatagiba acrescentou que amou pintar a faixa de pedestres.

Jonas retomou o conflito com Marcos durante a brincadeira do “pega-macaco”, contando que tinha pegado ele na brincadeira e Marcos havia caído. Marcos disse que Jonas o havia empurrado. O educador Cuco falou que nessas brincadeiras quando estamos correndo às vezes não controlamos a força com que tocamos o colega para pegá-lo, além do que, o próprio colega também estaria correndo e com um mínimo toque também poderia se desequilibrar facilmente, mas de qualquer forma, quem fez o outro cair poderia explicar que foi sem querer, pedir desculpa e ajudá-lo a se levantar, ficando mais claro tratar-se de acidente e evitando-se raiva ou mágoa maior pela queda. E quem caiu também teria de ter calma e compreender melhor a situação, até porque, no caso, eram amigos, e não deveriam ficar brigando e reagindo com mais violências. O educador Cuco lembrou que Marcos era maior e mais velho que Jonas. Jonas pediu desculpas à Marcos,

que ainda bravo, fez com que o educador Cuco perguntasse se ele não queria pedir desculpas ao amigo também, já que havia reagido mal e revidado, ele o fez, o educador perguntou se ele não ia nem dar uma risadinha o que acabou fazendo-o rir **(18)**.

Com a chegada do pessoal da atividade de música, o educador Cuco contou que muitos/as haviam elogiado a apresentação deles/as. Cristiano Ronaldo havia comentado algo que poderia repetir a eles/as. O participante falou que queria fazer a atividade de música uma vez pra ver como era, animado pela apresentação que havia assistido. O educador Cuco disse que isso era muito bom, mas que ele, Cristiano Ronaldo, havia feito a escolha pela bicicleta, participado da confecção das placas e construção do circuito hoje mesmo, se não ia ter vontade de voltar pra bicicleta quando visse todos/as seguindo e melhorando o circuito, além do vislumbre de passeio externo, ao que o participante pareceu compreender e desistir da ideia de ir para a música. Em seguida, Cuco perguntou se alguém mais queria falar sobre o dia, Iris levantou a mão e contou dos novos aprendizados na música, como entrada, Samba e viradas **(19)**.

Por fim, Cristiano Ronaldo perguntou se podia contar a história de terror, seguindo a ordem combinada para tal no último encontro, já que ele era depois dos irmãos Pastel e Trevor que haviam faltado. Cuco disse que sim, mas que teria que ser rápido e que Maria passaria com as frutas para os/as participantes enquanto isso, o menino começou, então, sua história, partindo de associação às notícias dos palhaços assassinos que apareceram na TV há algum tempo. Contou que estava sozinho em sua casa e bateram em sua porta, olhou pela janela e era um homem de capa preta, depois bateram de novo, olhou e agora eram dois encapuzados batendo em sua porta, quando bateram de novo, colocou fogo em um papel e jogou pela janela, depois abriu a porta e não tinha ninguém. Pouca gente demonstrou interesse na história e mesmo medo, o educador Cuco comentou sobre quem será que eram e como sumiram e se alguém mais tinha ficado com medo, Iris disse que também tinha ficado, ainda que sem muito entusiasmo **(20)**.

Para terminar, o educador Cuco mostrou a lista das brincadeiras sugeridas por elas/es, apontando que a próxima seria “Bets”, todos/as gostaram, mas o educador alertou que era uma brincadeira difícil de ser realizada com muitos/as participantes, porém, que poderiam dividir a quadra e algum outro espaço, o que fora apoiado pelos/as

participantes, o educador perguntou se tudo bem ser “Bets” então, todos/as concordaram e o mesmo despediu-se e liberou os/as participantes. A educadora Maria disse que ainda tinham alguns poucos minutos e que quem tinha começado a comer e ia van que terminasse ali mesmo antes de ir. Aos poucos todos/as se levantaram, e Clarissa, ainda sentada ali, comentou “tá tão bom aqui”.

**Atividade de Integração p/ Terça-feira (12/06):** Seguindo a lista a atividade da terça será “Bets”.

**C.O. Cuco:** Será necessário conferir se temos bolas de tênis suficientes para o Bets **(21)**. À respeito da discussão do conflito entre Marcos e Jonas, a minha fala da “risadinha” imita possível estratégia que vi ex-educador do VADL, Eiri, realizar, e a repeti no intuito de retomar a leveza e descontração da/na roda de conversa bem como na/da relação entre os dois participantes, e pareceu surtir tal efeito (22).

**Diário de Campo XXII – Roda de Conversa****Data:** 10/06/2018 (domingo)**Horário:** 10h – 12h (manhã)**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos**Participantes Presentes [31+7]:**

<b>Participantes presentes</b>	<b>Familiares presentes</b>
Georgy	Nina
Pietro	Celia Jéssica
Megablue	Karol Beth
Baixinha	Claudio Simone Chico
Aparecida	
Minivamp	
Trevor Pastel	Jean Adriane
Iris Tatagiba	Fabiola
Juliana	Ivete Alceu Sueli
Jeferson	
Hulk Batman	
Luiza	Priscila Rebeca

**Educadores/as:** Flecha, Maria, Cuco, Rogério, Xande, Cecília e Murilo**Relatoria:** Murilo**INFORMES**

- O motorista fez o transporte das crianças e adolescentes, acompanhado pelo educador Flecha. Murilo conversou previamente com um dos diretores da ADESM, que autorizou o financiamento do transporte para a roda de conversa pela associação (1);
- Durante a semana, Murilo havia conversado com dois diretores da ADESM sobre a utilização do espaço da lanchonete no domingo, dia 10 de Junho, às 10h da manhã, quando seria realizada a roda de conversa; Havendo consentimento, Murilo avisou também a família que mora no Clube que disseram que, caso necessário, também poderiam utilizar o espaço da garagem, ao lado da Sala de Materiais (2);

## PLANEJAMENTO DO ENCONTRO

Murilo fez uma reunião de orientação com o coordenador do projeto na qual após apresentar a proposta de realizar um encontro com os familiares tendo uma apresentação musical, roda de conversa e café da manhã, conversamos sobre os cuidados, objetivos, organização, condução deste encontro e possíveis imprevistos.

Nas semanas precedentes a roda de conversa, Murilo comentou com os/as participantes para que perguntassem aos/às responsáveis se tinham interesse e disponibilidade para participar de uma roda de conversa, apresentação musical e café da manhã em um domingo no período da manhã. Na semana seguinte, Baixinha disse que esqueceu de perguntar, e as outras pessoas disseram que as pessoas da família topariam. Megablue disse que ela viria sozinha.

**C.O. Murilo:** Ela já havia comentado mais de uma vez que estavam com alguns problemas na família, mas não disse o que ou se era por isso que as pessoas de sua família não poderiam ir na roda de conversa (3).

Após perceber que não conseguiria se comunicar com alguns responsáveis devido a mudança de número de telefones, Murilo decidiu confeccionar e entregar um bilhete convidando as pessoas da família para o evento a ser realizado no dia 10 de Junho no Clube do Sindicato, explicando brevemente como seria e com informações sobre a van. No bilhete estava indicado que deveriam confirmar até quinta-feira, presencialmente ou via *whatsapp* (número do educador) quem estaria presente (4).

Na quinta-feira, Luiza confirmou 10 pessoas, especificando que seriam sendo 2 bebês, 1 adolescente e 7 adultos; Iris confirmou 16 pessoas; Baixinha confirmou 7 pessoas; Georgy confirmou 5 pessoas; Megablue confirmou sua presença; Jeferson confirmou 4 pessoas. Durante a musicalização, em grupo pensamos em participantes da musicalização que não estavam mais vindo e imaginamos juntos quantas pessoas viriam. Baixinha disse que Pietro havia comentado que viria junto a família, por isso, pensaram em 3 pessoas; Marcos (2), Samara (4), Paloma e Izabella ficaram em dúvida se viriam. No mesmo dia, Jeferson disse durante a roda inicial que queria conversar com Murilo e perguntou se saindo às 8h de casa, sua mãe conseguiria chegar a tempo do encontro. Murilo perguntou onde ele morava e ele disse que próximo a escola Bento (2km do Clube, aproximadamente). Jeferson vem a pé, com sua irmã e às vezes encontra a

participante Aparecida no caminho. Murilo perguntou quanto tempo ele costuma demorar (ele respondeu uma hora) e perguntou se sua mãe anda mais rápido ou mais devagar que ele. Ele disse que a mãe era mais rápida pois eles/as vinham conversando. Murilo disse que saindo de casa 8h30, 9h daria tempo tranquilo.

Na reunião de planejamento e avaliação, realizada na sexta-feira os/as educadores/as se manifestaram sobre suas participação no encontro, de forma que participariam três educadores (Cuco, Xande, Flecha) além da educadora ex-bolsista Gabi. Também o coordenador do projeto fez o pedido de uso do projetor multimídia e o pedestal ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar) (5).

Após a reunião, Murilo ligou para os familiares que utilizariam o transporte para confirmar seus lugares. Também Murilo ligou para o motorista para ver a possibilidade da van passar próximo a casa de Jeferson que costuma vir a pé para o projeto. Tendo a confirmação, Murilo ligou para ele e tentou ligar para Aparecida (telefone não existia) convidando para que viessem com o transporte cedido pela ADESM.

Murilo também ligou para alguns/mas participantes que, por não estarem participando do projeto ultimamente, talvez não estivessem sabendo da roda de conversa (6). Durante esta mesma semana que precedia o encontro, Murilo e Gabi pensaram em possíveis comidas a serem compartilhadas no dia com as pessoas. Murilo consultou sua família e pedindo algumas sugestões e receitas. No sábado preparou bolo de banana (receita de minha mãe), o amendoim com alho e patê (receitas de minha vó) e a polpa de maracujá (7).

No dia anterior ao encontro, Murilo ligou ao educador e doutorando Eiri que na condução de sua pesquisa, também realizou roda de conversa com participantes e familiares. Murilo quis saber um pouco mais sobre a experiência dele em sua roda de conversa e as potencialidades e desafios de conduzi-la a partir de uma seleção de fotos, vídeos e músicas. Conversaram sobre os cuidados com o registro, incluindo a quantidade e disposição dos equipamentos e também sobre solicitar a alguns/mas educadores/as que ficassem responsáveis por algumas funções específicas como para o registro e para conferência dos Termos de Compromisso Livre e Esclarecido (8).

Murilo e Gabi organizaram os materiais para levar no dia seguinte e prepararam os equipamentos de gravação de áudio e vídeo considerando a memória (para armazenamento dos arquivos digitais) e bateria.

No dia seguinte, decorrente da mudança de alguns compromissos também anunciaram que poderiam estar no encontro a educadora Maria e o educador Rogério (9).

### PREPARAÇÃO DO ESPAÇO

Na manhã do domingo, Murilo e a educadora Maria foram mais cedo para o Clube do Sindicato. Quando chegaram na lanchonete e viram duas grandes caixas de som, perguntaram ao funcionário do Clube sobre o que aconteceria no espaço. Este disse que seria um jogo amistoso do Brasil que seria transmitido na lanchonete mas que poderiam montar o que planejaram sem problema.

**C.O. Murilo:** Fiquei receoso de mesmo tendo me antecipado, o espaço fosse um “imprevisto” (10).

A educadora Maria também esteve na roda de conversa do educador Eiri e sugeriu que a arrumação fosse parecida, com o projetor no meio da lanchonete e as cadeiras dispostas em semicírculo (11). Murilo perguntou se Maria poderia ficar responsável por conferir os Termos de Compromisso Livre e Esclarecidos juntos às/aos responsáveis. Maria também passou também uma lista de presença a ser assinada por cada pessoa que estava na roda. Gabi ficou responsável pelo registro e junto a Maria prepararam a mesa de comida. Flecha fez o acompanhamento da van, junto ao motorista. Murilo havia enviado a ele uma lista de pessoas que estavam autorizadas a ir na van (12).

### CHEGADA PARTICIPANTES E FAMILIARES

Aparecida foi a primeira participante a chegar. Murilo disse que tentou ligar para ela no dia anterior mas não conseguiu. Queria avisar do transporte que conseguiu que passasse na escola Bento, perto de onde ela mora (13).

Depois Luiza chegou acompanhada de sua mãe e sua irmã. Murilo conversou com ela sobre o estabelecimento comercial que elas tem no bairro, sobre o qual, nas semanas anteriores Luiza havia trazido alguns panfletos e cartão-fidelidade explicando com

bastante propriedade sobre como funcionava o cartão. A mãe também comentou que era bom ter o projeto para ela ir, para não ficar o tempo todo lá, parada (14).

Vizinha/os do clube, Iris, Batman e seu irmão Hulk chegaram com duas bandejas de brigadeiros (enrolados e com granulado) e uma panela grande com saquinhos com pipoca.

**C.O. Murilo:** Fiquei muito feliz com o carinho que tiveram. Ressaltando que Batman participou apenas uma ou duas vezes da música e Hulk que nem chegou a participar. Iris participou quase todos os dias (15).

Murilo estava montando o projetor quando Minivamp chegou e perguntou se ele queria ajuda. Minivamp explicou as possíveis causas e perguntou o que Murilo já havia feito para funcionar (16).

As pessoas foram chegando e se sentando no semicírculo que precisou ser aumentado algumas vezes (17).

#### PEDIDO GRAVAÇÃO

Após explicar brevemente sobre a pesquisa e falar sobre a gravação daquele evento, pediu autorização para as pessoas que estavam na roda para gravar e, após ser autorizado, Murilo ligou uma das câmeras, depois foi até a outra câmera que Pastela estava operando e voltou ao centro do semicírculo sentando em uma cadeira, ao lado do computador, projeto e caixa de som. Conforme havia explicado, perguntou novamente se ele poderia gravar para que ficasse registrado e responderam "pode" (18).

Murilo sugeriu que comesçassem se apresentando, falando nome, de onde é, pai/mãe/filho de quem que é.

#### APRESENTAÇÃO

**Flecha** começou dizendo que também era conhecido por Flecha ou <apelido> [apontando para Megablue, que deu risadas], tem 19 anos, faz educação física na UFSCar e é de São Vicente;

**C.O. Murilo:** Megablue e Baixinha deram um apelido para Flecha com base em seu sotaque (19).



Minivamp, tem onze anos. Ao ficar em silêncio, Murilo disse para falasse o que quiser e perguntou "Você participa do projeto, né? Desde quando?". Minivamp respondeu que participava desde o ano passado, mas que no ano passado veio muito pouco (20).

Rafael tem 12 anos e disse que não sabia o que falar. Murilo perguntou onde ele morava e ele respondeu São Carlos. Murilo perguntou o bairro e ele disse Abdelnur. Murilo estava comentando que ele participou um pouco do projeto e depois parou, quando sua mãe, Simone começou a falar: "Desenvolveu, aprendeu a andar de bicicleta, é.. a controlar os medos, né, fio?". Murilo perguntou se Rafael queria falar mais alguma coisa e ele disse que não.

**C.O. Murilo:** Pareceu envergonhado enquanto sua mãe falava (21).

Baixinha, tem 16 anos, participa do projeto desde 2013, ("...por aí") , e mora no Abdelnur também. Apontou para Pastel que é seu irmão e Simone, sua mãe.

Georgy é amigo da Baixinha e mora "aqui mesmo, no Santa Felícia" (22).

Simone é mãe do Rafael e Baixinha, que frequentam o projeto. "A satisfação é muito grande, né? Muito agradecida, porque ele tinha medo de andar de bicicleta, e aqui foi desenvolvido que ele aprendeu a andar de bicicleta, e aprendeu a controlar mais os medo dele e desenvolveu bastante, tá bom?" (23).

Murilo complementou: "Se quiser falar o que gosta de fazer, o que faz, fica à vontade! Uma coisa que gosta de fazer, que faz bem".

**C.O. Murilo:** Senti que as pessoas estavam meio envergonhadas. E eu estava curioso para saber o que cada pessoa (especialmente de quem não vinha no projeto) fazia ou gostava de fazer (24).

Mais pessoas chegaram no espaço (Adriane, Jean, Pastel e Trevor). Megablue estava incentivando que **Karol** se apresentasse. Murilo perguntou se alguém poderia apresentá-la e Megablue disse: "Essa loirinha sapeca aqui é a Karol, ela tem 9 anos, é minha sobrinha, praticamente. Bom, o que ela gosta de fazer eu não sei, porque são muitas coisas variadas, mas de preferência, ela só adora comer. Só comer!". Murilo: "Legal! A gente vai comer um tanto aí". Megablue: "Ela chega da escola e fala: 'vó, tô com fome!'. Chegou aqui, antes de vir pra cá e falou: 'vó, quero café da manhã, quero isso, quero aquilo'... Não é vergonha, tá? Isso aí é manha mesmo".

Simone tentou fazer com que Chico falasse: "Você é quem? Olha o moço lá, fala seu nome!". Murilo: "E você, como é que é seu nome?". Minivamp: "Ele não quer falar, está com vergonha" (25).

Beth: "Meu nome é Beth, sou mãe da Megablue, moro no Abdelnur, e... [Megablue disse para que falasse o primeiro nome]. Ahhh, meu primeiro nome? Não, não, não! Só Beth está bom demais! É... to gostando que ela está participando do projeto de vocês". Megablue: "Apesar de sentir falta, né?". Beth: "[Ela] mais que falta, mais do que vem, né?". Megablue: "Mentira!". Beth: "Só isso, não tenho mais nada pra falar!". Murilo: "Tem sim!". Beth: "Se ela estiver dando trabalho, pode entrar em contato comigo que eu dou um jeito nela". Megablue: "Mãe!!!". Murilo: "Tá bom, mas não tá dando trabalho nenhum. Tá ajudando bastante!" (26).

Megablue: "Meu nome é Megablue, de preferência gosto que me chame de Megablue, porque não gosto muito do meu nome. É, tenho 13 anos, moro também no bairro do Abdelnur, é... praticamente gosto muito de estudar música. Faço parte dos Doces Flautistas, é.. como minha mãe já falou, né? Esta é minha mãe, esta é minha sobrinha, e é isso" (27).

Celia: "Meu nome é Celia, sou mãe do Pietro e da Julia, moro no Abdelnur e também como a Beth falou, fico muito feliz que meu filho tá aprendendo bastante coisa aqui. Os dias que não dá pra ele vir, que eu tenho que sair, que o horário num bate, ele até chora querendo vim. Daí eu falo: 'não tem como, filho, não tem onde eu te deixar pra você ir'. Aí acabo tendo que levar ele, mas nos dias que não vem, até chora! Tá aprendendo a andar de bicicleta também, aprendeu muita coisa aqui" (28).

Trevor: "Meu nome é Trevor tenho 8 anos, e as vezes, a.. minha classe é no \_\_\_\_\_ (inaudível)". Murilo entendeu outra coisa: "pode me chamar de Gui" e perguntou: "Posso te chamar de Gui?". "Trevor", ele disse (29).

Outras pessoas chegaram no espaço e Murilo pediu para que abrissem mais a roda. Comentou impressionado com o tamanho da roda e que infelizmente haviam dois pilares que ficariam na frente uns dos outros.

Para as pessoas que haviam chegado depois, Murilo disse novamente que estavam se apresentando, falando qual relação que tem com alguém do projeto, o que faz, o que gosta de fazer, onde mora etc. (30).

Jean é pai dos gêmeos Trevor e Pastel, e está muito contente que estão frequentando o projeto "não é um ano, é uns dois anos já". "Estou muito contente, eles tão aprendendo várias coisas também".

Adriane é mãe do Pastel e do Trevor, os gêmeos, "A gente incentiva bastante a vinda deles no projeto, por conta de interagir com outras pessoas. O projeto é benéfico, ajudou eles a andarem de bicicleta.. a gente nem participou dessa parte da vida deles. Eles andam sozinho de bicicleta, foram aqui que aprenderam. Algumas brincadeiras eu nunca ouvi falar, o *fútbol callejero*, que não pode fazer "carrinho", então isso ajuda na disciplina deles, é teve uma brincadeira que eu fiz no teatro (incompreensível) então é bem criativo... Eu pergunto para eles toda vez como foi. Nunca houve uma reclamação nada desse tipo então só vem a ajudar então eu gosto que eles venham pra participar mesmo, interagir, e ajuda bastante no crescimento. Com a música a gente não teve muito contato com nada, mas aqui vão começar" (31).

Maria: "Meu nome é Maria, mas eu gosto que me chame de [apelido]. Sou educadora do projeto faz pouquinho tempo. Eu entrei oficialmente há um mês, mas participo aqui já tem dois anos. Com outras atividades com outros projetos, um pouco nesse, um pouco como voluntária, e aí agora eu entrei oficialmente há um mês" (32).

Cuco: "Bom dia! Meu nome é Cuco, me chamam de [apelido]. Também sou educador do projeto. Voltei há dois meses, mas fui educador aqui de 2013 a 2015, eu acho. Estou fazendo meu mestrado na UFSCar sobre as rodas de conversa que a gente faz aqui no projeto, então interessante ver todo mundo aqui, já e ver o trabalho do Murilo acontecendo" (33).

Rogério: "Bom dia, sou Rogério, educador do projeto e estou aqui há cerca de mais ou menos um ano. Cuido mais ou menos da parte do ciclismo, então o pessoal que falou da *bike*, não foi somente eu que ajudei nesse processo porque eu também estou apenas há um ano, mas também foi o processo de outros educadores também que tiveram aqui com o pessoal. Sou aluno da UFSCar também só que sou do curso de Biologia" (34).

Xande: "Bom, eu sou o Xande, tenho 19 anos, sou educador aqui no projeto. Acho que no período que eu venho, é mais a galera que não vem, às quintas de manhã. E estou no projeto há mais de um ano, acho. Sou da sala do Flecha, também faço educação física e é isso" (35).

**Aparecida:** "Eu? Meu nome é Aparecida, tenho 11 anos. Moro lá no bairro Dagnone de Melo. Eu também gosto muito de ciclismo!"

**Pastel:** "Meu nome é Pastel, tenho 8 anos, moro no Araucária, o que gosto muito de fazer é gosto de jogar futebol e de jogar video game no quarto" (36).

**Pietro:** "Meu nome é Pietro, tenho 7 anos...". Pastel o corrigiu fazendo com que as pessoas rissem: "Oito!!!". Pietro reafirmou "Sete!". Pastel insistiu: "Oito!". Pietro continuou: "Gosto de jogar futebol e gosto de brincar" (37).

**Luiza:** "Oi, meu nome é Luiza, tenho 8 anos e o que eu mais gosto é música" (38).

**Rebeca:** "Meu nome é Rebeca, sou mãe da Luiza. A Luiza tem pouco tempo no projeto né, tem dois meses, mas é uma coisa boa porque ela ficava muito tempo comigo parada. Não tinha atividade. Aí aqui ela arranhou as atividades pra fazer, tanto a bicicleta quanto a música e ela se interessou mais pela música. Bicicleta não foi tanto o forte dela, então é um projeto legal... está desenvolvendo bastante ela" (39).

**Pastela:** "Meu nome é Pastela, fui educadora aqui no projeto em 2016 e também acho que trabalhei de quinta de manhã e a tarde. É bom, hoje eu só vou fazer os registros".

**Murilo:** "Vou apresentar um pouco mais dela, ela é minha companheira (40), me ajudou bastante, assim como os educadores e educadoras me ajudaram muito e os participantes e as participantes a fazer isso acontecer, né? Chamando, entregando os bilhetes e, né? Fazendo questão que viesse, então obrigado todo mundo... (41) Bom, acho que chegaram mais pessoas... a gente estava se apresentando, será que vocês poderiam se apresentar também?" (42).

**Ivete:** "Eu sou Ivete, tenho 44 anos e sou mãe da Juliana. Eu gosto de brincar também gente, de bicicleta, gosto de correr, de qualquer coisa, gosto de tudo! Gosto de viver loucamente!" (43).

**Alceu:** "Meu nome é Alceu e sou pai da Juliana".

**Sueli:** "Sou Sueli, tenho 20 anos e sou irmã da Juliana".

**Juliana:** "Eu sou a Juliana, e eu tenho 11 anos e gosto bastante do projeto" (44).

Chegou mais gente na roda. Murilo: "Pro pessoal que chegou agora a gente estava se apresentando, acho que da família da Juliana foi todo mundo, certo? Agora é com Iris e companhia!" (45).

Iris: "Meu nome é Iris, tenho 12 anos... que que eu gosto de comer? [riram]". Murilo disse: "Comer, fazer, essas coisas". Iris continuou: "Eu gosto de comer Nuttella com Açaí" (46).

Murilo: "Vamos ouvir o Batman?". **Batman** ficou em silêncio e seu irmão Hulk e Iris ficaram tentando fazer com que ele falasse seu nome e sua idade. Ele falou baixinho e alguém disse: "Mas pra todo mundo escutar". E outra "Fala alto!". (trecho inaudível) (47).

Hulk: "Meu nome é Hulk, tenho 12 anos, gosto de comer escondidinho e gosto de brincar de tudo" (48).

Vendo a participante Tatagiba próxima a um bebê, Murilo perguntou: "Quem está com a Tatagiba, por aí, quem é?". Tatagiba: "Esse é meu irmão que chama **Elias**, ele tem quatro meses e ele gosta de tomar leite". Murilo: "E o seu nome?". **Tatagiba**: "Meu nome é Tatagiba, tenho 6 anos e minha brincadeira favorita é piscina e eu gosto de comer Nuttella" (49).

Fabiola hesitou um pouco e sua outra filha Iris disse: "É você que tem que falar". **Fabiola**: "Meu nome é Fabiola, mãe da Iris, Tatagiba e do Elias... É eu trabalho lá na USP". Baixinha: "Mas não trabalha mais". Fabiola: "Não, por causa do bebê e eu gosto bastante de chocolate e é isso aí!" (50).

#### CONVERSA SOBRE O ENCONTRO

**Murilo**: "Acho que todo mundo se apresentou, certo? Gente eu estou muito, muito feliz. Ontem foi difícil dormir, porque eu queria que tudo desse certo e preparei... tentamos preparar com bastante carinho e aí a ideia é que a gente converse um pouco e eu queria pedir a ajuda de quem já participou e quem participa da música pra... quem conhece aqui o projeto e tal, pra explicar pra quem nunca veio aqui, os pais, mães, familiares e tudo mais, o que a gente faz aqui, o que a gente fez na música, certo? (51) ... três coisas que eu preciso falar: A **primeira** é que isso daqui também faz parte de uma pesquisa. Alguém já ouviu falar do Eiri? Já? Alguém já ouviu falar do Rodrigo? Sim?

Esse é difícil porque faz mais tempo... Alguém já ouviu falar da Aline? Pastel, Trevor, Rafael, Minivamp.. legal! Todas essas pessoas foram educadores e educadoras do projeto e fizeram pesquisas. O Rodrigo fez sobre o que?. Pastel se pronunciou falando da bicicleta. O Eiri fez sobre o que, vocês lembram? [*Fútbol Callejero*] E acho que ele também gravou as rodas de conversa, não foi? Que ele pedia para alguém gravar, e tal. A Aline fez sobre o que? [música] Não.. essa é mais difícil... Ela fez sobre algo que chama "relações étnico-raciais". Megablue: "É o que?!". Murilo: "relações étnico-raciais". Iris: "Ahh, é sobre os negros, os imigrantes, ...". Murilo: "Sobre negritude, cabelo, cor de pele, tudo essas questões. E, eu to fazendo sobre a música, então pra mim isso vai ser importante saber de vocês o que estão aprendendo, o que estão ensinando de música e falando de música em casa (52).

**Segunda** coisa, eu preparei com ajuda da minha companheira Pastela, e da minha avó e da minha mãe que me passaram receitas de coisas que eu gosto de comer e pensei que vocês também gostariam. Então tem bolo de banana, amendoim com alho e um patê, receitas da minha família, sem contar as outras pessoas que carinhosamente trouxeram coisas pra gente comer.. quem que trouxe aí?". Iris: "Foi assim, Murilo, foi a Juliana, o Hulk, o Batman, eu e a Bel, que a gente fez pipoca e brigadeiro". Murilo: "Então muito obrigado!" (53).

**Terceira** coisa. Pra gente fazer isso que a gente tá fazendo aqui, a gente precisa, por exemplo, eu perguntei das gravações. Eu preciso da autorização de vocês pra gravar, foi por isso que eu perguntei. Mas além do falado, a gente precisa do escrito, e é isso que a Maria ["levanta a mão aí, Maria"] vai me ajudar a fazer, que algumas pessoas já fizeram. Então ela vai estar consultando algumas pessoas e ela vai explicar melhor o que que é (54). **A outra coisa**, é que a gente pode ir conversando e comendo, certo?... Acho que fica melhor assim, né? Quem quiser, levanta, petisca, vai lá, passa um patêzinho, volta pro lugar,... [Simone se levantou] Isso, por favor, inaugure!! E aí a gente vai conversando [Megablue: "mãe!"]. Isso é pra ser assim mesmo. Aí depois da primeira leva, a gente começa a conversar, tá bom?!".

PAUSA PARA COMER/CONVERSAR

As pessoas se levantaram e foram até a mesa de comida e foram comendo e conversando.

**C.O. Murilo:** Foi um momento muito bacana. Eu estava preocupado com o que viria, pensando em como conduzir e tudo mais, mas deu uma leveza para o encontro. Conversamos sobre assuntos variados e infelizmente as gravações ficaram bastante ruidosas (55).

Depois de quase dez minutos Murilo disse: "Turma, vocês acham que dá pra gente pegar, levar pro lugar e ir conversando? Pode ser? Então agarra aí o que quer comer e a gente senta pra conversar". Mais pessoas chegaram ao espaço.

Murilo olhando para a projeção disse: "Gente, achei que fosse ficar grande, mas acho que vai ficar pequeno pra ver, né? Dá pra ver será? [Sim] Por exemplo, se eu colocar uma foto assim". Jean que estava sentado respondeu que sim. Murilo: "Então tá bom!".

Murilo chamou cada pessoa que estava fora da lanchonete, a saber, Minivamp, Pastel, Batman, Tatagiba, e disse que iria precisar da ajuda deles/as" (56).

#### CONVERSA A PARTIR DE SELEÇÃO AUDIO-VISUAL

Murilo continuou: "Bom, fiquei pensando como começar a mostrar um pouco do que a gente faz aqui. Aí, já que a gente tá falando de música e vou mostrar algumas músicas que vocês talvez, não conheçam, mas a turminha que participou, algumas delas conhecem e vão poder dizer o que essa música tem a ver com a gente. Ah, só peço o seguinte! Quando for falar, como está gravando, pra falar um de cada vez, pra gente conseguir conversar todo mundo junto, beleza? Então está bom (57). A primeira música que eu pensei em colocar é essa! [Você chegou – Barbatuques] Alguém conhece essa música?". Iris imediatamente diz: "Eu" e outras pessoas a acompanham. Murilo: "Quem conhece levanta a mão! [vendo as mãos levantadas comentou] Quem não participa do projeto só a... esqueci seu nome.. Luiza? [Ela disse seu nome] Adriane! Alguém que participou da música, pode levantar a mão e dizer o que essa música tem a ver com a gente?" Minivamp: "Por causa que ela usa os instrumentos, e várias coisas". Iris que estava perto disse: "A gente não usa berimbau". Minivamp: "É, mas tem outros instrumentos...".

**C.O. Murilo:** Minivamp participou três vezes na musicalização no período da pesquisa mas como é antigo no projeto possivelmente teve outras experiências musicais, como deve ter sido o caso do berimbau que ele citou. Além disso é bastante participativo e se sentiu à vontade para compartilhar o que pensava (58).

Murilo: “Quem mais quer falar alguma coisa? Sobre essa música”. Iris: “Deixa eu pensar”. Murilo: “O que que essa música teve a ver com a gente?”. Iris: “Ah, a gente fez, no começo”. Minivamp interrompendo disse: “Observando vídeo!”. Iris continuou: “a bater o pé, bater palma, sei lá”. Murilo: “Quem mais pode contar pra quem nunca veio na música, o que a gente fez com essa música?”. Megablue: “Ficou andando em círculo”. “Eu não sei!”. Murilo: “Que que é o ‘ficar andando em círculo?’ explica”. Simone: “Mostra lá pra nós”. Megablue: “Ficou dando passo, é.. o passo a passo da contagem do toque da música. É...”. Murilo: “Posso falar uma coisa? Essa música foi a Baixinha que me mostrou, então a gente usou essa música pra fazer isso que a Megablue falou, marcar o pulso da música, né? Uma das primeiras coisas que a gente fez foi meio que dançar assim... A gente colocava umas músicas e dançava”. Minivamp: “Observação do ritmo” (59). Tatagiba: “Você esqueceu que a Megablue não gosta de chamar Megablue”. Murilo: “Boa, Megablue, mais uma vez te chamei de Megablue e é pra te chamar de Megablue. Megablue, com ‘h’ no final (60).

Posso mostrar outra música?... E essa daqui? Essa tem um videozinho também”. [Didá – Samba Reggae]. Murilo: “Alguém reconhece esse lugar?”. “Bahia”, “Salvador” disseram (não identificável). Jeferson: “É samba-reggae!”. Murilo: “Samba-reggae? Entendi! Alguém quer contar pra quem não veio, o que que essa música tem a ver com a gente?”. Minivamp: “Os instrumentos, o ritmo”. Murilo: “Ahh, o ritmo que é o samba-reggae, os instrumentos que a gente também está usando aqui”. Georgy: “Nós também estamos treinando o samba-reggae”. Megablue: “A dança, Ana! A dança”. Iris: “A gente, a gente... vamos dizer que a gente se inspirou nessa música e o Murilo também ensinou a gente a dançar igual elas”. Murilo: “Mais ou menos, tentei [rindo]”. Megablue: “Contar os passos direito!”. Murilo: “Fazer o que, Megablue?”. Megablue riu dizendo: “Ahn, nada! Me empolguei!”. Murilo: “Não, eu não ouvi! Fazer o passo...”. Megablue continuou: “É, direita, esquerda! Ou se não é 1, 2, abre, fecha!”. Murilo: “Mais alguma coisa, alguém quer contar? Alguém que não veio na música conhecia esse ritmo? De



onde, porque?”. (não identificável) “Televisão, Salvador, carnaval” (61). Murilo: “Foi numa dessas, num desses encontros que a gente conhece um pouco mais de vocês. Apesar de não estarem no Clube diariamente a gente acaba conhecendo um pouco de vocês. A Iris chegou a contar que o pai e mãe de uma colega são de Salvador e tal, e aí, a gente acaba se aproximando de vocês de alguma forma, assim. É, Salvador, não sei o que vocês acham, mas tem os jeitos de viver diferente dos daqui”. Ivete (Mãe da Juliana): “É, diferenciado!”. Murilo: “E a gente aprende com os jeitos de lá, e aprende por intermédio das pessoas que estão aqui, então isso é muito rico pra gente (62).

Posso mostrar outra? E essa daqui?”. [Criolo - Fermento para Massa]. Algumas pessoas riram quando começou a parte cantada.

**C.O. Murilo:** O início da letra desta música diz “Hoje eu vou comer pão murcho”. Essa música conhecida por isso (63).

Murilo: “Alguém pode contar o que essa música tem a ver com a gente?”. Minivamp: “Aposto que é samba-reggae... Éeeee, minha madrinha já tocou essa música só que eu esqueci o ritmo” (64). Iris: “Como a Megablue falou, você colocou essa música pra gente, e a gente fez o passo, assim, de novo, em roda, pra fazer a marcação do passo” (65).

Murilo: “Então, esse negócio de se aproximar da família por outros jeitos, a gente fez entrevistas com algumas pessoas. A ideia era fazer com todas, mas não deu tempo ainda, mas a gente vai continuar fazendo (66). Minivamp, acho melhor você deixar esse pedaço de pau paradinho lá, porque acho que tem gente que está prestando atenção em você, e daí pode acertar em alguém, pode machucar. E acho melhor ser na parede de lá, porque aí capaz que caia (67). É, as entrevistas a gente descobriu que tem famílias que ouve funk, sertanejo, forró, tem família que não gosta de forró, gospel, pagode, [Pastel: eletrônica] eletrônica, [Minivamp: rock metal], rock metal, pop, [Megablue “pop, Ken pop”] [Aparecida: “Samba rock”].. então a gente descobriu alguns ritmos que as pessoas gostam e trouxe também pra fazer algumas atividades estas músicas, certo? Pra tentar contemplar e ver, aprender com as pessoas também (68). Agora eu vou mostrar umas fotos antes da gente fazer a apresentação.

Figura 1 - DC 03 - Roda de conversa com convidados/as



Murilo: “Não sei se está dando para ver.... deixa eu ver quem que estava nesse dia”. As pessoas foram se pronunciando “Eu”. Baixinha: “todo mundo!”. Murilo: “Quem estava? Você podia explicar o que aconteceu nesse dia. Que que é isso que a gente está fazendo? Tinha bastante gente na roda, tinha um pessoal visitando”. “Dia dos índios”. “Dia da apresentação”. Murilo: “Hulk veio? Pode falar o que que é?”. Hulk: “É, o dia do índio”. Murilo: “Ah, o negócio do índio foi outro dia”. Juliana: “É o pessoal que é amigo do Flecha, se não me engano da bateria”. Iris: “Foi dahooora aquele dia, hein?”. Murilo: “Iris, quer contar alguma coisa?”. Iris: “Quero! Eles vieram aí chegaram aqui, aí cada um fez sua apresentação, aí a gente foi lá e ficou tocando”. Minivamp: “Maior dahora!”. Murilo: “Acho que tem uma foto desse outro momento que você falou, que a gente ficou tocando junto”. Iris: “Ahh, verdade, a gente tocou junto! Aí depois a gente pôde tocar nos instrumentos”. Murilo: “Então vocês conseguem ver essa foto? É do mesmo dia!”.

Figura 2 - DC 03 - Assistindo e dançando a apresentação



Iris: “Ali, a Aparecida ali!”. Baixinha: “A Aparecida ali de <cor da camiseta>!”. Murilo: “Aqui está a Aparecida, quem mais está na foto? A Tatagiba...”. Baixinha: “O Georgy tá também!”. Juliana: “Ficou eu, a Iris, as pessoas que não estavam tocando o instrumento ficaram dançando”. Murilo: “É, e ensinaram a dancinha também!” (69).



Figura 3 - DC 03 - Experimentando o repenique



Murilo: “E essa foto aqui?”. Pastel: “É do Flecha!”. Iris: “Quem é essa menina?”. Murilo: “É a Samara!”. Murilo: “E essa daqui?”.

Figura 4 - DC 03 - Experimentando o surdo



Georgy: “É o Flecha com o Pastel ou Trevor”. Trevor: “Era eu!”. Murilo: “Era o Trevor? Entendi! Gui, você quer contar o que foi esse dia, para as pessoas que não estavam? [não] Não?”. Pietro caiu da cadeira. Murilo perguntou se estava tudo bem e ao responder que sim, ele disse: “Então levanta e segue o jogo!”. Flecha: “Esse dia tinha acabado de mudar o formato do projeto. A gente estava começando foi na segunda semana ou na primeira que teve a música. E.. eu sou da bateria da UFSCar. E uma das coisas a gente veio fazer uma ação social aqui onde a Bateria UFSCar com algumas pessoas, a gente passou o dia, jogou páscoa [Baixinha: “Caiu pra caramba!”] Cai bastante, eu principalmente... quebrei uma caneca até, e depois a gente fez uma apresentação pra eles, pra dar essa intenção na música e também a gente apresentou alguns instrumentos, com os ritmos que a gente faz na Bateria UFSCar. Aí com isso, a gente introduziu todo esse semestre da música” (70). Murilo: “Durante o projeto, a gente recebeu algumas visitas, uma delas foi da Bateria que veio tocar com a gente. Ahh, essa é



outra foto da bateria. Aqui tá Baixinha aprendendo o.... como chama o instrumento? O chocalho, [Iris: “Caxixi”] caxixi... Aqui a Iris aprendendo tamborim [Iris: “Nossa, só dá eu nas foto, hein?”] com outra pessoa que veio visitar o projeto” (71).

Murilo: “E esse dia aqui?”. Aparecida “Dia do índio!”, Iris: “Ó lá os índio ali, ó!”. Murilo: E o que que aconteceu nesse dia?”.

**Figura 5 - DC 05 - Visita parentes indígenas**



Iris: “A gente estava conversando aqui, aí a gente foi fazendo perguntas pra eles, sobre o que eles faziam, o que eles gostavam, qual comida que eles gostavam, lendas... não sei se eram verdade, aí depois a gente, no final da roda, a gente fez o jornalzinho com as perguntas pra eles”.. Juliana: “Nesse dia eu vi um dos índios ali perto da papelaria do meu pai”. Murilo: “Ah é? Ele tava passando por ali?”. Juliana: “Ele tava indo pra <lugar>” (72). Georgy: “E nesse dia a gente foi e nadou”. Murilo: “Ah, é”. Aparecida: “É, a gente tava muito apressado pra ir”. Juliana: “É, aí você falou: ‘Não quer deixar para entrar na semana que vem? Aí a gente: ‘Nãããã...’”. Murilo: “Aí vocês saíram da piscina? Porque?”. Georgy: “Porque estava chovendo”. Minivamp: “Não deixaram a

gente ficar que começou a chuveirar”. Pastel: “Aí choveu e parou” (73). Murilo: “Pessoal, esse outro dia, vieram colegas e acho que foi o Xande que entrou em contato com o Uted? [Flecha: “Acho que foi o Kauê”]. O voluntário do projeto falou que tinha gente na sala dele que era indígena e que estava fazendo faculdade e que poderia fazer uma visita para o Projeto pra conversar como era a vida deles, o que era parecido ou diferente da gente... E, pelo menos para mim, eu vi que tinha muita coisa em comum e muita coisa diferente. Alguém lembra de alguma coisa comum que eles gostavam que eles faziam?”. Aparecida: “Eles gostavam de comer mandioca”. Murilo: “Mandioca e tinha também outra coisa...”. “Peixe”. Minivamp: “Eu sei, eles comiam tudo junto!”. Murilo: “Em comunidade, ali, né?”. Iris: “Tapioca!”. Baixinha: “Eles falaram que o açaí deles.... quem come o açaí de lá que é daqui da região fala que o açaí de lá é amargo, e quem come o açaí daqui fala que esse é amargo”. Simone: “Pra mim pode ser amargo ou ser doce, eu num gosto!”. Georgy: “Aí também eles contaram sobre a lenda da mandioca, que a Iris também comentou sobre ela. E algumas pessoas que não sabiam como eu também acabou aprendendo”. “Mandioca é bom!”. Iris: “Ahh, e acabou falando da lenda da mandioca que eu perguntei se era verdade”. Murilo: “Que que ele falou?”. Iris: “Que não...Pode contar?”. Murilo: “tudo bem se a Iris contar?”. “Sim!”. Iris: “Eu vou contar sobre o meu conhecimento. É assim é que tinha uma moça, da aldeia lá que ela teve uma filha. Quando essa menina nasceu, ela tava doente e ficou muito branca. Aí enterraram ela no meio da aldeia e depois de um tempo nasceu uma plantinha, que deu o nome de mandioca. Porque Mandi era o nome dela e Oca porque era a oca”. Murilo: “Isso você aprendeu antes do projeto..? E daí você trouxe pro projeto e perguntou pra eles se eles conheciam ou não e eles disseram que...”. Iris: “Que era só uma lenda”. Pastel: “Eles brincavam de pega-pega lá em cima da árvore”. Murilo: “É.. é verdade, boa lembrança!”. Hulk: “Ele contou a lenda da mandioca lá”. Minivamp: “Eles falaram como que eles faziam a tapioca. Tinha um tipo de ... [Minivamp gesticulando algo para ralar/amassar a mandioca]”. Murilo: “Legal, boa lembrança também! Ó, a gente falou que eram índios, indígenas, parentes indígenas como eles gostavam de ser chamados, mas alguém lembra o nome deles? Eram quatro!”. “Menino Pankararu”, Baixinha: “Manoel”, Juliana: “E tinha um que o nome era muito difícil!”, Murilo: “Uted, e.....”. Murilo foi acompanhando na foto e mostrando quem era quem.

Figura 6 - DC 05 - Foto no dia da visita dos parentes indígenas



“E esse de branco....” Ficaram um tempo tentando lembrar o nome de Joel. Murilo disse: “Vou lembrar o nome dele e falo pra vocês, mas ele tem nome de algum cantor que eu conheço e eu fiz essa associação”. “Roberto”, “Chico”, “Luan Santana” [riram!] (74).



Figura 7 - DC 09 - Apresentação durante a roda final



Murilo: “E esse dia aqui, alguém lembra?”. Aparecida: “Eu!”. Megablue: “A gente fez uma apresentação para a turma da roda.... que a gente tava ensaiando aí do nada você resolveu de penúltima hora fazer uma apresentação pra ver o que eles achavam da nossa experiência com a música”. Murilo: “Que é um pouco do que a gente vai fazer daqui a pouco pra vocês, né? Tocar e mostrar o que a gente tá fazendo” (75).

Figura 8 - DC 15 - Assistindo video de percussão do grupo Stomp



Murilo: “E esse dia aqui?”. Aparecida: “Ah não, professor, esse dia eu tava \_\_\_\_\_”  
 (trecho inaudível). Iris: “Ahh, no dia que a gente tava assistindo!”. Murilo: “Você não  
 tava? Eu acho que você tava”. Iris: “Ah, a gente tava assistindo. Era um que tava fazendo  
 música com o jornal, assim ó. Era um que tava os músicos que tavam fazendo música  
 com jornal e daí eles ficavam batendo e *uhuulll* aí começaram a brincar com uma  
 \_\_\_\_\_” (trecho inaudível) (76).



Figura 9 - DC 16 - Tocando caixa



Murilo: “E esse dia aqui?”. Baixinha: “Pelo amor de Deus, Murilo!”. Iris: “Eu sei, foi terça”. Baixinha: “É o dia que o Flecha exagerou no \_\_\_\_\_” (trecho inaudível). Flecha: “Na outra semana estavam tocando lindamente”. Iris: “Foi terça que a gente tava tocando o samba”. Pastel: “Eu não tava... tava na bike!”.

C.O. Murilo: Foi um dia que Flecha conduziu o ensaio e eles/as se queixaram que ficaram muito tempo tocando (77).

Figura 10 - DC 20 - Tocando samba



Murilo: “Alguém se reconhece nessa foto aqui?”. Iris: “A Luiza, a Baixinha e a Megablue”. Baixinha: “Só dá nós na foto!”. Murilo: “Bom, tem mais fotos, mas eu acho que a gente pode tocar agora.

C.O. Murilo: senti pelas últimas fotos que o pessoal estava disperso, talvez estivesse desinteressante ou cansativo.

Quem é da música e está participando mais recentemente se vocês puderem ir se direcionando para a Salinha, daqui a pouco eu chego lá (78). Pra quem vai ficou queria saber de vocês o que quem está participando da música, fala da música pra gente poder melhorar, se fala ou comenta alguma coisa, acho que é, se quer comentar alguma coisa sobre o que a gente fez, mostrou e tal. Fiquem a vontade. Porque até agora eles apresentaram pra vocês, né? Então se quiserem, fica a vontade...[Silêncio]. ”. Celia: “Você que fez o bolo de banana?”. Murilo: “O bolo foi.. receita da vó”. Celia: “Já pode casar”. “O patê também?”. Celia: “Ó [falando para Gabi] não precisa nem ir pra cozinha!”. Murilo: “Mas não tem erro... receita de vó e mãe....Se bem que dá pra dar errado, né? Bom, eu vou lá arrumar as coisas pra tocar e daí a gente chega aqui, tá bom? Fiquem a vontade se quiserem pegar mais comida e tal”. Maria: “Quem ainda não assinou o termo?” (79).

PREPARAÇÃO PARA APRESENTAÇÃO

Murilo, Iris, Megablue, Jeferson, Georgy, Flecha, Baixinha, Luiza, Juliana e Trevor foram até a sala de materiais para pegar os instrumentos e se ajeitar. Iris falou para Murilo: “A Juliana vai tocar, tá? Eu ensinei tudo ela!”. Murilo disse que tudo bem, se tivesse instrumento (80). Trevor se aproximou da lanchonete e disse que queria tocar. Murilo disse que provavelmente não sobraria instrumentos que seriam utilizados por quem já estava vindo há mais tempo na música. Havia um tamborim e Murilo ofereceu para Trevor mas ele não quis. Murilo explicou que só havia sobrado aquele e Trevor não quis pegá-lo. Juliana ficou com o tamborim (81).

Murilo viu que as pessoas estavam todas de preto e pediu para que a educadora Maria o ajudasse trazendo a camiseta preta que ele havia esquecido no carro, enquanto ele se organizava com os instrumentos e participantes (82).

Iris chegou no espaço com o surdo de chão e o posicionou na frente de sua mãe. Começou então a explicar a ela algumas coisa que ela fazia ao tocar o samba-reggae. Ensinou a mãe a fazer a contagem para que ela entrasse tocando e também o sinal de uma virada. Georgy também chegou com seu surdo e ficaram tocando e ensinando.

Enquanto Flecha acompanhava as pessoas até o lado da lanchonete, Murilo chegou no espaço com o timbau e ao ver Iris ensinando, disse para a mãe dela que “já podia vir tocar com a gente!” (83). Murilo pediu para que Iris colocasse o surdo na posição onde iria tocar.

Flecha colocou a caixa que iria tocar em uma cadeira já que estava faltando um talabarte. Murilo vestiu a camiseta preta e disse “A gente precisa ensaiar uma coisa com vocês... ah, a gente ensaia depois! Vamos tocar!”. Iris gritou chamando Minivamp e Tatagiba que estavam distantes da roda. Murilo: “Quem quiser se levantar, dançar, também fica a vontade!”. Tatagiba passou pulando e “dançando” no meio da roda. Algumas pessoas já estavam com seus celulares prontos para gravar a apresentação (84).

Murilo e Iris estavam a frente e o restante do grupo estava do lado de fora da lanchonete. Quando Iris fez a contagem, Murilo e Megablue começaram fazendo a chamada, e Megablue, Jeferson, Georgy, Flecha, Baixinha, Luiza e Juliana responderam com seus instrumentos enquanto entravam em fila ao centro do semicírculo. Começaram a tocar o samba-reggae e Murilo foi para fora da lanchonete, atrás do público para conduzir as intensidades e as viradas. Quando mudaram a intensidade, algumas pessoas

olharam para trás para entender o que estava acontecendo. Quando terminaram, bateram palmas (85). Murilo voltou para o centro e dizendo: “Pessoal, precisamos da ajuda de vocês para o seguinte! [Falou baixinho para Megablue] você faz a chamada? [Ao grupo] Queria que vocês respondessem com palmas, o que quiserem, a nossa chamada. [Megablue fez a chamada e todos/as responderam] Já pegaram rápido... já dá pra participar aqui da música! Ó, aqui, pelo que percebi assim, a gente trabalhou de duas formas: uma tocando de ouvido, que é mais ou menos isso que vocês fizeram: ouviu uma vez, já viu como é que funciona, repete várias vezes e de repente a gente aprendeu. E outra coisa é a gente aprender a tocar e ler. Não sei se todo mundo participou dessas aulas, mas é falar “tá, titi”, ver as figuras, e a gente tocar lendo. Então tem vários jeitos de tocar, e a gente tenta trabalhar um pouco de cada aqui no período da música. Vamos tocar mais um pouco? Sim? Então vai lá!” (86).

Começaram a tocar novamente a partir da chamada feita por Megablue e Murilo. Depois de algumas viradas e mudança de intensidade, Murilo conduziu para que tocassem bem fraco. Enquanto isso, Murilo disse ao grupo: “Esse ritmo chama samba-reggae. Ele veio lá de Salvador da Bahia. E a gente trabalhou com ele durante o semestre. A gente trabalhou com o ritmo base, que é o que vocês tão vendo através da fala. Se vocês perceberem, a gente criou uma palavra que chama “Vatapá Legal”. Caixas, toquem só vocês mais forte, ou falando. Então a gente associou o ritmo que a gente faz, com o jeito de falar. Certo? E não foi qualquer palavra que a gente usou. Vatapá tem aonde? [Salvador]. E é bão?! O, se é! (87)

Voltaram a tocar mais forte. Murilo propôs uma virada de ficar quatro tempos em silêncio. Mas algumas pessoas confundiram com outra virada. Murilo conduziu repetindo essa virada várias vezes seguidas, até que ficasse melhor. Também auxiliou com gestos, colocando o dedo na boca em sinal de silêncio e contando os quatro tempos (88). Quando terminaram novamente bateram palmas e Murilo disse: “É isso. Alguém tem alguma pergunta ou queria dizer alguma coisa?”. Depois de alguns segundos de silêncio, Simone disse bem alto: “Tudo ótimo!!! Tudo lindo!!! [Risos]”. Murilo continuou: “Alguém já toca instrumentos de percussão? Teve uma proximidade? Não?”. Baixinha levantou as duas baquetas e perguntou: “E aqui conta?”. Megablue fez o mesmo. Murilo: “Conta sim!” (89) e continuou: “Bom, foi um grande prazer ter essa roda de conversa, essa

conversa com vocês, conhecer, olhar olho no olho na cara de cada um que a gente não conhecia as vezes. E a gente vai continuar tocando, se quiserem comer alguma coisa. Se tiver alguma coisa pra comer”. Simone: “Nós já comeu tudo!”. Murilo: “Então maravilha!”. Simone: “Tá de parabéns” (90). Murilo: “Cada pessoa que está que está aqui... Assim.. cada pessoa que está aqui, é um projeto de Lazer e a gente tem duas atividades fixas atualmente: bicicleta e música. Então, participa quem quer, da música, certo? A gente fez só um compromisso de tipo ó: Se decidiu vir, vem mais vezes para não atrapalhar quem já está vindo. E isso foi importante. Mesmo assim, todo mundo que está aqui participou pelo menos uma vez, e desta uma vez nos ajudou e espero que tenha ficado alguma coisa. Ou uma vontade ou algum ritmo, alguma coisa assim, pra quem veio só uma vez, e está maravilha, porque nem todo mundo vai gostar de tocar música e tal. Mas é isso a gente está muito feliz das pessoas que toparam. Juliana, Luiza, Baixinha, Flecha, Iris, Georgy, Jeferson e a Megablue e eu também. Então isso é uma fotografia do que a gente está fazendo agora. Vai continuar, as pessoas vão mudar, mais gente vai chegar, mais gente vai sair, mas a gente vai tá aí, tá bom! Então obrigadíssimo pela presença de todo mundo” (91).

Pastela lembrou Murilo de tirar uma foto com toda gente e enquanto isso Iris falou no ouvido de Murilo dando a ideia de que quem quisesse poderia aprender a tocar depois com eles/as.

Murilo: “Então depois de tirar a foto aqui, a gente toca mais um pouco, e a Iris deu uma ideia legal que quem quiser tocar também, aprender uns ritmos, cada um vai estar com um instrumento e se vocês quiserem aprender, saber como é que foi e tal, a gente conversa, também? E quem tiver horário também pra comprar o frango e fazer o almoço, essas coisas, aí tá dispensado! Então vamos tirar uma foto (92).

Tiraram foto e começaram a experimentar os instrumentos. Enquanto isso Murilo se despediu de algumas pessoas, conversou com a família de Juliana sobre Salvador, as comidas e afins. Depois foi tocar os instrumentos com o pessoal e tirar algumas fotos (93).

Flecha acompanhou o transporte e depois relatou que durante a ida, talvez pelo sono, por ser manhã e não se conhecerem foram bastante quietos, mas na volta foram

conversando bastante (94). Flecha voltou ao Clube onde reencontrou os/as educadores/as que ficaram ajudando Murilo a guardar os materiais utilizados e organizar o espaço (95).

**C.O. Murilo:** Ideia - Imprimir uma foto do encontro e colar a receita do bolo de banana e do amendoim para dar às famílias em agradecimento ao nosso encontro (96).



### Diário de Campo XXIII – Roda de Conversa

**Data:** 22/09/2019 (domingo)

**Horário:** 10h – 12h (manhã)

**Local:** Clube de Campo dos Metalúrgicos

**Participantes Presentes [26+3]:**

<b>Participantes presentes</b>	<b>Familiares presentes</b>
Iris Tatagiba	
Hulk Batman	
Pastel Trevor	Jean Adriane
Super Mário	
Jeferson Dandara	Cláudia
Juliana	Alceu Ivete
Pietro	Jéssica Celia
Megablue	Beth Karol Suzana
Luigi	
Sabrina Rebeca	

**Educadores/as:** Murilo, Judith e Cecília

**Relatoria:** Murilo

#### PLANEJAMENTO DO ENCONTRO

Primeiramente Murilo participou de duas reuniões de planejamento e avaliação, conversando com os/as atuais educadores/as do projeto, explicando sobre sua pesquisa e conversando sobre sua finalização. Nos dias 03 e 05 de Setembro, participou das atividades do Projeto VADL reencontrando algumas pessoas participantes da musicalização em 2018, como Izabella, Pietro, Cleber e educador Dexter. Murilo fez ligações aos/às participantes e percebeu que muitas pessoas já haviam trocado de telefone. Com isso, pediu ao educador Dexter e a educadora Judith que atualizassem os

contatos de alguns/as participantes. Também foi até a casa de algumas participantes como Iris e Tatagiba, Batman e Hulk, Ryan, Juliana, Ana Maria, Megablue, Pietro e Rayssa.

Nestas visitas, conversou não apenas sobre o encontro. Se deparou por exemplo com uma família em crise, com dificuldades de se alimentar. Durante a semana do encontro se mobilizou com pessoas do grupo de estudo NEFEF e colegas para arrecadar alimentos e dinheiro que seriam revertidos com a compra de alimentos.

Também conversou com um educador musical que atua na cidade de São Carlos-SP, que também trabalha com estas pessoas, para entender um pouco melhor da situação desta família. Ele já estava sabendo da situação de crise desta família e havia se mobilizado para ajudar, conseguindo uma cesta básica. Conversando então com a família, decidiram reverter este dinheiro para a compra de alguns alimentos perecíveis (queijo, presunto, frango, carne moída), materiais de limpeza e de higiene pessoal (sabonete, pasta de dente, escova de dente, papel higiênico e assim por diante). A entrega foi feita no dia 21 de Setembro no período da noite, onde puderam conversar um pouco mais (1).

Além disso, Murilo marcou com o motorista da van que costuma fazer o transporte das crianças e adolescentes para o projeto. Conversou com funcionárias do Sindicato sobre a possibilidade de financiamento do transporte e alimentação dos/as participantes, o que foi prontamente atendido.

## **ENCONTRO**

Murilo e Cecília (educadora do projeto em 2009 e 2014) em chegaram ao Clube às 9 horas e começaram a organizar o espaço ao lado da Sala de Materiais do VADL-MQF. Funcionários/as do Clube do Sindicato já haviam se mobilizado para comprar parte do lanche e a outra metade Murilo e Cecília levaram.

As primeiras pessoas a chegar foram as pessoas que foram trazidas pelo motorista da van: os/as participantes Pietro (Celia e Jéssica, mãe e irmã), Cleber e Megablue (Beth, Karol, Suzana). Pietro e Cleber correram para abraçar Murilo. Depois de todos/as se cumprimentarem, ficaram conversando, brincando no parquinho e Murilo foi organizando o espaço, junto de Cecília.

Aos poucos as pessoas foram chegando e se juntando à roda de cadeiras que já estava organizada no espaço.

Murilo iniciou dizendo que antes de se apresentarem, iriam começar fazendo música. Cantou a canção do povo Maori, da Nova Zelândia chamada “Yepo”.

Yepo i tae tae e  
Yepo i tae tae e  
Yepo i tae tae  
Yepo i tuk tuk  
Yepo i tuk tuk e

Iris disse que conhecia com “Yapo”. Murilo disse que também já havia ouvido assim, bem como “Epo”. Então foram cantando diversas vezes complementando a cada duas vezes um movimento. Ao final, tentaram fazer de olhos fechados e também em dois grupos realizando um cânone (2).



Murilo iniciou pedindo para que cada pessoa se apresentasse e dissesse o que está fazendo aqui. Megablue comentou que Murilo estava viajando.

Murilo: “Bom, já que falaram, acho que vou me apresentar primeiro. Eu trabalhei nesse projeto de 2013 a 2018, foram 5 anos mais ou menos. Apreendi muito aqui e sou

muito feliz de ter trabalhado nesse projeto por ter conhecido as pessoas com as quais eu aprendi muita coisa. Muita coisa mesmo. Aí eu saí e fui trabalhar numa universidade que chama Claretiano, é uma faculdade particular. Então vocês podem me ver lá também. Tá bom? Mas enfim, quando eu fui pra esse lugar, eu percebi que muita coisa do que eu faço eu aprendi aqui com vocês, então é isso. Trabalhei e tal. Aí depois de ter feito o curso de educação musical, eu to fazendo o doutorado e estou finalizando. Doutorado é uma pesquisa que eu vou falar sobre o que que é, mas tem a ver com a parte de música aqui do projeto. Então hoje é uma reunião, um encontro, um re-encontro, do pessoal que participou destes momentos. Então a gente conversa mais sobre isso daqui a pouco. Ah, aí já falaram que eu saí, né? Fui viajar por causa desse estudo de doutorado e conheci pessoas muito boas que estão fazendo um trabalho bonito de música lá fora também. Tem um professor que trabalha com refugiados, imigrantes e em sistema prisional, com prática de música parecidas com o que a gente faz aqui, de fazer um grupo e tocar junto. Ele acredita nisso e eu também acredito também que a música pode de alguma forma ajudar alguém em algum momento. Tá bom?” (3).

Murilo: “Só o nome e o que quiser... se quiser”.

Dandara: “Meu nome é Dandara ”.

Jeferson: “Meu nome é Jeferson e tenho 11 anos”.

Cláudia: “Meu nome é Cláudia e sou mãe dos dois”.

Pietro: “Meu nome é Pietro e tenho 9 anos”.

[Risos, espera, e incentivo da Megablue para que Karol falasse seu nome. até que ela falou

Karol: “Karol”.

Suzana: “Meu nome é Suzana”.

Ivete: “É você, linda [apontando para Megablue]”.

Murilo: “Travou” [Risos].

Megablue: “Meu nome é Megablue, tenho tre... quatorze anos, oi gente, esqueci minha idade. Tenho quatorze anos e vortei .. porque né, o Murilo foi em casa me chamar, vim pra cumê também. Vim fazer uma pequena apresentação instrumental pra vocês” (4).

Beth: “Meu nome é Beth, sou mãe da Megablue”.

Celia: “Meu nome é Celia, sou mãe do Pietro e da Jéssica. O Pietro também parou de vim por que ele tá em outro projeto, no Zavaglia, na ONG Sal da Terra, mas sempre que é férias ou ele num vai, ele fala: posso ir. Aí eu falo vai, e ele vem. Por ele continuaria aqui, mas é que pra mim é melhor porque lá é de segunda a sexta e aqui só terça e quinta” (5).

Jéssica estava no colo da Celia e demonstrou estar envergonhada.

Murilo: “Você eu conheço, Jéssica, né?”

Cleber: “Meu nome é Cleber e tenho sete anos”.

Murilo: “Rapidinho. Ela [Super Mário] está indo embora. Pode ser ela primeiro?”.

Super Mário: “Meu nome é Super Mário, fiz parte do projeto de 2013 até 2015. 2016, 17 e 18 eu foquei no ensino médio então eu parei de vim. E as vezes eu dou um perdido aqui, apareço. E tá meio difícil porque eu estou morando por conta de faculdade. Acho que é isso... sinto falta do projeto. Tchau gente” (6).

Murilo: “Obrigado de estar aqui. Deixa seu número novo que eu tentei te ligar e não consegui. Você pode deixar com a Cecília, por favor? Obrigado. Agora é o Trevor?”.

Pastel: “O \_\_ [abreviação do nome omitida]. Meu nome é Pastel e tenho 9 anos”.

Trevor: “Meu nome é Trevor e tenho 9 anos”.

Adriane: “Meu nome é Adriane, sou mãe do Pastel e do Trevor e vim aqui prestigiar e dar uma força”.

Jean: “Meu nome é Jean, sou pai dos gêmeos, Pastel e do Trevor vim aqui para reunir com todo mundo”.

Alceu: “Eu sou Alceu e vim apresentar a Juliana”.

Ivete: “Eu sou Ivete mãe da Juliana também. Vim pra comer também e rever todo mundo. Que é um projeto bom pras crianças. Além de enriquecer o conhecimento musical, tira das ruas, né? Não fica na casa de vizinho, na rua, fazendo coisa errada, né, Juliana?” (7).

Juliana: “Meu nome é Juliana e tenho 12 anos”.

Iris: “Meu nome é Iris, tenho 13 anos vim vê o pessoa que fazia tempo que não via, que nem a Megablue, e comer também” (8).

Tatagiba: “Meu nome é Tatagiba e tenho 8 anos. E eu gosto de comer”.

Rebeca: “Meu nome é Rebeca e tenho 10 anos”.

Hulk: “Meu nome é Hulk e tenho 13 anos”.

Batman: “Meu nome é Batman e tenho 8 anos”.

Ivete: “Você veio pra comer também, Batman?”.

Murilo: “E tem uma pessoa ali atrás, quem que é?”.

Judith: “Meu nome é Judith, tenho 31 anos, sou educadora do projeto, entrei esse ano. O Murilo saiu e eu entrei, né, no projeto. Eu moro no Mato Grosso do Sul em Dourados, então estou aqui só esse ano e muito do que eu vim aqui fazer, também vim estudar, e muito por conta da dissertação do Murilo que eu li na época, foi o primeiro projeto de mestrado, né? E agora está no doutorado, então muito do que ele já também já escreveu naquela época traz um pouco do VADL, das coisas, foi com outro grupo, mas traz essa ideia de música comunitária, todo mundo fazendo junto música, e é isso. To aqui no VADL também aprendendo muito com vocês” (9).

Murilo: “Ah, faltou você, moça”.

Cecília: “Eu sou Cecília, tenho 28 anos, trabalhei no projeto também em 2009 quando era lá no Gonzaga e depois em 2014 ou 2015, não lembro direito a data, aí eu trabalhei quando já era aqui. E é isso, eu fiz educação física, não educação musical... ahn e é..”.

Megablue: “E de preferência, mulher do Murilo”.

Cecília: “E sou esposa do Murilo”.

Murilo: “É, alguns recados. É... o primeiro deles, acho que é importante. Que nem no outro encontro que a gente fez, e nesse período que a gente fez da música a gente gravou os encontros. Aí queria perguntar se tudo bem eu gravar esse nosso encontro. Tudo bem? [Acenos com a cabeça e algumas pessoas falando “sim”] Alguém é contra? [Silêncio]. Então está gravando. E tirar fotos. Por quê? Deixa eu explicar mais ou menos o que é esse doutorado que a gente... a gente está fazendo, né? Durante esse tempo, que foi no ano passado, mais ou menos uns seis meses, a gente foi gravando estes encontros. Decidindo coisas juntos e fazendo o que a gente já faz no projeto, só que a gente foi gravando e eu chegava em casa e escrevia, tudo que aconteceu. Ahh, tal pessoa falou isso, tal pessoa ajudou tal pessoa e não sei o que lá, não sei o que lá. Esses são os diários de campo. Então eu tenho 22 dias que estão gravados e escritos o que aconteceu. Aí a ideia foi entender o que acontecia aqui no projeto. O que acontecia na parte da música.

Por que o que eu estou interessado é nas relações que a gente aprende para além do conteúdo musical. Então é legal a gente aprender semínima a tocar uma música e isso é legal. Mas eu acho muito legal quando vejo o Pastel ajudando a Iris, quando eu vejo a Iris ajudando tal pessoa, certo? Então essas relações que se dão com a desculpa da gente estar fazendo música, mais ou menos isso, é uma coisa que eu acho muito interessante e era isso que eu queria pesquisar. A gente escreveu esses diários.. tem umas cento e trinta páginas de coisa escrita do que aconteceu, posso mostrar depois se quiserem. E a gente foi tirando foto e filmando e tocando o que a gente já apresentou para vocês da outra vez. Certo? (10).

Aí... bom. Tem isso também. Fomos fazendo uma lista de presença, pra ficar organizado e para as pessoas que não conhecem o projeto entender sobre o que eu estou escrevendo. Então antes de chegar nesses diários de analisar eles, eu tive que escrever sobre a história do projeto, desde quando existe, que que era feito na música, então tem o nome de todos os educadores e educadoras que trabalharam com música, o que eles fizeram, como eles fizeram... Que é diferente de uma escola de música, aqui, né? É, aqui é um projeto de lazer, então a gente não po.. a gente não vai a gente não acha que esse é o correto, ob... deixar um caráter obrigatório. Vocês vem, por que acho que querem, gostam de alguma coisa que tem aqui e é ótimo pra gente. Neste sentido que é lazer. É, então a gente teve que escrever sobre essas coisas e aí o diário, finalmente. É, a gente foi lendo e agrupando esses diários, agrupando coisas que a gente achava interessante. Então, por exemplo: tal pessoa ajudou tal pessoa, eu coloquei em um grupo. Daí em outro diário tem o Hulk e o Batman ajudando tal pessoa. Então eu juntei tudo isso e gerou três categorias. E aí eu queria dizer quais são estas três categorias e ver se tudo bem pra vocês, se vocês querem acrescentar ou tirar alguma coisa, certo? E esse é o principal... um dos principais motivos da nossa reunião, além de comer, de conversar e se reencontrar. Tudo bem? (11).

Então penso que a gente pode fazer isso.. e, depois a Riba tem uma música. A Riba estuda em outro grupo também, e eu conversei com ela ontem e ela falou que gos... toparia fazer uma apresentação de uma música, é isso, Riba? Então já que hoje a gente não vai tocar a percussão, a gente fecha nosso dia com uma música e comida, depois, pode ser? Se a gente comer agora, é ruim pra flauta também, né? Comer um bolo e depois entupir a flauta..

Esse é o trabalho em andamento. Está cheio de rabisco porquê outros três professores leram que não conhecem muito bem o projeto e me deram dicas de como eu posso melhorar este trabalho. E eu vou pegar as categorias e falar para vocês. Eu tentei usar o projetor mas não consegui. Tinha umas fotos e tal.

Mas é o seguinte, em cada categoria eu selecionei uma fala de algum participante aqui. Que eu achei que representava bem essa... essa categoria. Então, vamo lá.

Chama.. alguém disse isso durante as aulas de música: ‘Vamos à música, né? Porque esse é o meu forte’.

[Megablue comentou: “Aff, esse ser humano sou eu?”]



Murilo: “Então o nome da categoria é: ‘Vamos à música, né? Porque esse é o meu forte’. Esse foi um dia que a gente estava apresentando pras próprias pessoas do projeto. Beleza? Essa categoria chama: ‘Vamos à música, né? Porque isso é o meu forte’. Daí eu coloquei um subtítulo: conhecendo e se reconhecendo, por quê? A gente estava conversando sobre o que é ensinar bem, aprender bem, como que a gente ensina melhor. Porque foram 20 encontros. No décimo tinha gente que já sabia bastante do que a gente



estava ensinando e já poderia ensinar outras pessoas e a gente queria tentar isso. A gente quer que as pessoas se ensinem, certo. Não precisa ser só um professor que tá lá na frente e que ele sabe de tudo. Não! Todo mundo aqui tem um monte de coisa pra ensinar pra gente, certo? Cada um na sua área, basta a gente estar aberto a aprender, certo?

Então neste contexto, essa pessoa falou: ‘Deixa eu dar um exemplo...Vamos à música, né? Por que isso é o meu forte’. E o que eu falei no começo, acho que é isso.. eu acredito que a música pode ser o forte das pessoas. Nos momentos de dificuldade, a gente se apega em algumas coisas nos momentos de dificuldade e quando a gente sabe bem uma coisa e gosta desta coisa, a gente se sente à vontade para falar sobre ela, ou usar ela como exemplo, e partir dela para falar outras coisas. Então é isso que eu pensei.

E é assim que a gente se reconhece, enquanto Murilo, que gosta de tal coisa, e tal, e conhece as outras pessoas. Então nessa relação, eu acho que a gente é melhor.. a gente consegue ser melhor. Então essa é a ideia da primeira categoria (12).

A segunda é essa daqui. Vou começar deste lado agora. Tem um video e eu acho que vocês conhecem. Queria que vocês dessem uma olhada no que está acontecendo.

É \_\_\_\_\_ [omitido], né? [Cláudia diz: Cláudia]. Cláudia, desculpa. Você veio no primeiro encontro? [Cláudia diz: Não] Então quem veio acho que conseguiu identificar. Foi a outra vez que a gente fez isso daqui, certo? Que que chamou a atenção de vocês? [não identificável diz: Música] [Celia diz: a Megablue gritando].

A segunda categoria que a gente achou importante criar chama assim... é a fala de uma participante, tá? ‘Ó, vou ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui e depois vai pra cá’. E o meu subtítulo é Ensinando e aprendendo uns com os outros”.

Ivete: “Eu acho que eu lembro quem falou isso”.

Murilo: “Eu acho que você sabe quem foi...”.

Ivete: “Tenho até fotos desse dia”.

Murilo: “Isso aconteceu muito na parte da música, de umas pessoas ensinando umas as outras, e é isso que eu quis discutir nessa categoria. Acho que não precisa de mais explicação. Isso foi durante uma aula que uma pessoa nova chegou no espaço e uma participante que já estava vindo há bastante tempo falou assim: ‘Ó, vou ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui, depois vai pra cá e é assim’ E daí, logo outras pessoas se

mobilizaram para ajudar. Se não me engano eu tenho vídeos disso, só preciso achar. Eu tenho vídeos porque tudo foi gravado, só preciso achar (13).

A categoria C é essa. [Murilo levantou-se e passou com o laptop mostrando a foto e o título da categoria].

O nome da categoria C, a fala de uma pessoa foi essa: ‘Da hora!’. [Ãhn?] ‘Da hora!’. Vou explicar o porquê. O subtítulo que eu dei é ‘Escolhendo e combinando’. Então essa pessoa que falou ‘Da hora’... porque a gente decide algumas coisas no projeto juntos, né? A ideia é que a gente decida o mais... tudo que a gente puder decidir junto acho que a gente faz. A gente tenta, porque não é um processo fácil. Imagina nós todos aqui decidirmos: que a gente vai comer só banana, só esse ou só esse [apontando para os diferentes tipos de comida que estavam na mesa]?. Vixe... ‘Eu só como esse!’ [Murilo fingiu que argumentava] ‘Eu não como banana!’, e não sei o que lá. E é um processo desgastante em alguns momentos mas muito importante. Por que a gente ouve o outro, a gente ouve a opinião do outro, faz as mediações do que a gente quer, com o que o outro quer e o que o outro precisa. Que às vezes a gente pode abrir mão de algumas coisas, né? Ah, eu tenho banana em casa, então eu não vou comer, mas tudo bem, alguma coisa assim. E no projeto acho que acontece bastante disso. Quem está no dia a dia sabe que volta e meia a gente precisa fazer isso. E esse ‘Da hora’ foi bem nessa hora que alguém deu alguma ideia: ‘E se a gente fizesse isso depois daquilo’ e a pessoa falou: ‘Da hora! Da hora a palavra desse menino’. Então pra mim foi muito significativo esse ‘Da hora’. Por que é isso... Às vezes alguém dá uma sugestão... ‘É isso!!!’, e todo mundo vai junto. Às vezes se resolve assim [estalou o dedo], às vezes não. Mas tudo bem é isso... (14).

Então são essas três categorias que eu queria apresentar pra vocês e ouvir se vocês tiverem algo a dizer pra mudar, ou pra continuar, ou alguma pergunta.

Então era isso.. as três categorias: ‘Vamos a música, né? Porque isso é o meu forte!’ - Conhecendo e se reconhecendo; ‘Ó, vo ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui e depois vai para cá’ - Ensinando e aprendendo uns com os outros; C) ‘Da hora!’ - Escolhendo e combinando. Gostaram, foi mais ou menos ou não gostaram de alguma coisa? É o momento da gente mudar, por que essa pesquisa está chegando ao fim. E não é que a opinião de vocês é importante, é que eu tentei escrever sobre a gente, então é a fala de vocês que está nisso, eu tentei gravar, porquê ficava mais fácil de entender o

que as pessoas falaram, ao invés de confiar na minha memória, que não é tão boa e isso não seria legal. E a gente tem a cena pra entender melhor as coisas que aconteceram. E a gente fez esses encontros pra ouvir vocês, pra saber se a gente está no caminho certo, se não, que precisa ser mudado. Então acho que é isso de minha parte. Então vou ficar em silêncio uns minutinhos” (15).



**C.O. Murilo:** Acho que fiquei pouco tempo em silêncio.

Murilo continuou: “Ó, vamo fazer assim então: Categoria A ‘Vamos a música porque isso é meu forte!’ - Conhecendo e se reconhecendo. Alguém tem alguma sugestão, consideração, quer falar alguma coisa de bom, médio ou ruim, qualquer coisa?”

Tatagiba: “Posso beber água?”

Murilo: “Pode! Só não bebe muito porque vai ter suco daqui a pouco!”.

Adriane: “Deu muito trabalho, né?”.

Murilo: “Deu muito trabalho, mas a gente tem um tempo... assim.. são quatro anos. O primeiro eu fiz aulas, o segundo, terceiro e quarto eu estava aqui, fazendo essa pesquisa. Então é muito trabalho.. eu não achei que eu conseguiria escrever tantas

páginas sobre alguma coisa, qualquer coisa. Mas tem coisa pra escrever, viu? Porque uma coisa como ‘Uma pessoa ajudando a outra’ abre possibilidades pra discutir tanta coisa. Tem tanta gente que também estuda estas questões. Tem um cara, Rubem Alves, que era de Campinas, já faleceu. Mas ele tem uma palavra, um conceito, que é muito legal. É o ‘aprendiz há mais tempo’. Ele fala que o professor ou a professora são aprendizes há mais tempo, só isso. Eu posso ensinar tal tipo de música por que eu aprendi esse tipo de música antes da pessoa que eu vou ensinar... só isso. Eu estudei e tal, e agora eu posso mostrar o caminho que eu fiz pra vocês. A pessoa pode aprender aprender com isso ou preferir um outro jeito, mas é só isso ‘aprendiz há mais tempo’. E aí a gente discute sobre isso e aí vão algumas páginas sobre isso. E sobre as outras situações, a coisa vai crescendo e virando isso. Então é trabalhoso, mas é muito bonito e eu fico muito feliz por que é uma coisa prática. Não é uma pesquisa teórica, sem estar com as pessoas. Então hoje a gente está sofrendo aí. Acho que é uma proposta diferente de governo que não acredita muito em pesquisa nessa área de relações humanas e de uma educação gratuita e coisas que a gente, pelo menos eu, acho muito importante por que não é todo mundo que pode pagar por uma faculdade, por um cursinho, por um curso, então a gente está num momento que eu acho muito bonito, mas é difícil. Tá difícil” (16).

Celia: “É, uma das coisas que deveria ter mais é aula de música, né?”

Megablue: “São poucas escolas que tem aula de música. O professor Matheus ele dá aula de música no Deriggi há mais de 10 anos. Por que esse ano fez 11 anos que o Doces Flautistas foi fundado por ele. Na verdade o Doces Flautistas foi criado pela ex-coordenadora que ela não ficou nem três meses, aí passou pro Mateus. Aí disso em diante ele continuou”.

Murilo: “É, tem projetos como esse Doces Flautistas, tem o Projeto Guri que pode ser uma alternativa... acho que algumas pessoas já estudaram lá. E é isso, também acho que deveria ter na escola”.

Megablue: “É porque é mais em escola municipal. Em escola estadual eles não tem”.

Ivete: “Não tem... só municipal. A Juliana fez até o 5º ano dela, mas vai pro estado, o estado não oferece nada”.

Adriane: “Acho que hoje no estado só onde é a delegacia de ensino que é o Conde [Escola Estadual Conde do Pinhal] e o Sebastião [Escola Estadual Professor Sebastião de Oliveira Rocha] que é período integral. Aí no outro período ao contrário tem uns tipos de projetos, mas eu não sei quais são... se é música... Só sei que tem xadrez. Só quem é do integral” (17).

Murilo: “Podemos ir para a categoria B então? [Podemos]. ‘Ó, vou ensinar você, tá? Primeiro a gente começa aqui, depois vai pra cá’ - Ensinando e aprendendo uns com outros. O que vocês acharam?”.

Adriane: “Achei bom. É sempre isso na vida. É uma troca na vida, não só no projeto de música, mas em tudo né? Depende uns dos outros em todos os sentidos, né?”

Judith: “Sobre isso, Murilo, acho que foi em Maio, né Iris? A gente fez música e a Ana me ensinou o samba-reggae. Ela tinha feito no projeto com você, não só pra mim, mas pra todo mundo. É assim que se faz, é assim e assim. Foi explicando pra cada um e a gente fez o samba reggae em uma tarde aqui”.

Jean: “Interessante isso aí que ela fez, né? Mostra.. olha o título aí da categoria B, né?”.

Murilo: “Eu mostrei o vídeo e não expliquei. Aquele vídeo do outro encontro é porque depois que acabou, as pessoas ficaram tocando e daí eu vi um monte de gente ensinando uma pras outras. A \_\_\_\_\_ [Iris] estava ensinando para a \_\_\_\_\_ [omitido]”. [Ivete]. E pra Aparecida. o tum tum tum [no ritmo do samba reggae].

Iris: “Não é que você me chamou de \_\_\_\_\_ [omitido]!”.

Murilo: “Eu te chamei de \_\_\_\_\_ [omitido]? Desculpa, Iris! Mas enfim, acho que o Trevor estava conversando com o Fausto. Estava ou você ensinando ele. Acho que vocês estavam trocando, o Fausto te ensinando e você ensinando o Fausto e aí volta e meia alguém correndo pra lá, umas crianças mais novas também aprendendo com a baqueta na mão, então acho que é isso também. Esse aprendizado não é só quando eu falo: ‘vem cá, vou te ensinar’. É também quando eu estou tocando e alguém está me olhando. Ou quando alguém está tocando e eu estou”.

Iris: “Aí também uma pessoa que aprendeu”

Juliana: “Um dia antes da apresentação”

Iris: “Eu ensinei pra ela e ela pegou”

Murilo: “Essa... essa.. situação que você tá falando, eu discuti nessa categoria. Por que um dia antes da gente fazer a apresentação, a Iris falou assim: ‘Ó, eu vou ensinar a Juliana e ela vai tocar amanhã, tá bom?’ E foi isso... e a Juliana não estava vindo, né? Ela aprendeu com a Iris no dia.

Ivete: “É que ela começou o projeto e depois ela parou” (18).

Murilo: “E... mais alguma coisa? Não? E a última: ‘Da hora’ - Escolhendo e Combinando”.

Tatagiba: “To com fome”.

[Risadas]

Murilo: “Eu também... a gente tá acabando... É a última. Alguém tem alguma coisa pra dizer dessa?”.

Celia: “Da hora!”

[Diversas pessoas “Da hora!!”]

Murilo: “Da hora é uma expressão legal, né? Não sei, tem a ver com a questão ho horário também, né? É da hora, por que é do momento, ali, né? Legal isso... Mais alguma coisa? ... Pode tocar pra gente finalizar o nosso dia? [para Megablue] Aí a gente vai lá e come, e bebe, e conversa, e tá dispensado...Bom essas versões vão ficar por aqui. Se alguém ainda não assinou, tem os nomes aqui. Acho que é isso (19). Tá preparada?”.

Megablue: “Vou tocar duas músicas.. Acho que vocês devem conhecer”.

Murilo: “A Riba estuda em uma escola que tem o projeto Doces Flautistas”.

Megablue: “Além de tocar eu também canto”.

Murilo: “Ela faz tudo isso e volta e meia estão se apresentando”

Megablue: “Por isso vocês estão convidados pro lançamento do CD dos Doces Flautistas, dia 5 de Dezembro lá no CEMAC”.

Adriane: “Onde é o CEMAC?”

Murilo: “São as antigas Oficinas Culturais Sérgio Buarque de Hollanda, fica lá no centro, perto do mercado”

Judith: “Naquela marginal, né?”

Megablue abriu sua pasta e tocou Believer do grupo Imagine Dragons.

[Palmas]

Murilo: “Alguém conhece essa música?”

Iris e Juliana: Não sei como chama.

Megablue: “Agora eu vou tocar uma que todo mundo sabe da Legião Urbana, eu acho. Quem souber cantar, pode cantar”.

Megablue tocou Pais e Filhos do grupo Legião Urbana.

Muitas pessoas cantaram o refrão:

É preciso amar as pessoas  
Como se não houvesse amanhã  
Por que se você parar pra pensar  
Na verdade não há

Sou uma gota d'água  
Sou um grão de areia  
Você me diz que seus pais não lhe entendem  
Mas você não entende seus pais

Você culpa seus pais por tudo  
E isso é absurdo  
São crianças como você  
O que você vai ser  
Quando você crescer?

Celia: “Ela não falou que ela toca e canta?”

Todos/as pediram para ela canta.

Luíza: “Eu não sei quem ficou mais emocionado, se foi o Murilo ou se a mãe dela. O Murilo fazia assim, ó!”.

Murilo: “Oloco, que jeito de acabar essa reunião!”

Megablue: “Vou cantar Trevo da Anavitória”.

[Palmas ao final da música e muitos comentários]

Ivete: “Parabéns e Deus abençoe!” (20).

Murilo: “Ontem eu não consegui preparar as comidas que nem eu fiz da outra vez, que eu acho que é um jeito de carinho, né? Comida une as pessoas, né? E não só a comida, várias coisas, mas ”

Ivete: “Alceu tá devendo uma comida baiana, não tá? Ele ficou de fazer”.

Megablue: “Vatapá!”



Murilo: “Tá devendo uma comida baiana mesmo! Agora já sei onde mora”.

Alceu: “Vá sim, a hora que for, eu faço”.

Murilo: “Opa, que legal!... Olha, eu separei.. é um mimo, uma lembrancinha. É um por família. Espero que vocês guardem com carinho”.

Megablue: “É chocolate?”

Murilo: “Se for chocolate não teria como guardar com carinho.. só se for na barriga”.

[Murilo entregou as fotos no porta-retrato. Pessoas começam a comentar de forma que fica difícil compreender na gravação. Comentam sobre suas poses, quem estava, quem não estava e assim por diante].

Murilo: “Eu sei que nesse dia não tava todo mundo que participou, mas é uma recordação desse momento que a gente passou junto”.

A educadora Cecília deu a ideia de tirar uma nova foto.

[Tiraram uma nova foto]



Iris: “Sim, hoje eu vim toda preparada”.



Jeferson: “Esse dia foi legal!”.

[Comemos. bebemos e continuamos conversando]



Cleber durante o lanche pediu para que guardasse o porta retrato enquanto ele ia no parquinho. Disse que já sabia onde guardaria o porta retrato, dentro do armário para que seu irmão (?) não quebrasse. Também disse: “Eu quero que isso dure uns cento e cinquenta anos!” (21).

## Anexo F - Folha de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Vamos tocar? significados de uma prática musical coletiva dialógica

**Pesquisador:** Murilo Ferreira Velho de Arruda

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 64358517.0.0000.5504

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.278.737

#### Apresentação do Projeto:

De caráter qualitativo, a pesquisa terá intervenções para construção de grupo musical com as pessoas participantes do projeto de extensão

"Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer" (VADL). O projeto VADL foi criado em 1999, junto ao Departamento de Educação Física e

Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos e oferece atividades diversificadas de lazer com um enfoque sócio-educativo à crianças

e adolescentes entre 7 e 17 anos, de bairros da periferia urbana de São Carlos, interior de São Paulo. A atuação terá como base a pedagogia

dialógica do educador brasileiro Paulo Freire e o conceito e experiências em música comunitária, de forma que a construção do grupo em relação

aos ensaios, repertório, estudos, apresentação e divulgação serão feitos coletivamente a partir do diálogo. Serão construídos diários de campo

destas intervenções que serão posteriormente retornados as pessoas participantes e responsáveis envolvidos, a fim de que possamos refletir

conjuntamente sobre os dados coletados. A partir disto, com inspiração na fenomenologia de Merleau Ponty, buscarei compreender os significados

que participantes do VADL atribuem a "fazer música em grupo". Espera-se que a pesquisa em

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9683

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.278.737

processo seja relevante para a comunidade das pessoas envolvidas, e que seja uma contribuição para a área da educação musical, no seu entendimento enquanto prática social, das quais podem decorrer processos educativos musicais e de relações humanas, como respeito, alteridade e cooperação.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Compreender os significados atribuídos à "fazer música em grupo" pelas pessoas que participam do projeto VADL por meio de uma prática musical coletiva dialógica.

Objetivo Secundário:

- Caracterizar o projeto VADL e suas concepções;- Traçar um histórico das ações em educação musical realizadas no projeto em questão;- Discutir a visão de educadoras e educadores musicais sobre "prática musical coletiva";- Elaborar, planejar e propor a prática musical coletiva fundamentada na pedagogia dialógica de Paulo Freire;

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Há o risco de que as pessoas colaboradoras desta pesquisa sintam-se incomodadas em expor suas opiniões, ficando desconfortáveis ou constrangidas.

Utilização dos instrumentos musicais (violão, pandeiro) pode causar desconforto, dores no corpo, e/ou tontura (no caso de instrumentos de sopro).

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

-

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Adequado.

#### **Recomendações:**

-

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Todas as pendências foram resolvidas. Projeto aprovado.

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9683

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.278.737

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_847891.pdf	09/09/2017 18:18:51		Aceito
Outros	PlatBrasil_AlteracoesParecer2.doc	09/09/2017 18:18:26	Murilo Ferreira Velho de Arruda	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	PlatBrasil_Dout_TCLE4.doc	09/09/2017 18:17:20	Murilo Ferreira Velho de Arruda	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	PlatBrasil_Dout_TALE.doc	31/05/2017 22:35:17	Murilo Ferreira Velho de Arruda	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PlatBrasil_Projeto_Detalhado.pdf	18/01/2017 21:54:03	Murilo Ferreira Velho de Arruda	Aceito
Folha de Rosto	PlatBrasil_Dout_Folha_de_Rosto_assinada_CECH.pdf	18/01/2017 21:38:22	Murilo Ferreira Velho de Arruda	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 15 de Setembro de 2017

---

**Assinado por:  
Priscilla Hortense  
(Coordenador)**

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP **Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9683

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br